

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

A formação e a fixação da Língua Portuguesa
em Minas Gerais:
a Toponímia da Região do Carmo

Belo Horizonte
2004

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra


**A Formação e a Fixação da Língua Portuguesa
em Minas Gerais:
a Toponímia da Região do Carmo**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de
Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de
Doutor em Linguística.

Área de Concentração: Linha B – Linguística
Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística
Orientadora: Profa. Dra. Maria Antonieta A. de Mendonça
Cohen

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2004

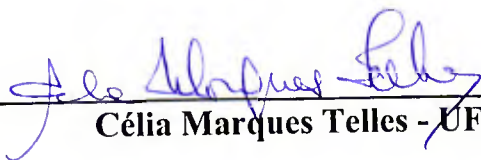
Tese aprovada em 28/09/2004 pela Banca Examinadora constituída
pelos Professores Doutores:



Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen - UFMG
Orientadora



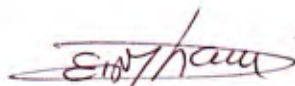
Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick - USP



Célia Marques Telles - UFBA



Sônia Maria de Mello Queiroz - UFMG



Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani - UFMG

*Para o Caio e o Henrique,
para os seus filhos, netos, bisnetos...*

*Ao Caio Mário,
pelo incentivo e apoio, sempre.*

*Para o meu pai, José Henriques,
de quem ouvi histórias,
com quem compartilhei histórias...*

Homenagem Especial

À memória de Páscoa Rolla Trindade Costa,
minha mãe – filha de Maria do Rosário **Rolla**
Trindade e Francisco da **Trindade** Sobrinho,
famílias povoadoras da **Região do Carmo**.

Agradecimentos

À Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen, pelas contribuições oferecidas como orientadora desta pesquisa. Pela amizade, pelo constante incentivo e disposição à leitura crítica e construtiva. E, principalmente, por ter me revelado, ainda durante minha graduação, o quão surpreendente é o trabalhar com dados.

À Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, pelo apoio que me deu durante o período em que estive cursando sob sua orientação a disciplina “Toponímia” no Curso de Pós-Graduação em Linguística da FFLCH da USP, pela disposição, sempre, em esclarecer minhas dúvidas, como também pelas valiosas observações e sugestões.

À Profa. Dra. Evelyne Dogliani, pela leitura atenta e sugestões construtivas durante o exame de qualificação.

À Soélis T. Prado Mendes, Afonso Carneiro, Luiza Laura Lanna, Bernardo Vasconcellos, Natália Pimenta, amigos e colaboradores que estiveram presentes em várias etapas da realização deste trabalho.

Ao Humberto Mendes e Rafael Athayde Martins, pela preciosa ajuda técnica.

Aos meus informantes das duas *bandas* do Rio Carmo, cujos textos transcritos constituíram os *corpora* deste trabalho, o meu muito obrigada pela disponibilidade e carinho com que me acolheram.

À Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, pela liberação de meus encargos docentes durante dois anos para que pudesse me dedicar à realização deste trabalho.

À FAPEMIG, agência financiadora do projeto “Pelas trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais”, ao qual esta pesquisa se encontra vinculada.

“Le principal attrait des ces études aux yeux du linguiste, c’est la perspective qu’elles ouvrent sur les lointains de notre passé linguistique, car les noms de lieux renferment les éléments les plus archaïques de la langue. Séduction dangereuse et pleine d’embûches: il n’est pas d’étymologies plus délicates à aborder que celles-ci, et seul le spécialiste peut entreprendre avec chance de succès ces reconstitutions difficiles et complexes.”

(DAUZAT, 1926: VIII)

Resumo

Este trabalho tem por objetivo o estudo de topônimos da Região do Carmo – MG, fundamentando-se em pesquisa de campo nos municípios de Ouro Preto, Mariana, Barra Longa, Diogo de Vasconcelos, Alvinópolis, Ponte Nova, Rio Doce, Dom Silvério e Acaiaca como, também, em material cartográfico e documentos escritos de épocas passadas, referentes a todos esses lugares.

Os estudos toponímicos revelam-se de grande importância para o conhecimento de aspectos histórico-culturais de um povo pois permitem a identificação de fatos lingüísticos, de ideologias e crenças, presentes no ato denominativo e, posteriormente, na sua permanência ou não em uma comunidade.

Partindo da hipótese de que os locativos, incluindo-se aqui os nomes de montanhas e rios, muitas vezes permanecem intactos, sobrevivendo até o tempo atual, permitindo-nos penetrar no passado, investiga-se a toponímia dessa região – primeiro território de Minas a ter núcleo populacional – adotando como referencial teórico-metodológico o modelo toponímico de DAUZAT (1926) e DICK (1990), os modelos culturais de DURANTI (2000), bem como a perspectiva diacrônica de BYNON (1977) e (1995). Sob a luz da sociolingüística, parte-se do presente para o passado e volta-se ao presente.

Em função dos topônimos coletados em gravações orais, material cartográfico e documentos antigos selecionados para esta pesquisa, procurou-se descrever e explicar a permanência, a variação e a mudança dos topônimos na região.

Da análise das fichas toponímicas propostas para cada um desses itens, verifica-se que os topônimos de natureza antropocultural são a maioria e que, dentre esses, predomina a taxa dos antropotopônimos. A toponímia da região do Carmo revela-se como portuguesa e conservadora já que preponderam os topônimos de origem portuguesa e que poucas foram as substituições toponímicas comprovadas.

A análise dos dados reflete o contexto histórico-cultural da formação dessa parte do território mineiro: tendo em fins do século XVII, início do XVIII sido ocupada por bandeirantes paulistas, a região do Carmo, após o episódio conhecido como *emboabas*, caracteriza-se por receber inúmeros imigrantes portugueses da região noroeste de Portugal que aí se fixaram, mantendo-se até hoje. O caminho de comunicação aberto com a Bahia durante o primeiro quartel do século XVIII se intensifica durante o século XIX com a rota do gado. Nesse período, a região se torna agrícola e os nomes de lugares aí implantados destacam o homem português como agente desse processo colonizatório. O resultado dessa conquista pode ser vista através da permanência e variação de topônimos e de pouca mudança lingüística.

Abstract

This thesis presents a study on the toponymy of an area of the state of Minas Gerais - Brazil, Região do Carmo, namely, Ouro Preto, Mariana, Barra Longa, Diogo de Vasconcelos, Rio Doce, Dom Silvério and Acaiaca having as sources cartographic material, written past documents and data from field work, all of them concerning this area.

The toponimic studies are of great relevance to the sociohistorical and cultural aspects of a community since they enable the identification of various linguistic facts, ideologies and beliefs which are present in the naming act and later in their maintenance (or not) within a community.

Since locatives frequently rest unchanged, including names of rivers and mountains, and can survive until now allowing us to get into the past, the toponymy of this area – the first settled part of the state – is investigated within DAUZAT(1926) and DICK(1990) toponimic studies framework, DURANTI (2000) cultural framework as well as the diachronic perspective proposed by BYNON (1977) and (1995). Under a sociolinguistic approach the point of departure of this analysis is the present returning to the past and back to the present.

Based on the toponimies collected by oral interviews, cartographic material and old written documents selected for the present work, a description and an explanation of the toponimic maintenance, variation and change within this area was attempted.

From the analysis of the toponimic cards proposed for each of these items, one verifies that the toponymy of antropocultural nature are the majority and among them the anthropotoponymy class predominates.

The analysis of the data reflects the sociohistorical and cultural development context of this part of the territory of Minas Gerais, which was first occupied by bandeirantes paulistas and later resettled by Portuguese from the northwest of Portugal whose descendants have remained in the area until the present time. The communication with Bahia state is intensified in the 19th century, following the cattle route. In this period the region turns out to be agricultural and the place-names created point out to the Portuguese human element as the agent of this colonization process. The result of this conquest could be seen through the toponimic maintenance and variation and to a lesser extent the linguistic changes.

ABREVIATURAS

A – Antroponímia

ADJ – Adjetivo

ADJ_{pl} – Adjetivo plural

ADJ_{sing} – Adjetivo singular

ADV – Advérbio

A.P.M. – Arquivo Público Mineiro

A_{pl} – Artigo plural

A_{sing} – Artigo singular

cf. – confira

Fól. – Folha(s)

L. – linha

N – nome simples

NC – nome composto

n/c – não classificado

NC_f – Nome Composto feminino

NC_m – Nome Composto masculino

n/e – não encontrado

N_f – Nome feminino

N_m – Nome masculino

P. – página

Prep – Preposição

Pron – Pronome

Qv – Qualificativo

R.A.P.M. – Revista do Arquivo Público Mineiro

S – Substantivo

S. C. – Seção Colonial

S_{pl} – Substantivo plural

S_{sing} – Substantivo singular

T – Toponímia

V – Verbo

∩ – Intersecção

LISTA DE TABELAS

Tabela	Página
1. Minas Gerais em 1776	81
2. Brasil em 1776	81
3. Características demográficas de Minas Gerais	82
4. Quadro comparativo de topônimos: língua oral contemporânea/ língua escrita contemporânea e pretérita	328

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico	Página
1 – Identificação percentual dos topônimo em relação aos aspectos físicos e antropoculturais	305
2 – Identificação numérica dos topônimos em relação a sua taxonomia	306
3 – Identificação percentual dos topônimos em relação a sua taxonomia	307
4 – Identificação numérica dos topônimos em relação à origem lingüística	308
5 – Identificação percentual dos topônimos em relação à origem lingüística	309
6 – Identificação dos topônimos em relação ao gênero	310
7 – Identificação numérica dos topônimos em relação a sua manutenção, variação e mudança	343
8 – Identificação percentual dos topônimos em relação a sua manutenção, variação e mudança	344
9 – Identificação percentual das variações dos topônimos	346
10 – Identificação percentual das taxas da variação por redução	346
11 – Identificação percentual de variação toponímica em nomes simples e compostos	347
12 – Identificação percentual de manutenção de topônimos em nomes simples e compostos	347
13 – Mudança Toponímica	349

LISTA DE FIGURAS

Figura	Página
1. Campos Lingüísticos de Duchácek	32
2. Triângulo de Baldinger I	34
3. Triângulo de Baldinger II	34
4. Estruturação do Léxico	35
5. Onomástica	38
6. Ficha Lexicográfica	48
7. Corte e plano de uma canoa	267
8. Vista de uma canoa	268
9. Canoas superpostas	268
10. Relação triádica	317
11. Referência e Onomástica	318

LISTA DE FOTOS

Foto	Página
1. Rio Carmo	21
2. Fazenda dos Caldeirões	153
3. Fazenda do Jequitibá	221

LISTA DE MAPAS

Mapa	Página
1. Falares de Minas	80
2. Portugal	102
3. A Região do Carmo em Minas Gerais	104
4. Recorte da Região do Carmo	105
5. “Boa Vista”, apud FERRAND (1998)	137
6. Córrego do Funil	189
7. “Povos Gualachos no Sul”	199
8. Serra do Espinhaço – MG	213
9. “Marimbondo”, apud HALFELD (1998)	233
10. “Soberbo” (1894)	291

Sumário

Introdução.....	18
Capítulo 1 – Língua e Cultura.....	22
1.1. A nomeação como atividade humana	22
1.2. Linguagem e Cultura.....	24
1.3. Léxico e Cultura.....	28
1.4. O estudo do léxico.....	29
1.5. A Onomástica.....	36
1.6. A Investigação Toponímica	39
Capítulo 2 – Procedimentos Teórico-Metodológicos.....	43
2.1. FICHAS LEXICOGRÁFICAS.....	47
2.2. AS TAXONOMIAS TOPONÍMICAS.....	54
2.2.1. Taxonomias de natureza física.....	55
2.2.2. Taxonomias de natureza antropocultural.....	57
2.3. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS	59
2.3.1. A coleta de dados.....	60
2.3.2. A escolha dos informantes.....	61
2.3.3. As transcrições.....	62
Capítulo 3 – Aspectos Históricos da Região do Carmo	66
3.1. A conquista das minas pelos bandeirantes paulistas.....	66
3.2. A posse do território pelos taubateanos	69
3.3. A Guerra dos Emboabas e a vitória dos reinóis em Minas.....	72
3.4. O Caminho do Boi: a via de comunicação com o nordeste	76
3.5. Bandeiras e povoamento: a presença da língua portuguesa na região do Carmo	78
3.5.1. As bandeiras e a língua portuguesa	78
3.5.2. A ocupação do território mineiro.....	81
3.6. A presença da Igreja em Minas.....	83
3.7. Sobre as primeiras famílias povoadoras da região.....	87
3.7.1. Paulistas e Taubateanos	88
3.7.2. Açorianos.....	89
3.7.3. Portugueses da região Norte	92
3.8. Considerações	101
Capítulo 4: Apresentação e análise dos dados	104
Capítulo 5 - Análise quantitativa e discussão dos resultados	304
5.1. QUANTO À TAXONOMIA.....	304
5.1.1. Quanto à natureza dos topônimos.....	304
5.1.2. Quanto às taxonomias registradas na região.....	305
5.1.3. Quanto à origem dos nomes	307
5.1.4. Quanto a forma e gênero.....	309
5.1.5. Caracterização histórico-cultural da Região do Carmo	310
5.2. QUANTO AOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DOS TOPÔNIMOS	312
5.2.1. Derivação.....	312
5.2.2. Composição	313

5.2.3. Nomes expressos por frases.....	314
5.3. Descrição lingüístico-cultural dos topônimos.....	315
5.3.1. Em relação à natureza antropocultural	315
5.3.2. Em relação à natureza física	321
5.3.3. “Outra Banda” e “Mato Dentro” na toponímia da Região do Carmo.....	321
5.4. Sobre a questão dos fósseis lingüísticos	325
5.5. A questão da variação e da mudança lingüística de topônimos.....	326
5.5.1. Sobre a variação de topônimos.....	343
5.5.2. Sobre a mudança toponímica.....	347
Capítulo 6 – Considerações Finais	351
Bibliografia.....	356
Anexos *	369

* Os textos que constituem os *corpora* deste trabalho encontram-se no CD-Rom em anexo.

INTRODUÇÃO

Escrever sobre aspectos da cultura de uma região não é tarefa das mais fáceis, mesmo porque há muitas informações que se interpenetram e que mereceriam (re)interpretação. Todavia, é um estudo instigante, que envolve conhecimentos lingüísticos, históricos e sociais, como é o caso da presente pesquisa sobre nomes de lugares ou *topônimos*.

Identificando sítios, os topônimos detêm a função conservadora das tradições e dos costumes de uma comunidade, na medida em que se utilizam de sua cultura lingüística para nomear acidentes geográficos. Entende-se cultura como um conjunto de idéias, tradições, conhecimentos e práticas individuais e sociais, projetados na língua de um povo.

A *Região do Carmo*, pela especificidade de sua colonização, primeiro núcleo humano a se estabelecer em *Minas*, mostra-se singular para um estudo toponímico, pois situa-se próxima a centros culturais ao mesmo tempo em que se isola por montanhas, serras e matas. Seus povoadores vão de bandeirantes e sertanistas paulistas que aí chegaram em fins do século XVII e início do XVIII até imigrantes da região norte de Portugal que se estabeleceram no *Carmo* a partir da primeira metade do século XVIII, juntamente com algumas famílias açorianas e muitos negros escravos.

Cercada por matas e pedras – com sua área se dividindo em zona metalúrgica e zona da mata – a *Região do Carmo* ocupou um lugar central na economia do país, teve um peso determinante no jogo político, sendo palco da história oficial de Minas, residência de governadores, capital do estado, sede de revoltas, dentre elas a Inconfidência Mineira. Nessa região em que a população sentiu como ninguém o peso da coroa, o clero ocupou um lugar de destaque, com força nas decisões políticas, mantendo sede de bispado e criando o primeiro estabelecimento de ensino em Minas. Próximo a esse ambiente, outras histórias permaneceram ocultas como a lida de um povo que deixou suas marcas, registradas em vários acidentes geográficos e, hoje, conservadas, constituem-se ferramentas históricas.

Nesta célula social, destaca-se, para estudo lingüístico, os *topônimos* que se formaram e se fixaram em trezentos anos de história da região, aqui denominada *Região do Carmo*, por compreender todo o percurso do Rio Carmo, desde sua nascente, próxima à cidade de Ouro Preto, até se misturar às águas do Rio Piranga, quando se transforma em Rio Doce.

Por seu caráter histórico, a língua deve ser estudada dentro do processo que a produz. Com base nesse pressuposto, elegeu-se como objetivos desta pesquisa:

1. Proceder ao levantamento de topônimos, abrangendo toda a área da Região do Carmo, através de entrevistas orais.
2. Verificar se os topônimos coletados em entrevistas orais se encontram em documentos escritos.
3. Identificar e classificar os topônimos.
4. Proceder à descrição e análise dos dados, tendo em vista o ambiente cultural em que se encontram inseridos.
5. Detectar mudanças e retenções lingüísticas.

Os objetivos propostos nortearam a estruturação do trabalho que se dividiu em seis capítulos.

No Capítulo I, intitulado **Língua e Cultura**, discute-se os pressupostos teóricos que embasam a pesquisa. Inicialmente, procurando desde já definir o léxico, mostra-se que, como em toda cultura ocidental, somos herdeiros do modelo greco-latino. Em seguida, destaca-se o estudo da língua inserido na cultura, apoiando-se, principalmente em HYMES, DURANTI e LAPLANTINE. O item seguinte faz uma revisão dos estudos do léxico, desde meados do século XIX até hoje. Após estabelecer uma definição do léxico com a qual se propõe trabalhar, comenta-se sobre a onomástica e a sua integração à lexicologia. Posteriormente, descreve-se como a toponímia se integra à onomástica e como são realizadas as pesquisas lingüísticas nessa área.

O Capítulo 2 – **Procedimentos Teóricos e Metodológicos** – faz a exposição do método utilizado nas várias etapas da pesquisa. Destacam-se como base teórica metodológica as orientações de BYNON, COHEN, DAUZAT, DICK e RAMOS.

Divide-se o capítulo em: a) Fichas lexicográficas – onde se descreve a ficha utilizada para a anotação dos dados; b) As taxonomias toponímicas – aqui se detalham as 27 taxes sugeridas por DICK para um trabalho toponímico; c) Métodos e Procedimentos – fornece informações sobre a coleta de dados, a escolha dos informantes e as transcrições.

No Capítulo 3 – realiza-se levantamento dos **Aspectos Históricos da Região do Carmo**, partindo do processo de colonização e povoamento da região até a presença das primeiras famílias portuguesas. Considera-se a língua como um fato social e, por isso, estreitamente ligada ao meio em que é usada. Desse modo, acredita-se que quanto mais se conhecer aspectos socioculturais do ambiente em que os fatos lingüísticos acontecem, melhores condições ter-se-á para identificar mudanças ou retenção em um sistema.

O Capítulo 4 – **Apresentação e Análise dos Dados** – apresenta, classifica e contextualiza todos os dados toponímicos coletados em entrevista oral, em fichas lexicográfico-toponímicas, baseadas em modelo de DICK(1990).

O Capítulo 5 – **Análise Quantitativa e Discussão dos Resultados** – quantifica e apresenta, através de gráficos e exemplos, resultados da análise dos dados tendo em vista as suas taxonomias, origem lingüística, gênero e forma. Produto do processo denominativo, descreve-se, quantifica-se e analisa-se a natureza dos nomes. Observa-se, ainda, a questão da variação, mudança e retenção de topônimos na região, enquanto se comparam os dados presentes e pretéritos.

No Capítulo 6 – **Considerações finais** – retomam-se as conclusões decorrentes das análises feitas, ao mesmo tempo em que se comprova a validade da pesquisa toponímica para um estudo lingüístico-cultural: os topônimos mais que locativos são o suporte lingüístico em que se vê refletida a história de um povo, veículo que transmite informação e ideologia.

Este estudo procura ampliar e aprofundar o nosso conhecimento sobre a língua portuguesa no território mineiro. É uma pesquisa que envolve não só aspectos lingüísticos, mas que procura relacionar o nome do lugar a fatores socioculturais, históricos e ideológicos, já que, conforme diz Celso Cunha, *“o objetivo do lingüista é descrever, analisar e caracterizar não somente a língua, mas o fato cultural que nela se espelha.”*¹

¹ CUNHA, Celso F. da. *Uma política do idioma*. Rio de Janeiro: S. José, 1964. 52 p.



CAPÍTULO 1 – LÍNGUA E CULTURA

1.1. A NOMEAÇÃO COMO ATIVIDADE HUMANA

O ato de criar ou substituir as palavras ao longo do tempo e o seu eventual desdobramento em novas palavras são fenômenos, dentre muitos outros fenômenos lingüísticos, mais abertamente expostos à observação humana. Basta o contato com a toponímia e a hidronímia de alguma região para que, em nossa mente, retornem imagens de épocas recuadas. Assim, não estranha que datem da Antigüidade as primeiras reflexões sobre a natureza do nome; não é também de se estranhar que, contemporaneamente, tais reflexões tenham adquirido caráter científico, encontrando-se vinculadas a várias áreas de estudos sobre a linguagem humana, dentre elas a Lingüística Histórica, a Sociolingüística e a Etnolingüística.

Já nos séculos V-IV a.C., em *Crátilo*, diálogos de Platão, onde se trava um debate sobre questões lingüísticas, Sócrates e Crátilo dialogavam sobre a “virtude e falibilidade dos nomes”:

SÓCRATES: [...] que virtude têm os nomes para nós e que bom efeito lhes devemos atribuir?

CRÁTILLO: A mim, Sócrates, parece-me que eles instruem, e isto de um modo bem simples; de sorte que quem conhecer os nomes conhece também as coisas.²

Em *Gênesis*, nomear constituía-se um meio de conhecimento:

E Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a todo o animal do campo [...].³

Como, também, a língua era considerada meio de conhecimento por Epicteto:

O começo da ciência é o exame das palavras.⁴

Séculos mais tarde, no período renascentista, Fernão de Oliveira discute o quanto é complexo o estudo da etimologia, assinalando que é extremamente difícil motivar a origem de cada nome, pois seria preciso saber de onde surgiram as “coisas” correspondentes e, em cada caso, chegar até a “pessoa particular” que impôs tal nome. Surgem as primeiras observações de caráter empírico que poderiam ser fundamentadas, hoje, na lexicologia e na sociolingüística:

² PLATÃO (1963: 147)

³ GÊNESIS 2, 20

⁴ Apud PLATÃO (1963: 147)

Para saber todas estas cousas requiere-se ler e ver muyto; e ainda assi alcançaremos pouco, porque avemos de perguntar isto a cada tempo e terra e pessoa muito pelo miudo.⁵

O nome de Fernão de Oliveira passou, no Renascimento, a equivaler ao de um humanista, “*humaniores litterae*”. Ao contrário de tantos outros teóricos de sua época, OLIVEIRA não considerava a mudança lingüística como “corrupção”; encarava-a, assim como Varrão e Dante, como uma evolução natural da língua, dado o caráter de mutabilidade de tudo o que é humano:

porque tâbe o falar tem seu movimento, diz Marco Varrão, e muda-se quando e como quer o costume.⁶

OLIVEIRA(op.cit.) vai além dessa explicação genérica quando relaciona a mudança lingüística à função básica da língua; isto é, como expressão do pensamento e meio de comunicação, a língua muda adaptando-se às formas do pensar e às relações recíprocas (“*tratos*”) dos homens.

e muy poucas [são] as cousas que durão por todas ou muitas idades em hum estado, quanto mais as falas que sempre se conformão co os conceitos ou entenderes, juyzos e tratos dos homes; e esses homes entendem, julgão e tratão por diversas vias e muytas, as vezes segundo quer a neçessidade e as vezes segundo pedem as inclinações naturaes.⁷

É nesse período renascentista, séculos XV e sobretudo o XVI, que o léxico português passa a experimentar uma “nova expansão”, relacionada com os descobrimentos, com os quais Portugal e Espanha se convertem em potências marítimas. Nos séculos seguintes, o homem europeu vai adquirindo a consciência de “irradiação lingüística” quando observa que as palavras de sua língua não se limitam a fronteiras e que se encontram inseridas nas grandes mudanças políticas e culturais.

As palavras não estão unidas a fronteiras lingüísticas, ao contrário podem ser objeto de empréstimo.⁸

A história do léxico é uma parte da história. Todas as mudanças no vocabulário se relacionam, de algum modo, com mudanças políticas e culturais.⁹

Nas culturas ocidentais, herdeiras do patrimônio greco-latino, o léxico é tradicionalmente definido como o conjunto de palavras de uma língua, responsável por nomear e exprimir o universo de uma sociedade. Encontra-se arraigado à história – tradição e

⁵ OLIVEIRA (2000: 33)

⁶ Apud OLIVEIRA (2000: 58)

⁷ OLIVEIRA (2000: 59)

⁸ LUDKE (1974:20) “Las palabras no están unidas a fronteras lingüísticas, sino que pueden ser objeto de préstamo”

⁹ Ibidem (31) “La historia del léxico es una parte de la historia misma. Todos los cambios en el vocabulario se relacionan, de algún modo, con cambios políticos y culturales”

costumes – de um povo, por isso, mantém-se em processo constante de expansão, alteração e contração.

1.2. LINGUAGEM E CULTURA

Adquirir uma linguagem significa fazer parte de uma comunidade de pessoas que participam de atividades comuns através do uso, se bem que nunca completo, de uma grande variedade de recursos comunicativos, compartilhados. Neste sentido, adquirir uma linguagem significa fazer parte de uma tradição, compartilhar uma história e, portanto, ter acesso a uma memória coletiva, repleta de histórias, alusões, opiniões, receitas e outras coisas que nos fazem humanos. Não adquirir uma linguagem, ou ter unicamente um conjunto muito limitado de seus recursos, significa ver-se privado desse acesso.¹⁰

A linguagem como prática compartilhada, pública e comunitária é um tema que se destaca, principalmente quando se pensa na cultura como um texto, como um modo de ordenar os dados sensoriais da experiência através de conceitos e significados. Assim, transcendendo ao próprio ato da nomeação, palavras já criadas e empregadas em outras épocas, por outras pessoas, em contextos diferentes, seguem sendo relevantes, adequadas e usadas por toda uma comunidade, pois dotadas de um índice sociocultural peculiar, designam, classificam, indicam. Dentro desta perspectiva, o estudo da linguagem se apresenta como um recurso da cultura, um dos subcampos principais da antropologia, claramente assinalada por HYMES(1963) como *“o estudo da fala e da linguagem dentro do contexto da antropologia”*¹¹.

Para DURANTI(2000) o estudo da língua inserido no universo cultural se situa no amplo campo da antropologia porque examina a linguagem através do prisma dos interesses desta ciência, entre os quais estão: a transmissão e a reprodução da cultura, como também a sua relação com outras formas de organização social. Entretanto, para ele, isto não quer dizer que a antropologia lingüística se situe sempre no molde de outros campos da antropologia, pois não se guia exclusivamente por esta ciência. Com isso, reformula uma antiga definição de HYMES(1964) quando este diz que o enfoque da antropologia lingüística sempre inclui o singular problema da integração com o resto da antropologia. Na visão de DURANTI(op.cit.), para os antropólogos lingüísticos a linguagem é como um conjunto de práticas que desempenha um papel essencial na mediação de aspectos materiais e imaginários da

¹⁰ DURANTI (2000: 447- 448) “Adquirir un lenguaje significa formar parte de una comunidad de personas que participan en actividades comunes a través del uso, si bien nunca completo, de una gran variedad de recursos comunicativos compartidos. En este sentido, adquirir un lenguaje significa formar parte de una tradición, compartir una historia y, por tanto, tener acceso a una memoria colectiva, repleta de historias, alusiones, opiniones, recetas, y otras cosas que nos hacen humanos. No adquirir un lenguaje, o tener únicamente un conjunto muy limitado de sus recursos, significa verse privado de esse acceso.”

¹¹ HYMES (1963: 277)

existência humana e, em consequência, na criação de maneiras singulares de estar no mundo. Esta visão dinâmica da linguagem é o que dá à lingüística antropológica seu especial lugar no campo das humanidades e ciências sociais.

Sob a perspectiva de LÉVI-STRAUSS(1963), toda cultura pode ser considerada um conjunto de sistemas simbólicos, dentre os quais estão situados a linguagem, as relações econômicas, a arte, a ciência e a religião. Para ele, todos esses sistemas visam a expressar certos aspectos da realidade física e social e, mais ainda, as relações que os dois tipos de realidade mantêm um com o outro e, também, as relações que os sistemas simbólicos mantêm entre si.

Logo, se a premissa da antropologia lingüística é que se deve entender a linguagem como uma prática cultural, faz-se necessário para um estudo nesta área incluir a noção de cultura. Porém, esta não é uma tarefa fácil, pois tal conceito tem sido, contemporaneamente, muito controvertido e até mesmo criticado em relação a sua noção totalizadora. Para muitos cientistas sociais e, também, para alguns antropólogos, a noção de cultura vem se identificando

com um programa colonial de supremacia intelectual, militar e política por parte dos poderes ocidentais sobre o resto do mundo, que não pode se exercer sem assumir uma série de enganosas dicotomias como “nós” e “eles”, “civilizado” e “primitivo”, “racional” e “irracional”, “educado” e “analfabeto”, etc. A “cultura” é o que os “outros” têm, o que eles fazem, e os mantêm diferentes, separados de nós.¹²

Assim, tem-se evitado, na antropologia contemporânea, uma noção globalizadora de cultura. Em vez disso, DURANTI(2000) apresenta algumas “teorias da cultura” atuais em que a linguagem desempenha um papel importante *“porque conduz o mais completo sistema de classificação de experiências”*¹³.

a) A cultura como algo distinto da natureza: ou seja, a cultura é aprendida, transmitida, herdada de geração a geração pelo homem, mediante a comunicação lingüística, mas não está ligada a traços genéticos e sim sujeita a influências do ambiente em que se vive. Essa idéia de oposição entre cultura e natureza foi introduzida na antropologia americana por antropólogos de origem alemã como Franz Boas que, influenciado pela filosofia de Immanuel Kant e, também, por filósofos idealistas do século XIX, via na cultura a possibilidade da pessoa sair de uma visão individual, portanto limitada das coisas, para tomar o ponto de vista do outro.

¹² DURANTI (2000: 47) “con un programa colonial de supremacia intelectual, militar y política por parte de los poderes occidentales sobre el resto del mundo, que no puede ejercerse sin asumir una serie de engañosas dicotomías como ‘nosotros’ y ‘ellos’, ‘civilizado’ y ‘primitivo’, ‘racional’ e ‘irracional’, ‘educado’ y ‘analfabeto’, etc. La ‘cultura’ es lo que ‘otros’ tienen, lo que los hace y los mantiene diferentes, separados de nosotros.”

¹³ Ibidem (80) “porque aporta el más complejo sistema de clasificación de experiencias.”

Em antropologia, uma cultura são os modelos de conduta aprendida e compartilhada, característicos de uma determinada comunidade. Aprende-se cultura de parentes e de outros membros da comunidade, assim como de várias formas materiais como livros e programas de televisão. Não se nasce com uma cultura, mas com a habilidade de adquiri-la por meios tais como a observação, a imitação, o ensaio e o erro.¹⁴

Como parte integrante da cultura, a linguagem serve para categorizar o mundo através de sistemas de classificação, taxonomias, que podem, por sua vez, ser portadores de inestimáveis indícios sobre crenças e práticas culturais.

b) A cultura como conhecimento: os membros de uma cultura devem compartilhar certos modelos de pensamento, maneiras de ver o mundo, de fazer inferências e suposições. Esse conhecimento é socialmente distribuído, o que significa reconhecer que o indivíduo não é sempre o ponto final nos processos de aquisição, isto é, o conhecimento não se encontra totalmente na mente de uma pessoa, pois reside, também, nas “ferramentas” que a pessoa utiliza. Além disso, nem todos têm acesso à mesma informação e se têm, nem sempre a utilizam.

Dentro do que se poderia chamar de *perspectiva cognitiva* da cultura, WARD GOODENOUGH escreveu:

A cultura de uma sociedade consiste em tudo o que se deve conhecer ou crer, a fim de construir de uma maneira aceitável para seus membros, qualquer papel que eles aceitem para si mesmos. A cultura, entendida como aquilo que diferencia o que aprendemos de nossa herança cultural, deve consistir no produto final da aprendizagem, que é o conhecimento, em um sentido mais geral e relativo. Observe-se, segundo esta definição, que a cultura não é um fenômeno material; não trata das coisas, da gente, da conduta ou das emoções, mas de uma organização de todas elas. O que a pessoa guarda em sua cabeça são as formas das coisas, modelos para percebê-las, relacioná-las e, em todo caso, interpretá-las.¹⁵

Os antropólogos lingüísticos da década de 60 interessaram-se, também, pelos “sistemas terminológicos” como métodos de explorar o mundo cognitivo de um determinado grupo de pessoas:

Na medida em que o código cognitivo tende a ser lingüístico e eficiente, o estudo das respostas lingüísticas habituais – ou termos – obtidas proporciona um frutífero ponto de partida para configurar um sistema cognitivo, e com conduta verbal sabemos como começar.¹⁶

¹⁴ OSWALT (1986: 25)

¹⁵ Goodenough, apud DURANTI (2000: 52-53) “La cultura de una sociedad consiste en todo lo que uno debe conocer o creer a fin de obrar de una manera aceptable para sus miembros, cualquier papel que ellos acepten para sí mismos. La cultura, entendida como aquello que diferencia lo que aprendemos de nuestra herencia cultural, debe consistir en el producto final del aprendizaje, que es el conocimiento, en un sentido más general y relativo. Obsérvese, según esta definición, que la cultura no es un fenómeno material; no trata de las cosas, la gente, la conducta o las emociones, sino de una organización de todas ellas. Lo que la gente guarda en su cabeza son las formas de las cosas, modelos para percibir las, relacionarlas y, em todo caso, interpretarlas.”

¹⁶ FRAKE apud DURANTI (2000:54) “En la medida en que el código cognitivo tienda a ser lingüístico y eficiente; el estudio de las respuestas lingüísticas habituales – o términos – elicítadas proporciona un fructífero punto de partida para configurar un sistema cognitivo, y con conducta verbal sabemos cómo empezar.”

Neste caso, entende-se que a linguagem é um grupo de proposições sobre o que o falante, como membro de uma sociedade ou comunidade lingüística, sabe ou crê. Estas proposições, por sua vez, podem conectar-se com uma série mais ampla de regras de inferências como as seguintes:

John é o irmão do pai de Mary
O irmão do pai de X é o tio de X

John é o tio de Mary

Os antropólogos cognitivos se baseiam no conhecimento das categorias lingüísticas e de suas relações para defender que fazer parte de uma cultura significa compartilhar (minimamente) o conhecimento proposicional e as normas de inferência necessárias para compreender se certas proposições são verdades (a partir de certas premissas).¹⁷

c) A cultura como comunicação: inspirada em trabalhos sobre a dêixis, a força comunicativa da cultura não representa, unicamente, aspectos da realidade, mas também conecta os indivíduos, os grupos, as situações e os objetos, com outros indivíduos, grupos, situações e objetos ou, em um sentido mais geral, com outros contextos. Segundo esta visão, o significado das mensagens, atos e situações se realiza não só por meio de relações convencionais entre os signos e seus conteúdos, mas também por meio de conexões entre aspectos selecionados da situação e aspectos de outras situações. A comunicação não é só o uso de símbolos que representam crenças, sentimentos, identidades, acontecimentos, mas também um modo de indicar, pressupor o projetar sobre o contexto presente em crenças, sentimentos, identidades ou acontecimentos. A isto se chama “significado indicial” dos signos. Segundo este tipo de significado, uma palavra não “representa” um objeto ou conceito, mas indica ou conecta com algo “do contexto” que “se pressupõe”, deduz-se.

d) A cultura como um sistema de mediação: segundo esta idéia os seres humanos se utilizam de “ferramentas” como objetos de mediação que se interpõem entre eles e o seu entorno. Um dos sistemas dessa mediação é a linguagem que, por sua vez é considerada um produto histórico e, portanto, deve ser entendida dentro do contexto do processo que a produz.

SER HUMANO _____ FERRAMENTA _____ ENTORNO

e) A cultura como um sistema de práticas: não se pode estudar uma língua sem considerar as condições sociais que permitem sua existência, pois ela é um conjunto de práticas não só individuais mas, também, comunitárias.

¹⁷ DURANTI (2000:54) “John es el hermano del padre de Mary/ El hermano del padre de X es el tio de X/ _____ / John es el tio de Mary/ Los antropólogos cognitivos se basan en el conocimiento de las categorías lingüísticas y de sus relaciones para defender que formar parte de una cultura significa compartir (mínimamente) el conocimiento proposicional y las normas de inferencia necesarias para comprender si ciertas proposiciones son verdad (a partir de ciertas premisas).”

Nessa teoria são destacadas por BOURDIEU(1991) a relação entre conhecimento e ação no mundo, e as condições de presente e passado, assim como a noção de *habitus*:

História incorporada, naturalizada e, por isso, esquecida como tal história, o “*habitus*” é a presença ativa de todo o passado do qual é produto: é o que proporciona às práticas sua “independência relativa” em relação às determinações exteriores do presente imediato.¹⁸

f) A cultura como um sistema de participação: segundo esta teoria, a cultura é inerentemente social, coletiva, participativa e a comunicação lingüística é vista como parte de uma rede de recursos semióticos sobre os quais discorre a nossa vida, vinculando-nos às histórias sociais concretas e a suas instituições.

Se partimos da noção de participação, é mais fácil admitir a variação, já que podemos manter um sentido das diferentes partes implicadas ao mesmo tempo que constatamos o fato de que pertencem socialmente a uma unidade maior.¹⁹

De acordo com DURANTI(2000) cada uma das teorias acima põe em relevo um aspecto específico dos sistemas lingüísticos, contribuindo com a nossa compreensão da cultura como um fenômeno complexo. Nesse sentido, cada teoria supõe um plano de investigação próprio, mas todas elas juntas formam um amplo suporte para o estudo da cultura e para a análise da língua como ferramenta social e conceitual, uma vez produto e instrumento dessa cultura:

Uma língua é mais que um conjunto de categorias fonológicas, morfológicas, sintáticas ou léxicas e uma série de regras para seu uso. Uma língua existe no contexto de práticas culturais que, por sua vez, descansam em alguns recursos semióticos, como as representações e expectativas que proporcionam aos corpos e movimentos dos participantes no espaço, o entorno construído em que inter-atuam, e as relações dinâmicas que se estabelecem por meio da recorrência na atividade conjunta que realizam.²⁰

1.3. LÉXICO E CULTURA

Partindo-se do princípio de que a língua se evidencia como parte da cultura de uma sociedade e que é através do sistema lingüístico, mais especificamente do seu léxico, que os indivíduos se expressam e expressam seus valores, construindo a sua história, faz-se, pois,

¹⁸ BOURDIEU (1991: 98) “Historia incorporada, naturalizada y, por ello, olvidada como tal historia, el ‘*habitus*’ es la presencia activa de todo el pasado del que es producto: es lo que proporciona a las prácticas su ‘independencia relativa’ en relación a las determinaciones exteriores del presente inmediato.”

¹⁹ DURANTI (2000: 77) “Si partimos de la noción de participación, es más fácil admitir la variación, ya que podemos mantener un sentido de las diferentes partes implicadas al mismo tiempo que constatamos el hecho de que pertenecen socialmente a una unidad mayor.”

²⁰ Ibidem (104) “Una lengua es más que un conjunto de categorías fonológicas, morfológicas, sintáticas o léxicas y una serie de reglas para su uso. Una lengua existe en el contexto de prácticas culturales que, a su vez, descansan en algunos recursos semióticos, como las representaciones y expectativas que proporcionan los cuerpos y movimientos de los participantes en el espacio, el entorno construido en el que interactúan, y las relaciones dinámicas que se establecen por medio de la recurrencia en la actividad conjunta que realizan.”

necessário estudar a língua inserida na cultura.

Foi o antropólogo Edward Sapir (1967) quem, além de introduzir o estudo da linguagem entre os materiais antropológicos, começou também a mostrar que um estudo antropológico da língua (a língua como objeto de pesquisa inscrevendo-se na cultura) conduzia a um estudo lingüístico da cultura (a língua como modelo de conhecimento da cultura).²¹

Considerando a dimensão social da língua, podemos ver, no léxico, o patrimônio cultural de uma comunidade. Transmitidos de geração a geração como *signos operacionais*, é através dos *nomes* que o homem exerce a sua capacidade de exprimir sentimentos e idéias, de *crystalizar* conceitos. Assim, o patrimônio lexical de uma língua constitui um arquivo que armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, refletindo percepções e experiências multiseculares de um povo, podendo, por isso, ser considerado testemunho de uma época, *mots-témoins*.²²

1.4. O ESTUDO DO LÉXICO

Durante a segunda metade do século XIX, os lingüistas, sob a influência das grandes correntes românicas, se interessaram, sobretudo, pela história das línguas. Eles procuravam determinar as linhas de parentesco entre as diferentes línguas e, também, explicar as mudanças intervindas durante a história de cada uma delas em particular. A história das palavras consistia, antes de tudo, na investigação de unidades isoladas.

Nessa época, a Lingüística Histórica se concentrava, principalmente, em torno da evolução das formas comparadas (fonética e morfologia). Havia a impressão, enquanto se utilizavam do *Método Histórico-Comparativo*, de que a palavra era só perfeitamente conhecida quando se tornava passível da aplicação de leis de evolução formal. Porém, pouco a pouco, as considerações sobre a evolução do sentido e sobre o conteúdo das unidades do léxico também foram se integrando à lingüística histórica, levando ao surgimento de uma “semântica”, palavra criada um pouco mais tarde por Bréal (1832-1915). Esta primeira semântica histórica ou semântica evolutiva reduziu a lexicologia, durante muitos anos, a ser somente o estudo de um “vasto catálogo” de itens lexicais.

Ainda em fins do século XIX, o lingüista SCHUCHARDT²³, opondo-se às leis fonéticas tal como eram concebidas pelos neogramáticos, passou a dedicar os seus estudos ao “significado”, à pesquisa das “palavras” juntamente com as “coisas”, argumentando que se “conhecemos bem as coisas (que formas têm, como se utilizam, como foram produzidas,

²¹ LAPLANTINE (2000:18)

²² MATORÉ (1953:16)

²³ *Romanischen Etymologien*, 1899

etc.), conseguiremos com maior facilidade e segurança descobrir a origem das palavras.”²⁴ Surgia, deste modo, o método *Palavras e Coisas*²⁵. De acordo com este método, “uma peça de vestuário, um instrumento agrícola etc., importado por uma comunidade humana, que o desconhecia, vem do país de origem com a sua denominação nativa. Assim, o povo que a recebe enriquece simultaneamente a sua língua e a sua cultura material.” Natural seria, pois, investigar ambos os domínios, isto é, as palavras e as coisas que elas designam. “Proceder deste modo significa tomar em consideração a realidade e não separar duas facetas da vida humana que estão estreitamente ligadas.”²⁶

Segundo esta concepção, existiria uma relação biunívoca entre coisa e palavra, significado isolado e significante isolado; o mundo se organizaria em categorias de objetos perfeitamente distintos, cada um recebendo obrigatoriamente uma designação em dada língua. Conseqüentemente, as palavras teriam cada uma, de uma língua a outra, correspondentes para o seu sentido. Esta velha noção foi sendo substituída na medida em que se mostrava que no signo lingüístico a relação entre a imagem acústica e o conceito é muito mais complexa do que se imagina e que o léxico deveria ser visto como uma estrutura ou, talvez, como um conjunto de estruturas.

Partindo de uma base empírica, a *Geografia Lingüística* – outro método de grande prestígio utilizado no estudo do léxico – integrou-se, mesmo sem se propor a isto, ao *Método Histórico-Comparativo*, dando um caráter de ciência histórica à Lingüística Românica. Ao recolher formas de certos conceitos, objetos, etc., em 629 pontos da França, J. GILLIÉRON criou para este território um importante aparato lingüístico de comparação com mais de um milhão de formas dialetais. Com isso conseguiu reconstruir a existência de estágios anteriores de língua, baseando-se na distribuição geográfica das palavras.

O léxico e a cultura, efetivamente, deixam suas marcas no espaço. Por isso, uma visão sincrônico-comparativa organizada no espaço e, geográfica, pode ser vista ao mesmo tempo também diacrônica: o modo da *Geografia Lingüística* de operar integra o comparativo e, de um certo modo, sincroniza a diacronia, pois localiza geograficamente os acontecimentos históricos, mostrando que entre sincronia e diacronia existe uma estreita relação.

O método de GILLIÉRON e o *Histórico-Comparativo*, apesar de distintos, possuem estreita relação entre si, uma vez que estabelecem um processo histórico. Ambos reconstróem o léxico mediante a comparação, ainda que o segundo esteja fundamentado sobre

²⁴ Apud IORDAN (1982:89-90)

²⁵ *Wörter und Sachen*

²⁶ Apud IORDAN (1982:101)

um material menos variado e mais esquemático. À *Geografia Lingüística* une-se também o método *Palavras e Coisas*, que foi vigorosamente impulsionado quando se incorporou aos Atlas de Línguas Românicas, ilustrando-os com numerosas gravuras, desenhos e fotografias.

Ao método *Palavras e Coisas* está estreitamente ligada a *Onomasiologia*, ciência que estuda as diversas denominações de um objeto, animal, planta, conceito, etc., num só território lingüístico ou em vários. Como o primeiro, ela põe em destaque o aspecto semântico da palavra, e não a fonética. Além disso, esforça-se por descobrir as forças criativas na língua, enquanto enfoca o seu aspecto psicológico e, principalmente, o seu lado cultural.

A *Onomasiologia*, inicialmente, era praticada com a ajuda de dicionários, vocabulários dialetais e textos. Posteriormente, recebeu um poderoso impulso, graças aos atlas lingüísticos que, por sua vez, não são outra coisa senão uma coleção de mapas onomasiológicos. Estes estudos onomasiológicos, ou monografias sobre as palavras, podem priorizar tanto o aspecto diacrônico quanto o sincrônico, focalizando o objeto de estudo mais lingüisticamente com etimologias e reconstruções, ou mais descritivamente.

Ainda que privilegiando diversos tipos de enfoques, essas áreas, detentoras de uma longa tradição na Lingüística Românica, sempre relacionaram o léxico à cultura, não importando quão várias sejam as perspectivas teóricas adotadas pelos pesquisadores.

A lingüística moderna, tendo como precursor Ferdinand de SAUSSURE (1857-1913), não rompeu totalmente com a tradição comparatista e histórica, mas introduziu com o *estruturalismo* a concepção de que a língua deve ser considerada como um sistema, uma estrutura, quer dizer, um conjunto organizado onde cada elemento possui seu valor, relacionando-se, por sua vez, com outros elementos. A partir daí, um grande número de lingüistas passou a ter o hábito de representar o léxico como o conjunto de “*pedras irregulares de um mosaico*” ou como o conjunto de “*malhas mais ou menos fechadas de uma rede*”²⁷. Isso significa que no conjunto do léxico se descrevem subconjuntos organizados, de microssistemas lexicais, em que os elementos possuem um denominador comum. Esses microssistemas lexicais são habitualmente chamados “*campos semânticos*”:

Os “campos semânticos” podem ser definidos como a associação de um conjunto de termos do léxico (campo lexical) a uma noção particular (campo nocional). Por exemplo, o campo semântico dos sentimentos corresponderá ao campo nocional “sentimento” – o campo lexical compreende as palavras “amor, ódio, indignação, adoração, admiração, desprezo, piedade”. Esta maneira de interpretar as coisas implica que não se pode verdadeiramente conhecer uma palavra sem a situar, com ajuda de substituições, na totalidade do léxico. Definir um termo como a união de um certo som com um certo conceito seria o isolar do sistema ao

²⁷ NIKLAS-SALMINEN (1997: 40) “‘pierres irrégulières d’une mosaïque’ [...] ‘mailles plus ou moins serrées d’un fillet’”.

qual ele pertence. Como efeito, a palavra isolada recebe sua significação somente em conjunto das oposições que sustenta com todos os outros constituintes do campo.²⁸

A esta análise do léxico realizada por estudiosos do vocabulário e da semântica, destaca-se o trabalho de DUCHÁCEK em um estudo denominado “O campo conceitual da beleza em francês moderno”, no qual propõe o seguinte esquema para “campos lingüísticos”:²⁹

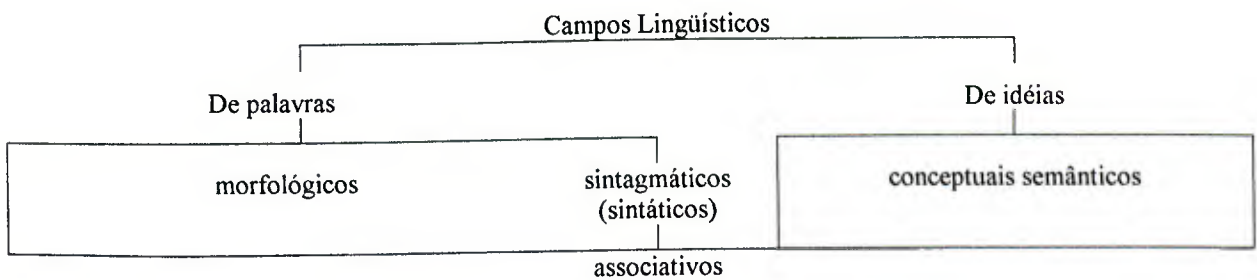


Fig. 1: Campos lingüísticos de Duchácek

Apesar de inovador, este modelo foi muito discutido pelos teóricos da lexicologia que não viam nele operacionalidade, já que trabalhava com um número muito grande de unidades funcionais.

O *estruturalismo* representou mais do que uma simples fusão às tradições teóricas da lexicologia. Depois de SAUSSURE, os estudiosos do léxico passaram a procurar o significado da língua não em elementos individuais, mas nas estruturas lingüísticas que organizam signos em sistemas, dando início à Escola Lingüística Sociológica. O relacionamento entre os elementos e não só os próprios elementos tornou-se o tema essencial da lingüística, fornecendo um meio de análise altamente produtivo para o léxico em que combinavam linguagem-cultura-sociedade.

Orientada neste sentido estruturalista, a *Onomasiologia* dá início ao estudo dos “campos lingüísticos”, por Jost TRIER³⁰. Segundo este lingüista, nenhuma palavra vive em

²⁸ Ibidem (40) “Les ‘champs sémantiques’ peuvent être définis comme l’association d’un ensemble de termes du lexique (champ lexical) à une notion particulière (champ notionnel). Par exemple, le champ sémantique des sentiments fera correspondre au champ notionnel ‘sentiment’ le champ lexical comprenant les mots ‘amour, haine, indignation, adoration, admiration, mépris, pitié’. Cette façon d’interpréter les choses implique que l’on ne peut pas vraiment connaître un mot sans le situer, à l’aide de structures de relais, dans la totalité du lexique. Définir un terme comme l’union d’un certain son avec un certain concept serait l’isoler du système auquel il appartient. En effet, le mot isolé acquiert sa signification seulement par l’ensemble des oppositions qu’il soutient avec tous les autres constituants du champ.”

²⁹ Apud BIDERMAN (1981:132) “Le champ conceptuel de la beauté en français moderne”

³⁰ *Der Deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes*, Heidelberg, 1931.

estado de isolamento na consciência dos falantes, antes está rodeada de toda uma série de expressões ligadas por significado, originando um “campo de palavras” mais ou menos fechado. A partir de TRIER, os estudos onomasiológicos passam, também, a ser praticados com uma combinação de diacronia e sincronia:

Na base deste método são estudadas de modo sincrônico em certo período de tempo as palavras de um campo conceitual determinado, como, por exemplo, no início do século XIII, as palavras alemãs que pertencem ao círculo conceitual do entendimento, como “sabedoria”(wîsheit), “arte”(kunst) e “astúcia” (list). Como o mesmo “campo lingüístico” é estudado em diversas épocas porque são feitos diversos cortes horizontais, a sincronia se torna diacronia, o trabalho se faz comparativo e, desta maneira, como consequência do confronto de cortes sincrônicos sucessivos as mudanças lingüísticas e estruturais do léxico de uma época para outra são tomadas em consideração.³¹

Nos anos 50 do século XX, partindo da lexicologia estruturalista, surge a *Lexicologia Social*, de Georges MATORÉ, que propunha considerar a palavra não como um objeto isolado, mas como parte de uma estrutura social:

não estando isolada, a palavra não pode dissociar-se em nenhum caso do grupo a que pertence. As palavras no interior do grupo não têm todas o mesmo valor: constituem uma estrutura hierarquizada. Esta estrutura é móvel; os movimentos a que obedecem as palavras e os grupos de palavras têm uma maneira correlativa: um vocabulário é um todo como a época que ele representa.³²

Para MATORÉ, o léxico é uma testemunha de uma sociedade, de uma época – “mots-témoins”. É, portanto, um fato social – fora da sociedade a linguagem não encontra expressão – por isso, ela não pode ser estudada senão em conexão com outros fenômenos sociais.

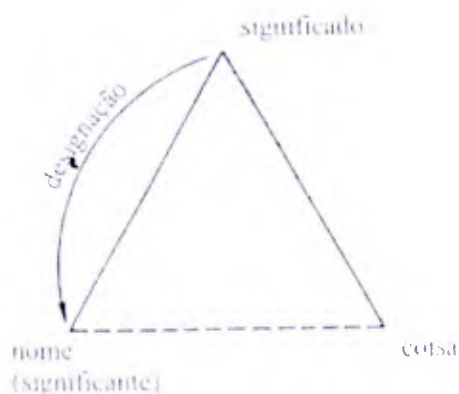
Entre os modelos propostos para a análise da estruturação do significado, um dos mais aplicados pela lexicologia, a partir da segunda metade do século XX, foi o estudo de Kurt BALDINGER sobre a teoria dos campos semasiológico e onomasiológico. Para BALDINGER, no campo onomasiológico encontram-se todos os significantes (designações, nomes) e no campo semasiológico, todos os significados.³³

³¹ VIDOS (1996: 76)

³² MATORÉ (1953: 62)

³³ BIDERMAN (2001: 199-200)

Onomasiologia



Semasiologia

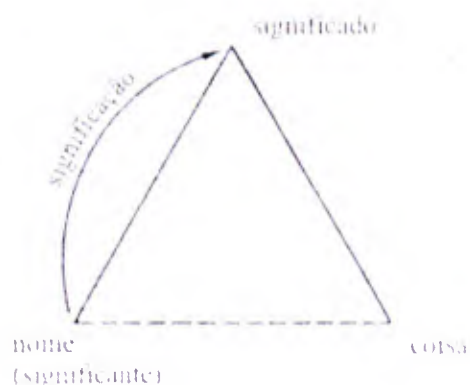


Fig. 2: Triângulo de Baldinger I

Deste modo, a *Onomasiologia* e a *Semasiologia* ao mesmo tempo em que se opõem, complementam-se, constituindo uma boa metodologia para o estudo da forma como se estrutura o Léxico:

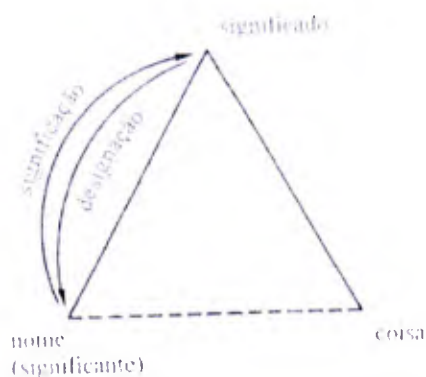


Fig. 3: Triângulo de Baldinger II

Como portadoras de significado, as unidades lexicais refletem os diferentes momentos da história de uma sociedade, enquanto recortam o universo em categorias que variam exprimindo visões particulares de mundo. Desse modo, como reflete a multiplicidade do real, constitui a reserva onde as pessoas dispõem as palavras ao ritmo de suas necessidades. Por isso, ao invés de se constituir um sistema de sentido restrito, forma um conjunto aberto e não autônomo o que faz com que não se possa lhe dar uma descrição sistemática ou simples, mas somente descrições complementares, segundo o ponto de vista adotado pelo estudioso. Assim, definir o léxico seria talvez mostrar sua complexidade e sua heterogeneidade já que “*designa convencionalmente o conjunto de palavras por meio das*

quais os membros de uma comunidade lingüística comunicam entre si”³⁴, através de intersecções – condição básica para que haja comunicação, como ilustra BIDERMAN³⁵:

Vamos chamar de L o Léxico de uma língua qualquer. É certo que cada indivíduo, membro da comunidade que fala essa língua, domina apenas uma parcela pequena do Léxico global. Vamos chamar de l₁ o Léxico total desse sujeito. Um outro indivíduo dominaria um repertório l₂, que coincidirá parcialmente com l₁; um terceiro indivíduo disporá de um repertório léxico l₃, e assim por diante. Onde:

$$L = l_1 + l_2 + l_3 + \dots = l_n$$

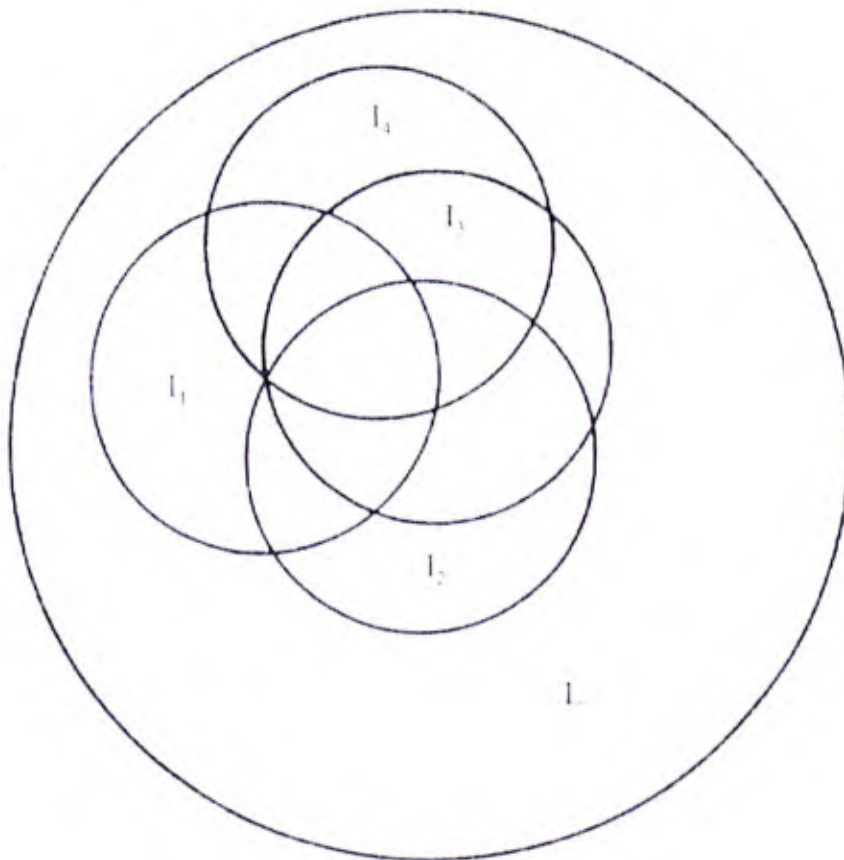


Fig. 4: Estruturação do Léxico

Contemporaneamente, com o desenvolvimento da Antropologia Lingüística ou da Etnolingüística, especialistas em lexicologia têm procurado adotar, ao definirem o léxico, enunciações como a que se segue, em que se vêem retratadas a língua, a cultura e a sociedade:

O léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-lingüístico-cultural. Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas,

³⁴ “désigne conventionnellement l’ensemble des mots au moyen desquels les membres d’une communauté linguistique communiquent entre eux.” NIKLAS-SALMINEN (1997: 13)

³⁵ BIDERMAN (2001: 180)

transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade. Em vista disso, o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade. Desse modo, o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades de mundo, define, também, fatos de cultura.³⁶

1.5. A ONOMÁSTICA

ANDRADE (1998) mostra que a lexicologia – o estudo científico do léxico – apresenta aspectos teórico e prático. Tomando como referência BARBOSA(1991), ela assim define a disciplina:

Pode-se dizer que a lexicologia é o estudo científico do léxico, isto é, propõe-se a estudar o universo de todas as palavras de uma língua, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança, cabendo-lhe, entre outras tarefas: definir conjuntos e subconjuntos lexicais; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural; conceituar e delimitar a unidade lexical de base – a *lexia* –, bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações; abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de sistemas culturais; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes.³⁷

A *Onomástica* se integra à *lexicologia*, caracterizando-se como a ciência da linguagem que possui duas áreas de estudo: a *Antroponímia* e a *Toponímia* – ambas se constituem de elementos lingüísticos que conservam antigos estágios denominativos. A primeira tem como objeto de estudo os nomes próprios individuais, os nomes parentais ou sobrenomes e as alcunhas ou apelidos:

Transmitido de geração a geração, o nome ou o apelido de família carrega em si todas as marcas da descendência gentílica, não sendo por isso de livre escolha dos cidadãos. A imposição obrigatória do que se convencionou chamar, atualmente, de sobrenome, é o seu traço distintivo, em oposição ao prenome, fruto de um ato volitivo dos pais. [...]

Desse momento em diante, representado pela doação do nome, a criança será levada a familiarizar-se mais intensamente com essa expressão sonora identificada como o seu “repraesentamen” simbólico. Do mesmo modo, esse apelativo será a forma lingüística mais constantemente repetida, em todas as situações em que venha a ser o foco da atenção. O nome doado e conhecido coloca o receptor no centro de convergências positivas e negativas, ou de vetores de forças que definirão personalidades e comportamentos, condutas e estilos de vida, tornando nome e indivíduo uma só entidade.³⁸

Já a *Toponímia* se integra à *Onomástica* como disciplina que investiga o léxico toponímico, através do estudo da motivação dos nomes próprios de lugares. Constitui-se de enunciados lingüísticos, formados por um universo transparente significante que reflete aspectos culturais de um núcleo humano existente ou preexistente:

³⁶ OLIVEIRA / ISQUERDO (1998:07)

³⁷ ANDRADE (1998:189)

³⁸ DICK (2000:18)

A história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se inter cruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropoculturais.³⁹

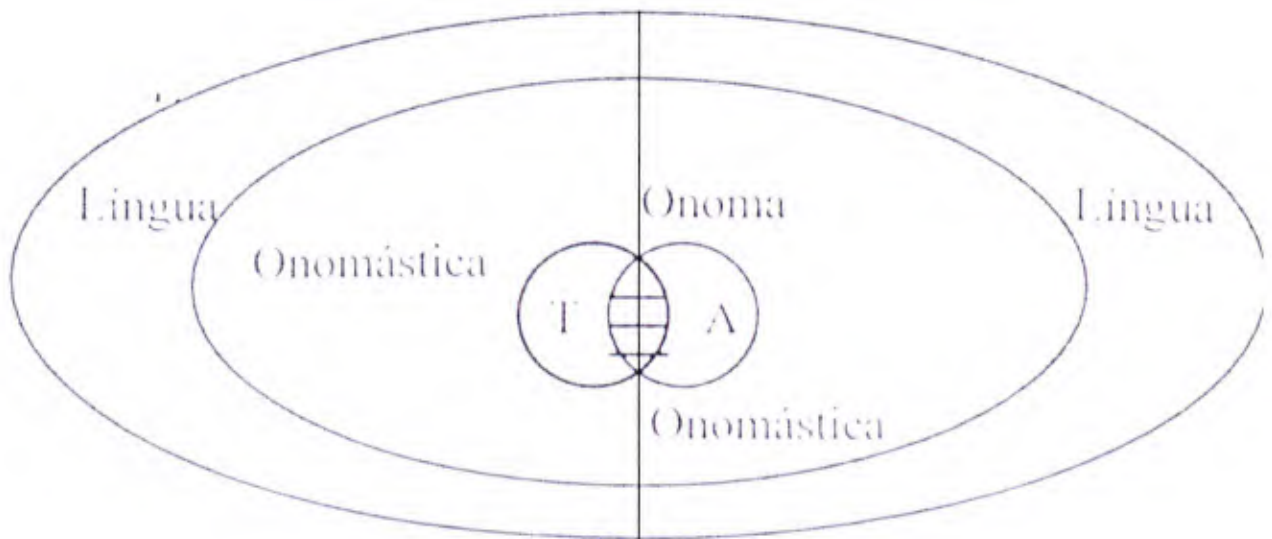
Em 1928, LEITE DE VASCONCELOS estabelecia conceitos e classificações acerca da ciência do nome próprio no seu manual *Antroponímia Portuguesa*, em que se ocupa dos antropônimos de Portugal desde a Idade Média. Sobre o termo “Antroponímia”, o autor já o havia proposto e empregado em 1887, na *Revista Lusitana*. No manual de 1928, destaca:

Temos como se vê, muitas espécies de “nomes próprios”. A secção da Glotologia que trata d’eles (origem, razão de emprego, forma, evolução, etc.), convieram os filólogos em a designar por “Onomatologia”, que, de acordo com aquelas espécies, deverá decompor-se em três disciplinas secundárias: 1) Estudo de nomes locais, ou “Toponímia”, na qual se inclui igualmente o elemento líquido (rios, lagos, etc.), e outros produtos da natureza, como árvores, penedos que dão freqüentemente nomes a sítios (a “Toponímia” é pois Onomatologia geográfica). 2) Estudo dos nomes de pessoas, ou “Antroponímia”, expressão que o autor pela primeira vez propôs e empregou em 1887, na “Revista Lusitana”, I, 45. 3) Estudo de vários outros nomes próprios, isto é, de astros, ventos, animais, seres sobrenaturais, navios, cousas: “Panteonímia” (de pantóios, que quer dizer “de toda a espécie”, “variado”). No estudo dos nomes de seres sobrenaturais nada nos impede de chamar “Teonímia” (Theonymia) ao dos nomes de deuses.

Mas são as definições dadas, em 1951, por DAUZAT, que têm orientado os estudos atuais sobre a questão do nome. Segundo este lingüista, “*antroponímia* é a ciência dos nomes de pessoas (*antropônimo*, nome de pessoa); *toponímia*, a ciência dos nomes de lugares (*topônimo*, nome de lugar). E a *onomástica*, a união destas duas ciências (termo empregado, às vezes erroneamente, como sinônimo de antroponímia).”

Apesar de se constituírem em campos semânticos de dimensões variáveis da *Onomástica – pessoa e lugar* – têm na mesma uma relação de inclusão, uma vez que se encontram no *onoma*, em uma área de intersecção: o vocábulo ao deixar o seu uso pleno na língua, transitando para o uso onomástico, reveste-se de caráter denominativo – em uso dêitico ou anafórico – e passa a ser referencializado como topônimo ou antropônimo, seguindo direções opostas e complementares, conforme pode se ver representado na figura a seguir:

³⁹ Dick (1990:19)



$T \cap A$

T= Toponímia

A= Antroponímia

$T \cap A$ = Intersecção

Fig. 5: Onomástica⁴⁰

À *Onomástica* interessa o *nome* – distinto da palavra – pois pressupõe um nomeador e um nomeado, uma representação externa à qual ele se une: “o nomeador (sujeito, emissor ou enunciador), o objeto nomeado (o espaço e suas subdivisões conceptuais, que incorpora a função referencial, sobre o que recairá a ação de nomear), o receptor (ou o enunciatário, que recebe os efeitos da nomeação, na qualidade de sujeito passivo)”⁴¹. Nesta transmigração a palavra se desloca do sistema lexical para o sistema onomástico, transcodificando-se, ou seja, do plano onomasiológico da língua (da designação) se integra ao plano semasiológico (da significação). Na construção do processo denominativo, a palavra incorpora o conceito dessa operação mental, cristalizando o *nome* e, assim, possibilitando a sua transmissão às gerações seguintes.

Convém salientar que a análise lingüística pode dar ao léxico vários enfoques: pode tratá-lo desde o nível fonológico, morfológico, morfosintático até ao semântico. Todavia, o léxico não suscita apenas problemas de *sistemática* e *classificação* mas também questões *históricas* e *culturais*. A carga semântica das palavras modifica-se com a variação

⁴⁰ DICK (1999:145)

⁴¹ Idem (1998:103)

das leis internas ao sistema lingüístico e das noções próprias da realidade cultural que às palavras compete designar.

O uso da língua ultrapassa a mera função nomenclatória; ela reflete o modo de viver de uma cultura e a maneira desta representar os seus valores.

1.6. A INVESTIGAÇÃO TOPONÍMICA

Como estudo metódico e regular, com formação de grupos de pesquisa, os estudos toponímicos no Brasil se iniciaram tendo como base as diretrizes traçadas por Albert DAUZAT (1926) para a Toponímia Francesa, metodologia esta que se encontra entre as mais produtivas nesta área de pesquisa lingüística, conforme se pode observar pelas palavras de MALBERG (1986):

Uma teoria altamente especializada que se relaciona com a dialectologia constitui o “estudo dos topônimos”, de sua etimologia e de sua história. Este estudo deve combinar necessariamente os conhecimentos lingüísticos e os extralingüísticos. Entre os toponimistas mais célebres, citamos Albert Dauzat na França, Auguste Vincent na Bélgica, Jöran Sahlgren e Eilert Ekwall na Suécia.⁴²

Os estudos de DAUZAT preconizavam:

- estabelecimento das camadas dialetais, com reflexos na língua falada na região;
- pesquisa das raízes formadoras dos topônimos;
- reconstituição etimológica das formas antigas de nomeação, oriundas de substratos e adstratos lingüísticos;
- pesquisa em documentos históricos.⁴³

Anteriormente, a Toponímia era vista de uma maneira simplista, em uma posição unilateral, desligada de um conjunto maior, da sociedade e da cultura. Prevalencia uma estreita visão etimológica, ocorrendo, por isso, inúmeros equívocos nas classificações. Aspectos importantes como “a história das transformações dos nomes de lugares; a sua evolução fonética; as alterações de diversas ordens; o seu desaparecimento; a sua relação com as migrações, a colonização, os estabelecimentos humanos e o aproveitamento do solo; os nomes inspirados por crenças mitológicas visando algumas vezes assegurar a proteção dos santos ou de Deus”⁴⁴ não eram levados em conta pelos toponimistas. Foi só, a partir de DRUMOND⁴⁵, que as etapas científicas de análise realizadas por DAUZAT (1926), assim como critérios de seleção, comparação, interpretação e classificação dos fatos onomásticos começaram a ser a meta perseguida por pesquisadores que procuravam investigar fatos toponímicos.

⁴² MALMBERG (1986:214) “Una teoría altamente especializada que se relaciona con el ámbito de la dialectología lo constituye el ‘estudio de los topónimos’, de su etimología y de su historia. Este estudio debe combinar necesariamente los conocimientos lingüísticos y los del entorno. Entre los toponimistas más célebres, citamos a Albert Dauzat en Francia, Auguste Vincent en Bélgica, Jöran Sahlgren y Eilert Ekwall en Suécia.”

⁴³ DICK (2000: 231)

⁴⁴ Drumond apud DICK (1990:21)

⁴⁵ Carlos DRUMOND (FFLCH-USP)

Assim, calcado na vertente européia, o estudo sistematizado da toponímia no Brasil integrou-se aos estudos lingüísticos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo, privilegiando, inicialmente, os nomes de origem indígena através das pesquisas de DRUMOND sobre o Tupi e a Toponímia Brasileira.

Como professora e pesquisadora dessa área, DICK seguiu as orientações de DRUMOND e a teoria de DAUZAT, enriquecendo a partir de uma visão física e antropocultural os estudos toponímicos através dos seus *Princípios Teóricos e Modelos Taxeonomicos* aplicados aos nomes de lugares. Para DRUMOND, “nenhum outro estudo de Toponímia do Brasil reveste-se de tantas qualidades como este (*‘Princípios...’*), seja do ponto de vista estrutural como científico”.⁴⁶ Além de dar continuidade aos estudos sobre a Toponímia Indígena iniciados por DRUMOND, ampliando-os, DICK dedica-se, ainda, à Toponímia Brasileira pesquisando e orientando várias pesquisas acadêmicas neste campo.

Segundo esta toponimista, os instrumentos onomásticos, de um modo geral e dentre eles, de um modo particular, a Toponímia, são meios importantes de investigação lingüística:

Exercendo na toponímia a função de distinguir os acidentes geográficos na medida em que delimitam uma área da superfície terrestre e lhes conferem características específicas, os topônimos se apresentam, da mesma maneira que os antropônimos, como importantes fatores de comunicação, permitindo, de modo plausível, a referência da entidade por eles designada.[...] Chega, muitas vezes, a se espalhar além de seu foco originário, dilatando, conseqüentemente, as fronteiras políticas, e criando raízes em sítios distantes. Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fora a sua presença dinâmica.⁴⁷

É o que reconhece, também, a Lingüística Histórica através de BYNON (1995):

O outro caminho a ser explorado, a saber, a análise lingüística de nomes de lugares, tem a indubitável vantagem para o pré-historiador (da linguagem) de o referente estar localizado (com precisão) no espaço geográfico e, em casos afortunados, os (mesmos) lugares serem mencionados em fontes escritas anteriores. Nomes de lugares que incluem nomes de povoados e de traços geográficos tais como montanhas e rios, tendem, como fósseis, a sobreviver mesmo a uma total substituição da língua. Seu potencial para formar uma ligação entre a arqueologia e a lingüística é, conseqüentemente, considerável.⁴⁸

Por se tratar de um campo que envolve a “rede social”, já que os nomes de lugares não encontram expressão fora dela, a investigação toponímica deve estar articulada a bases

⁴⁶ DICK (1990: Prefácio)

⁴⁷ Ibidem (1990: 21)

⁴⁸ BYNON (1995: 263) “The one further avenue to be explored, namely the linguistic analysis of place-names, has the undoubted advantage to the prehistorian that the referent is squarely located in geographic space and that, in fortunate cases, places are mentioned in early written sources. Place-names, which include the names of settlements and of geographical features such as mountains and rivers, tend like fossils to survive even total language replacement. Their potential for forming a link between archaeology and linguistics is therefore considerable.”

culturais, especialmente à antropologia lingüística ou etnolingüística e a uma noção de léxico que possibilite ao pesquisador trabalhar em conjunto com a história para, através de fatos, crenças e valores entrecruzados, tentar comprovar a verdade do nome.

No capítulo seguinte, apresentam-se os procedimentos teórico-metodológicos adotados para o trabalho léxico-toponímico aqui proposto.

*Na ribeira deste rio
Ou na ribeira daquele
[...]
Vou vendo o que o rio faz*

CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Por ser uma das regiões cujo núcleo populacional é dos mais antigos de Minas, a zona do Carmo possui dados importantes para a história do português mineiro que sua toponímia revela através da conservação dos nomes de rios e riachos, de montanhas, de fazendas, de povoados e de cidades, deixados como marcas étnico-lingüístico-culturais da presença do homem nesse território. No presente estudo analisam-se topônimos dessa área de Minas, esforçando-se para reconstituir formas antigas de nomeação oriundas de camadas lingüísticas, procurando, desse modo, aproximar-se da história do povoamento e da fixação do homem na região.

Objeto de estudo de geógrafos, lingüistas e historiadores, a toponímia não constitui um tema muito explorado nos estudos lingüísticos, apesar da carga de significação cultural presente no processo de nomeação dos lugares e na dinâmica de sua evolução, como nos mostra DICK:

Verdadeiros testemunhos históricos de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação: se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal.⁴⁹

Entretanto, muitos toponimistas costumam omitir aspectos importantes na análise dos fatos, apagando, desse modo, toda a *carga* cultural do nome. Isso costuma ocorrer quando não se leva em conta na análise toponímica certas particularidades como:

a história das transformações dos nomes de lugares; a sua evolução fonética; as alterações de diversas ordens; o seu desaparecimento; a sua relação com as migrações, a colonização, os estabelecimentos humanos e o aproveitamento do solo; os nomes inspirados por crenças mitológicas, visando, algumas vezes, assegurar a proteção dos santos ou de Deus.⁵⁰

Ao desenvolver esta pesquisa sobre a Toponímia da Região do Carmo, considerou-se importante observar a cultura, a história da colonização, o processo migratório nos séculos XVIII e XIX e a origem dos povos que se fixaram ao longo do rio Carmo – condutor natural de penetração no processo de assentamento da população – pois, segundo DAUZAT, “a toponímia, conjugada com a história, indica ou precisa os movimentos antigos dos povos, as migrações, as áreas de colonização, as regiões onde tal ou tal grupo lingüístico deixou seus traços.”⁵¹

⁴⁹ DICK (1990: 23)

⁵⁰ Idem (1996: 19)

⁵¹ DAUZAT (1926: 7) “La toponymie, conjugée avec l’histoire, indique ou précise les mouvements anciens des peuples, les migrations, les aires de colonisation, les régions où tel ou tel groupe lingüistique a laissé ses traces.”

Para a coleta e análise dos dados, tomou-se como base norteadora a concepção de Lingüística Histórica tal como apresentada por BYNON e COHEN, a orientação sociolingüística, indicada por RAMOS, e os fundamentos teóricos sobre Toponímia nos moldes propostos por DAUZAT e DICK:

A Lingüística Histórica procura investigar e descrever a maneira pela qual as línguas mudam ou conservam suas estruturas através do tempo; seu domínio é, portanto, a língua no seu aspecto diacrônico.⁵²

As limitações do trabalho diacrônico são tantas que não se pode abrir mão de informações que possam nos facilitar o acesso à língua antiga.⁵³

A história social de uma língua é descrita a partir do reconhecimento de que os falantes pertencem a grupos sociais diferentes e de que a língua não é homogênea; manifestada em diferentes modalidades, ela reflete os interesses dos grupos de uma mesma nação. Esse modo, a volta ao passado a fim de explicar, de maneira mais completa, os desenvolvimentos que se observam no presente deverá necessariamente incluir o que, nos estudos da história atual, é referido como a vida cotidiana das pessoas comuns, conforme assinala Burke.⁵⁴

Seria imprudente, mesmo para um especialista, abordar a pesquisa etimológica de um nome de lugar, contando unicamente com a sua forma atual. É necessário voltar ao passado e estabelecer relações, pacientemente, com as várias formas que o precederam, até a mais antiga que a história faz menção. Proceder de outra maneira seria se expor a graves erros. Somente a história nos informará se o nome não foi transplantado de uma região à outra. As várias formas nos permitirão rastrear as alterações que o nome, freqüentemente, tem se submetido no seu longo caminho através dos anos e, ainda, de distinguir os homônimos recentes que o acaso fundiu ou, ao contrário, de reconstituir temas comuns que as fonéticas regionais, a analogia ou as cacografias têm diversificado.⁵⁵

Em função da natureza do assunto a ser desenvolvido e das características próprias do ato denominativo, saber quais as tendências reveladas pela nomenclatura geográfica de uma região qualquer, entender o porquê de o indivíduo empregar estas ou aquelas expressões, relacionadas a um fator condicionante de origem externa ou interna; manipular, enfim, os resultados de toda essa intensa atividade lingüística revelada pelos denominativos tópicos, parece ser a melhor atitude para se alcançar os objetivos pretendidos. Especialmente se se levar em conta o fato já sentido por Mouly de que a “motivação envolve uma complexa interação das condições do indivíduo e do ambiente total em que se encontra”.⁵⁶

Tendo como objeto de trabalho a unidade lexical, o método empregado nesta pesquisa foi uma combinatória da leitura documental (cf. anexos 3, 4, 5, 6) e da investigação

⁵² BYNON (1977: 1/2)

⁵³ COHEN (1996: 3)

⁵⁴ RAMOS (1998: 153)

⁵⁵ DAUZAT (1926: 4-5) *“Il serait imprudent, au demeurant, même pour un spécialiste, d’aborder la recherche étymologique d’un nom de lieu en tablant uniquement sur la forme actuelle. Il faut remonter dans le passé et renouer patiemment la chaîne des formes qui l’on précédée jusqu’à la plus ancienne dont l’histoire fasse mention. Procéder autrement serait s’exposer aux bévues et aux erreurs les plus graves. L’histoire seule nous apprendra si le nom n’a pas été transplanté d’une région dans une autre; la filière des formes nous permettra de dépister les altérations que le nom a souvent subies au cours d’un long cheminement à travers les âges, de distinguer des homonymes récents que le hasard a fusionnés, ou, à l’inverse, de reconstituer des thèmes communs que les phonétiques régionales, l’analogie ou les cacographies ont diversifiés.”*

⁵⁶ DICK (1990:49)

de campo (cf. anexos 1 e 2), não se desvinculando, portanto, da indução e seguindo os parâmetros etno-sociolingüísticos.

A documentação consultada constituiu-se dos seguintes registros:

- cartas de sesmaria de pessoas que se instalaram na região;
- escrituras de terra;
- correspondências familiares;
- livros paroquiais – livros de casamento, de batismo, de óbito;
- relatório paroquial;
- livros cartoriais;
- escrituras de compra e venda de escravos, registros de casamento;
- cartas geográficas dos séculos XVIII, XIX e XX;
- documentos inscritos no *Códice Costa Matoso*;
- relatos de viagem e mapas utilizados pelos viajantes que chegaram a Minas

Gerais no século XVIII e XIX, dentre eles, COURCY, MAWE, CAUDELEUGH, ESCHWEGE.

Fez-se uso, ainda, de fontes citadas por estudiosos da zona pesquisada como TRINDADE, VASCONCELOS (cf. anotações das fichas) e FERRAND (informações, mapas e desenhos). Em todos esses documentos, observou-se a forma do topônimo e, quando possível, a maneira pela qual se deu a sua inserção na região e em que época isso ocorreu.

Cartas geográficas serviram como documentos, auxiliando não apenas no conhecimento pontual da área mapeada mas permitindo também, considerando-se o momento sincrônico da análise, que se buscassem outros planos de apreensão do objeto em exame, em épocas anteriores, descrevendo-se ou recuperando-se o *continuum* denominativo daquela nomenclatura. Várias cartas geográficas foram consultadas:

1 – Mapas antigos:

1.1. Mapas que integram a coletânea *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província* (2002):

- a) Mapa da região do alto rio Doce (Ribeirão do Carmo), Rio das Velhas e Rio Paraopeba, ca. 1734/5;
- b) Província de Minas Geraes – segundo o projeto de nova divisão do Império – 1873;
- c) Theil der neuen Karte der Capitania Von Minas Geraes. Aufgenommen Von W. Von Eschwege, 1821;

d) Mapa das Minas do Ouro e S. Paulo e Costa do Mar que lhe pretence – ca 1720;

e) Mapa abrangendo a região entre o alto Rio Doce (Ribeirão do Carmo), o Rio das Velhas, o Rio Paraopeba, o rio Pitangui (atual Pará) e o Rio São Francisco. Região das minas de ouro, 19º-20º30’S, Diogo Soares. Ca.1734/5;

e) Carta Geográfica do Termo de Villa Rica – ca. 1766;

1.2. Mapas mencionados em livros que descrevem aspectos físicos da região:

a) Mapa das principais jazidas auríferas existentes nas proximidades de Ouro Preto⁵⁷;

b) Mapa das entradas, caminhos e bandeiras⁵⁸ em Minas Gerais.

1.3. Mapa físico do município de Barra Longa – 1939

2 – Mapas contemporâneos⁵⁹:

a) Carta de Mariana (1986)

b) Carta de Barra Longa (1976)

c) Carta de Ouro Preto (1985)

d) Carta de Ponte Nova (1979)

e) Carta de Dom Silvério (1979)

f) Carta de Alvinópolis (1976)

Como metodologia prática de trabalho (*praxis toponímica*), não só a documentação cartográfica referida e a arquivologia se posicionaram como fontes idôneas, hábeis para o estudo onomasiológico. Para a recuperação da memória oral, em que o trabalho de campo com o informante é de fundamental importância, foram utilizados procedimentos da sociolinguística, como inquéritos orais com pessoas que sempre viveram na região.

De trinta entrevistas coletaram-se os topônimos para análise, sendo dez dessas gravações realizadas de janeiro de 1998 a março de 1999 pela equipe da FALE/UFMG que integrava o projeto *Filologia Bandeirante*. Posteriormente, outras vinte entrevistas foram gravadas na Região do Carmo no período de fevereiro de 2002 a janeiro de 2004, constituindo, essas últimas, parte do banco de dados do projeto que envolve pesquisadores da UFMG intitulado *Pelas trilhas de Minas: a bandeira e a língua nas Gerais*, ao qual este estudo se encontra vinculado.⁶⁰

⁵⁷ Apud FERRAND (1998:163)

⁵⁸ Organizado por VASCONCELLOS (1944)

⁵⁹ M.G., Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia – CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000

⁶⁰ Projeto apoiado pela FAPEMIG-SHA-844/2

Seguindo a orientação geral da metodologia de LABOV (1974) que parte “*do presente para o passado e volta ao presente*”, a pesquisa dos dados se iniciou, conforme se mostra acima, pelas gravações. Posteriormente, as cartas geográficas e os documentos da região vieram a ser consultados. Os nomes de lugares encontrados nos textos orais passaram, então, a ser confrontados com os dados escritos, observando-se a sua opacidade, a sua motivação, a sua caracterização icônica:

Os estudos toponímicos atuais, depois das diretrizes traçadas por Albert Dauzat para a Toponímia francesa, e das várias sugestões de pesquisadores americanos e canadenses, entre outros, comprovam uma realidade diferente, assinalada pela busca de uma codificação de técnicas de trabalho, em que as etapas científicas da análise, seleção, comparação, interpretação e classificação dos fatos onomásticos seriam a meta a ser perseguida.⁶¹

Baseando-se em metodologia proposta por DICK (1990), o material toponímico pesquisado na rede onomástica foi sendo ordenado em esquemas classificatórios, para fins de sistematização, pois, segundo a autora,

A anotação dos nomes em fichas lexicográficas padronizadas, com a identificação dos acidentes que designam nomes do pesquisador e do revisor, fontes e data da coleta, constituem as etapas prévias de um conjunto de fases subseqüentes (quantificação dos topônimos e das taxonomias; estudo lingüístico dos sintagmas toponímicos: etimologia, estrutura morfológica, sufixação, derivação; conjuntos antroponímicos e especificações); entradas lexicais; deslocamentos de topônimos de um acidente para outro; história dos municípios e origem dos nomes; estabelecimento de áreas toponímicas locais e regionais.⁶²

É o que se apresenta e se explica a seguir.

2.1. FICHAS LEXICOGRAFICAS

A ficha lexicográfica pode ser descrita como um conjunto estruturado de informações sobre um topônimo, objetivando explicitá-lo e classificá-lo. Elas foram organizadas com fins didáticos, sendo apresentadas em ordem alfabética.

O modelo de ficha adotado para análise dos topônimos sugerido por DICK (1990) é o utilizado nesta pesquisa, porém com algumas adaptações, compondo-se dos seguintes campos:

⁶¹ DICK (1990:19)

⁶² Idem (1990: 20)

TOPÔNIMO:	TAXONOMIA:
MUNICÍPIO:	
ACIDENTE:	
ORIGEM:	
HISTÓRICO:	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA:	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:	
CONTEXTO:	

Figura 6: Ficha Lexicográfica

TOPÔNIMO: Corresponde ao registro do nome de lugar coletado em entrevistas orais, de acordo com as normas de transcrição adotadas, comprovado ou não, posteriormente, em cartas geográficas ou documentos escritos. Diferentemente da “tradição”, optou-se por privilegiar a forma oral do topônimo, de acordo com o que realmente foi proferido nas entrevistas, ou seja, a modalidade falada e contemporânea do topônimo foi a escolhida para representá-lo na entrada léxica (o “topônimo” da ficha). No caso de a forma falada apresentar variantes como, por exemplo, *Bandeirante ~ Bandeirantes*, optou-se por apresentar as duas na entrada léxica, mas descrever a estrutura morfológica apenas da forma que difere da pronúncia padrão, como uma tentativa de se ser fiel à fala local. Tal procedimento é uma versão modificada do que já foi apresentado em trabalho anterior por COHEN, SEABRA e PRADO (1998: 119-142) sobre documentos oitocentistas, quando as formas escolhidas foram as que mais diferiram de sua “*correspondência no português contemporâneo. Por exemplo: encontram-se nos textos ‘real, reais e rial’; optou-se por ‘rial’ como entrada léxica, por ser a forma que mais se distancia da atual forma gráfica ‘real’.*”⁶³

TAXONOMIA: Neste campo registra-se a taxa do topônimo, conforme se mostra em 2.2., isto é, o nome de lugar inscrito na ficha deverá receber uma classificação ou uma taxa como, por exemplo, *geomorfotopônimo* para o topônimo *Lavras*, *antropotopônimo* para o topônimo *Bento Rodrigues*. As diversas classificações às quais os topônimos se submeterão serão apresentadas em 2.2.

⁶³ COHEN; SEABRA; PRADO (1997: 138)

MUNICÍPIO: Indica o município ao qual a localidade a que o topônimo se refere está localizado.

ACIDENTE: Trata-se da natureza semântica da denominação, ou seja, o vínculo entre o nome e o lugar. Divide-se em humanos e físicos. Ao acidente físico está relacionada a geografia da região: rio, ribeirão, cachoeira, córrego, morro. Já ao acidente humano, relacionam-se os lugares habitados pelo homem e as construções por ele realizadas como cidade, distrito, povoado, fazenda, sítio, pequenas propriedades, habitações isoladas no meio rural, pontes.

ORIGEM: Indica a procedência do topônimo. Tendo como base as informações contidas no campo *informações enciclopédicas* e, também, em dicionários citados nas fichas, procurou-se classificar cada um dos topônimos em relação à sua origem lingüística:

- a) Portuguesa: estão inseridos nessa origem os nomes oriundos de Portugal, pertencentes à língua portuguesa, que se mantiveram com a mesma significação no território brasileiro, além dos antropônimos e topônimos lusitanos que se transferiram para o Brasil, mais especificamente para a Região do Carmo com seus povoadores, como o topônimo *Boa Viagem*, ficha 30.
- b) Portuguesa [brasileirismo]: CÂMARA JR. (1985: 66) chama de “*brasileirismo – qualquer fato lingüístico peculiar ao português usado no Brasil, em contraste com o fato lingüístico correspondente peculiar ao português usado em Portugal ou lusitanismo.*” Classificam-se, nesta pesquisa, como *brasileirismo*, os nomes de origem lusitana que tiveram alteração semântica no Brasil, como, por exemplo, *Bandeirantes* (cf. “informações enciclopédicas”), ficha 14.
- c) Africana: Dos africanismos diz CÂMARA JR. (op. cit.: 44) que “*são essencialmente empréstimos lexicais com adaptação à fonologia e à morfologia portuguesa.*” Foram considerados africanismos os topônimos cuja origem remetem ao continente africano, como o topônimo *Quindumba*, ficha 173.
- d) Indígena: Para HOUAISS (2001), ao termo *indígena* se refere tudo aquilo que é relativo à “*população autóctone de um país ou que neste se estabeleceu anteriormente a um processo colonizador.*” Baseado nesse conceito, classificam-se como topônimos indígenas, os vocábulos cuja origem – fundamentados pelas “informações enciclopédicas” e dicionários de língua – levam a uma interpretação que remete, por exemplo, a povos indígenas como os pré-colombianos no topônimo *Gualacho*, ficha 94, ou o indígena tupi *Jiquitibá*, ficha 117.

- e) Hibridismo: Segundo CÂMARA JR. (1985:137), *hibridismo* é o nome dado a um vocábulo “*cujos elementos provêm de línguas diversas.*” Resultantes do convívio da língua portuguesa com as línguas africanas e indígenas, os topônimos *Bananal* (ficha 13) – composto dos elementos [africano + português] – e *Taquara Queimada* (ficha 203) cujos elementos remetem às origens [indígena + portuguesa] – ilustram essa definição.
- f) Estrangeirismo: CÂMARA JR. (op.cit: 111) define *estrangeirismos* como sendo “*empréstimos vocabulares não integrados na língua nacional, revelando-se estrangeiros nos fonemas, na flexão e até na grafia.*” Em se tratando de topônimos, nomes já há muito integrados no sistema lingüístico local, proponho, neste trabalho, classificar como estrangeirismo aqueles nomes que não tiveram origens lusitana, africana nem indígena como o topônimo *Macau* (ficha 124).
- g) n/e: Quando não se teve certeza da origem do topônimo, não encontrando informações suficientes para esclarecer a sua taxonomia, adotou-se a abreviatura *n/e* (não encontrado).

HISTÓRICO: Neste item é apresentada a evolução do topônimo, quando esta ocorreu, com base nos documentos escritos. Serão observadas as formas extraídas de informações enciclopédicas e de documentos escritos dos topônimos coletados, a fim de recuperar o seu *continuum* histórico, como se exemplifica a seguir:

- a) a substituição total de um topônimo por outro, quando esta tiver ocorrido:

Santa Rita Durão < Inficionado < Nossa Senhora do Nazaré do Inficionado
(ficha 190)

- b) a substituição parcial do topônimo:

- por redução

Bonito < Francisco Lopes Bonito (ficha 41)

- por expansão

Bela Vista da Outra Banda < Bela Vista (ficha 23)

- c) a alternância grafemática e a evolução fônica do topônimo analisado, quando esta tiver ocorrido:

Almesca ~ Almesca < Almécega (ficha 9)

d) hipótese sobre uma provável origem, marcada com o sinal *.

Alto Jerônimo < *Alto do *Jerônimo* (ficha 6)

e) variação grafemática / ortográfica:

Covanca ~ *Cuvanqua* (ficha 73)

Obs: Os nomes estrangeiros, africanos e indígenas, neste item “histórico”, encontram-se em itálico.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Indica a classe gramatical, o gênero e o número de cada um dos topônimos, agrupados em esquemas ou estruturas morfossintáticas, relacionados abaixo:

1) Para nomes simples:

a) Nm [Ssing] = Nome masculino [Substantivo singular]: *Açude*.

b) Nm [Spl] = Nome masculino [Substantivo plural]: *Carvalhais*.

c) Nf [Ssing] = Nome feminino [Substantivo singular]: *Baxada*.

d) Nf [Spl] = Nome feminino [Substantivo plural]: *Caieras*.

2) Para nomes compostos:

2.1. Masculinos:

a) NCm [Ssing + Ssing] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Substantivo singular]: *Antônio Perera*.

b) NCm [Ssing + ADJ_{sing}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Adjetivo singular]: *Barro Branco*.

c) NCm [Ssing + ADV] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Advérbio]: *Mato Dentro*.

d) NCm [ADJ_{sing} + Ssing] = Nome Composto masculino [Adjetivo singular + Substantivo singular]: *Bom Ritiro*.

e) NCm [Qv + Ssing] = Nome Composto masculino [Qualificativo⁶⁴ + prenome ou apelido de família]: *Dom Silvério*.

⁶⁴ Utilizo-me da nomenclatura proposta por PRADO MENDES (2000: 86) que optou pela designação *Qualificativo* (Qv) para se referir, em seu trabalho, a títulos honoríficos.

f) NC_m [V + S_{sing}] = Nome Composto masculino [Verbo + Substantivo singular]: *Apaga Fogo*.

g) NC_m [Prep + S_{sing}] = Nome Composto masculino [Preposição + Substantivo singular]: *Sem Peixe*.

h) NC_m [S_{sing} + {Prep + S_{sing}}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Substantivo singular}]: *Diogo de Vasconcelos*.

i) NC_m [S_{sing} + {Prep + ADV}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Advérbio}]: *Gualacho de Cima*.

j) NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing} + S_{sing}] = Nome Composto masculino [Adjetivo singular + Substantivo singular + Substantivo singular]: *Santa Rita Durão*.

l) NC_m [S_{sing} + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular + Substantivo singular}]: *Morro do Agaú*.

m) NC_m [S_{sing} + {Prep + Apl + S_{sing}}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo plural + Substantivo singular}]: *Filipe dos Santo*.

m) NC_m [S_{sing} + {Prep + Apl + Spl}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo plural + Substantivo plural}]: *Corgo dos Pilões*.

n) NC_m [S_{sing} + ADV + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Advérbio + {Preposição + Artigo singular + Substantivo singular}]: *Mato Dentro do Bonfim*.

2.2. Femininos:

a) NC_f [S_{sing} + ADJ_{sing}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + Adjetivo singular]: *Água Fria*.

b) NC_f [ADJ_{sing} + S_{sing}] = Nome Composto feminino [Adjetivo singular + Substantivo singular]: *Boa Vista*.

c) NC_f [Spl + ADJ_{pl}] = Nome Composto feminino [Substantivo plural + Adjetivo plural]: *Águas Claras*.

d) NC_f [Spl + ADJ_{sing}] = Nome Composto feminino [Substantivo plural + Adjetivo singular]: *Lavras Nova*.

e) NCf [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular + Substantivo singular}]: *Cachuera do Brumado*.

f) NCf [ADV + {Prep + Asing + Ssing}] = Nome Composto feminino [Advérbio + {Preposição + Artigo singular + Substantivo singular}]: *Atrás da Serra*.

g) NCf [ADJ_{sing} + Ssing + {Prep + Pron + Ssing}] = Nome Composto feminino [Adjetivo singular + Substantivo singular + {Preposição + Pronome + Substantivo singular}]: *Bela Vista d'Otra Banda*.

h) NCf [ADJ_{sing} + Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] = Nome Composto feminino [Adjetivo singular + Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular + Substantivo singular}]: *Boa Vista do Loredó*.

i) NCf [{Prep + Pron} + Ssing] = Nome Composto feminino [{Preposição + Pronome} + Substantivo singular]: *D'outra Banda*.

No caso do vocábulo analisado ser um antropotopônimo – classificação dada ao “nome de lugar” constituído a partir de designativos pessoais – acrescentou-se a classificação:

- *Prenome* para nome da pessoa
- *Apelido de família* para sobrenome
- *Alcunha* para apelido, podendo ser depreciativo ou não
- *Hipocorístico* para tratamento familiar carinhoso

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Neste campo, encontram-se informações várias sobre o topônimo estudado, embasando a classificação sobre sua origem, sobre sua estrutura morfológica e sobre sua taxonomia.

CONTEXTO: Reservou-se este campo para mostrar as referências ao topônimo em contextos oral e escrito:

1) *oral contemporâneo* – campo reservado para anotações de trechos das entrevistas em que ocorre o topônimo estudado. As referências às entrevistas encontram-se abaixo de cada trecho transcrito, à direita. São referenciados o número do anexo, o número da entrevista, a página e a linha em que se encontram inseridos nas transcrições. Ex: Oral contemporâneo do topônimo *Gambo* (Cf. Anexo 1 – Entrevista 15 – P. 99, L. 145-148).

2) *documento escrito* – subdivide-se em:

2.1. *documento escrito contemporâneo* – procurou-se encontrar documentos antigos, quando isso não foi possível, citam-se documentos contemporâneos como cartas geográficas, com datação a partir de 1976.

2.2. *documento escrito antigo* – constitui-se de:

- cartas de sesmaria transcritas e originais (cf. anexo);
- escrituras (cf. anexo);
- cartas geográficas antigas;
- narrativas de viagem;
- correspondência familiar (cf. anexo)
- documentos incritos no *Códice Costa Matoso*;
- documentos paroquiais;
- documentos cartoriais.

Quanto às cartas de sesmaria foram utilizadas dois tipos: as já transcritas, encontradas em publicações como a *R.A.P.M.* e em outras obras e as originais guardadas no A.P.M.

a) As cartas já transcritas foram utilizadas tais como se apresentavam;

b) Das cartas originais, fez-se cópia, alterando-se somente as abreviações, que foram desfeitas, mas o restante permaneceu como no original: ortografia, fronteira de palavras, etc.

Quando um dos itens da ficha não ocorre ou não sendo possível sua classificação, essa ausência é marcada com as abreviações:

- n/c (não classificado);
- n/e (não encontrado).

As fichas, como se verá no próximo capítulo, constituem uma análise detalhada do topônimo, com informações que o integram à sociedade e à cultura, como propõem DAUZAT e DICK em metodologia já relacionada anteriormente, ou seja, as fichas ultrapassam a mera função nomenclatória.

2.2. AS TAXONOMIAS TOPONÍMICAS

Adotando um critério metódico de organização das idéias a serem desenvolvidas, procurou-se examinar as motivações toponímicas sob o ângulo do ambiente, físico e social, já que a denominação de lugares remete ao homem, em um determinado contexto antropocultural. Tal postura encontra respaldo em SAPIR que diz não acreditar na força ambiental isolada, mas sim condicionada à força social:

Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte.⁶⁵

Embora haja dois grupos de fatores ambientais, o fator físico só se reflete na língua quando, sobre ele, atuou a força social, ou seja, o surgimento de um símbolo lingüístico reporta-se à influência da parte social do ambiente, aos membros do grupo que nele interagem. Em um estudo toponímico tal fato é bastante evidente, já que no seu léxico se enxerga a cultura de um povo.

Para análise dos aspectos taxonômicos dos nomes de lugares, procurou-se seguir as taxonomias toponímicas sugeridas e adotadas por DICK(1990), que distribui em 27 taxes a sua classificação, traduzindo condutas motivadoras orientadas pela ordem física e antropocultural de suas ocorrências.

2.2.1. Taxonomias de natureza física

2.2.1.1. Astrotopônimos

É a taxe utilizada para se referir a topônimos, cujos nomes remetem a corpos celestes, com ou sem luz própria: *Estrela, Lua, Sol*, etc.

2.2.1.2. Cardinotopônimos

É o nome dado ao topônimo quando este faz referência à posição geográfica: *Rio Grande do Sul, Praia do Leste*, etc.

2.2.1.3. Cromotopônimos

Classifica-se o topônimo com esta taxe quando ele faz referência à cor como, por exemplo, *Rio Negro*.

2.2.1.4. Dimensiotopônimos

É quando o topônimo se reveste do sentido de extensão, comprimento, largura, dimensão, profundidade: *Rio Grande, Morro Alto*, etc.

2.2.1.5. Fitotopônimos

No processo de ocupação humana no país e, mais especificamente, em Minas, a vegetação constituiu um meio importante nos estudos toponímicos, dado o seu caráter

⁶⁵ SAPIR (1961: 44)

referencial, na medida em que retrata o meio ambiente do passado. Entre os fitotopônimos pode-se ter, por exemplo, *Jacarandá*, *Folha Seca*, etc.

2.2.1.6. Geomorfotopônimos

O estudo toponímico do relevo, seja no sentido de elevações ou depressões, permite que se observem etapas sucessivas do povoamento brasileiro. Em Minas Gerais, em relação aos fatos denominativos, pode-se observar, em um primeiro momento, topônimos que remetem a escavações e à procura incessante do ouro, como *Morro Alto*, *Buraco Fundo*; em um segundo momento, ao assentamento do homem no solo, devido, sobretudo, à prática da pecuária e da agricultura, podendo-se, então, observar *Baixada*, *Vargem*.

2.2.1.7. Hidrotopônimos

Os cursos d'água são de vital importância para o homem e, em Minas, na grande maioria das vezes, serviu como guia para a penetração no interior, vias naturais de acesso às matas e à riqueza do ouro, como também à fertilidade do solo. Como exemplo desta taxonomia pode-se citar *Rio Doce*, *Ribeirão das Neves*.

2.2.1.8. Litotopônimos

Ao lado do relevo, o solo é um dos fatores responsáveis pela permanência do homem em uma região. Enquadram-se nessa taxa os topônimos de índole mineral como *Areia*, *Barro*, *Lama*, *Terra*, *Ferro*, *Aço*, *Cobre*, *Ouro*, *Prata e pedrarias*. Entretanto, se se encontram revestidos de caráter sociocultural para a história do país, alinham-se entre os sociotopônimos.

2.2.1.9. Meteorotopônimos

É quando o topônimo remete a idéia de fenômenos produzidos na atmosfera terrestre, entre eles, pode-se citar *Ventania*, *Trovoada*, *Chuvisco*, etc.

2.2.1.10. Morfotopônimos

Relativo aos topônimos cujo sentido lembra as formas geométricas, tais como: *Quadrado*, *Redondo*, *Círculo*, etc.

2.2.1.11. Zootopônimos

Entre as fontes motivadoras de topônimos é comum, no Brasil, a presença de animais que poderia estar ligada ao seu *habitat*, como *Araras*.

2.2.2. Taxonomias de natureza antropocultural

2.2.2.1. Animotopônimo ou Nootopônimo

Quando não se consegue vincular o fato onomasiológico a um motivo aparente, ou seja, quando a motivação toponímica abrange áreas do psiquismo humano, indo além do meio físico, a categoria em que o nome se enquadra é a do animotopônimo ou nootopônimo. Tais nomes são: *Afeto, Bondade, Glória, Liberdade, etc.*

2.2.2.2. Antropotopônimos

São os nomes de lugares constituídos a partir de prenomes, apelidos de família, hipocorísticos, alcunhas, ou pelo conjunto onomástico completo. Caracterizam-se, principalmente, por nomear acidentes geográficos, evidenciando a noção de posse.

2.2.2.3. Axiotopônimos

Quando o antropotopônimo vem acrescido de um título, como *doutor, desembargador, mestre, brigadeiro, capitão, barão, príncipe, etc.*, ele se insere na categoria dos Axiotopônimos.

2.2.2.4. Corotopônimos

São os topônimos relativos a nomes de cidade, a países. Ex: *Brasília.*

2.2.2.5. Cronotopônimos

São indicadores cronológicos, representados em Toponímia pelos adjetivos *novo, nova, velho, velha.* Formam nomes de lugares que indicam a passagem do tempo. Ex: *Vila Velha.*

2.2.2.6. Dirrematopônimo

São sintagmas toponímicos, expressões cristalizadas, ou seja, sintagmas semantizados: *Passa Quatro, Graças a Deus, etc.*

2.2.2.7. Ecotopônimos

Inserem-se nessa categoria, os nomes relativos à habitação em geral como *casa, sobrado, etc.*

2.2.2.8. Ergotopônimos

Referem-se a elementos da cultura material do homem. Nessa categoria estão somente os nomes que não deixaram transparentes a sua motivação: *Gancho, Lança, Baú, Chapéu, etc.*

2.2.2.9. Etnotopônimos

São os topônimos relativos a grupos étnicos, tribos isolados ou não: *Ilha do Francês, Judeu, Índio, etc.*

2.2.2.10. Hierotopônimos

Nessa taxa, encontra-se a toponímia de origem religiosa, isto é, os nomes sagrados de diferentes crenças, locais de culto, membros religiosos, associações religiosas e datas relativas a esses fatos: *Dom Silvério, Capela, etc.* Apresenta duas divisões:

2.2.2.10.1. Hagiotopônimos

Inserem-se nessa categoria os topônimos referentes aos nomes de santos e santas da religião católica romana: *Santa Clara, Santo Antônio, etc.*

2.2.2.10.2. Mitotopônimos

São os topônimos referentes ou que recordam entidades mitológicas: *Saci, Boitatá, Curupira, etc.*

2.2.2.11. Historiotopônimos

São os topônimos ditos históricos, que relembram a história do país, seus personagens e datas como, por exemplo, a presença dos *Bandeirantes, Tiradentes, Independência, 7 de setembro, etc.*

2.2.2.12. Hodotopônimos

São os topônimos relativos aos caminhos, ao que liga, ou melhor, às vias de comunicação rural e urbana: *Ponte Nova, Caminho de Santiago, etc.*

2.2.2.13. Numerotopônimos

Topônimos relativos a adjetivos e numerais: *Sete Lagoas, Três Coroas, etc.*

2.2.2.14. Poliotopônimos

Referem-se às taxas relacionadas aos aglomerados populacionais, tais como vilas, cidades, aldeias, povoados, etc.: *Serra da Aldeia, Arraial do Cabo.*

2.2.2.15. Sociotopônimos

Referem-se às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de reunião de um grupo como *praça, largo*, etc. DICK inclui entre eles também as ocorrências relativas a *catas, lavras, garimpo, lavagem, engenho, monjolo*.

2.2.2.16. Somatopônimos

São topônimos dotados de caráter metafórico e que têm seus nomes interpretados como designativos em relação analógica às partes do corpo humano ou do animal, tais como *Pé de Boi, Pé de Galinha, Dedo Grosso, Mão Quebrada*, etc.

2.3. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Tradicionalmente, como se viu no capítulo 1, os estudos toponímicos se utilizam de dados da língua escrita a partir dos quais se identificam camadas dialetais, raízes e etimologias dos nomes de lugar. No entanto, neste trabalho, optou-se por partir do presente, observando dados de língua falada, ir ao passado, consultando mapas e documentos para coletar dados de língua escrita e, depois, com as informações toponímicas em mãos, contrapor esses dados de língua escrita aos de língua falada contemporânea.

Assim, iniciou-se a pesquisa com a coleta de dados contemporâneos, ocorridos em trinta gravações orais. Com a intenção de deixar o entrevistado à vontade, as perguntas variaram conforme o ambiente, acontecendo, inclusive, algumas vezes, a participação de dois ou três informantes em uma mesma gravação. O tema dominante nas entrevistas do Projeto *Pelas Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais* sempre foi *os nomes de lugares da Região do Carmo*, mas dialogou-se, também, a respeito das famílias, costumes, tradição, origens, “causos”, lendas, entre muitos outros assuntos. Embora os *nomes de lugares* se manifestassem durante as entrevistas do Projeto *Filologia Bandeirante*, ocorreram em menor número, mesmo porque o interesse pelos estudos toponímicos não se evidenciava na época em que se realizaram essas gravações.

Após transcritas as gravações, identificou-se o topônimo e partiu-se para a segunda etapa da pesquisa que foi a busca de documentos antigos que pudessem conter a forma escrita. Quando não foi possível encontrar documentos antigos que contivessem o topônimo, procurou-se recorrer a documentos contemporâneos. O passo seguinte foi comparar a forma encontrada na língua oral contemporânea com a sua forma correspondente no documento escrito, resultando daí o histórico do topônimo. Com o topônimo identificado,

procurou-se preencher os dados enciclopédicos, a origem e os demais campos da ficha, conforme se mostrou no modelo “fichas lexicográficas” em 2.1.

2.3.1. A coleta de dados

DICK e SEABRA⁶⁶, em seu trabalho sobre os *Caminhos das águas, povos dos rios: uma visão etnolingüística da toponímia brasileira*, dizem que

Qualquer estudo da toponímia brasileira, ainda que em perspectivas diversas e sob distintas orientações ou critérios de análise – histórico, ambiental, etnolingüístico ou psicossociológico, por exemplo – sempre envolve alguma referência a dois pontos nucleares: a posse do território pelo domínio dos caminhos terrestres e lacustres e a conquista espiritual dos locais.⁶⁷

O Rio Carmo, por sua característica física e emotiva, água e religião ou fé – pois evoca a proteção de Nossa Senhora do Carmo – indica os primórdios da ocupação do território mineiro na medida em que permitia aos desbravadores o reconhecimento de um solo rico, sob a proteção cristã.

São tantos os rios notáveis [...] mas há aqueles que só pertencem a certos sítios [...] cada um deles revelando, em suas formas de expressão, as marcas de um grupo étnico distinto, ou uma determinada referência fáctica. Os objetos assim simbolizados, lingüisticamente, caracterizam variações vocabulares locais, com um raio diatópico mais ou menos preciso. De qualquer modo, são frutos do meio que os conformou e possibilitou a sua história onomástica⁶⁸.

Encontram-se nos topônimos que nomeiam as terras banhadas pelo rio Carmo e seus afluentes os dados desta pesquisa. Partindo da nascente do rio Carmo em Ouro Preto até seu encontro com o rio Piranga, quando suas águas se ajuntam e se “transformam” em rio Doce, procurou-se, inicialmente, coletar dados toponímicos orais de informantes da região estudada. Alguns poucos topônimos, coletados durante as entrevistas, caracterizam-se por não estar à margem de algum afluente do Carmo, porém foram considerados, para efeito de análise, topônimos da região do Carmo, por estarem ligados à região estudada, seja através de histórias sobre o ouro, seja pela rota de gado, pertencendo, portanto, a uma mesma rede semântica, ou a um mesmo perfil lexicogênico.

O *corpus* se constituiu de trinta entrevistas, sendo selecionados para análise 210 topônimos. Foram pesquisados topônimos de nove municípios, a saber: Ouro Preto, Mariana, Barra Longa, Diogo de Vasconcelos, Acaiaca, Rio Doce, Alvinópolis, Dom Silvério, Ponte Nova.

⁶⁶ DICK & SEABRA (2002: 64-91)

⁶⁷ Ibidem (2002: 64)

⁶⁸ Ibidem (2002: 65)

As entrevistas foram gravadas, em sua maioria, na casa dos informantes, em conversa informal, utilizando-se de gravador portátil, colocado em lugar que não causasse constrangimento, tendo em mente sempre o que ensina PAIVA BOLÉO (1924):

O explorador de palavras locais ou regionais deve estabelecer bem no seu espírito o fato de que é ele quem deve se adaptar às conveniências do informante e não este às suas. Por conseguinte, servir-lhe-ão todos os lugares para fazer o inquérito, de que o informante esteja à vontade e haja o sossego suficiente. Chamá-los à pensão ou à casa onde habitamos a pretexto de que as casas do povo são pobres e tão pouco asseadas que não nos sentiríamos bem lá, é princípio que se deve pôr de lado, aceitando-o apenas quando de todo não puder deixar de ser. Convém não nos esquecermos de que o homem ou mulher do povo só está à vontade no seu meio próprio: a sua casa ou sítio onde trabalha é aí que devemos proceder ao inquérito, tanto mais que só desta maneira teremos ao nosso alcance um grande numero de objetos do seu uso e que nos interessam.⁶⁹

Todas as fitas com duração de 60 minutos foram etiquetadas no momento da gravação. O tempo para a gravação e o número de sessões dependeu da disponibilidade e interesse de cada informante, variando de trinta minutos a três horas e meia de conversa.

Como a variante zona – urbana e rural – não apresentasse diferenças significativas nesta análise, foram entrevistadas pessoas das duas áreas, predominando a rural com 90% dos informantes.

2.3.2. A escolha dos informantes

Para o estudo aqui apresentado, estabeleceu-se que os informantes pertenceriam à faixa etária superior a 70 anos. Além disso, deveriam ser, preferencialmente, nascidos na região estudada e ter sempre vivido lá. Com relação à escolaridade, procurou-se, também, de preferência, selecionar pessoas com baixa escolaridade. Entretanto, neste trabalho, lançou-se mão, de alguns informantes com grau maior de escolaridade e três informantes com idade entre 65 e 70 anos. O perfil do informante com escolaridade baixa ou nenhuma escolaridade já fora delineado como “ideal” pelos integrantes do Projeto *Filologia Bandeirante* e vem sendo seguido pelo Projeto *Pelas trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais*. Acredita-se que pessoas com o perfil acima exposto possam fornecer dados lingüísticos importantes, pois têm vinculação com a linguagem adquirida há mais de setenta anos, sem quase nenhuma interferência escolar.

Na apuração dos dados sobre os informantes, observa-se:

Quanto à **idade**: 9% situam-se entre 65 e 69 anos; outros 9% na faixa etária de 70 a 74 anos; 36% são os informantes que se situam entre 75 e 79 anos; 15,5% entre 80 a 84

⁶⁹ Apud CONFORTIN (1998: 86)

anos; 18,5% entre 85 a 89 anos; 6% entre 90 a 94 anos; 3% entre 95 a 99 anos e outros 3% entre 100 e 104 anos.

Quanto ao **sexo**: tem-se 39% de informantes do sexo feminino e 61% do sexo masculino. Todos são brasileiros, nascidos na região ou para lá migrados ainda crianças.

Quanto ao grau de **escolaridade**: 9% são analfabetos; 72,5% não completaram o primeiro grau; 18,5% possuem o 2º grau (completo ou não).

Em relação à **ocupação profissional**: 76% são agricultores, sitiantes, fazendeiros ou pessoas que lidam com a terra; 15% são “do lar”; 6% são professores; 3% padres.

2.3.3. As transcrições

À medida em que se realizavam as entrevistas, elas foram sendo transcritas, isto é, os dados obtidos da língua oral eram transportados para a língua escrita, para que se pudesse estudá-los. Algumas regras para a transcrição de fitas já haviam sido adequadas pela equipe de trabalho do projeto *Filologia Bandeirante*, outras foram implantadas posteriormente. Procurou-se conservar, nessas transcrições, elementos importantes da língua oral, como ênfase, truncamento, repetições, vozes simultâneas, pausas, supressão de vogal ou consoante, prolongamentos, etc. Não se trata de uma transcrição fonética, já que são vários os interesses da equipe (léxico, sintaxe, morfologia, etc), é uma transcrição ortográfica, porém adaptada. As normas estabelecidas para a transcrição foram:

Orientações gerais:

- a) a transcrição não pode ser sobrecarregada de símbolos;
- b) deve ser adequada aos fins;
- c) deve permitir a compreensão do significado do texto;
- d) deve respeitar o vocábulo mórfico como unidade gráfica⁷⁰;
- e) deve tentar facilitar ao leitor a criação de uma “imagem” do texto elaborado no plano da oralidade⁷¹.

1 – Nem tudo será registrado:

- a) o alçamento das postônicas não será registrado

ex.: *carne* = *carni*; *namorado* = *namoradu*

(A idéia é: o que é categórico, não-marcado no dialeto, não precisa ser registrado)

2 – Serão registrados:

⁷⁰ FERREIRA NETTO & RODRIGUES (2000)

⁷¹ *Ibidem*

a) alteamento/abaixamento das pretônicas

*pir*di = *per*di

*reber*ão = *ribeir*ão // *pre*mero = *prime*iro

b) a redução dos ditongos [ow];[ey];[ay], serão grafados ortograficamente como pronunciados:

*dot*ô = *doutor*

*fal*ô = *falou*

*prim*ero = *primeiro*

c) ausência do -r:

- no final dos nomes: *doutor* = *dot*ô

- no final dos verbos: *falá* = *falar*; *comê* = *comer*

- no meio dos vocábulos: *pá* = *prá*; *madugada* = *madrugada*

d) ausência do -m final, desnasalização:

homem = *home*

garagem = *garage*

e) nasalização de segmentos normalmente não-nasalizados deverão ser marcados com o til:

*ĩ*lusão = *ilus*ão

*ẽ*izame = *exame*

f) prótese: as próteses serão marcadas ortograficamente, como pronunciadas:

*I*zé = *Zé*

*I*eu = *Eu*

*A*lembrá = *lembrar*

g) supressão de consoantes, vogais ou sílabas finais, serão marcadas com apóstrofo.

mai' ~ *mais*

ago' ~ *agora*

h) paragoge:

mali = *mal*

i) iotização, grafando com i:

fia = *filha*

jueio = *joelho*

j) aglutinação, com apóstrofo:

dex'eu ~ *deixa eu*

pr'eu ~ *para eu*

l) pronomes *ele, ela, eles, elas* e *eu* serão grafados como realizados:

Eis = eles;

Ê = ele;

Ea = ela

Eas = elas

m) casos de *uma, alguma, nenhuma, etc* marcar com til:

ũa ~ uma;

algũa ~ alguma

n) variação fonética do s – será grafada como efetivamente realizada:

mermo ~ mesmo

memo ~ mesmo

3) Indicações de:

- Pausa: reticências...
- Inaudível ou hipótese do que foi ouvido, parênteses simples: ()
- Comentários:(())
- Sobreposição de fala: { }
- Discurso direto: “ ”
- Ênfase: maiúsculas
- Truncamento: /

Procurou-se seguir, na medida do possível, as indicações acima relacionadas para as transcrições das entrevistas utilizadas nesta pesquisa toponímica. Essas entrevistas se encontram nos anexos 1 e 2 deste trabalho:

Anexo 1: Entrevistas do Projeto *Pelas trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais*

Anexo 2: Entrevistas do projeto *Filologia Bandeirante*

Considerando a importância da história do povoamento e o processo migratório em um estudo léxico-toponímico de cunho cultural, dar-se-á enfoque, no próximo capítulo, à caracterização histórica da Região do Carmo.

*Vou vendo o que o rio faz
Quando o rio não faz nada
Vejo os rastros que ele traz,
Numa seqüência arrastada,
Do que ficou para trás.*

CAPÍTULO 3 – ASPECTOS HISTÓRICOS DA REGIÃO DO CARMO

Considerando a língua como um fato social e, por isso, profundamente ligada e dependente do meio em que é usada, acredita-se que, quanto melhor conhecer e caracterizar o contexto sociocultural em que os fatos lingüísticos acontecem, melhores condições se tem de identificar as causas e mecanismos que provocam tais fatos e as interferências que se verificaram no decorrer dos tempos.

3.1. A CONQUISTA DAS MINAS PELOS BANDEIRANTES PAULISTAS

Algumas poucas expedições foram feitas ao atual território de Minas Gerais, durante os séculos XVI e XVII. Sabe-se que só depois de 1650, com o incentivo dos reis de Portugal, é que se intensificaram as incursões nas terras mineiras. Já naquela época eram crescentes os boatos da existência de verdadeiros eldorados no interior do País. A história de Minas tem início, na realidade, com a partida de São Paulo da Bandeira de Fernão Dias Pais em 21 de julho de 1674. A “Bandeira das Esmeraldas”, como foi chamada, não encontrou as pedras verdes tão desejadas, mas foi grandiosa como descobridora do território que veio a ser o estado de Minas Gerais. Por caminhos terrestres, muitas vezes seguindo antigas trilhas de índios, a história de Minas começa a ser contada.

Seguindo os caminhos abertos por Fernão Dias Pais (1674-1681), o bandeirante taubateano Antônio Rodrigues Arzão descobre a primeira jazida de ouro nos sertões das Minas Gerais, entre 1692 e 1693. Chegara, com um grupo de 50 homens, através dos sertões do Rio Doce, até o distrito de *Caeté* onde, guiado por uma índia, conseguira recolher algumas pepitas de ouro. Arzão morreu logo após regressar a Taubaté, mas deixou a seu cunhado, Bartolomeu Bueno de Siqueira, os dados necessários para futuras expedições. Este último, em 1694, acompanhado de amigos e parentes, embrenha-se pelo interior atrás do ouro, regulando-se pelos picos elevados de algumas serras, que lhe serviam de faróis na imensidão deserta. Atinge, assim, a Serra de Itaverava, e em seguida a região onde deveria ser erguida mais tarde Ouro Preto. Devido à escassez de alimentos, divide seus homens, deixando alguns sob o comando do capitão Miguel Garcia de Almeida e Cunha, cuidando das plantações de milho. Enquanto aguardava a produção de lavouras, o taubateano Miguel Garcia fez algumas incursões, chegando a alcançar o rio *Gualacho* do Sul, outrora chamado ribeirão Miguel Garcia, em cujo leito descobriu sinais de ouro.

No ano seguinte, uma nova Bandeira parte do Estado de São Paulo, tendo à sua frente o também taubateano Salvador Fernandes Furtado que descobre, juntamente com Carlos Pedroso da Silveira e Bartolomeu Bueno, riquíssimas jazidas de ouro em um ribeirão que viria a ser chamado de ribeirão do Carmo. Com o padre carmelita, Francisco Gonçalves Lopes, capelão da Bandeira, erguem, em 16 de julho de 1696, uma capela próxima às margens desse ribeiro, sob a invocação de Nossa Senhora do Carmo. Posteriormente, com a chegada de exploradores nessas paragens, formou-se um centro populoso, considerável o suficiente para que se lançassem os primeiros fundamentos de uma vila que recebeu, em 8 de abril de 1711, o nome de *Villa do Ribeyrão de Nossa Senhora do Carmo*, depois *Vila do Carmo* e quando elevada à cidade, pela Carta Régia de 23 de abril de 1745, o nome de *Mariana*, em homenagem à rainha D. Mariana da Áustria, esposa de Dom João V, quando da criação de um bispado em Minas.

Enquanto isso, outro bandeirante de Taubaté, Antônio Dias, encontrava as primeiras minas nas margens do córrego *Tripuí*. O padre João de Faria e os paulistas Tomás Lopes de Camargo e Francisco Bueno da Silva – o Anhangüera – percorreram também toda aquela região, descobrindo inúmeras jazidas, das quais se extraía, em grande quantidade, ouro de uma coloração negra, que chamaram de ouro preto. Por causa da cor escura do metal retirado, deram à serra que o continha, o nome de *Serra de Ouro Preto*. Ergue-se, logo em seguida, no pé da serra, uma cidade com o mesmo nome: *Ouro Preto* se tornou rapidamente o centro de um vasto território, denominado *Minas Gerais*, cujos habitantes foram chamados *mineiros* (mineradores).

Esse território das minas foi posto, de início, sob a dependência da Capitania Geral do Rio de Janeiro; depois, segundo FERRAND⁷² “em virtude de sua importância crescente, foi reunido ao território de São Paulo, a fim de formar a Capitania geral de São Paulo e Minas, com a cidade de São Paulo como capital (Carta Régia de 23 de novembro de 1709)”. O primeiro governador da nova capitania geral, quando de sua ida a Minas, para instalar um regime regular e regulamentar os impostos, confirmou o estatuto de vila para Ouro Preto, com o nome de *Villa Rica de Ouro Preto*, a 8 de julho de 1711. Posteriormente, com o crescimento da *Vila* e com o aumento da população no novo território, o governo da metrópole “elevou, por Provisão de 2 de dezembro de 1720, a Capitania subalterna de Minas Gerais à condição de capitania geral, independente de São Paulo, com *Villa Rica* como capital.” Essa vila passou ao nível de cidade e retomou seu antigo nome de *Ouro Preto*,

⁷² FERRAND (1998: 83)

quando aconteceu a independência do Brasil, em 1822, tornando-se capital da província de Minas Gerais, com o nome de *Imperial Cidade de Ouro Preto*.

Segundo ZEMELLA⁷³,

Os primeiros descobridores das Gerais encontraram ouro sob a forma de grãos ou folhetas, no leito dos rios (faisqueiras). Depois, descobriram que, quando o rio era rico em metal precioso, geralmente suas margens também apresentavam depósitos de ouro aluvional (tabuleiros). Bem mais tarde é que passaram a pesquisar as encostas das montanhas (grupiaras). Então perfuraram os montes à procura dos veios, filões e camadas. Abriram poços e galerias ou executaram trabalhos de desmante a “talho aberto”.

Os processos de extração foram se tornando, com o tempo, mais e mais complexos, desde a colheita do ouro em simples pratos de estanho (bateias) até a construção de “canoas”, mundéus, emprego de máquinas hidráulicas como o “rosário”, escavamento de galerias e poços, desvio do leito dos rios, desmontes das encostas por processos hidráulicos, etc.

Quanto mais complicados e custosos eram os processos de extração do metal, mais se sedentarizavam os mineradores, estabelecendo arraiais de caráter permanente, com construções sólidas, feitas para desafiarem os anos.

Todos os historiadores que tratam da história antiga de Minas são unânimes em afirmar que por toda parte havia provas da existência do metal e, onde, no começo do século só havia florestas impenetráveis, dez anos mais tarde havia vilas populosas.

[...] dizem que mais de trinta mil almas se ocupam umas em catar, outras em mandar catar nos ribeiros do ouro; e outras em negociar, vendendo e comprando o que se há de mister não só para a vida, mas para o regalo, mais que nos portos de mar.

Cada ano vem nas frotas quantidade de portugueses e estrangeiros para passarem às minas.⁷⁴

Mas não era só o ouro que já no final do século XVII e início do XVIII chamava a atenção para a região das Minas. As roças plantadas não sustentavam toda aquela multidão que corria para as novas terras: havia pessoas morrendo de fome. É nessa época que a história registra o topônimo *Sumidouro*, hoje *Padre Viegas*, região próxima à *Mariana*, onde morreram milhares de pessoas devido à escassez de alimentos. A preocupação com a falta de alimentos é registrada em muitos outros documentos do início do século XVIII, como podemos observar nesse trecho a seguir:

O homem pode viver sem ouro, e até mesmo sem / vestidos, taes são os índios do Brazil, mas como ninguém pode viver sem alimentos...⁷⁵

⁷³ ZEMELLA (1990: 41)

⁷⁴ ANTONIL (1923: 213)

⁷⁵ Apud BOSCHI (1998: 90)

3.2. A POSSE DO TERRITÓRIO PELOS TAUBATEANOS

Os historiadores registram duas grandes evasões da população na região do Carmo, decorrentes da escassez de alimentos: a primeira por volta de 1697-1698 e a segunda nos anos de 1701-1702.

A primeira escassez de alimentos ocorreu antes que se desse o descobrimento da Serra de Ouro Preto, obrigando os mineradores dos ribeiros de Miguel Garcia (hoje, Gualacho) e do Carmo, única parte das Minas até então conhecida e explorada, a se dispersarem para “matos distantes”, conforme noticia o ofício de Artur de Sá ao Rei, em 20 de maio de 1698, do qual se extrai o seguinte trecho:

[...] é sem dúvida que rendera muito grande quantia, se os mineiros tiveram minerado este ano, o que não lhes foi possível pela grande fome, que experimentaram, que chegou a necessidade a tal extremo, que se aproveitaram dos mais imundos animais, e faltando-lhes estes para poderem alimentar a vida, largaram as minas e fugiram para os matos com os seus escravos a sustentarem-se das frutas agrestes que neles achavam; porém este ano há esperanças pela abundância das novidades do presente, de que recuperem o que perderam, e pelas notícias que tenho das sobreditas minas, são de grande rendimento, e quanto mais entram pelo sertão, dizem que são mais ricas, e a duração delas será para muitos anos; porque em todos aqueles ribeiros e serras, dizem se acha ouro. Estimarei muito que minhas diligências produzissem grandes aumentos à Real Fazenda de Vossa Majestade, a quem Deus guarde.⁷⁶

Mas nem todos os moradores do Carmo fugiram para os matos atrás de comida. Muitos regressaram a São Paulo enquanto aguardavam as “roçadas” para mantimentos, conforme mostra o relato de um paulista ao ouvidor geral das minas de Ouro Preto, Caetano da Costa Matoso, no ano de 1750:

Deste lugar de onde tiraram grosso cabedal se recolheram para São Paulo, a suas casas, fugindo das grandes fomes que padeciam por falta de mantimentos, que chegou algum ponto que houve de milho, pelos poucos que no passado ano haviam plantado para sustentar os muitos que haviam concorrido à fama que retumbava das grandezas de ouro que se tinha descoberto, a trinta e a quarenta oitavas o alqueire de milho, e o do feijão a setenta e oitenta; e os campos e montanhas já estéreis de caças e víveres silvestres, que o muito povo que por todas as partes penetrava tinha destruído e consumido. De sorte que, na distância de trinta e quarenta dias de jornada que havia das Minas a São Paulo, partiam sem provimento algum, e muitos acabaram de fome, sem remédio, e houve tal que matou ao seu companheiro por lhe tomar com a sua tenaz de pau uma pipoca de milho que do seu boralho saltou para o do outro, dos poucos grãos que cada um tinha para alimentar a vida naquele dia, aprovando-se, por este caso, com realidade, o provérbio comum de que a fome não tem lei.⁷⁷

⁷⁶ Apud VASCONCELOS, 1º v. (1974: 167)

⁷⁷ *Código Costa Matoso* (1999: 174-175)

Em busca de víveres e de lugares propícios para fazer suas roças, os primeiros desbravadores vão acompanhando o curso dos rios *Carmo* e *Gualacho*. Datam, dessa época (1697-1698), as mais antigas fazendas da região. Com as colheitas de 98, que foram as primeiras obtidas na zona do ouro, tinha-se promovido a abundância e os arraiais de Miguel Garcia e do Carmo repovoaram-se. Porém, por pouco tempo.

A questão do abastecimento preocupava não só aos desbravadores mas, também, às autoridades da época, como se pode observar pela carta de 30 de novembro de 1700, quando Artur de Saa e Menezes, governador da província de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, dirige-se a Dom João de Lencastro, governador e capitão geral do “Estado do Brasil”, noticiando a existência do ouro na região do *Ribeirão de Nossa Senhora do Carmo* e demonstrando a sua preocupação com a falta de mantimentos.

Os anos de 1701-1702 trouxeram novamente a fome à região. Na serra de Ouro Preto houve uma debandada de moradores que haviam se esquecido, cegos que estavam pela febre do ouro, de providenciar alimentos. Muitos voltaram para São Paulo, dentre eles o Padre Faria⁷⁸, outros se dispersaram pelas matas ainda não devastadas. Segundo VASCONCELOS⁷⁹,

a deserção da serra de Ouro Preto foi tão geral em 701-702, que o mesmo descobridor Antônio Dias de Oliveira não se manteve no lugar nem mais repovoou a sua mina. Como praticasse com o Borba, e soubesse que durante o tempo, em que este viveu com os índios, havia achado pintas ricas de ouro no Piracicava, Antônio Dias, de volta de São Paulo, passando por todos os arraiais novos de seus amigos, avançou mais longe, e no mesmo ano (1706) em que o Alcaide-mor fundara São Miguel, erigiu ele o arraial de Antonio Dias Abaixo, onde igualmente nonagenário se finou.

“Raros paulistas, e sim taubateanos, ocuparam a zona do Carmo, e que, sendo amigos e parentes do Coronel Salvador Fernandes, todos se estabeleceram em torno do Morro Grande”⁸⁰, atualmente São Caetano, distrito de Mariana. Em 1703, o Padre Francisco Gonçalves consagrou nesse lugar uma capela sob a invocação de Nossa Senhora de Loreto, dando origem ao arraial.

Enquanto acontecia a segunda dispersão dos moradores do Carmo, do lado oposto à Serra do Espinhaço (antigamente, Serra de Ouro Preto), na bacia do Rio São Francisco, a ocupação do Rio das Velhas expandia-se, transformando-se em um novo distrito do ouro.

⁷⁸ Um dos fundadores de Ouro Preto.

⁷⁹ VASCONCELOS (1974: 182)

⁸⁰ *Códice Costa Matoso* (1999: 181) “Entre aqueles que não temendo a fome e trabalhos que oferecia a assistência do rio do Carmo foi o coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça. Depois de lavrar o mais fácil das datas que teve no seu descoberto do Bom Sucesso, como em seu lugar dissemos, deixando o mais difícil, que ao depois enriqueceu a muitos, veio a descobrir e situar-se onde hoje está fundada a freguesia de São Caetano, naquele tempo chamado Morro Grande”.

Paralelamente às atividades de exploração das minas, era necessário adentrar as matas, procurar solos férteis, solucionar o problema do suprimento. Desse modo, inicia-se nessa região o processo de assentamento, de estabelecimentos definitivos na região do Carmo:

João de Siqueira Afonso, atravessando a serra de leste, descobriu as minas do Sumidouro; e uma légua adiante João Pedroso as do Brumado. Antônio Forquim da Luz descobriu também as do Forquim, onde o Padre Francisco Gonçalves consagrou a capela do Bom Jesus do Monte em 1704.

Ao passo que estas capelas erigiam-se dando princípio às povoações do Ribeirão, outras minas e povoações se formavam para o lado do norte com os desertores da serra do Ouro Preto e muitos também do Carmo.

Uma légua pequena além dos Camargos Bento Rodrigues, que em sua roça do Guaipacaré, perto de Guaratinguetá, havia subido com Artur de Sá, achou o ribeiro, a que deu seu nome, e de onde em cinco braças de extensão tirou cinco arrobas de ouro, caso que deu lugar à invasão dos flibusteiros em tal desordem, que desse arraial fizeram o mais barulhento lugar da antigüidade (1702).

O Sargento-mor Salvador de Faria Albernaz, que havia entrado para o Carmo em 99 com o Coronel Salvador Fernandes, nesse mesmo ano, descobriu as jazidas do Coatinga(Caatinga, mato branco) denominadas hoje do Passa-Dez; e à meia légua distante as incomparáveis minas do ribeirão do Inficionado. Pesquisando as fraldas do Caraça, o licenciado Domingos Borges descobriu as de Catas Altas; e Antônio Bueno, irmão de Francisco Bueno, partindo de Ouro Preto, achou as do Brumado, das quais descontente, pois a princípio se mostraram pobres, prosseguiu e foi deparar com os pingues mananciais do ribeirão de Santa Bárbara (4 de dezembro de 1704).

[...]

O Coronel Matias Barbosa da Silva, que se fez riquíssimo e poderoso em armas, situou-se abaixo do Forquim, e fundou o arraial da Barra Longa, que se conheceu por muitos anos, com o seu nome.

[...]

Pouco abaixo de Miguel Garcia estabeleceram-se Pedro Ferreira Cibrão e Francisco Lopes Bonito. Os irmãos Mainardi (Jorge e Guilherme), os Cunhas e Miguel Rodrigues Garcia, como Pedro Correia de Godói, cunhado do Coronel Borba Gato, se instalaram no Gualaxo do Sul.

[...]

Convém saber que também nessa época em que o país do norte do Carmo se povoava, e se erigiam os opulentos arraiais primitivos, os dois franceses Cláudio Gayon e Bento Fromentière colonizavam o Gualaxo do Norte, e logo mais abaixo deles estabeleciam-se Sebastião Rodrigues da Gama, Antônio Gesteira e Paulo Moreira da Silva. A capela de Nossa Senhora dos Remédios, que este fundou, serviu de berço ao povoado que tem o nome de Alvinópolis, arraial que, em outros tempos, foi útil, e serviu de fortaleza para conter os selvagens ferozes do Rio Doce.⁸¹

Encerra-se assim o primeiro ciclo de ocupação e posse das terras mineiras da região do Carmo, tendo o padre carmelita Francisco Gonçalves Lopes, capelão do Coronel Salvador Fernandes, sagrado todas as capelas construídas ao longo do “Ribeirão”, capelas que, hoje, ainda subsistem filiadas às igrejas paroquiais.

⁸¹ VASCONCELOS, 1º v. (1974: 181, 186)

3.3. A GUERRA DOS EMBOABAS E A VITÓRIA DOS REINÓIS EM MINAS

Reconhecendo mais tarde que não era somente o leito do rio o local onde se achava o ouro, mas, também, nas ribanceiras e barrancos, inúmeras pessoas voltaram a ocupar as suas casas abandonadas às margens do Ribeirão do Carmo. Nessa época, em 1705, o Bispo constituiu cinco freguesias eclesiais na região: a de Nossa Senhora do Carmo, a de São Sebastião, a de Nossa Senhora do Rosário do Sumidouro, a de São Caetano e a de Senhor Bom Jesus do Monte do Forquim, tamanha era a população.

Tendo conhecimento da carta régia de 18 de março de 1694, dirigida a D. João de Lencastre, Governador geral do Brasil, cujo conteúdo dizia que quem descobrisse minas abundantes de ouro ou de prata, além do foro de fidalgo e o hábito de uma das três ordens, recebia a propriedade plena delas, com a condição única de se pagar do mineral extraído, o quinto a Sua Majestade; os paulistas requisitaram para si, em uma junta que convocaram, reunindo a nobreza e o povo na Câmara de São Paulo, no dia 19 de abril de 1700⁸², a posse do seu descobrimento junto ao rio Carmo. Ficou decidido que a Câmara se entenderia com o então Governador Artur de Sá que, por sua vez, levaria a mensagem ao Rei.

Não se registra o destino de tal “petição”, nem se Artur de Sá, nessa época (1697-1702) governador geral da capitania do Rio de Janeiro e, também, instaurador da ordem administrativa na região aurífera (1700-1701), chegou a recebê-la. O que se sabe é que os paulistas não conseguiram o que desejavam, entretanto continuavam a ir em grande parte para as minas, deixando abandonadas as suas vilas e lavouras. Nesse período o Rei ordenou a Artur de Sá que impedisse a entrada de mais gente para as Minas e que fechasse o comércio com a Bahia. Logo que souberam do fato, os paulistas se alegraram, pensando que o rei os favorecia.

A história mostra que Artur de Sá não era a autoridade mais indicada para pôr em prática semelhantes ordens régias, pois havia facilitado a entrada de muitos colonizadores, principalmente na parte norte de minas, em direção à Bahia. Temendo que nos novos arraiais ocorresse o problema da fome, como aconteceu na região do Carmo, teve o cuidado de estender os caminhos do sertão de São Francisco e da Bahia, a fim de importar por eles o gado e o peixe seco. Assim, para não ser incoerente em suas resoluções, o governador só mandou que se publicassem as ordens régias na véspera de sua retirada das Minas, em 26 de junho de 1702:

Porquanto Sua Majestade a quem Deus guarde, foi servido mandar por sua real ordem, proibir todo o comércio do sertão da Bahia para este, e deste para a Bahia,

⁸² VASCONCELOS, 2º v. (1974: 16)

por assim convir a seu real serviço, e por que dos sertões da Bahia e Pernambuco, têm vindo algumas pessoas, pouco observantes desta ordem e se acham nestas Minas, ordeno e mando que toda pessoa de qualquer qualidade, estado, ou condição, que seja, dentro do termo de quatro dias sejam despejados sobre as ditas Minas pelo caminho do Rio de Janeiro, com a pena de 10 mil cruzados pagos da cadeia, e 3 anos de degredo para a Nova Colônia: e outrossim às pessoas existentes nas minas de uma e outra repartição⁸³, que pois tratar com alguns dos sobreditos em fazenda de qualquer gênero e valor, que seja, vinda da parte da Bahia incorrerão no valor três dobro, em que for avaliada a dita fazenda, da mesma sorte, que o vendedor, o que tudo será para a Fazenda Real; e ordeno aos oficiais de Guerra, Fazenda e Justiça façam dar execução a este bando inviolavelmente, e do contrário ficam inabilitados de todos os despachos e honras, que Sua Majestade poderia fazer, e perderão os postos e ofícios, que tiverem. E para que chegue ao conhecimento de todos se publicará este ao toque de caixa, etc.⁸⁴

Os governos seguintes continuam tentando reprimir a entrada de forasteiros às minas, mas praticamente sem sucesso. Já os paulistas repudiavam aos que vinham da Bahia e do Reino, pois julgavam-se “donos” das minas.

Dividido para ser povoado em “províncias” separadas e independentes, o Brasil nunca foi, em seu período colonial, por laço algum de solidariedade associado entre suas partes. O governo de Capitania favorecia a regimes verdadeiramente autônomos, senão soberanos. De acordo com VASCONCELOS⁸⁵,

estes donatários no empenho de sua maior independência, e para não se limitarem no poder absoluto e nos interesses, que personificavam, fugiam de relações com os vizinhos e acirravam à medida do possível, as rivalidades atávicas e ódios separatistas das tribos, quiçá inimigas, que formavam a base do povoamento. Tantas pátrias assim se criaram, quantas as colônias.

Mesmo depois de incorporadas à Coroa, não se concebia a idéia de *união* presente quando se fala em Pátria. Sendo assim, compreende-se a razão pela qual os moradores paulistas da região do ouro entendiam pertencer-lhes o domínio exclusivo das minas por eles descobertas e povoadas.

Várias discussões, brigas e assassinatos, envolvendo paulistas e portugueses ocorreram nessa primeira década dos setecentos, em diversas regiões do ouro, dentre elas o episódio conhecido como *emboabas*. Sobre esse último afirma VASCONCELOS:

de duas origens vinham os forasteiros: reinóis – os que haviam nascido em Portugal ou nas ilhas; baianos – os que haviam nascido na Bahia ou em outra capitania do norte do Brasil. Esses últimos haviam assimilado em muito o estilo europeu. Os reinóis, como vinham usando de calças compridas, ou polainas, que cobriam o peito dos pés, os paulistas por zombaria os chamavam Emboabas, que queria dizer –

⁸³ Apud VASCONCELOS “Uma e outra repartição se dizia em referência às minas do Rio das Velhas, às do Carmo e Ouro Preto, duas regiões administrativamente distintas”.

⁸⁴ VASCONCELOS, 2º v. (1974: 18-19)

⁸⁵ Ibidem (14)

pintos calçados. Os indígenas chamavam Mbuãb as aves, que tinham penas até os pés. [...]”⁸⁶.

Já o paulista, nessa época, era reconhecido de longe: meio branco, meio índio, andava descalço, mesmo usando roupas mais pesadas por causa do frio, e falava uma “mistura de tupi-guarani com português antigo”⁸⁷.

Paulistas e emboabas disputavam o governo do território das minas, tentando impor as suas próprias leis. O conflito se estendeu por toda a região do ouro, com execuções e lutas pessoais em Caeté, Sabará, Ouro Preto, São João d’El-Rei e a grande batalha em Cachoeira do Campo. Os emboabas, mais bem armados e mais numerosos, venceram e assumiram o comando geral da região, estabelecendo um governo sob as ordens do português Manuel Nunes Viana⁸⁸, natural de Viana do Minho, região norte de Portugal. Já os paulistas foram obrigados a se afastarem, retirando-se do território, conforme relata uma testemunha que viveu nas Minas nos primeiros anos da mineração:

Senhor,

Pouca notícia posso dar, pela falta de discurso que naquele tempo tinha, por vir muito menino a estas Minas; mas pelo que ouvia conversar o paulista com quem assistia, direi o que ouvia.

Contava o dito que costumavam estes ajuntar cinqüenta, ou sessenta, ou mais pessoas, a quem chamavam bandeiras, para correrem a costa do mar, desde uma paragem a que chamam Paranaguá até a capitania do Espírito Santo, [a] apanharem gentios para se utilizarem deles, e repartiam entre todos o número deles. Com o dito gentio fabricavam redes de algodão e panos do mesmo, de que vestiam. Pelo tempo adiante vendiam os ditos panos e redes, trigo e marmelos em uma que está mais perto de São Paulo, Santos, porque iam e vinham à dita vila fazendas de Lisboa. Desta paragem chamada Paranaguá, que hoje é vila, se seguiam os lugares seguintes, que são: Ubatuba, Parati, Ilha Grande, que todas são vilas hoje, sendo naquele tempo aldeias de gentio.

Como distinguiram o gentio da costa do mar, passaram ao sertão, sendo a matalotagem destes homens pólvora e chumbo, passando estes a vida de montarias, a saber, todo o gênero de caças: antas, veados, macacos, quatis, onças, capivaras, cervos; e aves: jacus, gaviões, pombas e outros muitos pássaros; e muitas vezes cobras, lagartos, formigas e uns sapinhos que dão pelas árvores, e outrossim mais uns bichos muito alvos, que se criam em taquaras e em paus podres.

Isto é o que respeita a caças e a bichos. Vamos ao conduto com que faziam para o sustento desta [imundície?]: mel de abelhas, cocos, palmitos de muitas castas, o grelo de samambaia, carás do mato, raízes de pau e outras mais variedades que inventava a necessidade. Não lhes faltava peixe, porque traziam anzóis e linhas, e este peixe o coziam em taquaras quando era miúdo, o grosso o assavam.

Entraram a conquistar desde São Paulo por esses lugares que hoje são vilas: Itu, Parnaíba, [Mogi?], Jacaré, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Piedade. Passando o sertão, deram com uma aldeia neste distrito do Rio das Mortes, a que chamam Cataguases, onde prendendo muito gentio do beicho e orelhas furadas e estes //

⁸⁶ VASCONCELOS, 2º v. (1974: 15)

⁸⁷ Ibidem 2º v. (1974: 90)

⁸⁸ Ibidem (31-32) Manuel Nunes Viana “veio para o Brasil, recomendado a um parente, rico mercador da Bahia, onde encetou trabalho como caixeiro. [...] Na época de Antonil já se lhe calculava a fortuna em volta de 50 arrobas de ouro. Possuía lavras fertilíssimas a légua e meia distante do Caeté, nas abas da Serra da Piedade e outras em sociedade com seu primo e amigo Manuel Rodrigues Soares, em Catas Altas. Tinha fazendas de criar no Jequitai no São Francisco, e na Jacobina.”

falaram perguntando por que os perseguiram; se era pelo que traziam no beíço e nas orelhas, que os largassem, que lhes iriam mostrar. Não levados os paulistas desta oferta, nunca deixaram de os prender, e logo para o Rio das Mortes foi uma bandeira com seu capitão chamado Jaguará, que na língua dos carijós é “cachorro”. A este mostrou um dos capitães do gentio o ouro no capim, em folhetas, e outro, como grãos de munição. Feita esta diligência nestes dois lugares, entraram para este Ouro Preto até o Furquim, até donde dou notícia, por andar em companhia de um dos paulistas.

E só posso dizer que nesta Vila Rica, que não tinha mais moradores que o coronel Francisco do Amaral e seu sobrinho Bento do Amaral, a igreja eram quatro forquilhas, forrada de esteiras de taquara e coberta de palha; em Antônio Dias só havia um corte de carne de um homem chamado Henrique Lopes; a cidade que chamam Mariana tinha outra capela do mesmo feitio; mais abaixo morava, em São Caetano, um coronel que só a sua capela era coberta de paus de palmitos em lugar de telha; seguia-se logo outro paulista, Francisco de Oliveira; logo um mercador da vila de Santos chamado o Crasto, logo um pardo muito rico que tirava ouro em tachos, Manuel de Lima; logo abaixo outro paulista não menos rico, Alberto Dias; logo abaixo um filho de Lisboa, José Rabelo Perdigão, também rico; logo abaixo um paulista, Bento Pires; logo abaixo o Furquim.

Neste tempo custava um alqueire de milho 24 oitavas, um barril de doce, que era gengibre por ser quente, uma libra de ouro, assim era de aguardente, vinho, sal; uma galinha, duas e três oitavas; uma libra de toucinho, oitava e meia; dez ou doze bananas, uma. Verdade é que naquele tempo dava um negro de jornal 16 oitavas e o ouro era a montes, mas também as mortes a chumbo e de corruções eram muitas, todos os dias.

Começaram os paulistas a descobrir ouro e a fazer fazendas por esses campos para meterem neste Ouro Preto // mantimentos. Aumentaram-se as fazendas, veio vindo muita gente, até que se levantaram os homens de Lisboa contra os paulistas, que os derrotaram, de sorte que ficaram senhores, e tão soberbos ficaram que correram com o governador do Rio de Janeiro, que veio a estas Minas apaziguar, e no Campo lhe foram ao encontro, que escapou por milagre, deixando a sua comitiva muitos dias atrás para poder escapar, porque o alarido com que lhe tomaram os passos foi tão excessivo de caixas, clarins e muitos mil negros armados de espadas, catanas e armas de fogo que, ainda que tivesse esforço para resistir ao ímpeto dos negros, não escapava dos infinitos brancos que eram ou estavam como leões.”⁸⁹

Assim que ficou a par do episódio nas Minas, a Coroa despertou para a necessidade de aplicar com maior rigor sua política administrativa na região. Foi então que o Rei nomeou, no ano de 1710, o português, Antônio de Albuquerque, governador da Capitania de Minas Gerais e São Paulo, enquanto Manuel Nunes, que logo após o episódio transcrito acima havia sido aclamado pelo povo, via-se obrigado a se retirar para o São Francisco.

É interessante observar que no Carmo e nos arraiais de sua dependência, ao contrário do “arraial de Ouro Preto”, o elemento paulista na região, tão unido quanto conservador, em grande maioria repeliu sempre a idéia do levantamento. Primeiro sertão desbravado, a população teve também mais tempo de ali se assentar, não deixando ribeiros a esmo de novos assaltos. Segundo VASCONCELOS,

quando ali constou a proclamação de Manuel Nunes, se reuniram os principais, e protestaram contra todo e qualquer ataque às autoridades e oficiais, que ali governavam pacificamente desde o tempo de Artur de Sá. Afastado do Rio das

⁸⁹ *Códice Costa Matoso* (1999: 217-219)

Velhas, mais longe dos caminhos da Bahia, a invasão dos forasteiros não chegou a subverter de completo no distrito do Carmo a ordem antiga estabelecida.⁹⁰

Posteriormente, quando o governador Albuquerque foi criar a Vila do Ribeirão do Carmo e reuniu as pessoas que lá habitavam, tanto a nobreza quanto o povo declararam “*que queriam viver em república sob as leis comuns do Reino e obediência a Sua Majestade*”, com isto, o arraial do Carmo ficou sendo seu arraial predileto. Nesse mesmo ato Antônio de Albuquerque erigiu a vila do Ribeirão de Nossa Senhora do Carmo de Albuquerque. O Rei aprovou a criação da vila mas simplificou-lhe o nome para vila de Nossa Senhora do Carmo, retirando o nome “Albuquerque” e acrescentando, em resposta à lealdade do povo que fora contra o governo “usurpador” de Manuel Nunes, o título de *Leal*, ficando a primeira vila de Minas com o nome de *Leal Vila de Nossa Senhora do Carmo*⁹¹.

3.4. O CAMINHO DO BOI: A VIA DE COMUNICAÇÃO COM O NORDESTE

Destinados à alimentação de uma população crescente, o gado começa a chegar à região das minas, margeando o rio São Francisco até encontrar o Rio das Velhas. Daí seguia para Sabará e a região do Carmo, ou tomava o caminho de Diamantina e Serro para só depois ir à região do ouro, conforme se pode observar pelo mapa *caminhos e bandeiras* (Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 345). É fazendo esse itinerário que o caminho ligando à Bahia começa a se fixar, servindo não só como fonte de abastecimento, mas, também, através da figura dos tropeiros, como um canal de comunicação, levando cartas e recados. Apesar de todas as proibições da coroa e de todas as precauções tomadas em relação ao contrabando nas regiões auríferas, o “caminho do boi” se estabelece, trazendo o gado das gerais⁹² para as minas, conforme se observa a seguir:

Do sumidouro do rio das Velhas para baixo até a Barra e da Barra até Matias Cardoso, as fazendas de criar se ligavam também aos currais do São Francisco, de sorte que Artur de Sá ao largar o governo em 1702 teve a glória de deixar o Distrito do Ouro em vias de plena conquista, desvendados os sertões a todos os horizontes, e o arraial do Borba em comunicação com São Paulo e com a cidade de São Salvador e porto da Bahia.⁹³

E porque muitas pessoas da Bahia ou daquele distrito trazem ou mandam gados para se venderem nas Minas, de que se pode seguir o descaminho de meus quintos – porque, como o que se vende é a troco do ouro em pó, toda aquela quantia se há de desencaminhar - // e porque esta matéria é de tão danosas conseqüências, é preciso que neste particular haja toda a cautela, pelo que ordeno ao superintendente, guarda-

⁹⁰ VASCONCELOS, 2ºv. (1974: 97)

⁹¹ Ibidem (97)

⁹² ELIA (1979: 89) “*Poder-se-ia supor que bastariam demarcações de terreno para evitar-se o desvio do gado. No entanto é preciso não esquecer tratar-se realmente de terras a perder de vista, que se enfiavam pelo mato a dentro. Daí o nome de “gerais” que se davam no Sul, a esses campos.*”

⁹³ VASCONCELOS, 1º v. (1974: 185)

mor ou menor ou outro qualquer oficial que tendo notícia tem chegado algum gado às Minas façam logo notificar à pessoa ou pessoas que o trouxeram para [que] venham dar entrada das cabeças, digo, que trazem, e ocultando algumas pagarão o seu valor anoveado e serão presas e castigadas com as penas impostas aos que descaminham minha Fazenda, o que tudo se lhes declarará quando os notificarem para darem entrada. E o superintendente saberá o preço por que vendem o dito gado para, conforme a isso, se cobrarem os quintos do ouro que se lhe der em pagamento, não se fazendo este com ouro já quintado. E esta cobrança fará o superintendente com o seu escrivão, que fará termo em um livro que para isso terá, rubricado pelo dito superintendente, [em que] se fará declaração dos quintos que se cobram, de que pessoa, de onde é natural, o qual termo assinará o dito superintendente com a pessoa que pagar os ditos quintos, e se lhe lerá primeiro que o assine. E não permitirá o dito superintendente que por aquelas partes se introduzam negros alguns, porque se deve praticar inviolavelmente a proibição e taxa que tenho ordenado, para que só pelo Rio de Janeiro possam entrar os tais negros, na forma que tenho mandado.

Rei; Lisboa; 19-4-1702⁹⁴

E com notícias de haver ouro nestas minas e povoação de gente, vieram do sertão da Bahia abrindo picadas e trazendo algum gado para elas, e o grande preço por que vendiam a cabeça, que era a meia libra de ouro naqueles princípios, os animava à esterilidade do caminho, no qual morreu muita gente naquele tempo: de doenças e à necessidade, e outros que matavam para os roubar na volta, que levavam o ouro...

Anônimo; Minas Gerais, 1750⁹⁵

Assim inicia-se efetivamente a colonização da Região do Carmo, no início do século XVIII, não só no lastro da mineração mas, também, no da agricultura e da pecuária. Com as duas evasões decorrentes da falta de alimento na região, houve o início dos assentamentos para a plantação de lavouras pelos primeiros povoadores taubateanos que aí se fixaram. Em um segundo momento o reconhecimento da propriedade da terra se deu através de sesmarias⁹⁶, concedidas nessa região, sobretudo, aos portugueses oriundos do norte, da região do Minho e, em número bem menor, aos da ilha ou açorianos.

Em 1711 já se tem notícia de concessões de sesmarias com obrigações para o sesmeiro de plantar e criar gado. Para se estabelecer nas terras, era necessário a construção de benfeitorias e o colono acabava se encarregando ainda de abrir os caminhos e estradas necessárias para as suas relações de amizade e comércio, como se pode observar em um trecho do testamento de um morador da região, Francisco Barreto Bicudo, no ano de 1751:

Declaro que a dita fazenda que possuo ao presente no Gualacho do Norte, a descobry e principiey a cultivar no anno de mil e sete centos e doze, em que sahy desta cidade, sendo villa, e a custa de minha fazenda e perda de escravos, abry picadas e fiz caminhos para utilidade do bem publico, e esta declaração faço para se

⁹⁴ *Códice Costa Matoso* (1999: 318)

⁹⁵ *Ibidem* (196)

⁹⁶ REIS & BOTELHO (1998) Havia instruções e inúmeras cartas régias que limitavam as porções de terras a “uma légua de frente por três de fundo” na doação de sesmarias. Entretanto, no Brasil, a proibição que se desse a uma pessoa uma extensão de terra maior do que poderia aproveitar, jamais foi considerada pelo colonizador, atraído justamente pelo fato de se tornar grande proprietário.

vir ao conhecimento da antiga posse que tenho da dita fazenda, afim de que pessoa alg-ua a não possa perturbar...⁹⁷

Muitas das propriedades desse período conjugavam as atividades agrícolas e as de mineração aurífera, refletindo uma estrutura produtiva mais complexa e, também, muitos escravos. É o que se observa, por exemplo, neste excerto do testamento de um rico morador da região do Carmo em 1738:

[...]Declaro que os bens que possuo são por maior os seguintes: uma fazenda grande na Barra dos Gualaches da freguezia do Forquim com casas nobres, engenho real, lavras, choças e mais de duzentos escravos...⁹⁸

Já no último quartel do século XVIII, Minas Gerais tem mais escravos trabalhando na agricultura, um total de 37.197, do que nas minas, com um número de 34.463.⁹⁹

3.5. BANDEIRAS E POVOAMENTO: A PRESENÇA DA LÍNGUA PORTUGUESA NA REGIÃO DO CARMO

Muito se tem discutido a respeito da questão da língua falada pelos bandeirantes já que a bibliografia existente identifica um conjunto heterogêneo de pessoas, partindo de São Paulo. Entretanto, é importante salientar que as primeiras expedições partiam sem “qualquer outro interesse que não o da descoberta de ouro e pedras preciosas. Os primeiros desbravadores não pretendiam sesmarias e nem se interessavam em se fixar nas terras descobertas.”¹⁰⁰

Em se tratando de um estudo lingüístico-cultural, torna-se necessário abordar a questão acima pois sabe-se que a língua geral concorria, nesse período, com a língua portuguesa em grande parte do território brasileiro.

3.5.1. As bandeiras e a língua portuguesa

Vários historiadores que se dedicaram ao estudo do Brasil Colônia afirmam que as bandeiras não tinham um caráter colonizador. Segundo ABREU¹⁰¹ “o bandeirante devassou sem povoar, agindo mais em extensão do que em profundidade”, enquanto MOOG¹⁰² diz “[...] já não basta que o bandeirante tenha dilatado a pátria, deixando para os pioneiros o ‘problema concêntrico de povoá-la’.”

No estado de São Paulo, vários pontos de parada dos bandeirantes tornaram-se,

⁹⁷ Apud TRINDADE (1951: 209-210)

⁹⁸ Idem (1923:86)

⁹⁹ SILVA (1994: 550)

¹⁰⁰ SEABRA (2000: 108)

¹⁰¹ Apud ELIA (1979: 175-218)

¹⁰² MOOG (1956: 148)

posteriormente, vilas, sendo, bem mais tarde, elevadas a cidades. Este aspecto salienta a presença da língua pelo interior de São Paulo e destaca o Vale do Paraíba como um ponto de fixação no roteiro das bandeiras.

Em relação às expedições realizadas pelos bandeirantes paulistas ao atual território de Minas Gerais¹⁰³, pode-se dizer que a maioria delas partia sem qualquer outro interesse que não o da descoberta de ouro e pedras preciosas, não havendo, inicialmente, nessa ação caráter colonizador. Entretanto, muitas vezes, as trilhas das bandeiras se desdobravam, levando parte dos bandeirantes a incursões até então não programadas, como aconteceu na região do Carmo.

Quanto à língua falada pelos bandeirantes, é opinião de SAMPAIO(1995) e AMARAL(1976) que eles falavam tupi. Já RIBEIRO¹⁰⁴, apesar de afirmar que a toponímia do roteiro dos bandeirantes atestava o uso, entre eles, do idioma dos nativos, argumenta que eles falavam a língua portuguesa uma vez que há persistência de vocábulos quinhentistas no dialeto caipira, como também há umas e outras alcunhas da época em português. Para MELO (1975), os primeiros desbravadores eram bilíngües, falando com igual facilidade o português e o tupi; opinião compartilhada por VILLALTA (1997), quando afirma que os bandeirantes abriam caminhos pelo sertão, falando a “língua geral”, mas também liam Camões e traziam sempre em suas bandeiras um padre; PRADO MENDES (2000) mostra o quanto é complexa tal discussão, pois há diversas opiniões em torno dessa questão.

O certo é que em Minas Gerais, seja falando tupi e/ou português, os bandeirantes se depararam com outras “línguas gerais”, mas no território do ouro, essas línguas não tiveram uma convivência tão intensa com a Língua Portuguesa como ocorreu nos outros estados brasileiros. VILLALTA¹⁰⁵ ressalta que a eliminação das “línguas gerais” em Minas foi

radical em decorrência do desenvolvimento urbano acentuado e da força da mineração no conjunto da economia, assentada no uso do escravo africano. Os índios, na região mineradora, foram sendo massacrados e empurrados progressivamente para além das fronteiras da ocupação lusitana.

Mesmo assim, a “língua geral do sul” trazida pelas bandeiras faz-se presente na toponímia mineira. Em camadas mais antigas do nosso léxico, podemos observar topônimos de origem indígena que ainda se conservam em nossa língua, outros foram sobrepostos por nomes, principalmente, de origem portuguesa.

¹⁰³ SEABRA (2000:107-112)

¹⁰⁴ RIBEIRO (s.d.: 182-189)

¹⁰⁵ VILLALTA (1997: 339)

Com relação à expansão da língua tupi ou geral na região das Minas Gerais, SAMPAIO¹⁰⁶ afirma que à medida em que as várias regiões iam sendo desbravadas, recebiam um nome tupi. Entretanto,

[...] mais para o sul, penetrando já na região mineira, entre a zona litorânea e a Serra do Espinhaço, que foi o país dos botocudos, dos Porys e de numerosas tribus tapuyas, já a raridade dos nomes selvagens na geographia local ressalta logo. Prevaecem denominações portuguesas entre alguns nomes tupis. Dificilmente se encontrará ahi um nome tapuya, botocudo, pory ou camacã, designando um monte, um rio ou um povoado. [...] são bem poucos os vestígios da língua dos primitivos dominadores, acaso salvos do dilúvio tupi ou português, que o bandeirante ou o missionário estendeu por toda a parte.

A região à qual SAMPAIO (op. cit.) se refere, no texto acima, é a mesma zona classificada por ZÁGARI¹⁰⁷ como a do *falar mineiro*. Pode-se afirmar, com base nos dados analisados que, em uma parte dessa região de Minas Gerais, a toponímia de base portuguesa se sobrepôs à toponímia de base tupi.



Mapa 1: Falares de Minas

Mas, se a Língua Portuguesa, principalmente nessa região de Minas Gerais não recebeu uma forte influência das “línguas gerais”, que influências maiores ela teria recebido? Segundo PRADO MENDES, “*é pouco provável terem sido os bandeirantes os responsáveis pela difusão de uma língua nessa região, prefiro que o crédito desse feito seja dado ao elevado número de portugueses que para aquela região se dirigiu, conforme mostra a história.*”¹⁰⁸

¹⁰⁶ SAMPAIO (1955: 49-50)

¹⁰⁷ ZÁGARI (1998: 31-45)

¹⁰⁸ PRADO MENDES (2000: 72)

Uma hipótese que se levanta é que, em Minas Gerais, a Língua Portuguesa teve um caráter centrífugo, irradiando da zona do ouro, sob a influência da Coroa e da Igreja, para outras regiões o português setecentista. Sob a “pata do boi e o lombo do burro”¹⁰⁹, pelo “caminho do boi”, a região do Carmo disseminava a “cultura latino-cristã que Portugal trouxera às terras de Santa Cruz”¹¹⁰.

3.5.2. A ocupação do território mineiro

Foi surpreendente o número de pessoas que vieram para as Minas no século XVIII. Deste modo, acredita-se que se houve influências da língua falada pelos bandeirantes no início da ocupação do território mineiro, logo desapareceram, pois não teve um tempo maior de contato para sua consolidação.

Zona interior, longe do litoral e dos povoados de colonização antiga, cercada de montanhas, Minas Gerais passa, em menos de meio século de sua ocupação, a contar com núcleos urbanos bem sedimentados, aparelho burocrático, templos, irmandades religiosas e praticamente todos os elementos que constituem a vida social como registrou a descrição da festa do “Triunfo Eucarístico”, ocorrida em 1733, em Villa Rica. Os dados, a seguir, mostram números indicativos da população em Minas na segunda metade do século XVIII:

Tab. 1: Minas Gerais em 1776¹¹¹

Serro Frio	58.794 habitantes
Vila Rica	78.618 habitantes
Rio das Mortes	82.781 habitantes
Sabará	99.576 habitantes

Tab. 2: Brasil em 1776¹¹²

Brasil	3.300.000 habitantes
Minas Gerais	319.739 habitantes
Rio de Janeiro (1807)	50.000 habitantes
Salvador	40.922 habitantes

¹⁰⁹ ABREU apud ELIA, 1979:175-218.

¹¹⁰ Ibidem.

¹¹¹ MAGA.LHÃES, 2000.

¹¹² Ibidem

Os dados acima apontam, após a corrida do ouro e do início do desenvolvimento agrícola, Minas Gerais como a mais populosa capitania do Brasil. Segundo SILVA¹¹³, “o primeiro recenseamento completo encontrado tem a data de 1776 e dá um total de 319.769 habitantes.”

Mudanças significativas ocorreriam nos cinquenta anos seguintes na demografia mineira:

Tab. 3: Características demográficas de Minas Gerais¹¹⁴

	% de brancos	% de pardos	% de pretos	% de escravos	% de homens	Total
1776	22,50	25,70	52,20	N/A	62,40	319.769
1786	18,10	27,70	54,20	48,00	58,00	*393.698
1805	19,20	28,80	52,10	46,40	57,50	407.004
1808	24,50	33,60	41,80	33,40	54,60	433.049
1821	26,60	34,10	39,30	33,30	52,90	514.797

(*) Inclui 913 índios e 30.851 pessoas, cujas características ignoramos. Estes não foram incluídos no cálculo das percentagens.

Conforme aponta o quadro acima, cai a proporção de escravos na população, assim como diminui a porcentagem dos homens; a proporção de pardos e brancos aumenta e a de negros declina. Isso se dá devido ao trabalho de mineração e ao caráter urbano da colonização que exigiram, de imediato, grande quantidade de escravos, no século XVIII, na região do ouro. No século XIX, com o desenvolvimento agrícola e já tendo passado a “febre do ouro”, o número de escravos vai diminuindo gradativamente. Houve, ainda, na região do Carmo, o que historiadores¹¹⁵ classificam como uma situação *sui generis* e específica no contexto colonial: os escravos conseguiam amealhar pecúlios suficientes ao pagamento de suas alforrias, seja falcando por conta própria, seja exercendo funções artesanais particularmente requisitadas nos arraiais e vilas mineiras, contribuindo mais para esse declínio no número de escravos e aumento no número de negros.

Apesar do número de negros e escravos ser bastante significativo no território mineiro, a influência de nomes de procedência africana na toponímia da região do Carmo foi pouco expressiva, pois conforme aponta SOUZA(1999), nesta região cultivar hábitos de

¹¹³ SILVA (1994:547)

¹¹⁴ SILVA (1994: 547)

¹¹⁵ ALBINO (2000); SOUZA (1999)

escravos significava distinguir-se ante a massa dos cativos “imperfeitamente” cristianizados.

Num mundo dirigido por brancos, os negros, trazidos como força de trabalho para a região do Carmo, miscigenaram-se e relutaram em aceitar o seu lado africano, que os “desclassificava”. Em Minas, os pardos do século XVIII, em sua maioria, eram batizados, crismados e sabiam de cor os Dez Mandamentos e as orações – *Ave Maria, Pai Nosso, Credo*. Até mesmo os moldes das irmandades, freqüentemente, eram talhados segundo interesses do Estado, conforme mostrou BOSCHI(1998). Na *Região do Carmo*, Igreja e Estado dirigiam, “fazendo crescer, em todos, o desejo de civilizar-se.”

3.6. A PRESENÇA DA IGREJA EM MINAS

Junto a enorme população que povoou a região do ouro no século XVIII, havia muitos padres que, por sua vez, deixaram marcas de sua passagem na toponímia local. De acordo com MEGALE,

A toponímia na trilha das bandeiras documenta a presença desses religiosos: se o comando religioso era de carmelitas, os núcleos habitacionais que surgiam perpetuavam a lembrança no orago de Nossa Senhora do Carmo; se o comando religioso era de franciscanos, no de São Francisco, e assim com outras ordens, da mesma maneira, os oragos marcam sua passagem. Lá onde o povoado é novo, o nome religioso o inaugura; se havia uma designação indígena, o novo nome religioso a substitui.¹¹⁶

Torna-se, pois, relevante rever dados da presença da Igreja em Minas mesmo porque constitui tradição a religiosidade no estado.

Com o aumento da população percebe-se, também, o aumento do número de paróquias em Minas: em 1724 havia 20 paróquias coladas¹¹⁷; em 1767, 52 e em 1813, 313 paróquias.

Segundo TRINDADE (1929), o período histórico da Igreja em Minas inicia-se em 16 de julho de 1696 quando se ergue uma cabana naquela que viria a ser a primeira cidade mineira – a Leal Villa do Ribeirão do Carmo – Mariana. Desta época até 1721, Minas passa a contar com mais de 40 paróquias.

Com esse número de paróquias e com uma população que “orçava em trezentas mil almas”, Mariana foi a primeira Vila criada em Minas Gerais e também a única a receber foros de cidade no regime do governo colonial, por carta régia de 23 de abril de 1745. No mesmo ano, a pedido de Dom João V, o papa Bento XIV cria o bispado de Mariana, a 6 de dezembro. Nesse tempo, contava o Brasil com apenas cinco bispados: Bahia (1555), Rio de

¹¹⁶ MEGALE (2000: 22)

¹¹⁷ Que recebe benefícios eclesiásticos.

Janeiro (1676), Olinda (1676), Maranhão (1677) e Pará (1719). O primeiro bispo de Mariana, Dom Frei Manuel da Cruz – mestre jubilado na Sagrada Teologia e Doutor pela Universidade de Coimbra – era, até então, Bispo do Maranhão e de lá veio transferido, em uma jornada que durou catorze meses, percorrendo quatro mil quilômetros. Por esse e outros motivos, a instalação do Bispado em Minas somente ocorreu a 28 de fevereiro de 1748, sendo comemorada com uma grande festa que se encontra registrada no livro *Aureo Trono Episcopal*.

No Brasil litorâneo, as ordens primeiras, compostas por monges Jesuítas, Franciscanos, Beneditinos e Carmelitas destacaram-se na evangelização e alfabetização das populações. Ali também se desenvolveram, com menos relevo, as ordens segundas, compostas pelas freiras. Ordens primeiras e segundas formam o clero regular, que faz voto de castidade e clausura. Além desses religiosos existia ainda o clero secular, com seus bispos, cônegos e padres. Como na Capitania das Minas a presença das ordens primeiras e segundas foi proibida – já que a Coroa Portuguesa pretendia estimular os casamentos entre brancos – contamos com um número bem reduzido de conventos masculinos e femininos. Assim, a educação dos mineiros ficou a cargo do clero secular, ou seja, dos padres.

O nome de Dom Frei Manuel da Cruz, como primeiro Bispo na terra das Geraes, está ligado a realizações culturais importantes nas Minas setecentistas, dentre as quais cito a *Criação do Seminário de Mariana* e a *do Convento de Macaúbas*.

O *Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte ou Seminário de Mariana* é o estabelecimento de instrução e educação mais antigo no Estado de Minas Gerais e foi, também, o único, por um período de mais de meio século. Foi fundado em 20 de dezembro de 1750, dois anos depois de instalado o Bispado e dirigido inicialmente, pelos Padres da Companhia de Jesus, os Jesuítas, conforme mostra o documento a seguir:

Ordem Régia para a fundação do Seminário – Dom João, por graça de Deos, Rey de Portugal e dos Algarves, d’Aquem e d’Alem mar, em Africa, Senhor de Guiné, etc. Faço saber a vós Reverendo Bispo da Cidade de Mariana que se vio o que me representaste sobre a precisão que havia nesse Bispado de se fundar nelle hum Seminário pelas grandes despezas que fazião os Moradores dessa Capitania em mandarem seos filhos aos Estudos do Rio de Janeiro e Bahya, para cuja fundação rogareis ao padre Missionario Gabriel Malagrida da Companhia de Jesus passasse a fazer Missão nesse Bispado, porque a experiência tinha mostrado em toda America que as suas doutrinas a exemplo não só movião aos ouvintes a emendar a vida, mas tãobem a offerecerem esmolos para obras pias, esperando que eu nam faltasse com a minha Real proteção para esta fundação e para tudo mais que entenderes he necessario para o bom regimem dessa Diocese: o que visto; Fui servido por resolução de seis do presente mez e anno em consulta do meo Conselho Ultramarino conformarme com o que referiis. El Rey nosso Senhor o mandou por Thomé Joachim da Costa Corte Real, e pelo Doctor Antonio Freire de Andrade Henriques, Conselheiros do seo conselho Ultramarino e se passou por duas vias. Luiz Manoel a fez em Lisboa a doze de Setembro de mil settecentos e quarenta e oito annos // o

Secretario Joachim Miguel Lopes de Lavre a fez escrever // Rapahael Pires Pardiniho // Antônio Freire de Andrade Henriques//” (In: *Arquidiocese de Mariana*, v. I, p.373)

Com o monopólio do ensino, até então, concedido em todo o mundo português à Companhia de Jesus, os Inacianos, possuindo várias escolas voltadas para a formação de clérigos e leigos, se preocupavam muito mais com a “ciência da salvação” e muito menos com o estudo da ciência. O latim era ensinado no Seminário, mas sempre prisioneiro à orientação religiosa, calcando-se na repetição. As classes viam ainda “philosophia”, “grammatica” e “theologia”.

Foi efêmera a estadia dos jesuítas em Minas Gerais – pouco mais de um ano, uma vez que as reformas culturais realizadas pelo Marquês de Pombal, em Portugal, se estenderam ao Brasil e exigia-se a expulsão imediata de todos eles. Em 31 de janeiro de 1758, foi expedido a Dom Frei Manuel ordem expressa de enviar “imediatamente” para o Rio de Janeiro todos os Jesuítas que residissem no Bispado, iniciando-se uma crise no seminário que se encontrava sob sua influência. Por volta de 1780, por erros administrativos do cabido, o Seminário se viu em uma situação financeira precária, suspendendo, assim, o funcionamento de suas aulas.

Durante esse período, funcionavam em Mariana cursos públicos de Latim, Retórica e Filosofia oferecidos pelo bispo marianense de então – Dom Frei Cipriano – e um curso noturno de Teologia moral. Dessa maneira, o próprio bispo concorria para que o Seminário se mantivesse fechado até o ano de 1820.

No bispado de Dom Frei Manuel, criou-se também o convento de Macaúbas. Inicialmente destinado ao recolhimento de jovens – por volta de 1780 já educava meninas – Macaúbas passa, a partir de 1826 a ser a primeira escola feminina em Minas. Em 1846, começou a funcionar de forma regular, organizado pelo padre A. de Moraes Torres. Ensinavam-se as “primeiras letras, formação cristã, bons costumes, preparando as moças para o casamento”.

Com as reformas realizadas pelo Marquês de Pombal, o Estado passou a assumir a responsabilidade sobre a instrução escolar introduzindo as aulas régias, nas quais capelães formalmente nomeados pelos bispos deveriam cuidar do ensino. Juntamente com esses padres continuavam alguns ex-jesuítas que haviam, durante o episódio da expulsão, mudado de ordem. Ensinavam-se Gramática Latina e Portuguesa, Retórica, Filosofia Racional e Moral.

O modelo de aulas régias, trazido pela reforma pombalina, objetivava dar maior importância ao estudo do português, a língua nacional, como propunha o grande propagador do Iluminismo em Portugal, Luís Antônio Verney, em seu livro *Verdadeiro Método de*

Estudar de 1746. Propunha-se um ensino de cunho cultural acentuado, baseando-se mais na compreensão racional do que nas memorizações de regras. Mas, essas reformas no Brasil esbarraram com a falta de professores bem preparados.

As reformas pretendiam promover um desenvolvimento pragmático do conhecimento científico mas, na prática, distanciaram-se bastante dessa proposta. Durante o período em que o Seminário de Mariana esteve fechado, a educação escolar foi marcada por um caráter escasso e circunstancial, o ensino passou a ser ministrado sob a forma de aulas avulsas, fragmentando, assim, o processo pedagógico. Faltavam professores, manuais e livros sugeridos pelos novos métodos. A educação, que, no papel, deveria ser pública pela lei, esteve em grande parte privatizada, delegada aos pais a responsabilidade pelo pagamento dos professores.

Diante desse quadro, em 1816, estando o Seminário ainda fechado, a Câmara Municipal de Mariana envia um documento ao Rei Dom João V em que pede o estabelecimento, nesse edifício diocesano, de um Colégio de Artes e Disciplina Eclesiástica. Alega que os Clérigos do Seminário se encontram desatualizados e que, “talvez por concorrência dos Estudos Régios de Gramática e Filosofia somente ensinavam *Moral*”. Relata que os estudos “atuais” se faziam em casas de professores e eles, os cidadãos marianenses não viam nisso utilidade alguma. Pediam que, além das “cadeiras de Gramática Latina, Retórica, Poética e de Filosofia Racional e Moral”, fossem criadas disciplinas de Geometria – considerada por eles como parte principal da Matemática e, importante àqueles que pretendiam seguir a vida militar. Pleiteavam também aula de Teologia, essa última já existente no Seminário. Para as aulas de *Gramática*, pediam-se 2 horas de manhã e 2 horas à tarde, adotando a *Arte de Antônio Pereira* para os princípios, as Seletas, para a construção, como se praticava em Portugal e mais duas horas diárias para Retórica e 1 hora e meia para Filosofia. Destaca, ainda, que todas as disciplinas deveriam se nortear pelos *Compêndios da Universidade de Coimbra*, seguindo o seu método de ensino e “tomando-se tempo para explicação”. Mas, os esforços empreendidos pela Câmara não deram resultados – a cópia da carta se encontra arquivada.¹¹⁸

Em 1721, o governador de Minas, Dom Lourenço de Almeida, recebeu ordem de D. João V para que, em cada Vila, se pagassem mestres para ensinar a ler, a escrever, a contar e, ainda, ensinar o latim aos povos da Capitania. Embora dissesse que cumpriria a determinação, o governador receou fracassar e não tomou qualquer iniciativa porque os

¹¹⁸ Cf. Anexo 5 – Correspondências – P. 337-344.

jovens eram filhos de mulheres negras. O que podemos deduzir deste período oitocentista mineiro é que à elite cabia a instrução escolar prisioneira à orientação religiosa e, aos negros e pardos, o trabalho, sendo injustificado os gastos com sua instrução. Estado e Igreja adotam assim um ensino escolar imitativo, elitista.

3.7. SOBRE AS PRIMEIRAS FAMÍLIAS POVOADORAS DA REGIÃO

O interesse pelo estudo da migração se deve a seu importante papel na formação e fixação da língua falada em uma região. Nas diferentes abordagens lingüísticas, dedica-se muito pouco a este tema, embora vários estudiosos apontem que esta é uma questão que deve ser considerada, dentre eles, SOUZA¹¹⁹ quando diz: *“Os estudos da língua portuguesa do Brasil devem ser feitos em relação com os estudos de imigração portuguesa e investigações das origens locais dos emigrantes.”*

Sabe-se que os homens do Minho, principalmente os de Viana do Castelo e Ponte de Lima, ocuparam um lugar de destaque na história da formação da sociedade brasileira, sobretudo, no primeiro povoamento de Pernambuco e da Bahia. Sabe-se, também, que os açorianos se destacaram como povoadores no estado de Santa Catarina. Mas e em Minas Gerais? O que se sabe sobre os seus primeiros povoadores? O que se sabe sobre as primeiras famílias que se fixaram na região do Carmo?

A partir da segunda metade do século XVIII, a política colonial portuguesa na América inclui uma nova forma de ocupação territorial, com a fixação de médios e pequenos agricultores em várias partes do império. Houve uma migração muito grande para o Brasil, estendendo-se, inclusive, pelo século XIX.

Desde o início do século XVIII, inúmeras famílias transferiram-se para Minas, muitas para a região do Carmo, desenvolvendo atividades de exploração das minas mas, principalmente, a agricultura e pecuária. Inicialmente, as primeiras famílias que se assentaram vieram de Taubaté, nas primeiras bandeiras; em seguida, em número bem maior, começaram a chegar os reinóis, e algumas famílias das ilhas, incentivados pela concessão de sesmarias. Estes primeiros povoadores constituem, portanto, troncos de famílias que se se instalaram na região do Carmo.

Para a caracterização sócio-histórica da língua portuguesa falada na região é importante a apresentação das genealogias das primeiras famílias povoadoras para que se possa ter conhecimento de quais regiões elas vieram, como contribuíram com a cultura mineira

¹¹⁹ SOUZA (1960: 155)

e até onde influenciaram na toponímia local.

Baseando-se em TRINDADE¹²⁰, fez-se um levantamento das primeiras famílias que chegaram à região do Carmo para aí se fixarem:

3.7.1. Paulistas e Taubateanos

3.7.1.1. Camargos

Fernando de Camargo Ortiz e sua mulher Joana Lopes, naturais de São Paulo, tiveram treze filhos, dos quais três se transferiram para a Zona do Carmo:

- Catarina de Camargo
- Capitão Gonçalo Lopes de Camargo
- Capitão João Lopes de Camargo

Nessa região permaneceram, constituíram famílias cujos descendentes se encontram por lá até hoje.

3.7.1.2. Hortas (de Mariana)

Segundo TRINDADE¹²¹, Silva Leme, em *Genealogia Paulistana*¹²², omitiu um filho do comendador Quintiliano Justino de Oliveira Horta, o Professor José Caetano Ramos Horta que foi casado em Barra Longa com Ana Jacinta de Figueiredo. Após residir na fazenda Monte Alegre, em Barra Longa, onde nasceram todos os filhos do casal, inclusive o Monsenhor Cônego José Silvério Horta, mais conhecido como *Monsenhor Horta*, a família mudou-se para Mariana, dando origem aos Hortas de Mariana.

3.7.1.3. Sargento-Mor Francisco Barreto Bicudo

Barreto Bicudo foi um dos primeiros povoadores da região do Carmo. De acordo com TRINDADE¹²³ sua origem está ligada aos Siqueira de Mendonça:

Esta família, segundo Pedro Taques, teve princípio, na capitania de São Paulo, em Antonio de Siqueira, tabelião, escrivão da câmara e de órfãos da vila de Santos, o qual casou com Vitória Nunes Pinto, filha de Francisco Pinto, irmão de Rui e Antonio Pinto, cavaleiros fidalgos, povoadores de São Vicente.

Entre os seus sete filhos, destacam-se:

F: Manuel de Siqueira c.c. Mécia Nunes Bicudo

N: Francisco Bicudo de Siqueira c.c. Maria Ribeiro

Bn: Mécia Ribeiro c. c. Francisco Barreto Palha, natural do Rio de Janeiro.

¹²⁰ TRINDADE (1917; 1923; 1943; 1955)

¹²¹ TRINDADE (1943:14)

¹²² vol. 4, pág.377

¹²³ TRINDADE (1955: 205)

Tn: Luísa de Orens Palhares c. 1 c. Paulo da Silva Alvarenga; c. 2 c. Francisco Correia de Oliveira, falecido em 1728 em Taubaté. Luísa de Orens faleceu no Furquim, onde está sepultada. Dentre os filhos do 1º matr.:

Qn: Francisco Barreto Bicudo

Tópicos do testamento do Sargento-Mor Francisco Barreto Bicudo. “Saybam quantos este instrumento de Testamento e ultima vontade virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezu Christo de mil e sete centos e cincoenta e hum, aos treze dias do mês de Outubro, nesta cidade Mariana: eu Francisco Barreto Bicudo, morador no Gualacho do Norte, Freguezia de S. Joseph da Barra longa, estando de pé e sem doença algũa [...]

Declaro que sou Natural da **Freguezia de Nossa Senhora de Nazaré da cidade de São Paulo**, filho legítimo de Paulo da Silva Ribeyro, ou Alvarenga, e de Luiza de Ourens Palhares (SIC), ambos já defuntos.

Declaro que sou solteyro, e nunca fui cazado, e que tenho tres filhas naturaes, as quaes são minhas herdeyras[...]

Declaro que a dita fazenda que possuo ao presente no Gualacho do Norte, a descobry e principiey a cultivar no anno de mil e sete centos e doze, em que sahy desta cidade, sendo villa, e a custa de minha fazenda e perda de escravos, abry picadas e fiz caminhos para utilidade do bem publico, e esta declaração faço para se vir ao conhecimento da antiga posse que tenho da dita fazenda, afim de que pessoa algũa a não possa perturbar [...]¹²⁴

3.7.2. Açorianos

Logo depois de haver sido descoberto pelos portugueses, em 1431, o arquipélago dos Açores foi objeto de um intenso povoamento. Três séculos depois, as ilhas estavam superpovoadas. Com a erupção de um vulcão em 1672 na ilha Faial, surge o primeiro surto migratório para o Brasil, mais concretamente para o Maranhão e Grão-Pará, regiões estas que englobam atualmente os Estados do Pará, Ceará, Maranhão e Piauí. Na metade do século XVIII, houve uma emigração em massa para o Brasil com o objetivo de defender e povoar os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Ainda, em meados do século XVIII, condições climáticas adversas prejudicaram sucessivas colheitas, agravando mais as condições de vida dos habitantes das ilhas, que solicitaram ao rei autorização para emigrar.

Atendendo às súplicas dos súditos, o edital real de 1747 convocava os açorianos que quisessem emigrar para o Brasil, preferencialmente casais, prometendo-lhes ¼ de légua de terra (podendo aumentar com o crescimento da família), além de ferramentas, animais, subsídios em dinheiro, mantimentos até que se estabelecessem com maior segurança.

Segundo TRINDADE¹²⁵, “*Santa Bárbara das Nove Ribeiras será, talvez, o lugar português que mais tenha contribuído para o progresso e povoamento da zona do Carmo.*” Constitui uma das catorze freguezias rurais da Ilha Terceira, onde predomina, sobretudo, a atividade agrícola. De lá vieram as famílias Cotta, Mole e Romeiro.

¹²⁴ TRINDADE (1951: 209-210)

¹²⁵ TRINDADE (1943:42)

3.7.2.1. Cotta

O Guarda-mor João Pedro Cotta é o tronco mineiro da família *Cotta*. Nascido, assim como seus pais Manuel Cotta Vieira e Bárbara Maria, em *Santa Bárbara das Nove Ribeiras, bispado de Angra, na ilha Terceira*, chegou no último quartel do século XVIII em Minas, como funcionário da intendência do ouro. Instalou-se em Antônio Pereira, região do Carmo onde se casou com uma brasileira Teresa Teixeira Sobreiro (nascida em Santana do Paraopeba, freguesia de Congonhas do Campo), filha de Manuel Teixeira Sobreiro, natural de Rua de Lixa (povoação no concelho de Felgueiras, no Douro) e neta pela parte materna de Manuel Filgueiras, natural de Rua de Lixa de Amarante, Freguesia de S. Miguel de Borba de Godim (distrito do Porto e arcebispado de Braga):

Casamento do Guarda-Mor João Pedro Cota:

Aos vinte e um de Junho de mil sete centos e oitenta e dous na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antonio Pereira, feitas as denunciações na forma do Sagr. Conc. Trid. e Const. do Bispado, sem se descobrir impedimento, com Provisão do Rvdo. Dr. Francisco Pereira de Santa Apollonia, em minha presença e das testemunhas José Nunes Pinto Louzada e o Alferes Sebastião Pereira Leite, se receberão em Matrimonio, por palavras de presente, pelas sete horas e meia da manhã João Pedro Cotta, filho legítimo de Manoel Cotta Vieira e de sua mulher Bárbara Maria, natural e baptizado na **freguezia de Santa Bárbara das nove Ribeiras, da Ilha Terceira, Bispado d'Angra**, e Thereza Maria de Jesus Ribeira, filha legítima de Manoel Teixeira Sobreiro e Maria Ribera da Conceição, natural e baptizada na freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Congonhas do Campo: e logo receberão as benções na forma dos sagrados ritos e Ceremonias de Santa Madre Igreja. O Vigário João Pimenta da Costa // Fl.85 do Lº de Casam. de Antonio Pereira (1982).¹²⁶

Casamento de Manuel Cota e Catarina do Espírito Santo

(pais do Guarda-Mor João Pedro Cota):

Em os tres dias do mez de Janeiro de mil seiscentos e noventa e... (ilegíveis algumas linhas)... do Doutor Martinho Pereira da Silva, Conego Prebendado na Santa Igreja de São Salvador, Provisor e Vigario Geral deste Bispado de Angra e Juiz dos Casamentos etc. com licença do Ilustrissimo Senhor Bispo Dom Antonio Vieira Leitão “in facie Ecclesiae” recebi por marido e mulher a Manuel Cotta, filho de Pedro Lucas e sua mulher Catharina Cotta, já defuncta, freguezes de Santa Barbara, com Catharina do Espirito Santo, filha de Amaro Gonçalves e de sua mulher Barbara Lucas, já defunctos, freguezes que forão nesta freguezia, assim como manda a Santa Madre Igreja de Roma e Constituição do Bispado, de que de tudo forão testemunhas o Reverendo Dionisio Pacheco e o Padre Pedro Borges Pacheco e por verdade fiz e assigney dia ut supra. // O Cura Lourenço... (ilegível)¹²⁷

Dos cognomes Cota e Vieira faz menção, repetidas vezes a História Insulana, a que em outro lugar me referi, muito interessante, com ressaibos de classicismo, de autoria do Padre Antonio Cordeiro, Jesuita açoriano. Para edificação dos Cotas que desconheçam o precioso livro, trasladarei para aqui o tópico que se lê na pág.223 do vol.2º:

Mas porque muitos desejarão saber a paterna ascendencia do martyrizado Padre (João Batista Machado de Távora), consta que seu pai se chamava Christovam Nunes Vieira e sua mãe Maria Cotta da Malha, e que por ambas estas vias era dos ilustres e antigos Vieiras, pois não só a dita mãe era filha de outra Maria Cotta da

¹²⁶ TRINDADE (1955: 63-64)

¹²⁷ Ibidem (142-143)

Malha, cujo pai, Pedro Cotta da Malha, era casado com Catharina Vieira; mas também o dito pai do Martyr era filho de Branca Vieira e de Domingos Fernandez [...] e dis tais Vieiras ficaram muitas linhas na Ilha Terceira; e em particular no grande lugar de Santa Bárbara.¹²⁸

3.7.2.2. Mol < Mole

A grande descendência da família *Mol* em Minas Gerais procede dos filhos de *Antônio Gonçalves Mole e Maria da Costa*, pais e filhos nascidos em *Santa Bárbara das Nove Ribeiras*. Os filhos deste casal vieram para o Brasil e se estabeleceram com os seus descendentes na região banhada pelos rios Carmo, Doce, Piranga e Casca.

Natural de São Caetano, região do Carmo, *Manuel da Costa Mol*, neto do casal açoriano, seria o primeiro descendente desta família a assinar *Mol*, sem o –e. Os documentos seguintes comprovam a origem da família Mol e a sua fixação na região do Carmo.

Em os sette dias...(ilegível) e na freguezia de São Bartholomeu donde o contrahente he natural (ilegível) em prezença de mim Christovão Furtado, do Padre João da Costa e de Amaro Romeiro, hora de vespera, se cazaram solemnemente por palavras de presente, por marido e mulher, “in facie Ecclesiae”, Pedro da Costa Molle, filho do Alferes Álvaro Pires e de sua mulher Leonor Martins, com Maria de Jesus, filha de Manoel Gonçalves Castanho e de sua mulher Barbara Gonçalves //.¹²⁹

Nos autos de genere do Padre José Lucas da Costa: seus avós maternos casaram-se, a 7 de Fevereiro de 1706, na matriz de Nove Ribeiras. Foram eles Pedro da Costa Mole, filho do Alferes Álvaro Pinto e Leonor Martins, e Maria de Jesus, filha de Manuel Gonçalves Castanho e Bárbara Gonçalves.¹³⁰

Aos trinta dias do mês de Setembro de mil sette centos e noventa e seis annos, dentro da Matriz de São Joze da Barra Longa, se deo sepultura da Irmandade do Smo. Sacramento ao falecido Joze da Costa Molle, branco, morador **nesta freg^a e nat. da freg^a de Sta. Barbara da Ilha 3^a do Bispado de Angra** e cazado que era com D. Francisca Maria Angelica; foi por mim encomendado e acompanhado a sepultura, e por mais doze R.R. Sacerdottes e todos lhe dicerão Missa de Corpo presente com officio: foi amortalhado no habito da Ordem 3^a de São Francisco de que era Irmão e acompanhado pelas Irmandades do Smo. Sacramento, das Almas, de N. Senhora da Conceição e pela de São Gonçalo dos Pobres: recebeo todos os Sacramentos e não consta que fizesse testamento. Para constar fiz este assento // Joze Ferreira de Souza // Nos autos do 2^o casamento da viúva, Francisca Maria Angelica de Lana, com o Capitão Sebastião Ferreira Rabello //.¹³¹

Aos trinta dias do mez de Abril de mil sete centos e setenta annos na Capella do Obá desta Freguezia o Rdo. Franc^o Xavier Vaz Veloso baptizou e poz os Santos oleos a Thereza parvola filha legitima de Manoel Gonçalves Mol e de Maria Xavier de Nazareth desta dita Freguezia: neta paterna de Ant^o Glz Mol nat. da freguezia de São Bartholomeu e de Francisca do Rosario nat. da freguezia de (ilegível) de Sam Miguel do Anjo; materna do Tenente Francisco Xavier da Costa, de Santa Barbara, e de Joana Batista de Sam Pedro, da Villa de Sam Sebastião, todos da Ilha Terceira, bispado de Angra: forão padrinhos Francisco Glz Coelho e D. Tereza, todos estes freguezes da Barra // O Vig^o(do Furquim) João de Sá Vasconcellos //.¹³²

¹²⁸ TRINDADE (1955: 65)

¹²⁹ Ibidem (145-146)

¹³⁰ Ibidem (143)

¹³¹ Ibidem (146)

¹³² Ibidem (139-140)

3.7.2.3. Romeiro

Junto aos dois troncos açorianos acima citados, Mole e Cotta, estabeleceu-se, também, nessa região, a família Romeiro. Vicente Romeiro e sua mulher, Ana da Costa, lavradores na freguesia de *Santa Bárbara das Nove Ribeiras*, tiveram 5 filhos, todos nascidos na *Ilha Terceira* e casados com pessoas também de lá. Migraram, inicialmente, para Furquim, em seguida, Barra Longa e depois se espalharam por toda a região do Carmo. Atualmente, nessa região, alguns ramos da família se encontram entre os Gomes, Carneiros, Martins e Lanas, dentre outras.

Há na zona do Matipó, não muito distante de São José da Pedra Bonita, município de Abre Campo, no Córrego dos Romeiros, uma vasta família deste apelido. É por certo gente que emigrou do Furquim e Barra Longa, quando se povoavam os sertões da Casa da Casca.¹³³

Batismo de José Ferreira Gomes:

Aos tres dias do mês de Maio de mil sette centos e noventa nesta Matriz baptizei solememente e puz os Santos Oleos a Joze parvulo, filho leg. De Manoel Ferreira Gomes e Thereza Juliana da Encarnação, neto paterno de Custodio Ferreira Antunes e Domingas Gomes, esta natural da freguezia de Touguinhó do Salvador, aquelle de São Simão da Junqueira do Arcebispado de Braga; e pela materna de Antonio Pires Romeiro e Anna Clara de Santa Rita, **naturais da Ilha 3ª Bispado de Angra**. Forão padrinhos o Rvdo. Francisco Ferreira Fialho da freguezia do Sumidouro e Maria Jacintha, irmã do dito Padre Fialho, por procuração que apresentou D. Maria Angélica desta freguezia. E para constar fiz este assento que assignei // O vigrº Joze Ferreira de Souza // Lº de Bat. De Barra Longa (1790), fls.43 //.¹³⁴

3.7.3. Portugueses da região Norte

Com a ordem política instaurada pelas autoridades reais em 1720 e com a criação de uma capitania separada, Vila Rica passa a ser a Capital administrativa de Minas Gerais, apesar de os primeiros governadores preferirem viver no “Carmo”¹³⁵. Nessa época, a Coroa dispunha de muita terra em Minas que era o centro cultural do Brasil e ordenava seus primeiros religiosos, chegando a ter, em 1767, 604 padres vivendo na capitania. Oferecia, portanto, atrativos para os portugueses, principalmente os da região norte, cansados que estavam das sucessivas guerras em que Portugal se envolvia. Encontravam-se, ainda, sem incentivos na agricultura, sobretudo com o início da era pombalina. Apresenta-se abaixo algumas famílias que de lá emigraram para a região do Carmo:

3.7.3.1. Almeidas Castanho

A onze de Março de sincoenta e nove batizei solememente e pus os Stos. Óleos a Bernardo fº legítimo de Antº Pais de Almeida e Ursula Marinha das Virgens; nepto pella parte paterna de João Pais de Almeida da Cidade do Rio de Janrº e Mº Pais da Villa de Itu, Bispado de São Paulo; pella materna de Jozé da Fonseca Marinho **da fregª de Santo Estevam, Termo de Chaves, Arcebispado de Braga**, e Josefa da Sª

¹³³ TRINDADE (1955: 146)

¹³⁴ Ibidem (146-147)

¹³⁵ Atual cidade de Mariana

Ribeira da freg^a de Forquim, deste Bispado: padrinhos Antonio de Crasto Bellosos(sic) todos desta freg^a. O vigr^o Franc^o Xavier da Costa (1759) Fls 137 do L^o 1^o de Bat. de Barra Longa, nos autos de genere do mencionado Padre Bernardo.

Consta dos mesmos autos (1779) que João Pais de Almeida residia em S. João do Crasto e ali vivia da fabricação de imagens.¹³⁶

3.7.3.2. Alves Torres

Essa família procede da *freguezia de Nossa Senhora da Vila, termo de Monção*. A ela se aliam, de acordo com TRINDADE (1943) todas as demais famílias da Zona do Carmo.

3.7.3.3. Carneiros

Furriel João Gonçalves Carneiro nasceu em *Vila Fria, termo de Barcelos, arcebispado de Braga*. Veio para Minas e se casou em São Caetano de Mariana aos 21 de junho de 1779 com Ana Maria Angélica de Jesus (filha do português Antônio João Dias, natural do *Couto de Moreira do Rei, termo de Guimarães*).

Dos autos de habilitação matrimonial do Furriel João Gonçalves Carneiro. Tópico do depoimento de Antonio Alves Calheiros: "...E sendo preguntado pelos interrogatórios do mandado de comição, disse que conhecia ao Justificante o Foriel João Gonçalves Carneiro desde menino na sua Patria onde andarão ambos na escola, e q. he filho o dito Justificante de Manoel Alves Carneiro e de sua Mulher Catharina Gonçalves, **natural da freguezia de São Martinho de Villa Fria**, o qual Justificante veyo de sua Patria para estas Minas de doze annos de idade pouco mais ou menos, solteiro, e desimpedido e mais não dice, e a Signou com o Rdo. Comiçario desta deligencia, e eu o Padre Silvestre Ribeiro de Santa Anna, Escrivão eleito q. o escrevi // Pinto // Antonio Alves Calheiros" // Autos de Habil. Matr. N. 1779, no arq. *Da Cúria de Mariana* //.¹³⁷

3.7.3.4. Costas Cabrais

Aos treze dias do mez de Mayo de mil e sete sentos e trinta e quatro annos, de menhãa, nesta Igreja Matriz de N. Sra. da Conceção de Camargos, feitas as denunciaçoens na forma costumada e não se descobrindo impedimento algum por provisão do Dr. Joze Ribeiro Dias, Vigr^o da Vara desta comarca na minha perzença e das testemunhas João Pinto Alves, morador na Passagem, e Joze Carvalho da Cunha, morador na Paraupeba se recebêrão solenemente por palavras de presente na forma do Sagrado Concílio Tridentino e Constituição Domingos Alves de Carvalho, filho legitimo do Capitão Diogo Alvares de Carvalho e de sua mulher Domingas Alvares **da freg^a do Salvador de Ribas, termo da villa de Basto, arcebispado de Braga**, com D. Maria Coelho da Fonseca, filha legitima do Capitão Manoel Coelho Ferreira e de sua mulher D. Rosa Maria da Fonseca, moradores nesta freg^a e logo lhes dei as Bençoens na forma do Ritual romano do que fiz este assento era ut supra.. O Vigr^o Luiz Antonio Castello Branco.¹³⁸

3.7.3.5. Freitas

Maria Ferreira Roriz, mãe do Capitão Antônio Gomes de Abreu e Freitas, era filha do Sargento-Mor Antônio Ferreira Roriz, nat. **de S. Mamede de Negrelos, arceb. de Braga**, e Vivência Moreira de Castilho, nat. **de Taubaté**; neta pat. de Manuel de FREITAS Roriz, **arceb. de Braga**; neta mat. de José Moreira de Castilho

¹³⁶ TRINDADE (1955:23)

¹³⁷ Ibidem (57)

¹³⁸ Ibidem (29)

e Germana Fragoso, naturais de “Sant’Ana das Cruzes de Mogi” (Moji das Cruzes). Dita Maria Ferreira Roriz, nat. de Sta. Bárbara do Mato Dentro, teve os seguintes irmãos: Padre João Ferreira Roriz – Antônio – José – Domingos – Pedro – Cipriano e Padre Caetano Ferreira Roriz, todos habilit. de genere, em 1751 (Autos n. 1436 no arq. da Cúria de Mariana).¹³⁹

3.7.3.6. Gomes

Francisco Gomes Pinheiro, natural do termo de *Monção, arcebispado de Braga*, veio para Minas na época do seu povoamento, destacando-se como um dos desbravadores da zona do Carmo, obtendo sesmaria em Barra Longa:

Saibam todos quantos este publico instrumento de escritura de venda de bens de raiz, imóveis, dívida e obrigação e consentimento, e como em Direito melhor nome e lugar haja, virem, que, sendo no ano do Nascimento de N. S. Jesus Christo de 1774 anos, aos 15 dias do mês de Novembro do dito ano, neste sítio do Engenho de Sto. Antônio, córrego das Alagoas, freguezia de São José de Barra, termo de Mariana, aonde eu tabelião, ao diante nomeado, fui vindo e, sendo aí, apareceram partes outorgantes, avindas e contratadas, de uma parte estava como vendedor Francisco Gomes Pinheiro, de outra como comprador seu filho, o Revdo. Padre José Gomes Pereira, ambos moradores nesta mesma paragem... este sítio com engenho... uma sesmaria de terras na barra do rio Casca... terras minerais no córrego do Escalvado... dois sítios chamados o Caeté e o sítio de baixo, tudo nesta freguezia... e confrontam as terras deste dito Engenho com a fazenda de Dom Francisco(*), chamada a “Barra”, com terras de... e 56 escravos, tudo no preço de trinta mil cruzados, para lhos dar e pagar no tempo de vinte anos... e por estarem presentes filhos e filhas do dito vendedor e genros e noras: Caetano Gomes Pereira, filho, e sua mulher Antonia Correia do Nascimento; João Gomes Pereira, filho, e sua mulher Maria Inácia da Costa; Joaquim Gomes Pereira, filho, e sua mulher Maria Caetana de Almeida; Boaventura de São José, filho; Ana Maria Pereira, filha, e seu marido Antônio Francisco Pinheiro; Juliana Pereira de Jesus, filha, e seu marido João Francisco Basto; João Gomes Pinheiro, filho natural, e sua mulher Francisca do Espírito Santo, uns moradores nesta mesma freguesia, outros nas de São Caetano e São Sebastião... Onde consta o consentimento que deu o Dr. Manuel Gomes Pinheiro.¹⁴⁰

Padre João Felicíssimo Gomes, natural de São Caetano. Ordenado por d. fr. Cipriano de São José, a 19 de dezembro de 1807. Por algum tempo serviu de escrivão ajudante da câmara eclesiástica. Serviu também de coadjutor do vigário de sua terra natal. Fixou depois sua resideência na fazenda do **Engenho**, uma das que havia fundado seu avô, e na qual sucedeu a seu tio, o padre José Gomes Pereira.¹⁴¹

Dentre os quadranetos dos Gomes, filho de Maria Madalena de Almeida Gomes e Francisco Diogo de Almeida Vasconcelos, está o historiador Salomão de Vasconcelos. (TRINDADE, 1943: 29)

3.7.3.7. Lanas

Tronco: Capitão José Mariano da Costa Lana e Maria Alves Xavier.

João de Lana, de quem descendem os Lanas, os Costas Santos e os Vieiras de Sousa e ainda os Lanes (do Estado do Rio), **era francês, natural de Baiona**, filho de outro João de Lana, mestre-ourives na referida cidade, e de Marta de Tartas. Veio para o Brasil, com escala em Portugal, ao expirar o século XVII. Casou-se no Rio de

¹³⁹ TRINDADE (1955:246)

¹⁴⁰ Ibidem (76-77)

¹⁴¹ Ibidem (33)

Janeiro, freguesia da Sé, com Maria de Jesus. Transferindo-se para Minas, residiu em Vila Rica (Antonio Dias), São Bartolomeu e Cachoeira do Campo, donde voltou a residir em Antonio Dias, freguesias da comarca de Vila Rica. Como seu pai e seus irmãos, era também ourives. Foi contraste e ensaiador da Casa da Moeda de Vila Rica, provisionado pelo senado da câmara a 30 de abril de 1742: contava então sessenta e sete anos de idade.

Maria de Jesus, sua mulher, era natural do Rio de Janeiro. Tinha um irmão sacerdote, o padre Luís Mendes.¹⁴²

3.7.3.8. Machados

João Machado de Magalhães e Maria Alvaros, naturais da freguesia de *São Pedro da Vila Real, arcebispado de Braga*, casados e com o filho Francisco Machado de Magalhães vieram para Minas, fixando-se na região do Carmo.

Aos trinta dias do mez de Dezembro de mil sette centos e settenta e hú na capella da Passagem, filial desta Matriz Cathedral de licença do Reverendo Conego Cura batizou e poz os Santos Oleos o Padre José dos Santos Coelho, Capellão da dita Capella a Caetano filho legitimo do capitão Francisco Machado de Magalhães e de sua mulher D. Maria Leonor Felícia: forão Padrinhos o Reverendo Joze Carvalho da Roza, Abade da Freguezia de S. Maria do Ferral, da Comarca de Chaves do Arcebispado de Braga, para o que deo os seus poderes ao Doutor Francisco Pais de Oliveira que tocou o dito batizado “in sacro fonte” como Procurador, e D. Tereza Maria, Irmã do dito Padrinho a qual deo os seus poderes a D. Anna felicia, q. com procuração sua fez as suas vezes “in sacro fonte baptismatis”: e para constar faça este q. assigno = O Coadjutor Francisco Lopes Varella.¹⁴³

3.7.3.9. Magalhães

Bernardo de Magalhães nasceu no *Bispado do Porto* a 10 de julho de 1737, tendo se casado em Minas Gerais com Joana Angélica Alves, nascida em Catas Altas e filha de um português, natural de *Santa Maria de Ferreiros, concelho de Entre Homem e Cávado, comarca de Viana, arcebispado de Braga*.

Exmo. e Rvmo. Senhor // Dizem Bernardo José de Magalhães, Manoel Bernardo de Magalhães e João Ceveriano de Magalhães, naturais da Freg^a de Nossa Senhora da Conceição dos Catas Altas deste Bispado de Marianna, filhos legítimos de Bernardo de Magalhães, natural da **Freg^a de Sto. André de Villa Boa de Quires, Bispado do Porto**, e de Joana Angelica Alves nat. e baptizada na Freg^a de Nossa Senhora da Conceição dos Catas altas, deste Bispado; netos pela parte Paterna de Manoel de Magalhaens e de Jeronima de Souza, ambos do lugar do Botelho da sobred^a Freg^a de Sto. André; e pela Materna de José Alves de Carvalho, nat. e baptizado na **Freg^a de Santa Maria de Ferreiros, concelho de entre homem e Cadovo** (sic), querem justificar em como sua Maem he prima irmãa dos Padres Antonio Rodrigues Ferrás e João Rodrigues Pimenta, mandando V. Excia. passar Requisitoria para as origens dos mais Ascendentes, afim de se mostrarem habilitados de Genere... // Pede a V. Excia. Rvma... se digne deferir aos Suplicantes // E.R.M. // Despacho: Remetida ao R. Dr. Provisor p^a prosseguir os tramites, sem q. pr. principio se julguem admittidos // Mar^a 12 de Março de 1800 // Rubrica de Dom Frei Cipriano. // D. e A. faça cls. // Jardim //

José filho de Manoel Alvares de Carvalho e sua mulher Maria Antunes da Silva, do lugar da Corredoura, nasceu aos dez de Março e foi baptizado aos quinze do dito mez deste presente anno de mil setecentos e dezanove forão Padrinhos Costodio da Silva, solteiro, filho de Belchior Lopes, e Paulo Carvalho, mulher de Antonio

¹⁴² TRINDADE (1955:27)

¹⁴³ Ibidem (271-272)

Gonçalves Pinhão, do lugar do **Outeiro desta freguezia de Santa Maria de Ferreiros** e o baptizou de minha licença o Padre João Ferreira, do lugar da Corredoura e para constar fiz este assento eu domingos José da Motta, Abbade desta Igreja // Nos citados autos //.¹⁴⁴

3.7.3.10. Marinho

Tem o seu tronco em Sebastião Pires Durão e sua mulher Ana da Fonseca Marinho, naturais de *Chaves, arcebispado de Braga*. De lá emigrou para as Minas, instalando-se em Furquim, o filho desse casal, José da Fonseca Marinho.

Aos trinta e hũ de Outubro de mil sette centos e trinta nesta Igr^a. Matriz de Bom Jesus do Furquim digo na Cap^a. de Nossa Senhora da Conceiçam do Crasto desta Freg^a. do Bom Jesus do Furquim pellas onze horas da manhã, feitas as diligencias na forma do Sagr. Conc. Trid. sem impedimento algum e com Provizão do R. Vig. da Vara Joseph Simoens em minha prezença e das tts. abaixo assignadas se receberão com palavras de presente Joseph da Fonseca Baptista, naturaes da **V^a de Chaves, Arcebispado de Braga**, e baptizado na freg^a de Santa Maria da d^a V^a e Josefa Ribr^a da S^a d^a naturaes de São Paulo e assistes. nesta freg^a. e baptizada nesta mesma freg^a e os Contraentes nella assistes. e logo se lhe derão as bençoens na Missa, conforme os Ritos da S^a. Madre Igr^a. de q. pa. constar fiz este assento. Era ut supra. O Vigario Ant^o Brandão Pereira.¹⁴⁵

3.7.3.11. Martins

O Capitão Francisco Martins da Silva e seu irmão o Tenente Manuel José Martins, nasceram em *Santa Maria de Siqueira, concelho e arcebispado de Braga*. Vindo para o Brasil, casaram-se com duas irmãs, herdeiras dos padres José Ferreira de Sousa e João Ferreira de Sousa¹⁴⁶, proprietários da Fazenda do Quebra Canoas.

Manoel José, filho legitimo de Custodio da Silva, lavrador, e de sua mulher Maria Martins da Silva, do lugar das Caldas, desta freguezia de Santa Maria de Siqueira; neto pela parte paterna de Antonio da Silva, lavrador, e de sua mulher Marianna da Costa, do mesmo lugar; e pela Materna, neto de Leandro Martins da Silva, lavrador, e de sua mulher Victoria Martins, **do lugar de Bica, da freguezia de São Miguel de Cabreiros**: nasceu aos onze dias do mez de Maio de mil settecentos e settenta e tres; foi baptizado solemnemente nesta Igreja pelo padre José Gomes Ferreira, cura della, aos dezasseis dias do mesmo mez e lhe pos também os Santos Oleos: forão Padrinhos Manoel, solteiro, filho do dito Leandro Martins, e Mariana, solteiro, filha de Francisco Lopes, do lugar de São Saturnino desta freguezia, e para constar fiz este assento dia, mez e anno, ut supra, e eu João Baptista Ferreira, Abbade desta Igreja que o escrevi e assignei // o Abbade João Baptista Ferreira // Nos autos de habilit. matrimonial do Tte. Manuel José //.

Dos mesmos autos consta que o Tenente José Martins viera de sua pátria, “Sta Maria de Siqueira, de des ou onze annos de idade em indirectura para este Bispado... nunca morara em outra freguezia algua mais do que a da sua Patria, esta do Furquim e alguns annos na cidade Marianna”.

Aos vinte tres dias de Novembro de mil sette centos e oitenta e dois annos, nesta Matriz, o Padre José Ferreira de Soiza, de licença do Rvdo. Vigario José da Costa de Oliveira, batizou solemnemente pos os Santos Oleos a Ana parvola, filha legitima de Leonardo José Teixeira e Maria Jenoveva: neta paterna de João Martins e Luiza Teixeira: materna de Antonio Ferreira Velho e Maria da Conceição: Forão padrinhos

¹⁴⁴ TRINDADE (1955: 101-102)

¹⁴⁵ TRINDADE (1943: 296)

¹⁴⁶ A família Ferreira de Sousa tem sua origem em *Santa Bárbara das Nove Ribeiras, na Ilha Terceira, nos Açores*. Chegaram em Furquim, Minas Gerais, na metade do século XVIII.

João José Teixeira, da freguezia de Antonio Pereira, e Marianna solteira desta freguezia, como todos os mais, de que fiz este assento que assignei: Forquim, 8 de Janeiro de 1783 // O Vigario Encomendado João Ferreira de Soiza // Nos autos de habilit. matrimonial do Tte. Manuel José //

Aos quatro de maio de mil oito centos e vinte cinco na Irmida do SS. Sacramento do Quebra Canoas Baptisei solenemente e puz os Stos. Oleos a Anna Florencia, filha legitima de Cppm. Francisco Martins da Silva e D. Maria Joaquina de Souza e forão padrinhos o Cpm. João Lourenço Dias e D. Tereza Maria de São Joseph e para constar mandei fazer este assento q. vai por mim somente assignado // O Vigrº Antonio Joze de Mello e Lima // Lº 4º de Bat. de Barra Longa, fls.81 verso//.

Aos cinco de Maio de mil oitocentos e quarenta e cinco, no Apaga Fogo desta Fregª da Barra Longa, feitas as denunciações e tudo o que determina o Sagrado Concilio Tridentino, sem constar impedimento algum, o Rdo. Joaquim Antonio de Azevedo, de licença minha, assistio ao Sacramento do Matrimonio que entre si contrahirão por palavras de presente, “infacie Ecclesiae” o doutor Francisco Ferreira Martins da Silva, homem branco de idade de 26 annos, eD. Maria Regina Alves da Conceição, mulher branca de idade de 16 annos, e logo lhes deo as Benções Nupciaes na forma do Ritual Romano, sendo testemunhas o Coronel Albino de Siqueira Leite e o Capm. Antonio Gonçalves Machado, do que fiz este assento // O Vigrº Manoel Justiniano da Silva // Lº 4º de Casamtos. De Barra Longa, fls 83 verso // Cf. Rabelos e Pinto Moniz //.¹⁴⁷

3.7.3.12. Matias Barbosa da Silva

O Mestre de Campo Matias Barbosa da Silva nasceu em Anais, filho de Francisco Gomes da Silva e Isabel Barbosa de Caldas. Faleceu em Antônio Dias a 25 de julho de 1742. Antes de se transferir para as Minas residiu em Santos (São Paulo). Subiu para Vila Rica na companhia do governador Artur de Sá, em 1711. Mestre de Campo, Coronel de Cavalaria. Fez-se senhor da zona do Carmo (e em outros pontos da capitania) de vastos domínios que posteriormente se desdobraram nas fazendas do Crasto, Silveiras, Baixada, Onça, Jurumirim, Santa Ana do Deserto e Corvinas. A sede principal de todo o vasto território do abastado Coronel foi a fazenda da Barra de Matias Barbosa, que John Mawe visitou, em 1809, quando já pertencia ao Conde de Linhares, bisneto de Matias.¹⁴⁸

3.7.3.13. Milagres

Essa família tem sua origem com Pedro Gonçalves, natural de *São Salvador de Cambezés, concelho e comarca de Monsão, distrito de Viana do Castelo, arcebispado de Braga*. Seu filho, Antônio Rodrigues, casou-se em Valença do Minho e migrou para as Minas, onde se fixou.

3.7.3.14. Oliveira

Aos sete dias do mez de Setbrº de mil e sete centos e cincoenta e cinco Baptizei solemnemente e puz os Santos Oleos a Francisca que nasceo a vinte e dous de Agosto, filha legítima de Paulo de Oliveira e Marianna de Oliveira; neta pella parte paterna de João de Oliveira do Lago e Mariana Mathias, **ambos da freguezia do Lago, Couto de Rendufe, Arcebispado de Braga**; pella Materna de Caetano de Oliviera e Catharina Nunes, nascida na Covanca (B.Longa) e o marido natural de Torre Vedras do Patriarcado de Lisboa; forão Padrinhos Antonio Alves Torres e Isabel Correa de Jesus, todos desta freguezia; e para constar fiz este assento dia, era ut supra // O Vigario Francisco Xavier da Costa // Autos de habilit. matr. nº 757 no Arq. da Cúria Marianense //.¹⁴⁹

¹⁴⁷ TRINDADE (1955: 105-107)

¹⁴⁸ Ibidem (15)

¹⁴⁹ Ibidem (119)

3.7.3.15. Pereira Guimarães

O alferes Gualter Pereira Guimarães, tronco de uma família que se ramificou largamente por várias localidades mineiras, nasceu em **São Pedro de Freitas** a 23 de novembro de 1732. Era filho de Gualter Vieira e Senhorinha Pereira, agricultores, nascidos respectivamente a 5 de janeiro de 1695 e a 4 de abril de 1711. Seus avós paternos e maternos eram “do lugar de **Sobreiro**”¹⁵⁰ da mencionada freguesia de Freitas. Aos quatorze anos de idade transportou-se para as Minas, fixando-se em Barra Longa. Casou-se na fazenda do Bueno(1752) [...] e fundou a sua própria a fazenda do Gualter.¹⁵¹

3.7.3.16. Rolas

Manuel Francisco Rola e Maria Gonçalves, **naturais de Santa Eulália de Valadares, termo de Barcelos**, transferiram-se para as Minas em princípios do século XVIII; fixaram-se em São Caetano a princípio e depois em Barra Longa, comarca de Mariana (ainda Vila do Carmo), e aí deram origem à família Rola, tão disseminada hoje por todo o Estado e, particularmente, pelos municípios de Mariana, Barra Longa, Dom Silvério, Alvinópolis e São Domingos do Prata.

Do casal supra nasceu em Valadares:

MANUEL FRANCISCO ROLA que se casou em Barra Longa com Joana Gonçalves Ribeiro, filha do Guarda-Mor Antônio Rodrigues Afonso, natural de **São Miguel de Fontoura, termo de Valença do Minho**, e de Bárbara da Silva Ribeiro, filha de Bento da Silva Alvarenga, Qn2 de Siqueiras de Mendonça.

*Padre José Francisco Ribeiro Rola, ord. em Mariana em 1785 e seu irmão o Guarda-Mor Antônio Rodrigues Afonso foram os donos da fazenda do Rola.¹⁵²

Do testamento do Guarda-Mor Antonio Rodrigues Afonso, feito a 10 de janeiro de 1809:

“[...] Declaro que sou filho legítimo de Manoel Franc^o Rola e sua mulher Joanna Glz. Ribr^a, ambos falecidos e sou natural da Freg^a de S. Jose da Barra Longa, aonde vivo e sou cazado a face da Igreja com Caetana Correia de Magalhães de cuio Matrimonio tivemos treze filhos, a saber: Anna cazada com Luiz José de Carvalho, o Padre Manoel Antonio, Antonio José Rodrigues, José Antonio Rodrigues, Joaquim, Francisco, Albano, Manoel, José Antonio, Joaquim, Francisco, Albano, Manoel, João, Mariana cazada com Francisco José, Felicia, Francisca cazada com Joaquim José de Barsellos, Maria, os quaes são meus herdeiros...” // Autos no Arq. Da cúria Marianense//.¹⁵³

3.7.3.17. Sete Câmara

O capitão Antônio Rodrigues Sete e sua mulher, Maria Joana Gonçalves¹⁵⁴, naturais de *São Salvador de Barbeita, termo de Monção, arcebispado de Braga* constituem o

¹⁵⁰ Sobreiro – aldeia da freguesia de Freitas, com. de Fafe(Vila e freguesia no Minho, distr. e arceb. de Braga)

¹⁵¹ TRINDADE (1943: 218)

¹⁵² Idem (1951: 149)

¹⁵³ Idem (1955: 137)

¹⁵⁴ Descende do descobridor da ilha da Madeira, João Gonçalves Zarco. Segundo TRINDADE (1943: 274) “o cognome Câmara teve origem interessante no descobrimento desta ilha. Da baía, a que aportara e a que, por se lhe deparar ali uma ninhada de lobos, dera a denominação de ‘Câmara de Lobos’, lhe veio, a Gonçalves Zarco, por determinação do infante Dom Henrique, aquele apelido. Gonçalves Zarco passou a chamar-se Gonçalves Zarco da Câmara.

tronco desta família mineira. Tiveram um único filho, Sebastião Rodrigues Sete Câmara¹⁵⁵, nascido também em Barbeita, que veio para Minas no posto de sargento mor das ordenanças do termo de Mariana, casando-se nesta cidade com uma descendente dos Torres.

No mesmo dia, mez e anno assima declarado (cinco de março de mil setecentos e noventa e cinco), o padre Francisco Esteves baptizou a Sebastião inocente, filho de Sebastião Rodrigues Sete e D. Thereza Joaquina Fidelis da Silva, neto paterno do Capm. Antonio Rodrigues Sete, natural da **freguezia de Sam Salvador de Barbete, termo de Monsão, Arcebispado de Braga**, e de D. Maria Joana Gonçalves da mesma freguezia; e neto pela parte Materna do Tenente Antonio Gonçalves Torres, da freg^a do Senhor Bom Jesus do Monte do Furquim, deste Bispado, e de D. Caetana Maria Engracia do Sacramento, da freguezia de São Caetano. Padrinhos o Dr. Ignacio Joze de Souza Rabello e sua molher D. Antonia Constancia da Rocha, moradores no Gualacho. O cura João Borges Coelho // L^o de Bat. do Curato da Sé de Mariana (1795) a fls. 469 verso //.¹⁵⁶

3.7.3.18. Sobreiro

Domingos Vaz e Luisa Sobreiro, naturais de *Lixa, Freguesia de São Miguel*, tiveram um único filho que veio para Minas Gerais, casando-se em Vila Rica, dando origem à família no Brasil. Deste casamento nasceram três filhos: dois homens que se tornaram padres e uma mulher que se casou em Antonio Pereira com o guarda-mor João Pedro Cotta, nascido em Santa Bárbara das Nove Ribeiras.

3.7.3.19. Torres

A família de Manuel Gonçalves Torres tem suas raízes em *Nossa Senhora das Neves de Bela, no concelho de Monção*. De lá ele veio com sua mulher e quatro filhos para Minas Gerais, fixando-se na região do Carmo. Em Barra Longa foram donos das fazendas do Jaracatiá e Maribondo.

Aos quinze dias do mez de Abril de mil e sete centos e noventa e cinco, na capella de N. Senhora da Conceição, o Reverendo Manoel Fernandes da Conceição solemnemente baptizou e pos os Santos Oleos a José innocente, filho legitimo do capitão Joaquim José Fernandes e D. Monica da Silva Torres. Padrinhos o Dezembargador Ignacio Jozé de Sz^a Rabello e D. Antonia Constancia da Rocha. E para constar abri este assento depois de se procederem a informações necessarias // O Vigario Antonio Joze de mello e Lima // L^o 3^o de Bat. De B. Longa, fls. 130 //.

Nota – A capela a que se refere o registro que se acaba de ler pertencia à fazenda do “Jaracatiá” e se erguia ao alto de uma suave colina em frente à casa residencial da fazenda. Foi demolida; e todas as suas alfaias, imagens, etc., foram doadas à capela, hoje matriz de Rio Doce, pelo novo proprietário da fazenda, o Dr. Domingos Teixeira Pena. [...]

A fazenda do “Jaracatiá”, hoje de Rio Doce, pertencia, quando nasceu Fernandes Torres, à velha freguezia de Barra Longa.

Aos vinte e seis de março de mil sette centos e noventa e seis Baptizou na minha presença o Padre Manoel Botelho de Sam Payo na Cathedral e poz solemnemente os Santos Oleos a Joaquim innocente, filho legitimo do Alferes Joaquim José Fernandes e de D. Monica Pulcheria Innocenca da Silva Torres. Neto pella parte paterna de Theodosio Fernandes Arcos, **natural da freguezia de Sam Miguel de**

¹⁵⁵ TRINDADE (1943:274) destaca o velho solar dos Sete Câmaras, *Xarnecão*, situado nas proximidades de Santa Cruz do Escalvado, município de Ponte Nova.

¹⁵⁶ TRINDADE (1955: 148)

Arcos do Arcebispado de Braga e de sua mulher Maria de Britto da Conceição, natural da freguesia de Santo Antonio(sic) do Rio das Pedras; e pella parte Materna do Thenente Antonio Gonçalves Torres e de Dona Caetana Maria Engracia do Sacramento, naturaes deste Bispado. Forão Padrinhos Sebastião Rodrigues Sette e sua mulher Dona Thereza Joaquina. De que para constar fiz este assento // O Cura João Borges Coelho // L^o de Bat. Da Sé de Mariana, que servia em 1796 //.¹⁵⁷

3.7.3.20. Trindade

Manuel Ferreira da Trindade, natural de N. **Senhora da Conceição da vila de Queluz**, e sua mulher D. Silvéria Cândida da Trindade são os troncos dos Trindades de Barra Longa. O tenente Manuel Ferreira da Trindade consagrou-se desde os mais verdes anos ao magistério e foi o último mestre-régio na velha freguesia mineira; foi ainda o primeiro professor, no império, da mesma paróquia e hoje cidade de Barra Longa.¹⁵⁸

3.7.3.21. Vasconcelos

Segundo TRINDADE¹⁵⁹, José de Vasconcelos Monteiro casou-se com uma bisneta dos Magalhães anteriormente citados e tetraneta dos Gomes.

Nascido em **Arouca, concelho de Aveiro**, José de Vasconcelos Monteiro veio muito criança para o Brasil, instalando-se em Barra Longa [...] Suas composições musicais, das quais muitas correm impressas, são numerosas e muito apreciadas. É autor de “O Altar Infernal”, drama; “Higiene do Espírito”, conferências; “A Verdade Necessária e o Problema Social”, dissertações filosóficas apologéticas...” Era também conhecido como Juca Labrego.¹⁶⁰

3.7.3.22. Veloso de Miranda

Jerônimo da Silva Guimarães, nascido em uma das freguesias da *vila de Guimarães, arcebispado de Braga*, casou-se com Angélica de Miranda da Fonseca, nascida em *Vila Nova de Famalicão* e são os pais do Sargento mor Francisco Veloso de Miranda que veio para a região do Carmo, casando-se, por sua vez, com Maria Teresa de Nazaré¹⁶¹, natural do Inficionado, hoje Santa Rita Durão.

3.7.3.23. Vieira de Sousa

Manuel Vieira e sua esposa Maria de Sousa eram naturais de *São Martinho de Lagares, comarca de Penafiel e bispado do Porto* e tiveram três filhos que migraram para a

¹⁵⁷ TRINDADE (1955: 176-177)

¹⁵⁸ TRINDADE (1943: 315)

¹⁵⁹ Ibidem (175)

¹⁶⁰ Labrego – alcunha que se deu aos portugueses nos tempos coloniais (HOUAISS:2001) // De acordo com HOLANDA FERREIRA (1987), há outras muitas alcunhas, além da de “galego” dadas aos portugueses, algumas delas já fora de uso: “*abacaxi, bicudo, boaba ou boava, emboaba ou emboava, candango, caneludo, chumbinho, cotruco, cupé, cutruca, jaleco, japona, ‘labrego’, marabuto, marinheiro, maroto, marreta, mascate, mondrongo, novato, parrudo, pé-de-chumbo, portuga, puça, sapatão, talaveira.*”

¹⁶¹ Irmã de Frei José de Santa Rita Durão, o autor do *Caramuru*.

zona do Carmo, seguindo para a região de Ponte Nova. Um dos seus netos, Furriel Ângelo Vieira de Sousa¹⁶², é o fundador da cidade de Rio Casca.

Em os vinte e nove dias do mês de Novembro de mil setecentos e vinte e hum feitas as Denunciaçoens na forma do Sagrado concilio Tridentino e Constituição do Bispado se receberão em minha prezença e do Padre Jeronimo Coelho de Souza, Coadjutor desta freguezia, as onze horas da Manham, sem empedimento algum Manoel Vieira, viuvo que ficou de Jeronima de Sousa, filho legitimo de Domingos João e de sua mulher Maria Antonia, **moradores no lugar de Lagares**, com Maria de Souza, filha de Domingos Alves e de sua mulher Maria de Souza, do lugar de Ordins, todos desta freguezia: forão testemunhas Luiz Pinto e o Padre Manoel Pinto e Luiz, solteiro, todos do lugar da igreja. Era ut supra // O Padre Jeronimo Coelho de Souza //.¹⁶³

3.8. CONSIDERAÇÕES

Neste capítulo focalizou-se aspectos históricos da Região do Carmo, necessários para embasar um estudo lingüístico de nomes de lugares. Procurou-se primeiramente rever o início da história da conquista do território mineiro pelos bandeirantes paulistas, em seguida conhecer de quem foram as primeiras posses desse novo chão.

Dados como a escassez de alimentos em fins do século XVII e início do XVIII não foram menosprezados, pois acredita-se que tal fato inaugurou uma novo “comportamento” nas Minas, levando ao assentamento de famílias, dando início ao movimento agrícola na região. Movimento este que se intensificou com o “caminho da Bahia”, através da pecuária, unindo as Minas às Gerais.

Destacou-se também a disputa ocorrida entre paulistas e reinóis pela posse da nova terra, culminando com o episódio conhecido como *Guerra dos Emboabas*. Com a vitória dos reinóis, a Região do Carmo passa a se “lusitanizar”: nesse período, a presença da Igreja torna-se forte e a ligação com o nordeste, especialmente, com o bispado do Maranhão, intensifica durante todo o século XVIII. É, também, nessa época que a Região do Carmo passa a receber inúmeras famílias portuguesas – vindas, sobretudo, da região norte de Portugal que, através de cartas de sesmarias, assentavam-se ao longo do Rio Carmo, fixando naquela terra mineira a sua língua portuguesa.

O mapa 2, mostrado a seguir, permite identificar, mais detalhadamente, a região de onde emigraram os portugueses e suas famílias que chegaram às minas no período acima citado.

¹⁶² Casou-se na fazenda do *Piranga*, situada àquele tempo na paróquia de Barra Longa com Maria Feliciano da Purificação, neta dos Rabelos da zona do Carmo, naturais da freguesia de Nossa Senhora do Monte de Caparica, patriarcado de Lisboa.

¹⁶³ TRINDADE (1955: 179)

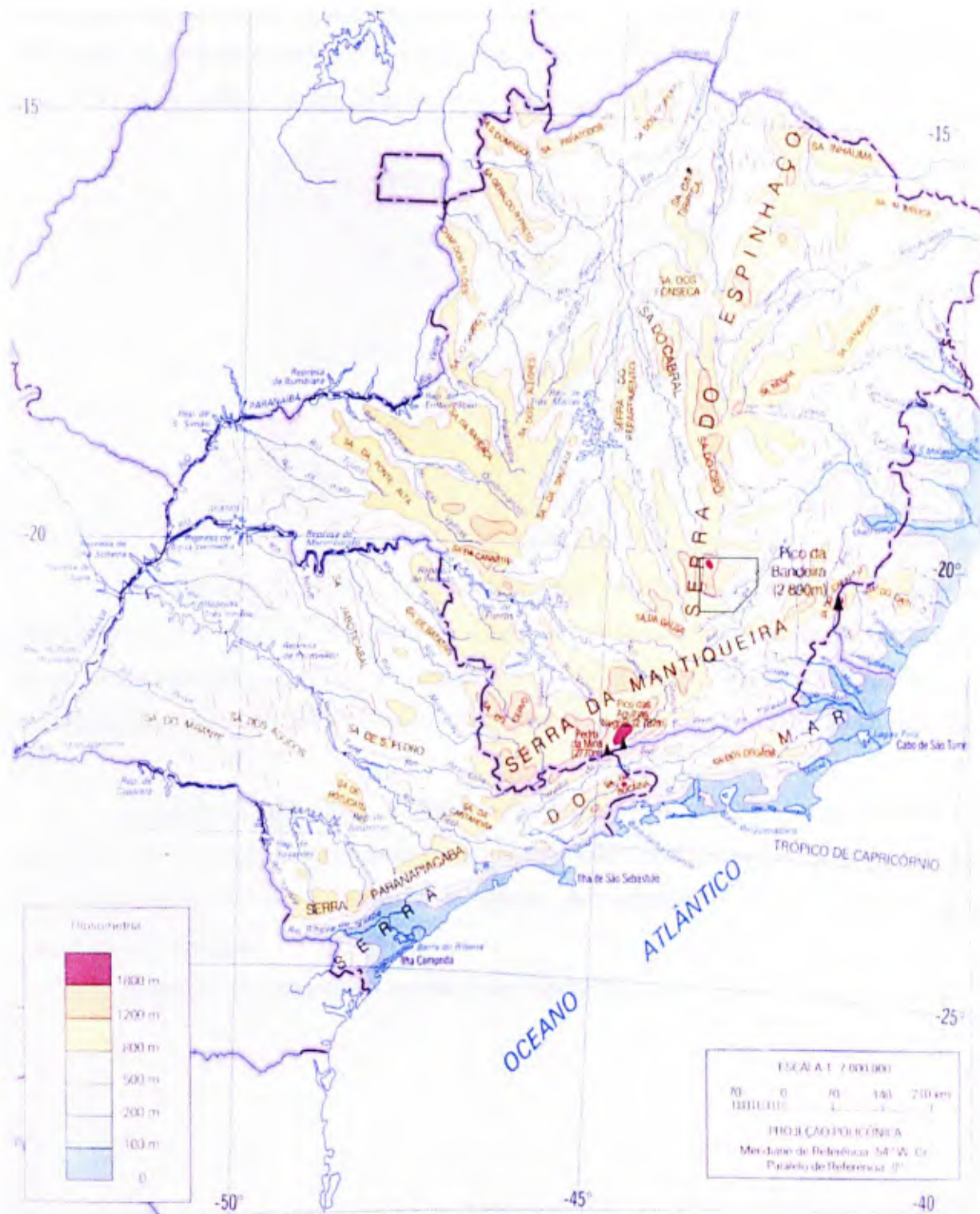


Mapa 2: Portugal

*Vou vendo e vou meditando.
Não bem no rio que passa
Mas só no que estou pensando
Porque o bem dele é que faça
Eu não ver que vai passando.*

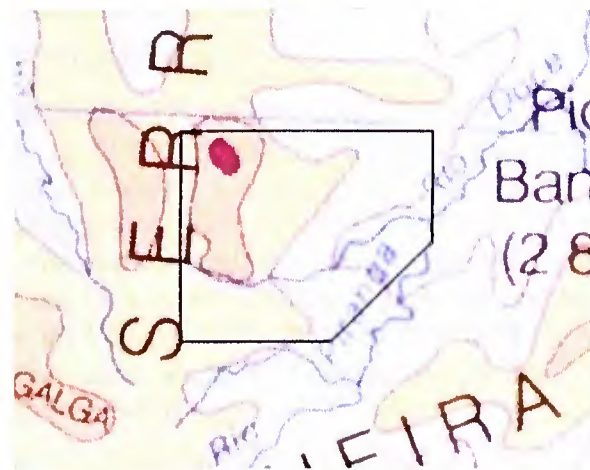
CAPÍTULO 4: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Vindas do norte de Portugal, várias famílias se assentaram ao longo da região do Carmo, acompanhando o percurso do rio que outrora servira como eixo colonizador. O mapa, apresentado a seguir, situa e destaca a região onde se realizou a pesquisa de campo para a coleta dos dados.



Mapa 3: A Região do Carmo em Minas Gerais

A seguir, faço um recorte da região analisada para que se tenha uma melhor visualização da área. Pode-se observar o ponto vermelho que é o pico *Itacolomi*; destaca-se, ainda, parte da serra do *Espinhaço* e o rio *Carmo* que tem a sua nascente nessa serra. Apesar do rio *Carmo* não ter o seu nome escrito neste mapa, é clara a sua identificação uma vez que, conforme já foi mencionado, anteriormente, neste trabalho, ele se encontra com o rio *Piranga*, dando início ao rio *Doce*. A serra do *Espinhaço* não só serve como uma divisão de cadeias de montanhas, separando a mata Atlântica da região do cerrado, como também de divisor de águas. Os rios que estão à direita da serra formam a Bacia do Rio Doce.



Mapa 4: Recorte da Região do Carmo

Os topônimos coletados em entrevistas orais, realizadas na área acima descrita, constituem os *corpora* para a realização da análise que, neste capítulo, são apresentados para fins de sistematização em fichas, adaptadas do modelo DICK (1990). São 210 topônimos, apresentados em ordem alfabética, transcritos conforme mostram as regras, já citadas, em 2.3.3.

Os campos dos quais as fichas se compõem são, também, especificados no capítulo 2, em 2.1. Optou-se por utilizar, no campo “contexto”, parte das entrevistas e dos documentos, encontrando-se os mesmos, na íntegra, para consulta, no volume “Anexos” que acompanha este trabalho.

Passemos à apresentação e análise dos topônimos:

MUNICÍPIO: Acaiaca

ACIDENTE: humano / cidade

ORIGEM: indígena [tupi] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Acaiaca~Acyaca < Ubá do Furquim < São Gonçalo do Ubá < Capella do Obá

Fitotopônimo < Fitotopônimo < Hagiopônimo < Hierotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Em *O tupi na geografia nacional*, TEODORO SAMPAIO (1987: 89) define o termo *acaiacá* como “‘o cedro brasileiro’ (*cedrella brasiliensis*).” Apoiam-se outros autores nesta definição: COSTA (1997), SILVEIRA BUENO (1998), HOUAISS (2001). Este último mostra que *acaiaca* entrou para o português em 1856. COSTA (1997: 89) discorre sobre a evolução do distrito *Ubá* até o atual município *Acaiaca*: “distrito na aplicação de *Ubá*, município de Mariana, por lei nº 271 de 15-V-1844. Distrito suprimido por lei nº 288 de 12-III-1846. Paróquia de *São Gonçalo do Ubá* por lei nº 2085 de 24-XII-1874. Nome atual por lei nº 843 de 7-IX-1923. Município e cidade por lei nº 2764 de 30-XII-1962”, apontando o lugar como “acampamento dos tropeiros do Serro”.

Já *Ubá*, segundo TEODORO SAMPAIO (1987: 189), procede de *yba-á* > *ybá*, “o que se colhe da árvore, o fruto. Também significa canoa, mas das fabricadas com casca de árvore.” HOUAISS (2001) diz também ser o vocábulo de etimologia tupi, mas oriundo de *uu’wa*, designativo de “cana do rio”. TEODORO SAMPAIO (1987: 157) reconhece essa etimologia, entretanto faz distinção entre *uyba* e *ybá*, apontando duas entradas para *ubá*, pois não vê clara, na última, a designação para flecha. SILVEIRA BUENO não faz tal distinção, assim como HOUAISS. O termo *ubá* pode também ter sua origem no africano *obá*, “rei, chefe” de acordo com PESSOA DE CASTRO (2001:298)

Conhecida em 1770 como *Capella do Obá* (cf. “documento escrito”) *Acaiaca* foi, inicialmente, “antiga capela filial do Furquim com o topônimo *São Gonçalo do Ubá*” (TRINDADE, 1955: 251) e, posteriormente, chamada de *Ubá do Furquim* (TRINDADE, 1917: 85).

CONTEXTO:

➤ **Oral Contemporâneo**

“Pesq.: *Acaiaca* também tinha um outro nome num tinha?”

Inf. 1: *Acaiaca... Acaiaca já pertenceu Furquim...Você vê a diferença né? Como desenvolveu...O cartório era lá... registro...*

Pesq.: *Era São Gonçalo de Ubá... né?*

Inf. 1: *São Gonçalo de Ubá... [...] Exatamente São Gonçalo de Ubá[...]*

Pesq.: *O que que significa Acaiaca?*

Inf. 1: *As vezes é pra lê duas vezes num tempo só (risos)*

Inf.2: *Vai e volta”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P.68, L.410-427)

“Pesq.: *Por que aqui chama Acaiaca?*

Inf.1: *Porque eles considerando como **Acaiaca** é um nome importante... um nome Indígena... então acho que é ispcialmente por isso...*

Pesq.: *O que significa... o senhor sabe?*

Inf. 1: ***Acaiaca**... a informação que eu tenho que é um nome indígena... né? **Acaiaca***

Pesq.: *E aqui teve algum nome antes?*

Inf. 1: *Aqui?*

Pesq.: *Antes de ser **Acaiaca**?*

Inf. 1: *Ah não aqui era **Ubá***

Pesq.: ***Ubá**?*

Inf. 1: *É...**Ubá**... Conheci assim...**Ubá de Furquim**... Depois aqui cresceu mais de que **Furquim**... teve a troca de nome e ficô desaparecido esse negócio de **Ubá de Furquim**...**Ubá** esse mudô o nome pra **Acaiaca**... já ixtinguiu esse negócio de **Furquim**...[...]*

Pesq.: *Agora esse nome **Ubá** que aqui teve antes...vocês sabem qual que é a origem dele... é portuguesa... é indígena... o que que é? **Acaiaca** o senhor me falou que é indígena...*

Inf.1: ***Acaiaca** é...*

Inf.2: *Eu ouvi de um casal que cultivava plantação de **ubá**... Dona Maria de **Ubá**... que cultivava **ubá** pra fazê gaiola... essas coisas... que teria existido... mas eu num sei assim de nenhum registro desse fato...*

Pesq.: *Mas e por que ficou com o nome indígena **Acaiaca**...aqui tinha índio?*

Inf. 2: *Olha... **Acaiaca**... o nome foi colocado por ocasião da inauguração da estação e... dizem que existia aqui um cedro e que eles deram o nome de **Acaiaca** pela presença do cedro e que o cedro era muito cultuado pelos índios como sendo uma árvore milagrosa e que eles chamavam de **acaiacá**.*

(Cf. Anexo 1 - Entrevista 16 - P.103-104, L.42-54; P. 105, L.139-148)

➤ Documento escrito

“Aos trinta dias do mez de Abril de mil sete centos e setenta annos na Capella do Obá desta dita Freguezia o Rdo. Francº Xavier Vaz Veloso baptizou e poz os Santos oleos a Thereza parvola filha legitima de Manoel Gonçalves Mol e de Maria Xavier de Nazareth desta dita freguezia: neta paterna de Antº Glz Mol nat. da freguezia de São Bartolomeu e de Francisca do Rosario nat. da freguezia de (ilegível), de Sam Miguel do Anjo; materna do Tenente Francisco Xavier da Costa, de Santa Barbara, e de Joana Batista de Sam Pedro, da villa de Sam Sebastião, todos da Ilha Terceira, bispado de Angra: forão padrinhos Francisco Glz Coelho e D. Tereza, todos estes freguezes da Barra // O Vigº (do Furquim) João de Sá Vasconcellos //.” (Apud TRINDADE, 1955: 139-140)

“Certifico, que a fls. 15 do livro N. 3º E, foi transcrito hoje sob o N. 1316 o titulo particular de compra e venda do immovel denominado ‘Casa Velha’ no povoado de Monte Vidio, districto de Acayaca, com a área de uma e meia quarta de terras de cultura em comunhão com mais socios dividindo por um lado com terras de D. Marcilianna Ferreira e por outro lado com terras de mais herdeiros, que entre si fazem como outorgantes vendedores Joaquim Avelino Barreto e sua mulher D. Eulalia Maria de Jesus e como outorgado comprador Luiz Venancio Pereira pelo preço de cento e cincoenta mil reis(150.000). O titulo foi passado aos 1º de abril de 1937. Foram pagos os impostos e sellos devidos. Marianna, 22 de abril de 1937.”

(Cf. Anexo 4 – Escrituras – P. 300)

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: portuguesa < árabe (cf. HOUAISS, 2001; CUNHA, 1987)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

HOUAISS (2001) define **açude** como “construção de terra, pedra, cimento, etc., destinada a represar águas, a fim de que sejam usados na geração de força, na agricultura ou no abastecimento [...]”. Para CUNHA (1987) o vocábulo significa “represa, água, barragem”, incorporado ao português no século XIII, proveniente do ár., *as-sudd*. MACHADO (1984) aponta **Açude** como “topônimo freqüente” em Portugal.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

*“Aqui, neste lugar... neste lugar [...] que dá pro **Açude**... buraco do **Açude** que chama né? [...] eu acho ocê sabe por conta de quê?... é porque o que foi dono da Boa Viagem... de minha madrinha que eu tô ti contano... intonce ele pegô uma água aqui em cima aqui pra tocá o muinho de muê imbaxo... intonce apelidô o lugá do **Açude** no açude de/ quand’ pegô... quand’ pegô a água aí imbaxo aí apilidô pro açude do rio... e ficô...”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 2 – P.13, L.5-7; P.14, L.72-75)

➤ **Documento escrito**

*“Saibam quantos este publico instrumento de escritura publica de compra e venda de um immovel virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de **mil novecentos e trinta e um**, aos sete dias do mês de novembro, neste distrito de Acaiaca, Município de Mariana, Estado de Minas Geraes, Republica dos Estados Unidos do Brasil [...] Perante as quaes por ele outorgante vendedor Elias Isac me foi dito, que é senhor e legitimo possuidor de nove alqueires de terra em plantio de milho, mais ou menos, situados no logar denominado ‘Olaria’, neste distrito, inclusive um moinho para fubá, no mesmo lugar, coberto de telhas, com as seguintes divisas e confrontações: Por um lado com terras dos moradores do povoado de Monte Vidio, por outro lado com terras da Fazenda das Corvinas, e por outro lado com terras dos moradores do logar denominado ‘**Açude**’, distrito de Barra Longa, cujo terreno se acha em commum com outros socios, que obteve por compra a Manoel C. Mendes, Manoel Isequiel da Silva e outros, como consta dos titulos particulares que entrega ao comprador, e que se achão registrados no Livro 3º c de Transcrição de Immoveis.[...] Acaiaca 7 de novembro de 1931. Eu Manoel Jeronymo de Senna, escrivão de Paz e Tabelião de Notas, que a escrevi; subscrevi e assino em publico e raso. Em testemunho de verdade. Manoel Jeronymo de Senna.”*

(Cf. Anexo 4 – Escrituras – P. 305-308)

(03) Topônimo: ÁGUA FRIA

Taxonomia: Hidrotopônimo

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: Água Fria ~ Agoa Fria

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [Ssing + ADJsing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Para MACHADO (1984), o topônimo **Água** (do substantivo feminino água) é muito freqüente sobretudo em compostos: “Água Alta, Água Branca, Olhos de Água [...]” Segundo HOUAISS (2001), este vocábulo é de etimologia latina, “aqua, ae” “água”. Fonte histórica: 973 “agua”, XIII “agua”, XIII “aga”, XIII “augua”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“...foi nessa grotta di cá... pu[r]qui lá lá... tem dois corgo[s]... tem um qui vem lá d'Água Fria i desce i tem o'tro qui/qui vem lá do/do Bonfim...viu? I essa/esse Baú [es]tá mai[s] na/na direita qui vem do d'Água Fria viu?... cá emba'xo.”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 7 – P.48, L.126-128)

➤ **Documento escrito**

“Aos 16 de Fevereiro de 1847 na Ermida de Agoa Fria o R. João Felicissimo Gomes de lecença bap. Solmte. e poz os S. Oleos a José innocente filho legitimo de Albano José Rodrigues e D. Anna Candida de Moraes, brancos; nasceo o dº ime. a sette do dº mez e forão padros. José Justiniano Gomes e D. Maria José de Jesus. O Vigº Mel. Justiniano da Sª.”(Lº 6º de B. Longa fls. 91 apud TRINDADE, 1951:164).

(04) Topônimo: ÁGUA LIMPA

Taxonomia: Hidrotopônimo

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural

ETIMOLOGIA: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: Água Limpa < Engenho da Água Limpa < Corrigo Agoa Limpa

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [Ssing + ADJsing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Com a palavra ‘agua’ muitos locaes mineiros se compuzeram, dentro da nossa lingua, segundo o falar brasileiro. Assim ‘Agua Doce’ (ribeirão e sítio, em Paracatu); ‘Água Clara’ (município de Bonfim); ‘Agua Limpa’ (no município de Juiz de Fora); ‘Agua Rosa’ (vereda no município da villa de João Pinheiro) etc.” (SENNA, 1926: 197)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Água Limpa? É lá...[...]. É lá perto de Padre Viegas[...] ali chama Água Limpa... aquela região ali... per[to] do asfalto... onde tem uma vendinha... que vende doce... vende queijo[...] Aquela região... Uai... ali era do... dos Milagre... num sei se... agora tem outro dono ali... num sei o nome desse/ desse pessoal que tem até essa/ esse comércio...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 9 – P.59-60, L.45-55)

“Água Limpa é na/na/na entrada de Sumidoro ali né? Aquele lugar ali chama Água Limpa... Agora porque que é Água Limpa eu num sei...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 17 – P.110, L.84-85)

➤ **Documento escrito**

*“Antonio Carlos Vicente Xavier Furtado de Castro Reis, mendonça, Brigadeiro dos Exércitos de Sua Magestade Fidelissima, do Governador, Capitam General da Capitania da Minas Geraes Presidente da Fazenda Real etc Faço saber aos que esta minha carta de Sesmaria virem que tendo respeito a me representar por sua petição Manoel Francisco Rolla, que no Rio do Peixe em o **corrigo** chamado **Agoa Limpa**, Freguesia de San José da Barra Longa, Termo da cidade de Marianna[...] Dada em Villa Rica de Nossa Senhora do Pillar do Ouro Preto aos vinte e seis de Setembro Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de **mil setecentos e setenta e tres.**”*

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 296-297)

*“Bernardo Joze de Lorena do conselho de Sua Magestade O Govenador e Capitam General da Capitania de Minas Geraes etc Faço saber aos que esta minha carta de Sesmaria virem que tendo consideração a me representar por Sua petição Joaquim Rodrigues carvalho que na paragem chamada o **Engenho da Água limpa**, aplicação de S. Domingos Freguezia do Sumidouro[...] Dada em Villa Rica de Nossa Senhora do Pillar do Ouro Preto a vinte de outubro Anno do nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de **mil setecentos noventa e Sete**”*

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 282-284)

(05) Topônimo: ÁGUAS CLARAS

Taxonomia: Hidrotopônimo

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [Spl + ADJpl]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MACHADO (1984) informa ser muito freqüente a ocorrência do topônimo **Águas** (plural do substantivo feminino água) e exemplifica: “Águas Belas, Águas Férreas, Águas Frias”.

Sobre topônimos compostos com o vocábulo água, afirma DICK (1990: 251-252): “[...] surgem na hidrotoponímia brasileira, com expressivos índices de exemplificação, as fontes, os olhos d’água, os lagos, as lagoas, e a própria **água**, em formas compostas:...Água Azul, Água Bela, Água Bonita, Água Clara, Água Doce, Água Boa, Água Fina, Águas Virutasas, Águas Verdes, etc.”

CONTEXTO:**➤ Oral contemporâneo**

“Bento Leite é p’r’o lado de lá tam[b]ém[...] lá in[d]o p’rá *Águas Claras*... Boa Vista... Cláudio Man’el...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P.67, L.371-373)

➤ Documento escrito

“*Águas Claras é uma antiga capela filial do Inficionado*”(TRINDADE, 1955:251)

(06) Topônimo: ALTO JERÔNIMO

Taxonomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: físico / campo

ORIGEM: portuguesa (cf. HOUAISS, 2001)

HISTÓRICO: Alto Jerônimo < Alto *do Jerônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}] (ADJ + prenome)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

SENNÁ (1926:204) apresenta o topônimo *Alto* como “um termo geographico commumente empregado em Minas para designar, ora ‘um monte destacado, de pequena elevação’, sobre os terrenos circunjacentes; ora um ‘têso’, ou a parte superior de um serrote, de um morro; a cabeça, o cimo ou ‘cabeço’ de uma collina. Nesse sentido diz-se: o *Alto da Serra*; o *Alto do Morro*; o *Alto da Grotá*; o *Alto dos Bois*, etc. Nas povoações do interior, é frequente existir um ‘Alto da Cruz’, um ‘Alto do Cruzeiro’, um ‘Alto da Matriz’, um ‘Alto do Rosario’, etc. Também se emprega, em Minas, na accepção de ‘cabeceiras’ de um curso d’água, referindo-se à parte superior de um rio mais próximo às nascentes. (Por exemplo: Alto-Capim, Alto-Carangola, Alto-Muriahé, Alto-Jequitibá, Alto-Rio-Doce, Alto Manhuassú, Alto-São-Francisco, etc.)”.

Para MACHADO (1984) *Alto* é topônimo freqüente, tanto em Portugal quanto no Brasil. HOUAISS (2001), entre as várias entradas que apresenta para o verbete *alto*, mostra que o vocábulo pode aparecer como “*elemento de composição*”, como “*antepositivo[...]* de derivação de topônimos (quase sempre de natureza fluvial ou altitudico).”

Quanto ao prenome *Jerônimo*, segundo MANSUR GUÉRIOS (1994), tem o seu étimo no “grego *Hieronynos*: ‘(que tem) nome (*ónymos*) sagrado(*hierós*).”

CONTEXTO:**➤ Oral contemporâneo**

“Tinha fazenda só que num é lá no alto... é lá num fundo l’emba’xo ((canto de galo)) [...] é onde tem um posto de gasulina antes de João Ramos/ aqueles alto ali vinha... vinha... até Furquim... chamava *Alto Jerônimo* [...] Na verdade ali moro[u] um sinho[r]... o sinhor... eu cunhicia muito *Jerônimo*... morava ali p’ra ba’xo daqu’es restorante[...] José *Jerônimo*... hoje é do filho... do filho... chama também José *Jerônimo*.”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P.66, L.338-345)

➤ Documento escrito

Alto Jerônimo – CARTA DE MARIANA (Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia – CARTA DO BRASIL – ESC. 1: 50.000; 1986)

(07) Topônimo: **ANTÔNIO PERERA**

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Ouro Preto

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: Antônio Pereira > N. S. da Conceição de Antônio Pereira > Arraial de Baixo
Antropotopônimo > Hierotopônimo > Poliotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + S_{sing}] (prenome + apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo BARBOSA (1971:39) **Antônio Pereira** era português, natural da freguesia de São João de Caldas, termo da vila de Guimarães, Arcebispado de Braga. Instalou-se nos arredores de Ouro Preto e em 1703, perto de sua casa, ergueu uma ermida consagrada à **Nossa Senhora da Conceição**. Em torno dessa ermida cresceu o povoado que, inicialmente, foi denominado **Arraial de Baixo**. O topônimo **Antônio Pereira** é, pois, alusivo ao morador do primeiro sítio. Já o topônimo **Nossa Senhora da Conceição de Antônio Pereira** é apontado por SILVA (1997:80) como uma das freguesias e um dos distritos de Ouro Preto. TRINDADE (1955:254) também reconhece o arraial com esse nome e o aponta como freguesia antiga da arquidiocese de Mariana, comarca de Ouro Preto, que teve certa importância na era do ouro fácil mas que decaiu, estando anexa ao curato da Sé.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Inf.: *Antônio Perera... cunheço... Um cemitério... uma igreja que pegô fogo... né? Uma ruína de uma igreja antiga... tem uma lapa lá que Nossa Senhora aparece... um aglomerado...de casas... Um lugarzinho bem grande... Tem o topázio imperial... acho que é o único do mundo... é o melhor do mundo... lá no Antônio Perera...Um lugar muito cobijado... Inclusive ano passado teve uma briga feia entre Vale do Rio Doce e os garimperos lá[...]*

Pesq.: *O senhor sabe quem foi Antônio Pereira?*

Inf.: *Não... Antônio Perera...*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 17 – P.110, L.66-78)

➤ **Documento escrito**

“*Antônio Pereira: Tem de comunhão 1163, de confissão 232, que fazem a soma de 1395.*” (Rol das pessoas de confissão e comunhão em diversas vilas de Minas Gerais. Anônimo, Vila Rica, 1749, apud *Códice Costa Matoso*,1999:707)

Antônio Pereira [MAPA da região do alto rio Doce (Ribeirão do Carmo), Rio das Velhas e Rio Paraopeba] (Região da zona da Mata, 20° - 21° 30' S) Diogo Soares ca. 1734/5, apud *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província*, 2002.

(08) Topônimo: **APAGA FOGO**

Taxonomia: *Dirrematopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [V + S_{sing}] (Expressão Lexical Cristalizada)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

HOUAISS (2001) apresenta e define alguns verbetes que são expressões cristalizadas constituídas a partir do verbo apagar, substantivado: *apaga-luz* (besouro), *apaga-penol* (utensílio de barco a vela), *apaga-pó* (chuva pouco intensa), *apaga-tristeza* (cachaça). Desse modo, como afirma MELO (1975:227), “valendo-se dos próprios recursos da língua, das *virtualidades* e potencialidades dela, os falantes cunham uma infinidade de palavras, apelando para três grandes processos: *derivação*, *mudança de classe* e *composição*. [...] Pela *composição* combinam-se elementos autônomos da língua para darem cursos a novas palavras.”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“*Apaga Fogo* é dessa famia... Lana... os fundadores dali... famia Lana... dize que o nome de *Apaga Fogo*... é puque tinha uma outra fazenda mais antiga... e que num a/o fogo lá num apagava não... apagava quan[do] era de manhã a fazenda ta[va] quemano... jugava água... pelejava... quando era de manhã fazenda tava quemano... apaga fogo... apaga fogo... () *Apaga Fogo*... agora is[so] são... conjuntura... num é u'a coisa... iXAta... de verdade.”

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 2 – P.165, L.748-752)

“*Apaga Fogo* é aqui na:... aqui na/na marge[m] direita du rio... du rio Carmo... [...] *Apaga Fogo* tam[b]ém é origi[m] muito antiga viu?... *Apaga Fogo* viu? mas é antiquíssima sabe? [...] até o dono daí ficava... u fulano di tal *Apaga Fogo*[...] ficô c'um sobrenome duns fazende'ro lá viu?”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 7 – P.49, L.202,210,215,218)

➤ Documento escrito

“Aos cinco de maio de *mil oitocentos e quarenta e cinco*, no *Apaga Fogo* desta Freg^a da Barra Longa, feitas as denúncias e tudo o que determina o Sagrado Concílio Tridentino, sem constar impedimento algum, o Rdo. Joaquim Antonio de Azevedo, de licença minha, assistio ao Sacramento do Matrimônio que entre si contrahirão por palavras de presente, in facie Ecclesiae, o doutor Francisco Ferreira Martins da Silva, homem branco de idade de 26 annos, e D. Maria Regina Alves da Conceição, mulher branca de idade de 16 annos, e logo lhes deo as Benções Nupciaes na forma do Ritual Romano, sendo testemunhas o Coronel Albino de Siqueira Leite e o Capm. Antonio Gonçalves Machado, do que fiz este assento // O Vigr^o Manoel Justiniano da Silva // L^o 4^o de Casamentos de Barra Longa, fls 83 verso// (Apud TRINDADE, 1955:107)

Fazenda do Apaga Fogo [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 358)

(09) Topônimo: *ARMESCA ~ AMESCLA ~ MESCLA*

Taxonomia: *Fitotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa < árabe < grego (cf. HOUAISS, 2001)

HISTÓRICO: Almesca ~ Almesca < Almécega

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo MACHADO (1984), *Almécega* é um substantivo feminino e é um topônimo encontrado em “*Ponte de Lima*”, Portugal. HOUAISS (2001) define “almécega” como árvore de resina amarela e aromática que possui propriedades medicinais, sendo também usada como incenso e, ainda, na indústria de vernizes. SENNA (1926: 203-204) aponta a variante *almesca* como “uma das corruptelas da prosódia vulgar brasileira – *almécica* e *almesca* –, quando quer falar o nome *almécega*”, segundo ele “um arabismo introduzido na língua portuguesa, correspondente à *Icicariba* indígena” e que, por sua vez, é chamada pelos botânicos de *árvore de Almesca*, no dizer vulgar. *Almesca* e *almécega* são nomes de árvores citadas por Guimarães Rosa em “Noites do Sertão”, “Manuelzão e Miguilim”, “Grande Sertão: Veredas”, destacados por MARTINS (2001: 23).

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Inf.: *Tem a fazenda da Amescla...*

Inf.1: *Tem a fazenda da Armesca... né?*

Pesq.: *Mescla?*

Inf.: *Tá pertinho do... do Congo...*

[...]

Inf.: *Armesca*

Inf.1: *É Amesca o' Mescla?*

Inf.: *Armesca*

Pesq.: *Almesca? Almesca? Que que significa isso?*

Inf.: *Armesca é uma made'ra... é u nome de uma made'ra que nós temo[s] lá... Armesca*

Pesq.: *Almesca?*

Inf.: *Acho que tinha uma ro'pa com esse nome não? Armesca?*

Inf.1: *foi vindida / essa fazenda... foi vindida pa[ra] São Paulo... p'ra São Paulo... toda/toda cheia di desenho... deve ser muito antiga... viu?*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 7 – P. 52, L.385-402)

➤ **Documento escrito:**

Almecega [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 356)

(10) Topônimo: **ARRIPINDIDO**

Taxonomia: **Animotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: portuguesa (cf. HOUAISS, 2001)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Arrependido** – adj / s.m. que ou aquele que se arrependeu; compungido, penitente. Etimologia: paticipio de arrepender. Fonte histórica: sXIII *repentudo*, 1344 *repreendido*. sXIV *arrepeedudo*, sXV *repedido*; fonte histórica sXIII é a datação para o adjetivo.” (HOUAISS: 2001)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Arripindido é aqui... vai nessa estrada do outro lado do rio... Vai no Arripindido... É:: do outro lado da ponte aí... seguindo a margem/ margeando o rio... É... chega lá no Arripindido.*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 19 – P.123, L.205-207)

“*ali na... pra bax[o] de Barra Longa ali tinha... o sô Galdino [...] ele tinha um sitiozim ali pra bax[o] da/daquea ponte... que ocê vem pra cá né? O lugá chama até Arripindido ((risos)) dizem qui mudô o nome de lá*”.

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 2 – P.151, L.799-807)

➤ **Documento escrito:** n/e

(11) Topônimo: ATRÁS-DA-SERRA

Taxonomia: Cardinotopônimo

MUNICÍPIO: Acaiaca

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCr [ADV + {P + Asing + Ssing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Pesquisando-se os topônimos brasileiros de origem orográfica, ou os geomorfotopônimos, nota-se que o termo genérico montanha, do ponto de vista toponímico, acusa uma incidência mínima: apenas três acidentes físicos – uma ilha, um igarapé e uma cachoeira, no Estado do Pará – são identificados pelo topônimo, enquanto a forma pluralizada, montanhas, aparece em um acidente humano do Rio Grande do Norte. A preferência denominativa recaiu, contrastivamente, em *serra*, empregada sob diferentes variações mórficas[...]” (DICK, 1990: 120)

De acordo com MACHADO (1984), “Serra” é topônimo muito freqüente no Norte de Portugal, na Galiza e no Brasil.

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Pesq.: *Atrás-da-Serra é o quê?*

Inf. 1: *Atrás-da-[Serra] é povoado*

Pesq.: *É um povoado?*

Inf. 1: *É*

Pesq.: *Onde?*

Inf. 1: *É antes de Goiabera... sobe um morro aqui... depois desce o que vem de lá... então no final desse morro que desce lá... tem lá u[m] casa lá que é chamado de **Atrás-da-Serra***

Pesq.: *Porque fica...*

Inf. 1: *Fica entre aqui e Goiabera... um povoadim muito pequeno... muito pequeno...*

(Anexo 1 - Entrevista 16 – P.104, L.58-68)

➤ Documento escrito

Atrás-da-Serra (Carta de Barra Longa – MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1: 50 000; 1976)

(12) Topônimo: **BACALHAU**

Taxonomia: *Ergotopônimo*

MUNICÍPIO: Diogo de Vasconcelos

ACIDENTE: físico / ribeirão

ORIGEM: portuguesa [brasileirismo] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Bacalhao ~ Rybeyram do Bacalhao

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Bacalhau:** Este nome lembra um machinismo realmente curiosíssimo alli empregado em tempos coloniaes – uma machina movida pelas aguas desse ribeirão, destinada a açoitar os escravos então empregados nos trabalhos de mineração. O açoite era naquella época, e ainda hoje, conhecido sob o nome de **bacalhau**, creio que por se empregarem, par o alvitante supplicio, cordas designadas por esse mesmo nome.”(SILVEIRA,1921:91)

HOUAISS (2001) confirma a informação acima, definindo **bacalhau** como ‘chicote de couro cru, trançado ou retorcido, usado para castigar escravos’, sendo nesta acepção considerado brasileiro. Apoiando-se em Artur Ramos (Aculturação Negra no Brasil, Companhia Editora Nacional, 1942, pág.104), SOUZA (1960:50) apresenta **bacalhau** também como “chicote com que se açoitavam os escravos”, corroborando as explicações dos demais autores citados.

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“*Esse **Bacalhau** é engraçado... num tem alguma coisa... alguma ligação cum português aí não? Português é que gosta muito di bacalhau... Qui naquele tempo num havia muita*

coisa/num havia **bacalhau** por aí... intão... deve te[r] u[m]a ligação aí com português viu?...
negócio di **bacalhau**... só pode se[r] né? ‘inda acho qui num era muito di o’ro...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 7 – P.49, L.226-230)

➤ Documento escrito

“[...]Faço saber aos que esta minha Carta de Sesmaria virem, que tendo respeyto a me
representar por sua petição, Manoel Fernandes Villar, que carecendo de terras para cultivar
com os escravos, que possuhia, fora elle Suplicante a huns mattos explorar comodo para sua
habitação, e nelles achara hum corgo devolluto que desagoava no **Rybeyram do Bacalhao**
[...]Dada em Vila Rica de Nossa Senhora do Pillar do Ouro Preto, aos vinte e quatro de
Dezembro, Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de **mil e sette centos e**
cincoenta annos.”

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmarias – P. 241, L. 3-6, 36-37)

Bacalhao [Mapa da região do alto Rio Doce (Ribeirão do Carmo), Rio das Velhas e Rio
Paraopeba]. (Região da Zona da Mata, 20° - 21° 30’S) Diogo Soares ca. 1734/5, apud
Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província, 2002.

(13)Topônimo: **BANANAL**

Taxonomia: **Fitotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano, fisico / habitações isoladas no meio rural, córrego

ORIGEM: hibridismo [africano + português] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Banana** – Em Minas, todos os toponimos derivados desta palavra e planta indico-asiática
transplantadas do Oriente para o continente negro e dahi vindas para o Brasil por intermédio
do trafego com a costa africana de Oéste (Atlantico), são bastante communs, havendo
povoações, fazendas, rios, sitios e logares conhecidos com o nome de *Bananal* e de
Bananeiras. [...] *Banâna* já é reputado nome africano affeichoado pela língua congaleza, si bem
que na America já era conhecida a planta.[...] O nome indigena de ‘banâna’ é *pacova* ou
pacoba (do tupi *pac-ôba*, a ‘folha que se enrola’) [...] *Bananal*, bananeira, bananinha,
bananaço, bananica, bananice, bananona, banazóia, bananudo, abananado...são termos
derivados do mesmo nome – *banâna* – na linguagem do nosso povo brasileiro.” (SENNA,
1926: 234-235)

“Por meio da terminação *-al* obtêm-se nomes que designam grande porção de vegetais da
mesma espécie plantados ou que crescem em certa extensão de terreno: *bananal*, *feijoal*,
trigal, *seringal*, *cafezal*, etc.” (SAID ALI, 2001: 50)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“**Bananal**... eu num sei si há/teria/si havia algu[m]a plantação piquena aí / pusero esse nome
pu[r]que nunca ho’ve cultura grande aí nu **Bananal**[...] Pode se[r] um nome criado assim...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 7 – P.50, L.269-273)

➤ **Documento escrito**

Bananal (Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939)

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 354)

(14) **Topônimo: BANDEIRANTE ~ BANDEIRANTES**

Taxonomia: Historiotopônimo

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / distrito

ORIGEM: portuguesa < catalão < gótico [brasileirismo] (cf. HOUAISS, 2001)

HISTÓRICO: Bandeirantes < São Sebastião < São Sebastião do Ribeirão Abaixo

Historiotopônimo < Hagiopônimo < Hagiopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

HOUAISS (2001) mostra que *Bandeirante* provém de [bandeira + -nte]. A origem brasileira do vocábulo se deve a sua alteração semântica o que se confirma em SOUSA(1960:42) quando diz que “grande número de vocábulos portugueses adquiriu no Brasil outras significações. Damos como exemplos típicos de extensionismo semântico os seguintes termos: *amendoa* (amêndoa de babaçu, de caju e côco), *baga*, *bagaço*, *bandeira*, (Pico da *Bandeira*, *bandeirante*, *bandeirantismo*, *bandeirar*[...].”

Segundo COSTA (1997: 11-112) o topônimo **Bandeirantes**, em Minas é “em homenagem aos Bandeirantes Paulistas do 18º século, com o nome atual desde 1923”. Conhecido anteriormente com o nome de **São Sebastião**, o distrito já havia antes recebido o nome de arraial de **São Sebastião do Ribeirão Abaixo**. De acordo com FRANCO (1953: 416) este arraial foi fundado por Sebastião Fagundes Varela, “sertanista dos primeiros tempos de descoberta do ouro nas Minas Gerais, nos primórdios do século XVIII”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Bandeirantes é margiando o rio Carmo... Ele tinha um nome antes... é... Bandeirantes... esse tem ligação tam[b]ém com esses home[m] né? Esses bandeirante[s] viu?”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 1 – P.10, L.371-372)

*“Eu acho que **Bandeirante**...o nome anterior de lá era... **São Sebastião**... **São Sebastião do Rio Abaixo**... uma coisa assim... num é?”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 8 – P.58, L.314-315)

➤ **Documento escrito**

*“Saibam quantos este público instrumento de escritura de compra e venda de bens imoveis rurais virem, que, no Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo do ano de mil novecentos e cincoenta e quatro, aos vinte dias do mês de fevereiro do dito ano, neste distrito de **Bandeirantes**, comarca de Mariana, Estado de Minas Gerais, República dos Estados Unidos do Brasil, em meu cartório, perante mim escritã de Paz e Tabela de Notas deste distrito, compareceram partes entre si justas e contratadas [...] Eu, Maria Salomé da Costa, Escrivã de Paz deste distrito. **Bandeirantes, 20 de fevereiro de 1954**”*

(Cf. Anexo 4 – Escrituras – P. 302-304)

“Ficou, enfim, toda a distância referida quase deserta, só com alguns poucos que, de estância em estância, acharam no rio alguns poucos, digo, itaipavas, que são aquelas paragens em que os rios correm mais espriados por cima dos cascalhos, com menos fundo de suas correntes, e nestas partes acharam faisqueiras que, fncando estacas de pau em meio das correntes do rio, encostados a eles, pudessem mergulhar com as bateias e tirar debaixo da água cascalho e piçarra, sem ter desmorte que impeça, porque naquelas paragens o rápido das correntes as não deixam parar quando vêm corridos dos montes com as inundações das invernadas. Estes se conservaram em algumas partes que acharam desta constituição de formações de rios e cascalhos, como foi no lugar da Cidade [Mariana] alguns, **São Sebastião** outros e os mais nas Lavras Velhas, Crasto e Furquim...”(Notícias dos primeiros descobridores das primeiras minas do ouro pertencentes a estas Minas Gerais, pessoas mais assinaladas nestes empregos e dos mais memoráveis casos acontecidos desde os seus princípios. Bento Fernandes Furtado; Minas Gerais; ca. 1750, apud *Códice Costa Matoso*, 1999:180).

S. Sebastião [Mapa da região do alto Rio Doce (Ribeirão do Carmo), Rio das Velhas e Rio Paraopeba]. (Região da Zona da Mata, 20° – 21° 30’S) Diogo Soares ca. 1734/5, apud *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província*, 2002.

(15) Topônimo: **BARBOSA ~ UBÁ DO BARBOSA**

Taxonomia: **Antropotopônimo**

MUNICÍPIO: Diogo de Vasconcelos

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: portuguesa (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: Barbosa ~ Ubá do Barbosa

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

De acordo com MANSUR GUÉRIOS (1994) **Barbosa** é “sobrenome português toponímico: ‘lugar onde há muitas *barbas* de bode ou *barbadas* de velho (plantas)’ – Os **Barbosas** ‘procedem de D. Sancho Nunes de Barbosa, que era descendente do conde D. Nuno de Cela Nova, e sobrinho de S. Rosendo. É seu solar a Quinta de Barbosa, no termo do Porto, donde tomaram o apelido.’”

“**Ubá**, topônimo no Brasil: Minas Gerais. Do tupi *u’ba* ou *ü’ba*, de interpretação duvidosa: ‘o fruto’, ‘a canoa feita com cascas de árvore’, ‘canoa feita de um só pau’. (MACHADO: 1984)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Ubá do Barbosa... é lá no Barbosa... tá pertinho de Diogo... perto do Gualacho*”

(cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – P.72, L.59-60)

➤ Documento escrito

Ubá do Barbosa (Carta de Barra Longa, MG; secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1976)

(16) Topônimo: **BARRA LONGA**

Taxonomia: *Geomorfotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / cidade

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [Ssing + ADJsing]

HISTÓRICO: Barra Longa < São José de Barra Longa < Barra de Mathias Barbosa < Barra dos Goalachos do Norte

Geomorfotopônimo < Hagiopônimo < Geomorfotopônimo

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

De acordo com MACHADO(1984) “*Barra* é topônimo em Barcelos, Braga, Felguerias, Figueira da Foz, Mangualde, Mira, Ovar, Resende, S. Pedro do Sul, Vila Verde. Aparece em numerosos compostos.”

SENNA(1926:240) diz que o topônimo *barra* “é das denominações locais mais comuns em Minas, havendo sítios, povoados e bairros desse nome [...] além das localidades de nomes compostos com a palavra *Barra*, como por exemplo: [...] *Barra Longa* (povoações desse nome, nos municípios de Juiz de Fora e Marianna). [...] Conforme o rio ou ribeirão, que faz *barra* em outro, tomam vários lugares de Minas os nomes, *verbi-gratia*, de [...] ‘Barra do Bacalhau’ (no rio Piranga); ‘Barra do Manhuassú’ (no Rio Doce); ‘Barra de Santo Antonio’ (no mesmo Rio Doce), etc. É o mesmo que *foz* ou *embocadura*, e a *barra* indica o ponto da confluência, em que uma corrente desagua noutra (rio, ribeirão, córrego ou riacho). Além do termo peculiar à geographia physica brasileira, ocorre-nos ainda dizer que esse nome *barra* nos veio do céltico para o português, com os significados vernáculos de tranca de ferro; peça de leme; entrada estreita de um porto, etc.”

“Segundo TRINDADE (1917) a origem do nome **Barra Longa** se deve ao encontro dos seus dois grandes rios Carmo e Gualaxo que formavam uma ‘grande barra’ perto de onde foi construída por seu fundador, Mathias Barboza, a ‘Fazenda dos Fidalgos’, ou a ‘Fazenda da Barra’.” (Apud SEABRA, 2000:112)

“O Coronel Mathias Barboza da Silva, que se ilustrara no Sul, defendendo contra os hespanhóis a Colônia do Sacramento, e que para Minas subindo com Arthur de Sá ahi se tornara riquíssimo, senhor de numerosa escravatura e poderoso em armas, desceu por seu turno a procurar no seio ubertoso das terras do Carmo a sustentação de sua casa já então naturalmente grande. Lançou nestas partes várias posses, legalizadas anos depois pelos documentos communmente chamados – cartas de sesmarias. – A principal destas posses, a que o Coronel tratou com mais interesse e carinho, foi a da grande fazenda da **Barra do Gualacho do Norte**, vasto domínio territorial, dentro de cujo perímetro, próximo ao local onde, a feição de solar, nobre se erguia grave e severo o robusto casarão da fazenda, fundou

elle o pequeno arraial da **Barra de Mathias Barboza** pouco depois **São José da Barra Longa**. Isso deve ter-se verificado de 1701 a 1704.” (TRINDADE, 1917:14)

“Por sentença de 21 de outubro e provisão de 4 de novembro de 1741, Dom Frei João da Cruz desmembrou da freguezia do Furquim a capela de ‘São José do Gualacho do Norte’, erigindo-a em paróquia com o nome de ‘**São José da Barra Longa**’; que foi uma das mais florescentes freguesias do bispado. (TRINDADE, 1929:70)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

*“mas ês pensaro no oro ma[s] num pensô no viveres... então foi u'a mortanda:de... murria seco de fome... foi pricis[o] do governo tomá providência... num tinh[a] istrada pra trazê mantimento... intão... mandô pra aqui um tal... Matias Barbosa... é Matias Barbosa... que aqui em **Barra Longa** era terra fértil... pra prantá viveres... manda pra lá fubá... feijão... e fazê cana-de açúcar mandá... rapadura (mandá) açúcar... e ele fez um... u'a vivenda... lá em **Barra Longa**... era um paLácio.”*

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 3 – P.155, L.162-166)

➤ Documento escrito

*“Faço saber aos que esta minha Provizaõ virem que tedigo minhacarta desesmaria virem que tendo respeito ame reprezentár oCoronél Mathias Barboza da Silva morador em Villa Rica que elle hera pessuidor de hum grande numero de escravos e estava falto de terras emque Sepudesseutilizar ea real fazenda no aumento dos reaes dízimos ecomo pessuhia hua fazenda na **Barra do Gualacho doNorte** termo daVilla doCarmo queria oSuplicante que na fôrma das ordens de Sua magestade Selheconcedesse por sesmaria[...] Dada em Villa aos Sette de Septiembre de **mil eSette centos etrinta eSeis**”*

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 276-278, L.1-8, 48)

*“[...]Faço saber aos que esta minha Carta de Sesmaria virem que tendo Respeito a me reprezentar por sua petição Manoel Ribeyro do Carvalho cabeça do casal dos bens do Coronel Mathias Barboza da Silva que este sendo vivo na sua fazenda da **Barra dos Goalachos** nessecitara de extenção de terras para sua grande Fabrica e por hiço lansara algumas posses em Sertõiz [...] Dado em villa Rica de Nossa Senhora do Pilar ao Ouro Preto a vinte de Julho Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de **mil e sete sentos e sincoenta e hum**.”*

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 262, L. 2-6, 38-39)

*“Fazemos saber que, attendendo Nós ao que por sua petição nos inviarão a dizer o Guarda Mor João de Abreu e os mais moradores que se achão na Casa da Casca e Rio de Santa Anna em discoberto, sem terem satisfeito aos preceitos da confissão e comunhão á cinco anos, e que haverão os mesmos que lá assistem, por causa de estarem em distancia da **Barra do Coronel Mathias Barbosa da Silva** des dias de viagem a pé entre gentios, e passagem de rios caudellosos, e que tendo elles suplicantes varias vezes procurado Sacerdote para os hir confessar a custa das suas Fazendas, todos se escusarão com o temor do caminho, e gentio, que só neste presente ano os queria hir confessar o Reverendo Capellão da **Capela dos Gualachos** chamada **São José da Barra**, o qual com a noticia da frota se foi para o Reyno, e como ao presente não achão os ditos outro recorrerão a Nós para os socorrermos com Vigário e que leve licença para lhes benzer a Igreja com a invocação de Santa Anna por sua Matriz, a qual nos exposerão na dita sua petição querião fazer a custa das suas fazendas, pois os Suplicantes não podem vir fôra por temor do gentio lhe não lançar fogo as suas Fazendas e cazas, porque ainda vivendo juntos estão recebendo varios assaltos desses*

barbaros e lhe tem morto alguns negros, a qual petição sendo por Nós vista nella proferimos o nosso despacho da maneira e forma seguinte: Visto o Reverendo Doutor Vigário geral ter sido Vigario da Vara do Ribeyrão do Carmo a cuja comarca pertence a Igreja mencionada, nos informe do contheudo nesta petição com o seo parecer. Rio doze de Outubro de mil sette centos e quarenta e hum[...] (De fls. 11 a 15 dos autos de notificação do Arquivo Eclesiástico de Mariana, apud TRINDADE: 1962:39)

Barra Longa [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(cf. Anexo 6 – Mapas – P. 355)

(17)Topônimo: **BARRETO**

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: Barreto < Francisco Barreto Bicudo < Gualacho do Norte (cf. “informações enciclopédicas”)

Antropotopônimo < Antropotopônimo < Etnotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Barreto**, sobrenome português toponímico. Prende-se ao diminutivo do arcaico ‘barro’, ‘aldeola’. Solar principal da família: ‘Barra’ de Diana (donde o sobrenome). O primeiro que usou o sobrenome foi Gomes Mendes de Barreto.(MANSUR GUÉRIOS, 1994)

“O Sargento-Mor Francisco Barreto Bicudo foi inscrito por Silva Leme com o nome de Francisco Barreto Palha. Benfeitor, dos de mais mérito, da zona do Carmo, o Sargento-Mor Barreto Bicudo é ainda mal conhecido na região que ajudou a construir. Moço ainda transportou-se de sua terra natal, Nazaré (São Paulo), para estas Minas. Não era um aventureiro vulgar: trazia copiosos haveres, herdados de seus maiores, gente das mais ilustres estirpes bandeirantes. Após ligeira estância na Vila do Carmo, desceu, seguido de parentes e de escravatura numerosa, ribeirão abaixo, penetrou a floresta misteriosa que ainda vestia o nordeste do Furquim e, rasgando-a, audaz e esperançado, fez alto às margens do Gualacho do Norte. Aí criou a grande fazenda do ‘**Gualacho do Norte**’, hoje conhecida por fazenda do ‘**Barreto**’. Próximo à casa-grande da fazenda ergueu uma capela com o título de N. Senhora do Pilar da qual, em vida, foi padroeiro e a que constituiu rico patrimônio de mais da metade de suas terras, por ele calculadas em duzentos alqueires. Em 1741 esta fazenda, que pertencia à freguesia do Furquim, passou a integrar a nova freguesia de Barra Longa, erigida naquele ano por Dom Frei João da Cruz, a 4 de novembro. Nos domínios do Velho bandeirante sucederam três filhas legitimadas.”(TRINDADE, 1951:206)

“**Capella Nossa Senhora do Pilar de Barreto:** fundada pelo sargento-mór Francisco **Barreto Bicudo**. Benta em abril de 1727 pelo Vigario de Furquim, parochia a que pertenceu esta capella; teve sempre capellães residentes e foi centro de intenso movimento religioso, hoje nullo.”(TRINDADE, 1917:37)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“**Barreto** é pirtinho lá / Gestera... Gestera tá pirtinho de **Barreto**...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P.69, L.474-475)

“tem... **Barreto**... era do tal Barreto Bicudo... é que fundô... o povo[do] de **Barreto**...”

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 2 – P.165, L.740-741)

➤ Documento Escrito

“Testamento do S. Mór Francisco Barreto Bicudo.

‘Em nome da Santíssima Trindade Padre Filho e Espirito Santo as pessoas chamadas Deus Verdadeiro. Saibão quantos este instrumento de testamento e ultima vontade virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil sete centos e cincoenta e um aos doze dias do mez de Outubro nesta cidade de Marianna eu Francisco Barreto Bicudo morador no Gualacho do Norte da freguezia de São José da Barra, estando de pé sem doença alguma em meu perfeito juizo e entendimento que Nosso Senhor me deu temendo a morte e desejando pôr minha Alma no caminho da Salvação por não saber o que Nosso Senhor de mim quer fazer e quando será servido me levar para si, faço este meu testamento da forma seguinte:

Declaro que sou natural da freguezia de Nossa Senhora do Nazaré da cidade de São Paulo filho legítimo de Paulo da Silva Ribeiro de Alvarenga e de Luisa Palhares ambos já defunctos.

*Declaro que em todo o monte de bens que possuo sou senhor de uma fazenda sita no **Gualacho do Norte** com todas as suas pertenças de capoeirões e mattas virgens, cazas de telha em que vivo, cenzallas paiões e as terras lavradas, levará de planta ao todo duzentos alqueires as quaes confrontão por todas as partes com Lourenço de Amorim Costa, José de Lima, Domingos Fernandes de Carvalho, Joaquim Fernandes Monção, André Pereira, Joaquim Pinto Monteiro, Capitão Manoel da Guerra Leal, Gonçalo de Souza Costa, Furriel Manoel Luiz, Manoel Francisco Rola, e Barbara da Silva, comprehende trinta e tantas datas mineraes que melhor consta dos titulos, que são um rêgo de agua, Taboleiros e por um correjo, e assim mais uma roda assentada e aos aprestos de mineraes e ferramentas que se acharem e tambem na mesma fazenda administro huma capella de Nossa Senhora do Pilar da qual sou Padroeiro e lhe fiz o patrimonio nas terras que delle consta, situado na dita minha fazenda e consta mais uma caza que serve de venda e outra junta a mesma em que está uma tenda de ferreiro com todos os seus aprestos onde chama-se – olaria.’*

Barreto Bicudo falleceu aos 2 de Setembro de 1756.” (Apud TRINDADE, 1917: 41-42)

Barreto [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 354)

(18) Topônimo: **BARRINHA**

Taxonomia: **Geomorfotopônimo**

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

HOUAISS (2001) define *Barra* como “local em que um rio deságua no mar ou em um lago; desembocadura, foz...”, MACHADO (1984) aponta Barrinha como diminutivo de Barra.

“**Barro** – [...] De origem pré-romana. Relacionam-se neste verbete uma série de vocábulos etimologicamente correlacionados com o radical *barr-*, de origem pré-romana...” (CUNHA: 1987)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Barrinha é porque ali é que forma o rio... recebe as águas dos... como que chama? O Gualacho vem diságua no Riberão do Carmo... mas como o Riberão do Carmo é um rio histórico... o Gualacho perdeu o nome... então começou a chamá Riberão do Carmo... pra baixo ali... onde tem a ponte... sabe onde tem a ponte quando a gente vai ali pra Ponte Nova? Ali deságua o Gualacho e então tem o nome de **Barrinha** aquela região justamente por causa disso/ dessa união do rio...*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 8 – P.55, L.149-157)

➤ **Documento escrito**

Fazenda Barrinha (Carta de Barra Longa- MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia – CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50 000; 1976)

(19)Topônimo: **BARRO BRANCO**

Taxonomia: **Litotopônimo**

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [Ssing + ADJ_{sing}]

HISTÓRICO: n/e

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“A terra ou ‘barro branco’ para os índios tupis era a *Ibitinga* e o ‘barro vermelho’ tinha o nome de *Ibitãn*. – ‘**Barro**’, em todo o paiz, vem a ser não só a jazida de argila própria para cerâmica um tanto grosseira e producto de olaria (o ‘barro de telha’, o ‘barro de tijolo’, o ‘barro de louça’); como o próprio tejuco ou lama (‘barro de lameiro’ ou ‘barro de atoleiro’)” (NELSON DE SENNA, 1926: 245)

“**Barro** [...] De origem pré-romana.” (CUNHA, 1987)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Inf.: **Barro Branco** é pra diante da... ali perto de Cachoera do Brumado... perto de Miguel Rodrigues... Quando a gente vem... não pelo asfalto... no Sumidouro... [vo]cê já ouviu falar no Sumidouro? Água Limpa... num é?

Pesq.: Sumidouro o nome passou pra Padre Viegas... né? Num tem mais o nome Sumidouro né?

Inf.: É... mas a gente chama Sumidouro [...] Chega em Sumidouro[...] aí [vo]cê vai seguindo passa por **Barro Branco**... passa por Miguel Rodrigues... depois chega na Barroca... sempre margiano o rio...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 8 – P.55-56, L.165-201)

➤ Documento escrito

Barro Branco (Carta de Barra Longa-MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia – CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1976).

(20)Topônimo: **BARROCA**

Taxonomia: **Antropotopônimo**

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / povoado, fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994; MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

SENNÁ (1926: 246) indica o topônimo “**Barroca**” presente na “Capital Mineira, em um Alto, no município de Mariana (distrito do Furquim); e em um sítio no distrito de Capella Nova do Betim (comarca de Bello Horizonte)”. Ele dá a seguinte origem para o vocábulo: “é um hybridismo luso-indígena, formado do vernáculo *barro* e do tupi *óca* (a casa de barro literalmente).” E complementa: “o nome *barróca* é dado para assignalar as excavações naturaes, que as chuvas ou as infiltrações subterraneas vão provocando no terreno, formando buraqueiras, desbarrancados, precipicios, etc.”

MANSUR GUÉRIOS (1994) diz tratar de um “sobrenome português toponímico”, enquanto MACHADO (1984) afirma ser “**Barroca**” topônimo freqüente em Portugal que tem origem no “substantivo feminino barro, acrescido do sufixo -oca (talvez pré-romano).”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Dizem... dizem... eu num sei se é verdade que ali foi um quilombo... sabe? A maioria dos habitantes ali da **Barroca**... é um povoado... é preta... sabe? E... dizem que o nome é de **Barroca** é porque o primeiro morador era um mascate... que andô por ali... e chamava

Antônio Barroco... então deram esse nome... Isso é a história que eu soube lá na região... então... esse nome ficô em homenagem a esse primeiro morador de lá... Já havia aqueles pretos que moravam ali né? Mas esse vinha constantemente... e acabou construindo uma casa ali... e depois quem fez a fazenda lá da Barroca foi Seu José Salomão Neme... sabe? E... mas ali é um povoado / dizem de... com origem de / de quilombo... não sei se é verdade isso... mas eu acho que é verdade...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 8 – P.53, L.23-33)

“Eles tinham que i[r] pra Barroca porque tinha a consoada[...] Todo ano reunia: festa de Santo Antônio e consoada... Ano novo eles num fazia muita questão não... mas a consoada era marcante pra eles...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 14 – P.95, L.251-253)

➤ Documento escrito

Barrocas (Carta de Barra Longa – MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1976)

(21) Topônimo: **BAÚ**

Taxonomia: *Geomorfotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa [brasileirismo] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo NELSON DE SENNA (1924: 228-230) em sua *Toponymia Geographica*, para Theodoro Sampaio, *mbà-ú* é um tupinismo e quer dizer “o beber do extremo, a derradeira aguada”. Cita ainda Pompeo Sobrinho (*Etymologia de algumas palavras indígenas*) para quem a voz tupi *Baú* significa “o que está no meio”. De acordo com SENNA (op.cit.), “em vários pontos do território mineiro dá o povo o nome de ‘Morro do *Bahú*’ a vários outeiros situados entre morros circundantes. [...] Mas o que temos observado, ao viajar por nosso accidentado território, é que se, si temos na região ocidental mineira, uma Serra acertadamente chamada de *Canastra* (tal é a sua aparência em ponto grande com esse movel tão conhecido), muitos morros e montes do *Bahú* ou *Baú* existem, sem a menor parecença com o outro movel assim denominado. Dahi e porque quasi todo o morro appellidado do *Bahú* ou *Baú* fica situado entre outros montes mais visinhos, ou se acha no meio de serras que o cercam, a razão de propendermos para acceitar a origem indígena do tão freqüente toponymo *Bahú* ou *Baú*.”

HOUAISS (2001) dá como etimologia de **Baú** a forma *baul* do português antigo, originária, por sua vez, do francês antigo *bahur* (atual *bahut*). Entretanto, ele mesmo afirma ser essa origem controversa. MACHADO (1984) diz tratar-se, no Brasil, de um topônimo cuja forma lembra a de um baú.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Pesq.: *Os pais do senhor eram lá do Baú?*”

Inf. 1: *Meus pais?*

Pesq.: *é*

Inf. 1: *meus pais era lá de Só Lana*

Pesq.: *Por que lá chama Baú?*

Inf. 1: *É antigo esse nome... E a barragem vai chamar Barragem do Baú lá [...]*

Inf.2: *...minha filha Só Lana era um homem forte... era homem forte mesmo... era dono todo da Fazenda do Ingenho e do Baú”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 4 – P.30, L.387-402)

➤ **Documento escrito**

Baú [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 355)

(22) Topônimo: BAXADA

Taxonomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa [brasileirismo] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Baixo** – ‘pouco elevado’ / **BaixADA** 1881.” (CUNHA, 1987)

“**Baixada** – [Fem. substantivado de *baixado*, part. de *baixar*] **S.f. Bras. 1** - Planície entre montanhas. **2** - Depressão de terreno, próxima de uma lomba.” (HOLANDA FERREIRA, 1987)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Inf.: *Essa Fazenda da Baxada era também muito antiga... bera-rio e...*”

Pesq.: *Esse nome é por causa do terreno?*

Inf.: *Bera-rio e por causa do terreno”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – P.80, L.282-284)

“E quero dizê que daí... uma tia foi e desceu com ele aqui pra Barra Longa... fez uma fazenda... lugá chamado Baxada... e colocou ele lá... deu ele o lugá de nêgo... e ele tamém foi sinhô... e falô com ele... cê vai abrino inquanto pudê... e aí ele foi movimentano... tinha os otros sinhô que tinha aqueles nego rUim... né?... procurava/viajava distância longe... pra podê incontrá... o meu avô... e negociava os nego com Ele... e nessas época ele fez uma dívida maiô... de nego... iscravo... essa princesa Izabel rom:peu a liberdade... quer dizê que ele ficô individado... vendeu essa fazenda... e comprô outra lá pra minha mediação onde eu moro

*Ingenho Silveira... e levô essa image[m] pra lá [...] de São Sebastião... Dizem que o Bastiãozim não ficava lá não... a image[m]... fugia de lá e vinha cá na **Baxada**. Pra achá ele tinha que mandá trabalhador buscá... na época já num era iscravo mais... aí ele resolveu e fez uma igreijinha piquena lá... na propriedade... colocô ele, ele lá ficô quieto... e daí depois disanimô... adoô um pedaço de terra... uma área lá patrimônio pra imagem...”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 5 – P.33, L.63-78)

*“[...] pra trás usava muito pô o nome do proprietário que... que morava naquele lugá... outra hora otras coisas... igual tem na **Baxada** porque é uma área... lá vErde... intão eles punham **Baxada**...o nome da **Baxada**”.*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 5 – P.33, L.85-87)

➤ Documento escrito

*“Certifico que, no livro 3 G fls 45, sob nº de ordem 6.333, foi feita, nesta data, a transcrição de uma escriptura de permuta de uma propriedade agricola contendo vinte e oito e meio alqueires de terra de plancta de milho (103,45 hectares), no logar denominado **Baixada**, districto de Barra Longa herança de Manuel Gonçalves Carneiro, avô dos transmittentes; [...] conforme escriptura de 11 de junho digo de 11 do corrente, no cartorio da cidade de Barra Longa. Dou fé. Eu, José Marlière, a subscrevo e assino. Ponte Nova, 17 de junho de 1942.”*

(Cf. Anexo 4 – Escrituras – P. 301)

(23)Topônimo: BELA VISTA D’ OTRA BANDA

Taxonomia: Animotopônimo

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa [brasileirismo] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Bela Vista da Outra Banda < Outra Banda

Animotopônimo < Cardinotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [ADJ_{sing} + S_{sing} + {Prep + Pron + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Dentre os vários significados apresentados por HOUAISS (2001) para o vocábulo *banda*, consta a noção de “‘lado, margem’, de 1496 (com a variante *vanda* em 1474, arcaizada).” Quanto ao vocábulo *vista*, dentre outras significações, HOUAISS (2001) apresenta “cena, cenário, paisagem”.

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

*“Tem uma fazenda é... nu município di Barra Longa qui chama **Bela Vista d’Otra Banda**... Ela fica pert’ du Gestera... perto da fazenda du Congo...”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 7 – P.51, L.306-308)

➤ **Documento escrito**

Bela Vista da Outra Banda (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1: 50 000; 1976)

Outra Banda [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – p. 356)

(24) **Topônimo: BENTO LEITE**

Taxonomia: Antropotopônimo

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / povoado

ETIMOLOGIA: portuguesa (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [Ssing + Ssing] (prenome + apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Bento Leite da Silva, como mostra o *Dicionário de bandeirantes e Sertanistas do Brasil* (FRANCO, 1953: 371), era paulista, “dos primeiros descobridores de ouro nas Minas Gerais, cerca de 1694, sendo que desvendou a serra que tomou o seu nome, quando na bandeira do coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Bento Leite é pro lado de lá tam[b]ém... esse eu vejo fala[r] muito[...] mediação/ lá in[d]o p'rá Águas Claras... Boa Vista...*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P.67, L.371-373)

➤ **Documento escrito**

“*Foi a 16 de julho de 1696 que, à frente de numerosa bandeira, o Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça chegou às margens do Carmo.[...] Quando o capelão da comitiva[...] Padre Francisco Gonçalves Lopes (de alcunha ‘Canjica’), erguia o primeiro e definitivo altar da terra mineira, é que se há de fixar, na realidade, a era cristã de Minas Gerais.Foi, com efeito, nessa noite histórica de julho que aqueles homens, o padre Gonçalves Lopes, Salvador Furtado, Bento Leite, Belchior da Cunha, outros ainda, fundadores de nossa terra...*”(TRINDADE, 1929:40)

(25) **Topônimo: BENTO PIRES**

Taxonomia: Antropotopônimo

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / povoado, fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + S_{sing}] (prenome + apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Bento Pires foi “sertanista de São Paulo, dos primeiros descobridores de ouro nas Minas Gerais, em princípios do século XVIII e que deu o seu nome a um ribeirão aurífero. Por ocasião da guerra dos emboabas, foi morto pelos mesmos no combate do Capão da Traição, no Rio das Mortes, sendo seu inventário mandado abrir pelo sargento-mor de batalhas Bento do Amaral Coutinho, no próprio local, em 15 de fevereiro de 1709.” (FRANCO, 1953:303)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Bento Pires é pru lado de Mainarti...*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P.67, L.358-359)

“*Bento Pires é Mariana... eu lembro do puvuado de Bento Pires [...] pertencente a Mariana.*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 16 – P.105, L.167,173)

➤ **Documento escrito**

“*E só posso dizer que nesta Vila Rica, que não tinha mais moradores que o coronel Francisco do Amaral e seu sobrinho Bento do Amaral, a igreja eram quatro forquilhas, forrada de esteiras de taquara e coberta de palha; em Antônio Dias só havia um corte de carne de um homem chamado Henrique Lopes; a cidade que chamam Mariana tinha outra capela do mesmo feitio; mais abaixo morava, em São Caetano, um coronel que só a sua capela era coberta de paus de palmitos em lugar de telha; [...] logo abaixo um filho de Lisboa, José Rabelo Perdigão, também rico; logo abaixo um paulista Bento Pires; logo abaixo o Furquim.*” (Notícias do que ouvi sobre o princípio destas Minas. Anônimo; Vila Rica; ca 1750, apud *Códice Costa Matoso*, 1999:218).

Fazenda Bento Pires (Carta de Mariana, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1986)

(26) Topônimo: **BENTO RUDRIGUES**

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Diogo de Vasconcelos

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + S_{sing}] (prenome + apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Bento**, forma popular portuguesa de ‘Benedito’. Formas arcaicas: Bêito > Bêto”. (MANSUR GUÉRIOS, 1994)

“**Bento Rodrigues**, outrora um famoso centro de mineração no termo de Ribeirão do Carmo, hoje é um povoado no município de Mariana.”(CALDELEUGH, 2000:153)

“**Bento Rodrigues** – Distrito do município de Mariana suprimido por lei nº 102 de 6-IV-1838, território incorporado ao distrito de Camargos. Novamente criado por lei nº 1477 de 9-VII-1868, revogado por lei nº 1858 de 12-X-1871. Foi para aí transferida a sede da paróquia de Camargos por lei nº 2706 de 30-XI-1880. É distrito de Santa Rita Durão.”(COSTA, 1997:117)

“Depois de encontrado o ouro na zona de Mariana, em 1796, e na do Ouro Preto, em 1798, é que irrompe o grande movimento da migração para o interior e a decorrente estabilização da vida social no bárbaro sertão. Tão volumosa foi a onda migratória de aventureiros que logo se apresentou, alarmante, o problema da subsistência. A solução natural era a dispersão dos povoadores e, com ela, seguiu-se a disseminação dos descobertos e dos povoados. Dezenas são os que então se fundam, nas várias comarcas, às vezes a grandes distâncias uns dos outros, nos anos que se seguiram ao encontro do ouro. Muitos destes povoados, como Antonio Pereira e Padre Faria, no atual município de Ouro Preto; Camargos e **Bento Rodrigues**, no de Mariana [...] guardam nos nomes a lembrança dos velhos fundadores paulistas, patriarcas da sociedade bandeirante nas Minas.” (TAUNAY, 1946:88)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

Inf.1: *Lá tem o / o povoado que pertence a Mariana com o nome de **Bento**... mas invês de sê Leite é **Bento Rodrigues** [...]*

Inf.2: *Hoje... agora... hoje **Bento Rodrigues** pertence a Diogo [...] Hoje pertence a Diogo...*

Inf.1: *Passô pertencê a Diogo*

Inf.2: *É... porque Diogo foi / foi distrito de Mariana né? Dismembrô e quando dismembrô na / na divisão territorial **Bento Rodrigues** ficou pertencente a Diogo*

Inf. 1: *Pertencente... é... a São Domingos... Diogo de Vasconcelos...*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 16 – P.105, L.113-129)

➤ Documento escrito

*“Faço saber aos que esta minha carta de Sesmaria virem que havendo repeito ao que por sua petição me enviou a dizer Domingos Velho Cabral, morador nestas minas do Ribeirão de N. Sra. do Carmo, com casa e família, que elle supplicante ajudou a socavar o dito Ribeyrão para se dar a partilhas e assy mais descobrio dous ribeiros que deu ao guarda mor o Mestre de Campo Domingos da Silva Bueno, que ainda hoje faisção nelles e há mais de des annos que esta fabricando no seu sitio as terras mineraes, que pelos guardas mores lhe forão concedidas como consta pelas cartas de dattas que tem e metteo na Casa da Moeda do Rio de Janeiro, passando de arroba de ouro; outro sy apasygou hua descordia entre o Povo, em o descubrimento do **Ribeirão de Bento Rodrigues** [...] Dada neste Arrayal do Riveirão do Carmo aos 11 dias do mez de Mayo de 1711.”*

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 263, L. 2-8, 26)

*“Conseguimos sair de Inficionado às nove horas e seguimos por uma estrada muito boa, ocasionalmente através de matas mas geralmente sobre colinas relvadas, até **Bento Rodrigues**..”* (CALDELEUGH, 2000:153)

“No mesmo ano de 1700, Tomás Lopes de Camargo, parente contíguo do alcaide-mor José de Camargo Pimentel, descobriu ouro em o morro de Vila Rica, que ao depois senhoreou a ambição do mestre-de-campo Pascoal da Silva, cujo nome ficou suposto naquele; e a este exemplo se foi estendendo o povo por ele, e até hoje está povoado e tem dados consideráveis// milhões de cabedal e muitas capelas fundadas nele. Seguindo o mesmo morro, à margem pela parte oriental, mais chegado, porém, à serra, caminhou **Bento Rodrigues**, taubateano, e descobriu o lugar também hoje chamado **Bento Rodrigues**, havido do seu próprio descobridor, distante do Ouro Preto quatro para cinco léguas, que deu grosso cabedal, e ainda hoje está dando, com povoação de uma famosa capela...”(Notícias dos primeiros descobridores das primeiras minas do ouro pertencentes a estas Minas Gerais, pessoas mais assinaladas nestes empregos e dos mais memoráveis casos acontecidos desde os seus princípios. Bento Fernandes Furtado; Minas Gerais; ca. 1750, apud *Códice Costa Matoso*, 1999:176-177)

Bento Rodrigues [Mapa da região do alto Rio Doce (Ribeirão do Carmo), Rio das Velhas e Rio Paraopeba].(Região da Zona da Mata, 20° - 21° 30' S) Diogo Soares ca.1734/5, apud *Cartografia de Minas Gerais: da capitania à província*, 2002.

(27) Topônimo: **BICAS**

Taxonomia: **Hidrotopônimo**

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Spl]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo NELSON DE SENNA (1926: 252), “Em Minas, dá-se o nome de ‘*bicas*’ ou *bicâmes* aos conductos d’água, feitos de madeira: bicas de cascas de certas palmeiras indígenas; bicas previamente lavradas (*bicâmes* de braúna, por exemplo). Em Portugal, tem outro sentido – que não o usado no Brasil – o termo *bicas*, empregado no plural. Lá, designa uma refeição festiva, come-se uns bolos chatos beirões, *as bicas*, o que, aliás, não se usa em nosso paiz. Entre nós é corrente dizer: a bica d’água; o bicâme do engenho; as bicas de palmito (sempre no sentido de taes peças conductoras do precioso liquido, ou desses aquedutos rusticos feitos de madeira). A *bica* é sempre descoberta, o bicâme costuma ser tampado.”

HOUAISS (2001) afirma que em Portugal, no Minho, *Bicas* é a “farelagem de milho ou trigo com que se alimenta o gado;” para o Beirão, é a “refeição em que os noivos e suas famílias celebram os proclamas do casamento.”

De acordo com MACHADO (1984), o vocábulo é um substantivo feminino, significando “canal donde sai água.” E acrescenta: “topônimo muito freqüente em nomes simples ou compostos em Portugal.”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“*Bicas também é um lugar com algumas casinhas pr’aqueles lados de Mariana... Aliás... acho que pertence a Mariana.*”

(Anexo 1 – Entrevista 15 – P.100, L.184-185)

➤ Documento escrito

Bicas (Carta de Mariana, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1986)

(28)Topônimo: **BIZARRIA**

Taxonomia: *Animotopônimo*

MUNICÍPIO: Diogo de Vasconcelos

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo AMADEU AMARAL (*O Dialeto Caipira*, 1920), o termo *bizarria* é substantivo feminino, significando *generosidade, liberalidade*. “Pouco usado. Só conhecemos uma quadra popular, em que há estes dois versos:

E viva o noivo ca noiva,
Com toda sua *bizarria*.”

Apoiando-se em GONÇALVES VIANA (*Palestras Filológicas*, Lisboa, p.31), AMARAL aponta que em Portugal “o povo usa *bizarro* com a significação principal de ‘generoso’ e *bizarria* com a de ‘generosidade’”. E conclui: “Vê-se, pois, que o sentido de *bizarria* no nosso dialeto é puro vernáculo, divergindo da significação afrancesada que se introduziu por via literária.” (AMARAL, 1976:100)

Bizarria. 1. – “[...]gosto dessa sua *bizarria*...(Grande Sertão: Veredas, 176/216). – ...*agradeço, senhor chefe, Joca Ramiro, este sincero julgamento, esta bizarria*...(Grande Sertão: Veredas, 211/259). / Bravura, valentia; ação nobre e generosa; brio, galhardia. // Emprego com conotação valorizadora. 2. – *Salve essa bizarria*...(No Urubuquaquá, no Pinhém – I, 42/48). / Pessoa bem-apeçoada, cheia de garbo, brio. // Saudação amável.[Cf. V. Silveira: – *Antão, Marvino, como vai a bizarria?* (O Mundo Caboclo, de Valdomiro Silveira, p.108)].” (MARTINS, 2001:74)

Bizarro – adj. ‘gentil, nobre, generoso’ XVII. Do cast. *Bizarro*, derivado do italiano *biz’z’arro* ‘iracundo, furioso, feroso’, de *biz’z’a* ‘ira momentânea’ // **bizarria** XVII.” (CUNHA: 1987)

De acordo com o *Novo Dicionário Aurélio* (HOLANDA FERREIRA:1987): “**Bizarro** [Do vasc. *Bizarra*, ‘barba cerrada’, pelo esp.?] Adj. 1- Gentil, nobre, generoso. 2- Bem-apeçoado, bem parecido; garboso. 3- Vestido com elegância; bem-vestido. 4- Fanfarrão, jactancioso. 5- Extravagante, esquisito.

Em espanhol: “**Bizarria** f. 1- gallardía, valor; 2- Generosidad, esplendor; 3- PINT. Colorido o adorno exagerado” (ALVAR EZQUERRA, 2000)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Pesq.: *E a Fazenda Bizarria?*

Inf.: *É pra lá de Diogo... 3 quilômetros*

Pesq.: *De quem que ela é?*

Inf.: *Ela foi dos Areia né... família Areia família tradicional mesmo...*

Pesq.: *Família Areia? E por que que tem esse nome?*

Inf.: *Isso é sobrenome antigo mesmo né?*

Pesq.: *Não... eu digo Bizarria... por que que tem esse nome?*

Inf.: *Ah... aquela ali é difícil... Porque toda vida eu cunheci... desde os doze ano... que eu viajava nessa região aí... e tinha esse nome esse Bizarria.”*

(Anexo 1 – Entrevista 10 – P.63, L.134-144)

➤ Documento escrito

Fazenda Bizarria (CARTA DE BARRA LONGA – MG, Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia, CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000, 1976)

(29) Topônimo: **BOA GLÓRIA**

Taxonomia: **Hierotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: físico / campo

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Boa Glória < *N. Sra. da Boa Glória

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Boa – entra na composição de vários topônimos (*Boa Aldeia: Águeda, Viseu: Boa Farinha, Vila de Rei: Boa Fé, Évora, Grândola, etc.*)” (MACHADO:1984)

“Glória – Topônimo freqüente em Portugal e no Brasil, na Galiza em Lugo. Redução de Nossa Senhora da Glória, orago nas povoações que ficaram com esse nome.” (MACHADO:1984)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“...tem um pasto do Crasto que chama **Boa Glória**... Matuti... isso mesmo aqui na virada”

(Anexo 1 – Entrevista 3 – P.23, L.187-188)

“Inf.: *Boa Glória é perto da Fazenda do Crasto... É uma grotta*

Pesq.: *Por que que tem esse nome?*

Inf.: *Boa Glória... É num tá fácil não... Boa Glória...”*

(Anexo 1 – Entrevista 12 – P.81, L.301,307,313)

(30) Topônimo: **BOA VIAGE ~ BOA VIAGEM**

Taxonomia: **Hierotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf[ADJ_{sing} + Ssing]

HISTÓRICO: Boa Viagem < *N. Sra. da Boa Viagem

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MACHADO (1984) indica o topônimo **Boa Viagem** presente em Portugal nas cidades de Figueira da Foz, Mafra, Maia, Oeiras e Porto e no Brasil, também “em vários locais”. Segundo ele, “todos ou quase todos estes casos devem-se à invocação de N. S. da Boa Viagem.”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Inf.: ...o que foi dono da **Boa Viage**... de minha madrinha que eu tô ti contano intonce... ele pegô uma água aqui em cima aqui pra tocá o muinho de muê imbaxo... intonce apilidô o lugá do açude no açude de/ quand'pegô... quand'pegô a água aí imbaxo aí apilidô pro açude do rio e ficô[...] Essa herança que madrinha Cota me deu Deus dá a ela o reino da glória... né?... talvez se ela num se ela num me pega pra levá pra iscola talvez eu num ia na iscola às vez ia carçá ele mesmo... ia trabaiá num ia cuidá intonce ela me pegô e me levô pra lá pro poder dela me pôs na iscola eu devo muita atenção.[...]

Pesq.: A madrinha do senhor tinha fazenda aqui em cima?

Inf.: tinha... tinha aqui só Zé sabe onde ele tinha [...] **Boa Viage**

Pesq.: ah... como era o nome dela?

Inf.: Maria Bhering, era istrangero né? [...] a gente tratava ela muito de Sá Cota [...]

Pesq.: Mas ela num nasceu aqui no Brasil não?

Inf.: Não... em Portugal

Pesq.: como que o marido dela se chamava?

Inf.: Napoleão [...] Bhering”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 2 – P.14, L.72-75; P.16,L.172-175,199-221)

“Pesq.: Ele fala muito dum lugar que chama **Boa Viagem**. Onde que é?

Inf.: É pertin' dele aí... tinha até uma casa grande aí viu.

Pesq.: Quem morava lá?

Inf.: Lá tinha uma dona... Sá Cota... acho que ela era viúva do homem de lá... Teve um homem aí... eles era de família mais ou menos importante[...] Sá Cota... Dona Cota da **Boa Viagem**... Acho que é Dona Cota... ela fazia umas laranja seca... de açúcar... muito bem... punha na palha... fazia inteira... ela fez muito pra mamãe numa ocasião de casamento... ela era boa nesses doces[...] Era uma casa grande... de fachada... ela foi de gente... viu?

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – P.79, L.174-203)

➤ **Documento escrito**

Sítio Boa Viagem [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(cf. Anexo 6 – Mapas – P. 354)

(31) Topônimo: BOA VISTA

Taxonomia: Animotopônimo

MUNICÍPIO: Diogo de Vasconcelos

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

De acordo com MACHADO (1984), o substantivo *Vista*, na composição de topônimos como em *Vista Alegre*, é freqüente em Portugal, sobretudo em Ponte de Lima, no Norte e na Galiza. É usado para interpretar a largueza da paisagem vista desses locais.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Inf.2: ...na fazenda da *Boa Vista*

Pesq.: *o nome já tinha?... ou vocês é que deram?*

Inf.2: *não... esse nome é antigo...*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P.61, L.7-9)

➤ **Documento escrito**

Boa Vista [Mapa das principais jazidas auríferas existentes nas proximidades de Ouro Preto] apud FERRAND, 1998: 163.



Fig. 23 - Mapa das principais fazendas auríferas existentes nas proximidades de Ouro Preto

Mapa 5: "Boa Vista" apud FERRAND (1998)

(32) Topônimo: **BOA VISTA DO LOREDO**
 ~ LOREDO ~ BOA VISTA DE CIMA

Taxonomia: *Animotopônimo*

MUNICÍPIO: Diogo de Vasconcelos

ACIDENTE: humano / conjunto de pequenas propriedades rurais

ORIGEM: portuguesa [brasileirismo] (cf. "informações enciclopédicas")

HISTÓRICO: Boa Vista do Loredo ~ Boa Vista de Cima < Boa Vista de Nossa Senhora do * Loreto

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [ADJ_{sing} + S_{sing} + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Loreto é uma cidade na província de Ancona (Itália), famosa pelo seu santuário. Segundo uma tradição, a casa da Sagrada Família foi transportada pelos anjos de Nazaré, primeiro para Quarnaro, e depois para perto de Loreto, em 1294”. (MANSUR GUÉRIOS:1994)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Pesq.: *Tem uma fazenda lá que chama Boa Vista e tem uma outra que chama Boa Vista do Loredo... Quem é?*

Inf. 1: *Boa Vista é a nossa né? E pra cima lá tem 6 quilômetros*

Pesq.: *Boa Vista do Loredo?*

Inf. 1: *Boa Vista do Loredo é outra Boa Vista*

Inf. 2: *Lá num tem fazenda não... tem pessoas que tem assim*

Inf. 1: *Tem Cruzeiro... agora tem uma escola*

Pesq.: *Quem que foi este Loredo?*

Inf. 1: *Desde idade de 12 anos que eu passava com meu pai vendendo boi que tinha esse nome Loredo... Simplesmente um cruzeiro... um cruzeiro de braúna e hoje tem uma escola... uma capela...*

Pesq.: *Porque tem a fazenda Boa Vista do Loredo e tem Loredo*

Inf. 1: *Não Boa Vista do Loredo é a mesma Loredo*

Pesq.: *É a mesma Loredo?*

Inf. 1: *É a mesma Loredo*

Pesq.: *Então Loredo é um povoadinho*

Inf. 1: *Lá nós tratamo lá Boa Vista de Cima... Boa Vista de Baixo... Duas Boa Vista e a de cima é do Loredo...*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P.62, L.74-100)

➤ Documento escrito

Boa Vista do Loredo (CARTA DE BARRA LONGA – MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1: 50.000, 1976)

(33)Topônimo: **BOM RITIRO**

Taxonomia: **Dirrematopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Quando diz que “o português do Brasil é a linguagem da tradição portuguesa, em duas grandes sínteses: a medieval e as mãos calejadas dos imigrantes”, SOUZA (1960: 46, 68) cita alguns ruralismos que Armando Mendes apresenta, ou seja, termos usados na Região de Entre Douro e Vouga, dentre eles, “*retiro* (lugar onde os criadores reúnem o gado, para o contar, marcar, assinalar e ferrar)”. E conclui: “...bem me parece que estejamos não em presença

apenas de extensionismos, mas sim também em presença de tradicionalismos, conservados nos arquivos silenciosos das matas brasis...”

MACHADO (1984) apresenta **Bom Retiro** como topônimo em “Alcácer do Sul, Arouca, Chaves, Guimarães, Loures, Portimão, Setúbal, Tábuas, Vila Franca, Vila Verde e na ilha de S. Tomé.”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“**Bom Ritiro** tá ligado com o Caqui... ligado com a GupiAra... **Bom Ritiro** é d’um Machado... Juquita Machado.”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 5 – P.37, L.304-306)

“**Bom Ritiro** é antigo... Desde os antigo... desde um tal de Seu Tatão ((risos))... No tempo dos meus pais ((risos))”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 19 – P.121, L.77-80)

➤ Documento escrito

“Aos quatorze de outubro de (1916) mil novecentos e dezeseis, no **Sítio Bom Retiro**, assisti ao matrimônio que entre si contrahirão Pedro Justino Barboza e Maria Felippa. Foi processado canonicamente e não resultou impedimento conhecido. Forão testemunhas Antonio de Assis Mol e Raymundo Luis de Assis, digo da Silva. O Vig^o Raymundo Trindade. (Livro dos Casamentos:1916, páginas 42 e 43. Igreja Matriz de Barra Longa – MG)

(34) Topônimo: **BONCESSO ~ BOM SUCESSO**
~ **BONCESSO DE BARRA LONGA**

Taxonomia: **Hierotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: Boncesso ~ Bom Sucesso < Nossa Senhora do Bom Sucesso

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Outras expressões registradas toponimicamente podem sugerir uma inclusão no quadro devocional de Nossa Senhora, e das quais se fixaram apenas os elementos determinantes. Trata-se de **Bom Sucesso** (Nossa Senhora do Bom Sucesso), Bom Conselho (Nossa Senhora do Bom Conselho), e Boa Morte (Nossa Senhora da Boa Morte), apresentando a primeira delas, um índice significativo em vários Estados brasileiros, em contraste com as duas outras...” (DICK, 1990: 325)

“**Bom Sucesso** – topônimo freqüente em Portugal e no Brasil, tirado de uma das invocações da Virgem.” (MACHADO: 1984)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“...algua coisa tem[ho] sodade... das ota num gos[to] nem de lembrá [...] saudade do tempo que a gente era mais novo né?... é... tudo pra gente/ a gente... num pensava na:da... né? e hoje já... a gente pensa muita coisa hoje... qué dizê hoje num tô pensano nada puque... pensá

agora pra quê?... nada véio vai voltá mais... o tempo de... que a gente tinha saudade num vai voltá. Voltá num volta mais, só a lembrança. [...] os véi[fo] contava que tinha lobiso:me tinha mula-sem-cabeça [...] aqui em **Boncesso** mesmo tinha... dize que tinha né?[...] Os antigo contava que tinha né?[...]as mula-sem-cabeça sempre andava nas quaresma / Semana Santa... lubisome... só na Semana Santa que ês andava né?... Dizem... mas eu nunca vi.”

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 6 – P.187, L.165-174; P.188, L.200-210)

“...inda pocos dia... pocos dia não, ano passado... tinha um muleque aí... é... eu fui lá na Barra / no **Boncesso**... a aula tava funcionando... o grupo tava funcionando a aula lá... ê tava sentado lá botô muchila assim ó... tava sentado... falei ‘ô minino cê num tá na iscola não?’ ‘ah o professô é muito injuado... pulei a janela da iscola’... ficô lá até... terminá a iscola depois foi imbora pra casa... de primero fazia isso?”

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 6 – P.191, L.363-366)

“...e nós fomo pra lá e e lá nós ficô e aí com pó[u]co vei[fo] uma sinhora ‘o sinhô é de onde?’ eu falei ‘eu sô de **Boncesso de Barra Longa**’ ‘qualé a graça do sinhô?’ ‘Manuel do Carmo Trindade mas todo mundo me cunhece mais como Mané Ventura’.”

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 1 – P.132, L.187-189)

“**Bom Sucesso** que a padroeira lá é u’a... Sinhora do Bom Sucesso... é... com minino Jisus intão tomô nome de **Bom Sucesso**...”

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 3 – P.165, L.743-744)

➤ Documento escrito

“...Faço saber aos que esta minha carta de Sesmaria virem que tendo respeito a me representar Joze de Pugas Valladares, e Francisco Gomes Pinheyro q. elles estavão possuindo grande numero de escravos, e se achavão faltos de terra e Mattos, em q.se pudessem utilizar, e a real fazenda, e porq. os Supplicantes necessitavão por Sesmaria de hua legoa de terras citas no **Corrego do bom sucesso** as quaes de hua parte partem com as do coronel Mathias Barboza da Silva[...] Dada em villa Rica aos vinte de Novembro de mil sette centos e trinta e seis...”

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmarias – P. 264, L. 3-7, 31)

“Fazenda das Corvinas, 4 de Junho de 1928 [...] É muito rasoavel e de justiça esta aspiração do povo de **BomSusseço** e de você, e para alcançar isto é preciso que consigam apoio[...]

(Cf. Anexo 5 – Correspondências – P. 342)

(35)Topônimo: **BONFIM**

Taxonomia: **Hierotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

HISTÓRICO: Bonfim ~ Bomfim < Senhor do Bomfim

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“A parochia de São José de Barra Longa [...] compreende as seguintes capellas filiaes: [...] **Senhor do Bomfim, Bomfim...**” (Trindade, 1917:97)

“**Bonfim**, sobrenome português de origem religiosa; refere-se ao Senhor do Bom Fim, isto é, da boa morte.”(MANSUR GUÉRIOS, 1994)

MACHADO (1984) apresenta **Bonfim** como topônimo freqüente em Portugal e no Brasil: “Nome devido à existência nesses lugares de igrejas consagradas ao Senhor do Bonfim.”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“...porque tem um santo lá que chama senhor do **Bonfim** intão eles puseram lá uma imagem grande... eles vêm sempre aqui na Barra em festa do padroeiro... eles trazem eles aqui Senhor do **Bonfim**... intão eu nasci lá no **Bonfim**... criei lá no **Bonfim**, estudei no **Bonfim**... batizei na capela do **Bonfim**... depois que eu casei que eu vim morá pra cá[...]

Ah no **Bonfim** a história de lá é que o pessoal de lá são assim curio:so faz balaio pra vendê... fazia colher de pau... trabalhava na roça... é fazia casa... sinhora entendeu cumé que é?... fazia casa de pau barriada[...]

O santo apareceu lá no **Bonfim**... ele apareceu na fazenda do Caeté[...]

A fazenda do Caeté era de gente de Caetano Rola... aquele Nico Rola... Eles num lembra não... Apareceu um santo lá... eles pegaro e truxero ele cá pro **Bonfim**... pra capela do **Bonfim**[...] E pusero o nome de **Bonfim** porque acharo o santo e falaro assim: cê agora vai ficá aqui... É o fim dele intão... era Senhor do **Bonfim** [...] um santo até muito milagroso...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 4 – P.24, L.8-11,44-46; P.26, L.127-138)

➤ Documento escrito

“A parochia fecha no seu perímetro ecclesiastico partes de três diferentes municípios – Marianna, Ponte Nova e Alvinópolis, e tem as seguintes capelas filiaes: Bom Successo, Cunha, Montividio, Gesteira, Barreto, **Bonfim**, Cuvanca.[...] Barra Longa, 17 de julho de 1916. O Vigário Raymundo Trindade”(Relatório: 18 de julho 1915 a 18 de julho de 1916. Livro do Tombo da Igreja Matriz de Barra Longa – MG, 1916: 36)

(36)Topônimo: **BORBA**

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Borba**, sobrenome português toponímico do céltico **borva*, ‘fontes, nascentes’ (pl. de *borvon*). Cognato do sobrenome francês toponímico *Bourbe*, ‘lama, lodo’, e do topônimo *Bourbon*.” (MANSUR GUÉRIOS: 1994)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“**Borba** é um puvuadim... acho que num chega a sê puvuado...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P.67, L.369)

➤ **Documento escrito**

Borba (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1976)

(37) Topônimo: **BRENHA**

Taxonomia: *Fitotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: físico / córrego, campo

ORIGEM: portuguesa < céltico (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Brenha** – mata brava, cerrada, matagal, selva [...] de origem controversa, pré-romana, provavelmente do céltico **brigna* ‘monte, altura’, mantido em topônimos e antropônimos hispânicos (*Conimbriga*, *Segobriga* etc) [...] Fonte histórica 1194 *brenia*, século XV *brenha*”.(HOUAISS: 2001)

“**Brenha** –Topônimo em Alenquer. Figueira da Foz: ‘Brenhas’ é ribeira no Alentejo afluente do Ardela; em Espanha há *Braña* (muito freqüente em Corunha, León, Lugo, Oviedo, Pontevedra) e *Breña* (menos freqüente em Almeria, Las Palmas e Santa Cruz de Tenerife)” (MACHADO:1984)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Brenha?... é... cunheço... é um lugar qui hoje só tem quase que pastage[m]*”.

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P.67, L.365-367)

➤ **Documento escrito**

Córrego da Brenha (Carta de Mariana, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50 000; 1986)

(38) Topônimo: **BUDEGA ~ POUSO ALTO**

Taxonomia: *Sociotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa < espanhola (cf. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: Bodega ~ Pouso Alto < Santo Antônio do Pouso Alto

Sociotopônimo ~ Ecotopônimo < Hagiopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

De acordo com MACHADO (1984), *Bodega* encontra-se como topônimo em Portugal. “Outrora classificado como substantivo masculino.”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“...nesse dia qu’eu fui lá ni João Ramos quando nós saímo de lá então meu primo foi disse assim ‘o sô Mané... o sinhô qué cunhecê a esposa de João Ramos?’ eu falei ‘uai Zézé’ aí nós subimo quando nós cheguelmo lá no posto e disse/encostô o carro e disse assim ‘eu vô falá com ela’ ele chegô lá falô com ela com po[u]co ela chegô foi chegan[d]o ele já tá/tinha falado com ela qu’eu já tinha feito ‘mas o sinhô é que tá com esses cem ano desse JEItto?’ eu falei ‘é Deus é quem tá fazen[d]o’ ‘(a)ntão desci... vamo toma café’ ‘a: deixa o café eu tomei café agurinha mesmo lá imbaxo’ ‘não não’ me levô prá lá e sentemo lá e aí vei[o] o café tô toman[d]o café café e café e aí cumeçô... ela foi e disse ‘o sô Manel eu sô da **Bude:ga**’... ela assim ‘eu sô neta do Zé deDeus/ do de de... Zé SiviRIno’ eu falei ‘Zé Sivirino era lá do do BonCESso... é Zé Sivirino era FI[lh]o do BonCESso eu cunhici seu bisavô também o Antônio Sivirino pai dele’... mas me fez um caso doido Nossa Senhora... depois na hora que... fomo dispidi pa[ra] saí ela foi e disse assim ‘ô sô MaNÉ se o sinhô passá aqui num PASsa de passagem não”

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 1 – P.135, L.392-402)

“...não sei se português truxeram... porque aí tem uma coisa que pra mim eles truxeram pra’ qui... o açafirão... viu? O açafirão é um corante né?Dá uma batatinha... agora ele morre... fica tudo seco e a batatinha fica no chão... Dá um corante amarelo... muito bonito... quando for nas águas ele torna a brotar outra vez... E ele só dá... aqui imbaxo tinha dele... mas aqui já tá perto da **Budega** e o trânsito aqui era pur aqui e ele foi acabando... mas lá embaixo tem dele”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 7 – P. 47, L. 61-69)

“...o casamento dele foi no **Pouso Alto** aí... casô e tar... e por lá tamém ela largô aqui num vortô a morá num vortô mais...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 2 – P. 13, L. 30-31)

➤ Documento escrito

Bodega [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 354)

“Dizem FRANCISCO BONIFACIO DE SALES e sua mulher d. AFONSINA MARGARIDA DAMASCENO, esta representada por seu marido e procurador, conforme procuração junta, que entre os mais bens que possuem com livre e igual administração e hipotecas, bem assim, uma casa de morada, assualhada, coberta de telhas, edificada no patrimonio, no lugar denominado **Santo Antonio do Pouso Alto**, deste municipio de Barra Longa [...] Barra Longa, 17 de setembro de 1947.”

(Cf. Anexo 4 – Escrituras – P. 314)

“Manoel Gonçalves Carneiro – Fazenda do **Pouso Alto** – Barra Longa, MG”

(Cf. Anexo 5 – Correspondências – P.339)

(39) Topônimo: **BUENO**

Taxonomia: **Antropotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa < espanhola (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: Bueno ~ Boeno ~ Boyno

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo MANSUR GUÉRIOS (1994) **Bueno** é “sobrenome português, do espanhol ‘Bueno’: ‘bom’.” MACHADO (1984) complementa, dizendo ser este uma apelido já usado em Portugal desde o século XVII.

TRINDADE (1962:13) cita **Bueno** como um dos mais antigos habitantes da região do Carmo: “**Francisco Bueno de Camargo**, grande sertanista, que se instalou às margens do Carmo, junto à barra em que este se incorpora com o Piranga, lugar hoje conhecido por ‘Ponte do Carmo’, e onde começa o Rio Doce. O nome deste bandeirante perpetua-se na fazenda do **Bueno**.”

“[...] com este exemplo continuaram os mais mineiros a prosseguir os seus descobrimentos ribeirão abaixo... O último de todos que se situou neste rio foi **Francisco Bueno de Camargo**, grande sertanista, e lançou seu primeiro sitio junto à barra em que este ribeirão se incorpora com o rio Guarapiranga.”(apud TRINDADE, 1929:41)

De acordo com FRANCO (1953:93), **Francisco Bueno de Camargo** era “paulista, filho de Bartolomeu Bueno da Ribeira, foi casado em São Paulo com Mariana de Freitas de Azevedo, filha de Lucas de Freitas Azevedo. Exerceu vários cargos públicos na vila de Piratininga, inclusive o de juiz ordinário. Foi grande sertanista que tomou parte nos primeiros descobrimentos de ouro em Minas Gerais, tendo-se situado, cerca de 1700, no ribeirão do Carmo, junto à barra do Guarapirana, onde possuiu lavras abundantes. Passou depois a residir nas minas de Pitangui, com seu genro José Rodrigues Betim e outros Camargos, ali se distinguindo em favor do governo, nos levantes havidos naquela povoação, de 1718 a 1719. [...] Já idoso, transportou-se com sua família para as minas de Goiás, onde foi guarda-mor, por provisão do governador de São Paulo de 20 de fevereiro de 1731.

“PRIMEIROS POVOADORES: [...] estabelecerão-se [...] Padre Domingos Martins Campos, Francisco Alves de Mello e Custodio Antunes, no **corrego de Bueno**.”(TRINDADE: 1917:25)

CONTEXTO:

➤Oral contemporâneo

*“...e tinha um **Bueno**... fulano de tal... **Bueno**... tomô nome de **Bueno**... por causa do fazendero... que morava lá... tudo tomava nome do dono.”*

(Anexo 2 – Entrevista 3 – P.165, L.745-746)

➤Documento escrito

*“Justificará que dispoz o mesmo defunto Testador da quantia de dez mil cruzados, pela qual tinha vendido a sua **fazenda do Boeno**, em que assistia e faleceu a seu sobrinho Caetano de Oliveyra por tempo de dez annos, com a obrigação de que do seu producto e preço declarado pagasse o mesmo comprador seu sobrinho as dividas assima declaradas e desse complemento a seus legados assima expostos, o que tudo pago e satisfeito, instituhia por suas herdeyras em tudo o mais que ficasse as suas sobrinhas, filhas do seu sobrinho Caetano de Oliveyra, chamadas Bernarda de Oliveyra e Maria de Oliveyra, que são as mulheres dos Suplicantes*

declarados assim e Joanna de Oliveira que he a solteira assim declarada...” (Arq. da Curia – Testamentarias, letra L, apud TRINDADE, 1955:122-123)

“Faço saber aos que esta minha Carta de Cesmária virem, que tendo respeito a me representar por sua petição o Padre Domingos Martins Campos, o Francisco Alves de Mello, o Custodio Antunes, todos moradores no territorio da Cidade Mariana, que elles suplicantes tinham escravos do que pagavão os reaes quintos, e por que os querião ocupar em roçar, e plantar, seis posses em o corgo do **Boyno**, como tambem mais quatro posses q. desagoavão no mesmo Corgo e todas pertencião aos Suplicantes, as quaesi confirmação de hua parte com José Gonçalves em the as cabeceiras do Corgo do Papagente [...] Dada em V^a Rica a 10 de Janeiro Anno do nascimento de N. Sr. Jesus Christo de 1746. O Secretario do governo Antonio de Souza Machado a fes escrever - Gomes Freire de Andrada.” (Arquivo Público Mineiro – XI, 1907:561-562)

(40) Topônimo: **BUIEIÉ**

Taxonomia: n/c

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano, físico / fazenda, córrego

ORIGEM: n/e

HISTÓRICO: Buieie < *Boyjeja

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

De acordo com SILVEIRA BUENO (1998) “*mboy* – cobra, serpente”. Já “*Boyjeja* – de ‘*mboy-yeyá*’ – lagarta”. Talvez do *indígena [tupi] (cf. SILVEIRA BUENO, 1998)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Buieie é perto do Quebra... pra baxo do Sacramento*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – P.77, L.67)

“*O Tatão era meu vizinho... morava lá na outra margem do rio... num lugar chamado Buieie[...] e tinha uma canoa que ele ia / levava a canoa pra lá e pra cá... Veio a campanha política... Jânio Quadros... ele era janista doente [...] alguma coisa que num agradava ele... ele batia o pé no chão ‘ô raio! Disgraçado!’... veio a campanha do Jânio Quadros... Aí o Jânio Quadros renunciô... Aí chegô do outro lado do rio (gritando) ‘ô cumpadri... ô cumpadri’... Falei ‘Péra, cumpadri... já vai já’... ‘Não... não... Vim falá com cê que a vassoura quebrô o cabo’ ((risos)) O Jânio tinha renunciado... num é?”*

(Anexo 2 – Entrevista 10 – P. 237, L.68-88)

➤ **Documento escrito**

Fazenda Buieie, Córrego do Buieie [Mapa do município de Barra Longa, 1939 – MG]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 358)

(41)Topônimo: **BUNITO**

Taxonomia: **Antropotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa < espanhola (cf. COROMINAS, 1990)

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

HISTÓRICO: Bonito < Francisco Lopes Bonito

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

De acordo com FRANCO (1953: 71), Francisco Lopes **Bonito** foi “sertanista dos primeiros tempos das Minas Gerais, tendo-se estabelecido, cerca de 1700, pouco abaixo do ribeirão Miguel Garcia, ali minerando.”

Sobre o antropônimo **Bonito**, HOUAISS (2001) diz ser sua etimologia “provável do espanhol *bonito* ‘bonito, lindo’, diminutivo de *Bueno* por um processo semântico paralelo ao do latim *bellus* ‘lindo’, originariamente diminutivo de *bônus, a, um*.” Já MACHADO (1984) interroga se não poderia ser uma adaptação de *Benito*, apelido galego.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Rosalina trabalhava com Chico Gostoso[...] Chico Gostoso... agora se ele é gostoso eu num sei... E ele é lá do **Bunito**”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 4 – P.29, L.343-350)

➤ **Documento escrito**

“Aos 28 de junho de 1893, no cemeterio da Barra Longa, foi sepultado Antonio Mendes, de idade de uns 18 anos, casado, digo, solteiro, morador no **Bonito**. Não confessou-se porq. o Vig não foi chamado. Houve encomendação simples. O Vgrio Martinho Horta Buselin.” (Livro do Tombo da Igreja Matriz de Barra Longa, 1889 – 1895. Registros de Óbitos, fl.77)

(42)Topônimo: **CACHUERA DO BRUMADO**
~ **CACHUERA**

Taxonomia: **Hidrotopônimo**

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / distrito

ORIGEM: portuguesa (cf. HOLLANDA FERREIRA, 1987)

HISTÓRICO: Cachoeira do Brumado < Nossa Senhora da Cachoeira do Brumado < Brumado ~ Bromado
Hidrotopônimo < Hierotopônimo < Animotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Brumado** – Denominação dada desde o período colonial a diferentes lugares, correços, ribeirão, e arraiaes de mineração do ouro (nos municípios de Caeté, Itajubá, Lima Duarte, Mariana, Pitangui, Rezende Costa, Santa Bárbara, Santa Luzia, São João d’El-Rey e Serro). [...] Muitos rios com esse nome **Brumado** existem em Minas, na antiga região aurífera; e outrora tais nomes se escreviam – ‘**Brômado**’ e ‘**Brômado**’. Nada tem que ver com o termo ‘bruma’ ou nevoeiro, e sim com a palavra ‘**brôma**’ empregada aqui em nossa terra pelos mineradores, outrora, para designar perda ou engano, mystificação ou desaparecimento do ouro, na lavra que supunham rica. A primitiva graphia colonial era ‘**Bromado**’; e assim se denominava qualquer lugar onde a ‘**formação**’ do minério e a ‘**pinta**’ do metal eram aparentemente boas, enganando os faiscadores e mineiros, que sofriam a decepção de não encontrar o ouro que esperavam extrair. Parece um termo castelhano ‘**brôma**’, muito empregado na linguagem vulgar, desde o Rio Grande do Sul até Minas. ‘**Bromar**’ e ‘**embromar**’ são verbos de giria, na variada acepção de degenerar, falhar, enganar, gracejar, illaquear a boa fé alheia. ‘Ouro bromado’ é o que virou ‘**ogo**’ (ou por ter sumido o filão, ou por ter resultado pobre o serviço do escasso depósito de metal, na mina). ‘**Lavra de Bromado**’ ou **Brumado** é a que deo em nada, em relação com o muito que della se esperava.”(SENNA, 1926:267)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Pesq.: *E Cachuera do Brumado?*

Inf.1: *Esse aí é ligado ao asfalto que vai daqui pra Mariana... antes de Mariana... entra a esquerda... é Cachuera...*

Pesq.: *Como que é lá?*

Inf.1: *É uma cidade... é uma cidade... Cachuera não é cidade não... mas é muito adiantado... turista tá indo lá demais*

Inf. 2: *Lá eles trabalham com pedra*

Inf. 1: *Pedra de panela... É o povoado mais adiantado que tem no município de Mariana é Cachuera do Brumado*

Pesq.: *Que que significa Brumado?*

Inf. 1: *Brumado... eu num informo porque antigamente eles arrumavam uns nome doido né?*

Inf. 2: *Até hoje ((risos))*

Inf. 1: *Cachuera do Brumado... Cachuera do Brumado... Cachuera das pedra... É só o minino sai[r] da escola vai trabalhá nas pedra...*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 - P. 65, L. 256-269)

➤ Documento escrito

“No mesmo tempo, descobriu João Pedroso, paulista, o **Brumado**, da mesma parte do sul, passando uma serra que divide vertentes entre Sumidouro e **Brumado**, e caminhando ambos juntos se metem em rio Miguel Garcia, e todos juntos no ribeirão do Carmo, em meio da freguesia do Furquim. E tomou este a denominação de **Brumado** por não corresponder seu rendimento ao que prometia nas mostras ao descobridor, mas sempre se povoou, dando conveniências aos moradores até o presente, com três capelas eretas pelos mesmos moradores, ricamente ornadas, em distâncias convenientes à concorrência do mesmo povo para a recepção dos sacramentos.”(Notícias dos primeiros descobridores das primeiras minas do ouro pertencentes a estas Minas Gerais, pessoas mais assinaladas nestes empregos e dos mais memoráveis casos acontecidos desde os seus princípios. Autoria: Bento Fernandes Furtado; Minas Gerais, 1750. In *Códice Costa Matoso*, 1999:183).

Brumado [MAPA abrangendo a região entre o alto Rio Doce (Ribeirão do Carmo), o Rio das Velhas, o Rio Paraopeba, o Rio Pitangui (atual Pará) e o Rio São Francisco] (Região das minas de ouro, 19°-20° 30') Diogo Soares. **Ca.1734/5**

*“Faço saber aos que esta minha Carta de Sesmaria virem, que havendo repto. ao que por sua petição me enviou a diser o Coronel Salvador Furtado, que elle Suppte. tinha assistido nas minas há sete annos, e em todo este tempo, e nos mais do principio do descobrimento das dittas minas, sempre cercando os mattos, e mandando fazer por seus f^{os} e escravos a buscar descobrimentos de Lavras de ouro, como consta dos que tem descuberto de grandes lucros; e agora queria mandar vir a sua familia e parentes a morar nas minas, e não tinha largueza de terras p^a os acomodar, e porqto estavam devolutas as Cabeceiras de hua Sesmaria que eu fora servido dar-lhe no sitio do morro grande p^a a pta. do **Bromado**; me pedia lhe fizesse merce dar as ditas Cabeceyras com hua legoa de sertão p^a Guarapiranga mandando-lhe passar carta de Sesmaria dellas. E visto seu requerimento e informação que se me deu, e se não offerecer duvida, Hey por bem[...] Dada neste Arrayal do ribeyrão do Carmo aos 26 de Março de 1711.*

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P.272, L.2-11)

(43)Topônimo: CACHUERA DO CAMPO

Taxonomia: Hidrotopônimo

MUNICÍPIO: Ouro Preto

ACIDENTE: humano / distrito

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}]

HISTÓRICO: Cachoeira do Campo < Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo < Nossa Senhora de Nazareth da Caxoeira

Hidrotopônimo < Hierotopônimo

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MACHADO (1984) afirma ser o topônimo **Cachoeira** “muito freqüente no Brasil.” Sobre o termo **Campo** diz ser topônimo em Portugal, formando compostos como “Sant’Ana do Campo, S. João do Campo” e, também “largamente representado no Brasil.”

“Os povoados nascidos de doações para a construção das capelas dedicadas aos mais diversos oragos fornecem elementos para uma retomada quanto à idéia de religiosidade atribuída aos povoadores ou, pelo menos, ao melhor conhecimento dos objetivos a serem alcançados por intermédio das ‘graças’ de natureza religiosa. Algumas dessas promessas prendem-se às lendas do aparecimento de imagens. Outras vezes, à decisão da imagem de permanecer em um lugar e não aceitar o seu transporte para outro que os homens lhe destinavam [...] entre as quais se destaca a imagem de **Nossa Senhora de Nazaré, de Cachoeira do Campo**, destinada inicialmente a Glaura e que, ali pernoitando, resolveu permanecer. Conta a lenda que debalde se aumentaram as juntas de bois que deveriam conduzir o seu carro. Este permaneceu imóvel, até que os homens compreenderam a vontade da santa e a abrigaram definitivamente numa das mais encantadoras igrejas do barroco mineiro.”(ALBINO, 2000:59)

“Ouro Preto [...] compõe-se das freguesias e distritos seguintes: [...] freguesia e distrito de **Nossa Senhora do Nazaré da Cachoeira do Campo**.”(SILVA, 1997:80)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Inf.: **Cachuera do Campo** cunheço... Acho ótimo aquele artesanato que tem lá... né? De pedra sabão e de / de tacho de cobre tamém[...]

Pesq.: E por que que tem esse nome a senhora sabe?

Inf.: Uai... tem uma cachuera quando / hoje quase não tem água... mas logo depois da ponte... quando a gente passa na ponte ali... antes de chegar na/no distrito... tinha uma cachoeira... ela era... tinha muita água ela era muito bunita...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 15 – P. 97, L.12-24)

➤ Documento escrito

“Aos trinta de Abril de mil sete centos e dezanove Recebi com palavras de presente na Matriz de **Nossa Senhora de Nazareth da Caxoeira** guardada em tudo a forma e disposição do Sagrado Concilio Tridentino a Antonio Pimenta da Costa natural de Entre Douro e Minho filho legitimo de Antonio Pimenta da Costa e sua mulher Maria João: com Thereza de Jesus natural de Pernambuco filha legitima de Thomé da Silva e de sua Mulher Maria Antunes: forão padrinhos Luiz Soares de Meireles e Domingos Gonçalves Cruz// João da Fé de S. jeronimo, Vigario da Cachoeira // Nos referidos autos //”. (Apud TRINDADE, 1955: 126)

“Aos douz de julho de mil e cete centos e quarenta e quatro, nesta Matriz de **Nossa Senhora de Nazareth da Cachoeira**: feitas as trez denunciaçõins e mais delegenciaz na forma do Sagrado Conc. Trid. e Conzt., não resultando impedimento sendo nove oraz do dia recebi in facie Ecclesiae a Luiz da Silva Vale filho legitimo de Francisco da Silva e de Maria da Silva do Vale natural e batizado na freguezia de São Pedro de Oliveira, Arcebispado de Braga e de presente morador nesta freguezia de **nossa Senhora de Nazareth da Cachoeira**, e Dona Josefa Maria Bernarda filha legitima do Coronel Antonio Pimenta da Costa e de Dona Thereza de Jesus da Silva, natural e batizada nesta freguezia de **nossa nossa Senhora de Nazareth da Cachoeira** e lhes dei bençoinz tudo com Provizão do Reverendo Doutor Vigario da Vara desta Comarca, de que forão Testemunhaz o Reverendo Joze Pacheco Pereira e Joze da Silva Roza que aSignarão comigo de que fiz este aSento dia, era ut supra // O Vigr^o Manoel Caetano Xavier // Jozseph da Silva Roza // O Pe.Joze Pacheco Pr^a //”(apud TRINDADE, 1955:126-127)

“Depoimento do Sargento-Mor Jacinto Coelho da Silva na inquirição de ‘vita et moribus’ processada em Cachoeira do Campo: ‘Sargento Mor Jacintho Coelho da Silva, homem branco, solteiro, natural e batizado na freguezia de Sancto Estevão de Regadas, termo de Guimarães, Arcebispado de Braga, e morador no Arraial da Freguezia da **Caxoeira do Campo**, aonde vive de seu negocio e cobranças, de idade que disse ser de noventa, e tres annos, testemunha a quem o Rdo. Juiz Comissario o juramento (sic) dos Sanctos Evangelhos... E ao costume disse nada. E sendo perguntado elle testemunha pelos Interrogatorios do Mandado de Publicandis disse – que conhecia plenamente ao habilitando Antonio Ribeiro de Andrade, e que este hé filho legitimo do Alferes Domingos de Andrade Bastos e de Maria Ribeira de Jezus, natural e batizado na freguezia de Sancta Luzia da Comarca de Sabara, de donde viera em companhia de seos Pais para esta freguezia da **Senhora de Nazaret do Campo**, e ahi residira por alguns annos the que se auzentou para o Arrayal do Tijuco do Serro Frio a ensinar gramatica Latina e voltando ao depois a esta freguezia se passou para a freguezia da Itaverava, aonde ao presente demora, e que o habilitando Antonio Ribeiro sempre vivera como Christão... ’”(Apud TRINDADE, 1955: 217)

(44)Topônimo: *CAFURNA*

Taxonomia: *Geomorfotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: físico / campo

ORIGEM: portuguesa [brasileirismo] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Cafurna** – mesmo que **cafua**. Etim. Segundo Nasc. e AGC, cruzamento de **cafua** com **furna**.” (HOUAISS: 2001)

“**Cafua** – 1. Cova, caverna 2.p.ext. lugar escuro e isolado; **furna** 2.1. lugar, canto escondido, remoto[...]” (HOUAISS: 2001)

“**Furna** – 1. Cavidade profunda na encosta de uma rocha, floresta, etc.[...]3. Lugar escondido, escuro[...] grotã.” (HOUAISS: 2001)

“**Furna** – ‘caverna, gruta, fojo’ XVI. Trata-se, provavelmente, de palavra criada a partir de *forno*, com influência do lat. *furnus* e mudança de gênero.”(CUNHA: 1987)

“**Cafurna** – ‘*Cafurnas em que as andorinhas parte do ano habitam, fazendo ninho*’ (No *Urubuquaquá, no Pinhém* – I, 7, 13). / Caverna, **furna**. // Cruzamento de *cafua* com **furna**.” (MARTINS: 2001)

CONTEXTO:

➤**Oral contemporâneo**

“Pesq.: *Que que é Cafurna?*”

Inf. 1: *Cafurna é um lugar feio na beira-rio né Duardo?*

Inf. 2: *Um buraco em que a água passa... feio o lugar... O rio passa encachoeirado... fazendo uns buracos... num sabe? Um lugar feio... no mato... difícil acesso num sabe? Deu muito ouro até... lá...*

Pesq.: *E aí é chamado de Cafurna?*

Inf. 2: *É porque lá é feio mesmo... é uma cafurna... eles falam cafurna é coisa ruim... é pequitito... Cafurna é um buraco que a água passa lá encachoeirado... difícil acesso lá...*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – P.82, L.397-406)

➤**Documento escrito:** n/e

(45) Topônimo: *CAIERAS ~ FAZENDA CAIERAS*

Taxonomia: *Ergotopônimo*

MUNICÍPIO: Ouro Preto

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural, fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 2001)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Spl]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Caieira – [...] forno ou fogueira em que se cozem tijolos [...] mesmo que carvoeira (lugar)” (HOUAISS: 2001)

MACHADO (1984) mostra o topônimo Caieira presente em Portugal, em Mértola (Courela da Caieira). Significa “sítios onde há forno ou fornos de cal.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Caieras é porque eles faziam aqueles fornos pra queima[r]... faze[r] carvão... então ali tinha muito forno... tem até uma estação de estrada de ferro que chama Caieras... você nunca ouviu fala[r]? Fica perto de Ouro Preto... antes da gente chega[r] naquela ponte do funil lá de Ouro Preto... tem essa Fazenda Caieras... hoje acho que é um hotel fazenda... Caieras é isso... eles faziam os fornos pra queima[r] a madeira pra fazer carvão... A gente passava quando ia de trem... a estação chama Caieras.*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 8 – P. 58, L.294-302)

➤ **Documento escrito**

Caieira (Carta de Ouro Preto, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50 000; 1985)

(46) Topônimo: **CALDEIRÕES ~
FAZENDA DOS CALDEIRÕES**

Taxonomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Diogo de Vasconcelos

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Spl]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Modo de extração dos cascalhos: Nos rios grandes, é necessário tirá-los da sua natural corrente, passando-os, ou por bicas ou por terra, rompendo-se em alguma parte, conforme se precisa e é mais conveniente. E mudando assim o rio, se lhe assenta uma roda de esgotar água por rosário, e esgotada se vai tirando o desmonte ou entulho da terra, por baixo do qual está o cascalho que se tira à bateia para ser lavado na forma acima. E em partes do rio Jequitinhonha se lhe acham poços, a que chamam **caldeirões**, de 120 e 140 palmos de fundo, tendo dentro em si várias lapas e concavidades que metem para as serras que estão nos lados do rio imediatas a ele.”(Modo de extração dos cascalhos. Anônimo, Vila do Príncipe; ca.1750, apud *Códice Costa Matoso*, 1999:850)

“Os depósitos de aluviões se formaram nos vales ou nos leitos dos rios; as pedras e o ouro arrancados dos flancos das montanhas pelas águas se acumularam nos fundos dos vales, formando um leito de seixos rolados, de areia e de ouro, designado na região como ‘cascalho’,

cujo enriquecimento se produziu por uma espécie de concentração mecânica natural. Os cursos de água, ao penetrar nas fraturas, escavam, pouco a pouco, cavidades que apresentavam o aspecto de enormes caldeiras, com forma cilíndrica. O fundo, em meia esfera e as paredes, ficam lisos e polidos pela rotação da água que arrastavam consigo seixos e fragmentos de rochas. Essas cavidades, as quais se dá o nome de **caldeirões**, encheram-se, com o tempo, de matéria mais pesada formando depósitos de cascalho aurífero de riqueza freqüentemente saliente.” (FERRAND, 1999: 95-96)

MACHADO (1984) apresenta **Caldeirões** como topônimo em várias localidades: “Alandroal (Monte dos Caldeirões), Covilhã, Santiago do Cacém e na ilha terceira”.

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Porque Caldeirões... eles deram o nome a Caldeirões... porque o rio ali... o leito do Gualacho é todo de pedra... sabe? É todo de pedra... Eu fiquei impressionada quando eles fizeram a Barrage[m] da Fumaça... secou o rio enquanto tava enchendo o lago... todin[ho] de pedra... sabe? E lá na Cachuera do Funil tinha uma corredera muito forte e forma[m] locais... buracos grandes na pedra... por isso é que eles deram o nome a essas escavações de Caldeirões... E a Fazenda dos Caldeirões é encostada na Cachuera do Funil... por isso é que tem esse nome de Caldeirões...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 8 – P. 56, L.218-223)

“Parece que lá o terreno lá é todo assim cheio de... irregular... então fica parecido caldeirão... Já ouvi esse comentário... tem aqueles... aquelas grotas... sabe? E muitos... Então eles falam Fazenda dos Caldeirões... quer dizer que tem vários caldeirões... parecendo caldeirão... Já ouvi esse comentário... então eu perguntei papai: Papai... terra dos Caldeirões é boa? Ele disse: Éee... tem uns... ele falou um termo quer dizer que no fundo dos caldeirões a terra é boa... Mas o resumo é este naqueles lugares baixos a terra é boa porque todo o húmus corre pr'ali né? No morro é pior”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 20 – P. 127, L. 78-84)

“Pesq.: Por que que chama Caldeirões?”

Inf.: Eu tô pur dentro dessa parte aí... Cada fazendeiro colocava um sistema na fazenda de toda noite ir tomá café na fazenda ou intão ciá na fazenda... fazia janta mesmo [...] e tinha caldeirão pra todo lado... Aí ganhou o nome de os Caldeirões... é porque os fazendero num deixavam os colono fazer janta não... ia tudo pra fazenda... só que trabalhava também num tinha salário... ganhava

Pesq.: Ganhava comida

Inf.: Tinha a terça da roça mais ali uma ajuda que dava ali de alimentação[...] E os Caldeirões é por causa da quantidade de caldeirões que vivia debaixo daquele sobrado lá... Era uma verdadeira janta[...] E ela foi a mais famosa e mais falada na história de Mariana foi essa Fazenda dos Caldeirões”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P. 65-66, L. 284-297)

➤ Documento escrito

“...no município de Ouro Preto, no districto de São Domingos, existe a antiga fazenda dos ‘Caldeirões’. E’ um termo brasileiro mais empregado no plural e com peculiar significado. – Quasi sempre na superfície do arenite e logo abaixo da soleira de um salto, nas margens de rios encachoeirados, se observam muitas cavidades, cheias de seixos, que não são mais do que ‘caldeirões’ ou pilões cavados na rocha pelas aguas, na época em que a soleira do salto se achava mais abaixo do logar actual. O phenomeno é muito comum nos rios mineiros, desde o Rio Grande ao Jequitinhonha e mórmente na região da Serra do Espinhaço. O nome

de 'caldeirão' é, pois, um brasileirismo e já aceito pela ciência, no sentido em que em Minas o empregamos." (SENNA in LIMA, 1924: 292)



Foto 2: Fazenda dos Caldeirões – Diogo de Vasconcelos, MG

(47) Topônimo: *CAMARGO ~ CAMARGOS*

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / distrito

ORIGEM: portuguesa < espanhola (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: Camargos < Nossa Senhora da Conceição de Camargos < Tomás, Gonçalo e João Lopes de Camargo

Antropotopônimo < Hierotopônimo < Antropotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Camargos é o nome de um lugarejo que, de acordo com LIMA (1924:16) fica a “duas leguas pouco mais ou menos distante de Marianna, e deve a sua fundação ao Paulista Thomaz Lopes de Camargo em 1701. Possui minas de ouro, que, supposto tivessem sido antigamente muito trabalhadas, não estão com tudo esgotadas, como as do lugar conhecido pelo nome de Thesoureiro, de propriedade dos herdeiros do Barão desse título.” Vasconcelos (1974:177) atribui a sua fundação a três irmãos: Tomás, Gonçalo e João Lopes de Camargo que “foram-

se estabelecer no córrego e sítio do arraial, que deles adquiriu o nome plural dos **Camargos**, a 4 léguas distante de Ouro Preto.” TRINDADE (1955:261) e SILVA (1997:82) confirmam a antiguidade de “**Camargos**, “freguesia antiga, fundada por bandeirantes paulistas, na comarca e arcebispado de Mariana”, dando **Nossa Senhora da Conceição de Camargos** como primeiro nome do lugar.

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“...tem **Camargos** né... é povoado... não é cidade ainda[...] **Camargo** é Mariana... município de Mariana... um arraia[l] muito bom... ele podia tê sido cidade...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P. 64, L.227; P.68, L.465-467)

➤ Documento escrito

“Aos treze dias do mez de Mayo de **mil e sete sentos e trinta e quatro annos**, de menhã, nesta Igreja Matriz de **N. Sra. da Conceyção de Camargos**, feitas as denunciaçoens na forma costumada e não se descobrindo impedimento algum por provisão...” (Mariana em Cabido, apud TRINDADE, 1955:29)

(48) Topônimo: **CAPELA ~ FAZENDA DA CAPELA**

Taxonomia: **Hierotopônimo**

MUNICÍPIO: Diogo de Vasconcelos

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. HOUAISS: 2001; MACHADO: 1984)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Capela** 1- pequena igreja com apenas um altar, geralmente subordinada a uma paróquia; ermida, orada, santuário. 2 – ORIGEM latina, ‘cappella,ae’ (s.VII).” (HOUAISS, 2001)

De acordo com MACHADO (1984), **Capela** é topônimo muito freqüente em Portugal e no Brasil.

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Inf.: ...foi a mais famosa e mais falada na história de Mariana foi essa fazenda dos **Caldeirões**... depois a **Fazenda da Capela**... todas comandadas pelos... pelos **Sampaio**...”

Pesq.: **A Fazenda da Capela** por que ela tem esse nome?

Inf.: **Essa** na verdade tem nome e tem a **capela**... **E** tem as antiguidade toda lá dentro... tudo restaurado... importante fazenda

Pesq.: **Foi dos Sampaio**

Inf.: **Foi dos Sampaio**... foi do **Sô Oscar**... casou duas vezes numa família muito rica... ele herdou lá nos **Caldeirões** e herdou aqui na **Capela**...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P. 66, L. 297-306)

➤ Documento escrito

Fazenda da Capela (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1976)

(49) Topônimo: **CAQUI**

Taxonomia: *Fitotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: japonesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: caqui < *kaki*

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“*Caqui – fruto do caquizeiro*” (HOUAISS, 2001)

“*Caqui – ‘fruto do caquizeiro XX. Do japonês ‘kaki’.* (CUNHA, 1987)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“*Aqui no Caqui mesmo... o padroero do Caqui... aqui... Nossa Senhora da Conceição*”
(Cf. Anexo 2 - Entrevista 4 – P. 173, L. 280-282)

“*Lá onde eu moro... lá tem o nome de Caqui... porque quando eu era minino eu perguntava pra minha mãe e meu pai... por que que isso aqui chama Caqui?... porque tem / dá muito caqui... essa fruta que chama caqui...*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 5 – P. 34, L. 143-145)

➤ Documento escrito

Caqui [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 357)

(50) Topônimo: **CARAÇA**

Taxonomia: *Somatopônimo*

MUNICÍPIO: Catas Altas

ACIDENTE: humano / santuário

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: Caraça < Serra das Catas Altas ~ Serra do Caraça

Somatopônimo < Geomorfotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm[Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo HOUAISS (2001), “**Caraça** é substantivo feminino, significando: 1. Cara grande, carão 2. Fisionomia, semblante.” É topônimo, de acordo com MACHADO (1984), em Évora (dois casos) e no Brasil nos estados de Minas, Paraíba, Rio Grande do Sul.

“O **Caraça** [...] foi fundado por um colono português, desde anos morador das Minas, que acudia ao nome de Lourenço e que, tendo-se feito ermitão do Santuário que erigiu, passou a chamar-se ‘Irmão Lourenço de Nossa Senhora’. [...] Uma vez na Serra, onde adquiriu uma sesmaria de terras que ainda alargou com aquisições posteriores, pôs logo mãos à obra que trazia planejada, erigindo em pouco tempo o Santuário com que há anos vinha sonhando e do qual se fez ermitão. Para este fim lhe foi comunicada a necessária provisão que segue: ‘O Doutor Francisco Xavier da Rua, Provisor, Vigário-geral e Governador deste Bispado, etc. – A todos os fiéis saúde em Jesus Cristo Nosso Senhor – Faço saber que, atendendo eu ao que por sua petição me enviou a dizer o Irmão Lourenço de Nossa Senhora, hei por bem de lhe conceder licença pela presente Provisão para que possa erigir uma capela de Nossa Senhora Mãe dos Homens e S. Francisco recebendo as Chagas na serra chamada de **Catas Altas ou do Caraça**, a qual será fabricada de matérias perduráveis, com boa proporção e arquitetura, e depois de feita e decentemente paramentada com os ornamentos das quatro cores que mandam as rubricas do Missal e de que usa a Igreja, e mais coisas necessárias, e feito o patrimônio suficiente, recorrerá para se mandar visitar e benzer na forma do Ritual Romano e nela se poderá celebrar, sem prejuízo dos direitos paroquiais e da Fábrica da Matriz, e terá um livro em que estarão encadernados os documentos pertencentes à capela e fará termo de sujeição ordinária e será registrada no livro do Registro Geral. Dada e passada nesta cidade de Mariana, sob meu sisal e selo das armas de S. Excia. Rvma., aos vinte e um de março de **mil setecentos e setenta e quatro** e eu o Padre Inácio Lopes da Silva, escrivão da Câmara Eclesiástica que a subscrevi.’” (TRINDADE, 1955: 7-9)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Inf.: *Tem lá uma casa das Sampaia... cê já ouviu falar?*”

Pesq.: *Casa da Sampaia?*

Inf.: *DAS Sampaias.[...] Lá no **Caraça**[...] diz que tinha um Sampaio lá... por que falava que vieram três Sampaio do... de Portugal: um ficô lá naquela região nossa que era família do Toninho... Teve outro que eu acho que fico no Rio e um no Nordeste... Esse do Nordeste vinha no **Caraça** e ele tinha duas irmãs que eram solteiras e tinha duas mucamas... então eu não sei se era os padres do **Caraça** que queria que eles viesse... Eu num / eu num sei direito o negócio... eu sei que vinha... Então ele/ ele falô que pra podê vir... precisava alojá as duas irmãs com as duas mucamas e lá naquela época era só padre... só... num tinha / num tinha alojamento pra mulher... então fizeram uma casa pra aloja as irmãs do / do Sampaio... Então chamava/ eles chamam lá a Casa da Sampaia...*”

(Cf. Anexo 1 - Entrevista 15 – P. 98, L. 61-75)

“PESQ.: *E o nome **Caraça**... Pur que é qui tem [vo]cê sabe?*”

INF.: ***Caraça** é a pedra né? Tem uma pedra lá qui tem quase u tipo di uma cara grande dum/dum cara... **caraça**... cara... pur causa da feição da pedra... Até po'co tempo vi um retrato lá dessa pedra [...] pra lá é serra pura, né? É pedre'ra pa[ra] a serra né? Intão tem uma cara lá formada pur uma cara intão ficava **Caraça**... ligadu... [...] Purque tem um trecho... a gente passa nessa istrada... é a mesma de quando uma pessoa deitada né?”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 1 – P. 10, L.354-366)

➤ **Documento escrito**

Caraça [Mapa da região do alto Rio Doce (Ribeirão do Carmo), Rio das Velhas e Rio Paraopeba]. (Região da Zona da Mata, 20° - 21° 30'S) Diogo Soares ca. 1734/5, apud *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província, 2002.*

(51) **Topônimo:** *CARMO ~ RIO CARMO*
~ RIBERÃO DO CARMO

Taxonomia: *Hierotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana, Ouro Preto, Acaiaca, Barra Longa, Rio Doce, Dom Silvério

ACIDENTE: físico / rio

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Rio Carmo < Ribeirão do Carmo < Ribeyrão de Nossa Senhora do Carmo

Hierotopônimo < Hierotopônimo < Hierotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MANSUR GUÉRIOS (1994) apresenta “Carmo” como sobrenome português de origem religiosa. Forma regressiva de “Carmel” ou “Carmelo”. Comum na expressão “Maria do Carmo”. É topônimo freqüente em Portugal, conforme afirma MACHADO (1984), de cunho religioso: “invocação de Nossa Senhora”.

De acordo com CUNHA (1987), **Carmo** remete a **carmelita** “frade ou freira da ordem de Nossa Senhora do Monte Carmelo” (Século XVIII). Do latim *carmelites* “habitante do Carmelo”, do topônimo “**Carmel**” – monte da Judéia, ao que HOLANDA (1998) acrescenta: “são famosos os **carmelitas** pelo rigor e austeridade.”

“**Carmelo** – El monte Carmelo en Palestina há dado su nombre a la orden de los carmelitas, nacida en el siglo XII. Se trata de una orden contemplativa dedicada fundamentalmente a la oración y la vida de ermitaño. Teresa de Ávila y Juan de la Cruz representan el grado más elevado de la mística carmelita; ellos le darán, a través de sus escritos, una dimensión eminentemente española. [...] En 1591, en el conjunto del reino de Castilla, había 883 frailes carmelitas (en 50 conventos) y 373 monjas carmelitas (en 17 conventos). En aquella fecha, la orden del Carmel representaba sólo el 3,7% del total de religiosos del reino.”(MOLINIÉ-BERTRAND, 1998)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Esse rio que desce de Oro Preto aqui chama Carmo*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 6 – P. 38, L. 10)

“*Pesq.: Lá em Mainarti nasce o Rio Gualacho né?*”

Inf.: *É... ele começa lá e esse nosso aqui é o Rio Carmo... O Rio Carmo recebeu... recebe o Gualacho lá em cima... perto do Furquim né? Aqui tá o Gualacho e o Carmo.*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P. 64-65, L. 228-230)

“*O Gualacho vem diságua no Riberão do Carmo... mas como o Riberão du Carmo é um rio histórico... o Gualacho perdeu o nome... Então cumeçô a chamá Riberão du Carmo pra baixo ali onde tem a ponte...*”

(Cf. Anexo 1 - Entrevista 8 – P. 55, L. 152-154)

➤ **Documento escrito**

“O nobre solar (casa da Barra), erguido pelo seu primeiro possuidor, o senhor Matias Barbosa [...] está situado junto à confluência dos rios **Carmo** e **Gualacho**”. (MAWE, “Travels in the interior of Brazil” (1809), apud TRINDADE: 1955: 195)

“Faço saber aos que esta minha carta de cesmaria virem que [...] havia lançado há annos huas posses em que fizera rossa nos Mattos geraes de hum ribeirão chamado o Quebra canoas, os quaes desagoavão para o **Ribeirão de Nossa Senhora do Monte do Carmo**, e partião as cabesceiras com as vertentes do Rio Guarapiranga termo da cidade Marianna, comarca de villa Rica do ouro preto[...]Dada na cidade de Lisboa aos nove dias do mês de Mayo, Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil setecentos cincoenta e douz[...]”

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 248-249, L. 7, 9-11, 65-66)

“e que confronta por um lado com Olinto de Almeida Costa, pelos altos com o mesmo, e de outro lado com moradores do lugar denomindo Piteira, e pelos fundos com o **rio Carmo** [...] Barra Longa, 24 de outubro de 1949.”

(Cf. Anexo 4 – Escrituras – P. 333)

“A sede da freguezia espalha-se ao longo da margem direita do rio **Carmo**, numa extensão de mais de dous kilometros, a mil metros abaixo da confluência dos rios já mencionados e a 13 kilometros acima da confluencia do **Carmo** com o piranga, onde começa o **Rio Doce**.” (Livro do Tombo da Igreja Matriz de Barra Longa, 1915:31)

(52) Topônimo: **CARVALHAIS**

Taxonomia: **Antropotopônimo**

MUNICÍPIO: Diogo de Vasconcelos

ACIDENTE: humano, físico / habitações isoladas no meio rural, córrego

ORIGEM: portuguesa (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: Carvalhaes < Joaquim Rodrigues Carvalhal

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_m [Spl] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MANSUR GUÉRIOS (1994) apresenta **Carvalhais** como sobrenome português toponímico: “lugar onde abundam carvalhos”. Informação confirmada por MACHADO (1984) que afirma ser este um topônimo frequente em Portugal e na Galiza: “do substantivo masculino *Carvalhal*, derivado de carvalho”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Inf.: *Tem Carvalhais... mas tem de passar em Diogo primeiro*

Pesq.: *Carvalhais... o que é isso Carvalhais?*

Inf.: *É a mesma coisa do Curriola... é um nome que não tem origem... Toda vida existiu... umas fazendinha... uma muito perto uma da outra né?*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P. 63, L.120-123)

“Inf.: *Carvalhais é dipois do Funil... Carvalhais / porque pra baixo do Funil tinha a fazenda do tio Juquinha[...] pra baixo da fazenda deles chama Carvalhais.*

Pesq.: *O que que significa?*

Inf.: Deve ser um sobrenome né?

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 8 – P. 57, L. 248-253)

➤ **Documento escrito**

“Bernardo Joze de Lorena do Concelho de Sua Magestade O Governador e Capitam General da Capitania de Minas Geraes etc. Faço saber aos que esta minha carta de Sesmaria Virem que tendo concederação aos mequere representar por Sua Petição **Joaquim Rodrigues Carvalhal [...] mil setecentosnoventa e Sete.**” (A.P.M., S.C. 275, R. 58, Fól. 27v, 28, 28v)

(Cf. Anexo 3 - Cartas de Sesmaria – P. 282-284)

Córrego Carvalhaes (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1976)

(53) **Topônimo: CATAS ALTAS**
~ **CATAS ALTAS DO MATO DENTRO**

Taxonomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Catas Altas

ACIDENTE: humano / cidade

ORIGEM: portuguesa [brasileirismo] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Catas Altas < Cattas Altas do Matto Dentro

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [Spl + ADJpl]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Topônimo no Brasil: Minas Gerais. Cata(s) é derivação regressiva de ‘catar’ ‘procurar’. O nome deve-se à lavra mineira que se verificou no local nos fins do século XVIII. O adjetivo refere-se às profundas escavações que se tornou necessário fazer para conseguir obter o minério do ouro.” (MACHADO: 1984)

“**Catas Altas** – Topônimo alusivo às escavações feitas para mineração. Paróquia de Catas Altas do Mato Dentro, município de Santa Bárbara, declarada de natureza colativa por alvará de 12-II-1724. Figura com o nome atual de 1911 e seguintes. Município por lei nº 12.030 de 21-XII-1995. (COSTA, 1997:155-156)

“A cidade de Santa Bárbara [...] compõe-se das freguesias e distritos seguintes [...] freguesia de **Nossa Senhora da Conceição de Catas Altas do Mato Dentro.**” (SILVA, 1997: 108)

“**Catas** – Há em Minas, nas zonas da antiga mineração de ouro, logares cujos nomes se compuzeram com esse termo, que designa, em linguagem ‘mineira’, profundas e amplas escavações praticadas pelos antigos a céu aberto, e com altos córtices verticais, de cima para baixo, a fim de ir acompanhando a riqueza do filão, em determinadas formações, que assim se exploravam mais facilmente, dispensando a abertura de galerias e póços de ‘mina’. Assim surgiram as lavras da Cata do Itajubá-Velho (Sul de Minas), da Cata Branca (perto de Itabira do Campo), das **Cattas-Altas do Matto Dentro** (perto de Santa Barbara e do Caraça), das Cattas Altas do Abaeté (no Oeste), das Cattas-Altas da Noruega (mun. de Queluz), etc. Escreve-se ‘Cata’ ou ‘Catta’, mas a primeira forma está mais etimologicamente aproximada do verbo ‘catar’ (no sentido de buscar, pesquisar, procurar).” (SENNA in LIMA, 1924: 328-329)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

Pesq.: *o senhor conhece Catas Altas?*

Inf.: *Cunheço... Porque é Mato Dentro ou mato de fora eu não sei ((risos))... Eu sei que é Mato Dentro... Agora o porquê eu não sei...*

Pesq.: *Mas é... até hoje eles falam Catas Altas do Mato Dentro?*

Inf.: *Geralmente eles falam Catas Altas... aí quando eu tenho que definir se é Catas Altas da Noruega ou Catas Altas do Mato Dentro... eu pergunto... é do Mato Dentro ou da Noruega?*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 17 – P. 109, L.43-50)

➤ Documento escrito

*“Senhores do Senado da sempre leal Cidade Mariana: Pela ordem que recebi de João da Costa Azevedo, escrevão desse nobre Senado, para que, por meio de uma fiel e exata informação, lhes fizesse a saber das antiguidades desta freguesia das **Catas Altas**, isto é, em que tempo se descobriu o sítio que hoje é arraial, donde lhe veio o nome **Catas Altas**, por quem foi descoberto e outras coisas mais, como consta da mesma ordem, para cujo efeito procurei pelos meios que me foram possíveis saber à certeza, sem embargo que ainda nessas poucas pessoas que se acham ainda neste país e que são dos mais antigos, não deixa de haver variedade nos pareceres. Contudo, achei que o sítio que hoje é arraial fora descoberto no ano de 1693 pelo capitão Manuel Dias, [taubateano?], e a causa de se lhe pôr o nome de **Catas Altas** foi por se darem catas de tirar ouro mais altas do que até ali se tinha praticado em um córrego junto do mesmo arraial da parte do nascente, ao que ficaram chamando até hoje o córrego das **Catas Altas** e juntamente ficou o dito nome apelido a toda a freguesia, a qual se acha com a altura de vinte graus, dez minutos e quatro segundos da linha para o sul, segundo afirmou um matemático que Sua Majestade mandou medir as terras desta capitania e tomar as alturas das povoações, o que fez neste arraial das **Catas Altas** em 27 de fevereiro de 1733.”*(José de Lemos Gomes; *Catas Altas*; 3-12-1750, apud *Código Costa Matoso*, 1999:262)

*“[...] e p^a as poder possuir pedia por Sesmaria os ditos tres qtos. de legoa correndo p^a todas as ptes. q. e p^a as **Catas altas** [...] Dada neste Arrayal do Ribeirão do Carmo aos 7 de Mço de 1711.”*

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 271, L.8-9, 13)

*“Exmo. e Rvmo. Senhor // Dizem Bernardo José de Magalhães, Manoel Bernardo de Magalhães e João Ceveriano de Magalhães, naturais da Freg^a. de Nossa Senhora da Conceição dos **Catas Altas** deste Bispado de Marianna, filhos legítimos de Bernardo de Magalhães, natural da Freg^a de Sto. André de Villa Boa de Quires, Bispado do Porto, e de Joana Angelica Alves nat. e baptizada na Freg^a de Nossa Senhora da Conceição dos **Catas Altas**, deste Bispado; netos pela parte Paterna de Manoel de Magalhaens e de Jeronima de Souza, ambos do lugar do Botelho da sobred^a Freg^a de Sto. André; e pela Materna de José Alves de Carvalho, nat. e baptizado na Freg^a de Santa Maria de Ferreiros, concelho de entre homem e Cadovo (sic), [...] // Mariana 12 de Março de 1800 // Rubrica de Dom Frei Cipriano.”*(TRINDADE, 1955: 101)

(54) Topônimo: **CATINGA**

Taxonomia: **Fitotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: indígena [tupi] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: catinga < *caá-tinga*

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo SENNA (1926: 320) “com este nome indígena (hoje, um consagrado brasileirismo) existem no território mineiro vários pequenos povoados, córregos e logares [...]. ‘Serra da Catinga’ se chama a que fica entre os municípios de Abre-Campo e Caratinga (e ahí o nome é africano e não indígena, porque designa a ‘morrinha’ ou o fedor exhalado pelos selvicolas, segundo appellidaram ao local os ‘bugreiros’ exploradores da região) e também se conhece por ‘serra dos burgres’, por ser infestada pelo gentio, que nella tinha as suas ‘malocas’ e ‘quijemes’.[...]Nos sertões mineiros de Noroeste, as ‘catargas’ são trechos de chão accidentado e areento, cobertos de mattos ralos, e com vegetação tortuosa e enfesada em que predominam os páos de ‘aroeira’, nas regiões mais seccas do nosso territorio. Nos terrenos de ‘catarga’ ou agreste, as arvores perdem, nas quadras estivaes das seccas prolongadas, toda a sua folhagem, voltando esta no inverno [...]. Os selvagens designaram com essa expressão ‘**caá-tinga**’(de ‘caá’, matto e ‘tinga’, branco, ralo esbranquiçado), exactamente o ‘matto branco’, alvacento e rareado dessas regiões brasileiras [...]”

MACHADO(1984) aponta “Catinga” como topônimo no Brasil nos seguintes estados: “Baía, Goiás, Minas Gerais (frequente), Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte. Do s.f. catinga ‘mato ralo’, ‘várias espécies vegetais brasileiras’.”

Encontra-se, também, esse termo classificado como africanismo: ASSIS JUNIOR (s/d: 104), em seu dicionário *Kimbundu-Português*, explica o substantivo **katinga** como “hircismo. Transpiração mal cheirosa.”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Inf. 1: **Catinga** é aqui atrás o:: na serra aqui

Pesq.: Por que que tem esse nome?

Inf. 1: **Catinga**? Num será por causa do capim **catarga** não Zé?

Inf. 2: Eu presumo

Pesq.: Lá tem capim **catarga**?

Inf. 1: Lá é terra boa num sabe? É terra muito boa lá e o capim **catarga**...

Pesq.: Como que é o capim **catarga**... ele é bom pra boi?

Inf. 2: Paladar melhor pra boi

Pesq.: Mas esse capim **catarga** num tem nada a ver com a caatinga... lá do norte não?

Inf. 1: Ah não... isto é... a caatinga do norte não é essa **catarga** não né?

Inf. 2: Igual eu te falei a caatinga com dois a parece uma campina... né Eduardo?

Inf. 1: Eeee

Inf. 2: E capim **catarga**... capim gordura é esse capim que boi gosta muito

Pesq.: Capim **catarga** e capim gordura é a mesma coisa?

Inf. 2: É

Pesq.: São sinônimos então?

Inf. 2: É... eles têm um mel... Meloso... gordura e **catarga**... eles têm um mel

Inf. 1: Formiga não corta ele

Pesq.: É bem melhor do que indequessé né?

Inf. 2: Ele é fraco num sabe... resiste pouco... tem uma raiz superficial

Inf. 1: *E ele é africano... ocê sabe?*

Inf. 2: *Não*

Inf.1: *É, se num é lá também tem o capim catinga... Parece que eu ouvi falar que ele é africano..."*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – P. 79-80, L. 215-252)

➤ **Documento escrito**

"[...] no livro 3-I, fls 231, sob o numero de ordem 12.810, em 4 de Setembro de 1951, na circunscrição de Barra Longa, localidade Salazar, foi feita a transcrição de Doação de partes de engenho e pertences, paiol, moinho, das casas de colonos, e vinte e cinco hectares e quarenta e um ares de terras, em comum, dividindo e confrontando com terras do lugar Catinga de Benjamim Alves de Siqueira, Luiz e José de Almeida Costa, da Piteira e com o rio Carmo, compras a Edmundo Mariano da Costa Lana e outros, transcritas sob numeros 1.832, l 3-A, fls 54, em Mariana, e 6.806 e 7.893, L 3-G, fls 120 e 294, e 5.401, L 3-F, fls 187, nesta comarca.[...]"

(Cf. Anexo 4 - Escrituras – P. 328)

(55) **Topônimo: CHICO LOPES**

Taxonomia: Antropotopônimo

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: físico / campo

ORIGEM: portuguesa (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: Chico Lopes < Francisco Lopes

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + S_{sing}] (hipocorístico + apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MANSUR GUÉRIOS (1994) define “Francisco” como um nome proveniente do “latim medieval, derivado do germânico ‘Frank’ com o sufixo germânico ‘isk’ (alemão ‘Fränkisch): ‘frânico, franco’.” Quanto a “Lopes” é um “sobrenome português”, diz o autor.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Tava com uns oito... sete ou oito anos... empregado na fazenda... quando sô Linto tava fazeno aquelas carçada ali... de pedra ali... eu tava uma porcaria a toa... mas ficava o di intero com ele lá... dava ele uma pedrinha ali... dava outro... companhia com ele... Dispos incaná aquela água... ladera lá de Chico Lopes pra cá...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 3 – P. 21, L. 90-93)

“Inf. 1: Chico Lopes era aqui, dividia com Paschoal Lopes... às vezes era dois irmãos e o pasto do Crasto devia fazer parte do Chico Lopes ou do Paschoal Lopes

Pesq.: O Chico Lopes divide com Paschoal Lopes?

Inf.1: Divide... Não divide hoje não... mas antigamente papai comprou um pedaço de Sô Bilu... aí separou[...] O Chico Lopes tá na fazenda do Crasto[...]

Inf.2: Lá é terra muito boa... eles plantam até hoje... plantam lá viu?

Pesq.: Agora...vocês não mudaram nenhum nome quando vocês compravam né... vocês conservavam o nome né?Por exemplo... Manuel Carlota continua com Carlota

Inf. 2: É um preto que morou aí chamava Manuel Carlota

Pesq.: *E o nome Carlota continuou*

Inf. 2: *Continuou*

Pesq.: *Até Matheus Coelho continuou*

Inf. 2: *Toda vida... Matheus Coelho... nós chegamos aí já tava né?*

[...]

Pesq.: *Por que vocês não gostavam de mudar nome de lugar?*

Inf. 1: *Tem muito pasto aqui pra identificar... quando alguém vai num lugar fala eu fui em tal lugar... Tem muito pasto... O Zé João... por exemplo... todo lugar que você manda aqui ele sabe... Zé Nato também sabe tudo quanto é lugar... foi criado e sabe o nome... Se você mudar o nome... pertuba né?*

Pesq.: *Então o nome das pastagens não mudavam porque os empregados eram criados aqui e sabiam os nomes dos lugares*

Inf.: *Todos sabem... Toda propriedade tem esses nomes... por exemplo... o Crasto tem Cutia... Matuti... Souza... Paschoal Lopes... Boa Glória"*

(Cf. Anexo 1 - Entrevista 12 - P.82, L. 354-396)

➤ Documento escrito

"Faço saber aos q. ' esta minha carta de cesmaria virem q. ' tendo respeito a me representar por sua petição Francisco Lopes morador no Engenho de Pindova termo da V^a do Carmo freg^a do Forquim, q. ' elle estava de huas terras q. ' constavão de matos virgens e capoeiras citas no cercado de Pedro André dos quaes não tinha titulo algum em thé o presente, e nas mesmas queria se lhe concede meya legoa de terra em quadra de cesmaria como era costume [...] Dada em V^a Rica a 29 de Março de 1745. Anno do Nascimento de N. S. Jesus Christo, de 1745

(Cf. Anexo 3 - Cartas de Sesmaria - P.239, L.2-6, 33-34)

"Faço saber, aos que esta minha carta de confirmação de Sesmaria virem q. '[...] Hey por bem fazer mercê (como por esta faço) de conceder em nome de S. Mag. ao d^o Francisco Lopes, meya legoa de terra em quadra[...] Cumprace e Registece Vila Rica [...]de 1756."

(Cf. Anexo 3 - Cartas de Sesmaria - P. 242-243, L.2-3,18-19,71)

(56) Topônimo: **CIBRÃO**

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano, fisico / fazenda, serra

ORIGEM: portuguesa (cf. "informações enciclopédicas")

HISTÓRICO: Cibrão < Pedro Ferreira Cibrão

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Ao escrever sobre o nome próprio, NUNES (1969: 204) adverte que uns são mais populares, outros cultos, há alguns mais antigos, outros mais modernos. Segundo o autor, "acusam maior antiguidade, por exemplo: Bento, Paio, Águeda, André, Gião, Comba, Cibrão, Estevão, Iago, João, Lourenço, Luzia, Martinho, Macias, Miguel, Pêro ou Pedro, Romão, Sadorninho, Tisso, Vidal, Gonçalo, etc. São mais modernos e foram em geral introduzidos pela literatura: Afonso, Alberto, Carlos, Dinis, Frederico, Júlio, Matias, Raul, Vitor, etc." Quanto à origem do topônimo nas proximidades de Mariana, FRANCO (1953), baseando-se em *Basílio de*

Magalhães aponta Pedro Ferreira **Cibrão** como “sertanista de São Paulo, dos primeiros descobridores de ouro nas Minas Gerais, nos albores do século XVIII, fixou-se como minerador pouco abaixo do ribeirão de Miguel Garcia.”

Tendo sua origem no latim *Cyprianu*, segundo MACHADO, **Cibrão** é topônimo encontrado em “*Arco de Valdevez, Monção, Manchique (Corte 'Cibrão de Baixo e de Cima'), Vieira do Minho, Vila Nova de Foz de Côa, Vila Real, Vinhais,;* no **Brasil: Minas Gerais (Divino do Cibrôa); na Galiza 'Cibram' (Corunha, Orense) e 'Cibrão' (Lugo).**” Faz ainda referência a uma igreja em 976, *Sancti Cibriani*. aponta *Sam Cibraom* em 1355 e *S. Cibriam* como sendo Saint-Cyprien na França.

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Inf.: [...] *Tudo mais antigo ainda do que eu / essa região nossa aí / tem Mainarte... tem Cibrão*”

Pesq.: *Ah... Cibrão... o que que significa Cibrão?*

Inf.: *Pois é (risos)... difícil (risos)*

Pesq.: *Como que é Cibrão... que que é Cibrão?*

Inf.: *Cibrão ((risos)) Cibrão... Varge né... tem Varge Alegre... Barro Branco*

Pesq.: *Pois é mas e Cibrão... o que o senhor acha... que significa?*

Inf.: *Pois é... difícil de encontrar a causa dele... A causa é difícil*

Pesq.: *Como que é Cibrão... que que é lá... é um povoado?*

Inf.: *Não é uma fazenda... Só que eles mexe mais com carvão... Mexia mais com carvão... porque lá era afastado né? Muita candeia... Agora hoje tá proibido... Carvoeira só...*

Pesq.: *O senhor se lembra dos donos de lá?*

Inf.: *Só de um... Nonô Maia...”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P. 64, L. 193-208)

➤ Documento escrito

“Era o capitão Lúcio José do Espírito Santo amigo íntimo da nossa família, e sempre que por aí passávamos, a caminho do Gualaxo ou do **Cibrão**, fazendas dos nossos avós, tínhamos que apear e entrar, quasi arrancados dos arreios. Era ponto forçado de parada, de meu pai e de meu avô, e uma boa hora de palestra atrasava sempre a nossa viagem.” (VASCONCELLOS, 1947: 77)

Serra do Cibrão, Fazenda do Cibrão (Carta de Mariana, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50 000, 1986)

(57) Topônimo: **CLÁUDIO MANUEL**

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / distrito

ORIGEM: portuguesa (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: Cláudio Manuel < Boa Vista

Antropotopônimo < Animotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + S_{sing}] (prenome composto)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Do topônimo **Cláudio Manoel**, COSTA (1997: 161) explica ser em homenagem a um dos participantes da Inconfidência Mineira. Conhecido inicialmente com o nome de **Boa Vista**, município de Mariana, passou a ter o nome atual por lei nº 843 de 7-IX-1923. Sobre **Cláudio Manoel da Costa** descreve VASCONCELLOS (1947: 45): “Estudando humanidades no Rio de Janeiro, indo depois para Coimbra, logo que voltou formado fez-se secretário do governador da capitania, Gomes Freire de Andrade, e em Ouro Preto permaneceu todo o tempo, como secretário de outros governadores, até à história do suicídio na Casa dos Contos.”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

Inf. 1: *Cláudio Manuel é Mariana*

Pesq.: *Tinha um nome antes lá... num tinha?*

Inf. 2: *Num sei...*

Pesq.: *Sabe por que que tem esse nome?*

Inf. 2: *Acredito que tenha sido assim uma homenagem ao inconfidente né?*

Pesq.: *Mas lá tinha um nome antes... num tinha?*

Inf. 3: *Boa Vista né?*

Inf. 2: *Boa Vista... é era Boa Vista sim.*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 16 – P. 104, L.94-101)

➤ Documento escrito

“Após passar algumas horas examinando a mina de topázio, prossegui para Vila Rica, com um bom estoque de espécimes. Em Boa Vista, a uma légua de Capão existem outras minerações de topázio, e cheguei na casa um minuto atrasado para impedir que dois topázios fossem quebrados de sua ganga de quartzo. Não consegui esconder meu pesar pelo acontecido[...].”(CALDCLEUGH, 2000:123)

Cláudio Manoel (Carta de Alvinópolis, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50 000; 1976)

(58) Topônimo: **CONGO**

Taxonomia: *Etnotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: africana (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Congo < *Kongo*

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Em seu dicionário *kimbundo-Português*, ASSIS JÚNIOR explica a origem de **Kongo** “substantivo. Abreviatura de Rikongo. Vasto território do antigo reino deste nome [...] distrito do Congo, proveniente de Luanda.” HOUAISS (2001) confirma essa citação quando diz que o vocábulo se refere aos povos dos congos. Já MACHADO (1984) aponta **Congo** como

vocábulo de origem controversa, referente a região e rio da África. Segundo o autor, **Congo** é topônimo no Brasil nos Estados da “Baía, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Pernambuco, Paraná, Sergipe, São Paulo.”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Pesq.: *a fazenda do... é Congo ou Gongo?*

Inf.2: *é Gongo[...] deve sê Congo[...] Congo é aquele negócio do som... Congo... quando a pessoa canta mal cume qui chama?*

Inf. 1: *Gongo*

Inf.2: *É pra cima do Gestera... Congo... mas é no corgo... que deságua no reberão... deságua no Gualacho”.*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – P. 73, L.135-153)

➤ Documento escrito

F. do Gongo [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(cf. Anexo 6 – Mapas – P. 356)

Fazenda do Congo (Carta de Barra Longa- MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1976)

(59) Topônimo: **CONSTANTINO**

Taxonomia: **Antropotopônimo**

MUNICÍPIO: Diogo de Vasconcelos

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (sg. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (prenome)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Constantym aparece como topônimo em um dos documentos antigos que se referem à Terra-de-Miranda, apresentados por LEITE DE VASCONCELLOS (1901:250): “*E hymdo mais ao diante per a dita sera ao meo do lombo e cume dele amostrarã outro marco de pedras junto de hua cova pegado ao caminho e estrada que vem de Miranda e Constantym e vay përa Allcanças e pera trás pera dentro deste Regno...*” Segundo MANSUR GUÉRIOS (1994), *Constantino* tem sua origem no “latim *Constantinus*, diminutivo de *Constante*. – Santo, confessor em Cartago, cel. 14-3; santo, bispo, cel. 11-4.”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Pesq.: *E Constantino?*

Inf.: *Constantino tá aqui na estrada de Diogo... Na beirinha do asfalto...*

Pesq.: *É povoado?*

Inf.: *É uma comunidadezinha também... Tem uma igreijinha... uma escola... é uma grotá... Umas casas lá que formam essa comunidade de Constantino”.*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – P. 71, L.48-54)

➤ **Documento escrito**

Constantino (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50 000, 1976)

(60) **Topônimo: CORGO DO OURO**

Taxonomia: Litotopônimo

MUNICÍPIO: Ponte Nova

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Corgo do Ouro < Córrego do Ouro

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MACHADO (1984) apresenta **Corgo** como topônimo frequente na Galiza: Corunha, Lugo, Orense. Ocorre também em compostos.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Corgo do Ouro... é perto do Quebra-Canoa*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – P. 77, L. 62)

“Inf.1: *Tinha uma mata como você falou, a mata mais velha*

Inf. 2: *A mata mais velha era essa mata lá*

Inf.1: *Fazenda do Sacramento... Corgo do Ouro*

Inf.2: *Corgo do Ouro acho que é nela né?*

Pesq.: *Córrego do Ouro tinha muito ouro lá?*

Inf.2: *Engraçado deve ter um princípio porque Corgo do Ouro*

Inf. 1: *Num parecia não... não tem sinal de mineração nenhuma.*

Inf. 2: *É num tem sinal... vistígio não... nem de cascalho... nem de nada*

Pesq.: *E o Corgo do Ouro pertence a Fazenda do Sacramento*

Inf. 2: *Pertence*

Inf.1: *Pertenceu*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – P.83-84, L. 470-483)

➤ **Documento escrito**

Córrego do Ouro (Carta de Ponte Nova, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1979)

(61) **Topônimo: CORGO DOS PILÕES**

Taxonomia: Ergotopônimo

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Corgo dos Pilões < Pilões

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + {Prep + Apl + Spl}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MACHADO (1984) aponta *Corgo* como palavra derivada de *córrego*. Sobre *Pilões* diz o autor: “plural de pilão, nome de *Pilões*, ou proveio das pedras côncavas com a configuração geral de pilões [...] ou dos instrumentos fabricados pelos sertanejos para reduzirem à farinha o milho do seu sustento”. Segundo HOUAISS (2001), na África e no Brasil, *pilão* é “espécie de almofariz de madeira dura usada para descascar e triturar arroz, café, milho, etc.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Nessa fazenda tudo tinha alambique aí: fazenda da Varge... fazenda do Bueno... fazenda do Porto Alegre[...] Mato Dentro... Pidrinha... **Corgo dos Pilões**”

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 2 – P. 145, L. 442-445)

➤ **Documento escrito**

Pilões [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 355)

(62) Topônimo: **CÓRREGO DO MELO**

Taxonomia: Antropotopônimo

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: físico / córrego

ORIGEM: portuguesa (sg. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: Melo < João de Melo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + {Prep + Asing + Ssing}] (S + Prep + apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Melo**, sobrenome português toponímico. Português antigo *Merloo*. Pode também ser primitiva alcunha: ‘melro (ave)’. Do latim *mérulus*: ‘melro, merlo’. (...) Os Mellos são de uma das mais antigas e nobres famílias de Portugal. O seu primeiro solar foi a vila de igual nome (Beira), e de quem era senhor Mem Soares de Mello.” (MANSUR GUÉRIOS, 1994)

João de Melo era paulista e, segundo FRANCO (1953:242) foi “dos primeiros descobridores de ouro em Itacolomi, nos primórdios do século XVIII.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Córrego do Melo... é perto de Mariana*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 17 – P. 110, L. 113)

➤ Documento escrito

Córrego do Melo (Carta de Mariana, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000, 1986)

(63) Topônimo: *CÓRREGO DO SIMINÁRIO*

Taxonomia: *Sociotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: físico / córrego

ORIGEM: portuguesa (sg. HOUAISS, 2001)

HISTÓRICO: Córrego do Seminário < Córrego do Secretário < Secretário José R. Perdigão

Sociotopônimo < Axiotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Veio o bairro de Santana de 1711, quando ali construiu a primeira casa o ex-secretário de Artur de Sá, José Rabelo Perdigão, que ficou nas Minas e foi mestre-de-campo, depois juiz ordinário da primeira câmara eleita em 1711. Nessa data obteve ele o terreno ali, na junção do córrego Lavapés com o Ribeirão-do-Carmo, e ergueu a sua chácara, então chamada do Bananal. Depois de ali estabelecido, tomou o córrego o nome de *Secretário*, como foi conhecido durante muito tempo, sendo hoje – do *Seminário*.” (VASCONCELLOS, 1947:61)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Pesq.: *E o córrego Seminário... ali em Mariana... o senhor conhece?*

Inf.: *Cunheço... ali deve sê por causa do / do seminário... né... que foi colocado ali desde os / dos idos de mil setecentos e tanto... o córrego deve tê levado o nome do siminário”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 17 – P.111, L.134-140)

“*Córrego do Siminário... é dentro de Mariana... porque tem uma ponte ali perto do siminário[...] ali tem um siminário e tem um córrego... tem uma ponte...*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 8 – P. 57, L.273-275)

➤ Documento escrito

Seminário (Carta de Mariana, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000, 1986)

Córrego do Secretário (Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 353)

(64) Topônimo: *CÓRREGO SECO*

Taxonomia: *Hidrotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / conjunto de pequenas propriedades rurais

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

HOUAISS (2001) assim apresenta o vocábulo: “**Córrego** – 1. Fenda ou sulco aberto na terra pelas águas correntes. 2. Via estreita e funda entre montes, cadeia de montanhas. 3. Pequeno rio com fluxo de água bastante tênue; corgo, riacho. [...] **Córrego seco** – sulco temporário na terra provocado pelas chuvas torrenciais”. CUNHA (1987) mostra a sua origem no latim **corrugus*, enquanto MACHADO (1984) diz ser o vocábulo **córrego** “topônimo freqüente no Brasil, na Galiza e em Portugal.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Córrego Seco é um lugarejo... tem sítiantes lá. [...] Tinha um córrego e não tem mais água... seco... Assim... eu quis sabe[r] o porquê... eles falaram isso*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 9 – P. 59, L.37-43)

“Pesq.: *Esse Córrego Seco é lá na senhora também?*

Inf.: *Não... é do outro lado do rio... É / no / nosso terreno ele fica/ faz divisa com a Folha Larga lá no alto... e o córrego/ e o Gualacho cá embaixo... É uma faixa*”

(Cf. Anexo 1 - Entrevista 15 – P. 102, L. 306-310)

➤ **Documento escrito**

Córrego Seco (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1976)

(65) Topônimo: **CÓRREGO TISORERO**

Taxonomia: **Sociotopônimo**

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: físico / córrego

ORIGEM: portuguesa (cf. HOUAISS, 2001)

HISTÓRICO: Córrego Tisorero < Córrego *do Tisorero < Fazenda do Tisorero

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Comendador Fernando Luís Machado de Magalhães, abastado fazendeiro na freguesia de Camargos, comarca de Mariana. Era sua a **fazenda do Tesoureiro**, ainda hoje uma das ótimas propriedades agrícolas do município de Mariana. A comenda da Ordem de Cristo Ihe foi conferida pela Carta Régia do teor seguinte: ‘Eu El Rey como Governador e Perpetuo Administrador que Sou do Mestrado, Cavallaria e Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo. Faço saber que, Desejando dar ao Desembargador do Paço José de Oliveira Pinto Botelho e Mosqueira hum publico testemunho de Minha Real Consideração, e do apreço que Faço dos Serviços que com honra, fidelidade e zelo Me tem prestado: Hey por bem Fazer Ihe Merce de huma vida na Comenda que tem da Ordem de Christo, para se verificar em seu Primo, o Coronel Fernando Luís Machado de Magalhães. Pelo que Mando ao Prezidente e Deputados do Tribunal da Meza da Consciencia e Ordens que, apresentando-lhes o mencionado José de Oliveira Pino Botelho e Mosqueira este Alvará por Mim assignado da vida da Comenda de

que lhe Faço Merce, lhe fação passar sua Carta em forma que seu efeito haja de durar mais de hum anno sem embargo da Ordenação, em cotrario, e se cumprirá sendo Registrado no Registro Geral das merces, e passado pela Chancellaria da Ordem. Rio de Janeiro de zesseis de Abril de mil oito centos e vinte e hum // Rey // Representou a Camara Municipal de Mariana na aclamação do primeiro imperador e foi membro da Junta Governativa de Minas logo depois da Independência” (TRINDADE, 1951:75)

“**Tesoureiro** – antigo funcionário encarregado do serviço público, nas sedes dos distritos administrativos. ORIGEM Tesouro+eiro, onte histórica, século XIV tessoureyros, século XIV thesoureyro, século XV tesorero.” (HOUAISS: 2001)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“*Córrego Tisorero... cunheço... é Mariana*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 17 – P.113, L.264)

➤ Documento escrito

Córrego Tesoureiro (Carta de Mariana, MG; Secretaria de planejamento da presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000, 1986)

(66) Topônimo: **CORREIA**

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Diogo de Vasconcelos

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: Correia < Paulo Correia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Correia, sobrenome português toponímico: ‘lugar onde há *corriolas, corrijolas e correias* (plantas) semelhantes ou em seus filamentos às correias ou tiras de couro. Num documento latino do século XIII figura como alcunha: ‘Dominus Menendi, clericus, dictus Corrighia’. Na toponímia de Portugal há *Correia*; na Galiza *Correa, LasCorreas*.” (MANSUR GUÉRIOS, 1994)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Inf. 1: *Tem Correia aqui... do Jachó pega o Correia... do Correia pega o asfalto aqui mais adiante*

Pesq.: *Correia tem um outro nome é Paulo Correia né?*

Inf.1: *Não... as vezes eles consumiram um nome né? Ficou só o Correia*

Pesq.: *É perto do Jachó?*

Inf. 1: *Ligado... sai do Jachó... tá no Correia... Correia é um povoado também... assim de umas dez casas perto uma da outra... Todas de capim... a maioria... todas que nós tamo*

citano aí... a maioria... todas usava engenhoca pra muê café... Engenhoca... tá anoitecendo
engenhoca tá cantando lá

Pesq.: Até hoje é assim?

Inf.: Não... Hoje tá todo mundo rico”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10, P. 63, 64, L.162-174)

“Pesq.: E Paulo Correa?

Inf.: Paulo Correa deve ser o que eles chamam de Correia aí né? Esqueceram do Paulo né?
Tem um lugar ali pra cima de Constantino que chama de Correia

Pesq.: Perto da BR

Inf.: Éé... Todo mundo fala Correia... Vou lá no Correia... Eu num sabia que tinha o Paulo
não

Pesq.: É uma comunidade?

Inf.: É... Igual aí Constantino... Constantino... Correia”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – P. 72, L. 61-70)

► Documento escrito

Paulo Correa (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da
República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC.
1:50.000; 1976)

(67) Topônimo: *CRASTO ~ SÃO JOÃO DO CRASTO*

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda, estação ferroviária, povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Crasto < Capela de São João Baptista de Crasto < Manoel de Castro

Antropotopônimo < Hierotopônimo < Antropotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Crasto, forma arcaica de Castro, é apontado por MANSUR GUÉRIOS (1994) como sobrenome português e espanhol toponímico. “Do latim ‘castrum’: ‘castelo, fortaleza, forte’. Como topônimo, ‘ruína de fortificação construída em montes, e proveniente de tempos pré-romanos, sobretudo da idade do ferro.’” Segundo MACHADO (1984), “Crasto mantém-se na toponímia, sendo muito freqüente em Portugal, talvez mais raro na Galiza (Pontevedra) também há Crastos (Aldeia de Crastos, Lagos) mais raro. Castro é forma mais comum, no Brasil em São Paulo (riacho) e Sergipe (vila). Do latim *Castru* ‘fortaleza’.”

Nos seus *Estudos de Filologia Mirandesa*, LEITE DE VASCONCELLOS (1901:232, 239) apresenta alguns documentos antigos referentes à Terra-de-Miranda que se encontram no Arquivo Nacional em Lisboa. Dentre esses, pode-se “garimpar” a forma *Crasto*:

1-“*Extracto das Inquirições de D. Affonso III (sec. XIII) [...] ‘Petrus Cortes de Ulgoso iuratus et interrogatus dixit quod scit quod Ulgoso et totam terram de Miranda fuit domini Regis et scit quod Pena Roya fuit domini Regis sicut divuidit cum Legione per antas qui stant ultra Crasto de Latronis, ergo uillas de Malada etc.’*”

2-“Demarcacã do termo da vjlla de Myranda do Doiro diocisy do arcebispado de Braga. ‘Esta villa de Miranda na haa duuida em quãto uay partindo com Castella pella uea dagoa do Douro ate fozz da ribeira de **Crasto**, donde se começa a demarcaçã per terra com termo dAlcanizes, onde se achou huua duuida pequena, que vay aas 31 folhas deste liuvo.”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Numa fazenda lá tinha uma capela grande... tinha dois padre[s] lá na época viu? [...] é ali nu **São João do Crasto**...na subida[...] os escombros... tão lá... do cimitério... diz qui até na nossa época pur certo tempo eles ainda costumava[m] interra[r] gente viu? Ia levan[d]o... acho que achava longe pra leva[r] pra Acaiaca... interrava lá... tem um lugar de onde foi o cimitério... a capela du **São João do Crasto**... A imagi de lá... tá lá im Ponte Nova do lado esquerdo assim na pia batismal viu? O Dico sabia disso... Ta lá na... na im Ponte Nova a imagem de **São João do Crasto** viu?”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 1 – P. 6, L. 112-123)

“...todo mundo que vinha a... era assim... disimbarcava ô no **Crasto** e vinha...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 6 – P. 40, L.128-129)

“...aqueles ano fazia até roça((risos))... o lugá chama até **São João**... cimitério **São João** que eles fala né? [...] chamava nessa época né?... hoje acabou ninguém toca nesse assunto... os véio que cunheceu morrero tudo... ninguém sabe... se sabe num fala... lá quando murria um ó: levava pro cimitério **São João**... aquilo era de **São João** numera?... diz que o fazendero o antigo que foi dono do **Crasto** aquele tempo diz que tinha iscravo e num ixtia tanto lugá longe pra carregá intão eles pegaro um pedaço aí do **São João** pra... pra interrã gente né?

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 2 – P. 15, L. 131-138)

➤ Documento escrito

“Uma memória sobre a comarca de Mariana, de 1757, assim se refere à fazenda da Barra: ‘Desta capella(**São João do Crasto**) correndo o seu curso o Ribeirão do Carmo entra logo na freguezia de São Joseph da Barra Longa, em distancia de duas leguas chega a hua custoza ponte fabricada de grossissimas madeyras das mais duraveis do Brasil, e logo ao pé della recebe em si o rio Gualacho do Norte entre a grandiosa fazenda do Dr. Manoel Ribeiro e a ponte, mediando somente o rio Gualacho do Norte entre a ponte, casas, capella e fabricas da fazenda, ficando a Matriz pouco abaixo da ponte fabricada de novo com seu arraial de poucos moradores’” (Ver. Do Arq. P. Min., vol. XI, pág.719 apud TRINDADE,1955:199)

“Fundada pelo Sarg. Mór Manoel de Crasto. Já não existe há muitissimos annos. As imagens desta capella passarão para a fazenda de **Crasto**, quando do Vigario Mello e depois para a do Silveira. Seus herdeiros levarão-nas para o Pontal donde ao menos a de S. João Baptista, em prejuizo de sua ligitima proprietaria, passou-se para a matriz de Ponte Nova. A capella de **Crasto**, que muitas atenções mereceu dos srs. Fidalgos(Souza Coutinho) proprietarios tambem da grande fazenda do **Crasto** ainda em 1797, fôra naquellas éras de extraordinario movimento religioso. Nella, entre outros, estão sepultados o Pe. João da Costa Coelho, coadjutor e o Pe. João Baptista Xavier, Vigario e coadjutor da Parochia.”(TRINDADE: 1917:34)

Crasto [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 354)

(68) Topônimo: **CUIABÁ**

Taxonomia: *Fitotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: indígena [tupi] (cf. CUNHA, 1987)

HISTÓRICO: Cuiabá < *Kui'aua*

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo CUNHA (1987) Cuiabá tem sua origem no tupi *Kui'aua*. O mesmo afirma SAMPAIO (1955): “*Cuyabá* é o mesmo que *cui-abá*, significando o homem da farinha, o farinheiro”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Cuiabá é Mariana porque Cuiabá é um povoado de Furquim... Furquim não é cidade [...] Cuiabá eu intindi pur gente já com esse nome e os ano vão passano... passano... Cuiabá... Cuiabá... agora porque que lá chama Cuiabá num sei o motivo.*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 16 – P. 104, L. 80, 89-90)

➤ **Documento escrito**

Cuiabá (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50 000; 1976)
Cuiabá [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 354)

(69) Topônimo: **CUNHA**

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“*Cunha*, sobrenome toponímico português e espanhol. Em documento do século XII ou XIV: ‘*Cuinha*’, ‘*Coinha*’, ‘*Coina*’ (= *Coia*). De ‘*cunha*’, ‘*rochedo isolado cuja forma lembra uma cunha*’ (J.M.P.), RPF, 1948). – Uma tradição explica a existência de povoações com esse nome, e usual em diversas famílias, pelo fato de D. Paio Guterres, natural da Gasconha, mandar meter nove ‘*cunhas*’ no castelo de Lisboa e por elas pôde subir com os seus, conquistando a cidade (cerco de Lisboa, 1147). Os brasões dos *Cunhas*, em memória desse

feito, possuem nove cunhas. E el-rei D. Afonso I concedeu-lhe o apelido por distinção. Dizem que os Cunhas de Portugal tinham o seu solar em Cunha, a Velha, termo de Guimarães.” (MANSUR GUÉRIOS, 1994)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Inf.: ...já meu avô morreu pErto do povoado do **CUnha**.

Pesq.: *E por que que tem esse nome... **Cunha**?*

Inf.: *Com certeza o primero dono do **Cunha** chamava Fulano de tal **Cunha**... com certeza né?... por causa que eu tô dizeno pro cê isso aí... eu num posso te ixplicar tudo bem pra {vo cê.”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 5, P. 34, L. 145-149)

➤ Documento escrito

“A parochia de São José da Barra Longa compreende as seguintes capellas filiaes: [...] Nossa Senhora das Dores, do **Cunha**...” (TRINDADE, 1917:97)

“Aos 10 de julho de 1873, no cemeterio da Barra Longa foi sepultada Maria Francisca, de idade de uns 60 annos. Residia no **Cunha**. Confessou-se. Não houve encommendação. O Vigário Martinho Horta Buzelin.” (Livro do Tombo da Igreja Matriz de Barra Longa. 1870-1875- Registros de óbitos, fl. 77).

(70) Topônimo: **CURRIOLA**

Taxonomia: *Fitotopônimo*

MUNICÍPIO: Diogo de Vasconcelos

ACIDENTE: humano, fisico / povoado, córrego

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1994)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Baderneiros, quadrilha”, cujos sinônimos são os mais conhecidos para *Corriola*, dificilmente seriam empregados como topônimo. Para HOUAISS (2001), *Corriola* pode ter, dentre outros possíveis significados, o de “planta vivaz da família das convolvuláceas, nativa da Europa, de folhas inteiras e flores brancas ou róseas”. Segundo ele, sua “ORIGEM é geralmente considerada diminutivo de *correia* + *-ola* (com redução *-ei- > -i-*)”.

MACHADO (1984) apresenta *Corriola* com topônimo encontrado em Azambuja, Cascais; no Brasil: Bahia, Goiás, Minas Gerais, Paraná. “Do substantivo feminino ‘*corriola*’ planta da família das convolvuláceas).”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Pesq.: *Tem um lugar lá que chama **Curriola***

Inf.: *Isso aí é a direita... Quando sai da Fazenda Boa Vista... segue e tem que tomá a direita...*

Pesq.: *E esse **Curriola** o que significa?*

Inf.: ((risos)) *Curriola na boca dos antigos é que é candongueiro... que tá... curriola de vagabundos... Tem um ditado assim né? E a... falando verdade Curriola é um povoado, casas perto uma da outra també... nada tem a ver com o nome*

Pesq.: *Por que o senhor acha que ficou com esse nome? Manteve esse nome?*

Inf.: *A origem é difícil*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P. 62-63, L. 101-113)

➤ Documento escrito

Corriola, Córrego Corriola (CARTA DE BARRA LONGA, Secretaria de Planejamento da Presidência da República, IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia. CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000, 1976)

(71) Topônimo: **CURVINAS**

Taxonomia: **Zootopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa < espanhola (cf. HOUAISS, 2001)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Spl]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Corvinas** – [...]peixe encontrado em diferentes ambientes, das Antilhas até a Argentina, sendo abundante no litoral gaúcho; com cerca de 70 cm de comprimento, corpo alongado e comprido, de tonalidade prateada a marrom, dorso mais escuro e ventre esbranquiçado, estrias escuras e oblíquas no dorso e flancos que se prolongam até a linha lateral sinuosa, pequenos barbilhões abaixo da mandíbula; cascudo, corvina-crioula, corvina-de linha, corvina-de-rede, corvina marisqueira, corvineta, cupá, cururuca, guatucupá, marisqueira, murucaia, tacupapirema, ticopá, ticupá [Espécie de grande valor comercial, sustentando a indústria pesqueira de porte em todo o atlântico ocidental] [...] **ORIGEM** espanhola *corvina* (1ª metade do século XV), derivado do espanhol *corv-* + *-ina* (latim *corvus, i*, espanhol *cuervo* ‘corvo’), em virtude do dorso escuro desses peixes.” (HOUAISS: 2001)

“**Corvina** – topônimo em Almada. Do substantivo feminino ‘corvina’ (nome de peixe) ou feminino de Corvim (corvim = explorador de pedreiras) (MACHADO, 1984)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“...foi ino foi ino foi ino eu panhei força fui pra dentro da fazenda das **Curvinas** trabaiá... na hora que comecei a tocá tropa com animar... Tocava rumo pra Saúde... naquele tempo cê num sabe que aqui no Carmo num tinha máquina ainda naquela época né?... A colheta de café tinha qui despachá pra Dom Silvério...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 2 – P. 13, L. 33-36)

➤ Documento Escrito

“Saibam quantos este publico instrumento de escriptura de compra e venda, direito e acção virem que no Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de **mil novecentos e quarenta**, aos vinte e quatro dias do mez de abril do dito anno, nesta cidade de Barra Longa

[...] pelos outorgantes me foi dito que são senhores e legítimos possuidores de parte do imóvel denominado Monte-Vidio, deste município, com uma área de seis e meio alqueires de terras de cultura em sementeira de milho, com as seguintes divisas: a partir do corquinho a um tronco de garapa que está do lado de cima da estrada, deste sobe pelo espigão, dividindo com terras de Manoel Custodio até o alto, por este segue em direção à nascente até a estrada de rodagem, e desta segue na mesma direção até encontrar o vallo dos terrenos das Corvinas, segue por este até confrontar com uma touça de bambus que está no espigãozinho próximo à estrada de rodagem, e deste a mesma estrada seguindo até a volta do caminho em direção ao espigão e deste desce até o corquinho, passando pelo moinho desce correto abaixo, até o ponto de partida; que obtiveram por herança de seu marido, pae e sogro Carlos Rodrigues Salustiano, de cuja herança resolveram vender o direito e acção, em uma parte relativa a dois e meio alqueires em sementeira de milho com as seguintes divisas: partindo de um marco de brahuna que divide com Manoel Baptista, sobe rumo direito ao alto do Matto Dentro, da fazenda das Corvinas, apanha um vallo, segue por elle até encontrar a divisa do comprador, desce rumo direito a estrada atravessa esta, segue dividindo com o mesmo, até o alto que divide com os vendedores e desce rumo direito até o corquinho, atravessa este, sóbe rumo direito até o marco, ponto de partida[...].”

(Cf. Anexo 4 – Escrituras – P. 324-327)

“Fazenda das Corvinas, 2 de Junho de 1928” (Cf. Anexo 5 – Correspondências – P. 342)

(72) Topônimo: **CUSTÓDIO**

Taxonomia: **Antropotopônimo**

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (prenome)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Custódio - baseado no latim *custodia*: ‘guarda, vigilância’. Diz respeito ao anjo Custódio, da guarda.” (MANSUR GUÉRIOS, 1994)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Tem um otro lurga[r] qui chama Custódio... também pur ali... É o que eu ti falo... o município de Mariana é inorme...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 15 – P. 100, L. 185-186)

➤ **Documento escrito**

Custódio (Carta de Mariana, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1986)

(73) Topônimo: **CUVANCA**

Taxonomia: **Geomorfotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Covanca ~ Cuvanqua

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Covanca** – s. f. – grotta descoberta” (AMARAL, 1976:120)

“**Covanca** – 1. Região extrema de um vale. 2. Área de pequenas dimensões, cercada de morros, e que possui acesso apenas por um lado, localizado geralmente no extremo de um vale.” (HOUAISS, 2001)

“A parochia de São José da Barra Longa [...] compreende as seguintes capellas filiaes: Coração de Jesus, do **Covanca** [...] A Capella foi benta pelo Padre Buselin a 28 de setembro de 1892.” (TRINDADE, 1917:97-98)

MACHADO (1984) apresenta **Covanca** como topônimo em Loulé(2) e Pampilhona. No Brasil, ele localizou este topônimo em um morro no estado do Rio de Janeiro. “É um vocábulo feminino, de cova + -anco(em barranco)”.

HOUAISS (2001) mostra **anco** como substantivo masculino (1552), significando “recanto, cotovelo de terra na costa.”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Ia lá uma vez por acaso no morro da Cuvanqua e tinha essas minina do Rancho que era muito amiga da gente... Sinhá Nana... cê conhece quem é né? [...] pois é nós era muito amiga./...quando tinha uma festa lá que era festa de Santa Terezinha às vezes a gente ia nessa festa assisti a festa lá e ascindia a lamparina nos poste de taquara pra rua afora assim ó... fazeno aquelas lanterna pra rua afora e a gente ficava passeano na rua e eu passeava junto com Naná mais Sinhá do Rancho era minhas amiga de passeio de rua.”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 4 – P. 26, L. 161-167)

➤ Documento escrito

“Faço saber aosqesta m^a. Carta de Cesmariavirem,q tendo respeito ameRepresentar porSuapetiçãõ João Roiz Pinto, q.Meu Suplicante eraSenhor epossuidor dehúaFazenda comSeu Eng. na paragem chamada a Cuvanqua, freg^a do Forquim[...] Dada em V^aRica a nove deJulho anno do nascimento deN.Sr. Jesus Christo de 1745.” (A.P.M., S.C. 085, R.17, Fól. 7v, 8)

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 292-293)

“Aos sete dias do mez de Setbr^o de mil e sete centos e cincoenta e cinco Baptizei solemnemente e puz os Santos oleos a Francisca que nasceo a vinte e dous de Agosto, filha legitima de Paulo de Oliveira e Marianna de Oliveira; neta pella parte paterna de João de Oliveira do Lago e Mariana Mathias, ambos da freguezia do Lago, Couto de Rendufe, Arcebisgado de Braga; pella Materna de Caetano de Oliveira e Cathariana Nunes, nascida na Covanca (Barra Longa) e o marido natural de Torres Vedras do Patriarcado de Lisboa; forão Padrinhos Antonio Alves Torres e Isabel Correa de Jesus, todos desta freguezia; e para constar fiz este assento dia, era ut supra // O Vigario Francisco Xavier da Costa // Autos de habilit. Matr. n^o 757 no Arq. da Cúria Marianense //.” (Apud TRINDADE, 1955: 119)

(74) Topônimo: *CUVANQUINHA*

Taxonomia: *Geomorfotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Cov-: el. comp. antepositivo, do lat. vulgar *cova ‘rosca do fuso’, feito sobre o feminino do latim ‘covus,a,um’, var. arcaica de ‘cavus, a, um’ cavado, oco, vazio, etc. A cognação vernácula se desenvolve desde as origens da língua: ‘cova, covachado, covachador, covachar, covacho, covada, cova-de-anjo, cova-de-ladrão, cova-de-lobo, cova-de-onça, cova-de-touro, covado, covador, covagem, coval, covanca...” (HOUAISS:2001)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“...tem a *Cuvanquinha* pra lá da *Cuvanca*[...] o lugar é mais piqueno... tem a *Cuvanca* é maior né? e a *Cuvanquinha* é um lugá muito piqueno”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 4 – P. 28, L. 267-270)

“Morava aqui uma fa/um ti[o] de papai... com três mulher... três... tem a... tinha... uma tia de papai chamava Sinhá da *Cuvanquinha*... é... Dona Sebastiana... é... Ninica... Raimunda... e Lilia... eas que morava aqui dipois... o home moRREU... o meu / o ti[o] de papai moRREU... a mulher Dona Sebastiana que era viúva mudô pa Dom Silvério... ela é a tia de Didina... irmã do pai de Didina... Dona Sebastiana... mudô pa Dom Silvério e vendeu isso aqui... isso aqui foi comprado... pra nós... com/no/com a herança de minha mãe da Fazen[d]a da Onça”

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 5 – P. 183, L. 415-420)

➤ **Documento escrito**

Cuvanquinha [Mapa do município de Barra Longa, MG - 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 355)

(75) Topônimo: *DIOGO DE VASCONCELOS*

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Diogo de Vasconcelos

ACIDENTE: humano / cidade

ORIGEM: portuguesa (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1984)

HISTÓRICO: Diogo de Vasconcelos < São Domingos

Antropotopônimo < Hagiopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] (prenome + apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**DIOGO DE VASCONCELOS** – Topônimo em homenagem a ilustre historiador mineiro. Distrito de **São Domingos**, município de Mariana, mencionado pela lei nº 1225 de 23-VIII-1864, que o desmembrou da paróquia de Cachoeira do Brumado para a de Sumidouro. Paróquia por lei nº 2762 de 12-IX-1881. Toma o nome de Vasconcelos por lei nº 843 de 7-IX-1923 e o atual por decreto-lei nº 148 de 7-XII-1938. Município e cidade por lei nº 2764 de 30-XII-1962.”(COSTA, 1997:185)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Inf. 1: *é... tem lugar que colocofu] nome de fulano... nome de uma pessoa tradicional*

Inf. 2: *Igual Diogo de Vasconcelos era São Domingos*

Pesq.: *E por que que mudou o nome?*

Inf. 1: *Porque ele era um professor... um professor muito bom né? E conseguiu muitas coisa... Num sei ele era um troço na medicina... Ganhou esse nome Diogo de Vasconcelos*

Pesq.: *E vocês acham bom isso? Tirá um nome e mudar?*

Inf. 1: *Mas eu indês que eu cunheço Diogo é assim[...] É... não primeiro era São Domingos a origem é São Domingos[...]*

Inf. 2: *Hoje Diogo de Vasconcelos é uma cidade igual é aqui*

Inf. 1: *E continua pequena”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P. 67-68, L. 397-409)

“*Porque antigamente Jiquitibá pirtincia a Diogo... chamava São Domingos né? São Domingos era Mariana... Depois não me lembro que ano foi... mudaram o nome pra Diogo de Vasconcelos e a divisa é o Gualacho... então nós não pertencemos a Diogo de Vasconcelos... Jequitibá é Mariana... E na outra margem é Diogo de Vasconcelos.*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 8 – P. 54, L. 107-113)

➤ Documento escrito

Diogo de Vasconcelo (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1976)

S. Domingos – Província de Minas Geraes – Segundo o projeto de nova divisão do Império pelo Deputado CRUZ MACHADO e mandada lithographar pelo Illmº Exmº Sñr Conselheiro JOÃO ALFREDO CORREIA DE OLIVEIRA, MINISTRO DO IMPERIO, e desenhada por José Ribeiro da Fonseca Silveas – 1873, apud *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província*, 2002.

“*Faço saber aosqueesta minha carta deSesmaria virem que tendo consederação amerepezentar por Sua Petição Joaquim Rodrigues carvalho quenaparagemchamada o Engenho da Água Limpa, aplicação de S. Domingos Freguezia do Sumidouro termo da cidade de Marianna[...] Dada em villa Rica de Nossa Senhora de Pilar do Ouro Preto a vinte de outubro anno do nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil Setecentos noventa e Sete”.*

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 282-284)

(76) Topônimo: **DOBLA**

Taxonomia: **Ergotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo o *Dicionário da terra e da gente de Minas*, de WALDEMAR BARBOSA (1985:84), **Dobla** é um “termo empregado até o final do século XVIII no sentido de dobra. A dobra era moeda de ouro, cujo valor variava de um reino para outro.” Com o objetivo de mostrar tal diferença, BARBOSA cita o seguinte fato, registrado nos *Autos da Devassa*, 2ª ed., 1980, v.6, p.239: “O escravo Nicolau, seqüestrado a Domingos de Abreu Vieira, no Rio, foi avaliado em oito doblas ou 102\$400, o que indica o valor de 12\$600 (doze mil e seiscentos réis) por dobra”, enquanto em Portugal, a dobra ou dobla valia 12\$800 (doze mil e oitocentos réis) na mesma época.

ALVAR EZQUERRA (2000) mostra que “*Dobla (latim dupla)*” é feminino, podendo significar: 1- Moneda castellana de oro de la Edad Media. 2- acción de doblar” (“**Doblar** - latim duplare- ‘Pasar la embarcación por delante [de un cabo, promontorio, etc.] y ponerse al outro lado.’ ‘Pasar a outro lado [de una esquina, etc.] cambiando de dirección en el camino.”” Para HOUAISS (2001) **Dobla** em Portugal é o mesmo que ‘Dobra’: “*Dobra –do latim ‘duplus, a, um’ ‘dobro, duplo’ (romn. ‘duplu’, it. ‘doppio’, engad. ‘dobel’, fr. ‘double’, provenç. cat. ‘doble’, cat. esp. port. ‘dobla’ [...] a cognação port. culta e vulgar inclui: [...] dobla, doble, doble-capa, doble-dois, doblete, dobrez, doble-zero, dobra[...]*”

Quanto a sua presença na toponímia, NELSON DE SENNA (1926: 283) lembra-nos que no território mineiro existem localidades conhecidas por denominações derivadas ou idênticas a outras da geografia ibérica ou peninsular, dentre as citadas está “*Dóbla*”. MACHADO (1984) apresenta **Dobla** como topônimo no Brasil, em “Minas Gerais (riacho)”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“*Eu sempre ouvi falar Dobla... pra mim... há pouco tempo... papai tinha... lá tinha uma professora... entrou pr’aqui já era velha né? Papai tinha amizade com essa gente... Mamãe foi... batizô um menino... foi lá no Dobla a cavalo... Tinha é cavalo... num tinha carro não*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 13 – P. 88, L. 211-213)

“*...tá longe do Gestera... mas tá nessa divisa de quem tá/vai/vai pro Gestera em nossa direção aqui... o/o/o Dobla tá a direita[...]* É um povoado...tá meio piqueno”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – P. 73, L. 158-159, 170)

➤ Documento escrito

“*Além de tais rios, contam-se inúmeros ribeirões e córregos, seus tributários, como sejam Mato Dentro, Água Fria, São Gonçalo, Batalha, Pedrinhas, Córrego Grande, Apaga Fogo, Sacramento, Quebra-Canoas, Dobla, Bom Sucesso, etc.*”(TRINDADE, 1962:66)

“*D. Antonia Luiza da Silva Pontez, D. Marianna Roza da Silva Pontez, Joze Perez da Silva Pontez, Francizco e D. Maria: Bernardo J. de Lorena do Conselho de S.A.R. o Principe Regente, N. Sr., Capitão mayor[...] da Capitania de Minas Gerais [...]. Faço saber aos q. esta minha Carta de Sesmaria virem, q. tendo consideração a me Representarem por sua petição, d. Antonia Luiza da Sª Pontes, D. Mariana Roza da Sª Pontes, Joze Peres da Sª*”

Pontes, Francizco, e D. Maria, q.ria [...] denominada Dobra, sita na freguezia de S. Caetano do Termo da Cidade de Marianna[...]11 de Março de 1754”(A.P.M., S.C.293, R.62, Fól. 21v)

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P.288)

(77)Topônimo: DOM HELVÉCIO

Taxonomia: Axiotopônimo

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [Qv + Ssing] (Qualificativo + prenome)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

O substantivo masculino *Dom*, segundo definição de HOUAISS (2001) é uma “denominação que acompanha certos cargos eclesiásticos”, precedendo o nome de batismo. De “etimologia latina, *dominus, i* ‘proprietário, possuidor, senhor de’, derivado de *domus, i* ou *domus, us* ‘casa, habitação, família, pátria’, usado como forma de tratamento, traço que o distingue da forma divergente *dono*, de mesma origem.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“ó... olha vejo fala muito nessa fazenda... porque tem a Dom Helvécio... a fazenda dos padres...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P.65, L.278)

➤ **Documento escrito**

Dom Helvécio (Carta de Mariana, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000, 1986)

(78) Topônimo: DOM SILVÉRIO

Taxonomia: Axiotopônimo

MUNICÍPIO: Dom Silvério

ACIDENTE: humano / cidade

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Dom Silvério < Saúde < Nossa Senhora da Saúde

Axiotopônimo < Hierotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [Qv + Ssing] (Qualificativo + prenome)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

De acordo com COSTA (1997: 188) o topônimo **Dom Silvério** é em homenagem ao Arcebispo de Mariana, Dom Silvério Gomes Pimenta, com o nome atual desde 1938. Anteriormente conhecida como **Saúde**, teve, conforme aponta TRINDADE (1917:35) a sua “**Capella Nossa Senhora da Saúde**: fundada no meiado do seculo XVIII, ficando o arraial conhecido por **Saúde**. Segundo ALBINO (2000:59), “as promessas contra doenças” são as responsáveis pelo nome das igrejas e depois pelo povoado **Saúde**. Sobre a etimologia do vocábulo **Silvério**, MANSUR GUÉRIOS (1994) diz ser “nome e sobrenome português. Latim ‘Silverius’: ‘pertencente à selva, silvestre.’”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Pesq.: *Saúde é Dom Silvério?*”

Inf.: *é... é Dom Silvério mesmo...apelidada por Saúde*

Pesq.: *não é uma coisa é Saúde e a outra é Dom Silvério?*

Inf.: *não*

Pesq.: *ou é a mesma?*

Inf.: *não é o mesmo nome é o mesmo né?... mudô o nome né? Lá chamava primero Saúde... mas depois mudô Dom Silvério”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 2 – P.18, L.339-345)

➤ Documento escrito

“*Aos dezasseis de julho de mil setecentos e noventa e um dentro da capela da Senhora da Saúde se deu sepultura a Damásia, da gente da terra, casada com marido, que se ausentou há muitos anos da mesma e se ignora o nome do mesmo marido. Recebeu todos os sacramentos e foi encomendada pelo Padre Albano da Silva Castro, de que fiz este assento.”*

O Vigário José Ferreira de Souza, Barra Longa, Livro 3º de óbitos, fls 130, apud TRINDADE (1962:38)

“*Esriptura de venda de hum escravo de nome Antonio que ao Cappitão Francisco Maximiano Carneiro, faz Francisco Rodrigues Bráz pelo preço e quantia de um conto e oito centos mil réis como abaixo se declara: Saibão quantos este publico instrumento de Esriptura de venda de Escravo virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oito centos e setenta e dous quinquagesimo primeiro da Independencia e do Imperio, aos onze dias do mez de junho neste Arraial da Barra Longa, do Termo da Leal cidade de Marianna, em meu Cartorio compareserão presentes partes havidas e contractadas, como vendedor Francisco Rodrigues Bráz, e como comprador o Cappitão Francisco Maximiano Carneiro, aquelle morador na Freguezia da Saude, e este nesta Freguezia da Barra Longa...”* (Livro de Notas do Escrivão de Paz da Freguezia de Barra Longa, pág. 8, numerado e rubricado em 4 de março de 1871, pelo presidente interino da Câmara de Mariana, Francisco Chagas Coimbra).

(79) Topônimo: **D’OTRA BANDA**

Taxonomia: **Cardinotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda, conjunto de pequenas chácaras

ORIGEM: portuguesa

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_{Cf} [{Prep + Pr_{sing}} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MACHADO(1984) apresenta o topônimo “Outra Banda” como “o nome genérico da margem esquerda do Tejo em frente de Lisboa”. “Origem evidente”, complementa o autor.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Inf.: *o ingenho ta a/a direita ali pur baixo ali ó... Dotra Banda chama o lugar*

Pesq.: *Dotra Banda?*

Inf.: *É*

Pesq.: *Uai porque tem esse nome?*

Inf.: *É porque Barra Longa tá do lado de cá... e e[l]a tá do la[do] lá ês pusero o nome Dotra Banda.”*

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 2 – P. 145-146, L. 476-482)

➤ **Documento escrito**

“Faço saber aos que esta minha Carta de Cesmaria virem que tendo respeito a me representar o Alferes Joam Baptista Romeiro morador na freguezia de Sam Jozé da Barra termo da Cidade Marianna Comarca de Villa Rica que elle hera senhor e possuhidor ha muitos annos, de humas posses citas no cargo chamado churimirim, que desagoa no Ribeyrão da *outra banda* da estrada, nas quais tinha muitas posses[...] Dada em Villa Rica aos vinte e sete de Janeyro, Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e setecentos e siencoenta annos.”

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 246, L. 3-6, 39-40)

(80) Topônimo: FARAGOSO

Taxonomia: Antropotopônimo

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_m [S_{sing}] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Fragoso – (apelido, alcunha de *Fragoso, Fragosus*). Do adjetivo *fragoso*. Topônimo em Arronchos, Barcelos, Felgueiras, Mondim de Basto, Portalegre, Santarém; rua em Évora, travessa em Lisboa; na Galiza: Corunha, Pontevedra; no Brasil: Baía, Minas Gerais(riacho), Paraíba, Pernambuco (povoado e riacho). *Fragosus*, Vila Nova de Gaia; no Brasil: Santa Catarina (povoação e riacho).” (MACHADO: 1984)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Faragoso tam[b]ém é o't[r]a pessoa... É igualzin[ho] du Pascoal Lopes... igual du/du Chico Lope... Faragoso fica a direita da fazenda du Crasto... mas fica nu corgo... fica pra*

cima da fazenda do Crasto... tem um corgo grande qui tocava inge:nho... era a/a força di lá... intão o corgo acima... [vo]cês viro[u] u corgo pra cima é Faragoso viu?"

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 1 – P. 9, L. 331-338)

➤ **Documento escrito**

Fragoso [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 354)

(81) Topônimo: **FILIFE DOS SANTO**
~**FILIFE DOS SANTOS**

Taxonomia: **Antropotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / distrito

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Filipe dos Santos < Bom Retiro

Antropotopônimo < Dirrematopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + {Prep + Apl + S_{sing}}] (prenome + Prep + apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Revolta de Vila Rica – Foi causada, em 1720 [...] Só um dos revoltosos, **Filipe dos Santos**, uma figura relativamente pouco importante na revolta, seria executado depois de um julgamento sumário.” (SILVA, 1994:702)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Pesq.: *Só João Pedro... Filipe dos Santos desde que o senhor era minino tinha esse nome?*

Inf. 1: *Não*

Pesq.: *Era o quê?*

Inf. 1: *Era Bom Retiro[...] chamava Bom Retiro... depois é que mudô Filipe dos Santos[...] isso com certeza é homenageando um Filipe dos Santos né? Que fez qualquer coisa... que tinha bom nome.”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 16 – P. 106, L. 218-228)

“Inf.: *Eu num munto a cavalo não... já muntei MUIto a cavalo... quando eu ia po Colégio Mariana ia a cavalo té no Filipe dos Santo... lá que pegava o trem.*

Pesq.: *Por que que Barra Longa nunca teve trem heim?*

Inf.: *Eu vi falá que é... eu vi falá que é os antigo que num quisero... diz que trazia duença pa Barra Longa.*

Pesq.: *É?*

Inf.: *Falava isso né?*

Pesq.: *E sinhora acha que é isso?*

Inf.: *Será?*

Pesq.: *Mas aí tinha de i até... Acaiaca*

Inf.: *Não... eu ia direto Filipe dos Santo... passava ali da... entrava na/na/no... passava em frente a Varge... de/de Afonso e de Chichico... e ali tem um atalho ia po Filipe dos Santo lá*

eu durmia... Filipe dos Santo numa fazenda lá perto... que nem sei quem é... Mais... no oto dia pegava o trem pa i po Colégio Mariana...”

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 5 – P. 182-183, L.357-371)

➤ **Documento escrito**

Felipe dos Santos [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 357)

“Fazenda das Corvinas, 4 de Junho de 1928 [...]Soubemos que você está trabalhano com o BomSusseço para a passagem por ahi da estrada que vem do Filipe dos Santos a Barra[...]”

(Cf. Anexo 5 – Correspondências – P. 342)

(82) **Topônimo: FOLHA LARGA**

Taxonomia: Fitotopônimo

MUNICÍPIO: Diogo de Vasconcelos

ACIDENTE: humano, físico / fazenda, córrego

ORIGEM: portuguesa [brasileirismo] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Folha Larga ~ Folhas Largas

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [Ssing + ADJsing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo MACHADO (1984), *Folha Larga* é “topônimo no Brasil: Maranhão, Minas Gerais, Piauí, São Paulo. Origem e significação evidentes, mas desconheço a razão do topônimo.” Já HOUAISS (2001) diz ser “*Folha-larga* – ANGIOS – mesmo que folha-de-bolo. Etimologia/ fonte histórica, 1913, *folha larga*.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Pesq.: *E o nome Folha Larga?*”

Inf.: *Folha Larga é uma árvore... ela tem uma folha redonda... larga... Tem gente qui chama Folha Larga de Pereira [...]*

Pesq.: *Quais são os córregos dali que a senhora conhece... que tem ali?*

Inf.: *A::... eu cunheço esse córrego que eles falam Córrego da / da Folha Larga... né... porque nós falamu Folha Larga... mais no / ne/ nessa coisa da Alcan... eles falam Folhas Largas no plural... mas nós chamamu Fazenda Folha Larga... Ali tem um córrego que vem e faz até é:/:di/ comé que fala? Corta o/ o João de Góis com o Jiquitibá e deságua no / no Gualacho”*

(Cf. Anexo 1 - Entrevista 15 – P. 99, L. 127-130; P.100, L. 187-191)

➤ **Documento escrito**

Fazenda Folhas Largas (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1976)

(83) Topônimo: **FRAZÃO**

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: físico / córrego e morro

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Frazão < Pedro Frazão de Brito

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

De acordo com FRANCO (1953:81), Pedro **Frazão** de Brito era “paulista, filho de Manuel de Brito Nogueira e de sua mulher Ana de Proença. Andou nas minas de Curitiba no fim do século XVII e depois, associando-se com Luís Pedroso de Barros, começou a transportar gado para as Minas Gerais, enriquecendo nesse negócio e firmando-se como um dos primeiros povoadores da zona do Carmo. Em 20 de outubro de 1704 obteve sesmaria e tornando-se minerador foi um dos maiores potentados paulistas da região”. VASCONCELLOS (1947:14) destaca-o, dentre outros, como primeiro juiz ordinário de Minas: “signatários dos primeiros atos reguladores da vida civil da Terra Mineira, como tais dignos de figurarem nos anais da nossa história em assinalado preito.”

TRINDADE (1955:271) aponta o nome **Frazão** como topônimo em “S. Martinho – Vila e freg. no Douro, com. de Lousada, conc. de Pacos de Ferreira, distrito e bispado do Porto”. MACHADO (1984) mostra-o como “topônimo em Funchal (beco), Paços de Ferreira, Portalegre, Santarém (casal do Frazão), Tondela; no Brasil: Ceará, Mato Grosso, Pernambuco. A crer na cronologia, parece que o topônimo é anterior ao apelido, talvez até que este provenha daquele. Origem obscura, do árabe *faras* ‘cavalo’ com aumentativo românico.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Pesq.: ...*lembra do morro do Frazão?*”

Inf.: ...*Frazão*

Pesq.: *Por que que tem esse nome?*

Inf.: *Porque também num sei*

(Cf. Anexo 1- Entrevista 17 – P. 110, L. 61-64)

➤ **Documento escrito**

Frazão (Carta de Mariana, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50 000, 1986)

(84) Topônimo: **FUMAÇA ~ CACHUEIRA DA FUMAÇA**

Taxonomia: *Hidrotopônimo*

MUNICÍPIO: Diogo de Vasconcelos

ACIDENTE: físico / cachoeira

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“A **Cachoeira da Fumaça** está localizada no Rio Gualacho do Sul, Município de Diogo de Vasconcelos. A sua força lhe rendeu o nome, pois de suas águas, que lutam contra a dureza das pedras, sobe aquele suave sereno e, da estrada ao longe, parece nuvem de fumaça.” (ADRIANO, 2002: 29)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“**Fumaça** é uma cachuera que tem logo abaixo de Miguel Rodrigues... tem uma ponte... agora mudou porque inundou a ponte velha... a ALCAN fez outra ponte... pra... pra acesso a Miguel Rodrigues... tinha uma ponte... logo abaixo dessa ponte tem essa **Cachuera da Fumaça**... hoje é pouca água [...] Eles falam que o Gualacho ficou a mesma coisa... mas num ficou não... A cachoeira ainda existe... mas não é tão bonita quanto era antes”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 9 – P. 60, L. 67-77)

➤ **Documento escrito**

“Com a construção das barragens da **Fumaça** e **Caldeirões**, no rio Gualaxo do Sul, não serão apenas as populações ribeirinhas que as perderão. Capivaras, siriemas, tatus, macacos-sassá, matas nativas, cachoeiras, terrenos de plantio, povoados inteiros e uma parte da história também ficarão submersos.” (Jornal Diário da Tarde, grande bh, pág. 5, 26/7/1999)

(85) Topônimo: **FUNIL ~ CACHUERA DO FUNIL**

Taxonomia: **Geomortopônimo**

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: físico / ribeirão

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Funil < Córrego do Funil

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Minas Gerais, Goiás, **fecho** é lugar estreito em que as serras são cortadas pelos rios, garganta, rasgão, **funil**.” (HOUAISS: 2001)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“**Funil** é a cachuera que tem no Gualacho... lá perto da/ dos **Caldeirões**[...] É uma pedreira grande... lá em cima tem os **caldeirões**... como eles falam... né? Aqueles buraco grande que a água forma... parece umas panela... uns **caldeirões** mesmo... Em cima é cheio de **caldeirões**... Dispos **DESce** uma rampa... não sei se de trinta... quarenta metro... Ela é alta... sabe? **Mai[s]** desce **afunilando**... Aí chama **Cachuera do Funil**.”

(Cf. Anexo 1 - Entrevista 15 – P. 98-99, L. 101-115)

➤ Documento escrito



Mapa 6: Córrego do Funil

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 349)

(86) Topônimo: **FURQUILHA**

Taxonomia: **Morfotopônimo**

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano, físico / habitações isoladas no meio rural, córrego

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MACHADO (1984) apresenta o topônimo *Forquilha* (apelido, alcunha), ocorrendo, no Brasil, nos estados de Minas Gerais e Santa Catarina.

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo:

“*Forquilha... tá no meio de Barra Longa e Mariana... é um lugarejo... que[r] dizê[r] tem umas casinha lá...*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 15 – P. 102, L. 314-315)

➤ Documento escrito

Forquilha (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000, 1976)

(87) Topônimo: **FURQUIM**

Taxonomia: **Antropotopônimo**

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / distrito

ORIGEM: portuguesa < italiana (sg. MANSUR GUÉRIOS, 1984)

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

HISTÓRICO: Furquim < Senhor Bom Jesus do Monte do Furquim < Antônio Furquim da Luz

Antropotopônimo < Hierotopônimo < Antropotopônimo

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo FRANCO (1953:223), Antônio **Furquim** da Luz era paulista, sendo um dos sertanistas “que tomou parte nos primeiros descobrimentos de ouro nas Minas Gerais e se sitiou em 1702 no Ribeirão do Carmo Abaixo, ao pé do Sumidouro, onde fundou uma grande fazenda e morou com toda sua família. Aí obteve ele, em 28 de março de 1711, uma sesmaria. Os seus filhos e genros se passaram para o Pitangui e sua mulher, enviuvando, passou para Itu, onde faleceu em 1739.”

TRINDADE (1955:271) diz que “**Furquim** é simultaneamente com Mariana, a mais velha paróquia mineira.” A sua primeira capela, **Bom Jesus do Monte**, foi, segundo Vasconcelos (1974:181) consagrada pelo Padre Francisco Gonçalves. Sobre a origem do topônimo, afirma MANSUR GUÉRIOS (1994): “**Furquim**, aportuguesado do sobrenome italiano ‘Furchin’, derivado de ‘furchino = forchino’, ‘instrumento agrícola em forma de forquilha.’”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

*“Ota coisa que eu tem[ho] vanta[de] de sabê... quem andô pur aqui e que época foi. Viu?... que até... até **Furquim**... aí a história já vi/ a história vei[o] vino até pur aí... mais daí pra baxo num vi mais história disso aqui... o do Cônego Trindade falava mas muito poco... ele até citava um / um sujeito que há poco tempo eu lembrei... chamava Pita Roxa.”*

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 7 – P. 209, L. 287-290)

*“...de **Furquim** vei[o] pra Qui... porque lá/aqui a terra aqui é melhor que **Furquim**... daqui é que eles foro pra Ponte Nova... Ponte Nova já pertenceu a Barra Longa”*

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 2 – P. 167, L. 888-889)

➤ Documento escrito

*“Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho & - Faço saber aos que esta minha Carta Sesmaria virem, que havendo respeito ao que por sua petição me enviou a dizer o Capitão Antonio **Furquim da Luz**, que elle assistia nestas minas há muitos annos, e dos primeyros Conquistadores dellas, que haverá oito ou nove annos se situou ribeirão abaixo ao pé do Sumidouro, aonde tinha suas rossas e casas e capoeyras lavradas de muitos annos, e as queria ogradar em boa fé com ttº de Sesmaria pª sustentação de sua família, mulher e filhos que tem em sua Compª e muitos escravos para o que necessitava de terras com larguezas[...] Dada neste Arrayal do ribeirão do Carmo aos 28 de Março de 1711.*

(Cf. Anexo 3 - Cartas de Sesmaria – P. 273, L.2-7, 13)

*“Exmo. e Rvmo. Senhor – Diz João Bapt. Xavier, nat. da freg. do Sr. **Bom jesus do monte do Furquim** deste Bispado, filho leg. Do Tenente Francisco Xavier da Costa e de sua mulher Dona Joanna Baptista, neto por parte paterna de Amaro Romeiro da Costa e de sua mulher Águeda da Conceição e pela parte materna do Alferes Francisco Machado Molle, todos naturais de Santa Barbara das nove ribeiras da Ilha 3ª, Bispado de Angra, e de sua mulher*

D. Maria do Espirito Santo, natural da freguezia e Villa de São Sebastião do mesmo Bispado, que para servir a Deos no estado sacerdotal lhe he necessario mostrar a limpeza do seu sangue por inquirição de 'genere' feita naquelle Bispado de Angra donde he oriundo // [...] Marianna e de Fevreyro 12 de 1749 – Rubrica do Bispo Diocesano”(Apud, TRINDADE:141).

“Forquim” (MAPA DAS MINAS DO OURO E S.PAULO E COSTA DO MAR QUE LHE PRETENÇE – ca. 1720, apud *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província*, 2002).

“Tópicos do testamento do Padre José Ferreira de Sousa: ‘Em nome da SS. Trindade... Saibam quantos este instrumento com o nome de testamento virem que no anno do nascimento de N. S. Jezus Christo de mil oito centos e onze, aos vinte e cinco do mez de Janeiro do dito anno nesta freguezia do Senhor Bom Jezus do Monte do Forquim aonde prezentemente me acho eu o padre José Ferreira de Soiza, Vigario collado na freguezia de Sam José de Barra Longa... Declaro que sou natural da freguezia de Santa Barbara das nove Ribeiras da Ilha Terceira, Bispado de Angra, filho legitimo de Antonio Ferreira Velho e Maria da Conceição já defuntos; ordenado na cidade da Bahia e prezentemente, como dito fica, vigario na freguezia de Sam Joze da Barra Longa [...]’” (Do L^o de Obitos n.3, a fls. 64 e Seg. do arq. paroq. de Barra Longa, apud TRINDADE, 1955:70)

(88) Topônimo: GAMA

Taxonomia: Antropotopônimo

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: Gama < Sebastião Rodrigues da Gama

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Sobre Sebastião Rodrigues da Gama, FRANCO (1953:172) afirma que era “paulista, filho de Sebastião da Gama e de sua mulher Maria Gonçalves Bonilha, foi sertanista que entre 1701 e 1702 descobriu no Mato Dentro, em Minas Gerais, o ribeirão aurífero que tomou o nome de **Gama**.”

De acordo com MANSUR GUÉRIOS (1994) “**Gama**, sobrenome português, primitiva alcunha: ‘fêmea do gamo’.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Gama... tem a ponte do Gama é região de Monsenhor Horta... pertence a Mariana... É um povoado pequeno... de poucos habitantes”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 16 – P. 107, L. 272-274)

➤ **Documento escrito**

Gama [Mapa da região do alto Rio Doce (Ribeirão do Carmo), Rio das Velhas e Rio Paraopeba]. (Região da Zona da Mata, 20° - 21° 30’S) Diogo Soares ca. 1734/5, apud *Cartografia de Minas Gerais: da capitania à província*, 2002.

“Bernardo Joze de Lorena do conselho de Sua Magestade etc governador e Capitão General desta Capitania de Minas Geraes etc. Faço saber aos que esta minha carta de Sismaria virem que tendo concideraçã a me Reprezentar por sua sua petição Jose Caetano Pinto Carmello

morador no Arraial de Bento Rodrigues do Termo da cidade de Marianna que na paragem chamada o Gama do dito Termo se achaõ terras devolutas as quais confrontão [...] Dada em Villa Rica de nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto a 4 de Outubro Anno do Nascimento d Nosso Senhor Jezus Christo demil setecentos e noventa e sete.”(A.P.M., S.C. 275, R. 58, Fól. 19 a 20v)

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 285-287)

(89) Topônimo: **GAMBO**

Taxonomia: **Fitotopônimo**

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: físico / serra

ORIGEM: africana (cf. ASSIS JÚNIOR, s.d.)

HISTÓRICO: Gambo < *Ngambu*

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Ngambu** – substantivo, botânica. Árvore da família das leguminosas (*afroformosa angolensis*), resistente e incorruptível, utilizada para construção.” (ASSIS JÚNIOR, s.d.)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Pesq.: *E ali em Mariana tem uma serra também que eles chamam de Serra do Gambo.*

Inf.: *A:;, o Tonin[ho] falava isso... Ele/ ele tinha um parente que morava lá no Gambo... E pra podê i{r} lá, ele ia a cavalo... e diz que é um/ uma subida muito forte... muito íngreme... Tinha um parente do Seu Manuel que morava lá no Gambo...”*

(Cf. Anexo 1 - Entrevista 15 – P. 99, L. 145-148)

➤ **Documento escrito**

Serra do Gambo (Carta de Mariana, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1986)

(90) Topônimo: **GAMELA**

Taxonomia: **Geomorfotopônimo**

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: físico / córrego

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Gamela** – Topônimo em Alandroal, Lisboa (antiga Quinta) Montemor-o-Novo, Pombal, Sines; no Brasil: Baía, Minas Gerais, Maranhão, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Sul.” (MACHADO: 1984)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“...esse *Gamela* fica pr'aqueles lado ali... de Mariana e Furquim...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 15 – P. 100, L. 184)

➤ **Documento escrito**

Gamela (Carta de Mariana, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1986)

(91) Topônimo: **GESTERA**

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Gestera ~ Gesteira < Nossa Senhora da Conceição do Gesteira < João Gonçalves Gesteira

Antropotopônimo < Hierotopônimo < Antropotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Gesteira é um dos topônimos arrolados por NELSON DE SENNA(1926:283), em *Toponymia Geographica* como um lusitanismo. MACHADO (1984) apresenta-o como substantivo feminino, apelido, antiga alcunha de Gesteira. E como “topônimo em Caminha, Castanheda, Ovar, Paredes de Coura, Penafiel, Pombal, S. Pedro do Sul, Santo Tirso, Soure, Vila Real; na Galiza, freqüente. No Brasil: Minas Gerais.” Dá como sua origem *giesteira*, derivado de *giesta*. TRINDADE (1917:42) ao discorrer sobre a localidade de Gesteira no município de Barra Longa diz que “N. Senhora da Conceição do Gesteira foi fundada aproximadamente em 1727 pelo Sarg. Mór João Gonçalves Gesteira”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“...história do *Gestera*... teve um fulano de tal que chamava... Francisco *Gestera*... tem um nome de *Gestera*... foi o primeiro que habitô lá né /... intão acho que pôs/deu o nome lá... o nome dele...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 6 – P. 45, L. 428-429)

“*cachaça bo/cunhe:ço[...]* a de Nezim Só Quinca na... aí no *Gestera*”

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 1 – P. 145, L.451-453)

➤ **Documento escrito**

“[...] Faço saber aos que esta minha Carta de Sesmaria virem que tendo respeito a me representar *João Gonçalves Gesteira* que elle Supplicante se achava com grande numero de escravos sem terras nem matos em q' os pudesse occupar para se utilizar e a Fazenda de S.

Magestade com aumento dos Reaes Dizimos; e porque se achavão divolutas algumas terras sitas no rio dos Gualachos termo da Villa do Carmo, mineraes e outras maninhas[...] Dada em Villa rica a vinte e sinco de Fevreyro de mil settecentos e trinta e sette. O Secret^o etc. – Mart^o de Mend^a de Pina e de Proença.”

(Cf. Anexo 3 - Cartas de Sesmaria – P. 250, L.1-5, 38)

(92) Topônimo: **GINTIO ~ GENTIO**

Taxonomia: *Etnotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

HOUAISS (2001) diz que **Gentio** pode ter duas origens “que ou aquele que professa o paganismo idólatra; que não é civilizado; selvagem [...] Etim. orig. contrv.; do latim tardio *gentilis*, e da mesma família ou raça; do mesmo povo ou nação; dos gentios, dos pagãos; ou do latim *genetivus, a, um* ou *genetivus, a, um* ‘de nascimento, natural; que gera; gerado aí (na terra de nascença), nativo’, geralmente usado na acepção de ‘pagão’ por oposição a ‘cristão’.”

LEITE DE VASCONCELLOS (1928:531) acredita que o étimo verdadeiro é o latim *genetivus*, “que tem sentido de nativo, natural”. Já MARQUES LEITE (1958: 749) concorda com a primeira etimologia dada por HOUAISS e explica o termo como “adjetivo da baixa latinidade com base no clássico ‘gens, gentis’ = família, raça, povo”, dando o português “gentio”. MACHADO (1984) aponta **Gentio** como topônimo freqüente no Brasil.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

*“Aqui tem um lugar que chama **Gintio** que aqui os índios que habitava isso aqui era **gintio**... índios cumedô de gente... BRAvo... e tem a pedrera onde ês morava dibaixo da pedra... tem um lugá lá que chama **Gintio**... por causa dele. **Gintio**...”*

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 3 – P. 155, L. 117-123)

*“... tem um lugá aqui que é **Gentio**... viu? **Gentio** tinha uns **gentio**... cê ouviu falá nesse nome **gentio** que tinha em Minas Gerais? [...] acho que até ele era muito agressivo né? Os **Gentio**... intão o lugá aqui imbaxo chama **Gentio**... aí é/divia sê infestado pur essa gente.”*

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 7 – P. 209, L. 242-248)

➤ **Documento escrito:** n/e

(93) Topônimo: **GROTÃO**

Taxonomia: *Geomorfotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: físico / campo

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Em Minas Gerais, diz NELSON DE SENNA (1926: 204), “os vários accidentes orographicos têm termos peculiares a todo o Brasil Central. Assim, a cada momento, quem viaja pelos nossos sertões e pelo interior do nosso território quasi sempre montanhoso, ouve falar em: *lançante e tópe, lombo e lombada, grotta e bocaina, chapada e taboleiro, tombador e despenhado, brocotó e bibóca, garganta e corredor, cabeça e pico, serrote e morraria, pedrão e serraria, encosto e baixada, ladeira e socavão, cata e perambêira, etc.*”

MACHADO (1984) mostra o topônimo **Grotta** com ocorrências freqüentes nos Açores e no Brasil em Goiás, Minas e São Paulo. **Grotão**, diz ele, é “topônimo freqüente na ilha de S. Jorge e no Brasil.” A costa portuguesa também registra o topônimo **Grotões**, complementa o autor.

“**Grotão** – 1. Grande grotta; 2. Depressão muito grande no solo, que aparece em encostas alcantiladas; 3. Mesmo que Brechão (‘segmento do curso de um rio’) 4. Lugar, região longínqua, geralmente o interior, em relação aos centros urbanos.” (HOUAISS, 2001)

“**Grotta** – 1. Cavidade, na encosta de serra ou de morro, provocada por águas das chuvas, ou, em ribanceira de rio, por águas de enchentes; 2. Depressão úmida nas encostas; 3. Vale profundo ou inclinado entre duas montanhas”. (HOUAISS, 2001)

“**Gruta** – [...] Do napolitano antigo *grutta* (it. *gròtta*) e este, do latim vulgar *cripta* (clássico *crypta*), do grego *krýpte* // **grotta** ‘abertura produzida pela enchente na ribanceira’ ‘vale profundo’ 1540. Do it. *gròtta* // **grotão** XVII. (CUNHA, 1987)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“*Esse Grotão é uma grotta, é um vértice num sabe? É um terreno num V assim... num é baixada não... é um V... É uma garganta... Grotão é uma garganta[...] Bate mais sol ora dum lado... ora do otro... É um terreno noruega que o sol vem assim ó[...] terreno noruega bate pouco sol... é terra fria... aquele capim que você tava falando nele aí o indequessê... o capitinga... ele gosta muito de terreno sombreado assim.*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 7 – P. 48, L. 150-160)

➤ Documento escrito

“*Certifico que às fls.21 do livro n. 1-H foi protocolado e hoje no livro 3-Y às fls. 97 sob n. de ordem 3550, foi feita a transcrição de uma escritura pública de compra e venda de parte do imóvel Santa Cruz, no lugar Grotão, município de Barra Longa, com a área de vinte um hectares e setenta e oito ares (21,78) de terras em pastos com as seguintes confrontações; por um lado com os vendedores, pelo espigão acima, por outro com herdeiros de João Pereira e por outro com os compradores, para certo de divisas; havidos pelas transcrições números 30.158 e 14.979 Livros 3-N e 3-J.[...] Ponte Nova, 06 de março de 1974.*”

(Cf. Anexo 4 – Escrituras – P. 336)

(94) Topônimo: **GUALACHO**

Taxonomia: **Etnotopônimo**

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano, físico / habitações isoladas no meio rural, fazenda, rios

ORIGEM: indígena [americanismo] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Gualacho ~ Gualaxo < Rio dos Gualachos < Rio Miguel Garcia

Etnotopônimo < Etnotopônimo < Antropotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

SANTAMARIA (1942) inclui o vocábulo **Gualachos** entre os americanismos e assim o define: “tribu de índios de la província de Guairá (Venezuela); Gualacho, cha. Adjetivo Guayaná”. Do Guayaná diz ser “índio cuja parcialidad habitaba las riberas de Iguazú, entre el Paraná y el Uruguay, dominando em parte del Estado brasileiro de S.Pablo. Dice Azara que era flaco, barbado y de bellissima índole. Su idioma que, segun dicen pareciase al ahullido del perro.”

Antes do nome Gualacho se referir a um rio da Região do Carmo, este tinha o nome “rio de Miguel Garcia”, em homenagem ao bandeirante paulista, seu descobridor. Segundo VASCONCELOS (1974:252) “Miguel Garcia da Cunha, afastando-se do seu arraial sobre o sertão do Guarapiranga, foi surpreendido e morto pelos índios. Com a morte muito pouco depois do seu estabelecimento foi-se-lhe adelgçando a memória, e o nome de Gualaxo, sítio que se tornou mais falado nas povoações importantes que se criaram em derredor, foi-se estendendo a todo o rio.” Após a morte de Miguel Garcia, Pedro Correia de Godói, casado com Ana Borba, irmã do Tenente-general Manuel de Borba Gato, foram povoadores do Ribeirão, conforme mostra VASCONCELOS (1974:253): “Na crise de 1702, instalaram-se à margem do Rio de Miguel Garcia, no sítio chamado Gualaxo, a uma légua da capela de Miguel Rodrigues. O nome Gualaxo foi corrupção de Iguarachue, que quer dizer – ‘poço do carumbé quebrado’. (iguá – poço; chue – carumbé; rá – quebrado). Carumbé era uma espécie de tartaruga, que os índios comiam quebrando-lhe a casca, e as colhiam e depositavam num poço cercado. A Fazenda do Gualaxo, pertence ainda aos descendentes de Pedro Correia.” Segundo o mesmo autor (ibdem: 37), o rio Miguel Garcia, posteriormente rio Gualacho, servia de rota para a entrada do gado na região do Carmo: “Na Contagem uma parte do gado seguia para o Sabará, Caeté e outros arraiais da zona e outra parte para a Itabira, onde se subdividia um lote, para a Serra do Ouro Preto pela Cahoeira, e outro lote para o Carmo por **Miguel Garcia.**”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Pesq.: *A senhora sabe por que tem esse nome **Gualacho**?*”

Inf.: *Num sei... é uma origem indígena... mas eu num sei o significado de **Gualacho***

Pesq.: *Por que a senhora acha que é indígena?*

Inf.: *Ah... era mais dele a ortografia... **Gualacho**... pode ser que eu esteja enganada... num sei”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 8 – P. 55, L. 116-120)

➤ Documento escrito

“*Declaro, que os bens que possuo são, por maior, os seguintes: Uma fazenda grande na Barra dos **Gualaches** [...] outro sítio no **Gualacho**...*”(Testamento de Mathias Barbosa da Silva, Mariana, 1738. In TRINDADE, 1955: 193)

“*o primeiro que deu a público ou ao manifesto o seu descobrimento foi Miguel Garcia, taubateano – que se repartiu pela maior parte dos seus paisanos pelo dito Coronel Salvador*

Fernandes, com assistência do guarda-mor – de cujo nome ficou denominado o rio chamado Miguel Garcia, que continuando sua corrente recebendo mais braços com continuadas faisqueiras, não aumentou só as conveniências, senão também as suas águas, até encontrar-se fazendo barra no ribeirão do Carmo, levando sempre faisqueiras de ouro a unir-se com aquela corrente mais rica de que em seu lugar se dará notícia.”(Notícias dos primeiros descobridores das primeiras minas do ouro pertencentes a estas Minas Gerais, pessoas mais assinaladas nestes empregos e dos mais memoráveis casos acontecidos desde os seus princípios. Bento Fernandes Furtado, 1750. In *Códice Costa Matoso*, 1999:172)

“As pedras amarellas, e encarnadas,/De que estão essas taças coroadas,/Produz o Itatiaia, aquelle rio,/Que vai buscar com placido desvio/Outro, que de Guará, purpurea ave/Na lingua patria o nome tem suave;/E juntando as correntes vai formando/O grande Rio Doce; de Gualacho/Nos futuros auspícios talvez acho,/Que um pequeno ribeiro o nome guarda./Nas margens suas de nascer não tarda/O grosso engenho, que decante um da/As memorias da patria e de Garcia. (VILA RICA, poema de Claudio Manoel da Costa, canto oitavo; oferecido ao Conde de Bobadela, no ano de 1773, apud Anuário do Museu da Inconfidência 1955-1957, Ouro Preto, MG)

“[...]Faço saber as que esta minha Carta de Sesmaria virem que havendo respeito ao que por sua petição me enviou a dizer Pedro Correa de Godoy mineyro actual de cinco annos a esta parte nestas minas e hora assistente nos Gualachos, Ribeirão chamado de Miguel Garcia, aonde tinha o seu sitio, que p.^a nelle viver mais seguro e ter mattos p.^a cultivar queria tirar por sesmaria; Portanto me pedia lhe fizesse mercê conseder o d.^o sitio aonde assistia por sesmaria não prejudicando a terceyro correndo hua Legoa de sua banda do Rio, e outra Legoa da outra banda[...] Dada neste Arrayal do Rebeirão do Carmo aos 22 de Abril de 1711. – O Secretario Manoel Pegado a fez. – Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho.”
(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 245, L.1-6, 19-20)

(95) Topônimo: GUALACHO DE BAXO

Taxonomia: Etnotopônimo

MUNICÍPIO: Diogo de Vasconcelos

ACIDENTE: humano / conjunto de pequenas propriedades rurais

ORIGEM: hibridismo [indígena + portuguesa] (cf. SANTAMARIA, 1942)

HISTÓRICO: Gualacho de Baixo < Gualacho

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + {Prep + ADV}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Houve e ainda há na comarca de Mariana fazendas e capelas com o topônimo Gualacho, tomado dos dois rios deste nome (**Gualacho do Norte e Gualacho do Sul**) que correm pelo município. Uma das aludidas fazendas, na freguesia do Furquim pertenceu ao Barão do Pontal que a herdou de seu tio o Desembargador Inácio José de Sousa Rabelo [...]. Outra do mesmo nome, na freg. do Sumidouro, pertenceu ao Capitão José Ferreira Pinto.” (TRINDADE, 1955: 273)

CONTEXTO:**➤ Oral contemporâneo**

“Aquela região eles falam Gualacho. É logo depois da Barroca, antes de chegar em Miguel Rodrigues... Tem uns sitiantes[...] então eles falam a região do Gualacho... O Geraldo[...] me falou que tinha duas fazenda: Gualacho de Cima e Gualacho de Baixo”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 15, P. 97, L. 5-8)

➤ Documento escrito

Gualacho de Baixo (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000, 1976)

(96) Topônimo: *GUALACHO DE CIMA*

Taxonomia: *Etnotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / conjunto de pequenas propriedades rurais

ORIGEM: hibridismo [indígena + portuguesa] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Gualacho de Cima < Gualacho

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + {Prep + ADV}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Na carta geográfica de “*Le Père M. Coronelli(1698)*” observa-se uma das localizações dos **gualachos**, nas “*riberas de Iguazú, entre el Paraná y el Uruguay, dominando em parte del estado brasileo de S. Pablo.*” (SANTAMARIA, 1942)



Mapa 7: Povos Gualachos no Sul

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

"A Gualacho de Cima era do pessoal do Brancola... dos Vasconcelos... e a de Baxo... a de Baxo..."

(Cf. Anexo 1: Entrevista 15 – P. 97, L. 8-9)

➤ **Documento escrito**

Gualacho de Cima (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000, 1976)

(97) Topônimo: *GUALACHO DO NORTE ~ GUALACHO* Taxonomia: *Etnotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: físico / rio

ORIGEM: hibridismo [indígena + portuguesa] (cf. SANTAMARÍA, 1942)

HISTÓRICO: Gualacho do Norte < Gualacho

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

O topônimo **Gualacho do Norte** consta em livros que registram fatos históricos da região do Carmo, como “que no âmbito da Freguezia do Furquim havia um Rio Caudaloso e com perigo nas passagens chamado Gualacho do Norte e eu havia outro chamado Ribeyrão com igual grandeza e que ambos fazião barra na fazenda de Mathias Barbosa da Silva donde se achava hua Capella de São José e que no tempo do Inverno erão tão perigosos que ainda em embarcassoens se não podiam vadear e no Verão se passava com difficuldade.” (Do Livro do Tombo da Freguezia do Furquim, recolhido ao arquivo da Cúria de Mariana, pág.111, apud TRINDADE 1962: 32). E, em VASCONCELOS (1974:167,185): “Este ofício dirigido ao Rei um mês antes que se desse o descobrimento da Serra de Ouro Preto refere-se, como é claro, aos ribeiros de **Miguel Garcia** e do Carmo, única parte das Minas então conhecidas e exploradas[...] Além das que já temos mencionado, outras muitas se multiplicaram assim nas margens do Ribeirão, como nas do **Gualaxo do Norte**, e no **Gualacho do Sul**, nome que substituiu ao do **Miguel Garcia** no rio, em que este achou o primeiro ouro.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“O **Gualacho do Norte**... o **Gualacho** nasce lá po lado da... Paracatu[...] Lavras Véia... e vem desse lado aí[...] é... aí junta os dois na... na... naquela pon(te) lá do Quindumba.”

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 2 – P. 150, L. 765, 767, 775)

➤ **Documento escrito**

“**Gualacho do Norte**” [MAPA abrangendo a região entre o alto Rio Doce (Ribeirão do Carmo), o Rio das Velhas, o Rio Paraopeba, o rio Pitangui (atual Pará) e o Rio São Francisco]. (Região das minas de ouro, 19°-20°30’S) Diogo Soares. Ca. 1734/5, apud *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província*, 2002.

“Faço saber aos que esta m^a Carta de Casmaria virem q’. tendo respeito a me representar por sua petição João Gonçalves Branco, morador no **Gualacho do norte**, freguezia de S. José de Barra [...] Dada em V^a Rica a dezouto de Junho Anno do nascimento de N. Snr. Jesus Christo de **mil e setecentos e quarenta e seis annos.**”

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 254, L.1-3, 34-35)

(98) Topônimo: *GUALACHO DO SUL ~ GUALACHO*

Taxonomia: *Etnotopônimo*

MUNICÍPIO: Diogo de Vasconcelos

ACIDENTE: físico / rio

ORIGEM: hibridismo [indígena + portuguesa] (cf. SANTAMARIA, 1942)

HISTÓRICO: Rio Gualacho do Sul < Rio Gualacho < Rio Miguel Garcia
etnotopônimo < etnotopônimo < antropotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

O Rio Gualacho do Sul divide os municípios de Mariana e Diogo de Vasconcelos. MACHADO (1984) apresenta *gualacho* como topônimo encontrado no Brasil, em rios de Minas Gerais e dá para esse vocábulo a mesma definição de VASCONCELOS (1974: 252): “O nome Gualaxo foi corrupção de Iguarachue, que quer dizer – ‘poço do carumbé quebrado’. (Iguá – poço; chúe – carumbé; rá – quebrado). Carumbé era uma espécie de tartaruga, que os índios comiam quebrando-lhe a casca, e as colhiam e depositavam num poço cercado.”

“Miguel Garcia, da vila de Taubaté, foi o primeiro que, adotando a medida de explorar outras minas, descobriu e manifestou as de um ribeiro, que por isso adquiriu o seu nome, em um rio, que entra no Ribeirão do Carmo com a denominação atual de **Gualacho do Sul**(1699).”(VASCONCELOS, 1v., 1974:213)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“...esses dois *Gualacho[s]*... tem u *Gualacho do Norte* i u du *Sul*... esse aí é o do norte... u du Norte qui ele [es]tá pa[ra] lá... i u du *Sul* [es]tá pa[ra] cá... nasce im Mainarti”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 7 – P. 47, L. 102-106)

➤ **Documento escrito**

Gualacho do Sul [MAPA abrangendo a região entre o alto Rio Doce (Ribeirão do Carmo), o Rio das Velhas, o Rio Paraopeba, o Rio Pitangui (atual Pará) e o Rio São Francisco].(Região das minas de ouro 19° - 20° 30’S) Diogo Soares. Ca. 1734/5, apud *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província*, 2002.

(99) Topônimo: *QUARTER ~ QUARTER*

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: Gualter (oxítono) < Gualter (paroxítono)

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_m [S_{sing}] (prenome)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MANSUR GUÉRIOS (1994) aponta “Guálder ou Gualtério, forma aportuguesada de *Walter*. Variante: *Gualter*(oxitono).” Segundo MACHADO(1984), se escreve “Gualter” sem o acento no –a, entretanto fala-se “Guálder” em Portugal.

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Pesq.: *O quê? Fazenda do Quartel?*”

Inf. 1: *Ela fica a direita do rio... desse rio... pra baixo do São Gonçalo... Eu acho que é a primeira pra baixo do São Gonçalo...[...] o Guarté é ladilá [...] ocê pra ir no Quarter... travessa Barra Longa...*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – P. 76, L. 1-29)

“*Quarter é um nome... né? Um lugar... né? Quarter... num sei não... Eles puseru o nome lá... apilidô ele de Juca do Quarter [...]É Guarter... num é Quartel... né? Morada de policia é que fala... eles falam Guarter*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 19 – P. 124, L. 262-270)

➤ Documento escrito

F. do Gualter [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 335)

(100) Topônimo: *GUDINHO ~ GODINHO*

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

LEITE DE VASCONCELLOS (1901:16-19) comenta o topônimo *Godinho*, encontrado no *Livro do tomo das demarcações dos lugares das comarcas de Tralos-montes e dantre Douro e Minho que estam ao longuo da raia, extremo de Castella e Galiza*, documento do século XVI, mais precisamente 1532. Segundo este filólogo, *Godinho* é bastante freqüente no onomástico de Portugal e Espanha. De acordo com SENNA (1926:283), *Godinho* “é um topônimo ibérico, também presente no território mineiro.” MANSUR GUÉRIOS dá a sua etimologia: “Sobrenome português toponímico, latinizado ‘Gutinuz’, do germânico, cognato de ‘Godo’ – ‘Vêm de Godinho Fáfez, rico-homem, filho de Fáfez Sarrazins de Lanhoso, o que morreu em Água das Mayas diante de el-rei D. Garcia de Portugal. Seu solar foi na freguesia de S. Martinho de Galego, julgado de Lanhoso’.”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Inf. 1: *Essa fazenda é falada aqui, que foi de Seu Cláudio aqui*”

Inf. 2: *Gudinho*

Inf. 1: *Gudinho. Inclusive o Cônego Trindade fala nela... viu?*

Pesq.: **Gudinho** tem alguma coisa a ver com a Baxada?

Inf. 1: *É do outro lado do rio... do mesmo lado da Baxada*

Inf.2: *Divide com a Baxada*

Pesq.: **Gudinho** foi de quem?

Inf. 1: **Gudinho**...

Inf. 2: *Nós conhecemo um tal de Sô... os herdeiros... Tatão do **Gudinho**, né Eduardo?*

Inf. 1: *É Tatão do **Gudinho**... esse nome vem de trás né? Até os que foi dono dela que a gente soube... vieram com esse nome de **Godinho**... isso é um nome antigo aí*

Pesq.: *Nico Peão né Eduardo? Nico Peão vendeu pra mim...*

Inf. 2: **Gudinho** fazia parte da Fazenda Varge Alegre... Tá entre a Varge Alegre e Baxada”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – P. 80, L. 266-282)

► Documento escrito

F. do Godinho [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 357)

(101) Topônimo: **GUIPIARA**

Taxonomia: **Geomorfotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: indígena [tupi] (cf. SILVEIRA BUENO, 1998)

HISTÓRICO: Gupiara ~ Grupiara

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

BARBOSA (1985: 103), apoiando-se em TEODORO SAMPAIO (*O Tupi na Geografia Nacional*), diz ser o termo **Grupiara**, “derivado de *curu-piara*, isto é, o que jaz ou fica entre seixos, jazidas de cascalhos.” Cita, ainda, Bernadino J. de Souza que afirma que na Bahia se diz **Gupiara**. SILVEIRA BUENO (1998) também dá a mesma etimologia para o vocábulo: “De *curu-piara*. Jazida de cacalho. Localidade em Minas Gerais”, enquanto CUNHA (1987) diz ser o vocábulo de origem tupi, mas de étimo obscuro: “‘Terreno próprio para lavra de ouro e diamantes’, ‘espécie de tabuleiro junto às margens dos rios’/1872, guapiara 1733, gupiara a 1800.”

“Nos corgos ou ribeiros pequenos, se tiram para um lado da sua natural corrente para se lhe tirarem os cascalhos no veio da água, como fica dito, e às vezes remete à mesma formatura de cascalhos pela terra dentro, cuja terra se chama tabuleiros ou **grupiaras**, e extraíndo-se o cascalho enquanto se acha.” (Modo de extração dos cascalhos, anônimo, Vila do Príncipe; ca. 1750, apud *Códice Costa Matoso*, 1999:850)

CONTEXTO:

► Oral contemporâneo

*“Gualacho também dava muito oro viu?... tanto que tem um rio... ês fala no **gupiara**... **gupiara** é um modo de... uns rego que ês fazia... pa tira o oro... esses rego e[r]a coisa importante(...) esses rego... essa **gupiara**... esses rego... ele vinha aí... ele vinha em curva de nível... se ocê olha de cá ocê num sabe se a água corre pra lá ô pra cá que ele é tirado no nível.”*

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 7 – P. 214, L. 576-581)

“Pesq.: Em Barra Longa tem um lugar também qui chama **Grupiara**, né?”

Inf.: Lá é pur causa da mineração num sabe? Aquela mineração da/daqueles rego que vinha[m] assim... pra lavar u o'ro... intão eles chamava[m] **Gupiara** aquilo viu? [...] era pur causa da... da mineração qui passava... qui era/ qui na ocasião usava u nome di **Gupiara**... um modo de tira[r] u o'ro lá pu rego/ pa[ra] água... i qui tinha um nome...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 1 – P. 7-8, L. 180-184, 264-266)

“Eu vim na Igreja casá... fomos a pé pra casa... Chegano em casa tomáro café... comero os doce[...] foi doce de cidra curtida... doce de figo curtido...muita quitanda... Quem fez cê num sabe quem fez as quitanda [...]... Dona Nhá da **Gupiara**.”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 4 – P. 28-29, L. 276-296)

“Nós durmia numa/na/Sô Zé sabe ond'é que é na **Gupiara**[...] **Gupiara** o senhor sabe né?... aquele homem aquele fazendero lá cumpadre de seu Mundeco da fazenda das Curvina né?... e nós saía aqui e ranchava na fazenda né? Ô minina eles tratava o nome certo dele eu num sei... eles tratava ele de seu Tuniqum da **Gupiara**... eu cunhici foi isso né?”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 2 – P. 15, L. 155-161)

➤ Documento escrito

F. da Grupiara [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 355)

(102) Topônimo: **INÁCIO CORREIA**

Taxonomia: **Antropotopônimo**

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + S_{sing}] (prenome + apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Inácio** – do latim *Egnatius*, de origem pré-indo-européia, mas por ORIGEM popular, relacionado a *ignis*, ‘fogo’, donde **Ignatius*.” (MANSUR GUÉRIOS, 1994)

“**Correia** - sobrenome português toponímico: ‘lugar onde há corriolas, corrijolas e correias (plantas)’, semelhantes ou em seus filamentos às correias ou tiras de couro. [...] Na toponímia de Portugal há *Correia*; na Galiza *Correa*, *Las Correas*. ” (MANSUR GUÉRIOS, 1994)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“O Toninho herdou a propriedade que é nossa, que é um pouco pra cima do Jequitibá, chama **Inácio Correia** e ele foi formando a fazenda lá aos poucos [...] Eu num sei a razão desse nome, disseram que um proprietário antigo tinha esse nome então manteve, o lugar ficou conhecido como **Inácio Correia** e o Toninho não quis mudar. Então ficou esse nome.[...] num sei nada a respeito desse homem[...] Dizem que a casa dele era onde nós fizemos a coberta de tirar leite, tinha ainda pedras do alicerce da casa sabe? Bem pertinho do rio.”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 8 – P. 53, L. 8-21)

➤ **Documento escrito**

“Faço saber aos q’ esta minha Carta de Cesmária virem que tendo respeito a me representar por sua petição **Ignácio Correa Lima**, morador no Gualacho do Sul, freguezia do Sumidoro [...] Dada em V^arica a 10 de janr^o anno do nascimento de N. Sr. Jesus Christo de 1746.”

(Cf. Anexo 3 – Carta de Sesmaria – P. 238, L. 1-2, 34-35)

(103) **Topônimo: INDEQUESSÉ**

Taxonomia: Fitotopônimo

MUNICÍPIO: Diogo de Vasconcelos

ACIDENTE: físico / córrego, campo

ORIGEM: indígena [tupi] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Indequessé < *Andrequecé < *Andiràquicê*

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo BARBOSA (1985: 36), “a denominação de **Andrequicé** é antiga e, como sítio, vem mencionado em vários documentos do século XVIII, que ficava no caminho de Goiás, a poucas léguas de porto do Espírito Santo ou Passagem do Espírito Santo, no Rio São Francisco.” SILVEIRA BUENO (1998) diz tratar-se de uma composição do tupi “*Andira* – substantivo – planta leguminosa e *Quissé* – substantivo – faca.” *Andyràquicê* é, pois, segundo ele, a “faca de morcego, nome de uma gramínea cortante.” Em uma carta geográfica de 1873, registra-se “*Serra do Andrequecé*, Paracatu-MG (Província de Minas Geraes segundo o projeto de nova divisão do Império pelo Deputado CRUZ MACHADO e mandada litographar pelo ILLM^o. Sñr. Conselheiro JOÃO ALFREDO CORREIA DE OLIVIERA, MINISTRO DO IMPÉRIO e desenhada por José Ribeiro da Fonseca Silveiras, 1873, apud *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província*, 2002)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

Pesq.: *O senhor conhece **Indequessé** lá perto?*

Inf.: ***Indequessé** é pro lado de...*

Pesq.: *Diogo*

Inf.: ***Indequessé** é lá pro lado de Vinte Alqueires*

Pesq.: *Vinte Alqueires é onde?*

Inf.: ***Indequessé** é de Diogo indo pra Porto Firme... Guaraciaba... tem um lugar que chama **Indequessé***

Pesq.: *Que significa **Indequessé**... o senhor sabe?*

Inf.: *Antigamente... antigamente se tinha uma pastagem de capim gordura... outra de braquiara... outra **indequessé**... falava tá no meio daquele **indequessé**”*

(Cf. anexo 1 – Entrevista 10 – P. 62, l. 60-72)

“Inf.2: *Aqui pra nós... nós chamamos de **indequessé***

Pesq.: *É capim?*

Inf. 2: *É*

Pesq.: *E que tipo de capim que é?*

Inf. 2: *Como é que você explica isso pra ela?*

Inf. 1: *Explica aí*

Inf. 2: O *indequessé* é um tipo de um brequiarão. Tem um porte maior

Inf. 1: *É um capim muito selvagem*

Inf. 2: *E mais selvagem. Ele é mais selvagem. É um capim que parece que tem as folhas meio áspera, parece aquela navalha de macaco mais conhecida nossa aí né? [...] Quase todos os altos têm [...] No nosso caso aqui dá muito nas cabeceira de pasto.*

[...]

Inf. 1: *Quando eu comprei umas vacas de Alberto Castanheira, numa época de seca, muito forte, ele falou: elas tão comendo indequessé.*"

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – P. 71, L. 8-38)

“Pesq.: *“Aqui tudo era mata?”*

Inf.1: *Ah era*

Pesq.: *É quem cortou essas árvores aí?*

Inf. 1: *Mata que só vendo... Sô Olinto desbravou bastante*

Inf. 2: *Papai já pegou um sarandi... né Eduardo? Mata é pra lá... sarandi né?*

Pesq.: *Que que é sarandi?*

Inf. 1: *Sarandi é... são arbustos pequenos... três pés... dois pés... sinônimo de indequessé né Eduardo? Sarandi é sinônimo de indequessé.*

Pesq.: *Mas por quê? Sinônimo de indequessé por quê?*

Inf. 1: *É um lugar difícil de entrar*

Inf. 2: *É um mato enjoado pra crescer com ele viu? A foice pra cortar ele... ele é tretero viu.”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – P. 78, L. 137-162)

➤ Documento escrito

Indequesse (Carta de Barra Longa-MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia. CARTA DO BRASIL – ESC. 1: 50.000, 1976)

(104) Topônimo: **INGENHO**

Taxonomia: **Sociotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: Engenho < Papagente

Sociotopônimo < Animotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Dentro da área do município há as seguintes propriedades agrícolas (fazendas): **Engenho** (antigo **Papagente**)...” (TRINDADE, 1962: 60)

“**Engenho** – Topônimo freqüente, tanto em Portugal como no Brasil. Do substantivo masculino, engenho.” (MACHADO: 1984)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

*“Ele nasceu lá no Baú.[...] ah Baú entra na fazenda que foi de seu... de... só Lana [...] no **Ingenho**... Meus pais era de lá... de só Lana[...] meu pai nasceu na Fazenda do **Ingenho**”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 4 – P. 30, L. 375-392)

➤ Documento escrito

*“[...]Faço saber aos que esta minha Carta de Casmaria virem, que tendo respeito a me representár por sua petição o Pe. Domingos Martins Campos, o Franco. Alves de Mello, o Custodio Antunes, todos moradores no territorio da Cide. de Mariana, que elles suplicantes tinham escravos do que desagoávão no mesmo Corgo e todas pertencião aos Suplicantes, as quaes confirmação de hua pte. com José Gonçalves em the as cabeceiras do **Corgo do papagente**[...] Dada em a va. Rica a 10 de janrº Anno do nascimento de N. Sr. Jesus Christo de 1746[...]*”

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 261, L. 1-5, 33)

F. do Engenho [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 355)

(105) Topônimo: **INGENHO FERNANDES**

Taxonomia: *Sociotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Engenho Fernandes < Engenho *de Fernandes Muniam

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}] (S + apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“O escudo das armas da monarchia luzitana em dous logares de honra, no templo, estão a mostrar que os Souza-Coutinhos, ‘fidalgos da Barra’, não foram extranhos a construção da grande obra. Para esse serviço concorreu tambem a piedade popular. Em 1790 **José Fernandes Muniam**, reinol, proprietario da fazenda dos ‘**Fernandes**’, exara no seu testamento a seguinte verba: [...] ‘deixo ao meu padroeiro o senhor São José desta minha freguezia dez oitavas para as obras de sua Igreja.’”(TRINDADE, 1917:28-29)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

*“Pesq.: Agora tem muita fazenda aqui com nome de **Engenho né? Tem Ingenho Fernandes** Inf.1: **Fernandes** ... aí são... são as fazendas di ingenho, pode sê né porque tinha muito ingenho nas fazenda... antigamente fazenda que não tivesse **ingenho** num era fazenda...”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 20 – P. 127, L. 86-90)

➤ Documento escrito

C. dos Fernandes, Fernandes [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 354)

Engenho Fernandes (Carta de Barra Longa; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – Esc. 1.50.000, 1976)

(106) Topônimo: *INGENHO NOVO*

Taxonomia: *Sociotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo SOUZA(1960) o vocábulo Engenho “tem vetérrima vida. Sob a forma *Ingenio* pode ver-se num documento do ano de 1258 (Inquisitiones), com a significação de ‘fabriqueta’, ‘frágua’, ‘pisão’, ou ‘moinho’. Em nossos dias, permanecem *Engenho*, *Engenho Novo*, *Engenho Velho*, *Vale do Engenho*, etc. [...] O vocábulo veio para o Brasil com o sentido medieval que lhe atribuímos de ‘frágua, frávenga, fabriqueta e pisão’ e com o de ‘nora, maquineta e moinho’ que ainda conserva em Portugal, tendo adquirido maior riqueza expressional, a bem do engrandecimento da România, por se ter estendido a outras indústrias [...]. A significação mais importante que *engenho* tomou no Brasil foi, sem dúvida, a de “moinho de canas, fábrica de açúcar e produtos açucarados, e, ainda a de fazenda.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Aí ti' Antônio vortô pra trás... foi lá resolveu foi no Engenho Novo... Engenho Novo... vendeu o cavalo que ele tinha... meu pai vendeu... els plantaro feijão lá... coiero feijão...*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 3 – P. 21, L. 89-90)

“*Ingenho Novo tinha ((ruído)) o Mané Crispim... Ele tinha a senzala... tinha escravos e::... a pressão foi tão grande e o movimento abolicionista aqui na região... principalmente na freguesia de Furquim... tão grande que isso consta na/na/consta até no livro de Tombo de Furquim... que a escravidão aqui foi abolida no dia primeiro de janeiro... na festa de Bom Jesus do Monte... e foi/ é... vamo[s] dizê assim... alavancada pelos professores... né... e praticamente todo mundo ligado ao Pe. Simim... aos avós dele... os tios dele... E aí... é na festa do Bom Jesus do Monte que reuniu todos os negros... né... principalmente os negros que participavam muito... então o pessoal subiu no palanque... é::... defendeu e assinô mesmo a abolição da escravatura... Em 1888... no dia primeiro de janeiro... Aí os negros voltaram pra casa e chegou na fazenda *Ingenho Novo* e... gritando... é... que estavam libertos...que não podiam sê / que não podiam apanhá mais... só que os capatazes ouviam aquilo e não aceitaram não... [a]marraru os escravos e bateru... Aí eles / eles revoltaru contra aquilo e vortô pra Furquim que é a sede da freguesia... pra que o Delegado tomasse providência... Aí o Delegado ficô com medo do / dos senhores de engenho... né? Nem chego na janela... Mandô um recado escrito com a / com a esposa pra dizê que ele tava muito gripado e num podia saí ((risos)) Aí os escravos num consentiru... num ficaru satisfeito... não... pegaru a estrada e*”

*foru pra Ouro Preto pra denunciá / denunciá o / o desmando do senhor do engenho / dos capataz do **Ingenho Novo***”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 17 – P. 113-114, L.290-304)

➤ **Documento escrito**

Engenho Novo (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1976)

(107) Topônimo: **INGENHO SILVERA**

Taxonomia: *Sociotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Engenho Silveira < Engenho do Silveira

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}] (S + apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo MANSUR GUÉRIOS (1994), *Silveira* é “sobrenome português toponímico.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

*“Ingenho Silvera [...] porque os dono de lá chamava **SilvEra**... e pra trás usava muito pô o nome do proprietário que... que morava naquele lugá... outra hora otras coisas[...] Chama **Sebastião do Ingenho SilvEra**... tem uma imagenzinha piquena... eu já discuti até com os padre... Qui ni tOda igreja que eu ando eu faço questão de vê a imagem de São Sebastião... ainda num vi image[m] tão sastifeita igual ele é[...] eu acho ele muito sorriso... sastifeito”*

(Cf. Anexo 1 - Entrevista 5 – P. 33, L. 84-86; P. 34-35, L. 166-168,173)

➤ **Documento escrito**

Engenho do Silveira [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 358)

*“Meu avô chegou ao Rio de Janeiro trazendo a imagem de São Sebastião, que é padroeiro do **Engenho Silveira** [...] Homem rico e religioso, construiu com seus escravos a Capela do Rosário, aqui em Barra Longa e, quando mais tarde, vendeu o **Engenho Silveira**, deixou uma área reservada para São Sebastião. (ALBERGARIA, 2002:14-15)*

(108) Topônimo: **ISPERANÇA**

Taxonomia: *Hierotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

De acordo com MACHADO (1984), “Esperança” é topônimo frequente em Portugal e no Brasil: “Reminiscência de templo consagrado a Nossa Senhora da Esperança, do convento de Freitas da Esperança.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

*“Aquela fazenda antiga qui Sô Anselmo Vasconcelos moro chamava... ela tinha até um nome bunito viu/... Paciência... acho qui num é Paciência não... **Isperança é Isperança**”*

(Cf. anexo 1 - Entrevista 7 – P. 49, L. 184-187)

➤ **Documento escrito**

Esperança [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 356)

**(109) Topônimo: *ISPINHAÇO ~ SERRA DO ISPINHAÇO* Taxonomia: *Somatopônimo*
~ *SERRA DE OURO PRETO***

MUNICÍPIO: Ouro Preto

ACIDENTE: físico / serra

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Serra do Espinhaço ~ Serra de Ouro Preto < Itapanhoacanga

Somatopônimo < Litotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo MACHADO (1984), “Espinhaço”, no continente europeu, é topônimo em Coimbra, Lisboa, Palmela, Cabeceiras de Basto, Grândola, Monchique, Odemira, Pinhel, Reguengos de Monsaraz, Silves, Vila Nova de Gaia. O topônimo “Espinhaço do Cão” é nome de uma serra no Algarve. No Brasil, afirma o autor, o topônimo “Espinhaço” ocorre em “Maranhão, Minas Gerais e Pernambuco.” Tem sua origem no latim *spina*, descrevendo no século XV, “arestas de monte”, conforme atesta CUNHA (1987)

Em Minas, esse nome foi dado por Eschwege à serra de Ouro Preto: “[...]foi Eschwege o primeiro a reconhecer o caráter de cordilheira central e grande divisor de águas de maciço montanhoso que ele denominou **Serra do Espinhaço.**” (ESCHWEGE, 1996: apresentação). “Na orographia brasileira destacam-se, por sua extensão e altura, as cadeias da Mantiqueira e do **Espinhaço.** Este último nome foi dado por Wilhelm von Eschwege ao grupo dessas duas cadeias, que se originaram, a primeira em São Paulo perto de Bragança, e termina nas vizinhanças de Queluz (Minas); a Segunda, nas vizinhanças de Ouro Preto e vae terminar na Bahia, perto de Bomfim. Como faz notar Orville Derby (The Serra do Espinhaço, Derby, 1906) o próprio Eschwege reconheceu a impropriedade desse nome para a cadeia da Mantiqueira, por vários motivos; de sorte que hoje, o nome de Serra do Espinhaço designa apenas o grupo de serras que das vizinhanças de Ouro Preto se dirigem para o norte e separam

a bacia do S. Francisco das do Rio Doce, Jequitinhonha e Rio Pardo em Minas, e Rio de Contas, Paraguassú e Itapirú, na Bahia. A extensão total da serra do Espinhaço é de cerca de 1.100 Kilômetros ou seja de 183 léguas. Na região mineira atravessada por essa cadeia, dão-lhe os habitantes também os nomes de Serra Geral, serra de Minas e serra do **Cangaraço** (que quer dizer espinhaço). [...] A Serra do Espinhaço origina-se, como se sabe, nas vizinhanças de Ouro Preto e, separando a bacia do rio S. Francisco das do rios Doce, Jequitinhonha e outros, dirige-se para o norte, atravessando todo o Estado de Minas e indo terminar na parte central da Bahia.(SILVEIRA, 1921; 12-13,221)

A Serra do Espinhaço era conhecida como Serra de Ouro Preto, como se pode observar em FERRAND (1999) e Vasconcelos (1974): “As minas de ouro, em Minas Gerais, estão concentradas em grande parte nos flancos da **Serra do Espinhaço**. Essa grande cadeia de montanhas, que forma o maciço central do Estado, tem uma direção N-S, seguindo uma linha sensivelmente meridiana que passa pelo Rio de Janeiro, Ouro Preto e Diamantina, e separa as águas da bacia do Rio Doce, a leste, das da bacia do Rio São Francisco, a oeste. Na parte desse maciço que recebeu o nome de **Serra de Ouro Preto**, é que se encontram numerosos vestígios das antigas explorações.”(FERRAND, 1999:92)

“Os paulistas Antonio Dias, Thomas Lopes de Camargo, Francisco Bueno da Silva e o padre João de Faria Fialho foram os primeiros a descobrir ouro no distrito de Ouro preto em 1699, 1700 e 1701, e por causa da cor escura do metal retirado, deram à serra que o continha, o nome de **Serra de Ouro Preto**.” (FERRAND, 1999:82)

“Na Contagem uma parte do gado seguia para o Sabará, Caeté e outros arraiais da zona e outra parte para a Itabira, onde se subdividia um lote, para a **Serra do Ouro Preto** pela Cachoeira, e outro lote para o Carmo por Miguel Garcia.” (VASCONCELOS, 2v.,1974:37)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“...o Carmo... vem com esse nome lá de / de Oro Preto né?... ele nasce naquea **Serra de Oro Preto**.”

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 1 – P. 150, L.769-770)

Pesq.: *E aquela **Serra do Espinhaço**, a senhora já ouviu falar dela?*

Inf.: *Uai! É por que ela / ela / ela pega lá nessa região nossa lá, né? Ouro Preto, essas coisa tudo, faz parte da **Serra do Espinhaço**... então tem o Itacolomi que é lá na / no Ouro Preto... e ela vai no centro de Minas... então por isso que chama **Ispinhaço**... por que parece que é uma / uma espinha dorsal... E ela é:: divisora das bacias né? Do lado de cá é Bacia do Rio Doce... e do outro lado... Bacia do... São Francisco... É divisora de águas[...]*

Pesq.: *Ela nasce onde?*

Inf.: *Aqui nessa região de Ouro Preto... começa por ali.. qué vê... a... Mariana essa... nós fazemu parte da / da **Serra do Ispinhaço**”*

(Cf. anexo 1 – Entrevista 15 – P. 99, L. 131-140)

➤ Documento Escrito

Serra do Espinhaço (Theil der neuen Karte der Capitanía von Minas Geraes. Aufgenommen von W. von Eschwege, 1821, apud *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província*, 2002)

“[...] retomamos o caminho. Uma hora depois vemos a **cadeia de Ouro Preto**, cuja vertente sudoeste seguimos e aos pés da qual corre o ribeirão do Carmo. Na margem esquerda do ribeirão, vemos os trabalhos da estrada de ferro em construção, que deve, antes de um ano, ligar Queluz e, por consequência, o Rio de Janeiro à capital da província de Minas Gerais;

vemos os túneis e os trilhos que já estão sendo colocados. Esse traçado, realizado em condições de terreno muito difíceis, prestará serviços incalculáveis a essa região. Continuando nosso caminho, no fundo de uma garganta, margeada à direita pelos contrafortes do Itacolomi, à esquerda pelos da **serra de Ouro Preto**, ao dobrar uma encosta que se quebra subitamente, surge de repente, à nossa visão, a capital da província, encarapitada a meia encosta na cadeia à qual ela dá seu nome. (COURCY, 1997: 72-73)

“Rio Doce: Este rio se compõe dos rios Santa Bárbara, São Mateus, Catas Altas, Camargos e outros quase sem nome, e outros que correm pelos distritos do Mato Dentro nas Minas Gerais e cordilheiras da grande serra de Itapanhoacanga, que se estende do Ouro Preto ou Vila Rica para o noroeste. Este rio entra no mar da banda do leste em altura de doze graus e trinta e quatro minutos [...] Vila Rica: Entre montanhas de imensa altura e delas rodeada, em forma que a vista se não pode estender, se levantou esta vila, e suposto que abatida pela profundidade em que está a maior parte dela situada; mais soberba e opulenta que todas, assim pela freqüência de comerciantes como pela abundância de suas minas, mormente da inacessível montanha de Itapanhoacanga, em cujas fraldas se encosta e descansa. Esta serra é um Potosí de ouro, mas por falta de água no verão não enriquece a todos que nela mineram, suposto que os remedeia. Nesta vila falta de tudo o que depende da agricultura, // assim que todo o mantimento lhe vem dos referidos Campos por distância de três, quatro e cinco léguas.” (Itinerário geográfico com a verdadeira descrição dos caminhos, estradas, roças, sítios, povoações, lugares, vilas, rios, montes e serras que há da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro até as Minas do Ouro. Composto por Francisco Tavares de Brito. Sevilha. Na oficina de Antônio da Silva, 1732, apud *Códice Costa Matoso*, 1999: 905-908)



Fonte: ATLAS GEOGRÁFICO, MELHORAMENTOS, 2002
 Mapa 8: Serra do Espinhaço – MG

(110) Topônimo: **ISTIVA ~ESTIVA**

Taxonomia: **Hodotônimo**

MUNICÍPIO: Diogo de Vasconcelos

ACIDENTE: humano, físico / fazenda, córrego, área de pastagem

ORIGEM: portuguesa [brasileirismo] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Estiva é uma ponte que Freire (1954) explica como “revestimento feito por paus roliços ou varas, para formar o suporte da terra nas pontes e para estabelecer a passagem para os terrenos alagadiços”. O dicionário de HOLANDA FERREIRA (1986) é ainda mais explícito: “Estiva. s. f. [...] 2-Armação do tabuleiro duma ponte de madeira. 3- Pavimento gradeado dalgumas cavaliças.[...] 9- Bras. N. Ponte feita de um só pau, sobre forquilha, em terrenos alagadiços ou pantanosos. [Cf. (nesta acepç.): estivado (2) 10- Bras., MG e RS. Ponte tosca, feita de

varas ou paus atravessados sobre um córrego.” Nesta acepção, o termo é um brasileirismo. MARTINS (2001: 208) cita o vocábulo, utilizado por Guimarães Rosa: “**Estiva**. *Mais para baixo, sabíamos de uma estiva, mas lá se temia que tivessem botado sentinelas (Grande Sertão: Veredas, 157/191).* / Ponte tosca feita de varas ou paus atravessados sobre um córrego.”

CONTEXTO:

➤Oral contemporâneo

“Pesq.: *E o córrego Estiva?*

Inf.: *O córrego Istiva é pro lado de... descendo rumo a Ponte Nova... né? Tem o córrego Istiva... Fazenda Istiva*

[...]

Pesq.: *E o que significa Istiva?*

Inf.: *Certamente que antigamente uma passagem que só passava a cavalo né? Formava o barro... eles cortava a madeira e carregava a madeira... o animal passava em cima dos paus estivado... Cobria o barro com aqueles paus... portanto... Antigamente tem fazendeiro que não gostava que cavacasse terra deles pra cobrir um barro”*

(cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P. 63 – L.124-133)

“Inf. 2: *Raimundo esse pasto aqui atrás da Curvina... nome antigo*

Inf. 1: *Aqui na virada é Istiva*

Inf. 2: *Istiva é... tem Mato Dentro também né?*

Inf.1: *Mato Dentro é essa virada aí... né?*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 2 – P. 14, L. 102-105)

“Pesq.: *Estiva é fazenda antiga?*

Inf. 2: *É antiga. A obra de istilo ali é antiga*

Pesq.: *Que que é Istiva? Por que que tem esse nome... você sabe?*

Inf. 2: *Olha... Istiva a gente... ocê vai faze[r] uma cerca[r] um brejo ocê faz uma istiva... né? Não é isso?*

Inf. 1: *Uma espécie de uma barrage... uma coisa assim*

Inf. 2: *Barrage... proteção pra água*

[...]

Inf. 2: *Estiva não é uma comunidade não é um lugar... lá num tem nada... porque normalmente quando você tem... tem uma capelinha tem sempre... Estiva que eu conheço ali é a propriedade Estiva mesmo... mas num tem mais nada do que as propriedes rurais não[...]* *Estiva pra gente é uma proteção de um lugar alagado... vamos dizer assim né? Você vai fazer estiva num lugar pra poder passar... Pode servir de ponte... Algum lugar que não dá pra usar... a gente faz uma estiva de madeira ou de ramos... ou outra coisa qualquer pra dá apoio pra passar o animal... passar gente.*

Inf. 1: *Um estacamento né... uma barragenzinha né?”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 20 – P. 126-127, L. 4-9, 52-70)

➤Documento escrito

Estiva [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 354)

Estiva (Carta de Barra Longa, Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1976)

(111) Topônimo: **ISTRIBO GOIABERA**

Taxonomia: **Sociotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: portuguesa [brasileirismo] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Estribo Goiabeira < Estribo *de Goiabeira

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MACHADO (1984) aponta *Estribo* como topônimo no Brasil, em um riacho em Goiás. HOLANDA FERREIRA (1987) considera *Estribo* um brasileirismo quando significa “ponto de uma linha ferroviária onde é autorizada a parada eventual dos trens para embarque e desembarque dos passageiros.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Pesq.: *E Estribo Goiabeira? Estribo Goiabeira o significado*

Inf. 1: *Estrada de Ferro*

Inf. 2: *Istribo tudo indica que é ali Goiabera que tem um uma estrada de ferro antiga que tinha um/ uma que ali em Goiabera num era estação não... nunca foi não era uma parada só... Por isso que tem o Istribo Goiabera...*

Pesq.: *Quando é parada chama Istribo... quando/ que é diferente de estação*

Inf. 2: *Istação*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – P. 72, L. 71-80)

➤ **Documento escrito**

Estribo Goiabeira (Carta de Barra Longa; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000, 1976)

(112) Topônimo: **ITACOLOMI**

Taxonomia: **Litotopônimo**

MUNICÍPIO: Ouro Preto

ACIDENTE: físico / pico, rio, serra

ORIGEM: indígena [tupi] (cf. SILVEIRA BUENO)

HISTÓRICO: Itacolomi < *Itacurumim*

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_m [S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo SILVEIRA BUENO (1998), **Itacolomi** é um vocábulo “indígena – está por ‘Itacoromim, itacurumim’, de ‘itá’, pedra; ‘curumim’, menino: são duas rochas, dois penedos, separados no alto, mas da mesma base e o menor foi considerado pelo indígena como sendo o filho, o menino, do maior. Localidade de Minas Gerais e de São Paulo, no município de São Roque.”

“A Serra do **Itacolomi** de Mariana é uma continuação do alto **Itacolomi**, maciço que se ergue ao lado direito da estrada de Vila Rica para Mariana até as nuvens. Seu pico mais alto fica 950

toesas (1 toesa = 6 pés ou 1,98 metros) acima do nível do mar. Consiste de um arenito de granulação grosseira. O nome **Itacolomi** tem sua origem no linguajar antigo dos paulistas e se compões de **ita** = pedra e **columi** = filho, porque existe uma rocha isolada, pequena e proeminente junto ao morro mais alto, dando a impressão de pai e filho.”(ESCHWEGE, 2002:55)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Essa Serra... u nome certo dela... eu num tenho certeza... ela nasce lá no Salazar... no rio e vem... sobe ali... passa ali... atravessa lá no alto... chega ali ela passa lá no alto do Fiorentino... indo lá pra Itaoca... num alto lá e ela vai embora... ela vai ligar ou no Caraça... ela vai ligar no Caraça...é...Ela vai ligar no Caraça e o Caraça depois liga com o Itacolomi... É tudo corrente de serra... Lá em Ouro Preto ela atravessa... O Gualacho nasce do lado de lá de Ouro Preto e o Carmo do lado de cá... Lá tem uma divisão de serra... Quando você vira pra cá... lá em Ouro Preto quando você vem de Cachoeira... você sobe e vira... quando você virou tem aquele hotel de luxo... A água que cai ali vem pra'qui... Agora lá atrás daquela serra... que você passa naquela garganta vermelha...Ouro Preto abaixo... Ouro Preto é dela... lá pra aí abaixo... subindo Ouro Preto lá... depois vai pra Passagem também... Aquela parede divide o Gualacho do lado de lá... agora esses dois Gualacho... tem o Gualacho do norte e o do sul[...]. E essa serra divide... ela começa a dividi[r] desd' aqui...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 7 – P. 47-48, L. 81-113)

➤ Documento escrito

*“Ao deixar Mariana, comecei a subir a montanha imediatamente a oeste, chamada **Itacolomi**, o ponto mais elevado nesta parte da província. A estrada era muito ruim e parecia o sulco de uma correnteza que um caminho regular. Depois de uma subida de duas horas tem-se uma vista do morro de Vila Rica, e o vale de Mariana, com seu ribeirão sinuoso, era muito encantador. Em vários pontos da subida apareceu talcoxito.”(CALDELEUGH, 2000:125)*

*“Faço saber aos que esta minha Carta de Sesmaria virem, que havendo respeito ao que por sua petição me enviou a dizer o Capitão Manoel Pereira Ramos que elle Suppe. estava ultimamente nestas minas com bastantes Escravos, sem sitio, nem terras donde podesse plantar mantimentos para seu sustento e dos ditos Escravos e porque em o Sertão de **Itaculumim**, em hu ribeiro que lhe chamão Bocaina, o qual deagoa em o Ribeirão Miguel Garcia [...] Dada em V^a R^a aos 8 do junho Anno do nascimento do N. S. Jesus Christo de 1744.”*

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 259, L.1-5, 20-21)

(113) Topônimo: **JACHÓ**

Taxonomia: **Antropotopônimo**

MUNICÍPIO: Acaiaca

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: português < latim < hebraico (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Jachó < Jacob*

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (prenome)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Só se encontrou a forma *Jachó* em lista de nomes da Galícia. De acordo com MACHADO (1984), “no Brasil, usa-se a forma *Jacó*”, proveniente de *Jacob*, “do latim *Iacob*, *Jacob*, nome bíblico (filho de Issac).”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Pesq.: *Agora... aqui em cima tem um lugar que chama Jachó né?*”

Inf. 1: *A... Jachó foi de Nezim Carneiro... foi dono dele todo*

Pesq.: *E esse nome?*

Inf. 1: *Nezim Carneiro... Zé sabe*

Inf. 3: *Jachó é dele*

Pesq.: *Não... por que Jachó tem esse nome?*

Inf. 2: *Foi né? Foi*

Pesq.: *Foi do senhor?*

Inf. 1: *Foi... Esse nome é antigo... eu tenho escritura velha aí que foi dos que me venderam... O nome Jachó é de canto a canto lá*

Pesq.: *Engraçado... não pode ser Jacó não?*

Inf. 2: *Não*

Pesq.: *É Jachó mesmo?*

Inf. 1: *c...h...o*

Pesq.: *Todo mundo sempre falou Jachó?*

Inf. 2: *Jachó”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P. 63, L. 147-161)

“Pesq.: *Jachó... a senhora já ouviu falar?*”

Inf.: *Já*

Pesq.: *Mas é Jachó mesmo?*

Inf.: *Jachó é ali perto de Acaiaca.[...] Eu acho que é com ch. Eles falam Jachó... Pertenceu a fazenda dos Caldeirões também... [...] Deve ser um nome indígena né? [...] Num é Jacó... é Jachó”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 8 – P. 54, L. 69-97)

➤ Documento escrito

“*D. Manuel de Portugal e Castro do Conselho de Sua Magestade edada Sua Real Fazenda Governador Geral da Capitania de Minas Gerais etc Faço saber aos que esta minha Carta de Sesmaria que attendendo a me representar pela sua Petição Jacob Dornellas da Costa que no Sertão da aptuação de Santo Antonio do Porto do Oba, termo da cidade de Marianna se achão terras devolutas, as quais congrontão com o dito Sertão inculto que o Suplicante as queria [...] na paragem ou no Chopotó[...] Dada em Villa Rica de Nossa Senhora do Pilar do Ouropreto a 7 de Maio Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Cristo, 1818.*” (A.P.M., S.C. 377, R.89, Fól. 118-118v)

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 294-295)

Jachó (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000, 1976)

(114)Topônimo: *JACUBA*

Taxonomia: *Hidrotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: físico / campo

ORIGEM: portuguesa [brasileirismo] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Jacuba é um termo que HOUAISS (2001) explica como: “1. Papa de farinha de mandioca preparada com mel, açúcar ou rapadura, a que se acrescenta, por vezes, leite ou cachaça e que também se dilui com água e sumo de limão, para servir como refresco. 2. Café quente engrossado com farinha de mandioca. De origem duvidosa, Pereira da Costa (DVB) cita Rohan, que levanta a hipótese de o vocábulo provir do tupi ‘*jecuacuba*’ e do guarani ‘*jecoacu*’, significando ‘jejum’, pois ‘em falta de pão de trigo, é provável que os jesuítas sujeitassem seus penitentes, em dias de jejum, ao uso da farinha de mandioca molhada em água fria’; há autores que vêem em ‘*jacuba*’ uma alteração do tupi *y-acub*, segundo o autor do DVB, para VERÍSSIMO a palavra é de origem africana; fonte histórica *jacúba*”. Para HOLLANDA (1946: 141) “a farinha servia não só para as refeições principais, mas ainda, se de milho, para o preparo da *jacuba*, beberagem indefectível nessas jornadas.”

Fica por esclarecer a questão se é de etimologia africana ou indígena. Será classificada aqui como um brasileirismo, conforme sugere MARTINS (2001): “brasileirismo, regionalismo, popular. *Refresco ou pirão feito com água, farinha de mandioca, açúcar ou mel e por vezes temperado com cachaça.*”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Lá no Jequitibá... lá embaixo tinha Jacuba [...] na Jacuba tem o encontro do rio Pinheirinho com o Gualacho sabe? Eles vão fazer a represa numa corredeira que tem... tem muita pedra... então eles vão fazer a barragem justamente no lugar dessas pedras... aproveitando a água do Pinheirinho... ali vão fazer uma barragem parece que de 30 metros de altura ou coisa assim... o lago vai começar dali... antes da Fazenda dos Caldeirões... A Jacuba é um pouquinho pra cá... no mato da terra seca... depois é a Jacuba... Na Jacuba... eles vão fazer uma tubulação... vai descer a água... pra ir na casa de força... lá embaixo... na margem direita”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 9 – P. 60, L. 57-66)

➤ **Documento escrito:** n/e

(115) Topônimo: **JAMBERO**

Taxonomia: *Fitotopônimo*

MUNICÍPIO: Diogo de Vasconcelos

ACIDENTE: físico / córrego, mata

ORIGEM: portuguesa (cf. HOUAIS, 2001)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Jambeiro** – Designativo comum a várias árvores e arbustos da família das mirtáceas, espécie dos gêneros *Syzygium* e *Eugenia*, muitas com frutos comestíveis; jambo, jambociro”. (HOUAISS, 2001)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Inf.: *Tinha uma mata ali que chama mata do **Jambo***”

Pesq.: *Que que significa **Jambeiro**... a senhora sabe?*

Inf.: *Pé de jambo... porque nas margens do rio dá muito jambo... e tinha muito jambo naquela região”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 15 – P. 102, L. 318-324)

➤ Documento escrito

Córrego Jambeiro (Carta de Mariana, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1: 50.000; 1986)

(116) Topônimo: **JARACATIÁ**

Taxonomia: **Fitotopônimo**

MUNICÍPIO: Dom Silvério

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: indígena [tupi] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Jaracatiá ~ Geraquetiá < *Yaraquatiá*

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

De acordo com HOUAISS (2001), *Jaracatiá*, *Yaraquatiá* (1631) é de ORIGEM tupi. Sinônimo de *Jacaratiá* cujo significado é mamoeiro. “Nome indígena do mamoeiro” é o significado dado também por SILVIERA BUENO(1998). AMARAL (1976) corrobora tal afirmativa acrescentando que “o leite de *jaracatiá* é empregado pelos curandeiros da roça.” SENNA(1926:250) confirma a sua origem tupi, arrolando-o “entre os capins, gramíneas, ervas e leguminosas forrageiras, bem como noutros vegetais indígenas de que se alimenta o gado bovino”. E acrescenta que entre estes “há uma quantidade apreciável de ‘toponimos’ passados para a chorographia Mineira.”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“*Jaracatiá é uma fazenda antiga((ruído)) É muito antiga...*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 19 - P. 121, L. 108-109)

➤ Documento escrito

“*Faço saber aos que esta minha Carta de Casmária virem, que tendo respeito a me representar por sua petição Antonio Ferreira Coelho, que elle se achava de posse de hums matos virgens, nas Cabeceyras do Corrego do **Geraquetiá**, na Freguezia de São José da Barra [...] Dada em V^a. Rica de Nossa senhora do Pilar do Ouro preto, a trinta de Outubro, Anno do nascimento de N. Sr. Jezus Christo de mil sette centos cincoenta e hum.*”

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 247, L. 1-3, 33-34)

Fazenda Jaracatiá (Carta de Dom Silvério, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000, 1979)

(117) Topônimo: **JIQUITIBÁ**
~ FAZENDA DO JIQUITIBÁ

Taxonomia: *Fitotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: indígena [tupi] (cf. CUNHA, 1987)

HISTÓRICO: jequitibá < *Iikiti 'ua*

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo CUNHA (1987), **Jequitibá** tem sua origem no “tupi *iikiti 'ua* – planta da família das lecitidáceas / '*juquitibá*' 1587, '*jequitibá*' 1711.”

“**Jequitibá** – árvore de até 45 metros (*Cariniana estrellensis*), nativa do Brasil, do Sul da Bahia ao Rio Grande do Sul, de grande copa, cujo tronco atinge mais de um metro de diâmetro, folhas com a margem serrada, pequenas flores branco-amareladas, em panículas terminais, e pixídios alongados, usado como cachimbo; a madeira tem uso diverso, de pequenos objetos à construção civil e da casca faz-se boa estopa...” (HOUAISS: 2001)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Eu vim morar no Jiquitibá... aí em Mariana... fazenda do Jiquitibá[...] logo abaixo da Barroca... uns 4... uns 7 quilômetros mais ou menos [...] Hoje ela pertence à viúva do Dilson Sampaio... Lá é que morava o Seu Nené Carvalho... sabe? Ele chamava Manoel de Carvalho Sampaio... que foi meu sogro... e ele era casado com a Dona Josefina Chaves[...] Eu num sei porque o nome Jiquitibá... mas ali na região... a fazenda Jiquitibá foi fundada por Francisco de Carvalho Sampaio que era... foi sogro de São Manuel... era tio de São Manuel... irmão do vovô João que era lá dos Caldeirões[...] ele é que fundou o Jiquitibá... pôs o nome Jiquitibá[...] Jiquitibá é uma árvore que tinha muito lá na região.*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 8 – P. 53, L. 1-8, 46-50; P. 54, L. 55)

“*O ferro de marca lá da Fazenda do Jiquitibá era PF... diz que veio lá dos Caldeirões... São Manoel acho que... quando vovô João morreu deve ter pegado esse ferro... levou lá pro Jiquitibá e todo gado da fazenda era marcado com PF... Eu falei quem é PF? Ah... Padre*”

Fialho ((risos))... o ferro era lá dos Caldeirões do Padre Fialho... Por isso é que eu queria saber se essa Sesmaria pertenceu ao Padre Fialho porque eu acho que pertenceu”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 9 – P. 59, L. 16-22)

➤ **Documento escrito**



Foto 3: Fazenda do Jequitibá

“Caso a Usina Hidrelétrica de Caldeirões seja mesmo construída, o casarão histórico que foi sede da **Fazenda Jequitibá**, em Mariana, ficará submerso. A obra foi realizada em 1890, época que marca o início do desenvolvimento da atividade agrícola na região, após a escravatura. A fazenda abrigou os escravos recém libertados, contratando-os para o trabalho remunerado. Até hoje, descendentes destes escravos, que povoaram a região, são maioria da população e trabalham ainda na **Jequitibá**. A Fazenda foi auto-suficiente e produzia café, cereais, açúcar, laticínios e aguardente. Somente o querosene e o sal eram comprados em Mariana e Ouro Preto, buscados em lombo de burro. [...] O proprietário da fazenda, Manoel de Carvalho Sampaio, exigia que todos os seus empregados fossem alfabetizados e, para tal, instituiu uma escola no pavimento inferior da casa-sede, onde eram ministradas aulas noturnas. Inicialmente os estudos chegavam apenas aos empregados, mas depois foi estendido a todos os interessados da região. Esta escola funcionou até o ano de 1970, quando foi construída uma unidade pública de ensino em Barroca.” (Jornal *Diário da Tarde*, 26/7/99, grande bh, pág. 5)

Fazenda do Jequitibá (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000, 1976)

(118) Topônimo: **JOÃO DE GÓIS**

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: físico / campo

ORIGEM: portuguesa (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + {Prep + S_{sing}}] (prenome + apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“GOES ou GÓIS, sobrenome português toponímico, do latim **Goici*, patronímico de *Goius*, latinizado do germânico *Goia*, talvez ‘região, distrito, comarca’ [...] os Goes ‘procedem de D. Anião de Estrada, um dos companheiros do Conde D. Henrique, natural de Astúrias, foi Senhor de Goes, que se uniu por casamento aos Silveiras...’ Em português arcaico *Gooes*.” (MANSUR GUÉRIOS, 1994)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Inf.: *“João de Góis é... é um... era um terreno... ele era do Jiquitibá... ficô pra Titina... minha cunhada... o Toninho comprou da Titina[...] a nossa divisa não era lá no João de Góis... passou a ser lá*

Pesq.: *Quando vocês chegaram lá já tinha esse nome?*

Inf.: *Já*

Pesq.: *E vocês não mudaram?*

Inf.: *Não... O Toninho herdou... Quando Dona Josefina morreu... ele herdou terras lá no Inácio Correa... sabe? [...] O terreno nosso vai do alto até no rio”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 9 – P. 59, L. 1-8)

➤ **Documento escrito**

“Foi descoberto o sítio, que hoje é arraial, haverá pouco mais ou menos cinquenta anos. Onde lhe veio o seu nome foi do seu mesmo descobridor se chamar Antônio Pereira Machado, pai do defunto escrivão da Câmara desta Cidade Mariana. Daqui ou dele veio a chamar-se arraial de Antônio Pereira. Criou-se esta freguesia haverá trinta anos, pouco mais ou menos, e fizeram a igreja matriz o povo a sua custa, e tem por invocação e orago Nossa Senhora da Conceição. O primeiro vigário que teve foi o padre João de Andrada e Góis[...] Todos estes vigários são enquanto os senhores reverendíssimos bispos querem, por não serem colados.” (Informação das antigüidades da Freguesia de Antônio Pereira. Anônimo, Antônio Pereira; ca. 1750, apud *Códice Costa Matoso*, 1999:269)

(119) Topônimo: **JURUMIRIM ~ O'TRA BANDA
~ D'OTRA BANDA**

Taxonomia: *Hidrotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano, físico / fazenda, ponte, ribeirão

ORIGEM: indígena [tupi] (cf. SILVEIRA BUENO, 1998)

HISTÓRICO: Jurumirim ~ Jorumerim ~ Outra Banda

Hidrotopônimo ~ Cardinotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

De acordo com SILVEIRA BUENO (1998) **Jurumirim** é de origem tupi, cujo significado traduz “a boca pequena, a foz pequena de um rio, a entrada pequena de uma baía.” Machado (1984) aponta o vocábulo como topônimo no Brasil, confirmando a sua etimologia tupi: *yu'ru* “boca” e *mirim* “pequena”.

Quanto ao registro desse topônimo em uma fazenda, afirma TRINDADE (1917:117): “No território da freguezia da Barra Longa existem as seguintes: **Jurumirim** ou **Outra Banda...**” e TRINDADE (1962:65) “da outra margem do Carmo e a histórica fazenda da **Outra Banda** ou **Jurumirim** que, como a Casa da Barra, pertenceu aos sucessores de Matias Barbosa.”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

*“...e tinha a fazenda do **Jurumirim**... era a fazenda d'**Otra Banda**...”*

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 3 - P. 164, L. 717-718)

*“Inf.: Pois é **Jurumirim**... Eu nasci vendo esses nomes num, também ninguém tinha interesse nessas coisas não*

Pesq.: É?

Inf.: Ah, não tinha não

*Pesq.: mas me fala aqui... **Outra Banda** é onde?*

Inf.: É lá

*Pesq.: **Jurumirim**? Ma[s] **Jurumirim** e **Outra Banda** é a mesma coisa?*

*Inf.: É... eu acho que sim... porque a fazenda é da **O'tra** / da **O'tra Banda**... Eles fala fazenda d'**Otra Banda**... e **Jurumirim** eu sei que a ponte é ponte do **Jurumirim**.”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 13 – P. 85, L. 39-51)

*“Cachaça boa eu cunheço[...]**Jé** uai é no Benjamim aí ó[...]**Jé**... o ingenho é aí ó... na intrada[...]**Jé** ó... ó que cê vai...daqui pra Barra Longa aqui ó que (cê)... chega aí na/que avista Barra Longa cê desceu ali ó... O ingenho tá a/a direita ali pur baixo ali ó... **Dotra Banda** chama o lugar.[...]É porque... Barra Longa tá do lado de cá... e ela tá do la[do] de cá ês pusero o nome **Dotra Banda**”*

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 1 – P. 145-146, L. 451-482)

➤ Documento escrito

*“Faço saber aos q. esta minha carta de cesmaria virem q. tendo respeito a me representar o Alferes **João Batista Romeiro**, morador na freg^a de São José da Barra, tr. da Cid. Marianna, Com.^a de V. Rica q' elle sup. era Snor. e possuidor a muitos annos de huias pösses citas no córgo chamado **Jorumerim**, q. desagoáva no ribeirão da **outra banda** da estrada: nas quaes tinha sua rossa, o fabrica do escravos, o para a sustentação delles, me pedia lhe concedesse por cesmaria de meya legoa de terra em quadra[...] Dada em a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, a trinta e um de Janeiro Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1747. O secretario do Governo Antonio de Souza Machado a fes escrever // Gomes Freire de Andrada. (Revista do Arquivo Público Mineiro – XIV, 1910:62-63)*

"Faço saber aos que esta minha Carta de Cesmária virem que tendo respeito a me representar o alferes **Joam Baptista Romeiro** morador na freguezia de Sam Jozé da Barra termo da Cidade Mariana Comarca de Villa Rica que elle hera senhor e possuidor há muitos annos, de humas posses citas no corgo chamado **Churimirim**, que desagoa no ribeyrão da outra banda da estrada, nas quais tinha suas posses – digo nas quais tinha sua rossa e fabrica de escravos, e para sustentação delles me pedia lhe concedesse por cesmária de meya legoa de terra em que a dera principiando a medir na mesma rossa correndo corgo asima a fazer peam onde pertencesse, e partiam de huma parte com terras de Manoel Coelho Leal, e seu socio, e da outra com as de Pascoal Lopes Braga e Antonio da Sylveira Cunha[...].Dada em Villa Rica aos vinte e sete de Janeyro, Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e setecentos e sincoenta annos."

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmária – P. 246, L.3-10, 39-40)

"...pedindo me lhe mandasse passar Carta de Sismária de meya legoa em quadra, de húa e outra banda do Rio o qual se principiasse a medir a barra do Corrigo dos Monsuz athe o de Jeromorim [...] Dada em Vª Rica a 8 de Junho de 1735."

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmária – P. 258, L. 9-11, 41)

(120) Topônimo: **LAGE**

Taxonomia: **Antropotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano, físico / lugarejo, córrego

ORIGEM: portuguesa (cf. "informações enciclopédicas")

HISTÓRICO: Córrego dos Lages ~ Ribeirão das Lages

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

"PRIMEIROS POVOADORES: [...] estabelecerão-se [...] Antônio Pereira Lago, Manoel Coelho Vaz, e o Sarg. Mór Manoel de Castro e Oliviera, no **corrego, dos Lages**, hoje districto do Rio Doce." (TRINDADE, 1917:25)

"**Lage(s)** – sobrenome português toponímico". (MANSUR GUÉRIOS, 1994)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

"**Lage** é perto de Dom Silvério... é um lugarejo..."

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – P. 76, L. 50-52)

➤ **Documento escrito**

Lages (Carta de Dom Silvério, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República, IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1979)

"[...] o Suplicante queria cultivar e possuir com tittulo legitimo as dittas terras para este effeito pretenda lhe mandace passar sua Carta de Sesmária, fazendo pião no meyo do **ribeirão dos Lages**, para a banda dos dittos dous Corgos[...]Dada em villa rica da Nossa

Senhora do Pillar do Ouro Preto aos honze de Janeiro, Anno do nascimento do Nosso Senhor Jesus christo de mil e settecentos e cincoenta e hum annos."

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 244, L.7-9, 39-40)

(121) Topônimo: *LAVRAS NOVA*

Taxonomia: *Sociotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano, físico / fazenda, serra

ORIGEM: portuguesa [brasileirismo] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [Spl + ADJ_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“terreno de mineração” (cf. HOUAISS, 2001)

“Lavra”, segundo MACHADO (1984) é topônimo em Portugal. No Brasil ocorre no “Ceará, Minas Gerais e Rio Grande do Sul”. Cita ainda “Lavras Novas”, ocorrendo em Minas Gerais. Segundo o autor esses topônimos “estão situados em regiões antigamente notáveis na extração do ouro.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Lavras Nova já é perto de Furquim e Mariana*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P. 66, L. 308)

➤ **Documento escrito**

Lavras Novas (Carta de Mariana, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1986)

(122) Topônimo: *LAVRAS VÉIA*

Taxonomia: *Sociotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa [brasileirismo] (sg. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [Spl + ADJ_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Lavras Velhas – Arraial que floresceu no tempo da opulência do ouro. Pertencia, como ainda hoje, à freguesia de São Caetano. Do antigo arraial nada mais resta senão um velho prédio ainda habitado. A Central do Brasil tem aí uma estaçõzinha ou estribo no ramal de Ponte Nova.” (TRINDADE, 1955: 278)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“o Carmo [...] é... passa aí po Maria:na [...] São Caetano... Lavras Véia... Acaiaca... e vem desceno pur aí abaixo... e o Gualacho vem de da... do Gestera...”

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 1 – P. 150, L. 772-773)

➤ Documento escrito

Fazenda Lavras Velhas (Carta de Mariana, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1986)

(123) Topônimo: **LOREDO**

Taxonomia: *Hierotopônimo*

MUNICÍPIO: Diogo de Vasconcelos

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (sg. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: Loredo < Loreto < Senhora do Loreto

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MACHADO aponta “Loredo” como topônimo perto de Évora. “Do latim *Lorétu – Lauretor*”. “Loreto” é topônimo em “Portugal, Galiza e Brasil (Maranhão)” prossegue o autor. “De Loreto, por influência de Nossa Senhora do Loreto”, cujo centro de peregrinações se encontra na Itália.

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Desde idade de doze ano que passava meu pai vendendo... já tinha esse nome **Loredo**... simplismente um cruzero... um cruzero de braúna... e hoje tem uma escola... uma capela”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P. 62, L. 88-92)

➤ Documento escrito

Loredo (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000, 1976)

“Diz o Coronel Bento Fernandes Furtado, morador em São Caetano, [...] entre os primeiros povoadores deste Ribeirão e lugar desta cidade foy o Coronel Salvador Fernandes Furtado Pay do Supplicante o primeiro que levantou huma capella no lugar chamado Arrayal de cima com ‘licença ampla’ que tinha do Illustrissimo e Reverendissimo Senhor Bispo Dom Francisco de São Jeronymo para poder levantar altar portátil, eleger, erigir Capellas onde quer que se achasse nestes Certoens e desertos, que então erão, e se hão povoado com os

descobrimientos de ouro; [...] Outro sim passe por certidão que forão os mesmos Coronéis, Pay e Filho, dos primeiros povoadores da Freguezia de São Caetano, onde fundou outra capella com o titulo da Senhora do Loretto[...] na qual se administrarão todos os Sacramentos a todos os moradores que estendião desde os Morros de Domingos Velho athe as Lavras Velhas[...] Abranches (1751)">(TRINDADE, 1955: 211-212)

(124) Topônimo: **MACAU**

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: chinesa* (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Macau < *Makau*

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (algunha)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Macau é um termo explicado por MACHADO (1984) como “apelido, antiga alcunha aplicada a alguém natural do território de Macau, ou, como continua a ser freqüente, sobretudo entre rapazes a quem tem fisionomia achinesada.”

HOUAISS (2001) dá como “etimologia provável *Macau*, China.” Ou seria, africana? De “**Makau** – substantivo plural. Bebida fermentada” (ASSIS JUNIOR)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

*“Inf.: Mas ele, passano na fazenda... nesse lugá chamado **Macau** [...] meu pai... ele incontrô uma sinhOra sentada debaxo d’uma árvore... uma criANça... no seio [...] ele foi olhô ela, mandô ela caminhá [...] eu vô te levá... eu cuidoo de você e você de mim [...] e veio imhora... deu certo... e com lá com ela... é que ela ganhô treze filhos... com os dois que ele já/ a outra tinha ganhado com ele passô pra quinze filhos... mais num era com minha mÃe.[...] Com essa história dele quando tava sortero que ele ca/ ele jun/ chegô a juntá com a mulher... que esse negócio que está HOje... ah isso desde o princípio do mundo.[...]”*

Pesq.: O senhor acha casamento bom?

Inf.: Quando dá pra combiná eu acho Ótima coisa... agora quando dá pra disintendê é pior do que um calo dentro do sapato.”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 5 – P. 32, L. 6-23, 28-29; P. 37, L. 339-341)

➤ **Documento escrito:**

S. do Macau [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 357)

(125) Topônimo: **MAGALHÃES**

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Magalhães, sobrenome português toponímico. Do céltico *magal-, ‘grande’? – ‘Procedem de Afonso Rodrigues de Magalhães, senhor da Quinta de Magalhães, que é seu solar na província de Entre-Douro-Minho, em tempo de el-rei D.Diniz...” (MANSUR GUÉRIOS, 1994)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“O rio lá nasce naquela região e tem o nome de Mainarti... depois uma certa altura... num sei se é lá perto de **Magalhães**... porque eu num conheço a nascente do rio não... aí passou a chamar Gualacho [...] **Magalhães** é um povoado... perto de Barro Branco [...] tem esse nome porque naturalmente tinha alguma pessoa importante que era **Magalhães**... aí... eu num sei.”
(Cf. Anexo 1 – Entrevista 8 – P. 55, L. 128-137)

➤ **Documento escrito**

Magalhães (Carta de Mariana, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1986)

(126) Topônimo: **MAINARTI**

Taxonomia: **Antropotopônimo**

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano, físico / cidade, córrego

ORIGEM: inglesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Mainart < Maynarte < Maynarde < George e Guilherme Mainarde da Silva

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Maynard, sobrenome inglês, o mesmo que *Mainardo*. Antiga forma *Maynardes* (*Mainardes*) proveniente de *Maynard's*” (MANSUR GUÉRIOS, 1994)

Segundo COSTA (1997:270) Mainarti é um “topônimo em homenagem ao Coronel Jorge Mainart, benemérito do lugar.” FRANCO (1953: 232) descreve os irmãos Guilherme e Jorge Mainardi como “sertanistas que, nos primeiros anos do século XVIII, descobriram ouro no Gualacho do Sul.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

“Pesq.: *Como que era o caminho que o senhor fazia quando o senhor vinha na tropa comprar boi aqui? O senhor passava por quais lugares?*

Inf.: *Nós saía de Senhora de Oliveira vinha pra... tricotava ali de Piranga no meio... no outro dia fazia o trecho o resto de Piranga...vinha nós pousava em Pinheiros Altos...Pinheiros Altos nós vinha em Mainarti... Mainarti... Varge aí chegava em Mariana... E tinha outras... outras estradas mas a gente procurava o trecho mais curto...*

Pesq.: *Mainarti* tem esse nome por quê?

Inf.: *Pois é... ah... aí é que ta... Tudo mais antigo ainda do que a região nossa aqui...*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P. 64, L. 186-193)

➤ **Documento escrito**

*“Uma estalagem de mau aspecto, chamada Ourives, e mais algumas casas pequenas ao longo do caminho são as únicas habitações que encontramos até que o caminho comece a descer em direção do Rio **Mainart**, sobre o qual uma ponte caindo aos pedaços leva até a Fazenda do padre Manoel Ignácio. Esse religioso é considerado um dos fazendeiros mais ricos dessa região. Ele se dedica à agricultura e à mineração de ouro em aluviões nas margens do Rio **Mainart**, e além disso as diversas capelas que possui e as tavernas anexas que servem cachaça lhe dão um bom lucro. A estalagem que ele construiu para os viajantes é uma das mais limpas e bem cuidadas que vi no Brasil, e o atendimento bom, mesmo que seja feito por escravos que têm de prestar contas ao seu patrão. Só o preço é extremamente caro.”* (ESCHWEGE, 2002:57)

*“Após chegar a um lugar chamado Alto da Pedra, encontrei-me com o médico e prosseguimos para **Mainart**, com a terra em ambos os lados formando montes, resultantes da prospecção do ouro. Por fim chegamos ao rio de **Mainart** e, logo em seguida, a uma fazenda com uma capela. Decidimos passar a noite lá, tendo percorrido três léguas desde Mariana.”*(CALDELEUGH, 2000:126)

*“[...]Faço saber aos que esta minha carta de sesmaria virem, que tendo respeito a me representar por sua petição **George e Guilherme Maynarde da Silva**, e **Jacinto Alvares**, moradores no **Guallacho do Sul**, termo da cidade de Marianna, que elles supplicantes erão pessuhidores de uma rossa citta nos matos de S. Antonio no Ribeirão do Bacalhao[...] E porque os suplicantes se achavão faltos de terras das que possuhião no ditto destricto p.^a haverem de sustentar o grande numero de cento e tantos escravos, que trazião a minerar e a rossar, termos em que me pedião lhes concedesse por carta de Sesmaria huma legoa de terra, [...].Villa Rica a dezoito de Novembro de **mil sette centos cinqüenta e hum**. **Gomes Freire de Andrada.**”*

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 251-252, L. 8-11, 75-76)

Maynarte [Mapa abrangendo a região entre o alto Rio Doce (Ribeirão do Carmo), o Rio das Velhas, o Rio Paraopeba, o Rio Pitangui (atual Pará) e o Rio São Francisco] (Região das minas de ouro, 19° - 20° 30'S) Diogo Soares. ca.1734/5, apud *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província*, 2002.

(127) Topônimo: **MANJONGE**

Taxonomia: *n/c*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: *n/e*

HISTÓRICO: *n/e*

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

SENNÁ (1926:206) fala da contribuição africana para o vocabulário geográfico do Brasil, especificando Minas Gerais, dentre eles destaca *Manjongue*.

HOUAISS (2001) apresenta duas entradas que definem esse vocábulo:

1- manjongome: “mesmo que língua de vaca”

2- mariangombe: “mesmo que língua de vaca. ORIGEM segundo Nei Lopes, do quimbundo ‘*dimi dia ngombe*’ ‘língua-de-vaca’. Nascentes dá como o étimo o quimbundo ‘*rimiria ngombe*’ de mesmo significado; também adaptado ao português ‘*manjagome, manjangome, mariangombe, maria-gomes*’”.

Conforme definição de BEAUREPAIRE-ROHAN (1889), *Maria Gomes* é planta hortense. Também lhe chamam Mariangombe. É o Manjangôme de Pernambuco e a Língua de vaca da Bahia – cresce tão espontaneamente por toda parte que ninguém se dá ao trabalho de a cultivar.

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“*Manjonge é:.... Manjonge... pr'esses lado aí de Pimenta... de Bonfim... pr'esse / pr'esses terreno.*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 19 – P. 120, L. 34)

“*O Fábio falava nesse Manjonge aí... É indo ali por per[to] do Pimenta, do/ do Fábio.*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – P. 84, L. 511-515)

➤ Documento escrito

“*Dentro da área do município há as seguintes propriedades agrícolas (fazendas): Manjonge...*”(TRINDADE, 1962:60)

Manjonge [Mapa do município de Barra Longa - MG, 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 355)

(128) Topônimo: **MARIANA**

Taxonomia: **Antropotopônimo**

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / cidade

ORIGEM: portuguesa (cf. CUNHA, 1987)

HISTÓRICO: Mariana < Cidade de Marianna < Leal Vila do Ribeirão do Carmo < Real Vila de N. S. do Carmo

Antropotopônimo < Politopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] (prenome)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo CUNHA (1987), *Mariana* tem sua origem relacionada à Virgem Maria ou ao seu culto. Do antropônimo Maria. É apontada como a primeira cidade de Minas, com o nome de *Vila do Carmo* ou *Ribeirão do Carmo*. Os documentos a seguir mostram as alterações nos nomes da cidade:

“Esta povoação, que em 1711 recebeu o foro de vila, com o título de vila de Albuquerque, e que por carta régia deste mesmo ano foi mudado para o de Leal Vila de Nossa Senhora do

Carmo, obteve os foros de cidade por carta régia de 23 de abril de 1745, com o nome de cidade de Mariana, em obséquio à então rainha D. Mariana de Áustria. É de todas a mais antiga da província. Nela foi instalado o bispado em 27 de fevereiro de 1748.”(SILVA, 1997:81)

Carta Régia confirmando a criação da Vila e seu nome

“Oficiais da Câmara da Vila de Nossa Senhora do Carmo. Eu, El Rei, vos envio muito saudar. Viu-se a vossa carta de trinta e um de julho do ano passado em que me dais conta de ser essa a primeira que erigiu o Governador e Capitão Geral Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho com o nome de Nossa Senhora do Carmo de Albuquerque, em que pedis haja por confirmada a ereção dessa Vila e que vos conceda os privilégios que tem a Câmara da Cidade do Porto. E pareceu-me dizer-vos que hei por confirmada essa Vila, porém que não há de ser com a denominação de Nossa Senhora do Carmo de Albuquerque, mas somente o nome da... e vos concedo que possa intitular Leal Vila, e Qua... que pedis, espero de vós que obreis com tal... meu Real serviço que mereçais vo-los com... Podeis esperar de minha Real grandeza. Escrita em Lisboa, a quatorze de abril de mil setecentos e doze / Rei / para os oficiais da Câmara da Vila de Nossa Senhora do Carmo. José de Freitas Serrão / João Teles da Silva.”

(apud Termo de Mariana:153)

“El-Rei aprovou a criação da vila por carta de 14 de abril de 1712, mas simplificou-lhe o nome para o de vila de Nossa Senhora do Carmo, e deu-lhe o título de Leal em memória de tê-lo sido às autoridades régias contra o governo usurpador de Manuel Nunes.” (VASCONCELOS, 2v, 1974:97)

“Curiosamente, à futura cidade de Mariana, o rei concedera os privilégios da câmara da Cidade do Porto e o título de Leal Vila de Ribeirão do Carmo. Isso significava que os camaristas de Ribeirão do Carmo teriam direitos de usar armas ofensivas e defensivas durante o dia e anoite, não estavam obrigados a prestar serviço nas guerras, dar pousada, adega ou cavalos, salvo por sua própria vontade; poderiam fazer uso de espadas com bainha de veludo, trajes de seda e terços dourados, além de outras imunidades que davam condição de fidalguia aos vereadores. Os documentos selecionados deixam entrever a urdidura do pacto político patrimonialista entre a Coroa e os colonos da região mais cobiçada da América Lusitana.”

(apud Termo de Mariana, 1998:148)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Lá em Mariana todo distrito tem dois nomes, então é tão difícil a gente saber qual é o nome original... porque tem o nome e o povo chama por outro.”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 8 – P. 58, L. 308-309)

“Mariana é pur causa da rainha da Áustria que chamava Maria Ana... d' Áustria... Aí puseru o nome de Mariana... em homenagem a essa rainha.”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 15 – P. 100, L. 209-210)

➤ Documento escrito

“Eu El Rei, como Governador e perpétuo Administrador que sou do mestrado, Cavalaria e Ordens de Nosso Senhor Jesus Cristo: Faço saber aos que este meu Alvará virem que, atendendo ao que me representou o Ouvidor da comarca de Vila Rica sobre os prejuízos espirituais e temporais que resultavam aos fregueses das Igrejas do Bispado de Mariana, que eram anuais e amovíveis, em não terem Pastores próprios que, com amor e caridade, pudessem cuidar do bem espiritual de suas almas, cujos prejuízos, sendo tão graves, só se evitavam criando eu as ditas Igrejas em novas Vigararias coladas para poderem ser providas de párocos proprietários, que cumpram com a sua obrigação.”(Lisboa, dezesseis de janeiro de mil setecentos e cinquenta e dois anos, apud TRINDADE, 1962: 36)

“Minha filha Joaquina nasceo em hu Domingo pela meia noite que se contarão vinte de agosto de mil setecentos e cincoenta e dous: foi bautizada em esta sé de **Mariana** em hum Domingo que se contarão tres de setembro do dito anno...”(Livro de Batismo da Sé de Mariana, 1752, apud TRINDADE,1955: 58)

“Faço saber aos que esta minha carta de cesmaria virem, que tendo respeito a me representar [...] que atendendo eu e informação que derão os officiaes da Câmara da **Vª do Ribeirão do Carmo**[...] Dada em **Vª Rica** a 26 de Junho Anno de nascimento de N. Sr. Jesus Christo de 1745.”

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 268, L. 3, 11-12, 34-35)

(129) Topônimo: **MARIMBONDO**

Taxonomia: **Zootopônimo**

MUNICÍPIO: Dom Silvério

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: africana [quimbundo] (HOUAISS, 2001)

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

HISTÓRICO: Moribondo ~ Marimbondo < *Marimbondo* ~ *Mari'mbondo*

INFORMAÇÕES ENCICLÓPÉDICAS:

Além de nomear um inseto, o termo *marimbondo*, segundo HOUAISS (2001), foi uma “designação dada pelos portugueses aos brasileiros, à época da independência”. Entretanto, no caso do topônimo aqui analisado, é claro ser um zootopônimo, pois é anterior à época citada.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Fazenda do **Marimbondo**... fazenda antiga também...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 19 – P. 121, L. 110-111)

➤ **Documento escrito**

“[...]que por estar de posse quieta e pacifica d húa Sua fazenda q' tem Ribeirão abaixo na paragem chamada **Moribondo**, distante desta **Vª** três dias de viagem, e em parte tam dezerta q' o vizinho mais perto q' tem, he asíma della duas **Legoas**[...] Anno do nascimento de nosso Senhor Jezus christo de mil settecentos trinta e sete”

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 275, L.3-5, 40-41)

“[...] eporqueno **Sítio do Moribondo** ribeirão abaixo a Fregueziada **Barra** termodacidade de **Marianna**[...] mil **Setecentos Setentaetres**”(A.P.M., S.C. 129, R.25, Fól. 149v a 150v)

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 289-291)

Marimbondo [KARTE DER BRASILIANN. PROVINZ MINAS GERAES, aufgenommen auf Befehl' der Provinziabregierung in den Jahren **1836-1855**, mit Benuizung älterer Karten u. neverer Vermessungen u. Beobachtungen, unter Specieller Leitung des Civil-Ingenieurs. (HALFELD, 1998)



Mapa 9: "Marimbondo", apud Halfeld (1998)

(130) Topônimo: **MARTINS**

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano, físico / lugarejo, córrego

ORIGEM: portuguesa (cf. "informações enciclopédicas")

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MANSUR GUÉRIOS (1994) e MACHADO (1984) definem **Martins** como "sobrenome português, em vez de *Martinz*, patronímico de *Martim* ou *Martino*. Do latim *Martínici*." O primeiro acrescenta que é um apelido muito corrente, sendo ainda topônimo em "Alenquer, Fafe, Lisboa (pátios), Maia, Penafiel, Soure."

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

"Tem Bento... tem Martins... perto de Mariana..."

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 16 – P.104, L.107)

➤ **Documento escrito**

Martins (Carta de Mariana, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000, 1986)

(131) Topônimo: MATEUS COELHO

Taxonomia: Antropotopônimo

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. "informações enciclopédicas")

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + S_{sing}] (prenome + apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

"Mateus, hebraico, o mesmo que Matias ou Matatias. Latim Matthaeus."(MANSUR GUÉRIOS, 1994)

"Coelho, sobrenome português, primitiva alcunha. Contudo, há quem o explique pelo top. Coelha, pertencente à família de Egas Moniz (Portugal)." (MANSUR GUÉRIOS, 1994)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

"Pesq.: E onde que o Mateus Coelho entra aí?"

Inf.: Mateus Coelho é o camarada que morava nessa grotta aí de cima, tinha uma fazenda aí.

Pesq.: Esse Mateus Coelho veio de onde?"

Inf.: Ah, num tô certo não."

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – P. 78, L.131-136)

➤ **Documento escrito**

"Nós abaixo assignados, [...] todos residentes neste districto, de Acayaca, Município de Marianna, declaramos para os devidos effeitos legaes que entre os mais bens que possuimos livre e desembaraçado de qualquer onnus, se comprehende meio alqueire de terra em plantio de milho no lugar denominado Matheos Coelho – neste districto que houvemos por herança de nosso pae e sogro [...] Acayaca 24 de junho de 1924."

(Cf. Anexo 4 – Escrituras – P. 298-299)

"Certifico, que á fls. 29 do livro N. 3º E foi transcirto hoje sob n. 1,366 o Titulo particular de compra e venda de nove (9) litros mais ou menos de terras de cultura no logar denominado Mathéus Coelho, no povoado de Monte Vidio, districto de Acayaca em commum com outros herdeiros [...] O titulo foi passado aos 19 de Abril de 1937. Foram pagos os impostos e sellos devidos. Em tempo: O nome do adquirente é Antenor Hygino Severino e não Antonio. O referido é verdade e dou fé. Marianna, 15 de junho de 1937. Daniel Carlos Gomes."

(Cf. Anexo 4 – Escrituras – P. 323)

"[...]tenho passado muito bem de saúde com disposição para trabalhar e passear, pois fui ao Matheus Coelho ao aniversariarui di Luiz[...] Alexandrina – 1947"

(Cf. Anexo 5 – Correspondências – P. 340)

(132) Topônimo: **MATIPÓ**

Taxonomia: *n/c*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: indígena (cf. "informações enciclopédicas")

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

COSTA (1997), tomando como referência J. Romão da Silva (Denominação Indígena na Toponímia Carioca – 1964), dá a seguinte classificação para "Matipó – Etimologia *mati*, *matii*, pequenino, pó, (*m*)*bó*, cipó, fibra, o cipozinho." Segundo MACHADO (1984), "Matipó ou Matipoó – topônimo no Brasil: Minas Gerais. De origem indígena, mas, segundo parece, não tupi, talvez tapuia."

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

"Rapadura ninguém faz mais né?... aqui ach[o] que é só no... **Matipó**... lá fa[z] rapadura diário."

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 6 – P. 196, L. 676)

"**Matipó**... *cunheço Matipó*... *município de Barra Longa*... e **Matipó** *cidade*... *Agora porque qui chama Matipó eu também num sei*"

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 17 – P. 109-110, L. 52-54)

➤ **Documento escrito**

Fazenda do Matipó [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 357)

(133) Topônimo: **MATO DENTRO**

Taxonomia: *Dirrematopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano, físico / habitações isoladas no meio rural, campo

ORIGEM: portuguesa *[brasilismo] (cf. "informações enciclopédicas")

HISTÓRICO: Mato Dentro ~ Matto Dentro

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Ssing + ADV]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo BEAUREPAIRE-ROHAN (1889), o substantivo masculino **Mato** é muito usado em Pernambuco e em outras províncias do nordeste, com o mesmo significado de roça. Sobre o advérbio **Dentro**, Corominas (1990) diz: “derivado do antiguo entro, procedente do latim intro, ‘adentro, faz el interior’. Sobre o composto **Mato Dentro** não há registros nos vários dicionários consultados, ficando a dúvida se esse é um topônimo trazido de Portugal ou formado no Brasil.

“É forçoso para ter se idéia exacta da freguezia que se vá ao Bueno, Vargem, Rompe Dia, **Matto Dentro**. Ahi fará o vizitante proveitoso conhecimento com homens de tempera rija, fazendeiros prósperos, laboriosos, activos e sobretudo hospitaleiros”.(TRINDADE, 1917:119-120)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Mato Dentro é essa virada aí né[...] essa buracada aqui... essa buracada aqui eles trata é buracada do Mato Dentro...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 2 – P.14, L. 105-109)

“Mato Dentro? Mato Dentro é pra cima do Bonfim... Tem Mato Dentro... tem Pimenta... Lá pra cima do Bonfim que é incruziada... segue a esquerda... vai pra/pro Mato Dentro”

(Cf. anexo 1 – Entrevista 19 – P. 125, L. 301-302)

➤ Documento escrito:

*“Aos quatro de setembro de mil novecentos e quinze o Sr. Padre Antonio Alves Pereira em licença minha assistiu na Ermida do **Matto Dentro** ao matrimonio que entre si contrahirão José Monteiro e Maria da Alma. Foi processado canonicamente e não consta houvesse impedimentos. Testemunharão o acto José César Gomes e Deolindo Carneiro. O Vig.º Raymundo Octavio da Trindade.”*(Livro dos Casamentos, 1915, pág. 32. Igreja Matriz de Barra Longa – MG)

(134) Topônimo: **MATO DENTRO DO BONFIM**

Taxonomia: **Dirrematopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: físico / ribeirão

ORIGEM: portuguesa [brasileirismo] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing}.+ ADV + {P + A_{sing} + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo MACHADO (1984), o advérbio ‘dentro’ forma topônimos, tanto no Brasil quanto em Portugal. “Em Portugal é topônimo em Guimarães; no Brasil: elevações (Pernambuco, Santa Catarina), ponta(Amapá), rios (Baía, Ceará, Paraíba, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo), lagoas (Baía, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro).”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Pesq.: *Que rio banha o Bonfim?*”

Inf.: *tem um córrego... o córrego que vem do Mato Dentro do Bonfim... num tem nome não... eu cunheço pur este nome...passa na fazenda de Chico Alves...onde Chico Alves morô... e nessa chega aqui nesse rio de Barra Longa incontra com o rio de Barra Longa... nesse reberão que desce aí...*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 4 – P.24-25, L.50-57)

➤ **Documento escrito**

Ribeirão do Mato Dentro do Bonfim (Carta de Alvinópolis, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000, 1976)

(135) Topônimo: *MATUTI ~ MATUTO*

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: físico / campo

ORIGEM: portuguesa [brasileirismo] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (algunha)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Matuto é um apelido, antiga alcunha, do adjetivo ‘matuto’.” (MACHADO, 1984)

“Caipira, que vive no mato, roceiro.// De mat(o)+-uto.” (MARTINS, 2001)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Inf.2: *pra baixo Frágoso... tem um pasto do Crasto que chama Boa Glória... Matuti*”

Inf.: *Boa Glória... Matuti... isso mesmo aqui na virada*

Inf.2: *é?*

Inf.: *Matuti... Boa Glória*

Inf. 2: *esse Matuti que será esse nome que será hein?... Matuti será Matuto ou Matuti?*

Inf.: *Matuti*

Inf.2: *Matuti?*

Pesq.: *o senhor sabe o que significa? [...]*

Inf.: *sei não*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 3 – P. 23, L. 187-200)

➤ **Documento escrito:** n/e

(136) Topônimo: *MIGUEL RUDRIGUES*

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [Ssing + Ssing] (prenome + apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“O Rio Gualacho do Sul divide os municípios de Mariana e Diogo de Vasconcelos. A comunidade de *Miguel Rodrigues* será atingida e há grande preocupação de seus moradores de como serão suas vidas depois que o lago estiver formado.” (Jornal Diário da Tarde, 26/7/99, grande bh, pág. 5)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Pesq.: *E tem Miguel Rudrigues...*

Inf. 1: *Esse rio passa lá*

Pesq.: *É um rio?*

Inf. 2: *Um córrego*

Inf.: *Não lá tem um povoado*

Pesq.: *Com o nome de Miguel Rudrigues?*

Inf. 1: *Miguel Rodrigues*

Pesq.: *Onde que é esse povoado?*

Inf. 1: *Aqui pode passar por Diogo... ou então passar por baixo aqui... Barroca... Povoado muito bom... adiantado... Mariana dá muita assistência os povoado que pertence né? Então é tudo é... todo lugarejo cresceu... cresceu bastante né? Tem uma assistência médica boa[...]*

Pesq.: *E o senhor vai muito a Miguel Rudrigues?*

Inf.: *Não... já faz anos que estive lá... Fui lá ainda a cavalo... num tinha estrada de carro*

Pesq.: *E por que que tem esse nome?*

Inf.: *Miguel Rudrigues? Deve ter pegado o nome de um antiquário lá... um chefe político... Isso vem de longe... de muito longe... de século... mais de um século”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P. 65, L. 236-255)

“*Miguel Rudrigues é distrito... Pertence a Diogo agora... Era Mariana... agora é Diogo... na outra margem do rio[...]* Lá também é um povoado de origem negra... a maioria lá é negra e eles... eles plantam muito amendoim... arroz... feijão... milho e faz... também... artesanato de pedra sabão”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 8 – P. 55, L. 140-148)

➤ **Documento escrito**

Miguel Rodrigues (Carta de Mariana, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1986)

(137) Topônimo: **MOINHOS**

Taxonomia: **Sociotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano, físico / fazenda, córrego

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1994)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Spl]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

De acordo com MACHADO (1984), *Moinho(s)* é topônimo muito freqüente tanto em Portugal, quanto na Galiza.” Na Galiza, o autor aponta as formas *Moiño* (Lugo, Pontevedra), *Muiño* (Corunha) ao lado do castelhanismo *Molino* (Corunha, Pontevedra) e *Moiños* (vários casos em Lugo).”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Pesq.: *Fazenda Muinho?*

Inf. 1: *Moinhos...*

Pesq.: *Moinhos?*

Inf.1: *É... pra ba'xo di Barretos... norte di Barreto [...] É pertin[ho] du lado do Gesteira[...] lá fala Moinhos... plural.*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 7 – P. 52, L. 351-357)

➤ **Documento escrito**

Moinho [Mapa do município de Barra Longa, 1939 – MG]

(cf. Anexo 6 – Mapas – P. 357)

Córrego do Moinho (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República, IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50 000; 1976)

(138) Topônimo: MONSENHOR HORTA
~ SÃO CAITANO

Taxonomia: Axiotopônimo

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / cidade

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [Q_v + S_{sing}] (apelido de família)

HISTÓRICO: Monsenhor Horta < São Caetano do Ribeirão Abaixo < Morro Grande

Axiotopônimo < Hagiotopônimo < Geomorfotopônimo

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Monsenhor Horta é um distrito de Mariana, conhecido antigamente com o nome de **São Caetano**. O topônimo atual, segundo COSTA (1997), é em homenagem ao “Monsenhor José Silvério Horta, sacerdote da Arquidiocese de Mariana”. Nos tempos do ouro, este distrito foi também conhecido como **São Caetano do Ribeirão Abaixo**, conforme aponta SILVA (1997: 82)

TRINDADE (1955: 194), quando relata a viagem de Mawe à região do Carmo, questiona a descrição do cientista que faz confusões com os topônimos da região: “o cientista inglês John Mawe, a convite do Conde de Linhares, visitou as fazendas do Crasto e da Barra em setembro de 1809. À descrição dessa jornada consagra ele quase todo o cap. XI do seu precioso e já

raro 'Travels in the interior of Brazil'[...]. Quando, porém, põe-se a discorrer sobre as fazendas que foi visitar, arma uma confusão tal que desorienta de todo o leitor familiarizado (como eu, que nasci às margens do Gualacho do Norte) com as estradas, com os sítios e casais e com a topografia da região por ele percorrida. Ora, desfigura topônimos, o que talvez se excuse ao inglês que, como é sabido, faz ponto de honra patriótica estropiar a língua dos outros; ora, troca-os, atribuindo a A o que compete a B. Ali se encontra por exemplo, um **Sam Giatanha** que ninguém, a não ser natural da região, traduziria para **São Caetano**, a velha e nobre freguesia de **São Caetano**, na comarca de Mariana."

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

"Monsenhor Horta é/é/era u/ era a antiga São Caetano."

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 7 – P. 46, L. 16)

"Monsenhor Horta[...] foi pur causa daquele Monsenhor Horta di Mariana... ele/ele... ele moro aqui pur lado num sei si... ele morô ali mas a história dele é aí pru lado du Gestera que ele foi criado... ô nasceu ali pru lado du Gestera[...] Monsenhor Horta aquele pároco que tinha em Mariana."

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 1 – P. 10, L. 394-398)

"...esse francês veio aí... sai lá da França... amonta cavalo em... em Mariana... pa vim a Barra Longa... São Caitano aqui era muito:... cê já deve tê visto isto era muito observado... São Caitano pa baxo de Mariana aqui viu?... dava muito oro iss[o] aí"

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 7 – P. 210, L. 316-318)

➤ Documento escrito

"A Igreja matriz do Furquim estava distante da Igreja de S. Caetano tres legoas e do lemite da do Sumidouro legoa e meia, e das mais partes que não tinha divizão por entrar pelo Sertão[...] Forquim, dezembro de 1741" (Do Livro do Tombo da Freguesia do Furquim, recolhido ao arquivo de Cúria de Mariana, pág.111, apud TRINDADE: 1962:32)

"Trecho do testamento do Coronel Bento Fernandes: '[...]Declaro que há sessenta e tantos anos que sou morador nestas minas da freguezia de São Caetano, comarca de Vila rica... e no caso que Deus nosso Senhor seja servido levar-me para si enquanto eu estiver nesta Vila do principe disporá o meu testamenteiro o meu enterramento...' //Testamento escrito no Serro(Vila do príncipe) pelo seu filho Padre Bento Francisco Xavier de Mendonça a 29-XI-1764, e ali aberto em 19-X-1765. O Coronel estava a liquidar negócios na referida vila //."(apud TRINDADE, 1955:75)

"que estes lugares desertos, e Certoens se hião povoando, e carecião de quem administrasse os Sacramentos, e desse pasto espiritual aos povoadores delles[...] lugares onde se dicesse Missa [...] lugar então chamado Morro Grande e ao depois se denominou de São Caetano, quando se erigio digo que ao depois se denominou Sam Caetano quando se erigio em repartição de Freguezia; e nesta Capella ordenava o Reverendo Padre Francisco Gonçalves chamado por antonomazia o Cangica que era, a quem o dito Coronel congruava e sustentava a sua custa por Capellão e administrante dos Sacramentos aos moradores todos que aquelle lugar pudessem concorrer.[...] Freguezia do Senhor Bom Jesus do monte do Furquim aos seis de Agosto de mil setecentos e quarenta e nove annos.(Apud TRINDADE, 1955:434)

(139) Topônimo: MONTE ALEGRE

Taxonomia: Gemorfotopônimo

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Monte Alegre** – Topônimo freqüente no Brasil: Goiás, Minas Gerais, Pará, Piauí, Sergipe, São Paulo. Significação evidente. Também, existe, em Portugal, a aglutinação *Montalegre*.” (MACHADO: 1984)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Monte Alegre é fazenda aí perto da Onça... aí tinha a fazenda de ti'Mamuel... e tinha outra que era Monte Alegre... né? Monte Alegre... é pro lado de Gestera*”.

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 19 – P. 123, L. 191-195)

➤ **Documento escrito**

Fazenda do Monte Alegre [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 356)

Segundo TRINDADE (1943:13) “*O Monsenhor Cônego José Silvério Horta nasceu na fazenda do ‘Monte Alegre’, freguesia de São José da Barra Longa a 20 de junho de 1859. Quando ainda muito jovem, transferiu-se com os pais para Mariana.*”

(140) Topônimo: **MONTIVIDI ~ MONTE VIDIO**

Taxonomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: n/e

HISTÓRICO: Montividiu ~ Montividéo ~ Monte Vidio

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: N_m [S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MACHADO (1984) aponta o topônimo *Montividiu* como de “origem e significação evidentes.”

Montividiu é uma cidade de Goiás. HOUAISS (2001) aponta o adjetivo *montividiuense*, dando o significado: “natural de Montividiu, GO.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*é Monte Vidio... eles falam Montividi... mas é porque lá é Monte Vidio... Isso também mesmo eu já vi alguma[r] coisa iscrito sobre esse Monte Vidio[...]* É... eu vi isso também num iscrito[...]

eles falam Montividi porque... é um pirulito assim... quando [vo]cê vai daqui

pa[ra] Budega... qui [vo]cê vai daqui... quando [vo]cê chega num certo ponto [vo]cê vê lá di
ponta assim... ó... na subida ali... depois ele desaparece... só pode se[r] pur isso... pur causa
da formação dele eles põe... puseram **Monte Vidio... Montividi...**"

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 1 – P. 9, L. 315-324)

➤ Documento escrito

"Todas as capellas estão em optimo estado de conservação. Neste anno já forão reparadas
as do **Montividu**, Cunha e Gesteira. Na séde a dos Passos. Está ainda em serviços o reparo
da de Bom Successo.[...] Barra Longa, 19 de julho de 1916. O Vigario Raimundo
Trindade." (Relatório – 18 de julho 1915 a 18 de julho de 1916 – pág. 39. Livro do Tombo da
Igreja Matriz de Barra Longa)

"Título particular de compra e venda: 'Entre os abaixo assignados Francisco de Assis, D.
Josepha Bonifacia, brasileiros, casados, lavradores, domiciliados e residentes no povoado de
Monte Vidio, districto de Acaiaca, Municipio de Marianna [...] Os vendedores são senhores e
possuidores de sete – 7 litros de terra de cultura mais ou menos, situada no lugar
denominado 'Casa-Velha', povoado de **Monte Vidio**, neste districto, que obtiveram por
herança de seu pae e sogro Antonio Bonifácio de Salles, terras digo em commum com mais
socios, tendo as seguintes divisas e confrontações: Por um lado com terras de Sô Olyntho de
Almeida Costa, por outro lado com terras de Jose Domingos Severino, e finalmente por outro
lado com terras dos herdeiros de Sebastião Basilio da Silveira. Os vendedores têm presto e
contractado a vender, como de facto vendem e vendidos têm, de hoje para sempre os
referidos sete-7-litros de terra, supramencionados, livres e desembaraçados de quaesquer
ônus[...] Acaiaca Fevereiro de 1932."

(Cf. Anexo 4 – Escrituras – P. 315-316)

"Certifico que, no livro 3F, fls 138, sob nº de ordem 5094, foi feita, nesta data, a transcrição
de uma escriptura de compra e venda de dois e meio alques. De terra, typo de planta de
milho, que foram tirados nos seis e meio alqueires de terras existentes com as divisas
mencionadas, situados no logar denominado '**Montividéo**', districto da cidade de Barra
Longa desta comarca[...] Eu Jose Marliere, a escrevi e assigno. Ponte Nova, 3 de maio de
1940."

(Cf. Anexo 4 – Escrituras – P. 317)

(141) Topônimo: **MORRO DE SANTANA**

Taxonomia: **Geomorfotopônimo**

MUNICÍPIO: Ouro Preto

ACIDENTE: fisico / morro

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: Morro de Santana ~ Morro de Santa Ana

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + {Prep + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

As "Minas de ouro do **Morro de Sant'Anna** – 'Esta mina está situada a 12 kilometros de
Ouro Preto e a ¼ de légua de Mariana, numa quebrada tributaria do Valle de Antonio Pereira,
e cujas aguas vertem para o rio Gualaxo. O **Morro de Sant'Anna** nos offerece o estudo do
segundo modo de jazidas de ouro, tanto mais interessante quanto o creio peculiar do Brasil; o
ouro se acha no meio da variedade arenosa dos quartzitos com ferro oligisto e jacotinga'"

(HENRIQUE GORCEIX – Conferências científicas no Museu Nacional in *Revista do Arquivo Público Mineiro*, 1924:52-53)

Santana (aglutinação de Santa + Ana), segundo MACHADO (1984) é topônimo freqüente na “ilha da Madeira, muito freqüente no Brasil e na ilha de S. Tomé.”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Pesq.: *E o Morro Santana?*

Inf.: *Esse Morro é aqui... quem ta lá em Mariana... na cidade vê ele lá assim... sai lá em cima... passa em Mainarte... sai em Mainarti esse Morro de Santana... ele é cheio de caracol... Vira por Mainarti... Fazenda da Vargem... Cibrão, tudo aí... aquela buracada ”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P. 69, L. 470-472)

➤ Documento escrito

“*Modo e estilo de minerar que se tem observado nos morros de Passagem e de Santana, da Cidade[Mariana] [...]As minas de escadas deram a mesma distância para os lados, e no comprimento para diante cem palmos. Nas minas de olivel se deram vinte e cinco palmos para os lados e quatrocentos para diante, ficando com domínio e posse nesta distância, de cima até o centro da terra, o que para adquirir a dita posse bastava fazer serviço da porta para dentro quinze palmos, tanto em minas como em buracos, ainda que as não continuassem anos. E nesta forma se observou no morro dito de Santana, nos quais até agora se observa. No que toca aos tanques, regos e vertentes, é o mesmo que se observa neste morro de Vila Rica.*” *Modo e estilo de minerar nos morros de Vila Rica e de Mariana. A autoria: anônimo, Vila Rica; ca.1750, apud Códice Costa Matoso, 1999:768-769).*

(142) Topônimo: **MORRO DO AGAÚ**

Taxonomia: **Geomorfotopônimo**

MUNICÍPIO: Acaiaca

ACIDENTE: físico / morro

ORIGEM: hibridismo [portuguesa + indígena (tupi)] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Morro do Agau < Morro do *Angaú*b

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Morro é topônimo no Brasil, em Portugal e nas Ilhas, segundo MACHADO (1984). HOUAISS (2001) diz ser *agaú* variante de *angaú*. SILVEIRA BUENO (1998) dá a etimologia de *angaú*b como “perverso, pervertido, corrupto. Ao pé da letra: *anga*, alma, *aub*, errada errante.”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“*Cuiabá é Mariana porque Cuiabá é um puvuado de Furquim... Morro do Agau é na região de Cuiabá... o significado num sei não...*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 16 – P. 104, L.80-87)

➤ Documento escrito

Morro do Agau [Mapa do município de Barra Longa- MG, 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 354)

(143) Topônimo: **MUNSUNS**

Taxonomia: *Cardinotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Munsuns < Córrego dos Monsuz < Ribeyro dos Mossus

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo MACHADO (1984), **Monsul** “é topônimo em Lamego e em Lanhoso. Contração de Mon(te) Sul. Variante **Mossul** (1155).”

Quando fala dos primeiros agrupamentos no arraial do Carmo, em fins do século XVII, VASCONCELLOS (1947:9-10) cita o povoado de **Monsús** e chama a atenção para a origem desse nome com a seguinte nota: “*Até hoje não se atinou com a verdadeira origem desse nome – Monsús. Várias explicações têm sido tentadas pelos escritores, mas nenhuma a meu ver, aceitável. Corruptela de ‘Monsieurs’ – apelido com que designavam dois franceses que aí residiam, segundo Diogo de Vasconcellos. Nome de um peixe não comestível, escuro e descamado, muito comum nos lugares barrentos (enguia) – na opinião de Nelson de Sena. Outra designativa não menos pitoresca é a que nos dá Domingos de Souza Novais, espírito afeito também aos estudos de história e ilustre descendente dos fundadores do ribeirão, para o qual (não sei onde ele foi tirar isso), Monsús quer dizer – Monte Santo, na concepção indígena. [...] Como poderia Monsús significar ‘Monte Santo’ na gíria dos nativos, se não tinham eles a idéia de ‘monte’ e de ‘santo’ no sentido do nosso vocabulário, para formarem o topônimo com as partículas ‘mon’ (monte) e ‘sus’ (santo)?*”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“*Munsuns esse fica do lado de cá, se ocê soltá o rio do lado de cá, ocê via saí no Munsuns, ele fica quase em frente a Fazenda do Silveira, ela fica do lado direito[...]. E esse lugar aí não me lembro de nada histórico nele, sempre teve gente, no nosso tempo, antigamente tinha um cruzeiro grande lá. Mas lá devia dá uma ligação de ouro antigo lá do Crasto com o Gualacho com o rio Carmo.*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 7 – P. 50, L. 251-260)

“Pesq.: *E Munsuns? O que significa Munsuns?*

Inf.: *Ah, esse nome eu vou te falá!*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – P. 77, L. 83-84)

➤ Documento escrito

“*Certifico que á fls. 86 do livro n. 1-G [...] foi feita a transcrição de uma escritura pública de compra e venda de parte do imóvel denominado Munsuns, no município de Barra Longa, comarca de Ponte Nova, compondo-se de uma pequena casa de morada, assoalhada e*

coberta, de telhas, de construção própria, e seu terreno de cultura, com área de noventa e oito ares e trinta centiares (0,98,30 hecs), dividindo e confrontando por um lado com terrenos do comprador e seus irmãos, e por outro lado com terrenos dos herdeiros de Antonio Carneiro, em comum com herdeiros de José Barnabe da Silva[...] conforme escritura lavrada pelo Escrivão do 2º sub-distrito de Felipe dos Santos, em data de 11 de Abril de 1959.”

(Cf. Anexo 4 – Escrituras – P. 319)

*“Faço saber aos que esta minha Carta de Sesmaria virem que tendo respeito ao que me representou o Sargento mor André Glz. Chaves morador na Freguezia de S. Caytano ser senhor e pesuhidor de huás terras mineraes ribeirão abaixo as quaes tinha por carta de datta, e que como hera paragem ahinda dezerta, e estava fabricando Rossas nella para com os mantimentos fazer servisso para minerar, e que como hera homem cazado, e com numeroza família, e escravos, temia que depois de cituado, houvesse quem o inquietace querendo se intrometer a fazer Rossa ao pé do Supplicante que lhe podera dar grande desasocego em o servisso de minerar, pellos muitos escravos com que se achava para occupar nas dittas Lavras, os quaes poderão infestar as Rossas alheyas de que se pudião seguir contendas que elle queria evitar, pedindo me lhe mandasse passar Carta de Sismaria de meya legoa em quadra, de húa e outra banda do Rio o qual se principiasse a medir da barra do **Corrigo dos Monsuz** athe o de Jeromerim chamado o de Francisco Xavier demarcação que faz com Pedro Vas da Costa, e atendendo eu ao seu requerimento, e mandando informar ao Provedor da fazenda Real, e Procurador della que a isso não tiverão duvida. Hey por bem fazer-lhe mercê de lhe conceder em nome de S. Magestade meya legoa de terra em quadra de huá e outra banda do Rio, na parte apontada na sua suplica como se vê no sobre ditto com as confrontações e demarcações experçadas dos **Corrigos dos Monsuz**, e sua barra the Jeromerim [...] Dada em Vª rica a 8 de junho de 1735. — O Secretº. Do Govº. Mathias do Amaral e Veyga a escrevy. Gomes Freire de Andrada.”*

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 258, L.1-20, 41)

*“Faço saber aos que esta minha Carta de Sesmaria virem, que havendo respeito ao que por sua petição[...]assistente no **Ribeyro dos Mossus** hindo pª mato dentro[...]Dada nesta Vª de Rib. do Carmo e Albuquerque aos 6 de julho de 1711.”*

(Cf. Anexo 3: Cartas de Sesmaria – P. 274, L.2-4,23-24)

(144) Topônimo: NATIVIDADE

Taxonomia: Hierotopônimo

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: físico / habitações isoladas no meio rural, córrego

ORIGEM: portuguesa < latina (cf. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: Natividade < Nossa Senhora da Natividade

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo MACHADO (1984), há várias igrejas consagradas à “Natividade da Senhora”. O nascimento de Nossa Senhora ou festa da *Natividade* é uma festa comemorada pela católicos. Ele aponta *Natividade* como topônimo no Brasil: em Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo.

CONTEXTO:**➤ Oral contemporâneo**

"Natividade é pro lado aqui de Mariana...Furquim"

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 16 – P. 108, L. 292)

➤ Documento escrito

"[...]Tem essa freguesia quatro irmandades eretas pelo eclesiástico, a saber: a do Santíssimo Sacramento, a do Senhor do Bonfim, a das Almas e a de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Tem esta freguesia três capelas, uma de invocação [...] outra de invocação de *Nossa Senhora da Natividade*, de que é administrador o tenente Matias Pinto de Gouveia, e outra de invocação da Senhora Santana, de que é administrador o capitão Domingos Lopes da Cruz. E nenhuma tem capelão por nenhum dos administradores os poderem sustentar.[...]"

(Informação das antiguidades da freguesia de Antônio Pereira. Anônimo; Antônio Pereira; ca. 1750 apud *Códice Costa Matoso*, 1999:269)
Córrego Natividade (Carta de Mariana, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1986)

(145) Topônimo: **OCIDENTE**

Taxonomia: *Cardinotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. HOUAISS, 2001)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Ocidente é um termo usado como referência, indicando "o lado do horizonte onde o sol parece esconder-se [...] oeste, poente." (HOUAISS: 2001)

CONTEXTO:**➤ Oral contemporâneo**

*"...eu era minino... quando eu passei im frente du lado di cá du rio... ela era du lado di lá... ela [es]tava intijolada... [es]tava[m] fazendo ela... i puseru esse nome di Ocidente... num sei du que qui eles tiraro esse **Ocidente** viu?"*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 7 – P. 49, L. 175-179)

➤ Documento escrito

F. do Ocidente [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 356)

(146) Topônimo: **OLARIA**

Taxonomia: *Sociotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / conjunto de pequenas propriedades rurais

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Olaria** – topônimo em Odemira, Ribeira da Pena. No Brasil, em Minas Gerais. Do substantivo feminino Olaria” (MACHADO: 1984)

“**Olaria** – [De ‘ola’ + -r- + -ia]. S.f. 1- fábrica de louça de barro, manilhas, tijolos e telhas; indústria de oleiro.” (HOLANDA FERREIRA, 1987)

“**Ola** – s.f. ‘panela de barro’ XIII. Do lat. Olla –ae// olaria 1813”(CUNHA:1987)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Olaria é qui era Sá Maria Juana... lá tem um lugar qui chama Olaria viu?... tam[b]em num sabe quem é qui fez tijolo lá viu? É Olaria viu?*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 1 – P. 9, L. 311-313)

➤ **Documento escrito**

“*Certifico que o imóvel, situado no distrito de Acaiaca deste município, no lugar denominado Olaria, transferido por Elias Izacc a Antonio Martins Cassiano está quite com a Fazenda Municipal até a presente data. Procuradoria Municipal de Mariana, 3 de novembro de 1931.*”

(Cf. Anexo 4 – Escrituras – P. 318)

(147) Topônimo: **ONÇA**

Taxonomia: Ergotopônimo

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano, físico / fazenda, córrego

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Onça < Córrego do Onça

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS

“**Onça** – topônimo encontrado em Aveiro (cova da Onça), Campo Maior, Guarda, Lisboa, Montemor-o-Novo, Portalegre, Setúbal, Sintra. Segundo A. Costa, o nome da localidade aveirense já existia no século XV, o que faz supor tratar-se de ‘onça’ no sentido de certo peso. Os outros casos, provavelmente mais modernos, talvez já se devam ao zoônimo.” (MACHADO: 1984)

“**Onça** – 1. antiga unidade de moeda de peso de diversos países, com valores que variam entre 24 e 33g 1.1. antiga medida de peso equivalente à décima sexta parte do arátel (28,69g) 1.2. medida de peso inglesa equivalente a 28,349g 1.3. entre os antigos romanos a duodécima parte da libra [...] Antiga moeda de ouro de diversos países como, por exemplo, Argentina, Bolívia, Colômbia, Cuba, Espanha, Malta etc. [...] Medida agrária equivalente a 1089 metros

quadrados. ORIGEM latina, *uncia,ae* duodécima parte da libra romana e de outras medidas, medida de comprimento.” (HOUAISS, 2001)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“...muía muita cana ali eu... mais Maria né?... nós fazia açúcar de rapadura né porque açúcar de rapadura é diferen[te] da... de cristal né? A gente faz em casa [...] tem aqueas fôrma cumprida né?... dessa largura assim... ali... bota o doce ali né?... até inchê inchima... ago[r]a cobre de barro pur cima... ago[r]a pur baixo... ês põe uma... ispé[cie] dum cocho pur baxo né?... e no fundo da... da forma... tem aqueles buraco... ago[r]a ês infia aqueas paia no mei/no fundo... de manera que... a maldade da / da... do açúcar do doce... desce tudo ali... vai pingando ali... fica preto/sai um mel da cor disso aqui ó... preto... e o açúcar fica da cor disso aqui ó.[...] o gosto dele é muito diferente... esses novo num cunhece mais não... essas fazenda tudo... Quebra Canoa... da **Onça** tudo fazia essas coisa... aqui fazia muito no tempo de Sô Zeca...”

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 6 – P. 195-196, L. 645-670)

➤ Documento escrito

Córrego do Onça [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 355)

(148) Topônimo: **OURO PRETO**

Taxonomia: *Litotopônimo*

MUNICÍPIO: Ouro Preto

ACIDENTE: humano, físico / cidade, serra

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [Ssing + ADJ_{sing}]

HISTÓRICO: Ouro Preto < Imperial Cidade de Ouro Preto < Villa Rica

Litotopônimo < Politopônimo < Politopônimo

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“ouro – sm. ‘metal precioso, amarelo, denso, muito apreciado pelas suas propriedades específicas e por sua raridade’ ‘riqueza’.” “preto – adj. Negro. Do lat. *prettus”.(CUNHA,; 1987)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“as tropa fazia / levava trem para **Ouro Preto**... tudo naqueles tropero... tinha uns rancho pra ês arranchá né?”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 6 – P.42, L.272-274)

“A fazenda tinha tudo. A única coisa que comprava nos Caldeirões era sal e querosene...duas coisas que comprava. Eles mandava os burro pra **Ouro Preto**... Era tudo na/ na/ nas cangalha, comé que chama? Nas tropas, né? Então ia a produção lá pra **Ouro Preto**, vendia os produto da fazenda que eles plantava / eles tinham engenho, fazia cachaça, tinha açúcar, né? E plantava café, arroz, feijão, milho. Então o co/ o comércio era feito com **Ouro Preto**.”

Mandava queijo, fazia um queijo, levava. Ia tudo no/no/ lombo do burro. E trazia sal e querosene.”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 14 – P. 92, L. 96-101)

➤ **Documento escrito**

“Aos vinte dias do mez de junho de mil setecentos e oitenta e dois anos na Capella de Santa Quitéria da Boa Vista, filial desta matriz de Nossa Senhora do Pillar de Villa Rica o Rdo. Capelão Manoel Luiz de Almeida baptizou e pos os Santos Oleos a Manoel Innocente, filho legitimo de Jeronimo José Pereira e de Maria Vivência do Sacramento.”(Livro de Batismos de Villa Rica, apud TRINDADE, 1955:28)

“Aos dezenove de outubro de mil oitocentos e vinte e quatro nesta Igreja Matriz de N. S. do Pilar desta Imperial Cidade de Ouro Preto o Rdo. Coadjutor João moreira digo Baptizei e puz os Santos oleos a Pedro inocente Filho legitimo...”(Cúria de Mariana, auto n.2991, apud TRINDADE,1955:55)

“Escalonada ao longo da montanha, com numerosas construções, os 15 ou 20 campanários que surgem em meio às casas, essa cidade tem personalidade e guardou ainda os vestígios de sua antiga opulência. Mesmo suas velhas tradições sobreviveram. Espantado que eu estava com tão grande quantidade de igrejas para tão poucos habitantes, fiquei sabendo que cada uma delas pertence a uma congregação de fiéis, que aí mantém seu próprio padre e subvenciona as despesas do culto. Embora bem pobres, agora que a cidade está quase despovoada, essas congregações se mantiveram e formaram sociedades distintas. Morre uma pessoa? Ela é enterrada às expensas da comunidade a que pertenceu, e todos os que dela fazem parte lhe prestam as últimas homenagens. No entanto, o Estado subvenciona atualmente dois padres, mas cuja igreja é pouco freqüentada, asseguram-me. Atravessamos o ribeirão do Carmo, que deixamos à nossa direita, abandonando assim os contrafortes do Itacolomi para seguir, a meia encosta, a vertente da montanha de Ouro Preto, deixando a cidade atrás de nós.” (COURCY, 1997:73)

(149) Topônimo: **OUROS**

Taxonomia: **Litotopônimo**

MUNICÍPIO: Acaiaca

ACIDENTE: humano / conjunto de pequenas propriedades rurais

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Spl]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MACHADO (1984) aponta *Ouros* “como topônimo em Cartaxo. Plural do substantivo masculino Ouro.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“O Ouros... {O Ouros é uma grotinha... tem uma capelinha... É um lugar antigo que tem em Ouros há muitos anos... já... A vida toda que eu cunheço [...] num parece nem minerado...”

num tem nem sinal... esse nome pode tê outra orige[m] viu? É... Ouros foi um lugar até foi famoso uma época ali... tinha um pessoal que fazia um trabalho artesanal muito bem feito..."
(Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – P. 74, L. 220-232)

➤ **Documento escrito**

Ouros [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 357)

(150) Topônimo: **PACHECO**

Taxonomia: **Antropotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano, físico / habitações isoladas no meio rural, córrego

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Pacheco < Alto do Pacheco

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Pacheco é um antropônimo português que MACHADO (1984) explica ser topônimo em Alcochete (*Alto do Pacheco*), “referência a pessoas dessas localidades com o apelido *Pacheco*.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Pesq.: *Esse córrego que passa aqui como que chama?*”

Inf. 1: *Córrego Pacheco*

Pesq.: *do Pacheco?... ahn... tá*

Inf. 1: *Nós fizemo divisa com o córrego que vem lá do Pacheco.*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 4 – P. 30, L. 351-354)

“Ah já matei muita cobra[...] teve uma ocasião... eu tava... tirano uma lenha aqui na virada do Pacheco aqui ó... veio um fogo lá do lado do Quebra Canoa quemô a... o terreno dos vizinho que viero pa cá quemô tudo... intão... [...] ficô uma moita lá que o fogo num quemô[...] intão falei ó vô pruveitá essa sombra vô sentá nessa sombra aqui... e na hora que fui sentá minina eu vi um... eu vi um chero... isquisit... parecia que é... um chero dum queijo podre um leite podre... falei ‘que que é isso aqui? (...) quando eu vô oiá minina... tinha uma rudinha assim de... jeracoçu... eu ía sentá em cima dele quase...”

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 6 – P. 193, L. 498-512)

➤ **Documento escrito**

Alto do Pacheco [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 357)

Pacheco (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000, 1979)

(151) Topônimo: **PAIOL**

Taxonomia: **Sociotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano, físico / povoado, córrego

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo MACHADO (1984) *Paio* é topônimo encontrado em Portugal nos seguintes lugares: “Alenquer, Castelo de Vide, Lisboa (pátio, beco, largo), Meda, Porto (rua)” e, também, encontrado na ilha da Madeira. É considerado um apelido antigo. “Está relacionado com o antropônimo masculino ‘Palaiol’ e os topônimos ‘Palagiolo’ e ‘Palayol’.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Paio* é na minha mediação... o *Paio* do Cunha[...] Agora lugá é como eu tô dizeno procê... cê tem vários... tem Rumero tem Cunha tem *Paio*.”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 5 – P. 37, L. 312, 327-328)

➤ **Documento escrito**

Córrego Paio (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1976)

(152) Topônimo: **PAPA-GALINHA**

Taxonomia: Antropotopônimo

MUNICÍPIO: Acaiaca

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [V + Ssing] (alcunha)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MACHADO (1984) diz que em Portugal é comum encontrar, como elemento de composição, a “derivação regressiva do verbo ‘papar’ presente em topônimos resultantes de alcunha” e cita: “‘Papa Cabedais’ (Loulé), ‘Papa-Leitinho’ (Mértola), ‘Papa-Nabos’ (Évora), ‘Papa-Regueiro’ (Óbidos), ‘Papa-Solas’ (Vila Viçosa), ‘Papa-Toucinho’ (Estremoz), ‘Papa-Tremoços’ (idem).” De acordo com o autor, “o verbo ‘papar’ é sinônimo de ‘comer’, porém, quando ele faz parte da linguagem infantil, o presente elemento regressivo se usa quase sempre com valor depreciativo.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Pesq.: *Esse Papa-Galinha é/ é curioso o nome, né?*”

Inf.: {É... Esse aí eu me lembrei... aí segundo o velho Badim... lá... é casa de padre... né? Como geralmente os padres gostam muito de / de carne de galinha... aí todo mundo que passava na fazenda dos avós dele e ele era netinho... ouvia o avô dele... o Camilo Isac... perguntando às pessoas: 'cê já vai lá nos **papa-galinha**, né?' Quer dizer... na casa dos padres ((risos)) E aí deve sê por isso que o nome pegô / o lugar hoje chama **Papa-Galinha**..." (Cf. Anexo 1 – Entrevista 17 – P. 112, L. 213-221)

➤ **Documento escrito**

Papa-Galinha [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 354)

(153) Topônimo: **PARACATU**

Taxonomia: **Hidrotopônimo**

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: indígena [tupi] (cf. SILVEIRA BUENO, 1998)

HISTÓRICO: Paracatu ~ Paracatu de Cima ~ Paracatu de Baixo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo SILVEIRA BUENO (1998) *Paracatu* significa rio bom (*Pará* 'rio', *catú* 'bom')

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

"O Carmo nasce lá em Oro Preto [...] Gualacho nasce lá po lado da... **Paracatu**[...] e vem desse lado aí[...] vem de cá da... do Gestera."

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 2 – P. 150, L. 761-773)

"Ah... tem um lugar perto du Barreto qui chama **Paracatu** [...] povo bravo lá[...] [V]Ocê iscreve uma / qualche[r] lá dá festa lá tem briga... u povo lá é/é bravo mesmo..."

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 7 – P. 51, L. 342-348)

➤ **Documento escrito**

Paracatu de Cima, Paracatu de Baixo (Carta de Mariana, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1986)

(154) Topônimo: **PASCOAL LOPE ~ PASCALOPE
~ PASCOAL LOPES**

Taxonomia: **Antropotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: físico / campo

ORIGEM: portuguesa (cf. "informações enciclopédicas")

HISTÓRICO: Pascoal Lopes < Pascoal Lopes Braga

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + S_{sing}] (prenome + apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

TRINDADE (1927: 25) aponta como os primeiros povoadores de Barra Longa “Antonio Pires Romeiro, Dr. Guilherme Nunes e Paschoal Lopes Braga estabelecerão-se no sítio hoje do Romeiro e nas suas circunvizinhanças.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Pascalope? Já trabaiei lá muitos anos lá, que nem lugá de trabaiaí aqui num tem lugá nenhum que eu num cunheço não.”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 3 – P. 23, L. 183-186)

“Pesq.: O senhor conhece um lugar lá em cima que chama Pascoal Lopes?”

Inf.: Pascoal Lope?

Pesq.: é

Inf.: a esse eu cunheço muito uai

Pesq.: conhece?

Inf.: cunheço uai... Pascoal é divisão lá com o terreno de sô Hélio né? ((risos))

Pesq.: Quem quem morava lá?

Inf.: a acho que quando eles desde que cunheço lá num... a eu vejo lá é campo né?... é tal Pascoal Lope né?... morava ninguém.”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 2 – P. 17-18, L. 282-290)

“Pesq.: Pascoal Lopes já teve gente morando lá que vocês lembrem?”

Inf. 1: Gente morando não, plantavam lá

Inf. 2: Pra cima um pouco morou o Agenor né Eduardo? O Agenor, aquele branco, lembra dele?

Inf. 1: Num é no caminho de Muçum cá não?

Inf. 2: Pois é daí pra baixo é Pascoal Lopes, né?

Inf. 1: Pascoal Lopes é pra aquela grota que entra ali, chega lá no Souza né, ali embaixo, do lado do córrego, sobe ali. Agenor ficava onde é que morou também aquele homem o Moreira, cê lembra? Do outro lado do Crasto.

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – P. 81, L. 334-347)

➤ **Documento escrito**

“Faço saber aos que esta m^a carta de Cesmaria virem q. tendo respeito a me representar Ant^o Pires Romeiro morador na freg^a de Sam Jozé termo da Cidade Marianna Comarca de V^a Rica q' elle sup^a tinha terras devolutas em hum córrego q. desagoava no citio que houvera a sy por titulo de compra q' fizera a Jozé de Mattos no qual tinha posses antigas as quaes partirão pella parte do nascente com terras da Cesmaria do Domingos Guilherme Nunes, e pella do poente com a de Paschoal Lopes Braga[...] Dada na Cidade do São Sebastião do R^o de Janr^o Anno do Nascimento de N. Snr. Jezuz Christo de mil e sette centos e quarenta e sette.”

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 246, L. 1-5, 34-35)

(155) Topônimo: **PASSAGE ~PASSAGEM**
~ **PASSAGE DE MARIANA**

Taxonomia: Hodotopônimo

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / distrito

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Passagem ~ Morro da Passagem

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Passagem de Mariana – Distrito de Passagem, município de Mariana, suprimido por lei nº 116 de 9-III-1839. Distrito Policial elevado a distrito de paz por decreto nº 155 de 26-VII-1890. Nome atual por decreto-lei nº 148 de 17-XII-1938.” (COSTA, 1997:325)

MACHADO (1984) apresenta “Passagem” como um topônimo freqüente em Portugal e no Brasil.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Pesq.: *E Passagem de Mariana?*

Inf.: *Lá tem aquela mina de Passage... né?*

Pesq.: *E a senhora sabe o porquê do nome?*

Inf.: *Eu acho que... isso sou eu que penso... não sei... que / que era uma passagem pra/ pr'ocê chegá de Ouro Preto pra Mariana... lá tem um rio... num sei se ocê já passô ali pela Passagem... Tem um rio...tem uma ponte[...] e ali tinha uma / uma passagem de / pro pessoal pas/ atravessá... antes de fazê a ponte... [En] tão eles falavam a passagem... a Passage de Mariana.”*

(Cf. Anexo 1 - Entrevista 15 – P. 101-102, L.268-277)

➤ **Documento escrito**

“*Modo e estilo de minerar que se tem observado nos morros da Passagem e de Santana, da Cidade de [Mariana]: Neste se observou no princípio que se descobriu o da Passagem, como era uma só formação, e esta geral, darem-se os buracos de quarenta palmos de distância uns dos outros, ficando cada um com vinte palmos em roda para todos os lados, com o domínio nesta distância, tanto em cima como debaixo da terra, na formação, que em tendo cada um lavrado os ditos vinte palmos não poder entrar ao que pertencer aos outros dos lados, ainda que veja o ouro com grande conta. E sobre estas divisões havia muitas contendias, pedindo debulhos uns aos outros.*” (Modo e estilo de minerar nos morros de Vila Rica e de Mariana. Anônimo, Vila Rica; ca.1750, apud *Códice Costa Matoso*, 1999:766).

(156) Topônimo: **PAU-D'ALHO**

Taxonomia: **Fitotopônimo**

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa [brasileirismo] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [Ssing + {Prep + Ssing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Pau-D’alho**. Guararema, planta mal-cheirosa”(MARTINS, 2001: 376)
MACHADO (1984) apresenta *Pau d’Alho* como “topônimo no Brasil, em Pernambuco. Do substantivo masculino pau d’alho, caracterizada pelo cheiro de alho que liberta.”
Segundo HOUAISS (2001), *pau d’alho* é uma árvore de até 40 metros, nativa do Brasil e do Peru, cuja madeira exala “forte cheiro aliáceo; burarema, gorazema, guararema, guarema, gurarema, ibirarema, pau-d’alho-verdadeiro, pau-de-alho, pau-de-mau-cheiro, pau-fedorento, ubirarema.”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“*A viúva é do Joaquim Pau-D’alho lá em cima. Pau-D’alho tem um pau que chama Pau-D’alho, tem cheiro de alho quando corta ele.*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 20 – P. 128, L. 123-124)

➤ Documento escrito

Pau d’Alho (Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 356)

Fazenda Pau-d’Alho (Carta de Barra Longa – MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1976)

(157) Topônimo: **PAULO MOREIRA**

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Alvinópolis

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: Paulo Moreira < Nossa Senhora do Rosário de Paulo Moreira

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [Ssing + Ssing] (prenome + apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Cidade Mariana (...) compõe-se das freguesias e distritos seguintes: freguesia e distrito de Paulo Moreira.”(SILVA, 1997:82)

“Paulo Moreira (N. S. do Rosario de) – Topônimo alusivo à padroeira e ao fundador do povoado.” (COSTA, 1997:329)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“*Tem um Paulo Morera... pertence já a Alvinópolis lá...*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 7 – P. 52, L. 382-384)

➤ Documento escrito

Paulo Moreira [Provincia de Minas Geraes. Segundo o projeto de nova divisão do Império pelo Deputado CRUZ MACHADO e mandada lithographar pelo Ilm^o Exm^o Sñr Conselheiro JOÃO ALFREDO CORREIA DE OLIVEIRA, MINISTRO DO IMPÉRIO, e desenhada por José Ribeiro da Fonseca Silvares – 1873, apud *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província*, 2002].

(158) Topônimo: **PEDRAS ~ FAZENDA DAS PEDRAS**

Taxonomia: *Litotopônimo*

MUNICÍPIO: Acaiaca

ACIDENTE: humano, físico / fazenda, córrego

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Pedras ~ Corgo das Pedras

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Spl]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo MACHADO(1984), “**Pedras** é topônimo freqüente em Portugal e na Galiza”.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Fazenda das Pedras é muito antiga a Fazenda das Pedras... Cândida... Pertim do Daniel... Perto do Daniel... perto do Santo Antônio... perto de Mariana...*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – P. 74, L. 184-185)

“*Fazenda das Pedras é em Furquim. [...] Olha aqui... um irmão... uma irmã do Geraldo Neme... a Elza morou lá na nas Pedras... é perto de Furquim*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 8 – P. 57, L. 257, 261-263)

➤ **Documento escrito**

“*[...] Faço saber aos que esta minha carta de cesmaria virem que tendo respeito a me representar por sua petição Sargento mor Gabriel Fernandes Aleixo morador no Pinheiro termo da cidade Mariana que elle tinha varias posses nos matos geraes do caminho novo que fizera do dito Pinheiro para a guarapiranga abaixo nos **corgos** chamados da caxoeira, e nos das **pedras** [...] Dada nesta cidade de Lisboa aos dez dias do mez de Setembro de 1750.*”

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 265-266, L.7-11)

Pedras [Mapa do município de Barra Longa, MG -1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 354)

(159) Topônimo: **PEDRO BICHIM ~ BICHINHO**

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + S_{sing}] (prenome + alcunha)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Pedro – “Do latim *Petrus*”(MANSUR GUÉRIOS, 1994)

Bicho – “Do latim vulgar *bestius*, de *bestia* ‘animal’”(CUNHA, 1987)

Bicho – “[...] 3- pessoa intratável, grosseira; 4- indivíduo que sabe, sabedor (HOLANDA FERREIRA, 1987)

“Muito propensos a pôr alcunhas são os portugueses, e isto já de longa data, como nos revelam os documentos medievais.”(NUNES, 1969:206)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Pesq.: *E a Fazenda Pedro Bichinho, o senhor já ouviu falar?*

Inf.: *É lá em Águas Claras*

Pesq.: *Por que tem esse nome Pedro Bichinho?*

Inf.: *Eu fiquei conhecendo ele[...] é porque ninguém dava manta nele, numa berganha ele é bicho puro, todo mundo levava manta dele, porque tinha medo de mexer com ele. Aí eu sei da procedência, ele era famoso, ninguém dava manta nele. Ele montava numa mula aí, tascava ela na espora, fazia ela marchar de qualquer maneira e passava ela pra frente, aí a mula voltava novamente a num fazer vantagem né, mas ele num concordava em desfazer do negócio, por isso ele tinha o apelido de Bicho né ((risos)) Pedro Bichim. [...] Ele era respeitado, esse apelido de Bichinho é que ele era respeitado, berganhista, só vivia dando manta nos outros. Animal podia comer a gente vivo que ele ria, mas na verdade ele sabia negociá, ele aplicava os meio que ninguém ganhava dele não, ele berganhava, saía mantiado mesmo.”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P. 69, L. 488-506)

➤ Documento escrito

Fazenda Pedro Bichinho – Carta de Barra Longa – MG (Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000, 1976)

(160) Topônimo: **PEXE ~ RIBERÃO DO PEXE**

Taxonomia: **Zootopônimo**

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: físico / ribeirão

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

HISTÓRICO: Peixe < Rio do Peixe

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MACHADO (1984) aponta o topônimo *Peixe* como sendo freqüente em Portugal e no Brasil.

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“*Tem Sem Peixe e Riberão do Peixe... Ali é Sem Peixe... perto de Dom Silvério... o Peixe é mais pra baixo... no Carmo*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – P. 74, L. 205-206)

➤ **Documento escrito**

“José Antonio Freire de Andrada Tenente coronel da Cavallaria com o governo desta Capitania das Minas Geraes etc.-Faço saber aos que esta minha Carta de Cesmária virem que tendo respeito a me representar por sua petição Francisco Alz. ' De Mello morador na freguezia de S. José da Barra Longa termo da Cidade de Marianna que por não ter o Suplicante terras proprias em que se podesse citar e tractar de sua cultura por ser o meyo de que vivia, há hum anno, ou tempo que na verdade fosse entrara para os mattos geraes do **Rio do Peixe** e achando aquella paragem toda em matos virgens e maninhos, e de nenhuá pessoa possuidos lançara suas posses, huma, na barra de hum Corrego pequeno que dezagoa em outro mayor, que faz barra no **Rio do Peixe**, e outra na cabeceyra do mesmo corrego pequeno outra barra de hum Correguinho seco, e mais abayxo em pequena distancia, mas todas perto huás das outras; pedindo em fim e concluzão de sua petição lhe fizesse merce conceder as ditas terras e posses por Cesmária [...] Dada em Villa Rica de Nossa Senhora do Pillar do ouro preto a vinte e hú de Fevereyro Anno do Nascimento de N. Snr. Jezuz Christo de mil sette centos cincoenta e tres. O Secretario José Cardoso Peleja a fez escrever.-José Antonio Freire de Andrada.” (Revista do Arquivo Público Mineiro – XX, 1924:622-623)

(161) Topônimo: **PIDRINHAS ~ PIDRINHA**

Taxonomia: *Litotônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Spl]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Pedrinha** é topônimo em Almodóvar, Braga, Feira, Melgaço, Oeiras, Povia de Varzim, Santo Tirso. **Pedrinhas** é topônimo em Amarante, Odemira, Oliveira de Azeméis. Na Galiza, **Pedriñas**: Corunha, Pontevedra.” (MACHADO: 1984)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Fazenda das Pedras é antiquera mesmo... Tem das Pedras e das **Pidrinhas**, né? **Pidrinhas** é quem baixo, né? **Pidrinha** é cá... né? lá é Pedra”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – P. 83, L. 416-421)

➤ **Documento escrito**

Pedrinhas [Mapa do município de Barra Longa – MG, 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 355)

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Pimenta < João Francisco Pimenta

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo MANSUR GUÉRIOS (1994), “*Pimenta* é sobrenome português: 1º) primitiva alcunha: ‘pessoa colérica’. 2º) topônimo”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Pimenta também ês contava muito/antigamente... diz que quando vinha um enterro de lá todo mundo tinha medo porque os... os carregadô que vinha... às vezes... encontrava com a gente... fazia a gente carregá o difunto também... sa[be]?... outra hora o difunto tava pesado... ês punha o... caxão no chão... dava uma... uma coça no caxão ((risos))... diz que era prá ficá leve [...] xingava o difunto né? Ah cê tá chano que a gente vai carregá ocê com esse peso?... dava nele uma coça ((risos))”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 6 – P. 44, L. 362-376)

“*Baú[...] acompanha o córrego que vem do Pimenta. Riberão do Pimenta que eles trata.*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 4 – P. 30, L. 378-386)

➤ **Documento escrito**

Pimenta (Carta de Alvinópolis, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1976)

“*Faço saber aos que esta minha Carta de Cessmaria virem que tendo respeyto a me representar por sua petição João Francisco Pimenta morador na Freguezia de S. José da Barra termo da Cidade de Marianna que elle se achava na posse e domínio de hua fazenda de Lavras, e rossa cita na paragem chamada quebra Canoas, e na mesma da outra banda do Ryo desagoava um Corgo pello meyo das Capoeyras da dita rossa[...] Dada em V^{ta} rica a dez de Janr^o Anno do Nascimento do N. Snr. Jesus Christo de mil e setecentos e quarenta e seis.*”

(Cf. Anexo 3 - Cartas de Sessmaria – P. 253, L. 1-5, 37-38)

(163) Topônimo: **PINHEIRINHO ~ RIO PINHEIRINHO** Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Diogo de Vasconcelos

ACIDENTE: humano, físico / fazenda, córrego

ORIGEM: portuguesa (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família em sua forma diminutiva)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

De acordo com MANSUR GUÉRIOS (1994), Pinheiro é um sobrenome português toponímico. O topônimo *Pinheirinho* ocorre próximo ao Pinheiro, podendo-se deduzir que constitui o emprego no diminutivo deste último.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Inf.: *Eu sei do **Pinheirinho** que vem lá da região de Diogo de Vasconcelos passa pela Fazenda das Taboas e diságua no Gualacho pouco antes da Fazenda dos Caldeirões. [...] Diz que tem um lugar lá pra diante... lá na origem que chama **Pinheirinho**... Num sei se é essa a orige[m]*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 8 – P. 56, L. 225-230)

“...*Purque na Jacuba tem a/a/o encontro do **rio Pinheirinho** com o Gualacho... sabe? Eles vão fazê a represa numa corredera que tem [...] aproveitando a água do **Pinheirinho**.*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 9 – P. 60, L. 58-61)

➤ **Documento escrito**

Pinheirinhos (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50 000; 1976)

(164) Topônimo: **PINHEIROS**

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Diogo de Vasconcelos

ACIDENTE: humano, físico / habitações isoladas no meio rural, ribeirão

ORIGEM: portuguesa (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: Pinheiros ~ Pinheiro < Marcelo Pinheiro

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Spl] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Marcelo **Pinheiro**, “sertanista dos primeiros descobridores de ouro nas Minas Gerais nos primórdios do século XVIII.” (FRANCO, 1953:300)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

*“Mainarti tá lá perto de Diogo/ de/de **Pinheiros** né? Perto de **Pinheiros**... sai ali na direção de **Pinheiros**... Mainarti.”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – P. 72, L. 96-100)

*“**Pinheiros**... tem um riachozim piqueno... um corguim... qui tem o mesmo nome...”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P. 61, L. 26-27)

➤ Documento escrito

*“[...] para se repartir o ribeirão do Carmo.[...] Repartido que foi o Ribeirão, como se não podia tirar ouro com facilidade, desertou a maior parte da gente para Ouro Preto e Antônio Dias e Padre Faria, porque nesse tempo ficou tudo deserto, e só junto donde é hoje a igreja estava um rancho e outros onde é hoje a de Antônio Dias. E logo se descobriu o ribeiro de Antonio Pereira Dias, filho de Parati, e o Brumado do Sumidouro, por João Pedroso, paulista; o que chamam o Rocha, por Amaro da Rocha, paulista; o **Pinheiro**, por **Marcelo Pinheiro**, paulista; este Itacolomi ou Gualaxo, por João de Melo, paulista; o ribeirão do Carmo, por João Lopes de Lima, paulista; São Bartolomeu, por Dionísio da Costa, de Santos[...].” (Notícias do descobrimento das minas de ouro e dos governos políticos nelas havidos. Anônimo; Minas Gerais; ca. 1750, apud *Códice Costa Matoso*, 1999:245)*

*“Faço saber aos que esta minha Carta de Sesmaria virem que havendo respeito ao que por sua petição me enviou a dizer Manoel Pegado que elle determinava acomodar huns escravos, que tinha em paragem, que tivesse terras capazes de lavrar mantimentos para o seu sustento e na estrada do Caminho novo que vem do Rio de Jan^o se achavão huas devolutas novas da lav^a até a chapada da vista do sitio do Guarda-mor general, e **ribr^o dos Pinheiros** que tem pouca distancia; e poque elle Suppte. as quer lograr de Sesmaria p^a as cultivar, e pagar dizimos, me pedia lhe fisesse merce mandar dar de Sesmaria as sobreditas terras no referido lugar da Caveyra até a chapada da vista do sitio do Guardamor Garcia Rolz' e Ribr^o dos **Pinheiros** fazendo pião a ditta estrada do rio de Janeiro de comprimento de hua legoa[...].Dada neste Arrayal do ribeirão do Carmo aos 6 dias do mez de Março de 1711.”(Revista do Arquivo Público Mineiro – II, 1897:267)*

*“Faço saber aos que esta minha carta de Sismaria virem, que tendo respeito a representar-me o Sargento mór Gabriel Fernandes Aleixo, que nos matos do **Pinheiro**, termo da vila do Carmo, se acham muitas terras por cultivar, e povoar, nas quais o Supplicante lançou já alguás posses, e comesou a fabricar Sitio, tendo para este effeito bastantes escravos, e caresendo de meia legoa de terras dos ditos mattos, da parte de cá, do Rio chamado Bacalhao, confrontando com o mesmo rio, na paragem aonde o Supplicante tem já as refferidas posses, entrando na dita meya legoa de terras as que já tem principiado a coltivar, me pedia lhe mandaçe passar carta de Sismaria, para conservação das ditas posses, e matos comprehendidos nellas, ao que atendendo, e por se o Supplicante um dos antigos povoadores destas minas, e estabellecidos nellas, com filhos, e netos[...].Dada em villa Rica a 18 de março de 1735”.*

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 257, L. 1-9, 29-30)

Pinheiros [Mapa da região do alto Rio Doce (Ribeirão do Carmo), Rio das Velhas e Rio Paraopeba] (Região da Zona da Mata, 20° – 21° 30'S) Diogo Soares. ca 1734/5, apud *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província*, 2002.

(165) Topônimo: **PIRANGA**

Taxonomia: **Zootopônimo**

MUNICÍPIO: Ponte Nova

ACIDENTE: físico / rio

ORIGEM: indígena [tupi] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Piranga** – peixe vermelho. De ‘pirá’, peixe, ‘piranga’, vermelho.” (SILVEIRA BUENO, 1998)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

Pesq.: *E o rio Piranga por que que tem esse nome, a senhora sabe?*

Inf.: *Esse Piranga num sei se é nome de peixe... ten[ho] a impressão que é nome de peixe... Num sei não [...] Eu sei que o nosso rio... o nosso Gualacho com Brumado... eles deságua no Piranga... sabe? Eles são afluentes do Piranga[...] O Gualacho deságua no Carmo... Ai perde o nome de Gualacho... Fica Riberão do Carmo... E dipois o Riberão do Carmo deságua no Piranga... lá perto de Barra Longa... né? E / ele encontra com o Gualacho do Norte e eles vão formá o Rio Doce... O rio Doce nasce ali... onde é Rio Doce... aquela cidade.”*

(Cf. Anexo 1 - Entrevista 15 - P. 100, L. 211-225)

➤ **Documento escrito**

‘Faço saber aos que esta minha carta de cesmaria virem que tendo respeito a me representar por sua p^a o Dr. Manoel Ribeiro de Carvalho cabeça de casal dos bens do coronel Mathias Barbosa da Sylva, e pela sua mulher D. Luisa de Souza e Olivr^a viúva delles que em rasão do mesmo coronel haver (há mais de desaceis ou dezoito annos sendo vivo) expedido a sua, custa humas bandeyras a descobrir o certão Rio abayxo povoara então a e cultivara hum citio chamado rio do peixe, que fazia barra no de Piranga[...] Dada em V^a rica de N. Sr^a do Pillar de Ouro preto a vinte e quatro de Julho Anno do Nascimento de N. Sr. Jezus de mil sete centos cicoenta e três.’

(Cf. Anexo 3 - Cartas de Sesmaria - P. 256)

(166) Topônimo: **PIRDIÇÃO**

Taxonomia: **Animotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Perdição < Ribeirão da Perdição

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Ato ou efeito de perder(-se) (*perdera todos os seus bens, mas não lamentava essa perdição*), situação de desgraça, de ruína, de fracasso [...]Etimologia latim medieval *perditio, onis* ‘perda, ruína’.” (HOUAISS, 2001)

“**Perdição** – Topônimo no Brasil: rio de Goiás. Do substantivo feminino ‘perdião’ assim chamado pelos bandeirantes de Bartolomeu Bueno Filho [cerca de 1720] por se considerarem já de todo fora do rumo de Goiás, quando procuravam o distrito do gentio ‘goiá’.” (MACHADO: 1984)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“*Pirdição é roça... é sítio... lugar piqueno... tudo é sítio... eu cunheço gente de lá... da redondeza aqui perto... cunhicí né? Agora Deus levô né?*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 18 – P. 118, L. 62-64)

“*A Pirdição é nos Ponciano... entra lá no... sai de divisa no terreno lá de casa... uma grota... divide lá com a Gupiara... lá é uma grota*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 19 – P. 122, L. 163-168)

“*Taboão é povoado... lá pa[ra] trás[...] Lá tem Pimenta... tem Dobra... tem Taboões... tem Pirdição...*”

(Cf. anexo 1 – Entrevista 7 – P. 52, L. 366-368)

➤ Documento escrito

“*Gomes Freyre de Andrada & S^a. Faço saber aos q.’ esta m^a carta de sesmaria virem q.’ tendo respeito em me representar Manoel Domingues Espinora, e seu socio Capm. Antonio Gonçaves Torres, q.’ elles erão senhores e possuidores portitulo de compra de hua rossa campos e matos citano braço do largo desagoano no **Ribeirão da Perdição** freguezia de S. José da Barra do termo da V^a do Carmo [...] Dada em V^a Rica a 8 do mez de junho Anno do nascimento de N. S. Jesus Christo de mil e sete centos e quarenta e quatro annos. O Secretario do governo Antonio de Souza Machado a fes escrever // Gomez Freyre de Andrada.*”

(Cf. Anexo 1 – Cartas de Sesmaria – P. 260, L. 1-5, 27-28)

(167) Topônimo: **PITEIRA ~PITEIRAS**

Taxonomia: **Fitotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: fisico / campo

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: Piteiras < Piteiras do Salazar

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo MACHADO (1984), “*Piteiras* é topônimo em Portugal, na Galiza, Orense. Do substantivo feminino *piteira*, nome de planta.”

Para HOLANDA FERREIRA (1987) “*Piteira*. [De *pita* + *eira*.] Grande erva rosulada da família das agaváceas (*Fourcroya gigantea*) de origem mexicana, mas já subespontânea no

Brasil, e cujas folhas, grossas, longas e aceradas, fonecem boas fibras.[Sinônimo: pita].
Pita.[Do quichua *pita* 'fio fino', pelo esp. Amer.] S.f. 1- Fio ou fios da folha da piteira.

CUNHA (1987) também classifica como um americanismo: "**Pita** s.f. 'fio ou fios da folha da piteira' 'piteira'/ pitta XVII / Do cast. Pita, deriv. do quíchua pita // **piteira** 1858."

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Inf.: A **Piteira** é o mesmo que sizal, aquele da Bahia? Lá tem o sizal né... dá muita corda e aqui nós temos a **Piteira**... parece demais... mesma coisa... Aquelas folhas pontudas assim... ela vai grossa... depois desponta fininha... até espinha a ponta dela... dá um pendão comprido... aquele pendão seca... fica macio... serve até pra bóia pra nadar... ele num afunda e o miolo dele... eles fazem um osso macio pra afiar as navalha deles

Pesq.: E a **Piteira** é natural daqui?

Inf.: A **Piteira** é... Aqui embaixo chama até **Piteira** por causa dessa planta que tinha muito aí num sabe? Agora ela tá acabando... só lá no fim é que tem dela... Lá no fim das **Piteira**...Então chama **Piteiras** aí por causa dessa **Piteira** qui dava aí”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 7 – P. 46-47, L. 43-58)

➤ Documento escrito

“Diz Antônio João Gomes e Abgail Conceição por sua procuradora Maria Dorothea que entre os mais bens que possuímos livre e desembaraçado de qualquer onus ou hypoteca legal; e bem assim de vinte e um litros de terra no logar denominado **Piteiras** no districto de Barra Longa da comarca de Ponte Nova, Estado de Minas Gerais; que houve por herança de meus pais já fallecidos Antonio Roberto da Silva, Jovelina Augusta da Silva cujas terras dividem confrontam por um lado com terras de Francisca Trindade Lanna e filhos; a partir da beira do rio por uma cava a um Jacaranda dahi pelo o espigão ate confrontar com terras de Manoel Marianno da Costa Lanna, José Lanna Junior, Francisca Trindade Lanna e filhos; dictas terras[...]. Para validade d’esta pedi a Senhora Martha do Carmo Lanna, escrevesse este que foi lido as partes e testemunhas no qual me assigno. Salazar 17 de Setembro de 1936.”

(Cf. Anexo 4 – Escrituras – P. 320)

“Diremos nós abaixo assignados Joaquim Polycarpo Ferreira e Emilia Marcinha de Paula Ferreira que entre os mais bens que possuímos livres e desembaraçados de qualquer onnus ou hypotheca legal e bem assim de dois alqueires de terra do logar denominado **Piteiras do Salazar** do Districto de Barra Longa da Commarca de Marianna estado de Minas Geraes, que havemos por compra de Marcolino Escolatico Dias, cujas terras dividem e confrontam por um lado com terras dos herdeiros da fazenda das Corvinas ditas terras vendemos, como com effeito vendidas temos, para todo o sempre dos Srs. Manuel Marianno da Costa Lanna, Venacio da Costa Lanna e José Lanna Filho pelo preço e quantia de 160\$000 (cento e sessenta mil reis) que recebemos, cedendo aos compradores todo o dominio, posse e acção que tínhamos no referido immovel e pela clausula constituinte se constituem possuidores em seus nomes, obrigando-se a fazer a venda boa po si e por seos herdeiros em qualquer tempo dando-lhes plena e geral quitação[...] Barra Longa, 4 de Setembro de 1918.”

(Cf. Anexo 4 – Escrituras – P. 321)

(168) Topônimo: **PONCIANO**

Taxonomia: **Antropotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MANSUR GUÉRIOS (1994) dá o vocábulo “**Ponciano** – derivado de Pôncio”. MACHADO (1984) vai mais além, dizendo ser usual o nome como apelido, acrescentando haver um santo do século III com este nome. “O apelido Ponciani”, diz ele, é de 959.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Ponciano é sobrenome porque aquele minino é Antônio Ponciano... é nome dali... du pessoal... dono antigo de lá”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 7 – P. 51, L. 338-340)

➤ **Documento escrito**

Fazenda dos Poncianos (Carta de Barra Longa, Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia, CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000, 1976)

(169) Topônimo: **PORTO ALEGRE**

Taxonomia: **Geomorfotopônimo**

MUNICÍPIO: Rio Doce

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [Ssing + ADJ_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Porto** – ‘do latim *portus,us*, sentido inicial passagem’[...] ‘trecho de mar, rio ou lago, próximo à terra, que tem profundidade suficiente e é protegido por baía ou enseada, onde as embarcações podem fundear e ter acesso fácil à margem” (HOUAISS: 2001)

“**Porto** – Topônimo [...] freqüente em Portugal e na Galiza...” (MACHADO: 1984)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

*“Esse rio nosso num era muito de batê o porto não... eu num sei se lá tem algum lugar aberto que dava porto... pur lá... Eles falavam que quando dava **porto** podia passar a pé”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – P. 81, L. 294-296)

*“Tem **Porto Alegre** também... Era antigamente de Sô Afonso [...] ta mais perto de Rio Doce que de Barra Longa...”*

➤ **Documento escrito**

“Fazenda Porto Alegre, 30 de Julho de 1953” (Cf. Anexo 5 – Correspondências – P.343)

Fazenda Porto Alegre [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 358)

(170) Topônimo: *PRATA ~ CORGO DA PRATA*

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Acaiaca

ACIDENTE: humano, físico / habitações isoladas no meio rural, córrego

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo MACHADO (1984), *Prata* é “apelido, talvez aplicado inicialmente a quem trabalhava com prata.” Segundo o autor, *Prata* é topônimo em “Alenquer, Castro Daire, Chamusca, Évora, Lisboa, Montemor-o-Novo, Seixal. No Brasil, em Minas Gerais, Paraíba, Piauí. Em Macau, canal entre as ilhas S. João e da Montanha.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Ele é dum lugar chamado *Prata*... perto do *Vieira*... município de *Acaiaca*.”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 17 – P.115, L.369)

“*Corgo da Prata*... esse vai... deságua aqui embaixo no *Crasto*[...] deve sê sobrenome... aqui nunca teve *prata*...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – P. 77, L. 92-100)

➤ **Documento escrito**

Prata [Mapa do município de Barra Longa – MG, 1939)

(cf. Anexo 6 – Mapas – P. 357)

(171)Topônimo: *QUEBRA CANOA*

Taxonomia: *Geomorfotopônimo*

MUNICÍPIO: Ponte Nova

ACIDENTE: humano, físico / fazenda, ribeirão

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [V + Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“A Ermida do *Quebra* foi feita de 1789 a 1808 pelos proprietários da fazenda, os padres, irmãos, José, João, e Joaquim Ferreira de Souza” (TRINDADE, 1917:28)

“*Canoa* [Do aruaque, atr. do esp. ‘canoa’] [...] 7.Bras. BA. Conduto aberto e inclinado nos trabalhos da mineração do ouro.” (HOLANDA FERREIRA, 1987)

“CONCENTRAÇÃO DAS AREIAS E TERRAS AURÍFERAS - Os mineradores faziam a concentração ou o enriquecimento das areias e terras auríferas, submetendo-as à ação de uma forte corrente de água nos lavadouros manuais, designados como *canoas* e *bolinetes*, e retendo as parcelas pesadas, arrastadas pela água, em mesas com telas fixas situadas após cada lavadouro. A *canoa* era um lavadouro mais primitivo que o *bolinete*, mas, em compensação, de instalação mais simples, como podemos constatar, estudando sucessivamente esses dois sistemas de lavação. A *canoa* consistia em um fosso pouco profundo, feito na terra, no lugar onde se queria proceder à lavação das areias [...].

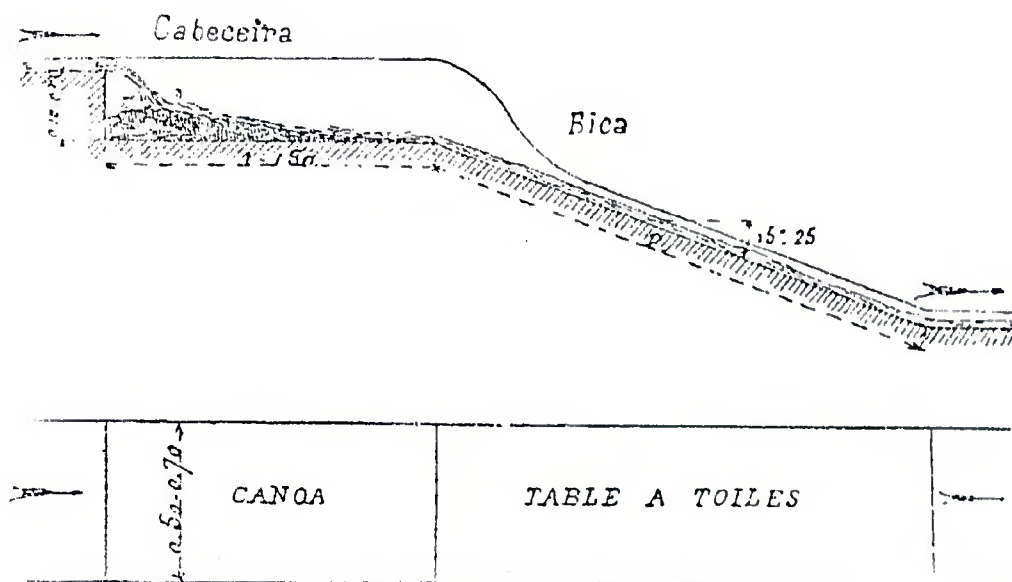


Fig. 7: Corte e plano de uma canoa (FERRAND, 1998: 118)

Legenda: Cabeceira, Bica, Canoa, Mesa de telas

Para que as paredes do fosso se sustentassem, punha-se, em geral, a canoa sobre um solo argiloso; em caso contrário, eram consolidadas com argila e torrões de capim. Um negro podia preparar uma canoa e sua bica em duas horas. [...]

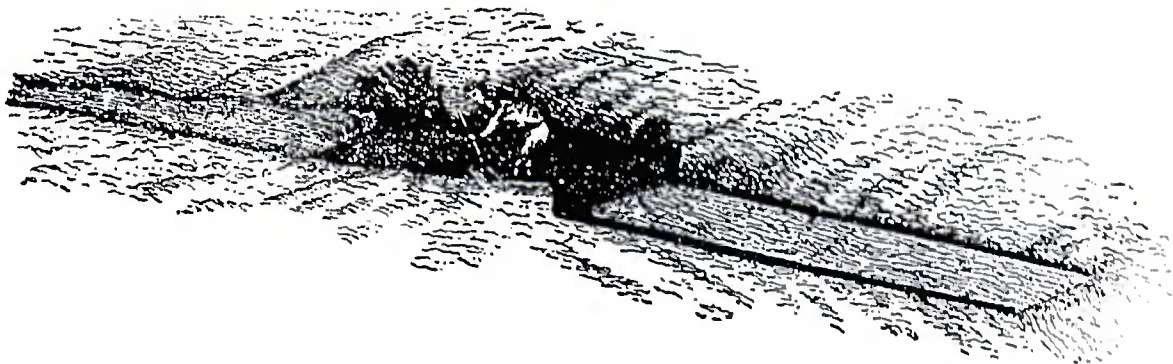


Fig. 8: Vista de uma canoa (reprodução de um desenho de Von Eschwege)
(Apud FERRAND, 1998:119)

Comumente estabeleciam suas canoas à beira de um rio do qual desviavam uma parte da água, com vista à lavação. As dimensões da canoa e a inclinação das mesas variavam segundo a quantidade e a natureza do material a tratar. Quando o ouro corria com granulação fina, o que aumentava as dificuldades de retenção, montavam-se várias canoas, dispostas em cascata umas sobre as outras[...].” (FERRAND, 1998: 118-121)

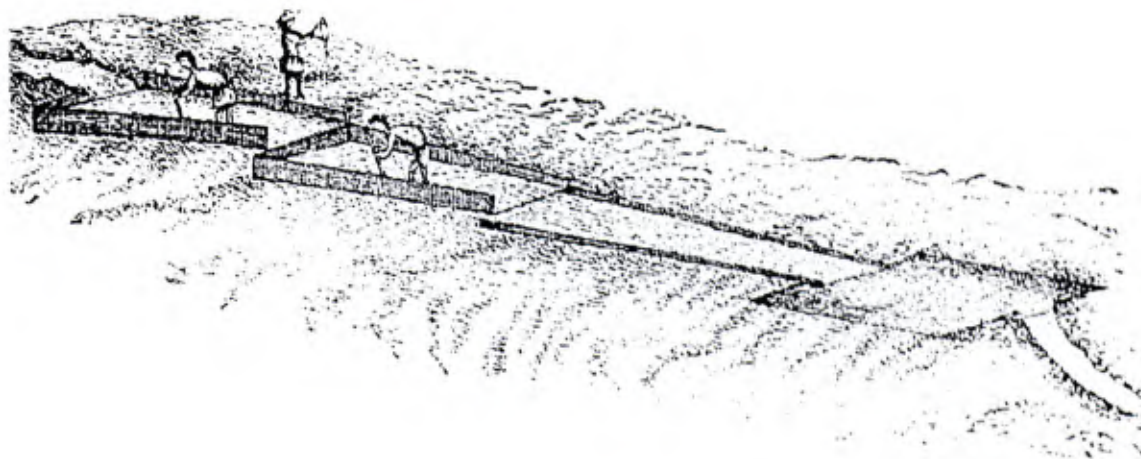


Fig. 9: Canoas superpostas (reprodução de um desenho de von Eschwege)
(Apud FERRAND, 1998: 121)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

Pesq.: *E por que que chama Quebra-Canoa, vocês sabem?*

Inf. 2: *Num sei*

Pesq.: *O senhor sabe por que chama Quebra-Canoa?*

Inf. 1: *Eu li naquele livro que os índios pegavam a canoa e desciam aquele córrego e as canoas quebravam né? Seria muito forte né?*

Pesq.: *Mas o córrego lá dá pra colocar canoa?*

Inf. 1: *O córrego lá num é navegável não, nem pra canoa, né Zé?*

Inf. 2: *Muito pouca água pra navegar com canoa*

Inf. 1: *Mas eu já vi isso, no livro fala isso, viu? Quebrava canoa lá. Diz que deságua no Rio Carmo, o Rio Carmo é cá embaixo, muito distante”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 20 – P. 128, L. 112-121)

“...todo nome tem um purquê[...]. É... ficô o nome... como tem aqui a fazend[da] do Quebra-Canoa... que num tem nada a vê com canoa porque lá é uma fazenda com poca água cumê que anda de canoa lá? Quebra canoa né?

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 7 – P. 209, L. 249-251)

“Quebra-Canoa [por]que dois vizim morava na bera do rio... e um dês tinha uma canoa... intão sartava gente pra lá e pra cá... o rio naquela época tinha MUItto mais água, era o dobro da água, esse rio Carmo. É... na bera do rio Carmo... tinha muito mais água... aque[a] época... chuvia mais... tinha mais mato... intão o rio era mais caudaloso... e tinha um dos vizim que tinha... uma canoa que saltava gen[te] pum lado e pra outro. Aí ês brigô... o que num tinha canoa quebrô a canoa do otro, ma[s] quebrô e fi/ficô com medo... e foi... morá... ritirado... lá nas cabicera. É... intão... on/prá onde ê mudô tomô nome de Quebra-Canoa... ‘ondé que cê vai?’ ‘Vô lá no Quebra-Canoa.” [...] E o nome até hoje é Quebra-Canoa.[...] Isso é mUIto antigo... isso é coisa de... mais duzentos ano.”

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 3 – P. 154, L. 91-115)

➤ Documento escrito

*“Tratado de uma Carta de Liberdade que foi apresentada pelo Cidadão Joaquim Pedro Pereira da Silva, para ser lançada em Nottas, a qual é do theor seguinte: Concedo plena e inteira liberdade na parte que houver por compra a José Feliciano Gomes e sua mulher Dona Maria Clara Salazar da escrava de nome Sabrina a qual de hoje em diante gosará da dita liberdade sem onus algum na referida parte. **Quebra Canôas** vinte e dous de Janeiro de mil oito centos e setenta e quatro. José Leandro Ribeiro. Como testemunha Joaquim Pedro Ribeiro, como testemunha vai assignar Sebastião Geraldo Gomes. Segue-se o reconhecimento do theor seguinte: Reconheço ser verdadeiras as letras e assignaturas supras por pleno conhecimento que das mesmas tenho. Barra Longa quatro de abril de mil oito centos e setenta e quatro. Eu José Barreto da Trindade Escrivão do Juiz de Paz e tabellião de Notas deste Districto...”* (Livro de Notas do Escrivão de Paz da Freguezia de Barra Longa, fl.26, numerado e rubricado pelo presidente interino da Câmara da cidade de Mariana, Francisco Chagas Coimbra, em 4 de março de 1871. Cartório de Barra Longa, Minas Gerais)

*“Aos quatro de Maio de mil oito centos e vinte cinco na Irmida do SS. Sacramento do **Quebra Canoas** Baptizei solenemente e puz os Stos. Oleos a Anna Florencia, filha legitima do Cappm. Francisco Martins da Silva e D. Maria Joaquina de Souza e forão padrinhos o Capm. João Lourenço Dias e D. Tereza Maria de São Joseph e para constar mandei fazer este assento q. vai por mim somente assignado // O Vigrº Antonio Joze de Mello e Lima // Lº 4º de Bat. De Barra Longa, fls.81 verso //.”*(TRINDADE, 1955:107)

*“Faço saber aos que esta minha carta de cesmaria virem que tendo respeito a me repezentar por sua petição Garcia de Castro e Figueredo que elle supplicante havia lançado há annos huas posses em que fizera rossa nos mattos geraes de hum ribeirão chamado o **Quebra canoas**, os quaes dêsagoavão para o Ribeirão de Nossa Senhora do Monte do carmo, e partião as cabesceiras com as vertentes do Rio Guarapiranga termo da cidade Marianna, comarca de villa Rica do ouro preto [...] Dada em Villa Rica a dezoito de Março Anno do Nascimento de Nosso senhor Jezus Christo de mil setecentos quarenta e sete.”* (Revista do Arquivo Público Mineiro – XXIV –vol. II, 1933:813-816)

*"Faço saber aos que esta minha Carta de Cesmaria virem que tendo respeyto a me reprezentar por sua petição João Francisco Pimenta morador na Freguezia de S. José da Barra termo da Cidade de Mairnna que elle se achava na posse e domínio de hua fazenda de Lavras, e rossa cita na paragem chamada **quebra Canoas**[...] Dada em V^a Rica a dez de Jan^o Anno do nascimento de N. Snr. Jesus Christo de mil e setecentos e quarenta e seis."*

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P.253, L.1-4, 37-38)

(172) Topônimo: **QUILOMBO**

Taxonomia: **Sociotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: africana (cf. "informações enciclopédicas")

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

HISTÓRICO: Quilombo < *Kilómbo*

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MACHADO (1984) indica este termo como topônimo no Brasil, no estado de Santa Catarina e em Angola (*Quilombo dos Dembos, Quilombo-Quiá-Puto*). Segundo o autor é um substantivo masculino, com origem no quimbundo.

ASSIS JUNIOR (s.d) define **Kilómbo** como "arraial, lugar de reunião ou sanzala de trabalhadores."

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

"Eu fico incucado porque Acaiaca... um município de 101 quilômetro quadrado... tem dois Quilombos... tem dois lugar qui chama Quilombo... um pirtinho de Acaiaca ali... e outro mais... aqui mais na divisa com Barra Longa... E todos dois são uma grotta bem istratégica[...] No de cá num tem quase ninguém qui mora... né? no perto de Acaiaca... porque é terra de fazendero... né? Agora no outro lá não... só tem negro... No de divisa com Barra Longa... negro e excluído..."

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 17 – P. 115, L. 383-396)

➤ **Documento escrito**

"[...] tinha elle supplicante deitado hua posse no Córrego do Caythe chamado o Quilombo velho termo da Villa do Carmo, queria que na dita passagem se lhe concedesse meya legoa de terras em quadra[...]Dada em Villa Rica aos vinte de Dezembro de mil sette centos e trinta e seis..."

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 240, L.4-6, 33-34)

(173) Topônimo: **QUINDUMBA**

Taxonomia: **Antropotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano, físico / armazém, posto, sítio, ponte

ORIGEM: africana (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Quindumba < *Kindumba*

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (hipocorístico)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“*toucado, penteado em forma de leque usado pelas mulheres de Luanda, cabelo farto e bem cuidado, topete*”.(Dicionário Kimbundu-Português, A. de Assis Junior, Luanda. Edição de Argente, Santos & C^a.Ld^a., [s.d.]).

“Não vem fora de proposito algo dizermos sobre a contribuição de *nomes africanos* para o vocabulário geographico do nosso paiz, pois ella é realmente digna da attenção dos estudiosos. Só no território mineiro temos conseguido identificar os nomes locais da seguinte relação[...] *Quilombo, Quindúba...*”(SENNA,1926:207)

“**Quindumba** – Angola 1. penteado puxado para o alto 2.cabelo comprido e farto (HOUAISS, 2001)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

Inf.: *A história do Quindumba... é chegô um senhor aí com... uma muié... num sei se comprô ô se/ ô se requereu/porque ninguém era dono... intão fez uma/uma fazendinha ali... indo ali atrás da/naquela venda, entra assim... um poquinho pra trás lá... fizeram uma fazen/ uma fazenda... e... começô trabalhá... e mexendo com a roça e tar... tinha um impregado... e... um/um lote de boi... e tá trabaiano... trabaiano... mas as coisa num andava bem pra ele não, sabe? Ele sem dinheiro... num tava teno... jeito de tocá a fazenda... aí fez uma hiputeca...*

[...]

*Aí o homem hiputecô a fazenda e começô a trabaiaá com o dinheiro... mais aí ele foi sem sorte, num sei, dueceu... morreu... A hiputeca tava pra vencê ainda. Aí ficô a viúva do... ela foi e chamô um iscravo chamado **Quindumba** e falô: ô **Quindumba**... nós vamu/nóis temu que trabaiaá desse jeito... nós vamu fazê uma plantaçã mUito grande que é pra nós gurdá/coiê muito mantimento e guardá... nós vamu pagá a hiputeca não... nós vão tê que entregá a fazenda... aí nós guradamo as coisa pra nós cumê mais tempo... Ele foi iscutano e falou com ela assim: ah dona a hiputeca tá bem longe... eu vejo falá que na mata tem mUito sirviço prá/prá tropa de burro... se a sinhora dexá eu vô pra lá co essa tropa... Nesse prazo eu ganho esse dinheiro... Ah – ela falou – cê num consegue não... Ah, se a sinhora dexá... eu / vô tentá... eu consigo... Aí foi... Se ocê quisé i pode... aí já foi cum burro pr'essa mata abaxo aí... sumiu... nu:nca mais ela teve nutíca dele()Passano hoje... passano amanhã... nenhuma notícia... aí a hiputeca ia vencê amanhã... ela num tinha / num tinha notícia de nada... ficô muito preocupa:da... esperano... olhava pra estrada e num via nada()... quando foi lá: pelas dez hora ela pensou tem que entregá aqui... **Quindumba** não vai aparecê aqui... aquil' já morreu... aqueles burro tudo... já viu? Entrou no quarto e nem durmiu nada, sabe? Quando foi a mEia-noite ela teve aquel'surpresa... iscutô o cincerro que invinha bateno... [...]Ela levantô... oxente ma será que é ele?()Ela abriu a janela um puquinho asssim e gritô... ô **Quindumba**... cê meu fio?... sô eu patroa...cumé que foi?... tá no imbornal patroa – que o dinheiro todo... dinheiro dava pra pagá a hiputeca aind'sobrava um mucadim((risos))... é/ - falô num é posssive ((risos))... aí entrô pra dentro... durmiu um mucadim... quando foi lá pelas dez horas no outro dia o: o dono da hiputeca chegô... aí ês fizeram o pagamento né?... aí a muié falô / si... é ôi **Quindumba**... – a fazenda num chamava **Quindumba** não... – essa*

fazenda agora vai chamá **Quindumba** / porque ocê Qui... sarvô ela... Aí iscapô mais um tempo e sumiu tudo.

Até hoje Maria Cândida tem uns muro... hoje num ixiste nada lá não.

Pesq.: Que que tem lá hoje?

Inf.: Tem uns muro né / né (de pedra)... dentro da istrada aind'acha uns isteio de imbraína, aquês toco né?... de braína... [...] Deve ser curral deles antigo.[...]

Aí ficô **Quindumba**... por isso é que a ponte levô o nome de **Quindumba**... porque aí essa gente desapareceram... mas, eles, os antigo que ficaram por aí ficô sabeno... ali já tava chamando **Quindumba** né?... quando fizeram a ponte... deu o nome da ponte **Quindumba**... por caso do fa/ do / do iscravo lá né?... mais / mais a ponte... a ponte... já foi hum... essa ponte deve tê uns setenta e pocos anos... uns setent'... num tem nem oitenta...

Pesq.: E essa história?

Inf.: Ah, é antes da ponte. Ah deve tê... quais trezentos... foi logo quando discubriu aqui.

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 6 – P. 38-39, L. 35-89)

“e ês... pur iss[o] que tomô nome de Barra Longa... pu cau[as] daquele/daqueles incontro dos dois rio do Carmo e Gualacho[...] eles encontra lá naquela pon[te] do/do **Quindumba**.”

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 1 – P. 139, L. 69-74)

➤ Documento escrito: n/e

(174) Topônimo: **QUINTA ~ CÓRRIGO DAS QUINTA**
~ CÓRRIGO DAS QUINTAS

Taxonomia: Sociotopônimo

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / conjunto de pequenas propriedades rurais

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Quintas ~ Córrego das Quintas

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Quinta – 1. Propriedade rural com moradia; 2. Terreno próprio para agricultura; 3. Açores: Pomar de laranjeiras; 4. Trás-os-Montes: Conjunto de casas de diversos proprietários e pertencentes a uma freguesia. [...] ORIGEM latina *quintaña, ue* ‘pequeno mercado no acampamento’ [...] 1199 *quintáá*, 1220 *quintaa*, 1554-1583 *quinta*.” (HOUAISS: 2001)

“Quinta – topônimo freqüente em Portugal e na Galiza. Do substantivo feminino ‘quinta’, ‘terreno de sementeira’.” (MACHADO: 1984)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Eu já fui partera de uma filha, de um filho meu e de d'uma minina das **Quinta**... ah cê deve cunhecê essa gente aqui das **Quinta** [...] **Córrigo das Quintas** era uma **Quinta** aí ês chamava lá de **Córrigo das Quinta**. [...] Lá tinha um pomar muito grande... era uma **Quinta**... aí eles chamava lá de **Córrigo das Quinta**... Tem um corguim lá”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 4 – P. 25, L. 82-84; P. 30-31, L. 407-416)

➤ Documento escrito

Córrigo das Quintas [Mapa do município de Barra Longa – MG, 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 357)

(175) Topônimo: *QUINTINO*

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: espanhola (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (prenome)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“*Quintino*, do latim *Quintinus*, diminutivo de *Quintus*. Do espanhol *Quintin*.” (HOUAISS, 2001)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Quintino... entre Furquim e Mariana... já ouvi falá... num cunheço*”.

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 17 – P. 111, L. 117)

➤ **Documento escrito**

Quintino (Carta de Mariana, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1986).

(176) Topônimo: *RIBEIRÃO DO CARMO* (1)

Taxonomia: *Hierotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [Ssing + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

A denominação *Ribeirão do Carmo* designa, hoje, um arraial próximo à cidade de Mariana. Outrora, segundo BARBOSA (1971:403), “designava o arraial que se originou a vila de ribeirão do Carmo, atual cidade de Mariana.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Ribeirão do Carmo... lá em Mariana... todo distrito tem dois nome... então é tão difícil da gente saber qualé que era... o nome original... porque tem um nome e o povo chama por outro*”.

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 8 – P. 58, l. 308-309)

“Pesq.: *O avô do senhor veio de onde?*”

Inf.: *Meu avô era lá de Ribeirão do Carmo.*”

(Cf. Anexo 1 - Entrevista 2 - P. 13, L. 43-44)

“*Ribeirão do Carmo é povoado... num é tão bom como Monsenhor Horta não... Monsenhor Horta é mais sofisticado... Primeiro que vem de Mariana pra cá entra a esquerda... pega o Ribeirão do Carmo... depois desce Monsenhor Horta... desce Furquim... Tudo na beira do Rio Carmo... Essas propriedades todas vem berando.*”

(Cf. Anexo 1 - Entrevista 10 - P. 66, L. 326-335)

➤ **Documento escrito**

Estação Ribeirão do Carmo (Carta de Mariana, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL - ESC. 1:50.000, 1986)

(177) Topônimo: **RIBEIRÃO DO CARMO** (2)

Taxonomia: **Hierotopônimo**

MUNICÍPIO: Rio Doce

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

De acordo com MACHADO (1984), o vocábulo **Ribeirão** é topônimo comum não só no Brasil, como em Portugal nas localidades de “Loures (Casal do Ribeirão), Oleiros, Vila Nova de Famalicão, Ilha do Pico”. **Ribeirão do Carmo** é uma fazenda situada às margens do Rio Carmo, devendo o seu nome às águas do ribeirão que por lá passa.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Depois da Fazenda Porto Alegre vem a fazenda Ribeirão do Carmo... dos Pereira...*”

(Cf. Anexo 1 - Entrevista 12 - P. 76, L. 48-49)

➤ **Documento escrito**

Fazenda Ribeirão do Carmo (Carta de Ponte Nova, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e cartografia; CARTA DO BRASIL - ESC. 1:50.000; 1979)

(178) Topônimo: **RIO CASCA ~ BICUDO**

Taxonomia: **Hidrotopônimo**

MUNICÍPIO: Rio Casca

ACIDENTE: humano, físico / cidade, rio

ORIGEM: portuguesa [brasileirismo] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Rio Casca < N. Senhora da Conceição do Casca < Conceição do Casca < Nossa Senhora da Fidelidade do Casca ~ Bicudos

Hidrotopônimo < Hierotopônimo < Antropotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo BARBOSA (1971: 404), a cidade de **Rio Casca** foi fundada em 1836, em terreno da fazenda da **Fidelidade**. “Conceição do Casca era como se denominava.” Posteriormente o arraial de **Conceição do Casca** foi elevado a freguesia com o nome de **Nossa Senhora da Conceição do Casca**. TRINDADE(1955) comprova com documentos eclesiásticos que o topônimo primitivo era **Nossa Senhora da Fidelidade do Casca**. Acrescenta, ainda, que, no início, teve também a denominação de **Bicudos**. Quanto ao vocábulo *Rio*, MACHADO (1984) o cita como “topônimo muito freqüente em Portugal, na Galiza e no Brasil, em formas compostas e simples.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo:**

“Pesq.: *que o senhor acha desse negócio de ficar mudando o nome de uma cidade... deixa um nome passa pra outro... o senhor acha isso bom?*”

Inf.: *ah... dá/dá/eu/eu num acho bom não... igual por exemplo Rio Casca de primero chamava Bicudo... óia pro ce vê que nome isquisito*

Pesq.: *e depois mudou pra Rio Casca?*

Inf.: *é... lá mudo duas veiz... eu isquici o outro nome que era lá primero... depois é que mudou pra Rio Casca*

Pesq.: *ah... e aí ce/só/o senhor achava que era melhor ficar Bicudo?*

Inf.: *ah não...((risos)) acho que fico melhor agora num ficô?”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 6 – P. 45, L. 432-442)

➤ **Documento escrito:**

“Saibam todos quantos este publico instrumento de escritura de venda de bens de raiz, imóveis, dívida e obrigação e consentimento, e como em Direito melhor nome e lugar haja, virem, que, sendo no ano do Nascimento de N. S. Jesus Christo de 1774 anos, aos 15 dias do mês de Novembro do dito ano, neste sítio do Engenho de Sto. Antônio, córrego das Alagoas, freguezia de São José da Barra, termo de Mariana, aonde eu tabelião, ao diante nomeado, fui vindo e, sendo ao, apareceram partes outorgantes, avindas e contratadas [...] uma sesmaria de terras na barra do rio Casca...”(apud TRINDADE, 1955:76)

“A parochia abrangia ainda outrora as Capellas filiaes do Abre Campo, Rio Casca[...].”
(Livro do Tombo da Igreja Matriz de Barra Longa, 1915: 36v)

(179) Topônimo: **RIO DOCE** (2)
~ **SANTO ANTÔNIO DE RIO DOCE**

Taxonomia: Hidrotopônimo

MUNICÍPIO: Rio Doce

ACIDENTE: humano / cidade

ORIGEM: portuguesa (cf. CUNHA, 1987)

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}]

HISTÓRICO: Rio Doce < Santo Antônio do Rio Doce < Perobas

Hidrotopônimo < Hagiopônimo < Fitotopônimo

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Rio Doce figura no *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*, de BARBOSA (1971: 407), como uma “localidade relativamente nova”. Segundo este autor, “a zona do Rio Doce foi mais intensamente povoada no século XIX; só de 1825 a 1827, foram concedidas 239 sesmarias na região do Rio Doce.”

A região onde está hoje situada a cidade do Rio Doce chamava-se *Peroba*. Segundo HOUAISS (2001) *Peroba* é um vocábulo de “origem tupi *ipe’rowa* ‘nome de diversas árvores da família das apocináceas, de madeira resistente e de boa qualidade’, formado de *i’pe* ‘casca’ e *’rowa* ‘amargo, amargoso’.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Aí eu falei ‘Santo Antônio de Rio Doce’... era:: onde que eu nasci... qui eu fui batizado... Então... assumi um cargo que num é do meu agrado... mas não quero decepcioná o povo de Barra Longa... Conto com sua proteção em todos os atos da minha vida... da minha vida pública”

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 8 – P. 231, L. 764-766)

“...Mariana é divisa com Barra Longa... Barra Longa é divisa com Mariana... e com Rio Doce.”

(Cf. Anexo 1 - Entrevista 11 – P. 74, L. 191-192)

➤ **Documento escrito**

“Rio Dôce, 10 de Fevr^o de 1908

Exmo. Revmo. Snr. Arce Bispo D. Silvério Gomes Pimenta

[...] li hoje em um jornal de Ponte Nova, um pedido do povo das Palmeiras, bairro v' aquella Cidade, pedindo um Padre para aquelle logar[...] como tenho um filho que está proximo a se ordenar que é o Pe. Raymundo Trindade, venho perante V Excia. Revma., pedir para que o colloque alli[...]”

(Cf. Anexo 5 – Correspondências – P. 337-338)

(180) Topônimo: RIO DOCE (1)

Taxonomia: Hidrotopônimo

MUNICÍPIO: Rio Doce

ACIDENTE: fisico / rio

ORIGEM: portuguesa (cf. CUNHA, 1987)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“O **Rio Doce** que, tendo sua nascente nas imediações de Ouro Preto e Mariana, vai-se engrossando com as águas de muitos ribeirões até que recebe seus afluentes Piranga, Gualaxo,

Casca, Piracicaba, Santo Antônio, Guanhões, Cuieté, Corrente, Saçuí Pequeno e Grande, Manhuaçu e outros ribeirões; atravessa a Província do Espírito Santo e entra no oceano perto de Linhares. Este rio, que serve às zonas leste e sul, apresenta uma extensão navegável de 140 quilômetros desde a Figueira até o Porto do Souza, limite da província com a do Espírito Santo.”(SILVA,1997:50)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“O Gualacho deságua no Carmo... aí perde o nome de Gualacho... Fica Riberão do Carmo... E depois o Riberão do Carmo deságua no Piranga... lá perto de Barra Longa né? E ele encontra com o Gualacho do Norte e vão formá o rio Doce... Essa confluência desses rios é qui vai formá o rio Doce... O rio Doce nasce ali... onde é Rio Doce... aquela cidade né?

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 15 – P. 101, L. 219-225)

➤ Documento escrito

“Os índios que moram a dezoito léguas de Vila Rica, no rio Doce, são considerados os mais selvagens de todas as tribos, pois enquanto a maior parte das outras tribos foi mais ou menos reduzida à civilização essa raça de botocudos nunca deixou de exibir uma animosidade resoluta contra os portugueses. Parece haver pelo menos duas tribos de botocudos: uma habitando as margens do rio Doce; a outra, a vizinhança das margens do rio Jequitinhonha, no Distrito Diamantífero. O capitão Penna acha que, apesar de algumas semelhanças, as duas tribos são completamente distintas. Ambas colocam pedaços de madeira no lábio inferior e nas orelhas, mas parece que quando os portugueses puseram alguns botocudos para servir de intérpretes para eles com a outra família no rio Doce e para tentar fazer com que chegassem a algum tipo de conciliação, eles não conseguiram fazer-se entender. A inimizade desses índios tem impedido a tentativa de navegar o rio Doce, pois nos desfiladeiros estreitos através dos quais o rio serpenteia pedras enormes são jogadas freqüentemente sobre os crioulos desamparados. O capitão Penna acredita firmemente que esses índios são antropófagos, mas que eles comem apenas seus inimigos. Ele deu exemplos tais que quase abalaram minha fé nesse assunto. Com respeito a sua população, pouco se sabe, mas como eles vivem inteiramente da caça e da pesca pode-se presumir com justeza que seu número seja muito limitado.”(CALDELEUGH, 2000:133-134)

Rio Doce – Carta Geográfica do Termo de Villa Rica, em que se mostra que os Arrayaes das Catas Altas da Noroega, Itaberava e Carijós lhe ficão mais perto, q’ ao da Villa de S. José a q’ pertencem, e igualmente o de S. Antonio do Rio das Pedras, q’ toca ao do Sabará, o q’ se mostra pela Escala, ou Petipe de léguas. Ca 1766, apud *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província*, 2002.

(181) Topônimo: **ROLA**

Taxonomia: **Antropotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: Rola < Manoel Francisco Rola

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MACHADO (1984) apresenta *Rola* como um apelido de família, antiga alcunha. Originária de *rola*, nome de ave, *Rola* é encontrado como topônimo em “Alter do Chão, Braga, Crato, Mafra, Moura, Portel, Santo Tirso, Sertã, Vila Verde”.

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“fazenda du *Rola*... du Chico *Rola*... abaxo do rio... tá quase im Alvinópolis”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 7 – P. 52, L. 370-376)

“ *Rola*... é dos *Rola*... família muito grande... a fazenda muito grande também... fazenda antiga de muito valor...”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 10 – P. 64, L. 181-184)

➤ Documento escrito

“Aos dous de dezembro de mil novecentos e dezeseis, na fazenda do Rolla o Reverendo Padre Alves Penna, de licença minha, assistiu ao matrimonio que entre si contrahirão José Luis das Dores e Maria Izabel das Dores. Foi processado canonicamente. T.T. José Leandro e Joaquim Leandro. O Vigário Raymundo Trindade.” (Livro dos Casamentos, 1916, pág. 44. Igreja Matriz de Barra Longa)

“Antonio Carlos Vicente Xavier Furtado de Castro Reis, mendonça, Brigadeiro dos Exércitos de Sua Magestade Fidelíssima, do Governador, Capitam General da Capitania das Minas Geraes Presidente da Fazenda Real etc Faço saber aos que esta minha carta de Sesmaria virem que tendo respeito a me representar por sua petição **Manoel Francisco Rolla**, que no Rio do Peixe em o corrigo chanado Agoa Limpa, Freguesia de San José da Barra Longa, Termo da cidade de Marianna [...] Dada em Villa Rica de nossa Senhora do Pillar do Ouro Preto aos vinte e seis de Setembro Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos e setenta e tres.” (A.P.M., S.C.172, R.37, P.296-297)

Fazenda do *Rola*, *Córrego do Rola* [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 356)

(182) Topônimo: **ROMPE DIA**

Taxonomia: **Dirrematopônimo**

MUNICÍPIO: Dom Silvério

ACIDENTE: humano / fazenda, habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [V + Ssing] (sintagma cristalizado)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Não era só o ouro que movia o nosso antepassado: o português sempre foi agricultor. O povoamento luso pode compreender-se melhor pelo grande número de topônimos, de origem portuguesa, aí referidos: Até Boa, Anda Só [...], Acaba a Vida, Barra da Pistola[...] Confusões[...] Quebra Homem, **Rompe Dia**, Se me Apanhas, Vamos Ver, Vila Risonha e Vai Quem Quer.” (Sousa, 1960: 156)

“Romper [...] en general Intensivo de empezar(tener principio): ~ el día; ~ a hablar; ~ la marcha.” (ALVAR EZQUERRA, 1995)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Inf.1: *Você conhece o alto do Rompe-Dia? Rompe-Dia você conhece né?*

Inf. 2: *Sei*

Inf. 1: *Aquele é alto demais também*

[...]

Pesq.: *Rompe-Dia é por quê? De lá avista o quê?*

Inf.1: *É o que eu falei com cê de lá avista o horizonte e o nascer do sol né, no horizonte assim... muito alto... Deve ser por isso que tem esse nome... né Zé? Lá embaixo né o sol nasce lá, muito alto... só pode ser por isso... né?*

Inf. 2: *Dá pra entendê né... Rompe-Dia*

Inf. 1: *Porque os antigos falavam na rompida do dia... o dia tá rompendo né? Esse romper aí deve ser chegar né? Sinônimo de chegar.”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – P. 72-73, L. 105-119)

➤ Documento escrito

“O Alferes Gualter Pereira Guimarães, fundador da fazenda do ‘Gualter’, em Barra Longa, falecido a 15 de Janeiro de 1793, e sua mulher D. Maria do Rosario, naturaes do Minho, Portugal, tiverão, entre outros, os filhos seguintes: 1-capm. Joaquim Pereira Guimarães, português, fundador da fazenda do ‘Rompe-Dia’, também em Barra Longa...”(TRINDADE, 1923:62)

Fazenda do Rompe-Dia [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 355)

(183) Topônimo: **RUCINHA**

Taxonomia: **Sociotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa [brasileirismo] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

De acordo com SOUSA (1960), “o vocábulo *roça* ampliou muito o seu sentido no Brasil. Atualmente, em Portugal, emprega-se pouco, em qualquer acepção. Os contínuos e profundos arroteamentos, feitos pelos imigrantes portugueses, das terras brasileiras deram origem a essa extensão. O vocábulo liga-se ao verbo latino *rumpere*, muito bem representado na toponímia medieval: *Rotea*, ano de 1258 (Inquisitiones); *Rotela*, ano de 1048 (Documento do Mosteiro de Pendoraba), *Rupta* de Rabegia, ano de 1258 (Inquisitiones). Na toponímia moderna: *Arrompida*, *Arrota*, *Arrota Velda*, *Arrotas*, *Arroteação*, *Arroteia*, *Arroteias*, *Arroto*, *Fonte da Rotura*, *Quinta Rota*, *Rota*, *Rotéia*, *Roteio*, *Roteira*, *Roto*, *Rotura*. Ligados a *ruptiare**, do mesmo verbo *rumpere*: *Arroça*, *monte Roço*, *Povoa da Roçada*, *Roça*, *Roçada*, *Roçadas*,

*Roçadela, Roçadinhas, Roçado, Roçαιο, Roção, Roças, **Rocinho**, Roço, Rouçada, Rouçada, Roucas, Souto de Roças.*”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

*“Minha esposa é daqui da **Rucinha**... cunhece **Rucinha**?”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 5 – P. 35, L. 224)

➤ **Documento escrito**

Rocinha (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1976)

Rocinha [Mapa do município de Barra Longa – MG, 1939]

(184) **Topônimo: RUMERO ~ ROMERO**

Taxonomia: Antropotopônimo

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: portuguesa < espanhola (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Romeiro < Antônio Pires Romeiro

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo TRINDADE (1917:25), dentre os primeiros povoadores de Barra Longa estão: Antonio Pires **Romeiro**, Dr. Guilherme Nunes e Paschoal Lopes Braga que “estabelecerão-se no sítio hoje do **Romeiro** e nas suas circunvizinhanças”. Segundo este historiador, a família **Romeiro** veio dos Açores na primeira metade do século XVIII, estabelecendo-se inicialmente em Furquim e Barra Longa.

MANSUR GUÉRIOS (1994) apresenta as variações **Romeiro**, **Romero**. Para a primeira diz ser provavelmente uma adaptação portuguesa de **Romero**. E em relação à segunda, apresenta-a como “sobrenome português de origem cristã”, do espanhol “**romeiro**, peregrino (que vai a Roma).”

MACHADO (1984) apresenta **Romeiro** como uma antiga alcunha e, como topônimo, em “Torres Vedras, Vila Nova de Gaia, assim é também denominado o ilhéu de S. Lourenço, na ilha de Santa Maria.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

*“**Rumero**? Seu avô tinha até terra lá. Cunheço o Cunha e o **Rumero**... tinha uma mulhé que morava lá ela era[...] uma tal de Marta... nós fomo na casa dela lá... ela mostrô pra nós os terreno de sô Trindade lá.”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 4 – P. 29, L. 336-340)

*“Ali pro Cunha... Apaga Fogo... tem u'a propriedade chamada **Romero**... era dum tal **Romero**”*

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 3 - P. 165, L. 744-745)

➤ **Documento escrito**

“Faço saber aos que esta m^a carta de Cesmária virem, q. tendo respeito a me representar Ant^o Pires Romeiro morador na freg^a de São Jozé termo da Cidade Marianna Comarca de V^a Rica q. elle suplicante tinha terras devolutas em hum correço q. desagoáva no citio que houvera a sy por titulo de compra q. fizera a Jozé de Mattos no qual tinha posses antigas as quaes partirão pella parte do nascente com terras da Cesmária do Doutor Guilherme Nunes, e pella do poente com a de Paschoal Lopes Braga, e como possuía bastante escravos, e p^a a sustentação delles e de sua fabrica as necessitava, me pedia fosse servido mandar lhe passar carta de Cesmária de meya legoa de terras em quadra na re digo em quadra principiando a medição em huma cachoeira que faz em sima correndo a medição para o certão na forma das ordenz de S. Magestade [...]. Dada na Cidade de São Sebastião do R^o de Janeiro a vinte de Janeiro Anno do Nascimento de N. Snr. Jesuz Christo de mil e sette centos e quarenta e sette[...].”

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 255)

(185) **Topônimo: SACRAMENTO**
~ **FAZENDA DO SACRAMENTO**

Taxonomia: Hierotopônimo

MUNICÍPIO: Ponte Nova

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Sacramento – topônimo em Castro Verde, Évora, Lisboa (freguesia e ruas), Loures, Porto (ruas), Vila Nova de Gaia; na Galiza: Corunha; no Brasil: Minas Gerais. Referência ao Santíssimo Sacramento que seria o orago de algumas dessas povoações.” (MACHADO: 1984)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Inf. 1: *Sacramento* pertence a Ponte Nova... *Fazenda do Sacramento*... lá teve uma fazenda muito grande... teve muita terra também... Quantas fazendas saíram dela?

Inf. 2: *O homem de lá era importante [...]* Senador Antônio Firmino...

Pesq. *Quando isso?*

Inf.2: *Quando? Ah... num foi do nosso tempo não... No nosso tempo era o Paulo... esse Lana*

Pesq.: *E por que que tem esse nome... cê sabe?*

Inf. 1: *é... eu num sei qualé a oregem dele... Sacramento ‘SACRA’ mento*

Inf.2: *A Fazenda de Seu Agostinho pertenceu ao Sacramento... né Eduardo?*

Inf.2: *Sô Agostinho... Juquita Carneiro... lá embaixo*

Inf.2: *Capaz do Barro Vermelho também... vinha cá naquele mata-burro do Quebra...*

Inf.1: *A mata mais velha que tinha por aí era aquela mata lá.”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – P.83, L. 443-471)

➤ **Documento escrito**

Sacramento (Carta de Ponte Nova, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1979)

“Para intelligencia deste mapa he necessário este papel suposto que vay breve por elle se entenderá melhor, e assim precipiamos pello nassimento do Rio doce o qual nasse do morro da Mantiqueira, e alguns braços e cabiceiras passão no caminho do Rio de janeir^o corre a Leste e Nordeste athe o Sosui, me tece o Xipotó e Itaberaba eo Ribeirão do Carmo que tem precipio em Villa rica corre a leste e da outra parte fica o Rio da Casca, Matipôô e o Sacramento, são Riachos pequenos [...] Cueté 30 de agosto de 1746 annos.” (R.A.P.M., vol. III, 1898, p. 263 a 266)

(186) **Topônimo: SALAZAR**

Taxonomia: Antropotopônimo

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: espanhola (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Salazar < Antônio Thiago Salazar

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Salazar, sobrenome toponímico espanhol. Em italiano ‘Salazaro’. Sobrenome, talvez igualmente do espanhol. Parece que se prende aí o sobrenome ‘Solazar’ (século XVI): Francisco Sanchez de Solazar. Diz L. de Salazar: Dois irmãos normandos chegaram a Santoña; o mais velho se estabeleceu em Salazar (pequena aldeia perto de Espinosa de los Monteros). O seu 1º descendente se chamou Lopo Garcia de Salazar.”(MANSUR GUÉRIOS, 1994).

“Salazar – antiga, importante fazenda do Tenente Antonio Thiago Salazar (TRINDADE, 1917:117)

Salazar – do apelido esp. Salazar, de origem toponímica. Parece ter sido resultado da aglutinação San Lázaro, houve deslocação do acento tônico (MACHADO, 1984)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“O rio Gualacho... ele ta no início aqui dessa Serra... tem o du Carmo... qui passa do lado di lá e o Gualacho passa do lado de lá... ali naquela Serra ali... qui vai morre[r] lá imba'xo no morro do Salazar... ela sobe aqui e vem passa aqui na Itaoca e vai p'ra o Itacolomi... aquela serra ali ó... viu?”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 7 – P. 47, L. 77-79)

➤ **Documento escrito**

“Certifico que, no livro 3-G fls 120, sob nº de ordem 6806, foi feita, nesta data, a transcrição de uma escriptura de compra e venda de parte de uma casa e de um moinho e dois e meio alqueres de terra de planta de milho, no lugar denominado Salazar, districto e município de Barra Longa, compra a Venâncio e Edmundo Mariano da Costa Lana,

transcripta em Mariana sob nº 1832 G.3 A; sendo adquirentes Manuel Mariano da Costa Lana, José Lana Junior, Cristóvão Geraldo Lana, transmittentes Manuel Xavier Lana, s/ mulher Maria do Carmo Lana, agricultores em Barra Longa, no valor de dois mil cruzeiros (Cr:\$2.000,00), conforme escriptura de 5 do corrente, no cartório de Barra Longa, selada com octo cruzeiros de sellos federaes e o de educação e saúde. Dou fé. Ponte Nova, 23 de março de 1943.”

(Cf. Anexo 4 – Escrituras – P. 313)

(187) Topônimo: **SALTO ~ CACHUERA DO SALTO**

Taxonomia: **Hidrotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: físico / campo

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

SENNA (1926:282-283) mostra que em Minas as cachoeiras altas e volumosas são chamadas *tombos*, já um *tombo* forte e único constitui o **Salto**. Para HOUAISS (2001), **Salto** é o mesmo que “queda d’água”, podendo, ainda, ser sinônimo de mata, bosque, significado, segundo ele, um tanto arcaico. Nesta última acepção LÜDKE (1974:76-77) afirma que ‘salto’ é uma palavra do superestrato germânico: “En los territorios más alejados, la influencia del germánico en las lenguas romances ha sido más pequeña, de tal forma que en estos territorios el número de los préstamos de vocabulario es menor.[...] Empecemos con los nombres para ‘bosque’. La palabra latina ‘silva’ sigue existiendo en algunas lenguas románicas, por ejemplo, en italiano ‘selva’, espanhol ‘selva’, pero sin poseer ya el significado fundamental de ‘bosque’. Existía además otra palabra, *saltus* ‘soto, pastos’ > italiano antigo *salto* ‘bosque’, espanhol *soto*, português *souto*. En las restantes lenguas romances la palabra aparece, casi exclusivamente, en los nombres propios.[...] La palabra há pasado a ser en la mayor parte de la Romania la denominación normal para ‘bosque’.”

“**Salto** [...] ORIGEM latina *saltus,us* ‘bosque, floresta, mata; clareira; pastagem; prado de pasto; terra, propriedade, herdade; medida agrária; desfiladeiro, garganta; há controvérsia entre os etimologistas do latim sobre o vocábulo ‘*saltus*’. Ernout e Meillet consideram que, seja qual for seu significado, a palavra é uma só e se liga ao radical de *saltum*, supino de *salire* ‘saltar, pular’; para eles, da acepção de ‘salto, pulo’ passou-se às acepções de ‘passagem estreita, passo, desfiladeiro’, e, por estes lugares estarem sempre cobertos de vegetação, surgem as acepções ‘bosque, pasto’ e até mesmo a acepção de ‘medida agrária’; outros, entre os quais se destacam M. Lubke, Freund, Lewis e Short, Walde e Hofmann, e Glare, separam ‘*saltus*’ ‘pulo,salto’ de ‘*saltus*’ bosque, pastagem, desfiladeiro etc, ligando o primeiro ao verbo *salire* ‘saltar’, o segundo alguns como Lewis e também Glare consideram de origem duvidosa, não obstante associado às vezes a ‘*saltus*’ a forma ‘souto’, a datação é para a acepção ‘desfiladeiro’. (HOUAISS: 2001)

De acordo com MACHADO (1984), “**Salto** é topônimo freqüente em Portugal, na Galiza e no Brasil.”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“**Salto** aqui/qui'mbaxo é por causa dessas cachueras aí... **Cachuera do Salto**... tem duas cachueras aí, antigamente era a divisa de Ponte Nova com Mariana era aí... nessa igreja... Aqui papai pagava imposto de um terreno e lá no **Salto** ele pagava de outro... Lá já era de Ponte Nova, aqui de Mariana. Então ficou a **Cachuera do Salto**... era divisa num sabe? A divisa passava aí.”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – P. 77, L. 104-111)

➤ Documento escrito

“[...] pelos outorgantes vendedores me foi dito que são senhores e legítimos possuidores de parte do imóvel Salazar, deste município, com uma área de quatro hectares cinco ares e trinta e cinco centiares(4,05,35) de terras de cultura, com as seguintes confrontações: Partindo de um pau de cedro, no fundo, aí pelo correjo acima até um toco de lei nova, deste em rumo direito a uma moita de taquarassú ao alto do **Salto**, pelo espigão abaixo com José Lana Junior até o rumo do pau de cedro, ponto de partida, confrontando com herdeiros de Ribeiro de tal, e com herdeiros de Severina de tal.[...] Barra Longa, 7 de março de 1955.”

(Cf. Anexo 4 – Escrituras – P. 329)

(188) Topônimo: **SANTA BÁRBARA**

Taxonomia: **Hagiotopônimo**

MUNICÍPIO: Santa Bárbara

ACIDENTE: humano / cidade

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Santa Bárbara < Santa Bárbara do Mato Dentro < Santo Antônio do Ribeirão de Santa Bárbara

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MACHADO (1984) destaca *Santa Bárbara* como uma “santa muito popular, invocada como protetora contra trovões, daí a sua frequência na toponímia.”

“Santa Bárbara do Mato Dentro (Sto. Antônio) – Freguesia do arcebispado de Mariana. A sede, que o é também de município e de comarca, chamou-se a princípio **Sto. Antônio do Ribeirão de Santa Bárbara**.”(TRINDADE, 1955:296)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“**Catas Altas**... **Santa Bárbara**... são lugares da época do ouro... com mais de duzentos anos”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 15 – P. 98, L. 57)

➤ Documento escrito

“E voltando a mesma serra adiante descobriu o dito Antônio Bueno, distância de uma légua, o rio que se // intitulou **Santa Bárbara**, que ficou povoado, de sorte que hoje é uma famosa freguezia com vigário colado, e o rio correndo para o nascente até encontrar-se com Piracicaba, descobrimento do famoso alcaide-mor Camargo, como fica dito, e está todo povoado, seguindo ambos juntos suas correntes, formando um caudaloso rio até o lugar de Antônio Dias, e chega a povoação até juntar este rio com o rio Doce, que vem já incorporado

com os rios Piranga, Miguel Garcia e ribeirão do Carmo, que todos juntos vão formando o grande corpo do rio Doce, com os mais que, para baixo, vai recebendo. (Notícias dos primeiros descobridores das primeiras minas do ouro pertencentes a estas Minas Gerais, pessoas mais assinaladas nestes empregos e dos mais memoráveis casos acontecidos desde os seus princípios, Bento Fernandes Furtado; Minas Gerais; ca. 1750, apud *Código Costa Matoso*, 1999:178)

“Petição inicial nas habilitações de genere dos irmãos Martins da Costa: Dizem Antonio Martins da Costa e seus irmãos Francisco José da Costa, Manuel Martins da Costa, José Martins da Costa que, para justificar a fraternidade que têm com o Padre João Correia da Silva, seu tio, precisam pelos itens seguintes fazê-lo perante V.S. ‘Justificarão: Em como são os próprios, naturais e batizados na freguezia de São Miguel (Rio Piracicaba), deste Bispado, filhos legítimos do Capitão Manuel Martins da Costa, natural da freguezia da Sé do Arcebispado de Braga, e de Margarida da Silva Bueno, natural da freguezia de Santa Bárbara, deste Bispado.’ ‘Justificarão: em como sua mãe Margarida da Silva Bueno é legítima e inteira irmã do Padre João Correia da Silva, filhos de um mesmo matrimonio do Capitão João Correia da Silva e Dona Maria de Moraes: o qual seu tio se acha habilitado e ordenado de Presbítero neste bispado(1761)’” (apud TRINDADE, 1955:109)

(189) Topônimo: SANTA CRUZ

Taxonomia: Hierotopônimo

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / campo

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Cruz é um termo que MACHADO (1984) explica ser um “topônimo muito vulgar em Portugal, no Brasil e na Galiza”. “Entre nós”, complementa ele, “também o é em compostos como *Santa Cruz*, Almeida da Cruz, Cruz Alta [...]”. Quanto à forma composta *Santa Cruz* diz o autor, ser muito freqüente em “Portugal, Açores, madeira, Cabo Verde, Angola e Brasil.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Tinha... tem Pitera... Santa Cruz... tudo perto... Santa Cruz foi de Carneiro... é lugar antigo também... num sei porque o nome”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 5 – P. 33, L.87-88)

➤ **Documento escrito**

*“Certifico que às fls. 569 do livro n. 1-G foi protocolado e hoje no livro 3-X à fls. 56 sob n. de ordem 1.906, foi feita a transcrição de uma escritura pública de compra e venda de imóvel denominado *Santa Cruz*, município de Barra Longa, comarca de Ponte Nova, com uma área de quarenta e três hectares e cinquenta e seis ares (43,56) de terras em pastagens[...]. Ponte Nova, 7 de dezembro de 1972.”*

(Cf. Anexo 4 – Escrituras – P. 334)

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / cidade

ORIGEM: portuguesa [brasileirismo] (cf. “informações enciclopédicas”)

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [ADJ_{sing} + S_{sing} + S_{sing}] (apelido de família)

HISTÓRICO: Santa Rita Durão < Inficionado < Nossa Senhora do Nazaré do Inficionado

Antropotopônimo < Sociotopônimo < Hierotopônimo

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

O termo *Inficionar* é dado como sinônimo de infeccionar por vários autores, dentre eles, citam-se HOUAISS (2001) e MELO (1979). Outros autores, podendo-se citar VASCONCELOS (1974: 181) afirmam, quando se referem ao antigo Inficionado, que “inficionar o ribeiro se dizia quando os flibusteiros o assaltavam em tumulto.”

De acordo com TRINDADE (1952: 275), “Inficionado (N. Sra. De Nazaré) é uma freguesia antiga do bispado de Mariana.” Lá nasceu, segundo o autor, na fazenda da ‘Cata Preta’ Frei José de Santa Rita Durão, o cantor do ‘Caramuru’.” De acordo com TRINDADE, “no canto IV, est. XXI, do seu poema dá ele a origem do topônimo de sua terra natal. Em homenagem ao frade poeta, a velha freguesia, há muitos anos, se denomina **Santa Rita Durão**.”

DURÃO (1913: 98), conforme aponta TRINDADE, explica no Canto IV, estrofe XXI, a origem de Incionado: “Nem tu faltaste alli, grão Pecicava,/Guiando o Carijó das aureas terras;/Tu, que as folhetas de ouro que te ornava,/Nas margens do teu rio desenterras;/Torrão, que do seu ouro se nomeava, Por crear do mais fino ao pé das serras,/Mas que, feito enfim baixo e mal prezado,/O nome teve de ouro Inficionado.” Em seguida, na página 114, dá-se a seguinte nota sobre o topônimo Inficionado: “Povo importante das Minas do Matto dentro chamado assim, porque o ouro, que tinha mui subido, perdeu os quilates mais altos, e ficou chamando-se ouro inficionado. Assim o soube o poeta dos antigos daquela parochia, de que elle é natural.”

Sobre a família de Santa Rita Durão, VASCONCELOS (1974: 253) relata: “Paulo Rodrigues Durão, primeiro instalou-se no Morro Vermelho mas logo se passou para o **Inficionado**, cuja matriz erigiu. Em sua fazenda da Cata Preta nasceu-lhe Frei José de Santa Rita Durão, em 1717, o primeiro poeta épico do Brasil. D. Ana Garcez de Moraes foi a esposa de Paulo Rodrigues Durão.”

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Santa Rita Durão só ouvi falá muito... Num cunheço não... Cunheço um home[m] lá qui escreveu ‘caramuru’*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 17 – P. 111, L. 124-125)

“*Inf.: Santa Rita Durão era um frei né? ((ruído)) É uma homenagem pra esse frei[...] Ele era um frei erudito... escrevia... num era?*”

Pesq.: *Antes... lá se chamava Inficionado... a senhora sabia?*

Inf.: *Não ((risos)) mas é / eu num falei pr'ocê que lá em Mariana os distrito todo tem dois nomes... Porque o povo antigo fala o nome antigo... causa que os antigos já morreu... né? Então vai ficando esses nome novos*

Pesq.: *Agora... me fala aqui: que que a senhora acha que é esse Inficionado?*

Inf.: *Ah... que cê acha que pode sê? Num sei ((risos)) cada nome maluço né?"*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 15 – P. 101, L. 227-241)

➤ **Documento escrito**

"Tem nestes limites de freguesia [oito?] engenhos reais, em que // se fazem alguns açúcares e se destilam aguardentes de cana, e três engenhocas da mesma, e 18 engenhos de pilões, em que se fazem as farinhas de milho, que é o pão do país. Fora dos sítios nomeados há vários sítios de que parece escusado fazer menção. Parte esta freguesia pela parte do sul com a freguesia de Nossa Senhora de Nazaré do Inficionado e pela parte do norte com a freguesia de São Miguel e de Santa Bárbara. (Informação das antigüidades da freguesia de Catas Altas por José de Lemos Gomes, 3-12-1750, apud Códice Costa Matoso, 1999:267)

(191) Topônimo: **SANTO ANTÔNIO**

Taxonomia: **Hagiotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: físico / campo

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

De acordo com MACHADO (1984), o topônimo *Santo Antônio* é bastante comum em Portugal e no Brasil.

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

"No Santo Antônio ainda tem muito cascalho [...] teve uma capela lá... eu crei' que aquela capela... ela deve te[r] tido o nome de Santo Antônio."

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 1 – P. 7, L. 211-214)

➤ **Documento escrito**

"Santo Antônio [...] 1942" (Cf. Anexo 4 – Escrituras – P. 309)

Santo Antônio (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1976)

(192) Topônimo: **SÃO GONÇALO**

Taxonomia: **Hagiotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: portuguesa (cf. MANSUR GUÉRIOS, 1994)

HISTÓRICO: São Gonçalo ~ Sam Gonçalo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Quando cita as capelas filiais antigas de Barra Longa, TRINDADE (1962:37) mostra que a capela de **São Gonçalo** foi criada por “Dom Frei João da Cruz, por provisão de 24 de março de 1746, a requerimento do Capitão Francisco Gomes da Rosa.”

“**S. Gonçalo:** [...] della só restão os escombros. Mas floresceu extraordinariamente no seu tempo. Os velhos livros estão cheios de registros de baptisados, casamentos e enterros nella celebrados. Ainda servia ao culto em 1846.”(TRINDADE, 1917:34)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*São Gonçalo é do outro lado de lá do rio... São Gonçalo é rio abaixo...*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – P. 76, L. 18-20)

“*Trabaiiei muito em São Gonçalo... uma hora assim eu tava chegando lá perto de São Gonçalo... eu trabaiava lá... ah... meu marido capinando roça... palantano... nós plantava era lá*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 18 – P. 117, L. 46-49)

➤ **Documento escrito**

“*Aos vinte e quatro de outubro de mil oitocentos e dezasete, na capella de Sam Gonçalo (filial da matriz de Barra Longa), o Reverendo Vigario João Ferreira de Souza, de licença minha, assestio ao Sacramento do Matrimonio que entre si celebrarão com palavras de presente e mutuo consentimento os Contrahentes Jozé Mariano da Costa Lana, filho legitimo de Jozé da Costa Mole e D. Francisca Maria Angelica[...]*”(TRINDADE, 1955:96)

(193) Topônimo: **SEM PEXE ~ RIBERÃO SEM PEXE** Taxonomia: **Dirrematopônimo**
~ **SERRA DO SEM PEXE**

MUNICÍPIO: Dom Silvério

ACIDENTE: físico / rio

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC_m [Prep + S_{sing}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Dados inteiramente à cata do precioso metal esquecerão-se esses primeiros colonos e mineiros da cultura das terras, e com pouco vierão a sentir as tristes consequencias de sua criminosa imprevidencia e de sua ambição desvairada. A fome declarou-se impiedosa impondo-lhes a dispersão. Povoarão-se então num átomo, com os desertores do Carmo e do Ouro Preto (1697 e 1701), as margens dos dous Gualachos, do Carmo e do rio Doce até o **Sem Peixe** e si além não forão nesta primeira investida é porque naquelles sertões mais em grosso, mais atrevido dominava ainda o gentio anthropophago e furioso. Data de então os

estabelecimentos das primeiras fazendas, capellas e povoados desta região do Carmo e dos Gualachos. Barra Longa foi um destes povoados.”(TRINDADE, 1917:13-14)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“*Riberão Sem Peixe já é Dom Silvério[...] Terra muito fértil pra'queles lado do Sem Peixe[...] Depois que cê desceu a serra do Sem Peixe... só gema de terra*”

(Cf. Anexo 1 - Entrevista 11 - P. 74, L. 199-200, 211-216)

➤ Documento escrito

“*Declaro eu José Alves da Silva... Peço e rogo... em 2º lugar ao Rdo. José Gomes Pereira, morador no seu Engenho de Sto. Antônio, freguezia da Barra de Mathias Barbosa...um sitio que possuo na paragem chamada **Sem Peixe**, freguezia da Barra de Mathias Barbosa, termo da cidade de Marianna.*(Testamento feito em Vila Rica a 7 de outubro de 1792, reg. no 3º Lº de Óbitos de Barra Longa, fls. 23, apud TRINDADE, 1955:214)

(194) Topônimo: **SILVERA ~ SILVEIRA**

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Silveira < Antônio da Sylveira Cunha

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“*Silveira*, sobrenome toponímico. Do latim *silvaria*: ‘moita de silvas; silvado’. – ‘São Pestanhas, e vem de Giraldo Sem Pavor, que ganhou Évora aos mouros em tempo de el-rei D. Afonso Henriques. É solar deste apelido o Morgado da Silveira em Alentejo.”(MANSUR GUÉRIOS: 1994)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“*Salto... Siivera... Siivera... Salazar... tem muita fazenda aqui que era de padre.*”

(Cf. Anexo 2 - Entrevista 3 - P. 158, L.356)

“*[...] Silveira tem... tá aqui a direita do Rio Carmo... aqui pra baixo do Crasto... pra baixo do Crasto será a primeira fazenda do lado direito... o Crasto tá do lado esquerdo e ela [es]tá do ladu direito.*”

(Cf. Anexo 1 - Entrevista 7 - P. 50, L.237-239)

➤ Documento escrito

“*[...] foi feita a transcrição de uma escritura pública de compra e venda de uma propriedade agrícola situada no lugar denominado **Silveira** município de Barra Longa, com a área de quarenta e sete hectares e dezenove ares (47,19 hs) de terras de culturas, dividindo e confrontado com terras de Luiz Henriques da Costa, o rio do Carmo, Antonio Estanislau, João Queiroz Carneiro e outros[...]. Ponte Nova, 13 de agosto de 1975.*”

(Cf. Anexo 4 - Escrituras - P. 335)

“Faço saber aos que esta minha Carta de Cesmaria virem que tendo respeito a me representar o Alferes Joam Baptista Romeiro morador na freguezia de Sam José da Barra termo da Cidade de Marianna Comarca de Villa Rica que elle hera possuhidor há muitos annos de humas posses [...] e partiam de huma parte com terras do Manoel Coelho Leal, e seu sócio, e da outra com as de Pascoal Lopes Braga e Antonio da Sylveira Cunha [...] Dada em Villa Rica aos vinte e sete de Janeyro, anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e setecentos e sincoenta annos.”

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 246)

(195) Topônimo: **SISMARIA ~ SESMARIA**

Taxonomia: **Dimensiotopônimo**

MUNICÍPIO: Dom Silvério

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo SENNA (1926:284), no território mineiro existem localidades conhecidas por denominações derivadas ou idênticas a outras da geografia peninsular ou ibérica, dentre elas cita o topônimo *Sesmaria*. Informação confirmada por MACHADO (1984), ao mostrar que o topônimo *Sesmaria* é freqüente no centro e no sul de Portugal.

“*Sesmaria* – terra inculta ou abandonada que os reis de Portugal cediam a sesmeiros que se dispusessem a cultivá-la XIV. De **sesmar* ‘dividir(terras)’, derivado de *sesmo*.” (CUNHA: 1987)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Essa Sesmaria... eles falavam que fazenda de Sesmaria era/minha vó tinha... minha vó falava... minha vó tinha parte nela*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 13 – P. 86, L.83-84)

“*Sismaria é mais pa[ra] ba'xo lá... do Rio Carmo... esse nome é muito antigo ali*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 7 – P. 52, L.381)

➤ **Documento escrito**

Sesmaria (Carta de Alvinópolis, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1976)

(196) Topônimo: **SUBERBO**

Taxonomia: **Antropotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Soberbo – sobrenome português toponímico” (MACHADO: 1984)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Soberbo é do Soberbo... fica perto do Bunito... Soberbo é o/o o dono lá chama Antônio Soberbo... Fica perto do Bunito... cabeceira do Bunito.*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 7 – P. 51, L. 328-335)

➤ **Documento escrito**

Soberbo (Carta de Alvinópolis, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1976)



Fig. 23 - Mapa das originais jazidas auríferas existentes nas proximidades de Ouro Preto

Mapa 10: “Soberbo” (1894) (Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 352)

(197) Topônimo: **SUMIDORO ~ SUMIDOURO**
~ **PADRE VIEGAS**

Taxonomia: *Hidrotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / distrito

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Padre Viegas ~ Sumidouro < Nossa Senhora do Rosário do Sumidouro < Sumidouro ~ Sumidoiro

Axiotopônimo < Hierotopônimo < Hidrotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Sumidouro** – Topônimo em Felgueiras, Ponte de Sor [...] No Brasil: Rio de Janeiro. Do substantivo masculino **sumidouro**, local por onde desaparece um curso de água que passa a ter leito subterrâneo.” (MACHADO: 1984)

“Cidade de Mariana compõe-se das freguesias e distritos de: [...] **Nossa Senhora do Rosário do Sumidouro.**” (SILVA, 1997: 82)

“**Sumidouro** (N. Sra. Do Rosário) – Freg. antiga e, outrora, das mais importantes da com. e isp. De Mariana. Aqui funcionou por alguns anos o afamado colégio dos Padres Osórios, donde saíram homens notáveis, como o **Padre Viegas**, o Cônego Santa Apolônia, o Dr. Vicente Coelho de Seabra e muitos outros. **Sumidouro** é hoje freg. anexa ao curato da Sé, donde dista nove quilômetros. A velha freg. perdeu tudo, até o nome tradicional e glorioso. Hoje se chama **Padre Viegas.**” (TRINDADE: 1955:303)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*esse **Sumidoro** tomô nome de **Sumidoro**... porque... pareceu uma... oro lá no lugar... oro cê pegava ele com a mão... pedrinhas de oro... intão... foi um dos lugá que mais produziu oro[...] mas isquecero de viveres... e foi u'a foi u'a coisa horrível... com a fome ê num tinha ma[s] onde ê mandá buscá... e num tinha condição de trazê... intão foi morreno gente um atrás do outro morria seco de fome[...] num tinha nada prantado... terra MUlto ruim istéril que num produzia[...] morreu gente dimais... intão é o **Sumidoro**... que ta chegano gente e ta morreno gente*”

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 3 – P. 164, L.690-702)

“Inf.: *Você já ouviu falar em **Sumidoro**? Água Limpa?*

Pesq.: ***Sumidouro** o nome passou pra **Padre Viegas**... né?*

Inf.: *É*

Pesq.: *Num tem mais o nome **Sumidouro***

Inf.: *É, mas a gente chama **Sumidouro***

Pesq.: *Vocês falam **Sumidouro**?*

Inf.: *É*

Pesq.: *O que significa **Sumidouro**?*

Inf.: *Sumidouro... acho que é... como é que a gente fala... quando o rio afunila e forma um poço que é perigoso então o povo chama de Sumidouro... Ali... naquela região... eles mexia com ouro... né? Mineração e acredito que deva ter algum lugar perigoso.*

Pesq.: *Mas as pessoas daquela região ainda falam Sumidouro... não falam Padre Viegas?*

Inf.: *Tem muito pouca gente... Os mais novos é que falam Padre Viegas... os antigos Sumidoro.*

Pesq.: *Por que isso heim?*

Inf.: *Ah... mantém o nome antigo né?*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 8 – P. 55-56, L. 166-187)

➤ Documento escrito

"[...]Faço saber aos que esta minha Carta de Sesmaria virem que[...] Manuel Antunes de Lemos que elle Suppte. pesuhia hú çitio no destrito deste Ribeirão de N. Sr^a do Carmo junto ao morro de Domingos Velho Cabral o qual comprou a André Lopes de Azevedo; e porque se achava com bastantes escravos p^a poder cultivar o d^o çitio, e neçcitava de mais terras para poder cultivar, e pagar dízimos a Deus; portanto me pedia fosse servido conceder-lhe por Carta de Sismaria o d^o çitio com meya legoa de terras de testada correndo p^a a banda do Sumidoiro[...] Dada neste Arrayal do Ribeirão do Carmo aos 27 dias do mez de Fevereiro de 1711."

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 270, L. 2-7, 10)

(198) Topônimo: **TABOAS**

Taxonomia: *Fitotopônimo*

MUNICÍPIO: Diogo de Vasconcelos

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: galega (cf. "informações enciclopédicas")

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Spl]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

De acordo com MELO (1979), "Taboa" é um vocábulo galego – s.f., correspondendo a tábua, em português.

"taboa /ô/ - s.f. ANGIOS, mesmo que tábua (HOUAISS, 2001)

"Tábuas – topônimo Amarante, Charneca, Miranda do Corvo; na Galiza, "Taboas"; Corunha. Pl do s. f. de Tábua (MACHADO, 1984)

Tábua [o pato-bravo] Grande erva que vive em águas paradas e rasas; as folhas servem para tecer esteiras e cestas (MARTINS, 2001)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

"Taboas tá pertinho aqui[...] tem muita taboa lá[...]Taboa é um/uma paina/ sabe comê que chama? Cê lembra aquilo, num lembra?[...]Fazia travesseiro. Hoje num usa mais, né? Fazia estera."

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – P. 72, L. 83-90)

➤ **Documento escrito**

Fazenda das Taboas – CARTA DE MARIANA (Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia – CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1986)

(199) Topônimo: *TABUÕES ~ TABOÕES ~ TABOÃO*

Taxonomia: *Fitotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa [brasileirismo] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Taboão ~ Tabões

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Spl]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“*Taboão* – topônimo no Brasil, São Paulo. Do substantivo masculino tabuão, aumentativo de tábua.” (MACHADO: 1984)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“...*ai tem um... um povoado ai que chama... é... Tabuões... e... tinha um comício lá [...] eu enfiei no caminhão com eles e fui...[...] Taboões é pra baxo do Dobla*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 6 – P. 45, L. 451-453)

“*Taboão também é pur aqui... mas é mais longe... eles fala é Taboões*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 18 – P. 118, L.95)

➤ **Documento escrito**

Taboão (Carta de Alvinópolis, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50 000; 1979)

Tabões [Mapa do município de Barra Longa – MG, 1939]

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 356)

(200) Topônimo: *TANQUE*

Taxonomia: *Ergotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MACHADO (1984) apresenta *Tanque* como topônimo frequente em Portugal e, também, como antiga alcunha, exemplificando com o nome “Josefa Rodrigues do ‘Tanque’”.

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“*Tanque já é Barra Longa[...] Inclusive o homem chama Juca do Tanque viu... fazenda do Tanque.*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 7 – P. 48, L. 117-121)

“*Pesq.: Há... ha... meu Deus! Fazenda do Tanque é aqui... meu Deus... agora o Tanque agora... é Mané de João de Bitá... né? o Tanque é Mané de João de Bitá... Ma[s] o / o / o home[m]... o dono de lá já morreu há muitos anos... nós tratava ele de apelido... tratava ele de Dôca... mas nós num sabia o nome dele... Dôca... morreu o Dôca... E Mané de João de Bitá comprô o terrreno... lá a fazenda é de Mane*

Inf.: *Por que que tem esse nome Tanque?*

Pesq.: *Tanque... é / é / da cabeça deles... eles é que punha o nome do lugar”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 18 – P. 118, L. 86-91)

➤ Documento escrito

Tanque (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50 000; 1976)

“*É desenvolvidíssima a cultura de fumo, e de café há especialmente nas fazendas das Corvinas, Pouso Alto e Tanque umas lavouras magníficas.*” (Livro do Tombo da Igreja Matriz de Barra Longa: 1915: 36)

(201)Topônimo: *TAOCA*

Taxonomia: *Litotopônimo*

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / conjunto de pequenas propriedades rurais

ORIGEM: indígena [tupi] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Taoca < Itaoca

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“*Itaoca* – A caverna, a lapa, a gruta, a casa de pedra. De *itá*, pedra; *oca*, cova, gruta, lapa, casa. (SILVEIRA BUENO, 1998)

Itaoca – “topônimo no Brasil, nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Segundo TEODORO SAMPAIO, tirado do tupi Ita –oca casa de pedra, caverna, fuma, lapa (MACHADO: 1984)

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“*Taoca eu cunheço... quando eu cunheci já foi com Seu Raimundo da Taoca mesmo né?... aquele pai desses minino dele aí... num cunheci outros não.*”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 6 – P. 45, L. 444-449)

➤ Documento escrito

“*Certifico que, no livro 3-G fls 222 sob nº de ordem 7461 foi feita, nesta data, a transmissão de uma escriptura de compra e venda de quatro hectares e cincoenta e oito ares (4,58) de*

terra, no lugar denominado "Casa Velha", do imóvel "Itaóca", districto e município de Barra Longa; sendo adquirente Luiz Venancio Pereira e transmitentes Raymundo Pereira da Silva, s/ mulher Maria Pires Virgolino e Dolores dos Anjos Martins, lavradores do districto de Barra Longa, no valor de mil e quinhentos cruzeiros (Cr\$1.500,00), conforme escriptura de 12 de outubro de 1943, no cartório de Barra Longa, legalmente selada. Dou fé. Ponte Nova, 1 de fevereiro de 1944. Francisco José Ferreira da Silva."

(Cf. Anexo 4 – Escrituras – P. 322)

(202) Topônimo: **TAQUARAL**

Taxonomia: **Fitotopônimo**

MUNICÍPIO: Ouro Preto

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: hibridismo [indígena (tupi) + portuguesa] (cf. "informações enciclopédicas")

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

"Taquaral, extenso aglomerado de taquaras em determinada área; bambual, bambuzal, tabocal" (HOUAISS, 2001)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

"*Taquaral é ponto final em terra... taquara é ruim demais...*"

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 12 – P. 83, L. 441-442)

➤ **Documento escrito**

"*Nessa serra íngreme se encontram em toda parte casebres pobres, isolados uns dos outros, onde vivem geralmente negros pobres que cavam e lavam ouro nas redondezas. A pobreza é patente, e mesmo os dois pequenos vilarejos, Taquaral e Passagem, que atravessamos apresentam essa característica.*" (Eschwege, 2002:53)

Taquaral [Carta Geográfica do Termo de Villa Rica, em q se mostra que os Arrayaes das Catas Altas da Noroega, Itaberava, e Carijós lhe ficão mais perto, q' ao da Villa de S. José a q' pertencem, e igualmente o de S. Antonio do Rio das Pedras, q' toca ao do Sabará, o q' se mostra, pela Escala, ou Petipe de leguas. ca 1766, apud *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província*, 2002].

(203) Topônimo: **TAQUARA QUEMADA**

Taxonomia: **Fitotopônimo**

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: hibridismo [tupi + português] (cf. "informações enciclopédicas")

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [Ssing + ADJsing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“**Taquara** – [Do tupi *ta'kwar*] S.f. 1- Bambu, taboca.” (HOLANDA FERREIRA: 1987)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“**Taquara Quemada** fica entre **Furquim** e **Mariana**”

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 8 – P. 57, L.291)

➤ **Documento escrito**

“A companhia inglesa ‘Brazilian’ Consols formara-se com capital de 100 000 libras esterlinas, para explorar a jazida de **Taquara Quemada**, no caminho de Mariana para Antônio Pereira, no flanco da Serra de Ouro Preto. A propriedade fora adquirida em, agosto de 1873, pelo preço de 35 contos de réis (cerca de 4000 libras esterlinas), pagos metade em espécie, metade em ações. Os trabalhos, iniciados no mesmo ano, foram suspensos ao cabo de dois anos, em agosto de 1875, depois de terem sido retiradas 4.750 gramas de ouro, que foram insuficientes para cobrir as despesas. Como o capital não fora inteiramente subscrito, a exploração foi interrompida, por falta de recursos.” (FERRAND, 1998: 198)

(204) **Topônimo: TRIPUÍ**

Taxonomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO:Ouro Preto

ACIDENTE: físico / córrego

ORIGEM: Indígena *[tupi] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Tripuí < Tripuhy < Tripohi < Trepuhy

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“s.m. O morro delgado ou esguio. Minas Gerais “(T. SAMPAIO, apud SILVEIRA BUENO: 1998) (*ytyra-‘i’-pu-y*)

“O encontro das minas de ouro, em Minas, deu-se nos fins do Século 17, quasi 200 annos depois do descobrimento do Brasil, e foi, como sempre acontece, obra do acaso. o 1º rio, em que se notou a existência de ouro em Minas, foi o córrego **Tripuhy**, a poucos passos de Ouro Preto.”(GOÉS, 1926: 62)

“Tripuí, topônimo. No Brasil: rio de MG. De controversa origem tupi” (NASCIMENTO, apud MACHADO, 1984)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“Pesq.: *E o que que significa **Tripuí**... a senhora sabe?*

Inf.: ***Tripuí** ((risos)) não sei... eu sei é que lá que eles descobriram o ouro preto.*

Pesq.: *Ah... mas a senhora não tem... a senhora acha que é português::?*

Inf.: *A::, cê acha que é português? Parece mais nome indígena... num parece?”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 15 – P.97-98, L.45-50)

➤ **Documento escrito**

“Daqui toma à mão esquerda quem quer ir caminho direto para Vila Real, e se vai pela Cachoeira, à vista da Casa Branca, buscar a passagem do Garavato. E prosseguindo o caminho das Minas Gerais, do Lana se vai às Três Cruzes, e daí a Tripuí, que fica uma légua de Vila Rica, e logo se entra nela.”(Itinerário geográfico com a verdadeira descrição dos caminhos, estradas, roças, sítios, povoações, lugares, vilas, rios, montes e serras que há da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro até as Minas do Ouro. Composto por Francisco Tavares de Brito. Sevilha. Na oficina de Antônio da Silva. MDCCXXXII [1732], apud *Códice Costa Matoso*, 1999: 904)

“Tripohi” Carta geográfica do Termo de Villa Rica, em que se mostra que os Arrayaes das Catas Altas da Noroega, Itaberava e Carijós lhe ficão mais perto(...) o q’ se mostra, pela Escala, ou Petipe de leguas - ca 1766, apud *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província*, 2002.

*“Faço saber aos que esta minha Carta de Sismaria Virem que havendo respeito ao que por sua petição me enviou a diser Felix de Gusmão Mendonça e Bueno morador nestas minas de Ouro Preto que achandosse com seos escravos Fabricava dois sítios a margem de dois rios hú chamado **Trepulhy** o outro passa des nomes que lhe derão os Paulistas primeiros descobridores cujo passa des confinava com o Arrayal do quaquende do ouro preto e do **Trepulhy** com o campo, e dos lados com as Serras por cujos Sítios vinha o caminho do povoado. E porque queria a largar rosas e lançar gados me pedia lhe fizesse merce em nome de S. Magestade que Deos guarde de lhe dar húa legoa de terra por Carta de Sesmaria fazendo partir do alto que fica entre os dous sítios que verte para o passa des e **trepulhy** em cujo alto e mata se acha hua chrus com todas as maes vertentes e Serras para com leg^o tt^o as pesuhir e pagar os reaes dízimos[...] Dada em as minas Greaes aos 28 de Setembro de 1710.- O Secretario Manoel Pegado a fes & - Antonio de Albuquerque Coelho de Carv^o.”*

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 269, L.2-9, 20-21)

(205) Topônimo: VARGE ~ FAZENDA DA VARGE

Taxonomia: Geomorfotopônimo

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Segundo SOUSA (1960: 207-208), os vocábulos *varge*, *vargem* e suas variantes chegaram ao Brasil muito cedo, tendo, “ao que parece, maior emprego do que em Portugal, é claro, devemos dizer, como substantivo comum e não como substantivo próprio locativo ou tópico.”

MACHADO (1984) aponta *Varge* como “topônimo em Amarante, Barcelos, Bragança, Caminha, Fundão, Guarda, Maia, Monção, Pova de Lenhoso, Sintra, Vila Nova de Famalicão. Creio tratar-se da variante de Várzea ou de Vargem.”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

*“No tempo de Sô Zeca Tavares vei[o] pra [a]qui... vô contá... pra sinhora a história certo... ê chegô pra [a]qui mil novicens e vinte três... intão... ê mandô avisá Sô Zeca Tavares, pai do Luiz... mandô avisá o Boncesso todo... puque quand[o] ês compraro aí a... onde/onde Afonso mora hoje... **fazenda da Varge**... ali era uma fazenda véia né agora... hoje/hoje retificô tudo né!... tudo era mato... os home que vendeu aí... num gosta[va] de trabaiá não[...] intão ê mandô avisá o pessoal do Boncesso tudo plantá roça com ele lá... tudo quanto é home daqui do Boncesso... foi tudo pa lá plantá roça com o pai do Luiz Tavares uai... cumeçô um arrozá ali pra ci/ pa den[tro] da fazenda... onde Afonso mora... encheu aquele... aquela **Varge** até saf... até sai no/no corgo do Pacheco... per[to] do Boncesso... coiô uma quantidade de arroz minina... num tinha nem lugá de pô. É uai... Zeca Tavares... enchemo o paiol dele uai”*

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 6 – P. 192, L.444-460)

➤ Documento Escrito

*“**Vargem 5 de janeiro de 1933 / D. Hylioizina / Saudações***

Recebi vosso convite, o qual aceito com muito prazer para assistir a reunião dos católicos que desejão fazer parte da liga católica afim de defender os direitos da Igreja perante as terras(...)”

(Cf. Anexo 5 – Correspondências – P. 341)

***Vargem** [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]*

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 357)

(206) Topônimo: **VARGE ALEGRE**

Taxonomia: **Geomorfotopônimo**

MUNICÍPIO: Barra Longa

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCf [Ssing + ADJsing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

*“**Vargem** – topônimo freqüente no Centro, no Sul e na ilha da Madeira. É o mesmo que *Várzea*”. (MACHADO: 1984)*

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

*“Lá onde Sô Cláudio morô... du o'tro lado du rio...onde foi du Vicente... da **Varge Alegre**... lá chama **Varge Alegre** a fazenda.”*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 1 – P. 8, L.276-278)

➤ Documento escrito

***Vargem Alegre** [Mapa do município de Barra Longa, MG – 1939]*

(Cf. Anexo 6 – Mapas – P. 357)

(207) Topônimo: *VARGE DO INGENHO*

Taxonomia: *Geomorfotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nc_f [S_{sing} + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“Vargem – [De *várzea*, por influência de palavras acabadas em *-gem*]

Várzea – 1- Planície fértil e cultivada, em um vale” (HOLANDA FERREIRA: 1987)

CONTEXTO:

➤ **Oral contemporâneo**

“*Varge do Ingenho é em Furquim[...] Antigamente... o grosso lá daquela região era ingenho... eles faziam açúcar... cachaça.*”

(Cf. Anexo 1 - Entrevista 8 – P. 57, L. 279, 288-289)

“*Varge do Ingenho... onde batizô Cláudio Manuel da Costa... tem até a pia batismal dele até hoje... lá na capelinha... preservada... tem a fazenda onde os pais dele nasceu... com os muros da senzala... Varge do Ingenho*”

(Cf. Anexo 1 - Entrevista 17 – P. 112, L. 208-211)

➤ **Documento escrito**

Vargem do Engenho (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1976)

(208) Topônimo: *VARJADO*

Taxonomia: *Geomorfotopônimo*

MUNICÍPIO: Mariana

ACIDENTE: humano / fazenda

ORIGEM: portuguesa [brasileirismo] (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [S_{sing}] (S + sufixo *-ado*)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

“*Varja* – topônimo encontrado em Santa Marta de Penaguião. Variante de *Varge* ou de *Várzea*.” (MACHADO: 1984)

CONTEXTO:**➤ Oral contemporâneo**

“Varjado... é perto de Mariana... tenho a impressão que tá relacionado com varge... não?”

(Cf. anexo 1 – Entrevista 8 – P. 57, L.278)

➤ Documento escrito

Varjado (Carta de Mariana, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50.000; 1986)

(209) Topônimo: *VIERA ~ VIEIRA*

Taxonomia: *Antropotopônimo*

MUNICÍPIO: Acaiaca

ACIDENTE: humano / povoado

ORIGEM: portuguesa (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: n/e

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] (apelido de família)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

*“Vieira, sobrenome português toponímico (Minho). Do latim *Venaria*, derivado de *vena*: ‘conduto, veio ou fio de água ou metal’” (MANSUR GUÉRIOS: 1994)*

“Vieira – topônimo freqüente na Galiza: Pontevedra. Do substantivo feminino Vieira ‘concha usada pelos peregrinos a Santiago.’” (MACHADO: 1984)

CONTEXTO:**➤ Oral contemporâneo**

*“...morava na / lá perto da região do **Viera** lá... aí quando foi no dia 16 de abril de 1933, esse tal de Juca Lebet diz que bebeu umas cachacinhas e pegô um trem aqui em Filipe dos Santos e já deu uns tiros lá na estação de Filipe... Falô que ia matá o padre... É aí pego o expresso e foi pra Acaiaca [...] Ele é aqui dum lugar chamado Prata... perto do **Vieira**... município de Acaiaca”.*

(Cf. Anexo 1 – Entrevista 17 – P. 114-115, L. 330-369)

➤ Documento escrito

Vieira (Carta de Barra Longa, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:50 000, 1976)

(210) Topônimo: *XOPOTÓ*

Taxonomia: *n/c*

MUNICÍPIO: Ponte Nova

ACIDENTE: humano / fazenda, habitações isoladas no meio rural

ORIGEM: indígena (cf. “informações enciclopédicas”)

HISTÓRICO: Xopotó < Santo Antônio de Chopotó

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MACHADO(1984) apresenta *Xopotó* como “topônimo no Brasil: Minas Gerais. Provavelmente do tupi ‘gü’ ‘machado’, ‘putu’u’ ‘descansar’, ‘descanso do machado’.” BARBOSA (1971), apoiando-se em TEODORO SAMPAIO (que não admite a origem tupi deste topônimo), diz ser *Xopotó* um dos raros vestígios de nomes tapuias em Minas. HOLLANDA FERREIRA (1987) concorda com a origem indígena do vocábulo e classifica *Xopotó* como “tribo indígena que habitava uma região de Minas Gerais.”

CONTEXTO:

➤ Oral contemporâneo

“Inf.: ...esses Botocudo era /era... era aqui na região de Barra Longa com *Xopotó* aqui... e era até a ocasião num sei quem pai combate um poço essa... ês tava invadino muito num sab[e]? [...]ês andava muito pu canoa... e esse rio vai saí justamente:... se ocê descê pur ele abaixo cê vai saí lá nesse lugá... onde é o/o *Xopotó* que/que ês habitava também[...]

Pesq.: O que que significa *Xopotó* sô sabe?

Inf.: eu num sei... que aqui... todo/todo... todo nome tem um purquê.”

(Cf. Anexo 2 – Entrevista 7 – P.206, L.84-86; P.208, L.224-231)

➤ Documento escrito

“Faço saber aos que esta minha carta de cesmária virem q. tendo respeito a me representar por sua petição Manoel Ribrº de Carvº q. no ribeirão de **Sto Antonio de chopotó**[...]Dada em a Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro a vinte e cinco de Setembro Anno do Nascimento de N. Sr. Jesus Christo de **mil e sette centos e quarenta e sette**[...]”

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 267, L. 2-3, 29-30)

“Jozê Antonio FreiredeAndrada TenenteCoronel da Cavallaria comogoverno desta Capitania das minas geraes etc. Faço saber aosq. esta minha Carta de Cesmária virem, que tendo respeito ame representarem porSua petição João Ferreira Almada, Manoel Ferreira Braga, Jozé Ribeiro Forte, eAntonio dos Santos, moradores nafreguezia da Cide. Marianna, q. elles alcançarão nosmattos do **Xopotó** [...]DadaemVªRicadeN. Srª do Pillar do ouropreto a oito deMayo Anno donascimento deN. Snr. Jezus Christo **demilsettecentos cincoentaetrez**// (A.P.M., S.C. 106, R. 23- fól 16v,17r, 17v)

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 279-281)

*Vou na ribeira do rio
Que está aqui ou ali,
E do seu curso me fio,
Porque, se o vi ou não vi,
Ele passa e eu confio.*

CAPÍTULO 5 - ANÁLISE QUANTITATIVA E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao longo do capítulo 4, no qual tivemos como objetivo básico analisar os 210 topônimos coletados em entrevistas orais, utilizamo-nos de fichas que possibilitaram sistematizar os dados para análise quantitativa que se segue.

Assim, após entrevistas, levantamento de dados enciclopédicos, estudo lingüístico e classificação toponímica, passemos à análise quantitativa e discussão dos resultados.

A análise quantitativa será feita considerando as informações que se encontram nas fichas lexicográfico-toponímicas, apresentadas sob forma de tabelas e gráficos.

5.1. QUANTO À TAXONOMIA

As análises dos dados levantados pelas entrevistas orais das quais se coletaram os topônimos da Região do Carmo permitem que sejam feitas as seguintes afirmações:

5.1.1. Quanto à natureza dos topônimos

A natureza dos topônimos, conforme se viu anteriormente, divide-se em antropocultural e física. Na análise realizada, predomina o primeiro grupo, como se pode verificar: de um total de 210 topônimos, 126 são de natureza antropocultural, perfazendo 60% do total dos nomes, o que pode ser observado através do gráfico 1.

Tomando como referência a natureza física, cujos elementos de ordem vegetal, animal, espacial, orográfica e hidrográfica dão nome a localidades, o léxico-toponímico da Região do Carmo soma 80 topônimos, totalizando 38% dos dados.

Desses 210 topônimos, 4 não foram classificados, a saber: *Buieié*, *Manjonge*, *Montividi* e *Xopotó*, que correspondem a 2% do total dos topônimos analisados.

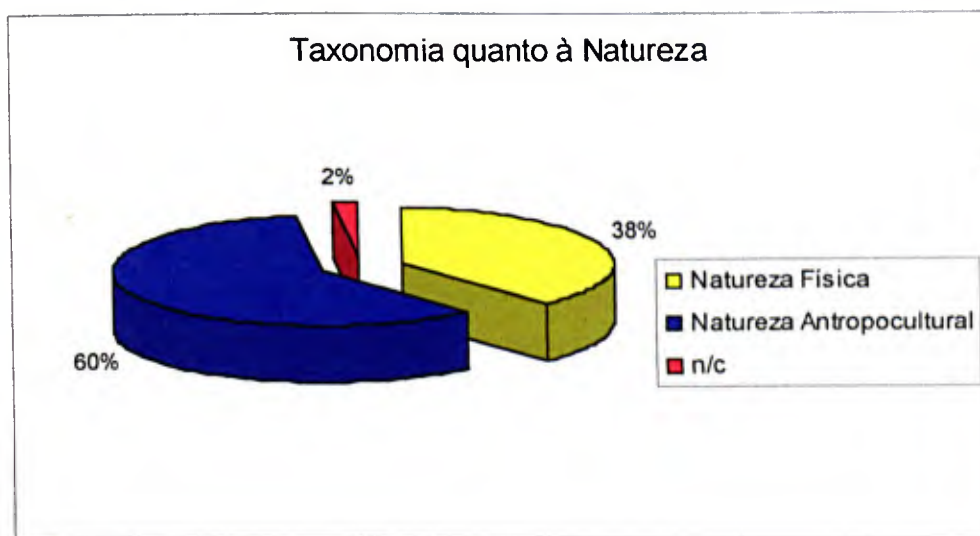


Gráfico 1 – Identificação percentual dos topônimos em relação aos aspectos físicos e antropoculturais

5.1.2. Quanto às taxonomias registradas na região

Como se viu em 2.2, os topônimos de natureza antropocultural podem ser de vários tipos. Os 60% de topônimos antropoculturais detectados nesta análise são constituídos das seguintes taxes: antropotopônimos, animotopônimos, axiotopônimos, dirrematopônimos, ergotopônimos, etnotopônimos, hierotopônimos, hagiotopônimos, historiotopônimos, hodotopônimos, sociotopônimos e somatopônimos. Não ocorreram, entre os dados desta pesquisa, topônimos que pertençam às classes dos corotopônimos, cronotopônimos, ecotopônimos, mitotopônimos, numerotopônimos e poliotopônimos (cf. 2.2, “as taxonomias toponímicas”).

A antroponímia fornece o maior número de topônimos da região estudada, somando 60 ocorrências, totalizando 28,5% dos dados, conforme mostram os gráficos 2 e 3. Se a observarmos em relação a sua natureza, essas 60 ocorrências correspondem a 47,6% dos dados de natureza antropocultural.

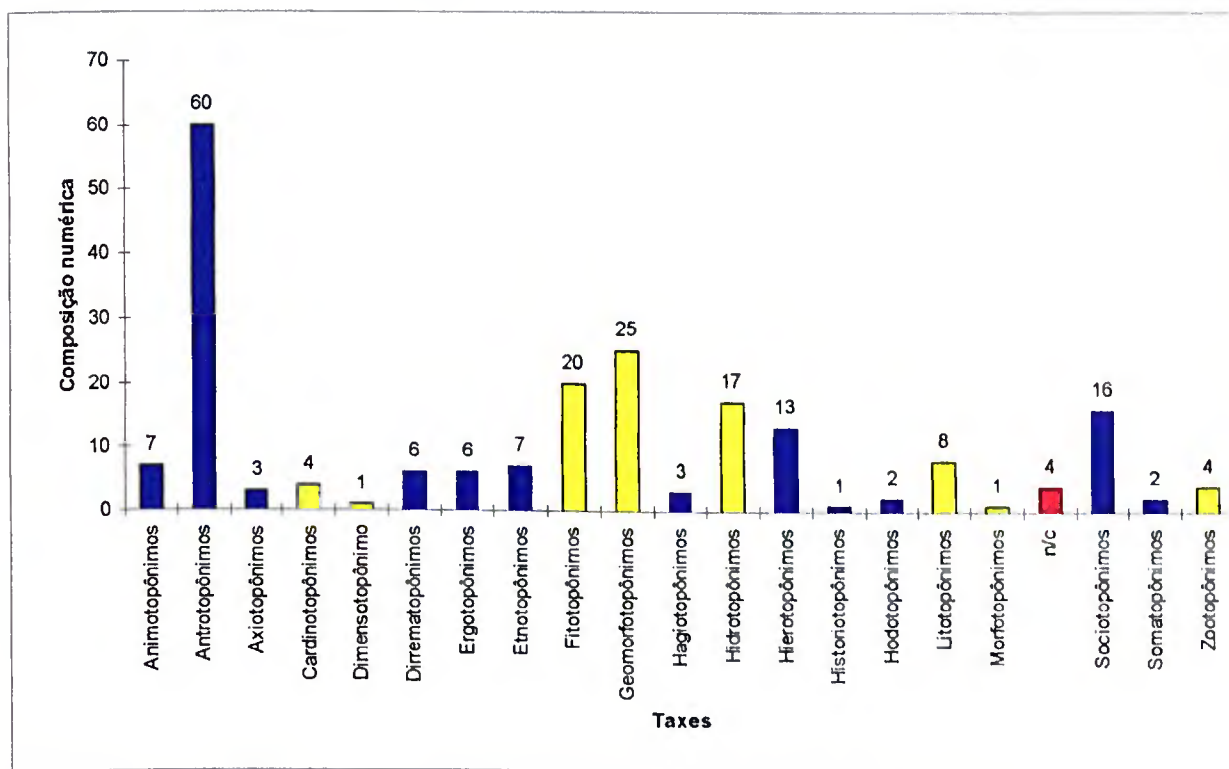


Gráfico 2 – Identificação numérica dos topônimos em relação a sua taxonomia.¹⁶⁴

Os sociotopônimos, com 7,6% de ocorrências, se posicionam em segundo lugar entre os topônimos de natureza antropocultural e em quinto lugar se se levar em conta a classificação geral, envolvendo, também, a natureza física. A terceira taxa com maior número de ocorrências, tendo em vista a natureza antropocultural dos nomes, é a dos

¹⁶⁴ ■ natureza antropocultural; ■ natureza física; ■ não classificado

hierotopônimos, somando 6,2% de ocorrências. Os animotopônimos e os etnotopônimos figuram, cada um, com 3,3% de ocorrências, os dirrematopônimos e os ergotopônimos com 2,8%, seguidos pelos hagiotopônimos e os axiotopônimos com 1,5 % cada. Com 1% de ocorrência, estão os somatopônimos e os hodotopônimos. Por fim, está o historiotopônimo com 0,5% de ocorrência.

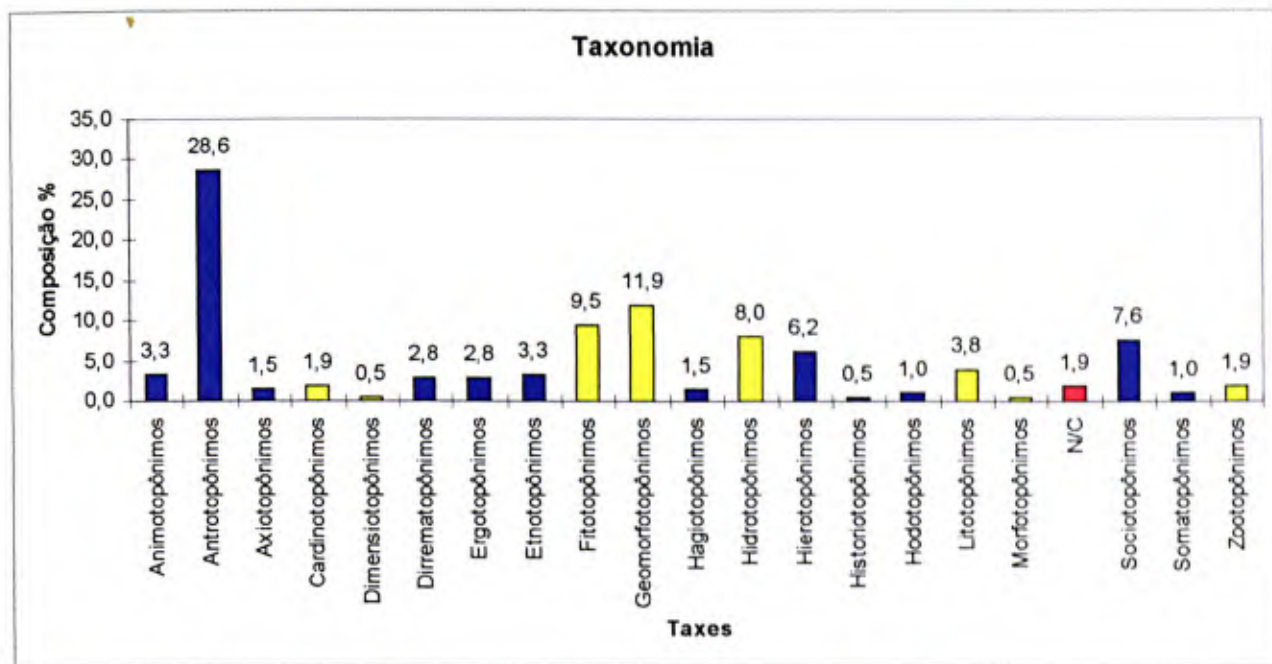


Gráfico 3 – Identificação percentual dos topônimos em relação a sua taxonomia. ¹⁶⁵

Quanto aos topônimos de natureza física, que perfazem 38% do total de topônimos, ocorreram nos dados aqueles pertencentes às seguintes taxonomias: cardinotopônimos, dimensiotopônimos, fitotopônimos, geomorfotopônimos, hidrotopônimos, hodotopônimos, litotopônimos, morfotopônimos e zootopônimos. Não foram identificados astrotopônimos, cromotopônimos e meteorotopônimos, citados em 2.2.

As duas maiores ocorrências que se constata logo após os antropotopônimos estão relacionadas à natureza física: são os geomorfotopônimos que somam 11,9% das ocorrências, sendo seguidos dos fitotopônimos com 9,5% das ocorrências e dos hidrotopônimos, com 8,0% das ocorrências. Com um número menor, registram-se os litotopônimos, com 3,8%. Em seguida, os zootopônimos e os cardinotopônimos, cada um com 1,9% das ocorrências. Por último, com 0,5% estão os morfotopônimos e os dimensiotopônimos. Do total de dados analisados, abrangendo as duas naturezas – física e antropocultural – 4% não foram classificados.

¹⁶⁵ ■ natureza antropocultural; ■ natureza física; ■ não classificado

5.1.3.Quanto à origem dos nomes

Uma vez identificadas a natureza e a taxonomia dos topônimos, passamos à análise de sua origem.

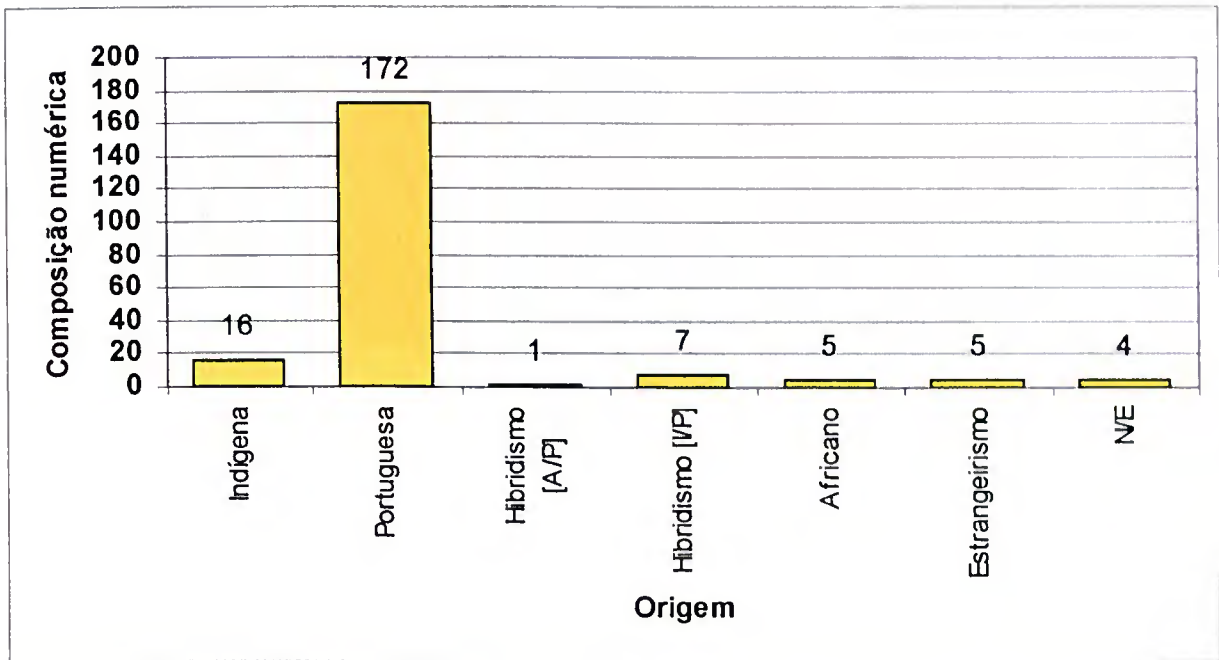


Gráfico 4: Identificação numérica dos topônimos em relação à origem

No que se refere à origem dos nomes de lugares, conforme se pode observar pelos gráficos 4 e 5 em que são mostrados dados numéricos e percentuais do total dos topônimos analisados, a Região do Carmo apresenta 172 ocorrências ou 82% de nomes cuja origem é portuguesa. Em um número bem menor, encontram-se os topônimos indígenas, com 16 dados que correspondem a 7,5% do total de ocorrências. Os nomes de formação híbrida, com composição indígena-portuguesa figuram em terceiro lugar com 7 ocorrências, equivalendo a 3,3% do total dos topônimos pesquisados. Os topônimos de origem africana e os de origem estrangeira contam, cada um, com 5 topônimos, perfazendo, cada um deles, 2,4% das ocorrências. A formação híbrida africano-portuguesa ocorre uma única vez: 0,5% de ocorrência.

Não foram encontradas a origem dos topônimos *Buieié*, *Manjonge*, *Matipó* e *Montividi* que correspondem a 1,9% do total dos dados analisados.

Além da identificação numérica, vista no gráfico 4, apresenta-se a identificação percentual dos topônimos, visualizada, no gráfico 5, a seguir:

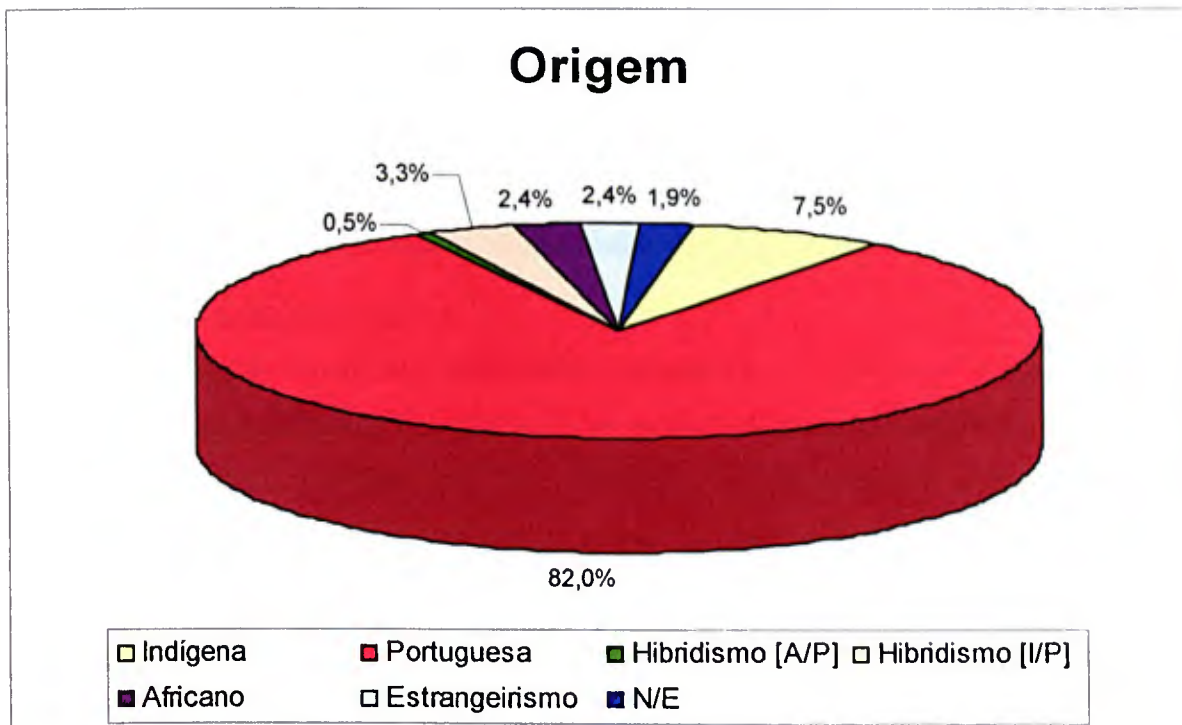


Gráfico 5: Identificação percentual dos topônimos em relação à origem

5.1.3.1. Nomes africanos que se adaptaram ao português

Apesar do grande número de negros que contribuíram com o trabalho de mineração e da quantidade de escravos que os historiadores registram em Minas (cf. Tabela 3), a influência de línguas africanas na toponímia da Região do Carmo foi pouco significativa, como se verifica através dos 2,4% de ocorrência.

Dessa parca ocorrência, registram-se substantivos, todos procedentes do quimbundo¹⁶⁶, língua da família banta, falada em Angola: *Gambo* < *Ngambu* (fitotopônimo), *Quindumba* < *Kindumba* (antropotopônimo “hipocorístico”), *Quilombo* < *Kilombe* (sociotopônimo), *Congo* < *Kongo* (etnotopônimo), *Marimbondo* < *Marimbondo* (zootopônimo).

5.1.3.2. Sobre os nomes indígenas

Em se tratando do território das Minas, mais especificamente da região do Carmo, que aqui nos interessa, pode-se dizer que não houve uma forte influência da língua tupi, ao contrário de outras regiões dos estados de São Paulo, Mato Grosso e Goiás. Os bandeirantes paulistas, acompanhados dos índios, abriram caminhos, porém poucos se fixaram e, desses, muitos se retiraram da região do Carmo após o episódio dos *emboabas*, conforme se pode observar pelas informações contidas nas fichas referentes aos topônimos que mantiveram o

nome de sertanistas. Pôde-se observar, ainda, que poucos topônimos tiveram em épocas passadas nomes de origem tupi, mudados, posteriormente, para nomes de origem portuguesa.

Os dados apontam 7,5% de ocorrência de nomes indígenas na região analisada. Desses, todos os topônimos de origem tupi são de natureza física, predominando, dentre eles, os fitotopônimos: *Acaiaca*, *Catinga*, *Cuiabá*, *Indequessé*, *Jaracatiá*, *Jequitibá*.

5.1.4. Quanto a forma e gênero

Nos 210 topônimos analisados, predomina o gênero masculino com 150 ocorrências, correspondendo a 71,4% dos dados, como se pode comprovar pelo gráfico 6. Já o gênero feminino está presente em 60 topônimos, correspondendo a 28,6% dos dados analisados. Destes últimos, 38 topônimos, o que equivale a 63,3%, são nomes femininos simples e 22 topônimos, que correspondem a 36,7%, são nomes femininos compostos.

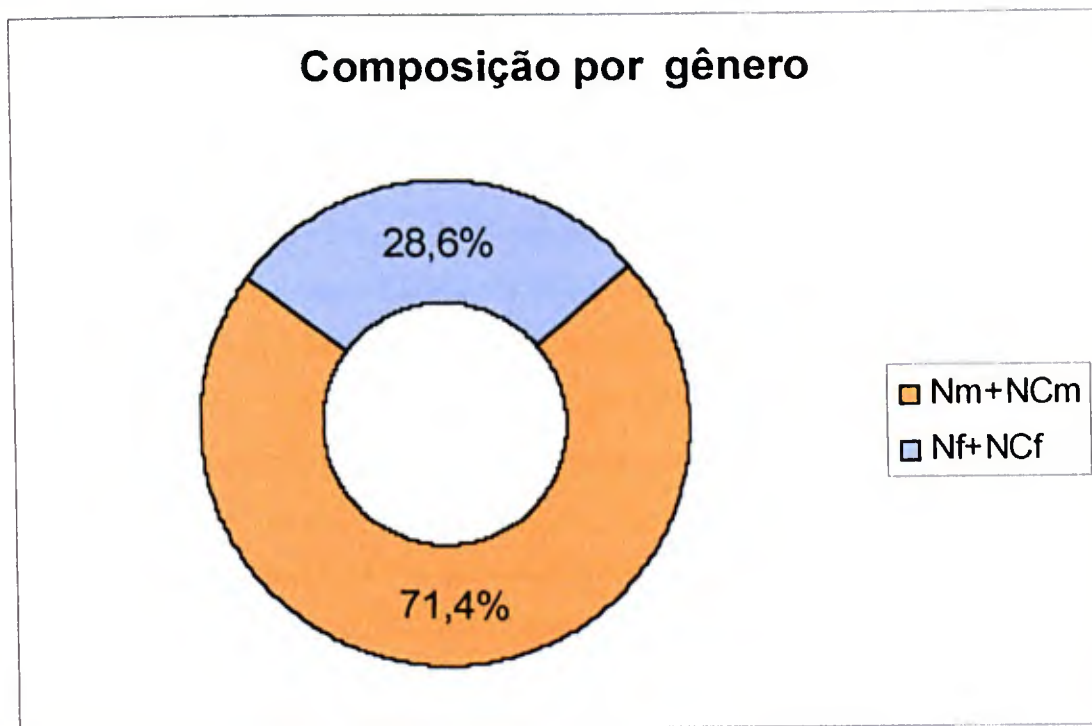


Gráfico 6: Identificação dos topônimos em relação ao gênero

Como topônimos simples, os nomes masculinos se dividem em: 87 topônimos ou 41,4% das ocorrências na forma de [Ssing] e 7 topônimos, correspondendo a 3,3% das ocorrências na forma de [Spl]. Já os nomes femininos apresentam 33 ocorrências na forma de [Ssing], o que corresponde a 15,7% do total dos dados e, ainda, 5 ocorrências na forma de [Spl], correspondendo a 2,4% do total dos dados analisados. Juntos somam 132 topônimos simples, o que equivale a 62,8% do total das ocorrências. O restante, ou seja, 78 nomes de

¹⁶⁶ ASSIS JUNIOR, A.de. *Dicionário Kimbundu-Português*. Lingüístico, Botânico, Histórico, Corográfico. Luanda: Argente, Santos & C^a. Ltda. s.d.

lugares são topônimos compostos, correspondendo a 37,2% do total dos dados: 56 topônimos, equivalendo a 26,7% do total das ocorrências, são nomes masculinos e 22 topônimos, o que equivale a 10,5% do total das ocorrências, são nomes femininos.

Os 26,7% dos nomes compostos masculinos são constituídos das seguintes estruturas morfológicas:

- [S_{sing} + ADJ_{sing}] = 23,2% das ocorrências
- [S_{sing} + S_{sing}] = 21,4% das ocorrências
- [S_{sing} + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}] = 14,3% das ocorrências
- [ADJ_{sing} + S_{sing}] = 7,1% das ocorrências
- [V + S_s] = 7,1% das ocorrências
- [S_{sing} + {Prep + S_{sing}}] = 7,1% das ocorrências
- [Qv + S_{sing}] = 5,4% das ocorrências
- [S_{sing} + {Prep + ADV}] = 3,6% das ocorrências
- [S_{sing} + ADV] = 1,8% das ocorrências
- [Prep + S_{sing}] = 1,8% das ocorrências
- [ADJ_{sing} + S_{sing} + S_{sing}] = 1,8% das ocorrências
- [S_{sing} + {Prep + A_{pl} + S_{sing}}] = 1,8% das ocorrências
- [S_{sing} + {Prep + A_{pl} + S_{pl}}] = 1,8% das ocorrências
- [S_{sing} + ADV + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}] = 1,8% das ocorrências.

Em um número bem menor, os nomes compostos femininos distribuem-se nas estruturas:

- [S_{sing} + ADJ_{sing}] = 27,3% das ocorrências
- [ADJ_{sing} + S_{sing}] = 22,8% das ocorrências
- [{[S_{sing} + {P + A_{sing} + S_{sing}}]}] = 13,7 % das ocorrências
- [S_{pl} + ADJ_{pl}] = 9,1% das ocorrências
- [S_{pl} + ADJ_{sing}] = 9,1% das ocorrências
- [{Prep + Pron} + S_{sing}] = 4,5% das ocorrências
- [ADV + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}] = 4,5% das ocorrências
- [ADJ_{sing} + S_{sing} + {Prep + Pron. + S_{sing}}] = 4,5% das ocorrências
- [ADJ_{sing} + S_{sing} + {Prep + A_{sing} + S_{sing}}] = 4,5% das ocorrências.

5.1.5. Caracterização histórico-cultural da Região do Carmo

A leitura dos gráficos apresentados permite que se trace um perfil dominante na região: os percentuais mais altos apontados na análise quantitativa se concentram em torno da

natureza antropocultural ou humana dos topônimos. Esse dado é reforçado pelos resultados da análise taxonômica que mostra o homem dominando o meio. A antropotoponímia local evoca os primeiros povoadores – bandeirantes, sertanistas, sesmeiros – possuidores de terras na região. Destes, a grande maioria é de origem portuguesa, seguido de um número bem menor de origem espanhola. Há um antropotopônimo, alcunha, de origem africana – *Quindumba*; um de origem inglesa, referente ao apelido de família de dois irmãos – *Mainart* (cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P.251-252) e somente um – *Mariana* – pertencente ao gênero feminino. Não ocorrem antropotopônimos indígenas.

Em seguida destacam-se as taxes que se referem, de maneira direta ou não, às atividades que possibilitaram a fixação do homem na região: os geomorfotopônimos, os hidrotopônimos e os fitotopônimos, denotando influências do garimpo e das atividades ligadas à agricultura e pecuária, decorrentes do processo de conquista e assentamento no território mineiro, como se mostrou ao discorrer sobre a história da região, no capítulo 3.

Os sociotopônimos, “*topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade*”¹⁶⁷, constituem outra taxe toponímica significativa na região, revelando agrupamentos ocorridos, resultantes de atividades minerais e agrícolas como *Lavras* (2 ocorrências), *Quilombo*, *Engenho* (4 ocorrências), *Moinhos*, *Quintas*, *Paiol*; locais de trabalho como *Rocinha*, *Olaria*; locais de estudo como *Seminário*; pontos de parada como *Estribo*.

Ainda que a Região do Carmo seja conhecida por ocupar um lugar de destaque no cenário religioso do país, com presença marcante da Igreja (cf. cap. 3.6), desde a primeira metade dos setecentos, a sua toponímia revela pouca influência do catolicismo, não evidenciando a sua importância, como se registrou na quantificação dos hierotopônimos, com 6,2% das ocorrências e dos hagiotopônimos com 1,5% do total das ocorrências.

A análise sobre a origem dos topônimos aponta a predominância da língua portuguesa na região e pouca influência de indigenismos, africanismos e estrangeirismos como produto do processo civilizatório. Após o episódio conhecido como “Emboabas”, em que os portugueses se fizeram vitoriosos na região, pode-se depreender que se tornou essencial o uso da língua portuguesa pois o número de famílias que receberam sesmaria na região foi bastante significativo (cf. 3.7).

Com menos de 4% das ocorrências do total dos dados analisados, constam os litotopônimos (topônimos tipo mineral), zootopônimos (topônimos tipo animal), cardinotopônimos (topônimos relativos às posições geográficas em geral), dimensiotopônimos

(topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos), morfotopônimos (topônimos que refletem o sentido da forma geométrica).

Quanto aos topônimos de natureza antropocultural, com porcentagens bem baixas salientam-se os etnotopônimos (topônimos relativos aos elementos étnicos), animotopônimos (topônimos que abrangem produtos do psiquismo humano), ergotopônimos (topônimos relativos aos elementos da cultura material), dirrematopônimos (topônimos constituídos por frases ou enunciados lingüísticos), somatopônimos (topônimos empregados em relação metafórica a partes do corpo humano ou do animal), hodotopônimos (topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana).

As 210 fichas analisadas registram no campo “estrutura morfológica”, além da forma, o gênero do topônimo, indicando a predominância do gênero gramatical masculino que pode ser expresso pelo substantivo e/ou, ainda, pela concordância do artigo ou de um adjetivo de tema em -o: como denominador originário, o homem imprime a sua marca no gênero ao se referir aos nomes de lugares da região, deixando registrados 71,4% de nomes masculinos.

5.2. QUANTO AOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DOS TOPÔNIMOS

Motivação-convenção-identificação são três constantes fundamentais do ato de nomear, apoiadas na estruturação léxica. Nesta seção se tratará da formação dos topônimos, limitando-se ao seu aspecto fonético-lexical.

5.2.1. Derivação

De acordo com WEINREICH (1953:54), “a necessidade de designar novas realidades, fenômenos, lugares e conceitos é, obviamente, a causa universal da inovação lexical.” Inovação que ocorre, sobretudo, em substantivos e adjetivos.

Combinando o princípio da derivação sufixal, a língua portuguesa pode criar com maior facilidade substantivos novos com base em adjetivos ou nos próprios substantivos, constituindo uma fonte quase inesgotável de inovação lexical.

Convém destacar os nomes terminados em *-ado(a)*. Pode-se dizer que eles se enquadram em duas categorias: adjetivos terminados em *-ado*, representados pelo particípio passado, adjetivados; decalque direto de um substantivo, como é o caso do topônimo *Varjado* (cf. ficha 208) e *Baxada* (cf. ficha 22). Derivado do topônimo luso *Varja*, *Varjado* é um topônimo brasileiro, formado pelo processo de derivação sufixal. Já *Baixada*, deriva-se de *baixo (-a)*, sendo considerado, também, um brasileirismo.

¹⁶⁷ DICK(1990: 34)

O sufixo *-al* é outra terminação freqüente nos processos de derivação, ocorrendo em vocábulos com o sentido de coletivo de determinada planta ou árvore. Entretanto, nos dados analisados, ele ocorreu duas vezes, como se pode observar nos topônimos *Bananal* (cf. ficha 13) e *Taquaral* (cf. ficha 202).

O topônimo *Jambero* (cf. ficha 111) é outro vocábulo formado pelo processo de derivação, em que a terminação *-eiro* reduz a *-ero*. Segundo PIEL (1989: 251) o sufixo *-eiro(a)* “é particularmente freqüente na denominação de árvores e plantas, com base nos seus nomes indígenas: *abacate-abacateiro; andu-anduzeiro*. Outra função é a de designar uma pessoa segundo as características da sua ocupação.”

Com o sufixo diminutivo *-inho(a)*, ocorre o maior número de topônimos formados por derivação sufixal: *Barrinha, Cuvanquinha, Pedrinhas, Pinheirinhos, Rucinha*.

Outros sufixos poderiam ser mencionados, entretanto não se prolongará essa discussão porque, como se pode observar pelas fichas, alguns são nomes, outros são topônimos existentes, também, em Portugal, devendo, portanto, serem considerados formações lusitanas. É o caso de *Espinhaço, Piteiras, Barreto, Barroca, Caldeirões, Caraça, Carvalhais, Curriola, Gestera, Grotão, Gudinho*.

Constata-se que os mesmos nomes que, nos séculos anteriores, se aplicam a pessoas, servem ao mesmo tempo para denominar lugares, de forma que é impossível estes serem mais antigos do que aqueles.

5.2.2. Composição

Os substantivos formados por meio do processo conhecido por composição têm características bastante populares; é o processo em que melhor se visualiza o espírito criador da língua, revelando formações que denotam um sentido agudo de observação e de expressividade. Na maioria das vezes, compõe vocábulos transparentes, dispensando comentários. Em relação ao seu aspecto formal, convém distinguir neste estudo:

- a) Substantivo + adjetivo: a composição faz-se por coordenação de um adjetivo a um substantivo. Predominam os hidrotopônimos com 7 composições, os sociotopônimos com 6 composições e os geomorfotopônimos com 5 composições, seguidos dos litotopônimos e dos fitotopônimos, com duas composições cada um deles e, por último, de um antropotopônimo. Distribuem-se entre as formas: *Água Fria, Água Limpa, Águas Claras, Barra Longa, Barro Branco, Catas Altas, Córrego Seco, Córrego Tisorero, Folha Larga, Ingenho Fernandes, Ingenho Novo, Ingenho Silvera, Itribo Goiabera, Lavras Nova, Lavras Veia, Monte Alegre, Ouro Preto, Rio Casca,*

Rio Doce, Pedro Bichim, Porto Alegre, Taquara Quemada, Varge Alegre, totalizando 69,6% de topônimos de natureza física e 30,4% de natureza humana ou antropocultural.

b) Adjetivo + substantivo: nesta ordem o número de ocorrências é menor do que no item “a”. Registram-se 9 composições: *Alto Jerônimo, Boa Glória, Boa Viagem, Boa Vista, Bom Ritiro, Santa Bárbara, Santa Cruz, Santo Antônio, São Gonçalo*, totalizando 77,7% de topônimos de natureza antropocultural e 22,3% de topônimos de natureza física.

c) Verbo + substantivo: A forma verbal, utilizada para formar esses vocábulos, é comumente a 3ª pessoa do presente do singular, do modo indicativo ou do imperativo. Nem sempre o processo psíquico, que está atrás das metáforas respectivas, é bem visível. Predominam, nessa formação, os topônimos de natureza antropocultural:

Apaga-Fogo = expressão lexical cristalizada

Rompe-Dia = expressão lexical cristalizada, de formação lusa.

Quebra-Canoa = composição relacionada à extração do ouro

Papa-Galinha = É uma composição de origem lusitana a formação regressiva de “papar” + substantivo (cf. ficha 152).

d) Substantivo + de + substantivo: Também este tipo de composição, em que um substantivo está subordinado a outro, está bem representado nos dados analisados. Nos exemplos que se seguem, predominam nitidamente os nomes de natureza física: *Cachuera do Brumado, Cachuera do Campo, Corgo do Ouro, Corgo dos Pilões, Pau d’Alho, Ribeirão do Carmo, Morro do Agaiú, Diogo de Vasconcelos, Gualacho do Norte, Gualacho do Sul, Filipe dos Santo, Córrego do Melo*.

5.2.3. Nomes expressos por frases

Muitas expressões substantivas da língua comum são constituídas por frases do tipo verbo (no imperativo) + nome (no acusativo), como as encontradas nos dados deste trabalho e mostradas no item anterior: *Rompe-dia, Apaga Fogo*; outras têm o advérbio em sua composição como em *Atrás-da-Serra, Mato Dentro, Outra Banda*.

São bem conhecidas na língua portuguesa contemporânea as expressões formadas por preposição + substantivo: *sem-terra, sem-teto*. Entre os topônimos estudados registrou-se a expressão *Sem-peixe*.

Ocorrem, ainda, categorias que se nutrem em larga escala da composição e que parecem pertencer ao léxico toponímico brasileiro: *Bela Vista d'Otra Banda*, *Boa Vista do Loredó*, *Mato Dentro do Bonfim*.

5.3. DESCRIÇÃO LINGÜÍSTICO-CULTURAL DOS TOPÔNIMOS

Em 5.1.1, constatou-se que, na análise realizada, 60% dos topônimos são de natureza antropocultural e 38% de natureza física. Para uma melhor visão deste quadro em que o homem, em contato com a realidade física encontrada na região, nomeia o seu ambiente, podemos afirmar:

5.3.1. Em relação à natureza antropocultural

Os antropotopônimos, conforme já se mostrou, constituem a taxa com maior número de ocorrências entre os topônimos de natureza antropocultural, caracterizando-se por estarem sendo transmitidos ao longo de gerações, apesar de os usuários nem sempre conseguirem identificar o porquê da sua presença, já que o vínculo denominativo se perde com o passar dos anos, principalmente em se tratando da antropotoponímia.

Quando o antropotopônimo está relacionado à História, esse vínculo se mantém e o seu sentido é mais comumente identificável. Entretanto, se se tratam de nomes de antigos sesmeiros, sertanistas pouco conhecidos ou pessoas que não permaneceram na região, torna-se apagada a noção do “sentido”, podendo o topônimo, por isso, vir, até mesmo, a ser substituído. Mesmo assim, na Região do Carmo, a antropotoponímia vêm se mantendo, nomeando lugares, mesmo sem ter o sentido, na maioria das vezes, vinculado ao nome.

5.3.1.1 Referência e Toponímia

O termo *referência* cobre uma grande variedade de questões relacionadas com o significado. Em um enunciado, quando se menciona um nome, afirma-se ou se diz alguma coisa sobre ele. Mas, por vezes, o significado é tão vago e inapreensível que se torna impossível chegar a uma conclusão relativamente clara sobre esse nome.

Uma das maneiras de abordar o significado consiste em considerá-lo como fazendo parte do conhecimento lingüístico do sujeito falante. Num determinado *universo de discurso*, ou domínio (definido como um conjunto de indivíduos), o nome, o referente e o sentido estariam associados na forma e no conteúdo como representa o triângulo de ODGEN & RICHARDS (1923:11) e ULLMANN (1957:12) reaplicado por LYONS (1977:85), utilizado em estudos lexicológicos, semânticos e, contemporaneamente, na onomástica,

conforme já se mostrou em 1.4. A relação triádica sugerida pelos autores citados, pode ser assim representada:

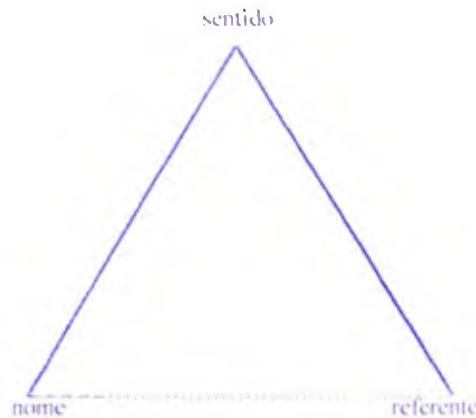


Figura 10: Relação triádica¹⁶⁸

As linhas que ligam o nome ao sentido e este último ao referente são contínuas, representando relações diretas. Já a linha pontilhada, ligando o nome ao referente, indica uma relação indireta que deve, necessariamente, ser mediada pelo sentido, ou seja, a identificação do referente passa pelo sentido do nome.

Com uma literatura menos extensa nos estudos lingüísticos, a onomástica tem merecido a atenção de pesquisadores quando se põe em destaque a língua como fato social. As questões sobre referência vêm, também, sendo objeto de estudo nessa área. LIBERATO (1997), ao analisar expressões lingüísticas em português, mostra que a identificação, no caso dos *nomes próprios* e dos *nomes de lugares*, pode não passar pelo sentido, sendo remetidos *diretamente* para o referente, resultando no seguinte diagrama que representa possibilidades de relação entre o nome e o referente.

¹⁶⁸ Há discordância entre vários autores quanto aos termos utilizados e, também, quanto às definições para cada termo. Entretanto, não é objetivo deste trabalho entrar nessa questão.

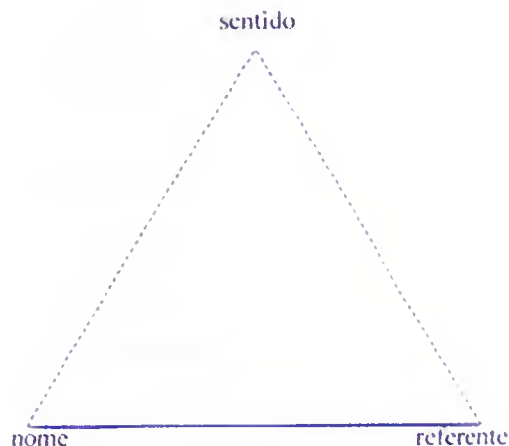


Figura 11: Referência e Onomástica

O topônimo é, pois, uma entidade que vai além da expressão lingüística e envolve, obrigatoriamente, o referente que destaca. É um designador rígido. Mais que isso, os nomes de lugares, assim como os nomes de pessoas representam ou são os próprios referentes. Logo, lhes é atribuído um estatuto diferente.

Desta forma, os nomes de lugares designam de uma maneira única um indivíduo que corresponde a um conjunto de descrições ou, se quisermos, que é identificável por um determinado conjunto de propriedades que só a ele dizem respeito. A idéia básica é que um lugar é “batizado” por uma pessoa ou por um grupo no início de seu povoamento e esse batismo passa a fazer parte da cadeia de acontecimentos que levou a associá-lo ao nome, sendo isso transmitido aos membros de uma comunidade lingüística. Dentro dessa “teoria causal da referência”, OLIVEIRA (1996) diz que o nome próprio é um “designador rígido”, pois designa um indivíduo de uma maneira única e direta.

Por se tratar de nomes que permanecem, às vezes intactos, outras vezes levemente modificados, os nomes de lugares possuem a função referencial, mas por ser muito antigo, atravessando gerações, o seu sentido não se encontra armazenado na mente do ouvinte, nem na do falante que a esses nomes se referem.

O que rege o uso de topônimos é, pois, a aplicação que o falante faz sobre a capacidade do ouvinte de identificar o referente com base nas propriedades locativas a ele atribuídas através da descrição.

5.3.1.2. A antropotoponímia na Região do Carmo

Sobre a tradição de nomear os lugares com antropônimos é, ao que parece, tradição ibérica, já que segundo PIEL,

boa parte do léxico toponímico do noroeste hispânico, a qual se pode avaliar num décimo, pelo menos, da sua totalidade, é constituída por nomes de antigos possuidores rurais, que estes, desde a época latina e através dos séculos medievais, deixaram vinculados às terras que ocuparam, exploraram e transmitiram aos seus herdeiros.¹⁶⁹

Considerando o que se acabou de citar e tendo em vista que a região do Minho estabeleceu um foco de irradiação lingüística e de cultura popular para a Região do Carmo, uma vez que, conforme se constatou, houve um grande número de famílias que migraram para a região, é de crer que a sua toponímia proporcione uma “colheita” incomparavelmente mais rica de vestígios do passado lingüístico português do que à primeira vista se percebe.

Em boa parte, esta riqueza toponímica se explica pela densidade, sem dúvida já antiga, do povoamento respectivo em finais do século XVIII e início do XIX, transferindo-se e dando-se continuidade a antropotopônimos portugueses. Por outro lado, ela se explica pela conservação dos nomes deixados pelos primeiros desbravadores paulistas em uma época ainda mais antiga, final do século XVII e início do XVIII. Mesmo nos séculos posteriores, essa tradição de dar à terra o nome de seu proprietário tem sido preservada. Sintaticamente falando, todos eles, vocábulos formados de nomes próprios, são expressões a que os gramáticos chamam “locativos”.

Antônio Pereira, Barbosa, Barreto, Barroca, Bento Leite, Bento Pires, Bento Rodrigues, Borba, Bueno, Bunito, Camargos, Carvalhais, Chico Lopes, Cibrão, Cláudio Manuel, Constantino, Correia, Crasto, Cunha, Custódio, Diogo de Vasconcellos, Filipe dos Santos, Fragoso, Frazão, Furquim, Gama, Gesteira, Guarter, Gudinho, Inácio Correia, Jachó, João de Góis, Lage, Macau, Magalhães, Mainarti, Mariana, Martins, Mateus Coelho, Melo, Miguel Rodrigues, Pacheco, Papa-Galinha, Pascoal Lopes, Paulo Moreira, Pedro Bichim, Pimenta, Pinheirinhos, Pinheiros, Ponciano, Prata, Quindumba, Quintino, Rola, Rumero, Salazar, Santa Rita Durão, Silvera, Suberbo e Viera constituem os antropotopônimos coletados nas entrevistas realizadas.

Vários sertanistas que partiram de São Paulo rumo ao ribeirão do Carmo, à cata do ouro nos primórdios do século XVIII, tiveram seus nomes vinculados aos locais em que habitaram. Alguns não se fixaram na região por longo tempo, entretanto deixaram marcas de suas presenças, registradas em antropotopônimos que permanecem até hoje, podendo-se citar: Tomás, Gonçalo e João Lopes de Camargo, em *Camargos* (cf. ficha 47, “informações enciclopédicas”); Francisco Lopes Bonito, no *Bonito* (cf. ficha 41); Francisco Bueno de Camargo, no *Bueno* (estabelecido na região do Carmo e indo depois para Pitangui, como se

¹⁶⁹ PIEL (1989: 43)

mostra na ficha 39); Sebastião Rodrigues da Gama, no *Gama* (cf. ficha 84); Bento Leite, Bento Pires, Bento Rodrigues em lugares com estes respectivos nomes; Antônio Furquim da Luz, no *Furquim* (os seus descendentes migraram para a região de Pitangui, cf. ficha 83). Outros, na medida em que o ouro foi se extinguindo, passaram a se dedicar às atividades agrícola e pecuária, mantendo-se na região e lá construindo descendência, destacando-se: Francisco Barreto Bicudo ou Francisco Barreto Palha, no *Barreto*.

Quanto aos portugueses que imigraram para a região desde o início do XVIII, salientam-se: Antônio Pereira, que tem o seu nome mantido até hoje em topônimo com esse mesmo nome; João Gonçalves Gesteyra, no *Gesteira*; Manoel de Crasto, no *Crasto*; Antônio Thiago Salazar, no *Salazar*; Inácio Correia de Sá, na fazenda *Inácio Correia*; Marcelo Pinheiro, em *Pinheiros* e *Pinheirinhos*; Francisco Lopes, no lugar denominado *Chico Lopes* e Paschoal Lopes, no lugar também denominado *Pascoal Lopes*.

Não raro se se depara com um nome de lugar, de significação à primeira vista impermeável, se revelando, numa análise mais minuciosa, como sendo o último refúgio de um antigo nome comum, o qual no decorrer dos séculos, e por motivos diversos, se foi extinguindo, embora permanecesse na toponímia. É o caso de *Cibrão*, topônimo encontrado no município de Mariana, derivado de *Ciprianus*, nome tirado do calendário cristão – do latim *Cyprianus*, de *Cyprius*: de *Cyprus* “Chipre” – refere-se a um santo do século IV. Em português o vocábulo evoluiu de *Cipriano* > *Ciprião* > *Cibrão*. LEITE DE VASCONCELOS explica a mudança do nome e a sua permanência na toponímia:

Dá-se às vezes o caso de se restaurar um nome no uso quotidiano, e continuar a existir uma sua forma antiga na toponímia: ‘Cibrão’, forma antiga, foi restaurado em ‘Cipriano’, como nome de pessoa, e mantém-se em ‘S. Cibrão’, nome de localidade do Norte e da Beira.¹⁷⁰

Segundo o autor, ao clero deve-se, em grande parte, a restauração dos nomes e a oposição às formas “plebéias”, como ocorreu com *Cibrão*, pois os padres se guiavam pelos nomes que constavam no calendário cristão, em ocasiões como batismo e casamento, impondo-os, impedindo, assim, que a forma popular seguisse sua evolução. Em Portugal, desde o reinado de D. Afonso Henriques (1128-1185), o prestígio alcançado pela Igreja provoca uma forte tendência à utilização de nomes de santos nos batismos de indivíduos cristãos. Segundo CARVALHO (1927), já antes do Concílio de Trento, que impôs os nomes de santos como nomes de batismo, nenhum português recebia nome que não tivesse sido consagrado pela Igreja. Na Região do Carmo este antropônimo que remete ao sertanista Pedro

¹⁷⁰ LEITE DE VASCONCELOS (1928:505)

Ferreira *Cibrão* foi, com toda certeza, um dos primeiros nomes a se revestir de caráter dêitico, ou seja, referencializado como topônimo e com significação “vazia”, hoje, para os habitantes do lugar.

A mesma impermeabilidade se observa em *Frazão*, apelido de família de um dos primeiros paulistas que se fixaram na região do Carmo, Pedro *Frazão* de Brito. Sobre esse nome se tem notícia de sua ocorrência no século X, como nome geográfico in *Farazone*. LEITE DE VASCONCELOS (1928:169) cita Johan Garçia *de Farazom*, enquanto confirma ser este apelido de família proveniente de um nome geográfico. No século XIV, finaliza o autor, há a ocorrência do antropônimo Ayras Martinz *Ffarazom*, sem *de*, “e sem ‘de’ se encontra ‘Frazão’ ou ‘Farazão’ em muitos documentos posteriores.”

Sobre os apelidos de família LEITE DE VASCONCELLOS(1928:165-166) lista vários, tirados de nomes geográficos de Portugal: “*Uns provêm de nomes de povoações (cidades, vilas, aldeias), outros de quintas, propriedades, sítios; e assim por diante.*” Dentre eles, pode-se citar alguns, que vindos com os portugueses que migraram para o Brasil, deixaram de ser somente apelidos de família, passando a designar o lugar onde eles se fixaram, tornando-se, portanto, topônimos também no Brasil.

Barreto, Cunha, Fragoso, Gama, Gesteira, Frazão, Correia, Godinho, Magalhães, Melo, Pimenta, Salazar e Vasconcelos são topônimos encontrados na Região do Carmo e citados por LEITE DE VASCONCELLOS (op. cit) referentes a localidades pertencentes ao norte de Portugal. Com a perda da noção de que o apelido geográfico era originariamente complemento indicativo de pátria, procedência – aliás não se sabe em quais apelidos de família essa noção ainda havia na época de suas emigrações – esses nomes ficaram esquecidos como referenciais de origem, mas se perpetuaram através de séculos no Brasil, mais especificamente na Região do Carmo, como topônimos, seguindo a tradição do noroeste hispânico dos “possuidores rurais” de deixarem os seus nomes vinculados às terras das quais se ocuparam.

Se se pormenorizar mais, pode-se extrair fatos raros como a conhecida importância do elemento germânico, mais precisamente visigodo, na toponímia da península ibérica, que se deve, de acordo com estudos realizados por PIEL (1989),¹⁷¹ à frequência dos antropotopônimos medievais desta origem, oriundos de nomes de proprietários e fundadores de terras da Idade Média e que se mantém foneticamente mais ou menos evoluída e com diversas desinências. O autor nos explica, ainda, que na península hispânica o número de

¹⁷¹ “Toponímia Germânica na Península Ibérica”(149-172)

topônimos constituídos por nomes comuns germânicos é mínimo. *Godinho* é um deles. Quanto a este antropotopônimo, ele nomeia doze “sítios” em Portugal, sete no norte. *Gotimus*, com suas muitas variantes, é formado possivelmente a partir do étnico respectivo, ou seja, *Godó*. Porém, PIEL deixa claro que tal nome remete a “possessores” medievais e não a núcleos populacionais godos. Na região do Carmo, no município de Barra Longa, *Godinho* dá nome a uma fazenda.

Fruto do espírito zombeteiro do povo português, coletou-se o “apelido geográfico” dado com aspecto de alcunha: *Pedro Bichinho*, como se quisesse dizer “o bichinho” (antonomásia), havendo aí uma elipse mental. *Macau*, *Quindumba* e *Papa-Galinha* são as outras alcunhas que nomeiam lugares na região. Das alcunhas, escreve LEITE DE VASCONCELLOS:

as alcunhas pessoais transmitem-se de pais a filhos ou parentes, como os apelidos, já desde a idade-média [...] e por isso acontece que nos herdeiros perdem a significação chistosa, rude ou outra, que tinham quando se impuseram a primeira vez: é nesse grau que se tornam apelidos propriamente ditos[...] As alcunhas têm o mesmo emprego gramatical e familiar que os apelidos ou os sobrenomes. Quando se determina um indivíduo com uma alcunha, dão-se dois casos: ou ela se junta logo ao nome, sobrenome, apelido; ou se introduz por intermédio de uma palavra simples.¹⁷²

5.3.2. Em relação à natureza física

Em todas as partes do mundo o homem faz uso de signos lingüísticos que se fundamentam em seu entorno vivencial, estimulados pela necessidade de nomear, diferenciar e indicar. Utiliza-se para isso de variadas estruturas lingüísticas que combinam motivação, convenção e identificação, produto psíquico da história socio-político-cultural de um povo.

Dos 38% de topônimos de natureza física, 11,9%, quase um terço desse total, refere-se aos geomorfotopônimos. São nomes antigos na região, remontando à época do ouro, primeira atividade que levou o homem a se fixar no território mineiro. Em seguida, destacam-se os fitotopônimos que se relacionam à atividade agrícola na região e os hidrotopônimos que remetem às duas atividades citadas. Com menos de 4% de ocorrências, registram-se litotopônimos, zootopônimos, cardinotopônimos, hodotopônimos, morfotopônimos e dimensiopônimos.

5.3.3. “Outra Banda” e “Mato Dentro” na toponímia da Região do Carmo

A necessidade de denominar um lugar segundo a sua situação em relação a um espaço geográfico habitado é um fenômeno geral, comum a todas as épocas. Entretanto, tal

¹⁷² LEITE DE VASCONCELLOS (1928:178-179)

fato costuma “cristalizar” nomes que despertam a curiosidade do pesquisador, principalmente, se eles se repetem em um espaço físico considerável, tornando-se típicos de uma região.

A seguir, pretende-se examinar sumariamente dois nomes dessa natureza, que parecem levantar questões léxico-históricas. Querer tratá-los num quadro ibérico constituiria, sem dúvida, uma tarefa atraente, mas excederia os limites de espaço de que se dispõe nesta pesquisa.

5.3.3.1. Outra Banda

A etimologia da palavra *banda* já foi estudada por PIEL (1969). Segundo esse autor, o referido vocábulo *albende / alvende* vem “*a ser um termo medieval castiço, abonado apenas através de dois vetustos exemplos do século IX*”, derivado do árabe *al-band*, cujo significado é bandeira.

Segundo PIEL, desde que se admita a significação de “bandeira”, “*albende não deixaria de sugerir em primeira instância o germânio (visigodo) bandwo ‘senha’, ‘sinal’, termo latinizado em bandum, que Paulo Festo (Diácono, séc. VIII) traduz por ‘vexillum’, e que, com sentido metafórico, sobrevive em bando, banda, etc.*”

Deste “germanismo latino” *bandum*, característico da terminologia militar, difundido a partir das grandes invasões, é do qual, acredita PIEL, originou-se o vocábulo *banda*, em alusão a uma faixa que “*poderia corresponder, mais concretamente, a uma espécie de bandeira plantada na terra recentemente apresada.*”

Da idéia de “posse”, *banda* ampliou o seu sentido, passando a designar a localidade em que se situa a terra possuída em relação a um rio, riacho que a divide¹⁷³. Derivado de *banda*, o vocábulo *outra banda* se compôs, significando lado, parte ou margem. Como topônimo, *Outra Banda* se encontra na Espanha, Galícia, Portugal (Almada, Lisboa), África (Guiné Bissau), Índia (Macau) e Brasil (Ceará, Minas Gerais). Na literatura, este topônimo pode ser observado em várias obras, comum, portanto, a toda a Ibéria:

Mas neste passo, assi prontos estando,/ Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca: acordam, despertando,/ Os marinheiros dua e doutra banda; /
E, porque o vento vinha refrescando,/ Os traquetes das gáveas tomar manda: /
- “Alerta – disse – estai, que o vento crece / Daquela nuvem negra que aparece!”¹⁷⁴

Arranjou outro ofício: passava para a **Outra Banda** as mulheres que vêm ao Porto com as canastras e que depois, no regresso, embarcam na lingueta de Lordelo [...]

¹⁷³ “Banda – lado (parte del espacio): *de la ~ de acá del rio* (Dicionário Ideológico de la Lengua Espanhola, 1995)

¹⁷⁴ CAMÕES, L. de. *Os Lusíadas*. 1524-1580. São Paulo. Editora Itatiaia Ltda, 1980. Canto sexto, Estrofe 70, P.244.

Não se mexam! Agora quem quiser chegar à **Outra Banda** tem de dar mais um pataco!¹⁷⁵

[...] O barqueiro Chorente ou Charonte, a cambio da trenza que lle queda a Morgana, pásars á **outra banda** do Xallas, no que as xacias intentan atraer a Miro co seu[...]¹⁷⁶

[...]até do afastado da **outra banda** [...]¹⁷⁷

Banda e Outra Banda são termos bastante comuns em documentos escritos do século XVIII, conforme se pôde observar através dos seguintes trechos retirados de cartas de sesmarias doadas a povoadores da Região do Carmo:

[...] Portanto me pedia lhe fizesse mercê conseder o dº sitio aonde assistia por sesmaria não prejudicando a terceyro correndo hua Legoa de sua **banda** do Rio, e outra Legoa da **outra banda**, comessando da borda de sua Rossa para Rio abaixo até encher a dª Legoa. E visto seu requerimento e informação, que se me dou Hey por bem de fazer Mercê ao dº Pedro Correa de Godoy em nome de S. Magde., que Deos gde. de lhe dar de sesmaria o ditto sitio com meya Legoa somente de hua **banda** do Rio e outra meya Legoa da **outra banda** das terras declaradas em sua petição.

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P.245, L.4-10)

[...] que elle hera senhor e possuhidor há muitos annos, de humas posses citas no corgo chamado churimirim, que desagoa no Ribeyrão da **outra banda** da estrada [...]

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 246, L.5-6)

Faço saber aos que esta minha Carta de Sesmaria virem, que tendo respeito a me representar por sua petição João Martins da Costa, que na freguezia do Sumidouro se achava hú pouco de mato devoluto, e só occupado parte delle da **banda** de sima da barra que fazião dous Corgos que se juntavão a riba da rossa de Antonio Fernandes, e decião das vertentes que calião para elles, divididas do ribeyrão das Lages, o de húa parte dos ditos Corgos tinha rossa de Antonio Lopes, e porque o Suplicante queria cultivar e possuhir com tittulo legitimo as dittas terras para este effeito pertenda lhe mandace passar as Carta de Sesmaria, fazendo pião no meyo do ribeyrão das Lages, para a **banda** dos dittos dous Corgos, correndo os rimos, hum direito, e ditta Barra, para balizar e confrontar com ela, e outro encontrado a este para outra parte do ditto ribeyrão, e os mais para os dous lados [...]

(Cf. Anexo 3 – Cartas de Sesmaria – P. 244, L.3-11)

Contemporaneamente, no Brasil, *banda* cedeu lugar ao vocábulo *lado*, comumente usado, mas manteve-se na toponímia.

5.3.3.2. Mato Dentro

Essa forma toponímica, que se distribui em algumas localidades mineiras, ocorre, também, em outros pontos do território nacional: Mato Grosso (localidade e povoado), Goiás (sítio arqueológico em Vianópolis), São Paulo (Ribeirão Mato Dentro, Cachocira Mato Dentro – na estrada para a reserva da Serra da Bocaina, Fazenda Mato Dentro – do início do

¹⁷⁵ BRANDÃO, Raul. *Os Pescadores*. 2ª edição. Lisboa: Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 1988, P. 115-116.

¹⁷⁶ *A vaca de Fisterra e a trabe de alcatrán*. Zaragoza: Edelvives – Trambre, 2003, P. 84.

século XIX, no município de Campinas), Rio de Janeiro (Cahoeira do Mato Dentro – próximo a Vassouras) e Curitiba (bairro).

Em Minas Gerais, *Mato Dentro* é bastante comum, no interior, estando presente nos topônimos: Conceição do Mato Dentro (próximo ao Serro), Itambé do Mato Dentro (antes Nossa Senhora do Itambé), Itabira do Mato Dentro, Bom fim do Mato Dentro (próximo a Antônio Pereira), Brumado do Mato Dentro, Mato Dentro e Bonfim do Mato Dentro (Barra Longa). Na Região do Carmo, *Mato Dentro* nomeia, ainda, várias áreas de campo.

Poder-se-ia aventar a hipótese de este ser um topônimo histórico ou um topônimo bandeirante, já que parece constar em várias localidades por onde passaram as bandeiras. Seria *Mato Dentro* um decalque lingüístico ou mais especificamente um decalque lexical de algum vocábulo tupi?

Entende-se por decalques lingüísticos os “empréstimos por tradução”, introduzidos na língua, muitas vezes, sob forma aproximativa. Sobre o “decalque lexical”, diz GARMADI:

O decalque lexical oferece a vantagem de evitar, em primeiro lugar, as dificuldades levantadas pela integração fonológica dos significantes dos lexemas estrangeiros no seu sistema de acolhimento, ao mesmo tempo que procura respeitar a equivalência na ordem dos significados.¹⁷⁸

Em cartas de Sesmaria doadas a povoadores da região do Carmo, durante o século XVIII, observa-se a ocorrência de *mato dentro*:

Faço saber aos que esta minha Carta de Sesmaria virem, que havendo respeito ao que por sua petição me enviou a dizer Francisco Frz. De Almada, assitente no Ribeyro dos Mossus hindo p^a **mato dentro**, com obrigações de mulher e filhos, mineyro actual nestas Minas há onze anos[...]

(Cf. Carta de Sesmaria – Anexo 3 – P. 274, L. 2-4)

Essas ocorrências, já em documentos antigos, parecem comprovar que poderia não ter havido as construções “mato adentro” e “mato de dentro”. Porém, caso tenham ocorrido, foi anterior aos setecentos, pois estas construções, como se pode ver, não se encontram em cartas de Sesmaria, dessa época, em Minas. Presume-se, pois, que essa composição poderia corresponder simplesmente à tradução de um termo tupi, analogamente formado, justificando os conceitos de “tupinismos internos” ou “semânticos”. Entretanto, faz-se necessário aprofundar nessa questão, pois não se pode deixar de considerar que há aspectos da fonética sintática portuguesa, visíveis em topônimos em Portugal, que não foram

¹⁷⁷ GUIMARÃES ROSA. A Terceira Margem do Rio. In: *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, P. 32.

¹⁷⁸ GARMADI (1983:143)

transferidos para o Brasil, podendo-se pensar em *Mato Dentro* até mesmo como um lusitanismo.

5.4. SOBRE A QUESTÃO DOS FÓSSEIS LINGÜÍSTICOS

A cristalização semântica de topônimos, ou seja, a sua persistência como signo geográfico, mesmo quando seus elementos componentes deixaram de ser facilmente identificáveis pela população local adquire considerável importância em uma pesquisa sobre toponímia, podendo se revestir, conforme observa DICK(1990: 42), “*como fonte de conhecimento, não só da língua falada na região em exame, como também de ocorrências geográficas, históricas e sociais, testemunhadas pelo povo que a habitou, em caráter definitivo ou temporário*”.

O interesse pelos nomes de cursos d’água já era objeto de estudo de DAUZAT, no início do século XX, na França, quando afirmava em seus estudos toponímicos que os nomes de rios “*nos permitem mergulhar no mais distante passado lingüístico da Europa ocidental.*”¹⁷⁹ Constitui, também, objeto de estudo da lingüística histórica, pois através deles pode-se perceber estágios antigos de língua. Para BYNON(1995: 263), os locativos, incluindo-se aqui os nomes de montanhas e rios, muitas vezes se constituem “*fósseis*”¹⁸⁰ lingüísticos que sobrevivem até o tempo atual, permitindo, através deles, que se penetre em um tempo passado.

Gualacho parece ser um destes *fósseis*. Encravado em uma região que foi “vasculhada” por sertanistas e portugueses, este topônimo vem se perpetuando na zona do Carmo, através dos séculos e estendendo o seu nome a campos, fazendas e lugarejos em seu entorno. A sua origem não é clara, pois se revela apenas nos vestígios que deixou em nomes de lugares.

Presente em outras áreas do território americano, América Central, Venezuela, Uruguai e sul do Brasil, não se sabe como este vocábulo, classificado como americanismo, estabeleceu-se na região. Supõe-se pela sua presença na toponímia que esse gupo étnico (cf. ficha 90) tenha ocupado um vasto território.

Embora faça parte de um vocabulário conservador, o termo *Gualacho* interessa aos estudos indígenas pré-colombianos, uma vez que está patente como fóssil lingüístico no

¹⁷⁹ “*Les noms de cours d’eau présentent un intérêt, très particulier: ils renferment, parmi toutes les catégories de toponymes, la plus forte proportion des noms les plus anciens, la rivière, nous l’avons vu, étant particulièrement rebelle aux substitutions. Ce sont ces noms qui nous permettent de plonger le plus loin dans le passé linguistique de l’Europe occidentale.*” DAUZAT(1926:195)

¹⁸⁰ Expressão tomada ao geógrafo francês Jean Brunhes, que o considerava um fóssil da geografia humana.

léxico toponímico, fonte ainda pouco explorada com vista à reconstituição de primitivas áreas vocabulares.

5.5. A QUESTÃO DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA LINGÜÍSTICA DE TOPÔNIMOS

Ainda que os nomes de lugares constituam uma classe que, por tradição lingüística, mantém-se muitas vezes intacta enquanto sobrevive por anos e até séculos, conservando a história de um tempo passado, codificada em um símbolo da língua, os mesmos costumam sofrer transformações, principalmente de ordem fonética e analógica. Muitas vezes este fato surpreende os estudiosos da língua que esperam encontrar topônimos preservados da ação do tempo. DAUZAT (1926:58) chama atenção para esse fato:

Acreditava-se, antigamente, que os nomes de lugares eram menos sujeitos aos acidentes do que os nomes comuns, por que pareciam menos expostos às influências ocasionadas pelo contato com outros elementos do vocabulário e, também, por que, em princípio, eles não se deslocavam. Mas, o estudo atento dessas palavras prova o contrário, ou seja, elas são mais acessíveis às alterações que os nomes comuns: não estão elas isoladas na língua, incompreendidas, privadas do sustento que oferece a seus membros toda família de palavras? Além disso, encontram-se menos profundamente ancoradas na consciência popular, experimentando alterações de ordem gráfica.¹⁸¹

Para DAUZAT, os nomes de lugares estão sujeitos, sobretudo, à ação da analogia, fato este que afeta toda língua viva. As elipses são, também, apontadas por ele, como responsáveis por “numerosas confusões” produzidas em uma palavra, causando “fausse perception” do topônimo em análise.

Ainda assim, apesar de não estarem imunes à variação, DAUZAT acredita que para um estudo sobre épocas recuadas, os topônimos são os dados mais perfeitos e seguros, testemunhos de formações lingüísticas desaparecidas. Mas torna-se importante, diz ele, que o lingüista, em um trabalho toponímico não se iluda com formas fantasiosas, nem com adaptações e traduções e, sempre que possível, apóie-se em documentos históricos.

Neste trabalho, adota-se a terminologia e orientação de DAUZAT para os casos de variação e mudança lingüística. Em se tratando da variação, observaram-se as transformações ocorridas no topônimo. Já em relação à mudança, observaram-se as substituições do

¹⁸¹ “On croyait jadis que les noms de lieux étaient moins sujets aux accidents que les noms communs, parce qu'ils paraissaient soustraits aux réactions réciproques provoquées par la solidarité des éléments de vocabulaire, et, pourrait-on ajouter, parce qu'en principe ils ne voyagent pas. L'étude attentive de ces mots prouve au contraire qu'ils sont plus accessibles aux altérations que les noms communs: ne sont-ils pas isolés dans la langue, vite incompris, privés du soutien qu'offre à ses membres toute famille de mots? En outre, moins profondément ancrés dans la conscience populaire, ils ont éprouvé davantage, à l'époque moderne, les contre-coups d'erreurs ou d'altérations d'origine graphique.”(DAUZAT, 1926: 58)

topônimo, adotando-se as terminologias *mudança espontânea* e *mudança sistemática* conforme se mostrará em 5.5.2.

A tabela 4 resume os dados toponímicos coletados. Em uma coluna são apresentados os topônimos usados hoje pela comunidade analisada e, na outra coluna, nomes transcritos de documentos antigos e contemporâneos, coletados em fontes diversas, conforme se viu no capítulo 2. Optou-se por iniciar a pesquisa pelos dados orais pois é onde se observa um número maior de variações. A partir da tabela 4, apresentada a seguir, serão observados os fenômenos de variação e mudança na toponímia em questão. As informações apresentadas nessa tabela constam das fichas taxonômicas, mas aqui se encontram sistematizadas entre formas presente e pretérita.

Tabela 4: Quadro comparativo de topônimos:
Língua oral contemporânea / Língua escrita contemporânea e pretérita

Topônimo Atual	Topônimo transcrito de documentos
1. Acaiaca	Capella do Obá (1770) São Gonçalo do Ubá (1844) Ubá do Furquim (1917) Acayaca (1937)
2. Açude	Açude (1931)
3. Água Fria	Agoa Fria (1847)
4. Água Limpa	Corrigo Agoa Limpa (1773) Engenho da Água Limpa (1797)
5. Águas Claras	Águas Claras (1955)
6. Alto Jerônimo	Alto Jerônimo (1986)
7. Antônio Perera	Nossa Senhora da Conceição (1703) Arraial de Baixo Nossa Senhora da Conceição de Antônio Pereira Antônio Pereira (1734/5) Antônio Pereira (1749)
8. Apaga Fogo	Apaga Fogo (1845) Apaga Fogo (1939)
9. Armesca ~ Amescla ~Mescla	Almecega (1939)
10. Arripindido	n/e
11. Atrás da Serra	Atrás da Serra (1976)
12. Bacalhau	Bacalhao (1734/5) Ribeyram do Bacalhao (1750)
13. Bananal	Bananal (1939)

14. Bandeirante~Bandeirantes	São Sebastião (1734/5) São Sebastião do Ribeirão Abaixo (anterior a 1750) São Sebastião (1750) Bandeirantes (1954)
15. Barbosa~Ubá do Barbosa	Ubá do Barbosa (1976)
16. Barra Longa	Barra do Gualacho do Norte (1736) São José da Barra (1741) Barra do Coronel Mathias Barbosa da Silva (1741) Barra dos Goalachos (1751) Barra Longa (1939)
17. Barreto	Capella Nossa Senhor do Pilar de Barreto (1727) Gualacho do Norte (1756) Barreto (1939)
18. Barrinha	Barrinha (1976)
19. Barro Branco	Barro Branco (1976)
20. Barroca	Barrocas (1976)
21. Baú	Baú (1939)
22. Baxada	Baixada (1917) Baixada (1942)
23. Bela Vista d'Otra Banda	Outra Banda (1939) Bela Vista da Outra Banda (1976)
24. Bento Leite	Bento Leite (1929)
25. Bento Pires	Bento Pires (1750) Fazenda Bento Pires (1986)
26. Bento Rodrigues	Ribeirão de Bento Rodrigues (1711)

	Bento Rodrigues (1734/4) Bento Rodrigues (1750) Bento Rodrigues (1858)
27. Bicas	Bicas (1986)
28. Bizarria	Bizarria (1976)
29. Boa Glória	n/e
30. Boa Viage ~ Boa Viagem	Bôa Viagem (1939)
31. Boa Vista	Boa Vista (1894)
32. Boa Vista do Loredo ~ Loredo ~ Boa Vista de Cima	Boa Vista do Loredo (1976)
33. Bom Ritiro	Bom Retiro (1916)
34. Boncesso ~ Bom Sucesso ~ Boncesso de Barra Longa	Córrego do bom sucesso (1736) Bomsusseço (1928)
35. Bonfim	Bonfim (1915)
36. Borba	Borba (1976)
37. Brenha	Brenha (1986)
38. Budega ~ Pouso Alto	Bodega (1939) Santo Antonio do Pouso Alto (1947)
39. Bueno	Corgo do Boyno (1746) Fazenda do Boeno (s.d) Bueno (1917)
40. Buieié	Buieié (1939)
41. Bunito	Francisco Lopes Bonito (1700) Bonito (1893)
42. Cachuera do Brumado ~ Cachuera	Brumado (1750) Brumado (1734/5)

	Bromado (1711)
43. Cachuera do Campo	Nossa Senhora de Nazareth da Caxoeira (1719) Nossa Senhora de Cachoeira (1744) Nossa Senhora de Nazareth da Cachoeira do Campo (1878) Cachoeira do Campo (s.d, apud TRINDADE, 1955)
44. Cafurna	n/e
45. Caieras ~ Fazenda Caieras	Caieira (1985)
46. Caldeirões ~ Fazenda dos Caldeirões	Caldeirões (1924)
47. Camargo ~ Camargos	Nossa Senhora da Conceição de Camargos (1734)
48. Capela ~ Fazenda da Capela	Capela (1976)
49. Caqui	Caqui (1939)
50. Caraça	Caraça (1734/5) Serra Catas Altas ou Caraça (1774)
51. Carmo ~ Rio Carmo ~ Ribeirão do Carmo	Ribeirão de Nossa Senhora do Monte do Carmo (1752) Carmo (1809)
52. Carvalhais	Joaquim Rodrigues Carvalhal (1797) Córrego Carvalhaes (1976)
53. Catas Altas ~ Catas Altas do Mato Dentro	Catas altas (1711) Catas Altas (1750) Nossa Senhora da Conçeciam dos Catas Altas (1800) Nossa Senhora da Conceição de Catas Altas do Mato Dentro (1878)

54. Catinga	Catinga (1951)
55. Chico Lopes	Francisco Lopes (1745) Francisco Lopes (1756)
56. Cibrão	Pedro Ferreira Cibrão (século XVIII) Cibrão (1947) Serra do Cibrão, Fazenda do Cibrão (1986)
57. Cláudio Manuel	Boa Vista (1858) Cláudio Manoel (7-IX-1923) Cláudio Manoel (1976)
58. Congo	Congo (1976) Gongo (1939)
59. Constantino	Constantino (1976)
60. Corgo do Ouro	Córrego do Ouro (1979)
61. Corgo dos Pilões	São Luís dos Pilões (1917) F. dos Pilões (1939)
62. Córrego do Melo	Melo (1986)
63. Córrego do Siminário	Córrego do Secretário (1711) Córrego do Seminário (1947)
64. Córrego Seco	Córrego Seco (1976)
65. Córrego Tisorero	Fazendo do Tesoureiro (1951) Córrego Tesoureiro (1986)
66. Correia	Paulo Correa (1976)
67. Crasto ~ São João do Crasto	São João do Crasto (1757) Crasto (1939)
68. Cuiabá	Cuiabá (1976)
69. Cunha	Cunha (1873)

70. Curriola	Corriola, Córrego Corriola (1976)
71. Curvinas	Corvinas (1928) Corvinas (1940)
72. Custódio	Custódio (1986)
73. Cuvanca	Cuvanqua (1745) Covanca (1755)
74. Cuvanquinha	Covanquinha (1939)
75. Diogo de Vasconcelos	S. Domingos (1797) S. Domingos (1873) Diogo de Vasconcelos (1976)
76. Dobra	Dobla (1754)
77. Dom Helvécio	Dom Helvécio (1986)
78. Dom Silvério	Senhora da Saúde (1791) Freguezia da Saúde (1871)
79. D' Outra Banda	Outra Banda (1750) Jurumirim ou Outra Banda (1917)
80. Faragoso	F. do Fragoso (1939)
81. Filipe dos Santo ~ Filipe dos Santos	Filippe dos Santos (1928) Felipe dos Santos (1939) Bom Retiro (1939)
82. Folha Larga	Fazenda Folhas Largas (1976)
83. Frazão	Pedro Frazão de Brito (fins do século XVII) Pedro Frazão de Brito (1704) Frazão (1986)
84. Fumaça ~ Cachuera da Fumaça	Fumaça (1999)

85. Funil ~ Cachuera do Funil	Córrego do Funil (1782)
86. Furquilha	Forquilha (1976)
87. Furquim	Antônio Furquim da Luz (1711) Sr. Bom Jezus do Monte do Furquim (1749) Forquim (1720) Senhor Bom Jezus do Monte do Furquim (1811)
88. Gama	Gama (1734/5) Gama (1797)
89. Gambo	Gambo (1986)
90. Gamela	Gamela (1986)
91. Gestera	Nossa Senhora da Conceição do Gesteira (1727) João Gonçalves Gesteyra (1737)
92. Gintio ~ Gentio	n/e
93. Grotão	Grotão (1974)
94. Gualacho	Barra dos Gualaches (1738) Miguel Garcia (1750) Gualacho (1773) Gualachos, ribeirão Miguel Garcia (1711)
95. Gualacho de Baxo	Gualaxo de Baixo (1976)
96. Gualacho de Cima	Gualaxo de Cima (1976)
97. Gualacho do Norte	Gualacho do Norte (1734/5) Gualacho do Norte (1746)
98. Gualacho do Sul	Gualacho do Sul (1734/5)
99. Quarter	F. do Gualter (1939)

100.	Gudinho	Godinho (1939)
101.	Gupiara	F. da Grupiara (1939)
102.	Inácio Correia	Ignácio Correa Lima (1746)
103.	Indequessé	Serra do Andrequecé (1873) Indequessé (1976)
104.	Ingenho	Corgo do Papagente (1746) F. do Engenho (1939)
105.	Ingenho Fernandes	C. dos Fernandes (1939) Engenho Fernandes (1976)
106.	Ingenho Novo	Engenho Novo (1976)
107.	Ingenho Silvera	Engenho do Silveira (1939)
108.	Isperança	Esperança (1939)
109.	Ispinhaço ~ Serra do Ispinhaço ~ Serra do Ouro Preto	Serra do Espinhaço (1821) Serra de Ouro Preto (1889) Serra de Itapanhoacanga (1732)
110.	Istiva	Estiva (1976) Estiva (1939)
111.	Istribo Goiabera	Estribo Goiabeira (1976)
112.	Itacolomi	Itacolomi (1858) Itaculumim (1744)
113.	Jachó	Jacob Dornellas da Costa (1818) Jachó (1976)
114.	Jacuba	n/e
115.	Jambero	Jambeiro (1986)
116.	Jaracatiá	Córrego do Geraquetiá (1751) Fazenda Jaracatiá (1979)

117. Jiquitibá ~ Fazenda do Jiquitibá	Fazenda do Jequitibá (1976)
118. João de Góis	Padre João de Andrada e Góis (1750)
119. Jurumirim ~ O'tra Banda ~ D'Otra Banda	Corgo Jorumerim / ribeirão da outra banda da estrada (1747) Corgo Churimirim / ribeyrão da outra banda da estrada (1750)
120. Lage	Ribeirão das Lages (1751) Lages (1979)
121. Lavras Nova	Lavras Novas (1986)
122. Lavras Veia	Fazenda Lavras Velhas (1986)
123. Loredó	Capella Senhora do Loretto (1751) Loredó (1976)
124. Macau	Macau (1939)
125. Magalhães	Magalhães (1986)
126. Mainarti	Rio Mainart (18111-1817) Mainart (1858) George e Guilherme Maynarde (1751) Maynarte (1734/5)
127. Manjonge	Manjonge (1917) Manjonge (1939)
128. Mariana	Mariana (1752) V ^a do Ribeyrão do Carmo (1745)
129. Marimbondo	Morimbondo (1737) Marimbondo (1836-1855)
130. Martins	Martins (1986)
131. Mateus Coelho	Matheos Coelho (1924)

	Mathéos coelho (1937)
132. Matipó	Matipó (1939)
133. Mato Dentro	Matto Dentro (1915)
134. Mato Dentro do Bonfim	Mato Dentro do Bonfim (1976)
135. Matuti ~ Matuto	n/e
136. Miguel Rodrigues	Miguel Rodrigues (1986)
137. Moinhos	Moinho (1939) Córrego do Moinho (1976)
138. Monsenhor Horta ~ São Caitano	S. Caetano (1741) S. Caetano (1765) S. Caetano (1749)
139. Monti Alegre	Monte Alegre (1939)
140. Montividi ~ Monte Vidio	Montividu (1916) Monte Vidio (1932) Montividéo (1940)
141. Morro de Santana	Morro de Santana (1750) Morro de Sta. Ana
142. Morro do Agaú	Morro do Agaú (1939)
143. Munsuns	Munsuns (1959) Corrigo dos Monsuz (1711-1745) Corrigo dos Monsuz (1735)
144. Natividade	N. Sra. da Natividade (1750) Córrego Natividade (1986)
145. Ocidente	Ocidente (1939)
146. Olaria	Olaria (1931)
147. Onça	C. do Onça (1939)

148. Ouro Preto	Villa Rica (1782) Imperial cidade de Ouro Preto (1824) Ouro Preto (1889)
149. Ouros	Ouros (1939)
150. Pacheco	Alto do Pacheco (1939) Córrego Pacheco (1979)
151. Paiol	Paiol (1976)
152. Papa-Galinha	Papa-Galinha (1939)
153. Paracatu	Paracatu de Cima / Paracatu de Baixo (1986)
154. Pascoal Lope ~ Pacalope ~ Pascoal Lopes	Paschoal Lopes Braga (1747)
155. Passage ~ Passagem ~ Passagem de Mariana	Passagem (1750)
156. Pau d'Alho	Pau d'Alho (1939)
157. Paulo Moreira	Paulo Moreira (1873)
158. Pedras ~ Fazenda das Pedras	Corgo das Pedras (1750) Pedras (1939)
159. Pedro Bichim	Pedro Bichinho (1976)
160. Peixe ~ Riberão do Peixe	Rio do Peixe (1753) Rio do Peixe (1773)
161. Pedrinha ~ Pedrinhas	Pedrinhas (1917) Pedrinhas (1939)
162. Pimenta ~ Riberão do Pimenta	João Francisco Pimenta (1746)
163. Pinheirinho ~ Pinheirinhos	Pinheirinhos (1976)
164. Pinheiros	Marcelo Pinheiro (1750) Rib ^o dos Pinheiros (1711)

	Matos do Pinheiro (1735)
165. Piranga	Piranga (1753)
166. Piridição	Ribeirão da Perdição (1744)
167. Piteiras	Piteiras (1936) Piteiras do Salazar (1918)
168. Ponciano	Poncianos (1976)
169. Porto Alegre	Porto Alegre (1939)
170. Prata ~ Corgo da Prata	Prata (1939)
171. Quebra Canoa	Quebra Canôas (1874) Irmida do SS. Sacramento do Quebra Canoas (1825) Ribeirão Quebra Canoas (1747)
172. Quilombo	Quilombo (1736) Quilombo (1917)
173. Quindumba	Quindumba
174. Quinta ~ Corrigo das Quintas ~ Córrego das Quintas	Córrego das Quintas (1939)
175. Quintino	Quintino (1986)
176. Ribeirão do Carmo	Estação Ribeirão do Carmo (1986)
177. Ribeirão do Carmo	Fazenda Ribeirão do Carmo (1979)
178. Rio Casca	Fazenda da Fidelidade Conceição do Casca Nossa Senhora da Fidelidade do Casca Bicudos Rio Casca (1774)
179. Rio Doce ~ Santo Antônio do Rio Doce	Peroba

	Vila de Santo Antônio do Rio Doce Rio Dôce (1908)
180. Rio Doce	Rio Doce (1858) Rio Doce (1766)
181. Rola	Manoel Francisco Rolla (1773) Fazenda do Rolla (1916) Fazenda do Rola / Córrego do Rola (1939)
182. Rompe Dia	Rompe-Dia (1923) Rompe-Dia (1939)
183. Rucinha	Rocinha (1939)
184. Rumero ~ Romero	Ant ^o Pires Romeiro (1747)
185. Sacramento ~ Fazenda do Sacramento	N. Sra do Sacramento Sacramento (1746)
186. Salazar	Antônio Thiago Salazar Salazar (1943)
187. Salto ~ Cachuera do Salto	Salto (1955)
188. Santa Bárbara	Santa Bárbara (1750) Santa Bárbara (1761)
189. Santa Cruz	Santa Cruz (1972)
190. Santa Rita Durão	Nossa Senhora de Nazaré do Inficionado (1750) Santa Rita Durão (1952)
191. Santo Antônio	Santo Antônio (1942)
192. São Gonçalo	São gonçalo (1746) São Gonçalo (1817)
193. Sem Peixe ~ Riberão	Sem Peixe (1792)

Sem Peixe ~ Serra do Sem Peixe	
194. Silvera	Antonio da Sylveira Cunha (1750) Silveira (1917)
195. Sismaria	Sesmaria (1976)
196. Suberbo	Soberbo (1894) Soberbo (1976)
197. Sumidoro ~ Sumidouro ~ Padre Viegas	Sumidoiro (1711) Nossa Senhora do Rosário do Sumidouro (1878) Padre Viegas (1955)
198. Taboas	Taboas (1986)
199. Taboões	Tabões (1939) Taboão (1979)
200. Tanque	Tanque (1915) Tanque (1976)
201. Taoca	Itaoca (1944)
202. Taquara Quemada	Taquara Queimada (1873)
203. Taquaral	Taquaral (1766) Taquaral (1811-1873)
204. Tripuí	Trepuhy (1710) Tripohi (1766)
205. Varge	Vargem (1933) Vargem (1939)
206. Varge Alegre	Vargem Alegre (1939)
207. Varge do Engenho	Vargem do Engenho (1976)
208. Varjado	Varjado (1986)

209.	Vieira	Vieira (1976)
210.	Xopotó	Ribeirão de Sto Antônio de Chopotó (1747) Mattos do Xopotó (1753)

Nos dados analisados, observou-se que 49,5% dos topônimos apresenta variação, totalizando 104 ocorrências. Não houve variação, ou seja, os nomes se mantiveram sem alterações em 37% dos dados ou em 77 topônimos. Não foram analisados, devido à ausência de documentos, 6 dados que correspondem a 2,5% dos nomes de lugares da região. Nas 23 ocorrências restantes desse total, detectou-se mudança, pois formações lingüísticas desapareceram de maneira total ou parcial, dando espaço a outras novas.

Os números relativos aos dados da tabela 4 podem ser melhor visualizados nos gráficos 7 e 8, a seguir:

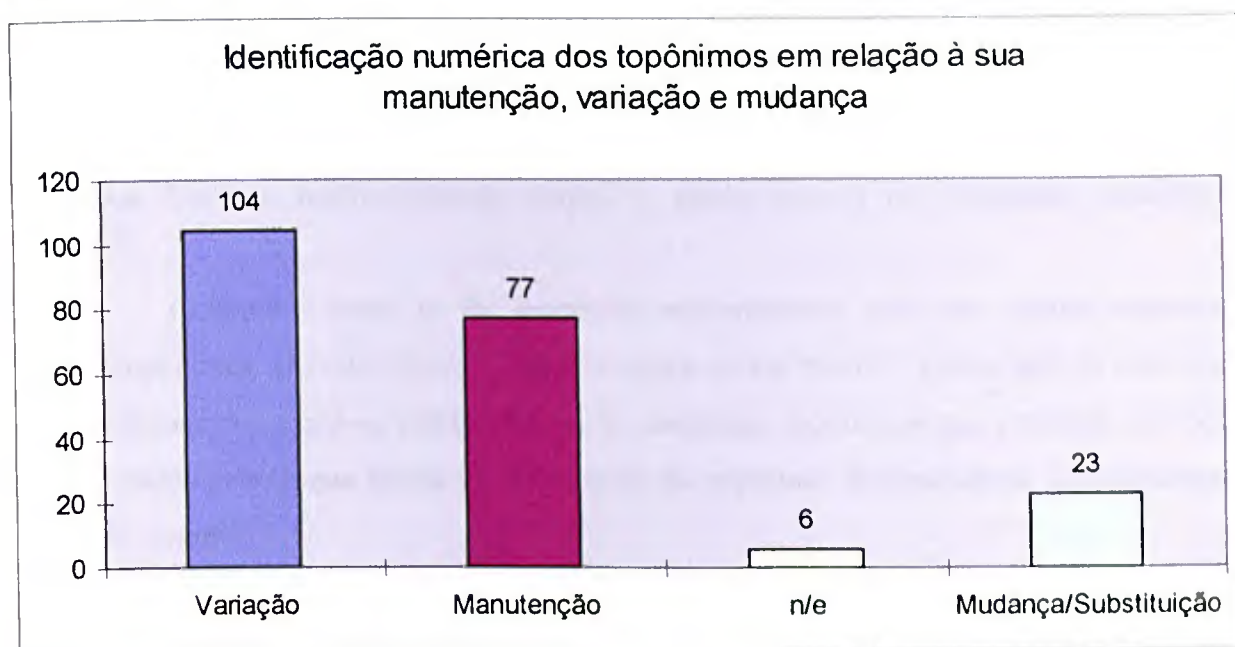


Gráfico 7: Identificação numérica dos topônimos em relação a sua manutenção, variação e mudança

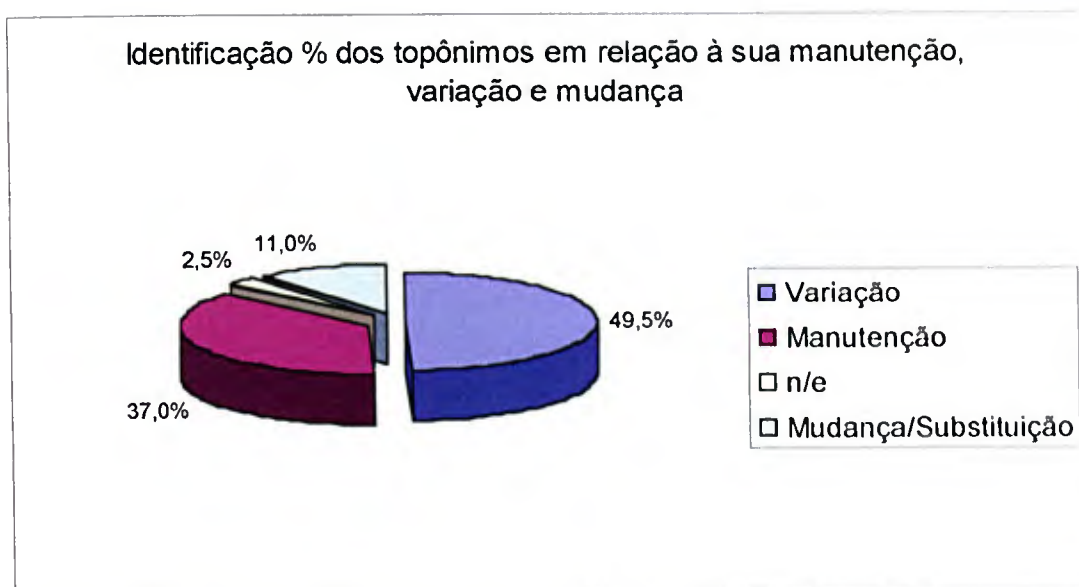


Gráfico 8: Identificação percentual dos topônimos em relação a sua manutenção, variação e mudança

5.5.1. Sobre a variação de topônimos

Os nomes de lugares, como parte integrante da língua usada por uma comunidade, estão sujeitos, como todos seus outros elementos, a variações decorrentes da hesitação de uso entre diversas formas de um mesmo vocábulo. Essas variações costumam ser de ordem analógica, fonética, morfossintática, lexical e, ainda, ocorrer nas chamadas reduções ou elipses¹⁸².

Contando, como já foi mostrado anteriormente, com um grande número de antropotopônimos, em cuja classe a ação do tempo se fez menor – porém não os imunizando de transformações, pode-se arrolar, na região estudada, topônimos que sofreram alterações, influenciados pela língua falada ou pela perda da referência denominativa. Consideraram-se casos de variação:

I. Fonética

- a) Algumas interferências fonéticas na toponímia ocorrem mediante analogia. O falante, em contato com um topônimo que não integra seu saber lingüístico, tende a modificá-lo: *Quarter~Quarter < Gualter*.

¹⁸² Sobre a elipse em topônimos, afirma DAUZAT (1926: 59) “Il n’est pas nécessaire que ce composé soit encore compris: il suffit qu’un de ses éléments, généralement le premier, ait pris une place prépondérante pour qu’il suffise à évoquer le lieu à lui Seul.[...]” E exemplifica: “*Lutetia Parisiorum, civitas de Parisiis, puis Parisiis, Paris.*”

- b) Os metaplasmos de subtração, que ocorrem quando um ou mais fonemas desaparecem no vocábulo, foram verificados em alguns dados. Identificaram-se casos de aférese (*Taoca* < *Itaoca*), síncope (*Gupiara* < *Grupiara*), apócope (*Lavras Nova* < *Lavras Novas*).
- c) No caso de estrangeirismo, ocorre acréscimo de fonema no fim do vocábulo (paragoge): *Mainarti* < *Mainart*. Há, também, entre os dados, ocorrência de acréscimo de fonema no interior do vocábulo (epêntese): *Faragoso* < *Fragoso*.
- d) Os dados apontam, ainda, mudança de acento em vocábulos como em: *Montividu* < *Montevideo*; *Guarter* < *Gualter*

II. Gráfica¹⁸³

- a) Alteração gráfica: *Água Fria* ~ *Ágoa Fria*

III. Morfossintática

- a) Algumas expressões perderam a preposição *de* – indicativo de elemento onomástico – de referência ou origem. É o caso de topônimos como *Ingenho Silvera* < *Engenho do Silveira*.
- b) Em alguns topônimos, identifica-se haplogogia: *Indequessé**, *Boncesso* (Bom Sucesso).
- c) Ausência da marca de plural: *Lavras Nova* < *Lavras Novas*

III. Lexical

- a) oscilação no emprego de um ou outro topônimo como em *Sumidouro* ~ *Padre Viegas*;

IV. Redução ou elipse

- b) Redução do nome ou elipse: *Gestera* < *João Gonçalves Gesteira*. Refere-se aos nomes compostos, quando o falante julga suficiente adotar somente um dos elementos da composição.

O gráfico 9, mostrado a seguir, permite visualizar a porcentagem de ocorrência das variações descritas. Dentre as 104 variações detectadas na análise, 38 são de ordem fonética, 4 são ortográficas, 13 sofrem variação morfossintática, 14 são lexicais e 35 estão entre os casos de redução ou elipse.

,

¹⁸³ Embora arrolada como variação, a oscilação ortográfica é irrelevante dentro do escopo deste trabalho.

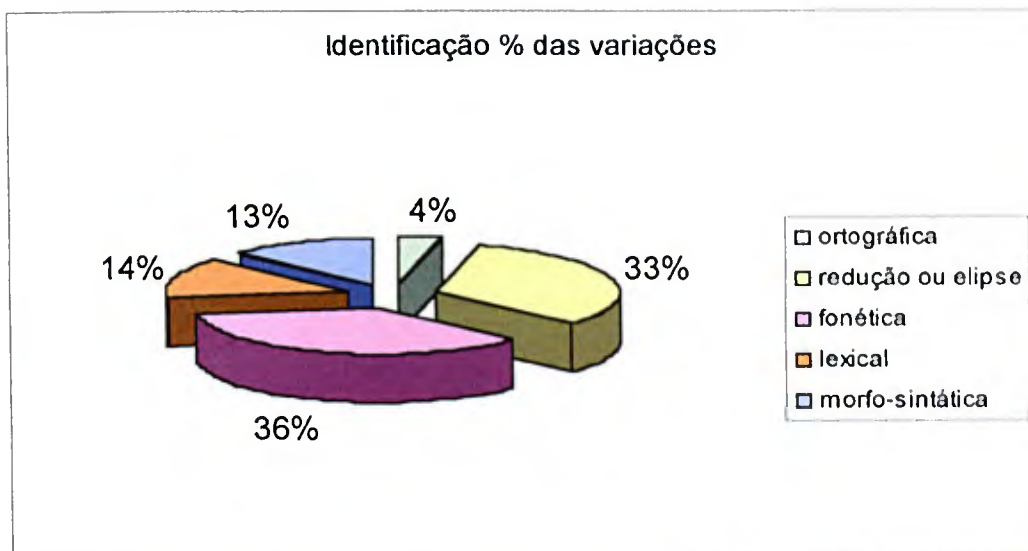


Gráfico 9 – Identificação percentual das variações dos topônimos

Os casos de redução ou elipse, conforme se pode acompanhar pelo gráfico 9, somam 1/3 dos fenômenos detectados como variação. Dentre esses, como mostra o gráfico 10, pode-se observar uma maior ocorrência entre os antropotopônimos, seguidos pelos hagiopônimos e hierotopônimos e hierotopônimos.

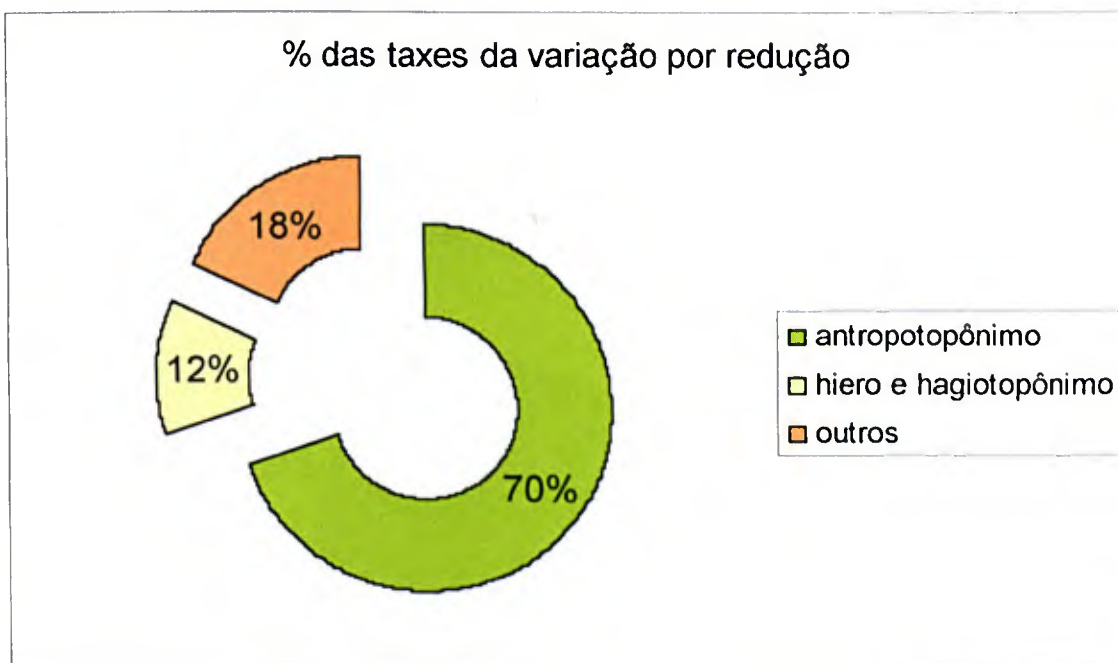


Gráfico 10 – Identificação percentual das taxas da variação por redução

Quanto à forma dos topônimos que sofreram variação, os dados indicam que 40% correspondem a nomes simples e 60% a nomes compostos, como mostra o gráfico 11, a seguir:

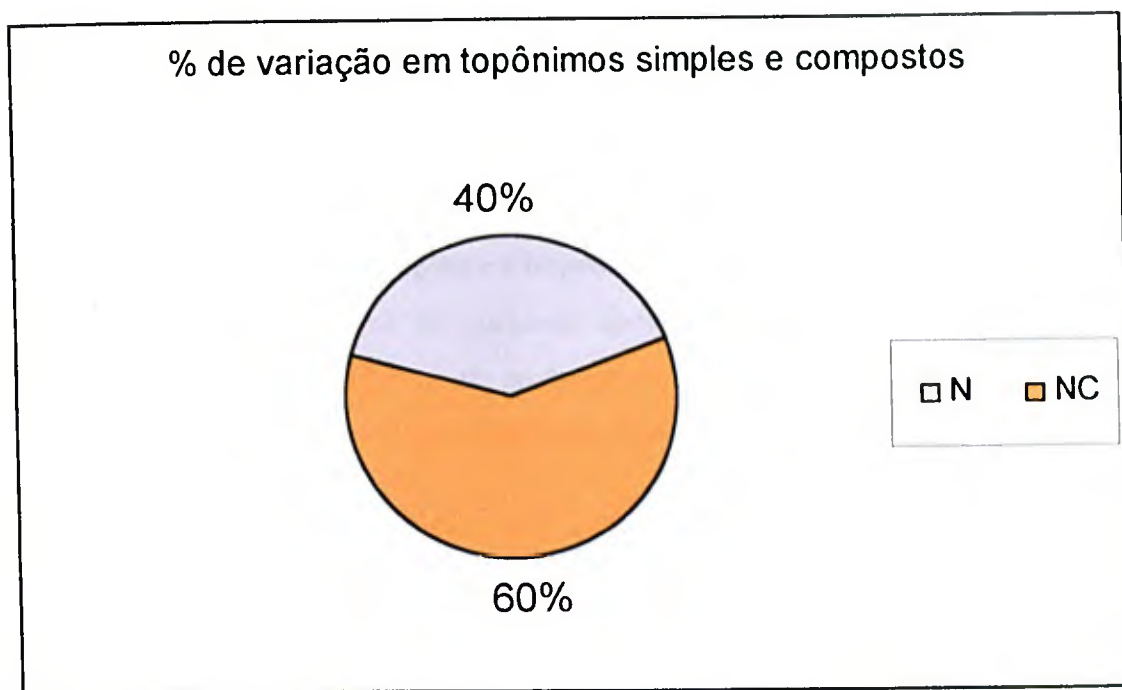


Gráfico 11 – Identificação percentual de variação toponímica em nomes simples e compostos.

Em relação à manutenção dos topônimos, como se vê no gráfico 12, a ordem é inversa, isto é, 60,5% dos nomes que se mantiveram na toponímia da região, sem sofrer variações, são nomes simples, enquanto 39,5% são nomes compostos.

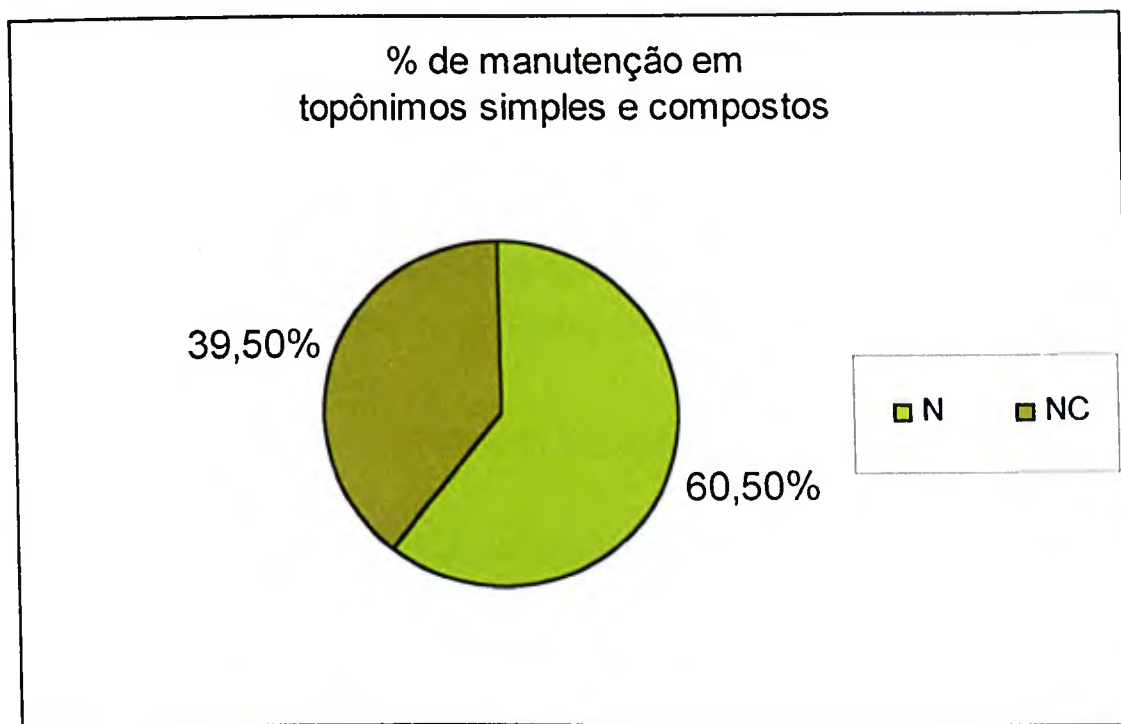


Gráfico 12 – Identificação percentual de manutenção de topônimos em nomes simples e compostos.

5.5.2. Sobre a mudança toponímica

DAUZAT (1926: 45) identifica as mudanças de nome de lugar em espontâneas e sistemáticas. A mudança espontânea se dá na língua após invasões ou conquistas de um território. Já a mudança sistemática independe de conquistas, evoca em geral o nome de um soberano ou autoridades de uma região e é imposta com o objetivo de homenagear alguém.

Os dados indicativos de mudança apontam 14 ocorrências (61%) de mudança espontânea e 9 ocorrências (39%) de mudança sistemática, podendo ser visualizadas no gráfico 13, totalizando 11% dos dados toponímicos coletados:

I. Mudança espontânea:

a) Por substituição total dos itens léxicos

1. Acaiaca < Ubá do Furquim < São Gonçalo do Ubá < Capella do Oba
2. Antônio Perera < Nossa Senhora da Conceição de Antônio Pereira < Nossa Senhora da Conceição < Arraial de Baixo
3. Gualacho < Barra dos Gualaches < Miguel Garcia
4. Ingenho < Corgo do Papagente
5. Ispinhaço < Serra do Espinhaço < Serra de Ouro Preto < Serra de Itapanhoacanga
6. Ouro Preto < Imperial cidade de Ouro Preto < Vila Rica
7. Rio Casca < Bicudos < Nossa Senhora da Fidelidade do Casca < Fazenda da Fidelidade < Conceição do Casca
8. Rio Doce < Vila de Santo Antônio do Rio Doce < Peroba

b) Por substituição parcial dos itens léxicos

1. Barra Longa < São José de Barra Longa < Barra de Mathias Barbosa < Barra do Gualacho do Norte
2. Barreto < Fazenda Gualacho do Norte ~ Capella Nossa Senhora do Pilar de Barreto
3. Bela Vista d'Otra Banda < Outra Banda
4. Cachuera do Brumado < Nossa Senhora da Cachoeira do Brumado < Brumado < Bromado
5. Corgo dos Pilões < Fazenda dos Pilões < São Luiz dos Pilões
6. Cachuera do Campo < Nossa Senhora de Nazareth da Cachoeira do Campo < Nossa Senhora de Cachoeira ~ Nossa Senhora de Nazareth da Caxoeira

II. Mudança Sistemática:

1. Bandeirantes < São Sebastião < São Sebastião do Ribeirão Abaixo
2. Cláudio Manuel < Boa Vista
3. Diogo de Vasconcelos < São Domingos
4. Dom Silvério < Senhora da Saúde
5. Mariana < Vila do Ribeirão do Carmo
6. Monsenhor Horta < São Caetano
7. Santa Rita Durão < Nossa Senhora de Nazaré do Inficionado < Inficionado
8. Córrego do Siminário < Córrego do Seminário < Córrego do Secretário
9. Filipe dos Santo < Felipe dos Santos < Bom Retiro



Gráfico 13: Mudança Toponímica

Sobre estes nomes de lugares que sofreram mudanças, destacam-se os topônimos relativos a nomes sagrados da cultura cristã (*Capella do Obá, Nossa Senhora da Conceição do Casca, Capella Nossa Senhora do Pilar de Barreto, São Luiz dos Pilões, Nossa Senhora de Nazareth da Caxoeira, São Sebastião do Ribeirão Abaixo, São Domingos, Senhora da Saúde, São Caetano*) com 39% das ocorrências, sendo seguidos pelos animotopônimos com 13% das ocorrências (*Bromado, Boa Vista, Inficionado*).

Como resultado da mudança, registram-se 30% de antropotopônimos (*Antônio Perera, Barreto, Cláudio Manuel, Diogo de Vasconcelos, Mariana, Santa Rita Durão, Filipe dos Santo*), 17% de hidrotopônimos (*Rio Casca, Rio Doce, Cachuera do Brumado, Cachuera do Campo*) e 9% de sociotopônimos (*Ingenho, Córrego do Siminário*) e de axiotopônimos (*Dom Silvério, Monsenhor Horta*). Mesmo tendo se submetido a mudanças, 9% dos topônimos analisados mantiveram-se com a mesma taxonomia (*Barra Longa e Córrego do Siminário*).

Esses resultados sugerem que, nessa região, os antropotopônimos constituíram uma taxonomia dominante não somente em épocas passadas mas, também, mantiveram-se, mesmo no caso de mudança, como a taxa preferida pelos denominadores. O mesmo se pode dizer dos hidrotopônimos e dos sociotopônimos.

Quanto à natureza a que se refere as novas taxas adquiridas, os topônimos que passaram por mudanças somam 61% de taxonomia de natureza antropocultural e 39% de taxonomia de natureza física.

Uma vez analisados os dados descritos no capítulo 4, retomaremos, a seguir, a fim de concluirmos o trabalho, os principais pontos desenvolvidos em cada um dos capítulos e teceremos alguns comentários pertinentes à relação língua/cultura derivados da análise realizada.

*Na ribeira deste rio
Ou na ribeira daquele
Passam meus dias a fio.
Nada me impede, me impele,
me dá calor ou dá frio.*

*Vou vendo o que o rio faz
quando o rio não faz nada
Vejo os rastros que ele traz,
Numa seqüência arrastada,
Do que ficou para trás.*

*Vou vendo e vou meditando.
Não bem no rio que passa
Mas só no que estou pensando
Porque o bem dele é que faça
Eu não ver que vai passando.*

*Vou na ribeira do rio
Que está aqui ou ali,
E do seu curso me fio,
Porque, se o vi ou não vi,
Ele passa e eu confio.*
(Fernando Pessoa, *Cancioneiro*, p.174)

CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tivemos como objetivo principal neste trabalho analisar os topônimos da *Região do Carmo* em Minas Gerais, acreditando que estes nomes de lugares nos revelariam formas antigas de nomeação, o que possibilitaria que chegássemos à história do povoamento e, conseqüentemente, à formação e à fixação da língua portuguesa nessa parte do território mineiro. Originário da necessidade de se comunicar uns com os outros nas inúmeras relações da vida quotidiana, o nome, ou na sua unidade, ou em cada um dos elementos que o compõem, reflete vários aspectos dessa vida e respectiva história, ajudando-nos a penetrar no tempo passado.

Considerada como um importante meio de investigação lingüística, uma vez que se constitui de reminiscências de um passado muitas vezes esquecido, os instrumentos Onomásticos – Toponímia e Antroponímia – mostram-se singulares para o estudo da língua, sobretudo se relacionados, como no estudo toponímico proposto, à história e à cultura local, em um fazer-se etnolingüístico.

Já na **Introdução** deixamos claro ser este um estudo sócio-lingüístico-cultural, uma vez que dizíamos pretender relacionar o nome do lugar a fatores socioculturais, históricos e ideológicos.

No Capítulo 1, confirmamos tal proposta quando abordamos questões e apresentamos pressupostos teóricos relacionados à **Língua e Cultura**. Este capítulo fez ainda uma revisão dos estudos do léxico, integrando a toponímia aos estudos onomásticos e estes à lexicologia.

Julgamos que ao centrarmos nossa pesquisa na relação língua-cultura, passamos a ver os topônimos não somente como um espelho de realidades sociais, mas como uma ferramenta poderosa que nos permite descobrir visões de mundo e formas de relação entre os indivíduos enquanto construtores de seu *habitat*.

Os **Procedimentos Teóricos e Metodológicos**, expostos no Capítulo 2, destacaram como base teórica metodológica as orientações da lingüística histórica, apresentadas por BYNON e COHEN, o modelo sociolingüístico apontado por RAMOS e a metodologia de pesquisa toponímica segundo os moldes de DAUZAT e DICK. Combinando leitura documental e investigação de campo, procuramos observar as formas toponímicas contemporâneas e as suas correspondentes em épocas passadas.

Para penetrarmos nesse passado, propusemo-nos partir do presente, seguindo orientação laboviana (1974) e, nos moldes da lingüística histórica e da sociolingüística,

entrevistamos moradores da região a fim de coletarmos topônimos para posterior análise, enquanto observávamos o reconhecimento e a história desses nomes de lugares em relatos contados por nossos informantes. Baseando-nos, como se disse acima, nos fundamentos teóricos sobre Toponímia propostos por DAUZAT (1926) e DICK (1990), conforme se detalha em 2.1, analisamos os 210 topônimos coletados em 30 entrevistas orais (cf. Anexos 1 e 2) e confirmados em documentações escritas e mapas de épocas presente e pretérita (cf. Anexos 3, 4, 5, 6).

O capítulo 3 – **Aspectos Históricos da Região do Carmo** – tratou de aspectos socioculturais, relacionados ao tema pesquisado, como a história da conquista e do povoamento, a presença da Igreja e o processo migratório na região.

No Capítulo 4 – **Apresentação e Análise dos Dados** – os 210 topônimos coletados nas entrevistas orais foram sistematizados em fichas toponímicas e apresentados em ordem alfabética, descritos (situados em relação ao município e acidente a que pertencem), estudados (através das informações enciclopédicas e do item histórico em que se observava a evolução do topônimo quando esta ocorria), classificados (quanto a sua taxonomia, origem, estrutura morfológica) e contextualizados (nas formas oral contemporâneo e documentos escritos). Essas fichas constituíram, portanto, uma análise em que se estudou e se relacionou o topônimo à sua história e cultura.

Realizamos, no Capítulo 5, **Análise Quantitativa e Discussão dos Resultados**. Nessa etapa, agrupamos e quantificamos, apresentando, através de gráficos e tabelas, resultados de análise das fichas toponímicas. Pudemos, ainda, traçar um perfil sociocultural dominante na região que será agora retomado para concluirmos este estudo.

Os dados coletados e analisados juntamente com a leitura sócio-histórico-cultural local nos levaram a concluir que o isolamento geográfico, caracterizado pela Serra do Espinhaço e pela Mata Atlântica como, também, a forte ascendência portuguesa na Região do Carmo – fato ocorrido após o episódio dos *Emboabas* – permitiram a consolidação e sobrevivência da língua e da cultura portuguesa em uma zona relativamente próxima à capital. Tal isolamento, por um lado, permitiu a consolidação e sobrevivência de topônimos da região de origem (embora com variações); por outro, não possibilitou a entrada de inovações.

Observamos que dos povos que habitaram essa parte do solo mineiro ou o pisaram como conquistadores, ficaram sempre alguns vestígios na toponímia local, mostrando a designação como um vínculo a um processo histórico em que a civilização portuguesa predomina, porém com infiltrações étnicas como as de origem africana e indígena.

Constatamos que a tradição local vem mantendo seus topônimos mesmo quando estes já se tornaram referentes sem sentido – a mudança ou substituição só ocorreu em 11% do total de dados analisados. Do bandeirismo sedentário e minerador presente na região de 1696 – com a descoberta do Ribeirão do Carmo – a 1720 – ano em que foi desmembrada a capitania de Minas da de São Paulo, principiando a sua vida autônoma – conservam-se, até hoje, muitos topônimos, principalmente nomes de sertanistas. Posteriormente, com a transferência de famílias vindas do noroeste de Portugal, como sesmeiros, vários nomes de origem lusitana chegaram à região, alguns deles ascendendo à antiguidade. Muitas destas famílias e, também, muitos dos sertanistas marcaram o novo território com o próprio nome, como garantia de posse em um mundo novo. Destes, muitos se mantiveram intactos; em outros transparecem variações de forma e significação.

Da interação indígena-portuguesa e africana-portuguesa, o contato entre as línguas fez dominar os topônimos daquela que, por razões históricas, econômicas, políticas, esteve em situação dominante ou privilegiada: o português lusitano. Embora com um número pequeno de ocorrências, resultado do processo de aculturação social, os elementos indígena e africano deixaram, também, suas marcas na toponímia, principalmente quando se observam, no primeiro caso, os fitotopônimos, ou a cultura agrícola na região, muito provavelmente mantida pela antiga trilha dos boiadeiros, como mostra o mapa *Minas Gerais: Mapa das Entradas, Caminhos e Bandeiras* (cf. Anexo 6 – Pág. 345). Em se tratando das línguas africanas, apesar do número expressivo de negros (cf. tabela 3), a sua contribuição foi ainda menor do que a das línguas indígenas.

Parte integrante do homem social, a religiosidade sempre pareceu estar presente na Região do Carmo, retratada em ermidas, capelas, igrejas, seminário e colégios católicos. Entretanto, na Toponímia, o número de hagiotopônimos e de hierotopônimos foi pouco expressivo. Apesar dessa constatação, o fortalecimento da fé cristã se impõe pela ausência de astrotopônimos, meteorotopônimos e mitotopônimos.

Neste fecho do trabalho julgamos oportuna e pertinente a afirmação de DICK (1990: 22) quando diz que “o nome de lugar exerce o papel de uma verdadeira crônica”. De fato, o homem vem escrevendo a sua história na Região do Carmo, denominando os lugares em que vivencia suas experiências enquanto os mesmos se mantêm armazenados na memória de seu povo, que os tem preservado como um patrimônio cultural, ou um patrimônio lingüístico-cultural de uma sociedade. Acreditamos que foi este o compromisso que se tratou de articular nesta pesquisa: a Toponímia tem um compromisso com a língua como voz,

ferramenta e fundamento da experiência humana, transmitindo informações e refletindo a história dos povos.

Assim sendo, espero com esta tese sobre o léxico toponímico da Região do Carmo ter contribuído para o conhecimento do português brasileiro através do estudo da formação e fixação da língua portuguesa em Minas Gerais.

*E este encanto,
prende por um fio,
É a testemunha do que eu sei dizer.
(Madredeus – O Tejo “Ainda”)*

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Capistrano de. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Sociedade Capistrano de Abreu / Liv. Briguet, 1960.
- ADRIANO, N. C. Fumaça I. In: *Águas Revoltas*. Ponte Nova (MG): Ed. Graffcor Ltda, 2002.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998.
- ALBERGARIA, A. Histórias que meu avô me contava. *Riquezas da Barra*. II Concurso Municipal de Cultura. Prefeitura Municipal de Barra Longa. Administração 2001-2004, pág.14-15.
- ALBINO, Washington. *Minas de Ouro e do Barroco*. As Raízes Históricas da Cultura Mineira. Belo Horizonte: Barlavento, 2000.
- ALVAR, Manuel. *Hombre, Etnia, Estado*. Madrid: Editorial Gredos, 1986.
- ALVAR EZQUERRA, Manuel. *Diccionario Ideológico de la Lengua Española*. Barcelona: Vox Bibliograf S.A., 1995.
- ALVAR EZQUERRA, Manuel. *Diccionario General de la Lengua Española*. Barcelona: Vox, 2000.
- ALVES, Ieda Maria (Org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. São Paulo: USP, 1996.
- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1994.
- ALVES, Ieda Maria. Questões Epistemológicas e Metodológicas em Terminologia. In: *Anais do 1º Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL*. Recife, 1998.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto Caipira*. São Paulo: Hucitec, 1976.
- ANDRADE, M. Margarida. Lexicologia, Terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: *As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998.
- ANTONIL, A.J. *Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas*. Belo Horizonte: Melhoramentos, 1923.
- ARAGÃO, Maria do Socorro S. A situação da Geografia Lingüística no Brasil. In: *Pesquisas lingüísticas em Portugal e no Brasil*. Eberhard Gärtner (ed.). Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Ibero americana, 1997, vol.4.
- ASSIS JÚNIOR. *Dicionário Kimbundu-Português*. Luanda: Argente, Santos & Cª. Ltdª., [s.d.].
- BAIARD, S. English dialectes in San Antonio. *Names*, 33, p. 232-242, 1985.
- BALDINGER, K. Semasiologia e Onomasiologia, in *Alfa*, 9, FFCL de Marília, 1966, p. 7-36.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: objeto, método, campos de atuação e cooperação. In: *Anais do XXXIX Seminário do GEL*. Franca, UNIFRAN, p. 182-189, 1991.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Relações de significação nas unidades lexicais. In: *Anais do 1º Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL*. Recife: UFPE, 1998.

- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *O caçador de esmeraldas*. Belo Horizonte: Ed. Comunicação, 1981.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida Barbosa. *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: 1971.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário da terra e da gente de Minas*. Belo Horizonte, Secretaria de Estado da Cultura, Arquivo público Mineiro: 1985.
- BARREIROS, Eduardo Canabrava. *Roteiro das esmeraldas*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1979.
- BASTOS, N. M. O B. Uma reflexão sobre a ortografia da língua portuguesa. Século XIX. In: *Livro de Resumos, XII Congresso Internacional da ALFAL*. Santiago (Chile): 1999, p.44.
- BEAUREPAIRE-ROHAN, Visconde de. *Dicionário de vocábulos brasileiros*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889.
- BENVENISTE, Émile. *O vocabulário das instituições indo-européias*. Campinas, São Paulo: Ed UNICAMP, 1995. 2 v.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I e II*. São Paulo: Pontes, 1995.
- BIDERMAN, M.T.C. A Estrutura Mental do Léxico. In: *Estudos de Filologia e Lingüística*. São Paulo: EDUSP, 1981.
- BIDERMAN, M.T.C. *Teoria Lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BIZZOCCHI, Aldo. *Léxico e ideologia na Europa Ocidental*. São Paulo: Annablume, 1997.
- BLACHE, Jules. *L'home et la montagne*. 19 ed. Paris: Gallimard, 1933.
- BOSCHI, Caio C. *Achegas à História de Minas Gerais(século XVIII)*. Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique, 1994.
- BOSCHI, Caio C. (Coord.). *Inventário dos manuscritos avulsos relativos a Minas Gerais no Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa)*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro, 1998. 3 v.
- BOSCHI, Caio C. *Fontes primárias para a história de Minas Gerais em Portugal*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *El sentido práctico*. Madrid: Taurus, 1991.
- BURLING, Robins. *Man's Many Voices: Language in Its Cultural Context*. New York: Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1970.
- BURKE, P. *A arte da Conversação*. São Paulo: Ed. UNESP, 1995.
- BYNON, Theodora. *Historical Linguistics*. London: CUP, 1977.
- BYNON, Theodora. Can there Ever be a Prehistorical Linguistics? In: *Cambridge Archaeological Journal* 5:2. London, 1995, p.261-265.
- CABRÉ, M. Tereza. *La Terminologia – teoría, metodología y aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida / Empúries, 1993.
- CALDCLEUGH, Alexander (1858). *Viagens na América do Sul*; extrato da obra contendo relato sobre o Brasil. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2000.
- CALMON, Pedro. *História da Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1940.

- CALMON, Pedro. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959. V. 1.
- CÂMARA, J. Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- CÂMARA, J. Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Cultura barroca e manifestações do rococó nas Gerais*. Ouro Preto: FAOP/BID, 1998.
- CARDOSO, S. M. A dialectologia no Brasil: perspectivas. In: *Lingüística, ALFAL*. São Paulo, UNICAMP, 1999. p.251-272.
- Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província / Antônio Gilberto Costa, Friedrich Ewald Renger, Júnia Ferreira Furtado, Márcia Maria Duarte dos Santos – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- CARVALHO, Theophilo Feu de. *Caminhos e roteiros nas capitanias do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas*. São Paulo: TYP, Diário Oficial, 1931.
- CARVALHO, Amadeu Ferraz de. Da actual feição da antroponímia portuguesa. In: *Biblos: Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, 1927.
- CASAGRANDE, Nancy dos S. Políticas lingüísticas: implantação e normatização da língua portuguesa. In: *Livro de Resumos, XII Congresso Internacional da ALFAL*. Santiago (Chile): 1999. p.61.
- Código Costa Matoso. Coleção das notícias dos primeiros descobrimentos das minas na América que fez o doutor Caetano da Costa Matoso sendo ouvidor-geral das do Ouro Preto, de que tomou posse em fevereiro de 1749, & vários paéis. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1999. 2v.: il.(Coleção Mineriana, Série Obras de Referência)
- COHEN, Maria Antonieta A. Mendonça. A língua do século XVII e a língua contemporânea. In: *Anais do XI Encontro Internacional da ALFAL*. Las Palmas (Gran Canária): 1996.
- COHEN, Maria Antonieta A. M. et alii. Filologia Bandeirante. In: *Filologia e Lingüística Portuguesa*. São Paulo: Humanitas Publicações - FFLCH/USP, 1997, p.79-94.
- COHEN, M.A.A.M., SEABRA, M.C.T.C., MENDES, S.T.P. BTLH – Banco de textos para pesquisa em lingüística história – dados de Barra Longa - MG. In: *Filologia Bandeirante*. São Paulo: Humanitas Publicações - FFLCH/USP, 1998, p.119-142.
- COHEN, M. Antonieta A. M. A língua portuguesa no território mineiro: variação lingüística. In: *Português: Língua pátria, fator de identidade e resistência*. Coleção Lições de Minas. Vol. VIII, Belo Horizonte: Secretaria de Educação de Minas Gerais, 2000. p.45-51.
- CONFORTIN, Helena. *A faina lingüística*. Porto Alegre: URI, 1998.
- COROMINAS, J. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. V.II. Madrid: Editorial Gredos, 1990.
- CORRÊA, R. Lobato. *Região e organização espacial*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- COSERIU, E. O plural dos nomes próprios. In: *Teoria da Linguagem e Lingüística Geral: cinco estudos*. Rio de Janeiro: Presença, 1979. p.193-208.
- COSERIU, Eugenio. *Lições de Lingüística Geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- COSERIU, Eugenio. *El Hombre y su Lenguaje*. Madrid: Editorial Gredos, 1991.
- COSERIU, Eugenio. *Competencia Lingüística*. Madrid: Editorial Gredos, 1998.

- COSTA, Joaquim Ribeiro. *Toponímia de Minas Gerais com estudo histórico da divisão administrativa*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1997
- COURCY, Ernest de. *Seis semanas nas minas de ouro do Brasil (1889)*. Trad. Júlio Castañon Guimarães, estudo crítico Douglas Cole Libly. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro, 1997.
- CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- CUNHA, A. G. *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- CUNHA, Celso F. *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.
- DAUZAT, A. *La géographie linguistique*. Paris: Flammarion, 1922.
- DAUZAT, A. *Les noms de lieux*. Paris: Delagrave, 1926.
- DAUZAT, A. *La toponymie française*. Paris: Payot, 1939.
- DAUZAT, A. *Dictionnaire Étymologique des Noms de Famille et Prénoms de France*. Paris: Larousse, 1951.
- DERBY, Orville Albert. A denominação Serra da Mantiqueira. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, v.1, 1985.
- DICK, Maria Vicentina de P. A., SEABRA, Maria Cândida T. C. Caminho das Águas, Povos dos Rios: Uma Visão Etnolingüística da Toponímia Brasileira. In: *Anais do V Congresso Nacional de Lingüística e Filologia*. Rio de Janeiro: v.5, UERJ, p.64-91, 2002.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Interrelação Léxico e Cultura na América Indígena: Estudo de Caso. *Acta Semiótica et Lingvistic (SBPL)*. São Paulo, v. 8, Ed. Plêiade, p.295-309, 2000.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A Investigação Lingüística na Onomástica Brasileira. *Estudos de Gramática Portuguesa III*. Frankfurt am Main, v. III, p.217-239, 2000.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e Questões Terminológicas na Onomástica. Estudo de caso: O Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. In: *Investigações Lingüísticas e Teoria Literária*. Recife, UFPE: v.9, p.119-148, 1999.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Atlas Toponímico: um Estudo Dialetoológico. *Revista Philologus*. Rio de Janeiro: v.10, p.61-69, 1998.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Significação Hiperonímica e Hiponímica nas Práticas Onomásticas. *Anais do I Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL*. Recife, Faculdade de Letras, UFPE, p. 41-61, 1998.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. O Sistema Onomástico: Bases Lexicais e Terminológicas, Produção e Frequência. In: *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, p.77-88, 1998.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Os Nomes como Marcadores Ideológicos. In: *Acta Semiótica et Lingvistca*. SBPL-SP, Editora Plêiade, v.7, p.97-122, 1998.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A Construção do Texto Onomástico: Escrita e Oralidade. São Paulo, *Anais da XLVIII Reunião Anual da SBPC*, p.158-159, 1997.

- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Atlas Toponímico: Um Estudo de Caso. In: *Acta Semiótica et Lingvistica*. SBPL-SP: Editora Plêiade, v.6, p.27-43, 1996.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A Dinâmica dos Nomes na Toponímia da Cidade de São Paulo: 1554-1897*. São Paulo: Annablume, 1996.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A Projeção Léxico-Cultural na Onomástica Brasileira. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo: p. 161-173, 1996.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. O Léxico Toponímico: Marcadores e Recorrências Lingüísticas. Um Estudo de Caso: a Toponímia do Maranhão. *Revista Brasileira de Lingüística*, 8/1, p.59-67, 1995.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Toponímia e Línguas Indígenas no Brasil. *Revista do Instituto de Estudos Avançados*. São Paulo: v.8, n.2, 1994.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A Documentação em Toponímia. *Grupo de Estudos Lingüísticos, Anais dos Seminários do GEL*. Jaú: v.1, p.44-51, 1992.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Memória Paulistana: os Antropônimos Quinhentistas na Vila de São Paulo do Campo. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo: USP, v.33, p.112-113, 1992.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A Morfologia do Signo Toponímico. *XLIII Reunião Anual da SBPC*, Rio de Janeiro: p. 370-371, 1991.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Edições Arquivo do Estado, 1990.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A Motivação Toponímica: Princípios teóricos e Modelos Taxionômicos*. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A Dinâmica dos Nomes na Toponímia da Cidade de São Paulo: 1554-1897*. São Paulo: USP, 1988 (Tese de Livre Docência)
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Toponímia e Imigração no Brasil. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: v.29, p.83-92, 1988.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Toponímia e Cultura. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: 1987.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A Litotoponímia no Brasil. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: v. 26, p.65-72, 1986.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Origens Históricas da Toponímia Brasileira. Os Nomes Transplantados. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: v.24, p.75-96, 1982.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Aspectos Genéricos da Toponímia Indígena Brasileira e sua Distribuição Lingüística. *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*. São Paulo: v.42, p.45-58, 1981.
- DURANTI, Alessandro. *Antropologia Lingüística*. Madrid: Cambridge University Press, 2000.
- DURÃO, J. de Santa Rita. *Caramuru*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1913.
- EBNETER, Theodor. *Lingüística Aplicada*. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

- ELIA, Sílvio. *A unidade lingüística no Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- ENCICLOPÉDIA Delta Universal. São Paulo: Ed. Delta, 1987. V. III.
- ESCHEWEGE, W. L. Von. *Plutus brasiliensis*. In: *Collectanae de Scientistas Exrangeiros*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1930.
- ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. *Brasil, novo mundo*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro, 1996.
- ESCHWEGE, W. L. von. (1777-1855) *Jornal do Brasil, 1811-1817: ou relatos diversos do Brasil, coletados durante expedições científicas*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 2002.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- FERRAND, Paul. *O ouro em Minas Gerais*. (1894) Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1998.
- FERREIRA, Carlota et alii. *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. Salvador: CED da UFBA, 1988.
- FERREIRA NETO, W. & RODRIGUES, A. C. de S. Transcrição de Inquéritos: problemas e sugestões. In: *Filologia Bandeirante*. São Paulo: Humanitas, 2000. p. 171-194.
- FERRONHA, António Luís (Org.). *Atlas da Língua Portuguesa na História e no Mundo*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1992.
- FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. *Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1953.
- FREIRE, Laudelino. *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto Alegre: Livraria José Olympio Editora, 1954.
- GARMADI, Juliette. *Introdução à socio-lingüística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.
- GECKELER, Horst. *Semántica Estructural y Teoría del Campo Léxico*. Madrid, Editorial Gredos, 1994.
- GÓES, Carlos. *Pontos de História do Brasil*, 1926.
- GOLGHER, Isaías. *Guerra dos Emboabas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1956.
- GOMES, Maria do Carmo Andrade. O batismo dos lugares: a toponímia no “Códice Costa Matoso”. In: *Revista Varia História*. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 1985, p.420-435.
- GRAVATÁ, Hélio. *Resgate bibliográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais, Fundação João Pinheiro, 1998. V. 1 e 2.
- GREENBERG, J. H. *Language in the Americas*. Stanford (CA): Stanford University Press.
- GUILBERT, L. *La Créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.
- GUIMARÃES, Carlos Magno, REIS, Liana Maria. Agricultura e caminhos de Minas; 1700/1750. *Revista do Departamento de História*, v.4, jun. 1987.
- HAGÈGE, Claude. *La Estructura de las Lenguas*. Madrid: Editorial Gredos, 1987.
- HALFELD, H. G. F. e TSCHUDI, J. J. Von. *A província brasileira de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais, Fundação João Pinheiro, 1998.
- HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque. *Novo Dicionário*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. 7. ed. São Paulo: Difel, 1985.
- HOLANDA, S. B. de. O semeador e o Ladrilhador. In: *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- HOLLANDA, S. B. de. As monções. In: *Curso de Bandeirologia: Conferências*. Departamento Estadual, 1946.
- HYMES, Dell. *Language in Culture and Society. A Reader in Linguistics and Anthropology*. New York: Harper and Row, 1964.
- HYMES, Dell. Objectives and concepts of Linguistic Antropology. In: D.G. MANDELBAUM, G. W. Lasker y E. M. ALBERT (eds). *The Theaching of Anthropology*. American Anthropological Association, Memoir 94, p. 275-302.
- IORDAN, Iorgu. *Introdução à Lingüística Românica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.
- LABOV, W. On the use of the present to explain the past. In: HEILMANN, L. *Proceedings of the XIth International Congress of Linguistics*. Bologna: Mulino, 1974. p. 825-851.
- LAPLANTINE, François. *La Description Ethnographique*. Paris: Éditions Nathan, 1996.
- LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- LAROUSSE. *Diccionario manual de la lengua española*. Barcelona: Larousse Editorial, 1998.
- LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da viagem; escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.
- LEITE DE VASCONCELLOS, J. *Estudos de Philologia Mirandesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1901.
- LEITE DE VASCONCELLOS, J. *Opúsculos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928.
- LEITE DE VASCONCELLOS, J. *Antroponímia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Structural Anthropology*. Nova York: Basic Books, 1963.
- LEVY CARDOSO, Armando. *Toponímia brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.
- LIBERATO, Yara. *A estrutura do SN em português: uma abordagem cognitiva*. 1997. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.
- LÜDKE, Helmut. *Historia del Léxico Románico*. Madrid: Editorial Gredos, 1974.
- LYONS, John. *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: EDUSP, 1979.
- LYONS, J. *Semântica*. Lisboa: Editorial Presença/ Martins Fontes, 1977.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário Onomástico e Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência, 1984. 3 v.

- MACHADO, José Pedro. *Ensaio Histórico-Linguístico*. Lisboa: Editorial Notícias, 1996.
- MAGALHÃES, Basílio de. *Expansão Geográfica do Brasil Colonial*. São Paulo: CNL, 1935.
- MAGALHÃES, Guilherme Wendel (Org.). *Terra das vertentes*. São Paulo: Terragraph, 2000.
- MAGALHÃES, Manuel Ignácio Machado de. *Resumo histórico de Ponte Nova*. Ponte Nova: TYP Ideal, 1922.
- MALMBERG, Bertil. *Análisis del lenguaje en el siglo XX: Teorías y Métodos*. Madrid: Editorial Gredos, 1986.
- MANSUR GUÉRIOS, R. F. *Nomes e Sobrenomes*. São Paulo: Ave-Maria Editora, 1994.
- MARQUES LEITE, J. F. *Língua Luso-Brasília*. São Paulo: Ed. Anchieta Ltda, 1958.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O Léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: Edusp, 2001.
- MATORÉ, G. *La méthode en lexicologie. Domaine français*. Paris: Didier, 1953.
- MAUSS, Marcel. *Sociologie et Anthropologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1950.
- MAWE, John. Viagem ao interior do Brasil, particularmente aos distritos do ouro e do diamante em 1809 e 1810. In: *Collectanea de Scientistas Extranjeros*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1930. V. I.
- MEGALE, Heitor (Org.). *Filologia Bandeirante. Estudos I*. São Paulo: Humanitas, 2000.
- MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 1975.
- MELO, William Agel. *Dicionário Galego Português*. Goiânia: Oriente, 1979.
- MERCIER, Paul. *História da Antropologia*. São Paulo: Moraes, [s.d.].
- MOLINIÉ-BERTRAND, Annie. *Diccionario Histórico de la España del Siglo de Oro*. Madrid: Acento Editorial, 1998.
- MOOG, V. *Bandeirante e pioneiros: Paralelo entre duas culturas*. Porto Alegre: Globo, 1956.
- MOOG, Viana. *Bandeirantes e pioneiros*. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.
- MORTUREUX, Marie-Françoise. *La lexicologie entre langue et discours*. Paris: Sedes, 1997.
- MULLER, Charles. *Principes et méthodes de statistique lexicale*. Paris: Editions Champion, 1992.
- NIKLAS-SALMINEN, Aino. *La lexicologie*. Paris: Armand Colin, 1997.
- NUNES, José Joaquim. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1969.
- OGDEN, C. K. & RICHARDS, I.A. *The Meaning of Meaning*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1923.
- OLIVEIRA, A. M. P. P., ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande (MS): Ed. UFMS, 1998.
- OLIVEIRA, Fernão de. *Gramática da Linguagem Portuguesa (1536)*. Lisboa: Academia de Ciências Humanas, 2000.
- OLIVEIRA, Fátima. Semântica. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996. p. 332-382.

- OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. *Ensaio em antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.
- OSWALT, Wendell H. *Life Cycles and Lifeways, an Introduction to Cultural Anthropology*. Palo Alto (Califórnia): Mayfield, 1986.
- PACE, David. *Claude Lévi-Strauss: o Guardião das Cinzas*. Trad. Maria Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1992.
- PAIVA, Eduardo F., ANASTASIA, C.M.J.(Org.). *O trabalho mestiço: maneiras de pensar e formas de viver- séculos XVI a XIX*. São Paulo: Annablume, 2002.
- PAUWELS, Pe. Geraldo José. *Atlas Geográfico*. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.].
- PENA, S.D.J.(Org.) *Homo Brasilis: Aspectos Genéticos, Lingüísticos, Históricos e Socioantropológicos da Formação do Povo Brasileiro*. São Paulo: FUNPEC, 2002
- PEREIRA, Maria Teresa G. (Org.). *Língua e linguagem em questão*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997.
- PEREIRA, Moacyr Soares. *Índios Tupi-Guarani na Pré-história: Suas Invasões do Brasil e do Paraguai, Seu Destino após o Descobrimento*. Maceió: EDUFAL, 2000.
- PESSOA DE CASTRO, Y. *Falares Africanos na Bahia: um Vocabulário Afro-Brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- PIEL, Joseph-Maria. *Estudos de Lingüística Histórica Galego-Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989.
- PIMENTA, José Dermeval. *Caminhos de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1971.
- PINTO, Rolando Morel. *História da língua portuguesa. Século VIII*. São Paulo: Ática, 1988.
- PLATÃO. *Crátilo: Diálogo sobre a justeza dos nomes*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1963.
- PONTES, Salvador Pires. *Nomes indígenas na geografia de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 1970.
- PRADO MENDES, S. T. Que língua falavam os bandeirantes na região das Minas Gerais? In: *Filologia Bandeirante: Estudos 1*. São Paulo: Humanitas, 2000.
- PRADO MENDES, S. T. *A ausência de artigo definido diante de nomes próprios no português mineiro da comunidade de Barra Longa: um caso de retenção?* 2000. 204 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- RAMOS, Jânia Martins. História social do português brasileiro: perspectivas. In: *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Primeiras Idéias, 1998. V.1, p.153-167.
- REIS, Liana Maria & BOTELHO, Angela Vianna. *Dicionário Histórico Brasil: Colônia e Império*. Belo Horizonte: Dimensão, 1998.
- Revista do Arquivo Público Mineiro, vol. II, fac. 2º, 1897.
- Revista do Arquivo Público Mineiro, vol. III, 1898.
- Revista do Arquivo Público Mineiro, vol. IV, 1899.
- Revista do Arquivo Público Mineiro, vol. IX, fac. 3º e 4º, 1904.
- Revista do Arquivo Público Mineiro, vol. XI, 1907.

- Revista do Arquivo Público Mineiro, vol. XIV, 1910.
- Revista do Arquivo Público Mineiro, vol. XVIII, 1914.
- Revista do Arquivo Público Mineiro, vol. XX, 1924.
- Revista do Arquivo Público Mineiro, vol. XXIV, fac.2º, 1933.
- RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- RIBEIRO, Joaquim. *Origem da Língua Portuguesa*. Rio: Record, [s.d.].
- RIBEIRO FILHO, Antônio Brant. *Ponte Nova, 1770 a 1920 – 150 anos de história*. Viçosa: Ed. Folha de Viçosa, 1993.
- RIBEIRO, José P. C. *Atlas Geográfico – Minas Gerais e Belo Horizonte*. Belo Horizonte: [s.n.], 1999.
- RIEDEL, Diaulas (Org.). *Histórias e paisagens do Brasil. O ouro e a montanha / Minas Gerais*. São Paulo: Cultrix, 1959. V. IX.
- RODRIGUES, José Honório. *História viva*. São Paulo: Global, 1913.
- RODRIGUES, José Honório. A vitória da língua portuguesa no Brasil Colonial. In: *Humanidades*, Brasília, UnB, p.21-41, julho/setembro 1983.
- RODRIGUES, A. Línguas Gerais. In: *Línguas Brasileiras*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.
- ROSÁRIO, Manuel da Penha do (com atualização ortográfica do prof. José Pereira da Silva) *Língua e Inquisição no Brasil de Pombal*. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1995.
- SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2001.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938, Tomo 1º.
- SAPIR, Edward. *Linguística como ciência – Ensaio*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.
- SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. 4. ed. Salvador, 1955.
- SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. 5. ed. São Paulo, 1987.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, [s.d.].
- SAMPAIO, T. Da expansão da língua tupi e do seu predomínio na geografia nacional. In: *O tupi na geografia nacional*. Salvador: Câmara Municipal, 1955.
- SANTAMARIA, Francisco J. *Diccionario General de Americanismos*. 1ª edición, Tomo II. Méjico, D.F.: Editorial Pedro Robredo, 1942.
- SCHNEIDER, Regina P. *História do Rio Grande do Sul*. São Paulo: FTD, 2001.
- SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. A língua portuguesa em território mineiro: contribuição do clero. In: *Livro de Resumos, XII Congresso Internacional da ALFAL*. Santiago (Chile): 1999. p.183.
- SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. A língua portuguesa em território mineiro: contribuição do clero. Comunicação apresentada no *XII Congresso Internacional da ALFAL*. Santiago (Chile): 1999.

- SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. A rota das bandeiras no Estado de Minas Gerais: a região do Carmo. In: *Filologia Bandeirante. Estudos 1*. São Paulo, Humanitas, 2000, p.107-112.
- SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Arquivos culturais: a importância do mundo da escrita. In: *Caderno de Resumos do I Simpósio de Língua e Literatura da UFV*. Viçosa, 2000, p.32.
- SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Filologia Bandeirante em Minas Gerais: Questões sócio-históricas da região de Barra Longa. In: *Livro de Resumos, II Congresso Internacional da ABRALIN*. Fortaleza: UFC, 2001. p.333.
- SEABRA, Maria Cândida T. C., GUIMARÃES, M. Nazaré S. S. Léxico e subjetividade: uma análise da linguagem jornalística. In: *Livro de Resumos do VI Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001, p.195.
- SENNA, Nelson de. Nótulas sobre a toponímia geográfica brasílico-indígena em Minas Gerais. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, v.20, 1926.
- SEQUEIRA, Gustavo. *O Carmo e a Trindade*. Lisboa, 1935.
- SILVA, José Joaquim. *Tratado de geografia descritiva especial da Província de Minas Gerais* (1878). Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais, Fundação João Pinheiro, 1997.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *História da família no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da (Org.). *Brasil: colonização e escravidão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da (coord.). *Dicionário da História da Colonização Portuguesa no Brasil*. Lisboa / São Paulo: Editorial Verbo, 1994.
- SILVEIRA, Alvaro Astolpho da. *Memorias Chorographicas*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1921.
- SILVEIRA BUENO, F. *Vocabulário Tupi-Guarani Português*. São Paulo: Éfeta, 1998.
- SOUZA, Álvaro José de. *Geografia Lingüística: dominação e liberdade*. São Paulo: Contexto, 1991.
- SOUZA, Arlindo de. *A língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1960.
- SOUZA, Laura de Mello e. *Norma e conflito: aspectos da história de Minas no século XVIII*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- SPINA, S. *História da língua portuguesa. Segunda metade do séc. XVI e séc. XVII*. São Paulo: Ática, 1987.
- TARALLO, F. L. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.
- TASTEVIN, Pe. C. Noms génériques de cours de l'eau dans l'Amérique tropicale. In: *Récueil de 76 Études de Linguistique, d'Ethnologie, de Science Religieuse, de Préhistoire, et autres*. Viena: [s. n.], [s.d.].
- TAUNAY, Affonso de E. *História Geral das Bandeiras Paulistas*. Tomo VIII. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1946.
- TAUNAY, Affonso de E. *História das Bandeiras Paulistas*. Tomo I, 1951.

- Termo de Mariana: história e documentação. Mariana: Imprensa Universitária da UFOP, 1998. 221 p.
- TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1984.
- TRINDADE, C. R. *Arquidiocese de Mariana*. Mariana: Imprimatur, 1929. V. 1.
- TRINDADE, C. R. *Arquidiocese de Mariana*. Mariana: Imprimatur, 1955. V. 2.
- TRINDADE, Cônego Raymundo. *Instituições de Igrejas no bispado de Mariana*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1945.
- TRINDADE, C. R. *Velhos Troncos Mineiros*. São Paulo: Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais”, 1955, V. III.
- TRINDADE, C. R. *Velhos Troncos Ouropretanos*. São Paulo: Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais” Ltda., 1951.
- TRINDADE, C. R. *Anuário do Museu da Inconfidência: Ouro Preto – 1955-1957*. São Paulo: Ministério da Educação e Cultura – Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1958.
- TRINDADE, C.R.O. *Genealogias Mineiras*. Ponte Nova: Typographia Ideal, 1923.
- TRINDADE, C.R.O. *Genealogias da Zona do Carmo*. Ponte Nova, 1943.
- TRINDADE, Cônego Raymundo. *Monographia da Parochia de S. José da Barra Longa*. São Paulo: A. Campos Editor, 1917.
- TRINDADE, Cônego Raymundo. *Monografia da Paróquia de São José da Barra Longa*. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares, 1962.
- ULLMANN, S. *The Principles of Semantics*. Glasgow: Jackson & Oxford Blackwell, 1957.
- VASCONCELLOS, Salomão de. *Bandeirismo*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1944. V. XV.
- VASCONCELLOS, Salomão de. *História média de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1918.
- VASCONCELLOS, Salomão de. *Breviário Histórico e Turístico da Cidade de Mariana*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, vol XVII, 1947.
- VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. 2 v.
- VIANNA, Oliveira. *Evolução do povo brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.
- VIDOS, B.E. *Manual de Lingüística Românica*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.
- VILALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- VILELA, Mário. *Estudos de Lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.
- WANDRUSZKA, Mario. *Interlingüística*. Madrid: Editorial Gredos, 1971.
- WEINREICH, U., LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. *Directions for historical linguistics*. Austin, University of Texas Press, 1968, p.95-188.
- WHORF, Benjamin. *Linguistique et Anthropologie*. Paris: Denoël, [s.d.].

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998.

ZEMELLA, Mafalda. *O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: Hucitec – Edusp, 1990.